INSTITUTO HISTÓRICO da Ilha Terceira

BOLETIM

N.os 27/28

1969-1970

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

Patrocinado e subsidiado pela Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo

SÉDE

Edifício da Junta Geral do Distrito Autónomo — Angra do Heroísmo

DIRECÇÃO (1969—1970)

Presidente — **Tenente-coronel José Agostinho**

Tesoureiro — **Francisco Coelho Maduro Dias**

Secretário — **Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima**

TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER DIRIGIDA À DIRECÇÃO DO INSTITUTO

A publicação de qualquer trabalho não significa concordância do Instituto com as doutrinas, ideias ou conclusões nele contidas, que são sempre da responsabilidade exclusiva do autor.

(Art. 17.º do Regulamento do Instituto)

Oficinas Gráficas do «Diário Insular»
Angra do Heroísmo
1978

BOLETIM

DO

INSTITUTO HISTÓRICO

DA

ILHA TERCEIRA

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

(31 de Dezembro de 1970)

Presidente honorário: O Exmo. Presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, Dr. Agnelo Ornelas do Rego.

Sócios Efectivos:

Dr. Cândido Pamplona Forjaz
Dr.ª Elsa Brunilde Lemos de Mendonça
Professor Emanuel Félix Borges da Silva
Arquitecto Fernando de Sousa
Francisco Coelho Maduro Dias, **Tesoureiro**
Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior.
Tenente-coronel Frederico Lopes Jr.
Governador do Castelo de São João Baptista
Dr. Helder Parreira Fernando de Sousa Lima
Henrique Vieira de Borba
Monsenhor Inocêncio Enes.
João Dias Afonso
Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral
Tenente-coronel José Agostinho, **Presidente**
Cónego Dr. José Enes Pereira Cardoso
Dr. José Leal Armas
Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, **Secretário**
D. Maria Francisca Bettencourt
Dr. Rafael Valadão dos Santos
Dr. Teotónio Machado Pires

Sócios Honorários

Sua Ex.ª Revma. o Sr. D. José Pedro da Silva, Bispo de Viseu.
Prof. Dr. António de Medeiros Gouveia, Secretário do Instituto para a Alta Cultura.
Dr. Armando Côrtes-Rodrigues, Professor do Liceu de Ponta Delgada.
Dr. João Hickling Anglin, Professor e Reitor do Liceu de Ponta Delgada.
Presidente da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, Exmo. Sr. João Soares de Medeiros
Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, Escritor e Etnógrafo.
Prof. Dr. Vitorino Nemésio, Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
Prof. Dr. Wilhelm Giese, Catedrático da Universidade de Hamburgo.
Prof. Dr. Aurélio Quintanilha.
Prof. Artur Álvaro dos Santos Correia de Sousa, Professor do Conservatório de Lisboa.
Dr. Walter F. M. Piazza, Presidente da Sub-Comissão Catarinense de Folclore.
Prof. Dr. Dante de Laytano, Director do Museu do Estado do Rio Grande do Sul.
Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, Professor do Liceu de Ponta Delgada.
Mons. José Machado Lourenço, Presidente do Instituto Açoriano de Cultura.
Prof. Dr. Fritz Kruger, Director do Instituto de Linguística da Faculdade de Filosofia e Letras de Cuyo, Argentina.

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

BOLETIM

Vol. XXVII - XXVIII **1969-1970**

ANGRA DO HEROISMO

Oficinas gráficas do «Diário Insular»

NOTA EXPLICATIVA

Por proposta do nosso consócio sr. Doutor Cândido Pamplona Forjaz, apresentada na reunião ordinária deste Instituto, efectuada em 12 de Março de 1974, à qual se associaram, com vivo aplauso, todos os sócios presentes, foi deliberado publicar no presente volume do Boletim desta Colectividade um conjunto de estudos em homenagem do nosso Eminente Presidente Efectivo, Senhor Tenente Coronel José Agostinho.

Embora alguns dos artigos publicados digam respeito à personalidade extraordinariamente rica e válida, sob muitos aspectos culturais, deste Eminente cientista, foi resolvido, porém, que os trabalhos a apresentar nesta Colectânea de Estudos poderiam versar temas diversos, ficando por consequência a sua escolha inteiramente livre aos respectivos autores e colaboradores do presente volume desta publicação.

O INSTITUTO

A MINHA HOMENAGEM

pelo DR. CANDIDO PAMPLONA FORJAZ

Em Dezembro de 1942 era eu presidente substituto, em exercício, da Junta Geral. Compunham-na, além dos membros natos (Reitor do Liceu, Eng.º Director dos Portos e Delegado do Instituto Nacional do Trabalho), três nomes que singular brilho deram à intelectualidade terceirense e à cultura açoriana — e até portuguesa: Ten. Coronel José Agostinho, Dr. Luís da Silva Ribeiro e Dr. Henrique Ferreira de Oliveira Braz, ao lado dos quais a minha apagada figura de professor liceal e estreante na vida administrativa local.

Desde 1941, quando da entrada em vigor do Estatuto dos Dis-

tritos Autónomos, eu fazia parte desse Corpo Administrativo cuja Comissão fora constituida pelo Secretário do Governo Civil em exercício, Dr. Valadão Júnior (tinha sido nomeado pouco antes governador efectivo e Dr. Abílio Garcia de Carvalho). A essa Junta presidia, por nomeação da mesma autoridade, a figura a todos os títulos notável do Dr. Ramiro Machado cuja acção dinamizadora, sem desdouro para ninguém, ficou marcada em letras de ouro na vida da Junta Geral.

Na reunião da mesma Junta de 15 de Dezembro de 1942 foi presente um ofício do Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira a comunicar a aprovação dos Estatutos por alvará de 9 do mesmo mês e ano e em que se *agradecia o alto patrocínio que esse Corpo Administrativo se digna dispensar ao Instituto*. Imediatamente a Junta deliberou considerar o Instituto abrangido pelo N.º 11 do art.º 24 do Estatuto dos Distritos Autónomos para efeito de lhe poder ser concedido qualquer auxílio financeiro, como de facto foi e tem sido até o presente, único recurso que lhe tem permitido a publicação do seu Boletim onde se reunem estudos do mais alto valor.

Pela acidental função que então desempenhava liguei o meu nome a essa benemérita iniciativa de dois ilustres terceirenses (Dr. Luís Ribeiro e Ten. Cor. José Agostinho) que foram a alma do Instituto. O seu primeiro presidente foi o Dr. Luís Ribeiro, cuja vastíssima cultura, amor a tudo que respeitasse aos Açores em geral e à Terceira em particular o levaram a realizar (além dos jurídicos) estudos históricos e etnográficos que o tornaram justamente conhecido não só em Portugal como no estrangeiro.

Falecido em Fevereiro de 1955, o Dr. Luís Ribeiro, assumiu a presidência por votação unânime do Instituto, o Sr. Ten. Coronel José Agostinho, cujo cargo, apenas com curto interregno por doença, ainda hoje ocupa, embora a sua idade e saúde não lhe permitam já desenvolver a actividade que durante anos e anos manteve e que muito lustre deram ao Instituto.

Porque, dadas aquelas circunstâncias os seus consócios não podiam continuar a contar com a sua colaboração efectiva julguei do nosso dever manifestar-lhe em vida o alto apreço e reconhecimento do Instituto pelos invulgares serviços que lhe prestou não só com a sua colaboração activa, através do Boletim, como por meio das suas inúmeras relações com personalidades estrangeiras da alta categoria intelectual com quem se relacionou durante os longos anos em que exerceu o cargo de director dos Serviços Meteorológicos dos Açores.

Ouvida, a título particular, a opinião dos consócios, apresentei na reunião ordinária do Instituto, realizada em 12 de Março de 1974 a proposta para que o próximo número do Boletim constituisse uma homenagem ao nosso venerando e ilustre presidente cujo nome transpôs as fronteiras do país como meteorologista e homem de vasto saber e ilustração — proposta que, como é óbvio, mereceu calorosa e unânime aprovação.

Esta a razão porque hoje se publica este número do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira e se o meu nome aparece entre o de tantos ilustres colaboradores isso apenas se deve ao facto de eu presidir então à Junta Geral, a qual por força da lei, tornou possível a vida do mesmo Instituto.

* *

Durante um longo período — anos de certo — O Sr. Ten. Cor. José Agostinho proferiu umas palestras semanais aos microfones do Rádio Club de Angra. Palestras de divulgação, lhe chamaram. A verdade, porém, é que muitas delas tratavam de assuntos ignorados que de modo nenhum deviam ficar esquecidos. Publicadas, embora, num jornal local, essas verdadeiras lições tinham vida efémera. Por isso ousei, mais que uma vez, sugerir ao seu preclaro autor que autorizasse a publicação em livro das que julgasse de maior interesse. Porque tal trabalho lhe exigiria um grande e prolongado esforço nunca se decidiu a fazê-lo. Mas aí fica a

lembrança. Essas palestras, conforme as indicações que o autor achar convenientes, não se podem perder. Hoje fazem parte do nosso património intelectual e é necessário assegurar-lhes, quando as circunstâncias o permitirem a sua sobrevivência pela publicação em livro (assim se fez em Ponta Delgada às palestras do Dr. Cortes Rodrigues proferidas no Emissor Regional dos Açores).

Seja esta sugestão a minha modesta mas muito sincera homenagem ao Terceirense ilustre, ao intelectual de alta craveira, ao português que prestigiou o país e cuja amizade e colaboração enquanto presidi à Junta Geral jamais poderei esquecer nem agradecer suficientemente.

Angra do Heroísmo, 22 de Maio de 1975.

CÂNDIDO PAMPLONA FORJAZ

UMA TARDE NO CASTELO DE ANGRA COM O TENENTE JOSÉ AGOSTINHO

Pelo PROF. DOUTOR VITORINO NEMÉSIO

Das minhas memórias de infância uma das mais vivas liga-se ao tenente José Agostinho, o futuro chefe dos Serviços Meteorológicos dos Açores, em que sucedeu ao ilustre Coronel Francisco Afonso Chaves e que, como ele, foi um notável naturalista enciclopédica, ocupando-se apaixonadamente da geologia mineralogia, fauna e flora dos Açores, e em especial das suas condições climatéricas, cujas previsões e medidas lhes estavam a cargo oficial.

Só os especialistas poderão comparar com segurança as obras e os méritos de um e de outro: o mestre micaelense, velho oficial de infantaria e fidalgo diletante, cuja curiosidade ecléctica se fortificou certamente na boa tradição cultural que Castilho deixou na grande ilha e que, uma geração antes de Chaves, — a de Eugénio do Canto, Arruda Furtado etc. — já havia dado frutos

científicos de valia. E logo o discípulo adoptivo, o jovem artilheiro de Angra, o moço José Agostinho, talvez com mais bases escolares e subtilezas exegéticas do que o seu predecessor incansável, todo absorvido pela vida de relação, como que mestre-sala daquelas paragens vulcânicas tão demandadas pelos sábios europeus e americanos empenhados em descobrir os segredos da crusta terrestre, sua biosfera e morfogénese.

A mim só me cabe depor, na hora benvinda da homenagem, sobre o amigo e conterrâneo-ilhéu incomparável, o tenente-coronel José Agostinho proverbial em nossas ilhas pelo vasto saber, a grande cortesia, a afabilidade sincera e simples, que não foi pequeno componente da sua nomeada nos meios cosmopolitas das ciências da natureza: pois, como Afonso Chaves — senão mais metódica e amplamente — José Agostinho tem sido o guia precioso de quantos passam nas nossas ilhas do Atlântico com caixa de erbário ou martelo de rocha, enfim com qualquer fito de investigação naturalística.

Privar com ele, dada a diferença de idades, naturalmente só tarde, nas minhas amiudadas visitas à Terceira, a férias. Um amigo comum, da sua geração mas com quem me dei mais cedo, o velho Dr. Luís Ribeiro, grande jurista e etnógrafo, a quem nada escapava no domínio do humano e do culto, contribuiu para nos aproximar. Além de que a exemplar assuiduidade e influência de José Agostinho no Instituto Histórico da Ilha Terceira, a que preside, contribuiu certamente muito para o generoso grau de sócio que me lá foi dado e o eco amigo que lá responde a qualquer coisa que eu culturalmente faça ou que me toque por casa.

Evoco... No começo do verão de 1913 um óptimo professor primário, José Fernandes do Couto, responsável pelas escolas oficiais da Praia da Vitória com o meu querido mestre e primo-tio Domingos Borges do Rego, subia a rampa do Castelo de Angra e entrava a Porta das Armas acompanhado de três alunos — Manuel Faustino, Eleutério e este seu criado —, aguardan-

do, junto da casinha quarteleira que servia de escola à Bateria n.º 1 de Artilharia de Montanha, que o pudesse atender o jovem tenente respectivo, de nome José Agostinho, que não me lembro se então comandava ou não a sua pequena unidade, dada geralmente a capitão. Comandasse a ou não, não se fez esperar ao encontro marcado com o modesto professor da Praia, natural do Porto Judeu, a fim de lhe dar parecer sobre o estado de conhecimentos daqueles três garotitos que José Fernandes preparara para fazerem o primeiro ano dos liceus como externos.

Dos três fora eu o único que chegara a frequentar nesse ano lectivo o Liceu de Angra; os outros, como eu da Praia, tinham recebido desde o começo a iniciação, no secundário, das mãos do professor que os habilitara para a quarta classe primária.

Filho único, mimado por tias e primas sem número, não me adaptei ao pensionato angrense em que meu pai me meteu, apesar do carinho com que lá era tratado. Nunca esquecerei a bondade maternal de D.ª Augusta Peregrino, nem a segura protecção do sr. José Maria Henriques Flores, seu marido, ambos educadores consumados. Mas o entrar e sair constante de explicandos liceais dele, a escola primária feminina dela, de manhã, e a minha vizinhança de quarto com uma velhinha entrevada e semi-louca que toda a noite gemia arrepiaram-me. Eu, criado numa vila pacata, via-me de repente instalado num casarão citadino, em plena Praça Velha, com um quartel de bombeiros por baixo e uma esquadra de polícia em frente. Não raros landós nocturnos retrasavam o meu sono destravando bruscamente ao fim da Ladeira de S. Francisco, rente à praça, onde o macadam abaulado cedia à calçada de largos paralelepípedos, fazendo estreloiçar a grossa ferragem dos rodeiros. O chicote e as pragas dos cocheiros acrescentavam àquele ruído brusco uma nota agressiva. Tudo isto à lâmpada bruxuleante da bandeira de vidro do quarto da maluquinha era de mais. Quase lúgubre.

Assim, meus pais tiveram que me levar em Dezembro para

a Praia e confiar-me ao ensino improvisado do sr. José Fernandes do Couto. Ele exagerava os escrúpulos da sua falta de preparação especial, não querendo mesmo tomar a responsabilidade do francês elementar que se me exigia. Supriu-o nisso meu tio-avô, o dr. Diogo Gomes de Meneses, juiz aposentado da comarca das Ilhas de Goa (como ele rigorosamente dizia), e que com pouco mais do que o recurso ao *Petit Larousse Illustré*, por sua viva facúndia me garantiu a suficiência.

Mas o exórdio vai longo de mais para a curta história do meu primeiro encontro com o então tenente José Agostinho. Tímidos e compenetrados, nós os praianos sentámo-nos nas bancadas escolares da Bateria. Alternadamente fomos interrogados um pouco em vertebrados, talvez, também sobre cálice e pecíolo, e sobretudo em matemática, com a clássica ida ao quadro. Mas não guardo do lance recordação carregada, apesar do meu fraco saber e pouco jeito para os números. Pelo contrário: só me ficou a imagem de um senhor oficial de rosto agudo, olhos límpidos na forte cintilação azulada das lunetas, com uma voz calma e insinuante a que os anos de Lisboa não tinham tirado de todo o brando sotaque terceirense. Socrático, meiêutico, o tenente José Agostinho extraiu de nós três o mínimo de sabença para tranquilizar o sr. José Fernandes, — que ali nos levara quase a calibrar, como a ovos, — com a pouca probabilidade de três chumbos no exame como externos do primeiro ano do Liceu.

A esta imagem tão grata só falta acrescentar a impressão de viva inteligência e de bondade que se desprendia do jovem tenente de artilharia, além da elegância sem rebusca, tipo Freire de Andrade, ou assim, que para mim se concentrava nas pequenas granadas em flor de fogo das carcelas da farda, e sobretudo nas reluzentes botas de montar e respectivas esporas, que não eram nele um luxo.

Mas este aspecto marcial, de quem aliás tão moderadamente o era como o tenente José Agostinho, tivera (só agora que o evoco me lembro) uma primeira versão, necessariamente anterior ao

pequeno exame *ad hoc*. E fora o caso que, um ou dois anos antes, meu pai, pedagogo de instinto, de visita à cidade por uns dias, em companhia de minha mãe e hóspedes de uma velha e santa tia-avó dela, em São Pedro, sabendo que a visita inesperada de um vaso de guerra à baía provocaria a salva regimental, me levou pela mão ao Castelo, pediu licença ao oficial para nos aproximarmos com a devida discreção da plataforma das peças e, assim, presenciarmos o rito solene do tiro.

O oficial em questão era o tenente José Agostinho, que urbaníssimamente satisfez a nossa curiosidade, muito mais de meu pai que minha, pois apesar de excitado e atraído me tremiam as pernas na expectativa do fragor. Mal o pensei, assim o tive. Às vozes cronometradas do tenente Agostinho, de relógio em punho — «1.ª, 2.ª, 3.ª peça... fogo!» — minhas pernas iam tremendo mais que de razão, ambas as mãos pavidamente carregando nos lobos dos ouvidos.

No fim da salva meu pai aproximou-se cortêsmente do tenente Agostinho para lhe agradecer a tolerância que tivera connosco. E só então, pelas aprumadas seteiras da Bateria Fidelidade, pude gozar com descanso da visão do navio de guerra nas águas azuis da baía, e da sua bandeira de popa, ao vento, como que agradecendo a resposta de terra às suas saudações que ressoavam esbatidas na ponta do Monte Brasil. E é verdadeiramente nesta pueril lembrança castrense que a esguia e nobre figura do meu futuro amigo o tenente-coronel José Agostinho me ficou para sempre e fundamente gravada.

O nosso convívio posterior só ma embelezou e fez ciente. Infelizmente sempre de fugida à ilha, mesmo quando lá estou os nossos rumos cruzam-se menos do que eu quisera. Eu lá para as bandas da Praia — ele, como um monge, no retiro da sua Miragaia, entre montanhas de livros, — quando por fim nos vemos fico encantado a ouvi-lo. As aves migradoras perpassam na sua evocação exacta e minudente: ventos que as trazem e levam, os sítios de poiso, as posturas. Tudo observou provido dos melho-

res guias livrescos, mas sobretudo nas suas antigas cavalgadas pelas canadas do mato e dos arredores de Angra, do Lameirinho ao Posto Santo, das Bicas à Terra Chã, à Terra do Pão, muito mais longe, por veredas e até por grotas que ele mais que os pastores conhece. A essas evocações, verdadeiras lições de ornitologia e de vulcanismo dadas a um mero curioso atento, acudia-me outra vez a imagem do antigo tenente de artilharia, a cavalo pelas ruas de Angra, pela rua de Cima de São Pedro (que era a minha), em passeio diário antes e depois do quartel, — tudo por gosto hípico, espairecivo, observador. No seu trote à inglesa recolhia a casa à hora do *Angelus*.

Sou um velho leitor, o mais aproveitado que posso, das suas monografias vulcanológicas, das suas sínteses de geografia física açoriana, em que naturalmente predominam a geognosia e a climatologia, mas a que nada é estranho, desde a etnografia pura à ecologia geral. Os sábios itinerantes têm nele um luzeiro seguro para a rota dos Açores. A vida local interessa-o tanto como a ciência pura. E precisamente porque se não fixou em nenhum sector naturalístico, o seu saber tem um rendimento enciclopédico inestimável, uma segurança que arreda do seu nome a sombra do diletante.

Um pouco perdido, como intelectual, num público nacional amplo e até com algumas pretensões cosmopolitas, invejo a José Agostinho, iniciado na boa companhia internacional dos sabedores, o seu voluntário acantonamento na vulgarização local, escrevendo quase só nos jornais da sua ilha, falando e instruindo aos microfones do Rádio Club de Angra. Lição de modéstia e abnegação de um dos mais insignes terceirenses e açorianos de todos os tempos.

Viva José Agostinho ainda muito para as ruas de Angra como Kant para as de Koenigsberg. Pela sua presença acertavam os vizinhos os relógios.

VITORINO NEMÉSIO

Contribuições para a Geografia de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta (Açores)

Dissertação de Licenciatura
pela Faculdade de Ciências da Universidade de Berna
apresentada por

Katharina Elisabeth Gygax

natural de Seeberg
(Cantão de Berna)

Traduzido do alemão em português por
Luciano Caetano da Rosa, licenciado
em Letras pela Universidade de
Neuchâtel (Suiça)

Aprovada pela Faculdade de Ciências
sob proposta do Exmo. Sr. Professor Doutor F. Gygax.

Berna, 9 de Junho de 1966

o Director
Prof. Dr. W. Nabholz

PREFÁCIO DA TRADUÇÃO PORTUGUESA

O Estudo cuja tradução portuguesa agora se publica sob o título «Contribuições para a Geografia de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta (Açores)» constituiu a dissertação de licenciatura apresentada pela Dr.ª Kathrïn Gygax na Faculdade de Ciências da Universidade de Berna, no ano de 1966.

Os elementos para a elaboração deste trabalho foram metódica e activamente recolhidos pela autora, através de um paciente trabalho de prospecção e investigação, nos domínios das múltiplas actividades geo-humanas, levado a efeito nas três ilhas onde se situam as capitais dos distritos açorianos, durante os anos de 1963-65.

Cumpre salientar que, além dos elementos referidos, a Dr.ª Kathrïn Gygax serviu-se de importantes fontes histórico-documentais e bibliográficas que muito vieram valorizar o seu estudo, alicerçando-o em bases sólidas que lhe permitiram chegar a conclusões seguras, na data em que o terminou.

Uma vez que são passados dez anos sobre a publicação deste trabalho, não foi sem natural e compreensível apreensão que a autora, na impossibilidade de efectuar agora a sua revisão e actualização, nos permitiu a publicação da respectiva tradução.

Julga, porém, este Instituto poder responder pela desactualização que, necessariamente, se terá de verificar nalguns capítulos desta tese, porquanto, no decurso dos últimos dez anos, houve efectivamente nestas ilhas numerosas alterações, quer em diversos domínios e sectores das actividades humanas quer nas instituições e até no campo da urbanização.

As referidas alterações, fruto da marcha inelutável do tem-

po, não invalidam, porém, nem roubam qualquer parcela ao valor do estudo, uma vez que temos necessariamente que o situar na época em que foi feito.

O valor desta tese reside não apenas em constituir o primeiro trabalho de interpretação do desenvolvimento geo-humano das três cidades açorianas, em conjunto, mas também na metodologia utilizada no tratamento e interpretação dos fenómenos desta natureza.

Com efeito, os elementos recolhidos pela autora, neste trabalho, poderão constituir apreciáveis subsídios para a realização de outros trabalhos não só de investigação geográfica, mas também de planeamento regional, designadamente no que se refere ao ordenamento do território e ambiente. Principalmente nestes domínios, o trabalho de investigação levado a efeito pela Dr.ª Kathrïn Gygax constitui, porventura, a mais importante prospecção de base levada até hoje a efeito, relativamente às três capitais açorianas.

Por outro lado, o método rigorosamente científico seguido neste estudo, baseado numa ampla e aprofundada análise de todos os factos que constituem o fenómeno geo-humano ou com ele directa ou indirectamente se relacionam, apresenta este estudo como um modelo digno de ser considerado, e até mesmo seguido, na realização de outros trabalhos desta natureza, que muito conviria que fossem levados a efeito relativamente a outros aglomerados urbanos dos Açores.

Além do interesse que teriam no domínio da investigação geográfica, contribuiriam como valiosos subsídios de base para o estudo do planeamento regional.

Por isso, o Instituto Histórico da Ilha Terceira, concordando com a nossa proposta e agradecendo a aquiescência da autora, resolveu solicitar do dr. Luciano Caetano da Rosa, actualmente residente em Neuchâtel, a tradução deste notável trabalho, a fim de o mandar publicar, tornando-o, assim, acessível à grande maioria dos leitores portugueses a quem o mesmo poderá interessar.

BAPTISTA DE LIMA

PREFÁCIO

O incitamento para o presente trabalho proveio da excursão aos Açores realizada no Outono de 1963, sob a direcção do Sr. Prof. Dr. Fritz Gygax, director do Instituto de Geografia da Universidade de Berna. Estive, a seguir, mais duas vezes nas ilhas, de Julho a Outubro de 1964 e de Março a Junho de 1965, a fim de compilar as bases para a dissertação.

Gostaria de exprimir os melhores agradecimentos ao meu mestre, Sr. Prof. Gygax, pelo interesse que manifestou por este trabalho, pelo apoio e pelas sugestões que me fez, sobretudo durante a sua visita aos Açores em Abril de 1965.

O meu reconhecimento vai, de igual modo, para os Senhores Governadores, para os Senhores Presidentes da Junta Geral e para os então Presidentes da Câmara Municipal do Concelho: Eng. José Jacinto de Vasconcelos Raposo, Eng. Deodato Chaves de Magalhães Sousa e Dr. Francisco do Canto Noronha, Ponta Delgada; Dr. Teotónio Machado Pires, Dr. Agnelo Ornelas Rego e Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, Angra do Heroísmo; Dr. António de Freitas Pimentel, Dr. Manuel Linhares de Andrade e Dr. António Sebastião Goulart, Horta. As suas intervenções e recomendações abriram-me todas as portas oficiais.

Não é, infelizmente, possível mencionar, aqui, cada uma por si, todas as repartições públicas e privadas e respectivas direcções, citadas na bibliografia. A todas conjuntamente exprimo a minha gratidão pela paciência e gentileza com que sempre me forneceram informações.

Um profundo reconhecimento é devido aos Senhores directores Alfredo Machado Gonçalves e Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima,

assim como a todo o pessoal das bibliotecas de Ponta Delgada e de Angra do Heroismo. Graças à sua compreensão e ajuda, foi-me possível tirar eu mesma as fotografias de mapas e gravuras para este trabalho.

Uma palavra de gratidão ainda para os três eruditos açoreanos, Senhores Tenente-Coronel José Agostinho, Dr. Francisco Carreiro da Costa e Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima que sempre dispunham de tempo, permitindo-me compartilhar dos seus vastos conhecimentos e fazendo assim adiantar o meu trabalho de maneira inestimável. O sr. Norberto Frayão foi meu infatigável coadjutor na Horta.

O maior e mais afectuoso agradecimento dirige-se aos meus amigos Anamaria e José da Silva Fraga em Ponta Delgada, cujo interesse e participação tanto contribuiram para levar a bom termo a nossa tarefa. Grata, a eles dedico esta obra.

SUMÁRIO

I. MONOGRAFIA DE PONTA DELGADA

1. ESTRUTURA FORMAL

1.0. Situação
1.1. Topografia
1.2. Geologia
1.3. Clima
1.4. Ocupação do solo
1.5. Divisão
- 1.5.0. Divisão administrativa
- 1.5.1. Divisão segundo as funções
- 1.5.2. Divisão segundo a idade

1.6. Nome
1.7. População
- **1.7.0. Desenvolvimento da população**
- 1.7.1. Emigração
- 1.7.2. Densidade de população
- 1.7.3. Densidade de ocupação
- 1.7.4. Estrutura profissional
- 1.7.5. Rendimentos
- 1.7.6. Propriedade e rendas
- 1.7.7. Estado das casas e conforto
- 1.7.8. Estrangeiros

1.8. Abastecimento
- 1.8.0. Electricidade
- 1.8.1. Água
- 1.8.2. Leite
- 1.8.3. Peixe
- 1.8.4. Carne

1.8.5. Fruta e hortaliça
1.8.6. Observações gerais
1.9. Comunicações
1.9.0. Viação
1.9.0.0. Rede rodoviária da cidade
1.9.0.1. Número de veículos e recenseamentos de tráfego
1.9.0.2. Transportes colectivos
1.9.1. Comunicações marítimas
1.9.2. Comunicações aéreas

2. ESTRUTURA FUNCIONAL

2.0. Administração
2.0.0. Concelho
2.0.1. Ilha
2.0.2. Distrito
2.0.3. Arquipélago
2.0.4. Agências consulares
2.1. Estabelecimentos de ensino
2.1.0. Escolas primárias
2.1.1. Escolas secundárias e profissionais
2.2. Infra-estruturas sociais
2.3. Instituições culturais
2.4. Desportos e recreio
2.5. Pesca
2.6. Indústria
2.7. Comércio e artesanato
2.8. Comunicações
2.9. Turismo

3. DESCRIÇÃO HISTÓRICO-GENÉTICA

3.0. Século XV
3.1. Século XVI
3.2. Século XVII
3.3. Século XVIII

3.4. Século XIX
3.5. Século XX

4. PLANEAMENTO E FUTURO

4.0. Necessidades de planeamento
4.1. Planos existentes
4.2. Realidade e futuro

5. FIGURAS

6. FOTOGRAFIAS

7. BIBLIOGRAFIA

7.0. Livros e publicações
7.1. Mapas e gravuras
7.2. Outras fontes

II. MONOGRAFIA DE ANGRA DO HEROÍSMO

1. ESTRUTURA FORMAL

1.0. Situação
1.1. Topografia
1.2. Geologia
1.3. Clima
1.4. Ocupação do solo
1.5. Divisão
1.6. Nome
1.7. População
    1.7.0. Desenvolvimento da população
    1.7.1. Emigração
    1.7.2. Estrangeiros
1.8. Abastecimento
    1.8.0. Electricidade
    1.8.1. Água
    1.8.2. Leite
    1.8.3. Peixe

1.8.4. Carne
1.8.5. Fruta e hortaliça
1.9. Comunicações
1.9.0. Viação
1.9.0.0. Rede rodoviária da cidade
1.9.0.1. Número de veículos e recenseamentos de tráfego
1.9.1. Comunicações marítimas
1.9.2. Comunicações aéreas

2. ESTRUTURA FUNCIONAL

2.0. Administração
2.1. Estabelecimentos de ensino
2.2. Infra-estruturas sociais
2.3. Instituições culturais
2.4. Desportos e recreio
2.5. Pesca
2.6. Indústria
2.7. Comércio e artesanato
2.8. Comunicações
2.9. Turismo

3. DESCRIÇÃO HISTÓRICO-GENÉTICA

4. PLANEAMENTO E FUTURO

5. FIGURAS

6. FOTOGRAFIAS

7. BIBLIOGRAFIA

7.0. Livros e publicações
7.1. Mapas e gravuras
7.2. Outras fontes

III. MONOGRAFIA DE HORTA

1. ESTRUTURA FORMAL

1.0. Situação

1.1. Topografia
1.2. Geologia
1.3. Clima
1.4. Ocupação do solo
1.5. Divisão
1.6. Nome
1.7. População
    1.7.0. Desenvolvimento da população
    1.7.1. Emigração
    1.7.2. Estrangeiros
1.8. Abastecimento
1.9. Comunicações
    1.9.0. Viação
    1.9.1. Comunicações marítimas
    1.9.2. Cabos submarinos
    1.9.3. Rádio naval

2. ESTRUTURA FUNCIONAL

2.0. Administração
2.1. Estabelecimentos de ensino
2.2. Infra-estruturas sociais
2.3. Instituições culturais
2.4. Desportos e recreio
2.5. Pesca
2.6. Indústria
2.7. Comércio e artesanato
2.8. Comunicações
2.9. Turismo

3. DESCRIÇÃO HISTÓRICO-GENÉTICA

4. PLANEAMENTO E FUTURO

5. FIGURAS

6. FOTOGRAFIAS

7. BIBLIOGRAFIA

7.0. Livros e publicações
7.1. Mapas e gravuras
7.2. Outras fontes

IV. PARTE COMPARATIVA

1. Estrutura formal
2. Estrutura funcional
3. Descrição histórico-genética
4. Planeamento e futuro
5. Resumo
6. Figuras
7. Bibliografia

INTRODUÇÃO

São indispensáveis para a compreensão do presente trabalho algumas observações introdutórias e estas devem ser aqui mencionadas de modo sucinto:

— Há, em Português, dois termos para o conceito de cidade (Stadt): vila e cidade. Cidades são as três capitais de distrito aqui tratadas: Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Horta. Vilas são todas as sedes de concelho dos Açores (Ribeira Grande, etc.) Em geral, uma vila é um lugar central de mediana importância (ou seja, com orgãos administrativos, Tribunal, Hospital, médicos, farmácia, feira de gado periódica, garagem, oficinas, eventualmente lojas de especialidades, cinema) enquanto que cidade é um lugar central de maior importância (quer dizer, com orgãos administrativos superiores, liceus, bancos, grandes estabelecimentos comerciais, serviços sociais, instituições culturais, entre outras). As três cidades açorianas foram primeiramente vilas, tendo depois obtido o título e os direitos de cidade por decretos reais (as duas primeiras logo no princípio do século XVI; a Horta, só no século XIX).

— Os Açores estão divididos em 3 distritos desde 1836 (Fig. 2). Hoje gozam de ampla autonomia de Lisboa (Distritos Autónomos). Os distritos, por seu lado, dividem-se em concelhos (Fig. 4 P. D. 3 A. d. H. e 3 H.) Os orgãos administrativos do distrito são o Governo Civil e a Junta Geral, sendo o concelho administrado pela Câmara Municipal. A mais pequena unidade administrativa logo a seguir é a freguesia, que dispõe de uma Junta de Freguesia. A competência desta é, todavia, extremamente diminuta (ocupa se, na melhor das hipóteses, da canalização, e da reparação de ruas, etc.) Isto significa, por outras palavras, que as três capitais dos

Açores não possuem nenhuma administração municipal própria, mas são administradas pela Câmara Municipal, que também se ocupa do respectivo Concelho. Tal sistema oferece as suas vantagens (o campo não tem motivo para se sentir preterido) e as suas desvantagens (tomam-se, frequentemente, demasiado pouco em conta as condições específicas da cidade).

— O material estatístico está, pois, também influenciado por este sistema de administração. Os números relativos à população podem obter-se nas freguesias; a maioria das outras estatísticas (por exemplo, a da emigração, a do trânsito, da escola, da indústria) estão, todavia, ordenadas por Concelhos ou até mesmo só por distritos. De modo que é difícil comparar numericamente as três cidades umas às outras, com precisão.

— Solicitada pela Direcção da Urbanização dos Açores, a Câmara Municipal de Ponta Delgada encarregou o arquitecto N. Fernandes de rever o plano existente de urbanização da cidade. Como base para esta revisão, um grande levantamento foi levado a cabo em 1962, por empregados da Câmara, o qual englobava todas as casas, empresas, etc., e investigava sobre todos os aspectos possíveis. Na sua valorização provisória, Fernandes apresenta então resultados extremamente interessantes e elucidativos, fornecendo elementos, que infelizmente não existem sobre Angra ou a Horta. A Monografia de Ponta Delgada é, por esta razão, muito mais pormenorizada e mais rica.

1.
MONOGRAFIA DE PONTA DELGADA

1. *Estrutura Formal*

1.0. *Situação*

Ponta Delgada está situada na costa sul da parte ocidental da ilha de São Miguel e pertence à assim designada plataforma de Ponta Delgada, que se estende entre os maciços vulcânicos das Sete Cidades e Água de Pau. As coordenadas geográficas são: 37°45' de latitude norte e 25°40' de longitude ocidental (Fig. 1, 2 e 3).

1.1. *Topografia*

A plataforma de Ponta Delgada sobe, de modo bem suave, a

partir das costas norte e sul em direcção do centro da ilha e atinge lá uma altitude média de cerca de 200 metros. Os pequenos cones vulcânicos que a atravessam numa fileira de oeste para leste, acusam altitudes que vão dos 200 aos 400m (Serra Gorda, a mais alta, chega mesmo a 485m) e dão à cidade um lindo plano de fundo (Gravs. 24 e 36).

Ponta Delgada é, em contraposição à Angra e à Horta, uma cidade plana. A maior parte encontra-se dentro da curva de 25 metros, que coincide, com bastante rigor, com a terceira rua paralela à costa (Fig. 7). A curva de 50 metros é aproximadamente congruente à quarta rua paralela. A pequena colina da Igreja Mãe de Deus (Grav. 3), com cerca de 48 metros de altitude, constitui a maior elevação da cidade, a partir da qual se pode razoavelmente gozar de um panorama de Ponta Delgada (Bibl. no. 73, no. 76).

1.2. *Geologia*

A plataforma de Ponta Delgada está na maior parte, coberta por um manto de escória. O material provém das erupções dos inúmeros cones vulcânicos pequenos, no centro da ilha, onde se extraiu sobretudo cinzas e lapilli, assim como lava, embora mais raramente. Este manto estende-se até à orla norte da cidade, envolve a colina Mãe de Deus e Santa Clara. A maior parte de Ponta Delgada repousa, contudo, sobre basaltos pretos e porosos, que se transformam em andesite na parte costeira que vai da Cadeia à extremidade Rosto de Cão (Bibl. no 79, no 60 v. pág. 19 e sgs., no. 14 v. pág. 39 e sgs.).

1.3. *Clima*

Os dados seguintes provêm do Observatório Metereológico de Ponta Delgada (36m acima do mar, Grav. 3) e fundam-se nas medições de 1921-1950 (Bibl. no. 54).

A pressão atmosférica (a nível do mar reduzido) comporta 1021,1

mb. Julho assinala a pressão atmosférica mais elevada com 1017,9 mb.

A temperatura do ar comporta 17,4°C de média anual. A evolução anual da temperatura é a seguinte:

em Janeiro	14,6°
Fevereiro	14,3°
Março	14,5°
Abril	15,2°
Maio	16,6°
Junho	18,9°
Julho	20,9°
Agosto	21,9°
Setembro	20,9°
Outubro	19,0°
Novembro	16,9°
Dezembro	15,6°

A amplitude comporta apenas 7,6°. O máximo absoluto de 29,5° foi registado em Julho/Agosto; o mínimo absoluto de 2,8°, em Janeiro. Em 37,6 dias, a temperatura máxima foi superior a 25°; em 12,4 dias a temperatura mínima foi superior a 20°.

A humidade relativa é de 83,1% às 06 horas, 74,6% às 16 horas, e 82,7% às 22 horas, isto é, 80,1% em média diária.

A nebulosidade comporta 6,6 em média anual (10,0 = céu completamente encoberto 0,0 = céu completamente desanuviado).

A duração anual da insolação é de 1547,5 horas. Isto representa 34,2% do tempo em que o sol se encontra acima do horizonte. Agosto é o mês mais soalheiro com 189,0 horas de sol (= 44,8%); Janeiro é o mês menos soalheiro com 74,1 horas de sol (= 24,2%).

A quantidade de precipitação de chuvas anual é de 852,7 mm. O mês mais pluvioso é Janeiro com 102,6mm; o mês mais seco é Julho com 24,2mm. O máximo absoluto de 218,8mm foi registado num mês de Outubro. A precipitação das chuvas em 175,9 dias

foi igual ou superior a 0,1mm; em 117,5 dias foi igual ou superior a 1,0mm e em 24,4 dias igualou ou foi superior a 10,0mm. 175,9 dias foram registados como dias de chuva; em 3,1 dias caiu granizo; houve 7,8 dias de trovoada; 4,4 dias de nevoeiro e 70,8 de orvalho.

A quantidade de evaporação anual é de 1042,9mm. Agosto atinge o extremo máximo de 104,6mm; Fevereiro, a quantidade mínima de 73,1 mm.

No Inverno, os ventos sopram predominantemente de NE e de W/SW; no Verão predominantemente de NE e N. A velocidade média anual é de 10,6 km/h; em Janeiro, é de 14,0 km/h e em Agosto de 6,6 km/h (Fig. 6).

1.4. *Ocupação do solo*

A planta da cidade (Fig. 7) e vistas aéreas (Grav. 1-4) de Ponta Delgada, assim como a pequena carta geográfica com o preço dos terrenos (Fig. 8), mostram claramente, que a área da cidade se compõe de três zonas de ocupação: centro da cidade de densa conglomeração, subúrbios de conglomeração esparsa entrecortada por jardins (quintais) e espaços verdes, e a zona aproveitada de maneira preponderantemente agrícola. Uma delimitação bastante exacta destas zonas fornece-nos a tabela de preços dos terrenos: 400 Esc. e 300 Esc. correspondem ao centro da cidade, 200 Esc. aos subúrbios; o resto à região rural.

1.5. *Divisão*

1.5.0. *Divisão administrativa*

Em Ponta Delgada existem 3 freguesias, nomeadas segundo as igrejas, isto é, segundo os nomes dos respectivos padroeiros: São Pedro, São José e São Sebastião ou Igreja Matriz (Fig. 7). Uma faixa estreita a E da cidade faz parte da freguesia de São Roque, uma outra parcela no NE pertence à Fajã de Baixo. (Bibl. no. 27, mapa 2). A função e a competência da freguesia e da

junta de freguesia estão descritas na introdução de forma pormenorizada.

1.5.1. *Divisão segundo as funções*

O mapa com o preço dos terrenos também nos serve para a divisão da cidade segundo critérios funcionais (Fig. 8). A zona a 400/300 Esc. corresponde à baixa (city). Aí se encontra a administração, todo o comércio, bancos, agências, médicos, farmácias, advogados, ofícios, pequenas unidades industriais, escolas, cinemas, teatros, restaurantes, etc. É claro que não se trata de uma city à maneira de Londres, que à noite, se despovoa quase totalmente após o fim do trabalho diário. A «City» de Ponta Delgada seria antes comparável à parte velha da cidade de Berna. As instituições mencionadas localizam-se todas no rés-do-chão, ou, quando muito, no primeiro andar; nos restantes andares das casas, deparamos com habitações. O mapa da densidade demográfica (Fig. 9a) e a estatística com o número de habitantes mostram-nos que se trata até de uma importante zona residencial, comportando, segundo N. Fernandes (Bibl. no. 27, mapa 4), cerca de 5 000 almas (quase um quarto, portanto, da população urbana total).

A zona a 200 Esc. subdivide-se em três áreas funcionais: ao centro, um bairro contíguo à parte norte da City, considerado quase exclusivamente como zona residencial, com uma densidade demográfica muitíssimo mais diminuta (classe média e vivendas), fortemente entremeado de quintais. Encontramos aqui dois dos quatro maiores parques públicos, o Jardim Antero de Quental e o Jardim António Borges (Grav. 4). Ambas as partes anexas a E e W da «City» têm mais ou menos a mesma estrutura. Aí encontramos as indústrias maiores e mais importantes (açúcar, tabaco, borracha, lacticínios, moinhos), estufas de cultura do ananás e os bairros dos trabalhadores e das classes da população menos privilegiadas. A zona seguinte (150/100 Esc.) abrange, de novo, algumas indústrias (matadouro, fábrica de conservas de peixe, lacticínios) bairros residenciais e os parques públicos: Parque

Diniz da Mota, Jardim Jácome Correia e Jardim José do Canto (Grav. 1, 4, 6), o cemitério e muitas estufas do ananás (Grav. 3 e 24). Trata-se da zona de transição da cidade para o campo (80 Esc.).

1.5.2. *Divisão conforme a idade*

Consultamos, pela terceira vez, o mapa com os preços do terreno (Fig. 8) e verificamos que a baixa do preço corresponde, em geral, à menor antiguidade. O centro da cidade (400/300 Esc.) é a parte mais antiga, vigorosamente transformada e rejuvenescida, no entanto, pela construção da Avenida Marginal e dos edifícios públicos (C. T. T., Comando do porto, Hotel, Alfândega, Palácio da Justiça, etc.). O crescimento e o desenvolvimento da cidade assim como as modificações no panorama são, de resto, tratadas em pormenor no capítulo 3.

1.6. *Nome*

Ponta Delgada significa, literalmente, estreita extremidade. Raquel Soeiro de Brito (Bibl. no. 14, v. 192) pensa que o molhe se construiu justamente neste cabo que deu o nome à cidade. Logo se teria situado aproximadamente atrás do Castelo de S. Braz. Os mapas de W. Harding Read (Bibl. no. 66) e do capitão Vidal (Bibl. no. 68) indicam que Ponta Delgada fica muito mais a W. E já o cronista Gaspar Fructuoso (Bibl. no 28, v. 302) relata que «Ponta Delgada deve o seu nome ao facto de haver nas proximidades um cabo composto de lava, estreito e não muito grande, e que à semelhança da maioria dos outros cabos da ilha, é quase tão liso como o mar. Mais tarde, também se chamou Ponta de Santa Clara na altura em que se erigiu lá perto a capela de peregrinação de Santa Clara.» A concluir desta afirmação assim como de ambos os mapas, tratava-se evidentemente duma língua de terra que se encontrava perto de Santa Clara.

1.7. *População*

1.7.0. *Desenvolvimento da população*

ANO	S. SEBASTIÃO	S. JOSÉ	S. PEDRO	PONTA DELGADA (CIDADE)	PONTA DELGADA (CONCELHO)	PONTA DELGADA (DISTRITO)
1864	4960	6230	4350	15540	45343	111267
1878	5288	7323	5066	17677	51648	127811
1890	5035	7173	4547	16755	50585	124890
1900	5030	7578	4904	17512	52120	128528
1911	4316	7145	4479	15940	49866	123211
1920	3846	6503	4485	14834	46942	118202
1930	4920	7985	5256	18161	54790	134916
1940	5707	8765	6066	20538	64405	156026
1950	5881	9872	6885	22638	72749	177057
1960	5507	10226	6686	22419	74306	181924

Tanto a cidade como o concelho e distrito de Ponta Delgada mostram em geral a seguinte evolução: aumento da população até 1878; a seguir, diminuição até 1920, devido a fortes movimentos migratórios. De 1920 até 1950, observamos um aumento populacional na ordem dos 50%; de 1950 a 1960, de novo uma diminuição em consequência da retomada da emigração após a guerra. No distrito, verifica-se, de 1920 a 1960, um aumento relevante de cerca de 50% e no concelho atinge os 60%, o que reflecte o desenvolvimento dos subúrbios de Ponta Delgada, de modo evidente:

ANO	ARRIFES	FAJÃ DE BAIXO	FAJÃ DE CIMA	RELVA	LIVRAMENTO	S. ROQUE	TOTAL
1864	4374	944	2423	2168	1518	2130	13577
1878	4987	1085	2654	2467	1650	2407	15250
1890	5355	1017	2445	2549	1514	2171	15051
1900	5644	901	2421	2691	1530	2393	15580
1911	5488	944	2342	2473	1590	2400	15237
1920	4984	1036	1307	2360	1647	2348	13682
1930	5782	1214	2150	2735	1931	2674	16486
1940	6819	1489	2728	3318	2108	3553	20015
1950	8127	2346	3303	3753	2572	4343	24444
1960	8484	3217	2892	3025	3290	5039	25967

Também aqui verificamos diversas vezes um recuo de população durante os períodos intensivos de emigração. No conjunto, porém, surpreende o grande aumento ocorrido durante cerca de 100 anos: Arrifes, Livramento e o total dos subúrbios duplicaram, São Roque cresceu de duas vezes e meia e Fajã de Baixo foi mesmo além da triplicação. Apenas Fajã de Cima e Relva acusam crescimentos irrelevantes. Mas a população destas duas aldeias permanece, como de costume, activa sobretudo na agricultura, enquanto que os outros lugares devem sem dúvida a sua explosão demográfica à indústria de Ponta Delgada, e Fajã de Baixo ainda à cultura do ananás (no. 33).

1.7.1. *Emigração*

Não é possível representar sem mais nem menos o movimento migratório da cidade de Ponta Delgada, visto que só existem estatísticas relativas a distritos e concelhos. Os seguintes dados deverão, no entanto, facilitar uma ideia aproximativa:

Distrito de Ponta Delgada

1961 excedente de natalidade 4348
emigrantes 2371 (=54,5%)

1962 excedente de natalidade 3950
emigrantes 1972 (=49,9%)

Concelho de Ponta Delgada

1961 excedente de natalidade 1740
emigrantes 919 (=52,8%)

1962 excedente de natalidade 1749
emigrantes 803 (=45,9%)

O concelho acusa uma percentagem menor de emigrantes que o distrito, o que, sem dúvida, se deve atribuir à cidade e às suas indústrias.

Com 1972 emigrantes no ano de 1962, situa-se Ponta Delgada em oitavo lugar entre os distritos portugueses. Desses 1972, emigraram 1284 para o Canadá, 569 para os E. U. A. e os restantes para vários outros países.

O concelho de Ponta Delgada aparece em 4.° lugar no ano de

1962 com 803 emigrantes, logo após Lisboa, Funchal (Madeira) e Leiria. Desses 803, 436 emigraram para o Canadá, 316 para os E. U. A. e o resto para outros países.

O contingente principal dirige-se hoje para a América do Norte, poucos viajam para o Brasil, Venezuela, África do Sul ou para as províncias ultramarinas. Segundo N. Fernandes (no. 27, tab. 4), a emigração no concelho de Ponta Delgada foi de 1763 pessoas em 1959 e de 1116 pessoas em 1960. Em 1961 já eram 919 e em 1962, 803 pessoas. Quanto a saber se a regressão registada nestes quatro anos continua ou não, é matéria sobre a qual nos não atrevemos a pronunciar um julgamento.

Para o distrito de Ponta Delgada, existem os seguintes números relativos à emigração.

Data:			Data:		
	1890	2530		1953	735
	1900	2805		1954	1598
	1911	2790		1955	827
	1920	3825		1956	1760
	1930	618		1957	2773
	1940	220		1958	1505
	1950	501		1959	2458
	1960	4014		1960	4014
				1961	2371
				1962	1972

Também aqui seria demasiado ousado vaticinar um prognóstico relativo à evolução futura.

Já começada em grande estilo mais ou menos nos meados do século passado, a emigração aumentou constantemente até cerca de 1930. Foi diminuta durante a guerra, tendo recomeçado a aumentar fortemente nos anos 50.

Sobre o aumento populacional de 148664 compreendido entre o espaço de tempo que vai de 1890 até 1953, recai um número de emigrantes de 91050, de modo que o aumento populacional ape-

nas comporta 57614, o que constitui uma subida na densidade demográfica de 147,8 para 208,5 pessoas por km2. (no. 44)

1.7.2. *Densidade demográfica*

A densidade demográfica do Distrito de Ponta Delgada era de 215,6 habitantes por km2 em 1960, contra 131,9 no ano de 1864. O concelho mais densamente povoado é Lagoa (Fig. 4) com 298,3, seguido de Ponta Delgada com 257,3, Vila Franca do Campo com 213,1, Ribeira Grande com 204,4, Povoação com 143,5, Vila do Porto (Santa Maria) com 136,4 e Nordeste com 107,0. Quanto mais afastados os concelhos se encontram da cidade, tanto menor é a densidade populacional. (no. 33)

A densidade populacional da cidade de Ponta Delgada está representada na figura 9a (no. 27, mapa 5)

1.7.3. *Densidade de ocupação*

A figura 9b mostra a densidade habitacional de Ponta Delgada e permite concluir das insalubres condições sociais. (no. 27, mapa 7A). A cidade tem 5598 famílias, mas apenas 4476 fogos. 79% dos fogos abrangem uma família, 17,2% duas famílias e 3,8% mais do que duas famílias. Os bairros industriais, principalmente, nos quais cerca de 20% dos fogos abrangem duas famílias, estão fortemente super-povoados.

Além disso, 26% de todas as famílias alojam estranhos, ou 9% dos habitantes vivem como sublocatários ou hóspedes no seio de outras famílias. (no. 27)

1.7.4. *Estrutura profissional*

N. Fernandes (no. 27, veja: 26) apresenta a seguinte estatística ocupacional da população de Ponta Delgada:

34,5% empregados domésticos
20,4% alunos (de liceu, escola comercial, etc.)
18,8% sem ocupação definida

7,0%	comércio e artesanato
5,0%	ofícios
3,0%	indústria
3,0%	sem profissão
2,7%	criados
1,5%	administração
1,2%	profissões liberais
0,9%	agricultura
0,8%	porto
0,8%	transportes
0,4%	pescarias
100,0%	

Há ainda a assinalar 182 desempregados e 1009 pais de família sem ocupação regular. Visto que se trata apenas de uma exploração provisória dos levantamentos realizados em 1962, recomenda-se naturalmente prudência em relação a esta tabela. Mas 34,5% de empregados domésticos, 2,7% de criados, 18,8% de gente sem ocupação definida e 3% de gente sem profissão são números que logo dão nas vistas e revelam que mais de metade da população trabalha na lida da casa, ocupa empregos auxiliares ou nem sequer tem profissão. É claro que se deve ainda acrescentar o facto de o período escolar obrigatório em Portugal ser apenas de 4 anos. Aos 11, o mais tardar aos 12 anos as crianças são consideradas como adultos e fazem, portanto, parte da tabela acima indicada. Para obter um quadro mais exacto da estrutura profissional, seriam necessárias estatísticas divididas segundo sexos e grupos etários. De qualquer maneira, os dados alegados são bem elucidativos e permitem-nos melhor compreender as condições mencionadas em relação à densidade habitacional assim como em relação à exposição (que se segue) respeitante aos rendimentos.

1.7.5. *Relação dos rendimentos*

De todas as famílias, 41,1% tinha no ano de 1962, um rendimento

mensal que ia até 1000$00, 20,5% entre 1000$00 e 2000$00, 4,5% entre 2000$00 e 3000$00 1,5% entre 3000$00 e 4000$00, 2,7% mais que 4000$00 e 29,7% cujos rendimentos não foram averiguados. É certo que o custo de vida nos Açores é consideravelmente mais baixo que na Suíça, mas mesmo assim estas séries de números não deixam de falar sobre as condições sociais da maioria da população de Ponta Delgada. (no. 27, tab. 10)

1.7.6. *Relação sobre a propriedade e o aluguer*

De todas as famílias, 44,2% habitam casas próprias ou moradias, 47,8% vivem em casas alugadas e 8% ficaram por averiguar. (no. 27, tab. 9) 12,5% das rendas de casa mensais importam em quantias compreendidas entre 1$00 e 100$00, 47,6% entre 100$00 e 300$00 22,2% entre 300$00 e 500$00, 8,5% entre 500$00 e 700$00, 7,1% entre 700$00 e 1000$00, e 2,1% mais de que 1000$00.

Cerca de 60% dos alugueres não ultrapassam, portanto, os 300$00. Isto, de resto, não é de admirar, se se tiver em consideração o facto de que o ordenado mensal de uns 40% de todas as famílias é, quando muito, de 1000$00, enquanto que para uns 20% de famílias varia entre (1000$00 e 2000$00. (no. 27, tab. 11)

1.7.7. *Estado dos prédios e conforto*

22,7% dos prédios habitacionais encontram-se em bom estado arquitectónico, 67,3% em estado razoável, 6,2% em mau estado, e 3,8% ficaram por abranger. (no. 27, tab. 6). 31,0% das habitações ofereciam boas condições, 55,7% ofereciam condições razoáveis, 6,2% ofereciam más condições, e 7,1% ficaram por abranger. (no. 27, tab. 5)

No que respeita a conforto e a condições higiénicas: 2,3% das habitações não têm cozinha, 9,2% não têm retrete e 49,8% não têm casa de banho. (no. 27, tab. 7)

Estes números são assustadores e apontam para as condições sociais existentes altamente insalubres, as quais, de resto, se adaptam naturalmente às condições do quadro de trabalho e rendimentos.

1.7.8. *Contingente de estrangeiros*

O distrito de Ponta Delgada tinha 405 estrangeiros no ano de 1960, dos quais 197 eram americanos, 92 brasileiros e 37 espanhois. Uma parte destes estrangeiros está naturalmente relacionada com o aeroporto de Santa Maria. A maior parte, porém, devia encontrar-se em Ponta Delgada. (no. 32)

1.8. *Abastecimento*

1.8.0. *Electricidade*

Existem, actualmente, 10 centrais na ilha de São Miguel, 8 das quais são hidráulicas, 1 térmica e 1 mixta. Pertencem 8 ao Estado e 2 são particulares. A central de energia eléctrica mais moderna é a térmica (Grav. 29) e encontra-se em Ponta Delgada. A produção de energia eléctrica teve, de 1952 a 1963, o seguinte incremento:

1952	10'216'680	KWH	1958	14'668'257	KWH
1953	10'531'760		1959	15'623'580	
1954	11'798'180		1960	17'432'142	
1955	13'004'080		1961	19'117'304	
1956	14'266'000		1962	20'287'182	
1957	14'599'750		1963	22'404'630	

Em 1963, o consumo de electricidade em KWH comportou:

	ALTA TENSÃO	BAIXA TENSÃO	TOTAL
Ilha de São Miguel	3'893'299	11'999'387	15'892'686
Concelho de Ponta Delgada	3'432'183 (=88%)	8'810'338 (=73%)	
Centrais			6'511'944
			22'404'630

A corrente de alta tensão é utilizada exclusivamente pela indústria e só o concelho de Ponta Delgada reclama 88%.

Estado de electrificação (em 1963):

	FAMILIAS EXISTENTES	FAMILIAS SERVIDAS +
Ilha de São Miguel	37'041	15'962 (=43,1%)
Concelho de Ponta Delgada	16'488	7'347 (=44,5%)
São Sebastião		
São José	1'295	1'182
São Pedro	2'276	2'030
Cidade Ponta Delgada	1'470	1'279
	5'041	4'491 (=89,0%)

(+ Número de consumidores servidos a preços de tarifa doméstica.)

O concelho de Ponta Delgada é, de longe, o maior consumidor de electricidade na ilha de São Miguel com 73% do consumo de corrente de baixa tensão e 88% no consumo de corrente de alta tensão. Como, porém, no concelho, além da cidade de Ponta Delgada, apenas as freguesias de Fajã de Baixo, Fajã de Cima, Livramento e São Roque estão electrificadas, é manifesto que o consumo de electricidade da ilha de São Miguel se reduz praticamente a Ponta Delgada e arredores (cuja população representa apenas 22% em relação à população total da ilha). (no. 40 e 90)

1.8.1. *Água*

Consumo de água por 1963 (metros cúbicos, m3)

	FOGOS	INDÚSTRIA E AGRICULTURA	NAVEGAÇÃO	TOTAL
São Sebastião	233'688	1'651		235'339
São José	201'469	86'777	32'589	428'178
São Pedro	743'969	59'507		260'976
Ponta Delgada	308'812	147'935	32'589	924'493 (=55%)
	(=80,5%)	(=16,0%)	(=3,5%)	(=100%)

São Roque	80'796	85'494		166'290	
Livramento	68'756	1'902		70'658	
Fajã de Baixo	94'340	116'919		211'259	
Fajã de Cima	91'549			91'549	
Arrifes	162'548			162'548	
Relva	43'337			43'337	
Subúrbios	541'326	204'315		745'641	(=45%)
	(=73%)	(=27%)		(=100%)	
Total	1'285'295	352'250	32'589	1'670'134	(=100%)

São Roque, Livramento e Fajã de Baixo têm só algumas empresas industriais pequenas. O consumo principal na coluna da indústria corresponde ali às estufas de ananás, que, de resto, recebem água a preços de favor.

A cidade de Ponta Delgada e os subúrbios São Roque, Livramento e Fajã de Baixo são abastecidos com água que se vai buscar fora do concelho, nomeadamente, à Serra de Água de Pau. As nascentes, que provavelmente se encontram em estreita ligação com a Lagoa do Fogo (no. 73) chamam-se Nascentes dos Lourinhos, Nascentes da Grota do Lanço e Nascentes das Janelas do Inferno e situam-se a 380, 300 e 370m acima do nível do mar. O reservatório principal da Arquinha situa-se na orla norte da cidade, nas proximidades da saída para Fajã de Cima. (no. 78)

Os outros subúrbios de Ponta Delgada e, bem assim, o resto do concelho são abastecidos pelos nascentes situadas no maciço das Sete Cidades e à volta dele. Estas nascentes fornecem 21% do consumo total do concelho, e os da Serra de Água de Pau 79%. (no. 55 e 100)

1.8.2. *Leite*

Ponta Delgada acusa um consumo diário de leite de cerca de

7000 l. Na sua maior parte, este leite é fornecido, porta a porta, pelos produtores que vêm das aldeias circundantes com carroças tiradas por cavalos ou com carros de burros. Além disso, uma das duas fábricas de produtos lácteos existentes construiu depósitos de leite pasteurizado em dez armazéns de víveres da cidade. Nos últimos tempos, Ponta Delgada começou a sofrer uma penúria de abastecimento pelo facto de os produtores preferirem fornecer por grosso o leite às fábricas. O tempo, o esforço e os gastos na venda a domicílio são consideráveis; de outra parte, o preço de venda a particulares é insignificantemente mais elevado que aquele que as fábricas pagam. As fábricas, por seu lado, queixam-se do preço de venda do leite pasteurizado e também já não se interessam pelo fornecimento de leite à cidade. Aqui, só uma actualização dos preços pode remediar a situação, como também se deu no caso da carne.

(Açores, 2/10 e 4/10/1964).

1.8.3. *Peixe*

Em consequência da construção da Avenida Marginal, foi preciso demolir a seu tempo o Cais da Sardinha e o mercado de peixe anexo (Fig. 5 e gravuras 2, 33, 39). Até hoje, este lindo mercado ainda não teve de si um digno sucessor. A barraca na Rua da Vila Nova, do ponto de vista higiénico, não é necessariamente uma solução de emergência satisfatória. Além disto, existe um pequeno mercado de peixe na Calheta (Grav. 9) e no mercado Agrícola vende-se peixe numa secção especial aos sábados e domingos (Grav. 10). O peixe, um dos principais alimentos da população, é contudo vendido, na maior parte, pelos vendedores que o apregoam na rua (Grav. 15, na parte consagrada a Angra do Heroísmo).

1.8.4. *Carne*

Os Serviços Municipalizados da Câmara Municipal exploram um matadouro modernissimo, com um serviço de tapete rolante e grandes câmaras frigoríficas, o qual abastece de carne todo o

concelho de Ponta Delgada. Esta é transportada em veículo automóvel e distribuída diariamente aos 25 talhos municipais, 8 dos quais se encontram na região urbana. À semelhança do leite, apareceram nos últimos tempos sinais de penúria, pois os produtores preferem exportar a mercadoria para Lisboa, em consequência do baixo preço da carne. Tentou-se remediar a carência durante alguns meses por meio de uma proibição de exportação da carne de vaca. Todavia, os preços da carne só foram actualizados no fim do ano de 1965, de modo que agora o abastecimento de carne funciona de novo normalmente e a proibição de exportação pôde ser levantada.

A tabela seguinte mostra a evolução da quantidade das reses.

ANO	VACA	CABRA	BORREGO	PORCO
1942	1601+	7	120	214
1952	3094	—	1038	142
1962	3102	—	154	117

(+ Destes, 1137 unidades foram importadas)

98% da carne é consumida localmente (quer dizer, no concelho de Ponta Delgada) e 2% é para o abastecimento dos barcos que abordam o porto de Ponta Delgada. Dos barcos abastecidos, 84% são portugueses e 16% de nacionalidade estrangeira. Durante os anos da guerra, o abastecimento de carne aos barcos era muito maior e representava uma fonte de receitas não sem importância. (no. 55 e 100)

1.8.5. *Legumes e fruta*

O grande Mercado Agrícola está aberto todos os sábados e domingos de manhã (Grav. 10) e lá se vende legumes e fruta, peixe e cestos (estes, aliás, durante toda a semana). Durante o resto da semana, o fornecimento de legumes e fruta é garantido por algumas lojas e sobretudo pela venda de rua.

1.8.6. *Generalidades*

É extraordinário o número de bens de consumo diário fornecidos directamente a domicílio pelos próprios produtores ou seus empregados e ainda o que se vende nas ruas: leite, peixe, pão, legumes e fruta. Esta particularidade, no entanto, traz consigo uma infinidade de carros de bestas e de carros de mão às ruas e travessas já de si estreitas e cheias de automóveis estacionados (Grav. 20) e constitui, para já, todo o contrário do que é útil ao trânsito de Ponta Delgada.

De resto, neste «sistema de distribuição a domicílio» também participam os autocarros urbanos e regionais, enquanto o revisor de bilhetes ou o motorista dão, pela janela, um pão, um embrulho, um jornal, etc., a uma mulher ou a uma criança que esperam aqui e acolá perto de um carro que mal pára como deve ser.

1.9. *Trânsito*

1.9.0. *Viação nas ruas*

1.9.0.0. *Rede de estradas da cidade*

A figura 7 mostra que Ponta Delgada possui, em substância, 4 artérias paralelas à costa, e uma série de ruas de ligação transversais, que lá desembocam. O facto de alguns traçados de ruas terem sido desenhados um pouco mais largos, aponta apenas para o seu significado de ruas de acesso e ruas de passagem, e não quer, infelizmente, dizer que elas sejam, na realidade, mais largas que as restantes. As ruas de Ponta Delgada são, em geral, muito acanhadas, à excepção da Avenida Marginal (Grav. 11-14) e têm passeios muito estreitos, sobre os quais mal cabe uma pessoa (Grav. 15-20). O interior da cidade é, como verificámos, não só o centro administrativo, comercial e industrial, mas também área residencial, cujos habitantes utilizam metade das pistas como superfícies de estacionamento. Para os peões que não cabem nos passeios estreitos, para os inúmeros veículos de tracção animal, para a circulação de veículos automóveis particulares e oficiais resta, pois, apenas a outra metade das pistas... em re-

sumo: apesar da criação de ruas de sentido único (quase todas o são, à excepção das que correm paralelas à costa), temos que ver com uma rede de estradas que ainda hoje consegue, em parte, chegar para a circulação, o que já não acontecerá, de certo, num futuro próximo.

Embora a situação económica não seja lá muito rosada, o número dos que podem e querem ter carro aumenta constantemente; daí que o número de veículos envolvidos na viação seja também maior. Os impulsos da indústria agrícola no decorrer da história de Ponta Delgada (Capítulo 3) tiveram várias vezes, como consequência, o facto de a cidade se desenvolver e crescer repentina e desordenadamente. Este crescimento irregular da cidade faz dela um quadro totalmente insuficiente para o trânsito do século XX. Só se poderá remediar à situação existente por uma tomada de medidas de urbanização iminente e rigorosa. (Capítulo 4)

1.9.0.1. *Veículos e recenseamento de trânsito*

Em Portugal, os impostos sobre veículos são lançados sob forma de sobretaxa nos preços do combustível. Quem compra um automóvel, deve registá-lo no distrito correspondente, recebe a placa com o número e o distintivo deste distrito e passa a não ser molestado por qualquer maquinação oficial. Quando a pessoa muda de distrito, conserva a placa e não precisa de se apresentar à autoridade competente (o que não acontece na Suíça). Isto significa, por outras palavras, que é praticamente impossível indicar o número de veículos existentes em determinada região. Só se conhece unicamente o número de veículos inscritos. No entanto, e no caso dos Açores em especial, esse número não diz grande coisa, visto a maioria dos automóveis ser comprada e registada no continente (por vezes, também na Madeira ou na Terceira) escapando assim ao cálculo estatístico.

As companhias que asseguram os transportes públicos, possuem conjuntamente cerca de 110 autocarros e 10 camiões. Além disso,

há em São Miguel uns 200 carros de praça com chauffeur (Taxis) e 20 carros de aluguer (sistema rent a car), 70 camionetas ligeiras e 120 camiões (veículos pesados) de aluguer. Relativamente ao total dos efectivos em veículos motorizados da ilha de São Miguel, existe a seguinte avaliação (no. 90):

1962	230	motocicletas
	2100	automóveis
	370	carros pesados
	70	tractores
cerca de	2700	no total

A maior parte destes veículos encontra-se em Ponta Delgada e arredores.

Em São Miguel, nos anos de 1930, 1954 e 1960 foram realizados recenseamentos de trânsito em cerca de 60 sítios, cujos resultados indicam um forte aumento da viação motorizada. Se observarmos os números relativos à cidade de Ponta Delgada (os recenseamentos realizaram-se nos 5 pontos de saída e entrada mais importantes), logo sobressaem os correspondentes aos transportes colectivos: (Fig. 10b)

	1930	1954	1960
Relva	59	65	217
Ramalho	59	74	486
Fajã de Cima	—	357	1056
Estrada Nova	78	504	1006
Pranchinha	176	303	1295

Em Prancinha/Estrada Nova, sítio em que se registou o maior movimento de passageiros com 4880 pessoas por dia, é, de igual

modo, onde deparamos com a circulação de veículos mais intensa, a saber: de 2300 veículos diários (no. 99).

1.9.0.2. *Transportes públicos*

A figura 10a mostra o itinerário dos autocarros urbanos. A carreira mais importante é a Urbana Central que percorre o trajecto nos dois sentidos todos os quartos de hora desde as 07 horas até às 23 horas. Por Matriz — Bairros Novos, passam 9 carreiras diárias nos dois sentidos; por Matriz — Ramalho, 7; por Santa Clara — Pranchinha, 9; por Circuito Matriz — Amorim, 25; por Matriz — Santa Clara, 14 e por Matriz — Bom Despacho, 11 carreiras. Verificamos que Ponta Delgada está muito bem servida tanto pelo traçado das linhas como pela frequência de carreiras dos transportes públicos; tanto mais, que os habitantes dos bairros periféricos podem recorrer ainda às carreiras regionais (as chamadas interurbanas).

Actualmente em São Miguel, há 7 trajectos de carreira urbana, 30 percursos interurbanos e 6 linhas de transporte de mercadorias. O maior número de carreiras e trajectos regionais segue na direcção de Lagoa/Vila Franca e Ribeira Grande (Fig. 10b). A Avenida Marginal deveria, por tal motivo, ser continuada tão rapidamente quanto possível afim de aliviar (no. 81) as actuais passagens estreitas. (Grav. 18)

As carreiras da Auto Viação Micaelense partem de cima, perto do Teatro Micaelense. A Urbana Central começa na Pranchinha e o término fica perto do hospital. Todos os outros autocarros urbanos e regionais começam e terminam as viagens na Matriz e na Praça Velho Cabral (Fig. 10a e 10b, gravura 14). Isto, porém, só é possível pelo facto de se poder deixar os carros que aguardam desocupados na vizinha praça livre, ao lado da Avenida Marginal. Mas logo que se construa nesta superfície (Grav. 42) e que ela já não sirva para a finalidade descrita, então surgirá a questão da transferência de todos estes términos de carreiras. (Capítulo 4)

1.9.1. *Navegação*

Após a última amplificação (Fig. 5), o porto de Ponta Delgada dispõe de um molhe com 1544m2 de comprimento e 25'000m2 de superfície, dos quais, 4000m2 são para armazenagem. A baía do porto, protegida pelo molhe do mar, engloba uma superfície de 32 hectares. O Molhe Salazar está em 1300m do seu comprimento, devidamente instalado para a atracagem de barcos e apetrechado de condutas de combustível e de água, dotado de telefone e com guindastes fixos e móveis. (Gravuras 2, 7 e 8). Ponta Delgada possui o maior e mais bem equipado porto dos Açores. (no. 52 e 95)

O aspecto do movimento portuário nos últimos anos apresentava-se da seguinte maneira:

ANO	BARCOS DE GUERRA	BARCOS DE CABOTAGEM	TRANSATLÂNTICOS	TOTAL DOS BARCOS	
				NUMERO	TONELAGEM
1956				786	1844855
1957				782	1922686
1958				724	1530028
1959				681	1456880
1960				640	1875802
1961	122	160	495	777	2043430
1962	127	123	517	767	2107495
1963	156	111	484	751	2080321
1964	103	111	519	733	2421610

Verificamos que, na verdade, o número de barcos diminuiu e, em contrapartida, o total da tonelagem (Peso Bruto) aumentou.

Noutros termos: chegam cada vez menos barcos a Ponta Delgada, mas são cada vez maiores.

No ano de 1964, fizeram escala os barcos das seguintes nacionalidades:

a) Marinha Mercante: 415 portugueses (com uma tonelagem de 785'187 BRT), 38 britânicos, 32 holandeses, 31 americanos, 14 liberianos, 13 alemães, 12 noruegueses, 8 italianos, 7 israelitas, 7 panamenses, 7 paquistaneses, 7 espanhóis, 6 gregos, 5 polacos, 3 dinamarqueses, 3 libaneses, 3 suecos, 2 egípcios, 2 chilenos, 2 finlandeses, 2 jugoslavos, 2 canadianos, 1 brasileiro, 1 francês, 1 irlandês, 1 barco da Jamaica, 1 cubano, 1 mexicano, 1 nigeriano, 1 russo e 1 turco. Ao todo foram 630 barcos com uma tonelagem total de 2'249'352 BRT. A participação em número de barcos portugueses representa mais do que metade, enquanto que em tonelagem atinge cerca de um terço.

b) Barcos de guerra: 39 portugueses (com uma tonelagem de 23'692 BRT), 18 canadianos, 11 britânicos, 10 americanos, 6 holandeses, 5 franceses, 4 alemães, 2 gregos, 2 mexicanos, 2 espanhóis, 1 italiano, 1 persa, 1 sueco e 1 turco. Foram 103 barcos ao todo com uma tonelagem total de 172'258 BRT. A participação de barcos portugueses representa cerca de um terço em número e cerca de um sétimo em tonelagem.

A estatística relativa aos passageiros tem muito interesse:

ANO	DESEMBARCADOS	EMBARCADOS	TOTAL	DE PASSAGEM	TOTAL DOS PASSAGEIROS
1956			34463		
1957			34118		
1958			33717		
1959			30578		
1960	16771	16108	32879	14866	47745
1961	14455	13837	28282	12141	40433
1962	16951	16651	33602	10964	45566
1963	18743	18279	37022	13642	50664
1964	17286	16983	34269	15103	49372

Enquanto que o número de pessoas embarcadas e desembarcadas é antes regressivo, no total dos passageiros verificou-se um

aumento devido ao maior número de viagens de trânsito (turistas em cruzeiros e em navios luxuosos).

O transbordo de mercadorias evoluiu como segue: (em toneladas)

ANO	MERCADORIA DESCARREGADA	MERCADORIA CARREGADA	MOVIMENTO TOTAL DE FRETES
1935	32595	18994	51589
1945	67588	65083	132671
1955	93321	63143	156464
1956			177251
1957			170417
1958			158636
1959			190914
1960	127179	97693	224872
1961	160160	83243	243403
1962	149404	75317	224721
1963	128604	88690	217294
1964	174095	95113	269208

A partir de 1935, o transbordo total de mercadorias ultrapassou a quintuplicação, o que, sem dúvida, é um sinal de melhoria da situação económica. Estes números, aliás, mostram que São Miguel é tudo menos o que se pode chamar uma autarquia, apesar da sua riqueza agrícola e não obstante uma indústria considerável. (Bibl. no. 36)

Em 1964, entraram 733 navios no porto de Ponta Delgada, o que perfaz uma média diária de 2 navios. Na realidade, o que acontece é que em muitos dias reina grande azáfama, enquanto que em tantos outros o molhe, com um 1,5km de comprimento, se encontra completamente vazio, sem o barco-patrulha da Marinha Portuguesa nem, eventualmente, o navio «Ponta Delgada» das carreiras interinsulares. Trata-se portanto de um movimento de carreiras altamente modesto, confrontado com a importância da situação do porto e do potencial da indústria agrícola da ilha. De resto, após lançarmos um olhar aos portos do Funchal (Madeira), Santa Cruz de Tenerife e Las Palmas (Ilhas Canárias), lo-

go a estatística do porto de Ponta Delgada se nos afigura bem lastimosa. (Fig. 1) Que o porto tenha largamente caído no esquecimento e seja evitado pelos transatlânticos, é um facto que se explica, sem dúvida: 1) pelo resultado de uma política económica e de comunicação sem imaginação e conservadora que dura há décadas; 2) pelas consequências do abuso praticado, durante anos e ainda hoje, por uma grande companhia local monopolista; 3) e não deixa finalmente de estar em relação com o disparate que são as arcaicas barreiras aduaneiras existentes como de costume entre os Açores e o Continente assim como entre as nove ilhas entre si (Bibl. no. 47). Que o movimento do porto, contudo, aumente graduaimente, é um facto que Ponta Delgada deve, em parte, à OTAN, a qual pediu e financiou o prolongamento do molhe (Fig. 5) e utiliza o porto por altura das grandes manobras militares atlânticas; por outro lado, há que ter em conta os encantos turísticos de São Miguel, responsáveis, cada ano, pelo número crescente de cruzeiros e paquetes.

Hoje em dia, Ponta Delgada é o porto mais importante dos Açores. Se também virá ou não a alcançar projecção internacional, é assunto que não depende de aspectos técnicos mas tão somente das políticas económica e das comunicações. (Capítulo 4)

1.9.2. *Tráfego aéreo*

Durante a última guerra, construiu-se o pequeno aeródromo de Sant'Ana na parte norte de São Miguel. (Fig. 3) Está situado a 15 km de Ponta Delgada e dispõe de 3 pistas relvadas (a primeira, tem um comprimento de 1550m e 45m de largura; a segunda, tem um comprimento de 1100m e 45m de largura; a terceira, não está pronta). A partir de determinada quantidade de precipitação de chuvas, os aviões não podem descolar ou aterrar nestas pistas cobertas de erva; todos os vôos devem de igual modo ser anulados quando a situação dos ventos é desfavorável. Trata-se pois de uma solução de emergência, que deverá, tão depressa quanto possível, dar lugar a um aeroporto meteoro-

logicamente resistente. São Miguel chega a estar cortada de Santa Maria durante dias, nos meses de inverno.

Por enquanto, o aeródromo de Sant'Ana é utilizado pela SATA (Sociedade Açoreana de Transportes Aéreos), assim como por aviões militares portugueses e americanos. Tem ligação com o aeroporto internacional de Santa Maria e com a base militar das Lajes, ponto de apoio na ilha Terceira. Em 1964, registaram-se 1365 chegadas e 1366 partidas no tráfego de Sant'Ana (ou seja, quase quatro aviões por dia). Aterraram 7241 passageiros enquanto 10'978 levantaram vôo (emigração!). Foram transportados 33'032kg de fretes e 41'445kg de correio, tendo 79'129kg de fretes e 70'719kg de correio partido por avião. (Bibl. no. 98).

No decorrer do ano de 1965, começaram as obras de aterro para o novo aeroporto da Nordela, a oeste da cidade (Fig. 3), logo interrompidas pouco depois, devido, segundo parece, a inesperadas dificuldades com o subsolo. Não é, todavia, segredo nenhum em Ponta Delgada o facto de que o verdadeiro motivo da suspensão dos trabalhos se deva antes procurar no projecto da construção. Este projecto prevê, desde o início, um aeroporto demasiado pequeno e, sobretudo, sem possibilidades de ser ampliado. Por muito deplorável que seja uma tal demora, restam, contudo, esperanças de que o projecto venha a ser modificado e São Miguel obtenha o aeroporto, que tanta falta lhe faz. Quanto às suas dimensões, deveria ser tão grande que, não só a SATA, mas também a companhia de transportes aéreos portugueses, TAP, lá pudesse fazer escala, em vôos directos de Lisboa.

2. *Estrutura funcional*

2.0. *Administração*

De acordo com N. Fernandes (Bibl. no. 27, veja 26) em Ponta Delgada, há 283 pessoas empregadas na Administração (ou seja 1,5% da população urbana). Encontramos evidentemente os orgãos administrativos do concelho de Ponta Delgada (Fig. 4), da ilha de

São Miguel e do distrito de Ponta Delgada (Fig. 2 e 3), seguidamente, ainda algumas instituições superiores ao conjunto dos Açores, assim como as representações diplomáticas.

2.0.0. *Concelho*

Câmara Municipal do Concelho de Ponta Delgada com os Serviços Municipalizados, Polícia de Segurança Pública e o Tribunal Judicial (Tribunal de Comarca).

2.0.1. *Ilha*

Federação dos Municípios da Ilha de São Miguel (Electricidade), Junta Nacional de Frutas de São Miguel.

2.0.2. *Distrito*

Governo Civil, Junta Geral (Secção de Coordenação Económica, Direcção das Obras Públicas, Serviços Industriais, Eléctricos e de Viação, Polícia de Viação e Trânsito, Inspecção de Saúde, Laboratório Distrital, Estação Agrária, Intendência de Pecuária, (Posto Zootécnico), Direcção do Distrito Escolar, Junta Autónoma dos Portos do Distrito, Grémio da Lavoura do Distrito, Tribunal de Trabalho do Distrito, Delegação da PIDE do Distrito, Comissão Regional de Turismo, Grémio do Comércio do Distrito, Junta Nacional de Produtos Pecuários.

2.0.3. *Açores*

Comando Militar dos Açores, Comando Naval dos Açores, Direcção da Urbanização dos Açores, Direcção Geral dos CTT, Instituto Geográfico e Cadastral — Missão dos Açores, Juiz Corregedor do Círculo Judicial dos Açores, Caixa Sindical de Previdência dos Empregados e Operários do Arquipélago dos Açores, Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores.

2.0.4. *Corpo diplomático*

Consulados: Bélgica, Brasil, República Federal Alemã, Chile, Re-

pública Dominicana, Grécia, Holanda, México, Austria, Panamá, Turquia, EUA.

Vice-Consulados: Dinamarca, Finlândia, Grã-Bretanha, Noruega, São Domingo, Suécia, Espanha.

Agentes consulares: França, Itália.

2.1. *Escola*

Segundo N. Fernandes (Bibl. no. 27, veja 26), em 1962 Ponta Delgada tinha 3941 alunos nas escolas secundárias (isto é, escolas não compreendidas no período escolar obrigatório de 4 anos).

Este número de alunos representa 1/5 da população citadina, de modo que podemos falar de Ponta Delgada como centro de formação. Deparamos com as escolas e número de alunos seguintes:

2.1.0. *Escolas primárias*

No ano lectivo de 1963/64, Ponta Delgada contava com 10 edifícios de escolas primárias, com 38 turmas, 2 turmas especiais, e 1992 alunos ao todo. 506 crianças frequentavam escolas pagas, particulares, 26 recebiam instrução particular individual; e 13, ensino doméstico.

2.1.1. *Escolas secundárias e de formação profissional*

O Liceu Nacional de Ponta Delgada tinha 1213 alunos em 1963/64, distribuídos por 34 turmas, com 40 professores. A Escola do Magistério Primário está ligada ao Liceu. Em 1963/64, contava com duas turmas e, ao todo, 61 alunos. A Escola Industrial e Comercial, que ainda em 1950 só tinha 75 alunos, contava com 2043 em 1964/65 e cerca de 80 professores. Destes alunos, 1900 são oriundos da ilha de São Miguel e os restantes vêm das outras ilhas dos Açores. O Seminário Episcopal de Angra (Seminário católico para formação de padres) tinha, até hoje, aulas do curso preparatório em Ponta Delgada e logo que o novo edifício do Colégio esteja pronto, englobará o curso completo de formação

sacerdotal, provavelmente como filial para os educandos de Santa Maria e São Miguel.

Mencionemos ainda e finalmente a Escola de Enfermagem anexa ao Hospital e que existe desde 1959. Em 1964/65, contava com 81 alunas. A Academia Musical recebeu o título e os direitos de um Conservatório Regional de Música (o único dos Açores), no ano de 1964. No ano lectivo de 1964/65, 5 professores ministravam o ensino a 90 alunos. Estes já são 150 no ano lectivo de 1965/66.

Quanto a escolas secundárias particulares, devemos mencionar o Externato do Infante para rapazes (com 129 alunos em 1963/64) e o Colégio São Francisco Xavier para raparigas.

A Escola Industrial e Comercial e o Externato do Infante asseguram também o ensino nocturno aos que exercem uma profissão durante o dia, garantindo assim o aperfeiçoamento. (Eibl. no. 27, Mapa 12, Bibl. no. 88)

2.2. *Infra-estruturas Sociais*

Embora os restantes concelhos de São Miguel e Santa Maria também tenham os seus hospitais, postos sanitários, médicos e farmácias, Ponta Delgada é o «centro médico» do distrito. Aqui se encontra o grande hospital, a clínica da Caixa de Previdência, o Instituto de Raios X (Raios de Röntgen) e ainda os médicos especialistas, os dentistas e as farmácias. Os tratamentos especiais podem ser aqui executados, de forma que só é necessário viajar para o continente em casos muito especiais.

Quanto a instituições sociais, encontramos o Asilo de Infância Desvalida (Lar para educação de crianças difíceis), o Asilo da Mendicidade (Orfelinato) e ainda o Albergue Nocturno e a Cozinha Económica Micaelense (Casas para indigentes). (Eibl. no. 27, Mapa 13, Eibl. no. 82).

2.3 *Instituições Culturais*

A Biblioteca Pública e Arquivo Distrital é uma das bibliotecas

mais importantes de Portugal. Entre outras, possui as obras de Teófilo de Braga, de Antero de Quental e as dos irmãos Dr. Ernesto e Eugénio do Canto, etc. No edifício onde em tempos foi o Convento de Santo André, é hoje o Museu Carlos Machado. Este dispõe de uma secção de História de Arte, uma secção de Ciências Naturais e possui uma pequena biblioteca. O Observatório Afonso Chaves, está ao serviço do Serviço Meteorológico. Os Carregadores Açorianos (nome da Sociedade de navegação, fundada por exportadores de ananás, que atingiu o apogeu durante a última guerra) edificaram o novo teatro Micaelense (Grav. 48) entre 1946 e 1951. O edifício levantado em proporções avantajadas e que não descuram o futuro, tem instalações para teatro, concerto e cinema e, com isso, tornou-se o centro cultural de Ponta Delgada. O seu equivalente é o Coliseu Micaelense, embora este seja essencialmente mais antigo e hoje utilizado apenas ainda como sala de cinema.

Em 1943, fundou-se o Instituto Cultural, associação de académicos que se dedica à investigação científica dos Açores (sobretudo de São Miguel e de Santa Maria) e publica periodicamente a revista «Insulana». A Academia Musical fundada em 1922 tem a sua Escola de Música desde 1947 e como já mencionámos, foi elevada à categoria de Conservatório Regional de Música em 1964. Ponta Delgada é ainda a sede da rádio oficial, Emissor Regional dos Açores, que transmite os seus programas em ondas curtas, diariamente, das 10.45 até às 13.00 e das 18.00 às 22.00 horas. (Os outros dois emissores dos Açores, «Clube Asas do Atlântico» de Santa Maria e a «Voz da Terceira» de Angra, são postos privados). Finalmente, Ponta Delgada é uma cidade de jornais, ou seja, um lugar onde são impressos três diários e dois semanários. Os diários «Açores», «Correio dos Açores» e «Diário dos Açores» têm, cada um, uma tiragem de cerca de 3000 — 4000 exemplares.

«A Ilha» sai a uns 900 exemplares enquanto que o «Açoreano Oriental» (Grav. 28), fundado em 1835 e o jornal português

mais antigo, aparece com os seus 1500 exemplares. A maior parte dos assinantes vive em São Miguel; o resto dos jornais vai para os micaelenses espalhados pelas outras ilhas açorianas, pelo continente, pelas províncias ultramarinas e pelos centros de emigração de ontem e de hoje, tais como sejam o Brasil, as Bermudas, a Califórnia e o Canadá. (Bibl. no. 101)

2.4. *Desporto e recreio*

Quanto a recintos desportivos, a população de Ponta Delgada dispõe da piscina situada ao fim da Avenida Marginal (Grav. 2 e 13), as instalações despertivas do Liceu (Grav. 4), uma pista de patinagem e dois campos de futebol (Grav. 1 e 3). Para uma população citadina que conta com pouco mais ou menos 22'000 pessoas e uma população suburbana na ordem das 26'000 pessoas, as instalações mencionadas são, inequivocamente, demasiado reduzidas. De alguns anos a esta parte, fala-se também de um grande estádio, de pavilhões de desportos e até de uma praça de touros. (Capítulo 4). Na época de Verão existem carreiras de autocarro para a vizinha Praia do Pópulo, uma linda praia de areia. Perto de Furnas, há um campo de golfe da cooperativa de turistas «Terra Nostra». Relativamente a clubes desportivos, mencione-se o Clube União Sportiva, o Clube Naval e a união de pescadores Pescatum. (Bibl. no. 27, Mapa 15)

Ponta Delgada tem cinco cinemas (Teatro Micaelense, Coliseu Micaelense, Ciné Vitória, Ciné São Pedro, Ciné Solar) e os dois teatros citados. O hotel do Infante explora um pequeno clube nocturno; aos sábados e quando há grandes navios de turistas atracados no porto, o Solar da Graça (clube nocturno em estilo regional) está aberto. O clube Micaelense (feito à imagem do clube inglês, com direito de admissão reservada a sócios que sejam académicos) possui sede própria com biblioteca, sala de leituras, sala de jogos, restaurante e salão de bailes. Aqui se passa, durante o inverno, uma parte da vida em sociedade.

2.5. *Pesca*

A ilha de São Miguel tinha 2350 pescadores profissionais em 1965, conforme indica a Casa dos Pescadores (Bibl. no. 85). Em Ponta Delgada, 170 trabalham nesta ocupação. Uma parte deles trabalha exclusivamente para as fábricas de conservas de Peixe (sobretudo, na pesca do atum) e a maioria encarrega-se do abastecimento à cidade. (Parágrafo 1.8.3.).

2.6. *Indústria*

A indústria, o comércio e o trânsito de Ponta Delgada constituem, em larga medida, as funções da agricultura de São Miguel. A maior ilha dos Açores é, de igual modo, a mais fértil e mais rica. A ocupação do solo de São Miguel era a seguinte em 1965 (Bibl. no. 92): (compare-se isto com a fig. 12, século XX).

vinhas, plantações frutíferas e jardins	4%
lavoura	39%
pastagem	22%
«Área agrícola»	65%
Floresta	13%
Terreno improdutivo	17%
«Área florestal»	30%
Bairros e ruas, etc.	1%
Barrancos, pedreiras, praias	2%
Lagos e ribeiros	2%
«Área social»	5%

A superfície aproveitada na agricultura atinge, com os seus 65%, uma quota extraordinariamente elevada, se tivermos em conta o relevo de São Miguel. Infelizmente, a terra pertence na sua maior parte a poucos latifundiários, cuja única preocupação é o lucro. A terra em si não lhes interessa. Muitas vezes, os latifundiários absentistas vivem mesmo no continente.

Os camponeses lavram a terra por salários que são uma miséria e, em muitos casos, estão ainda sujeitos a métodos de trabalho

completamente arcaicos. Através de uma redistribuição mais justa da propriedade, por meio de uma melhor exploração da terra com construção de estradas e reagrupamento da propriedade, pela formação da população rural e racionalização dos métodos de trabalho, muito mais se viria, sem sombra de dúvida, a tirar deste solo. Ainda assim, a produção agrícola de São Miguel já é considerável: em 1964, produziram-se 4'732'002kg de trigo e 22'516'182kg de milho (Bibl. no. 87). Em 1963, plantou-se beterraba em 2056 hectares, o que deu uma colheita de 94'653 toneladas. Cerca de 600 hectares servem para o cultivo de tabaco, com uma colheita que se aproxima das 10'000 toneladas de tabaco verde, do qual ainda restam uns 5 a 6%, após a secagem (Bibl. no. 92). Importante ainda é a produção de chá, chicória, amendoim, batata doce e espadana (cujas fibras servem para o fabrico de cordas, esteiras, etc.).

Em seguida, o ananás tem uma importância especial para a economia de São Miguel. Foi utilizado, durante muito tempo, só como planta decorativa. Veio depois, nos meados do século passado, a ocupar a lacuna correspondente à quebra quase total da produção de laranja. (Grav. 3, 24, 25, 26, 27 e Fig. 11a e b). De muito interesse é a distribuição de estufas pela ilha:

	1933:	1956:
Arrifes	48	33
Capelas	71	118
Fajã de Baixo	910	1103
Fajã de Cima	129	170
Fenais da Luz	—	8
Livramento	—	131
São José	91	96
São Pedro	312	269
São Roque	764	621
São Sebastião	12	8
São Vicente Ferreira	27	30
Concelho de Ponta Delgada	2364	2587

Concelho de Vila Franca do Campo	710	664
Concelho de Lagoa	158	172
Concelho de Ribeira Grande	16	10
Concelho de Povoação	—	4
Total	3248	3437

Em 1933, 73% das estufas encontravam-se no concelho de Ponta Delgada. Em 1956, havia até 75% do total das estufas. Só no espaço compreendido por Ponta Delgada e arredores (compare com a Fig. 11a) encontram-se 70% das estufas. Nas freguesias de São Pedro e São Sebastião (cidade) e São Roque (arrabalde) deparamos com uma certa baixa no número de estufas, a qual se explica pela industrialização e pela construção de casas nas regiões em causa. Por outro lado, regista-se um aumento espantoso em Fajã de Baixo (Gravura 25) que, de resto, se distingue por um crescimento populacional extraordinariamente forte. Além disto, é de admirar que até mesmo São Sebastião, a freguesia central de Ponta Delgada, possui algumas estufas de ananás. Isto significa, que até temos culturas de ananás quase no centro da cidade. (Bibl. no. 13, veja 28/29).

A criação de gado e os lacticínios representam uma riqueza importante de São Miguel e poderiam ainda vir a ter grande futuro. Em 1964 foram exportados 3599 cabeças de gado (732'030kg) para o continente. A quantidade de leite tratado industrialmente atingiu 40'487'649 litros. (Bibl. no. 97)

Fabricou-se 2'367'890 kg de leite em pó
1'207'231 kg de manteiga
413'393 kg de queijo
86'730 kg de caseina

A exportação em 1964 atingiu:

2'302'249 kg de leite em pó.
967'149 kg de manteiga

273'852 kg de queijo
100'521 kg de caseina

A manteiga e o queijo destinavam-se ao continente, o leite em pó vai para as províncias ultramarinas e a caseina para os Estados Unidos da América.

Ponta Delgada conta com as seguintes indústrias, que gostaríamos de mencionar pelos próprios nomes, sem, contudo, podermos indicar os números relativos à produção (os quais são «confidenciais»):

a Fábrica de Açúcar da U. F. A. A. (União das Fábricas Açoreanas de Álcool), que está em situação de poder satisfazer todo o consumo de açúcar dos Açores (detém, aliás, o monopólio nas ilhas; estas pagam o açúcar a preços notoriamente mais elevados que o continente, abastecido pelo açúcar das províncias africanas). A U. F. A. A. até chega a exportar um pouco para a Madeira e para o Continente (Gravura 23). A fábrica trabalha em três turnos diários e em 1964 refinou 160'000 toneladas de açúcar de beterraba (dos quais, cerca de 100'000 toneladas provinham de São Miguel e o resto, das restantes ilhas).

Moaçor (grande moagem e fábrica de biscoitos, bolachas, etc. por agora, em estado de amplificação). Fábrica de Borracha Primos. Lacticínios Loreto e Lacticínios Furtado Leite (Fábrica de produtos lácteos). Fábrica de Cerveja Melo Abreu. Fábrica de Conservas de Peixe. Fábrica de Tabaco Micaelense e Fábrica de Tabaco Estrela.

Em 1962, a exportação de tabaco apresentava as cifras seguintes:

234'830 kg de tabaco manufacturado
29'497 kg de tabaco em bruto
183'712 kg em rama

O tabaco em rama e em bruto foi todo para a Madeira, enquanto que o tabaco preparado foi repartido da seguinte maneira:

150'431 kg para os Açores
83'739 kg para a Madeira
660 kg para o continente

Além disso, encontramos ainda na cidade as seguintes pequenas empresas industriais: farinha, biscoitos, pão, vinagre, sumos de fruta, licores, aguardente, álcool, conservas, torrefacção de café, secagem de chicória, papel, velas, círios, costumes, vestuário e têxteis, indústria de madeira, fábrica de vidros, serralharia, ofício de ferreiro, metalurgia, cimento armado, fábricas de tijolos e de cal. (Bibl. no. 90 e 92).

A indústria de Ponta Delgada é, portanto, uma indústria manufactureira que valoriza na maior parte, a produção agrária de São Miguel (e, em parte, também a das outras ilhas). Importa matérias primas em volume bem diminuto (como é um pouco o caso dos têxteis, madeira, vidro, ferro, cal e cimento). (Bibl. no. 8, 49 págs. sgs., Bibl. no. 10, no 14, 162 págs. segs. no 26, no 27, 24 págs. sgs. e mapa 10, Bibl. no. 37)

Segundo N. Fernandes (Bibl. no. 27, 26), 557 pessoas trabalham na indústria (ou seja 3% da população). O mapa 4 indica 2 000 pessoas como o número daqueles que vêm diariamente trabalhar à cidade. Se desta população flutuante descontarmos uma parte para o comércio e uma outra para a administração, restam-nos cerca de 1500 — 2000 pessoas, os quais representam o número dos que trabalham na indústria de Ponta Delgada.

2.7. *Comércio e pequena indústria*

Ponta Delgada é o centro comercial não só da ilha de São Miguel e do Distrito de Ponta Delgada, mas também dos Açores em geral: Paralelamente ao comércio habitual, (281 lojas para o consumo diário e 197 lojas especializadas) encontramos os bancos, as sociedades de seguros, as agências de navegação, as grandes representações de marcas e firmas nos Açores, as agências das companhias de aviação, cujos aviões fazem escala em Santa Maria e assim por diante.

Além disto, há ainda oficinas de artes e ofícios que, à semelhança das lojas e dos estabelecimentos comerciais, se encontram predominantemente no centro da cidade (Bibl. no. 27, mapas 9 e 11), de maneira que observamos uma «City» com uma actividade extremamente viva e com todos os problemas de trânsito já mencionados.

Segundo N. Fernandes (Bibl. 27, veja-se 26), 1378 pessoas são empregados de comércio (ou seja, 7% da população) e 905 pessoas, isto é 5% da população, trabalham nas artes e ofícios.

Os principais produtos de importação são os automóveis, os carburantes, os materiais de construção, os têxteis, os adubos e os víveres. Em relação aos principais produtos exportados, podemos nomear o açúcar, o álcool, os lacticínios, o amendoim, a batata doce e o óleo da baleia. Uma vez mais e, rapidamente, prestemos atenção ao que se passa com o ananás:

A primeira exportação de fruta data de 1864 e teve grande sucesso, sobretudo na Alemanha. Em 1874 já se exportaram 16'000 ananases; em 1898, 748'590 e em 1907, 1'280'645 frutos. A evolução da exportação do ananás nos últimos 40 anos está esboçada no gráfico da figura 11b (Bibl. no. 11 e no. 13, veja 32, Bibl. no. 93). Como os principais clientes eram a Europa setentrional e, em especial, a Alemanha, a produção de ananás veio a sofrer uma baixa violenta durante a última guerra. Entretanto, novos mercados foram conquistados, de maneira que em 1964 a exportação se apresentava assim distribuida:

Lisboa	564'740	ananases
Alemanha	298'207	
França	180'827	
Inglaterra	155'252	
Suiça	96'444	
Itália	83'898	
Suéia	51'356	

Bélgica	49'472
Espanha	40'369
Madeira	37'092
Dinamarca	15'356
Holanda	14'122
Noruega	8'143
Finlândia	5'566
Irlanda	1'810
Açores	662
América do Norte	197
Tenerife	155
Total	1'603'668

Cabe aqui aludir, ainda que sucintamente, à curiosidade relativa ao transporte do ananás: os exportadores de fruta de São Miguel fundaram em 1920 a sua própria companhia de navegação, designada Carregadores Açoreanos, a fim de garantir a exportação para a Europa. As viagens tiveram de ser suspendidas em 1940 e, nestas circunstâncias, a companhia aceitou a carreira de Portugal — América do Norte. Com o dinheiro dos lucros consideráveis ganhos nos anos da última guerra e nos anos que a precederam, construiu-se o novo Teatro Micaelense (Grav. 48). Depois da guerra, as viagens de Portugal para a Europa do Norte foram, com efeito, retomadas. No entanto, a exportação do ananás foi cedida à Companhia Real de Navegação dos Países-Baixos. Actualmente, esta companhia faz escala no porto de Ponta Delgada todos os 15 dias, proveniente da Guiana holandesa e de caminho para os Países-Baixos, com carregamentos de ananás para os mercados do norte europeu (Grav. 27). Os Açores continuam a ser servidos pelos carregadores Açoreanos que largam de Leixões embora uma única vez por mês.

No Verão, os Açores são também servidos, de vez em quando, pelos barcos de carreira para a América, (que transportam então produtos de exportação para os Estados Unidos, tais como o queijo, a caseina, a batata doce, as conservas de peixe, os cestos e os bordados). O nome de Carregadores Açoreanos ficou e o porto natal da frota de 8 barcos continua a ser Ponta Delgada. No entanto, as carreiras principais da Sociedade são a de Portugal — Europa do Norte e a de Portugal — América do Norte. Do ponto de vista económico, a rota dos Açores deixou de oferecer o mesmo interesse e, de resto, a Empresa Insulana de Navegação adquiriu o Monopólio do tráfego entre Lisboa e os Açores. (Bibl. no. 99).

2.8. *Trânsito*

Relativamente ao trânsito, Ponta Delgada, assume funções de carácter local, regional e internacional:

Em seguida, a cidade é o entroncamento de São Miguel. Daqui parte em todas as direcções a maioria das carreiras para toda a ilha (Fig. 10b); é a partir daqui que as mercadorias importadas são distribuidas nos centros de consumo; aqui se concentram produtos agrícolas e bens de exportação destinados à fabricação industrial e à exportação. Segundo N. Fernandes (Bibl. no. 27, mapa 4 e 16), 2000 pessoas constituem a população flutuante que vem à cidade para trabalhar. Além disso, o movimento diário em passageiros de transportes colectivos comporta 11'000 pessoas. Isto significa, que cerca de 3'000 pessoas, vindas de todos os cantos da ilha, viajam diariamente para a cidade, a fim de fazer compras, ir ao médico, consultar um advogado, passar por uma repartição pública, etc.

Logo depois, temos a cidade de Ponta Delgada como centro do trânsito regional, graças ao porto e ao aeródromo de Sant'Ana. Tem comunicações com o continente, com as outras ilhas açorianas (sobretudo Santa Maria) e com a ilha da Madeira. Os navios vindos do continente raramente fazem escala no porto de

Santa Maria, por este apresentar condições absolutamente insuficientes. Recebe carregamentos provenientes, na maior parte dos casos, de Ponta Delgada e transportados em pequenos barcos. De resto, o navio das carreiras interinsulares «Ponta Delgada», que dá a volta ao arquipélago uma vez por semana, estaciona no porto de Ponta Delgada.

A importância internacional de Ponta Delgada em relação ao trânsito é de natureza militar e turística (OTAN e cruzeiros em navios) como já verificáramos no parágrafo 1.9.1.

2.9. *Turismo*

Em 1963, vieram, ao todo, 2408 turistas a São Miguel (Bibl. no. 86): 1649 americanos (sem contar com os parentes do destacamento de pessoal da base das Lajes na Terceira; esses não são controlados pela polícia dos estrangeiros e daí que estatisticamente não seja possível contá-los; 204 ingleses, 178 franceses, 148 canadianos, 45 alemães, 25 suiços (estudantes de Geografia e professor, da Universidade de Berna), representando os restantes, várias nacionalidades. O mês mais bem frequentado foi o de Maio com 545 pessoas (dos quais, 446 eram americanos, 48 canadianos e 25 ingleses).

Em São Miguel (e, por consequência, em Ponta Delgada) conhece-se dois tipos de turistas: os que estão de passagem e os emigrados que, de vez em quando, voltam de visita à terra natal. Os turistas dos cruzeiros e dos vapores luxuosos não são tidos em conta pela polícia dos estrangeiros, mas podem ser estimados aproximadamente pela estatística portuária (parágrafo 1.9.1.) que em 1964 regista o número de 15'103 passageiros em trânsito no porto de Ponta Delgada, dos quais, certamente, nem todos são turistas. O maior contingente de turistas é constituido pelos emigrantes, como o indica a estatística supra-citada. Com efeito, estes americanos, canadianos e ingleses são, na realidade, açorianos emigrados que tomaram a nacionalidade dos países para onde foram trabalhar (Estados Unidos, Canadá, Bermudas). O fac-

to de visitarem de preferência o país natal, relaciona-se com as grandes Festas do Santo Cristo (veja o comentário à Gravura 31). O turismo restante está ainda nos seus princípios, apesar dos esforços desenvolvidos pelo orgão oficial, a Comisão Regional de Turismo, e pela sociedade privada «Terra Nostra». (Ambos têm as suas agências de Turismo em Ponta Delgada, e «Terra Nostra» um hotel e a Casa Regional em Ponta Delgada, o hotel e o campo de golfe das Furnas, assim como o hotel do aeroporto e o restaurante do aeroporto em Santa Maria). As comunicações deficientes com o continente, os dois hotéis de 1.ª classe e umas quantas pequenas pensões não constituem, de forma alguma, infra-estruturas para um turismo em grande estilo. Este continua, por enquanto, a ser apenas um grande sonho dos Açores.

3. *Descrição histórico — genética*

3.0. *Século XV*

Os historiadores ainda não chegaram a um acordo em relação às datas exactas de descoberta dos Açores. Santa Maria foi, provavelmente, descoberta em 1427, e é de presumir que se tenha também chegado nesse mesmo ano a São Miguel. A colonização real e sistemática de São Miguel só começa, no entanto, em 1474 (Bibl. no. 50, 339 e pgs. sgs.) quando Rui Gonçalves da Câmara (filho do famoso João Gonçalves Zarco, descobridor e primeiro vassalo da Madeira) toma posse da Capitania de São Miguel e incrementa o povoamento com muita energia e habilidade. A figura 12a mostra o estado de urbanização da ilha no final do século e prova que muito se fez no espaço apenas de um quarto de século.

À primeira colónia, Povoação, logo se seguem outras, em toda a região litoral de São Miguel. Vila Franca do Campo é o posto do Capitão Donatário e assim se explica que seja a capital. Nos grandes dias de festa, os habitantes das outras aglomerações devem encontrar-se todos aqui a fim de participarem nas procissões. Este decreto, como nos relata o cronista Gaspar Fruc-

tuoso, em breve se torna uma pedra de tropeço (Bibl. no. 28): «Alguns anos depois do descobrimento e povoação d'esta ilha, era vila sòmente Vila Franca do Campo e a cabeça de toda ela, sem haver outra, senão alguns logares, como suas aldeias, em que havia juizes pedâneos e alcaides, e seus moradores eram obrigados a ir a ela todos os dias de festas principaes, em que havia procissões solenes. E, como no logar da Ponta Delgada moravam homens nobres e poderosos, onde tinham grossas fazendas e herdades de boas terras, que os Capitães d'esta ilha lhes deram, sendo ricos e prósperos, não estavam muito contentes por os obrigarem a ir a Vila Franca muitas vezes, em diversos sucessos»

Os colonos logo se aperceberam, pouco tempo após a ocupação da terra que a plataforma de Ponta Delgada é uma região muito atraente, graças ao seu relevo, à sua fertilidade e ao seu extraordinário acesso ao mar. Dentro de pouco tempo, como relata Fructuoso, encontramos já um grande número de famílias nobres e influentes, de grandes fortunas, a habitar a pequena aldeola original, que deve o seu nome de Ponta Delgada a uma extremidade vizinha (parágrafo 1.6.). Estas famílias começam a aceitar de mau grado o facto de serem obrigadas a deslocar-se a Vila Franca por ocasião dos numerosos dias de festa: Em 1499, por alturas do Corpo de Deus, estala, de facto o conflito aberto entre os habitantes de Vila Franca e os de Ponta Delgada, depois de um tal Pero Jorge de Ponta Delgada ter perturbado, de propósito, a procissão. Os naturais de Ponta Delgada têm então de fugir em direcção à praia a fim de subir para os barcos e pôr-se a salvo.

Ainda nesse mesmo ano, enviam secretamente a Lisboa Fernão Jorge, irmão do atrás mencionado. Fernão Jorge, em breve, regressa e traz para os seus concidadãos vitoriosos o Alvará da Vila, passado por El-Rei D. Manuel. (Bibl. no. 24)

3.1. *Século XVI*

Apesar do violento protesto de Vila Franca, o Alvará da Vila de 1499, exarado sobre simples papel, será renovado em 1507, mas desta vez sobre pergaminho. Agora, Ponta Delgada é mais ou menos independente de Vila Franca; mas as disputas entre as duas terras vão continuar. Os habitantes de Vila Franca, em especial cultivam sentimentos de hostilidade já que, como consequência e seguindo o exemplo dado por Ponta Delgada, muitas outras povoações da ilha exigem a autonomia. Desta feita são elevadas à categoria de Vila a Ribeira Grande em 1508, Nordeste em 1514 e Água de Pau em 1515.

Em Ponta Delgada se desenvolve então, de forma muito animada, grande actividade na construção civil. Surgem a Câmara Municipal, a Igreja Matriz de São Sebastião, a Igreja de São Pedro, o Convento de São Francisco, o Hospital e o Convento da Esperança. Em pouco tempo, a pequena aldeia de antes, que só contava com uma rua (a primeira rua litoral paralela à costa), vem a tornar-se uma cidade autêntica, transforma-se numa verdadeira cidadezinha. Fazendo ângulo recto com a dita rua (Rua dos Mercadores, gravura 15), constroem-se pequenas ruas laterais (Figura 7), às quais se há-de ligar brevemente um segundo disco de viação paralelo à costa. Vila Real ainda conserva o primado entre as vilas da ilha, pois ainda é a Sede do Capitão Donatário, do Tribunal de Comarca, e da Alfândega; além disso, é lá que se encontra o Padroeiro da ilha de São Miguel, São Miguel. Está na Igreja Matriz, erigida pelo Infante D. Henrique. No entanto, há dois factores que contribuem para a preeminência de Ponta Delgada durante o século XVI e que obrigam Vila Franca a recuar irrevogavelmente: A figura 12b (relativa à situação da agricultura nos finais do século XVI) mostra a enorme transformação que a paisagem de São Miguel sofreu no espaço de cem anos. Hoje em dia, apenas as regiões recônditas e elevadas da ilha se encontram ainda cobertas de florestas originais. Toda a larga cintura costeira se tornou numa única e grande superfície

agrária, produtora de ricas receitas. Em primeiro lugar figura a produção de pastel, quase tão importante como a cultura do trigo. A cana do açúcar desapareceu quase completamente; em jeito de compensação, começou-se a plantar batata doce e inhame. Encontramos então as primeiras videiras (qualidades europeias) e os primeiros pomares protegidos por muros ou sebes. Como consequência directa desta produção agrícola temos um comércio cada vez mais intensivo, primeiro com a metrópole, e logo também com comerciantes franceses, ingleses e flamengos (veja-se ainda a figura 10, perto de Angra do Heroísmo). Esta situação reclama a protecção dos piratas e é assim que surge uma série de fortificações ao longo de toda a costa. Refugiados políticos e perseguidos da religião vêm estabelecer-se, como comerciantes, em Ponta Delgada, que se desenvolve como centro comercial de São Miguel, visto o seu hinterland, a plataforma de Ponta Delgada, ser a região mais fértil da ilha.

A cidade recebe um grande impulso no seu desenvolvimento devido a uma catástrofe natural: no ano de 1522, Vila Franca ficou quase toda destruída após um terramoto. O Capitão Donatário muda, em seguida, a sua séde para Ponta Delgada. Em 1528, por ordem de Decreto Real, a Alfândega muda também para Ponta Delgada, «por ser porto de maior negócio».

Assim se decide a sorte de Vila Franca. A capital é onde estiverem os vassalos e a Alfândega. Na verdade, os Vilafranquenses fazem um requerimento em 1545, no qual exigem que a Alfândega seja retransferida para Vila Franca. Entretanto, o desenvolvimento de Ponta Delgada, começado com tanta energia, já não pára. Nos Paços do Rei, onde a importância dos Açores como celeiro de cereais e fornecedor de pastel é justamente apreciada, e onde se sente como Ponta Delgada foi, a seu tempo, estimulada a empreender maior actividade pela concessão do título de cidade, decide-se continuar a promoção da cidade. Em 1546 é descerrado o título de «cidade» a Ponta Delgada, sem que os

habitantes o tenham requerido. Gaspar Fructuoso relata com orgulho:

«El Rei D. João III de nome, a fez cidade de seu motu próprio, a 2 dias do mês de abril da era de 1546, estando em Almeirim». (Bibl. no. 14, p. 190/91, no. 21. 355 e pgs. sgs., no. 24, 25 e pgs. sgs., no. 50, 399 e pgs. sgs.)

O navegador italiano Pompeo Arditi, natural de Pesaro (Bibl. no. 6, 173 e pgs. sgs.) refere-se de passagem a Ponta Delgada na descrição da viagem que fez em 1567 e avalia o número dos habitantes em 8000 a 9000 pessoas, o que, sem dúvida, é exagerado.

Fructuoso (1522-1591) avança os seguintes números na sua obra Saudades da Terra (terminada em 1589):

Santa Clara	766*
São Sebastião	3579
São Pedro	1130
Ponta Delgada	5475

*sem contar ainda com os 280 soldados do Castelo de São Braz.

Fructuoso descreve, seguidamente, como a insignificante aldeola de ainda há pouco se torna primeiro em Vila e, finalmente, na Cidade de Ponta Delgada: uma distinta e grande cidade, povoada de cidadãos nobres e ricos, recheada de edifícios belos e valiosos, fortificações poderosas, comércio animado e visitada por muitos barcos estrangeiros (Bibl. no. 28, 302 e pgs. sgs.):

«A nobre e populosa cidade de Ponta Delgada, tão célebre com generosos e poderosos moradores, tão rica, provida e abastada com fortaleza e baluartes e cubelos, tão acrescentada com custosos edifícios e casaria, tão religiosa com sumptuosos templos e mosteiros, tão visitada e acompanhada dos naturais da terra, quasi sempre frequentada de navios e infinita gente forasteira, em todo o tempo — primeiro foi solitário ermo, saudoso lugar e po-

bre aldeia, e depois pequena vila, e que agora é grande, rica, forte e tão afamada cidade».

Como construções do século XVI, devemos ainda mencionar o Porto de São Braz, o Cais da Terra ou Cais Velho (Figura 5) e o Mosteiro de Santo André (hoje Museu). Sobre o pequeno porto perto do Castelo de São Braz (Grav. 32), assim nos relata Fructuoso:

«O porto d'ela é de boa ancoragem e sempre frequentado de muitos navios, principalmente no verão, que trazem muitas mercadorias de vários Reinos de fora e levam as da terra, além de outros que de diversas partes passam por ele, de caminho. E muito bom, com dois custosus e fortes caes, que servem de muro, e um d'eles de despejos de mercadorias, com que se reporte em dois». (Bibl. no. 20, 370 e pgs. sgs.)

Finalmente, o explorador holandês Jan Huygen van Linschoten (Bibl. no. 43) dá-nos uma das raras imagens dos primeiros tempos de Ponta Delgada, quando se refere à extraordinária produção de pastel na ilha e ao importante comércio; observa também que a cidade não tem verdadeiro ancoradouro seguro para os navios comerciais, independentemente do já citado pequeno Porto de São Braz. Tal facto, infelizmente, verificar-se-á ainda duramte cerca de mais três séculos:

«S. Michael insula... quarum primaria Punta del Gada dicta, comercio Anglorum, Scotorum, Gallorumque, Tercera multo frequentatior quod ibi Pastelus longe uberibus proveniat, quam vel in Tercera vel adiunctis reliquis insulis omnibus, cum in ista quotannis pasteli ultra 20'000 quintalia parentur et colligantur. Agris frumentiferis adeo abundat, ut ex sola hac interdu caeterae omnes insulae commode alentur. Portum aut receptum tutum nullum habet, naviumque statio in aperto mari agitur».

Resumindo, verificamos que o século XVI representa uma era extraordinariamente rica em acontecimentos para Ponta Delgada, cujo desenvolvimento é, em boa medida, consequência e função

do primeiro e grande florescimento da Agricultura de São Miguel (pastel e trigo). O terramoto de Vila Franca, como factor histórico, é de importância secundária.

Mais cedo ou mais tarde e independentemente desta catástrofe natural, Ponta Delgada teria, sem dúvida, alcançado a predominância já pela situação geográfica que ocupa, já pelo potencial agrícola de que goza.

3.2. *Século XVII*

A figura 12c documenta a paisagem agrícola de São Miguel nos finais do século XVII: o pastel desapareceu completamente em consequência do surto do indigo e a cultura do trigo diminuiu fortemente. Em seu lugar, começou-se a plantar milho; iniciou-se ainda a cultura do linho e é então que deparamos com as primeiras laranjas.

O começo da emigração para o Brasil faz-se sentir em todo o arquipélago dos Açores. A construção civil continua em Ponta Delgada: surgem então a Câmara Velha, o Colégio dos Jesuítas, o Convento da Conceição, e o Convento dos Gracianos (hoje o Tribunal, (Gravura 45 e 46).

A cidade tem 6040 habitantes em 1640 (Bibl. no 14, 191). Frei Agostinho de Mont'Alverne (Bibl. no. 50, 351) indica, para os finais do século, o número de 7740 pessoas.

3.3. *Século XVIII*

Na figura 12b, verificamos um novo aumento de solo arável aproveitado. Da floresta original, só resta pouco; já começam as primeiras tentativas de reflorestamento (sobretudo de pinheiros). A cultura do linho progride e estimula a indústria têxtil. Inicia-se a cultura da batata e as primeiras laranjas são exportadas.

As Portas da Cidade são erigidas em 1783 (Gravura 14, 43, 49 e 50). O número de habitantes da cidade comporta 9200 pessoas no fim do século (Bibl. no. 50, 351).

De resto, tanto deste como do século anterior, escasseia a literatura que nos poderia facultar uma imagem da cidade de Ponta Delgada. O cronista daquele tempo, Padre António Cordeiro (1641-1722), copia em larga escala, na sua História Insulana (Bibl. no. 19, 182 e pgs. sgs.) os relatos do já mais que uma vez citado Gaspar Fructuoso (1522-1591).

3.4. *Século XIX*

Este século representa o segundo grande período de florescimento agrícola de São Miguel e é para a capital (Ponta Delgada) uma época de desenvolvimento intensivo, recheada de acontecimentos: A cultura da laranja desenvolve-se imenso em pouco tempo e alcança uma importância inesperada (os Açores são, durante décadas, os principais fornecedores de laranja à Grã-Bretanha), devido ao surto de um parasita (introduzido com a importação de novas qualidades) mas recua de novo repentinamente. As cepas europeias voltam para trás e são logo substituídas por qualidades americanas. Inicia-se a criação de pastagens artificiais e a importação de vacas leiteiras. Introduzem-se também pela primeira vez as culturas da beterraba, da batata doce, do tabaco, do chá, da espadana e do ananás. São Miguel dispõe assim de considerável escolha de produtos agrários e estes exigem, consequentemente, a criação de indústrias transformadoras. Numerosas empresas industriais surjem já na segunda metade do século XIX e muitas fábricas abrem nos princípios do século XX. A Fábrica de Tabaco Micaelense é fundada em 1866; segue-se a Fábrica de Tabaco Estrela em 1882 e em 1885 é a vez da Fábrica de Cerveja.

Se Ponta Delgada podia, nos princípios do século, ser ainda descrita como uma cidade atrasada e no marasmo, o seu aspecto transforma-se agora poderosamente.

Com o comércio da laranja, há ingleses que vêm para São Miguel (o cemitério inglês em Ponta Delgada e alguns nomes de família ingleses, como por exemplo Read, constituem ainda hoje

testemunhos desse tempo), de modo que podemos já falar da primeira vaga de turismo. Edificam-se escolas, constrói-se o Cais da Alfândega e o Mercado do Peixe (Figura 5 e Gravura 2) e, o que é mais importante, no ano de 1861 dá-se início aos trabalhos de construção do molhe (o qual, é certo, só em 1942 estará definitivamente pronto). Ponta Delgada terá com isto recebido finalmente o porto de que necessita absolutamente por causa do seu regime dos ventos (Fig. 6). Assim se assegura a ligação com o mundo (Gravura 2 e Fig. 5).

Nos dois séculos passados, os Açores acusam números migratórios extraordinariamente altos, sobretudo para o Brasil, Havai e Estados Unidos. Muitos viajantes, comerciantes e cientistas de diversos países visitam os Açores no século XIX, de modo que descrições interessantes e concludentes não faltam, frequentemente ilustradas com mapas e gravuras. Eis aqui apenas uma pequena amostra de documentos relativos à cidade de Ponta Delgada:

Em 1806, o consul britânico desenhou um mapa da ilha de São Miguel, com um pequeno mapa especial do Porto de São Braz (veja-se: Gravura 32) e uma fotografia da cidade de Ponta Delgada (vista do mar), que ele dedica nos seguintes termos:

"To Sir Richard John Strachan, Knight of the Bath and Rear Admiral of the Blue. This Chart of the Island of St. Michael with Permission is most respectfully inscribed by his obedient Servant W. Harding Read, British Consul, Ponta Delgada July 22nd 1806». (Bibl. no. 66).

Thomas Ashe (Bibl. no. 9), cujo livro contém uma linda gravura de Ponta Delgada vista do mar, exprime-se sobre o problema do porto e apresenta uma proposta concreta de solução:

"Ponta del Gada, the city whence I write, is the principal theatre of this commerce (oranges). It appears exceedingly pleasant from the offing, and derives an air of dignity from the convents, which are numerous, and many of them considerable and handsome.

There is a mole for the protection of small vessels, but those of a larger size are compelled to ride at anchor in a poen road--stead. By deepering and enlarging the mole, however, it could be made capable of receiving vessels of a considerable draught of water, and by excavating the square of St. Francis, and cutting a canal between in and the mole, a large number of vessels could be accomodated, and this, at a small expense, would produce the greatest and most beneficiant effect to the island and its commerce. Till this improvement be effected, I cannot honestly recommend vessels of a great draught to visit this place".

O americano Webster (Bibl. no. 59) descreve a cidade como segue:

"The houses are generally three stories high, built of lava, and whitewashed... Glass windows have been used only within a few years, and they are even at this day comparativela rare... Since the increased intercourse between the Azore, Great Britain and the United States, an evident change in the manners of the islanders has taken place. A better taste in the construction and decoration of their houses has began to prevail... The streets are narrow, ill paved, and exceedingly filthy... The number of inhabitants in the city is variously estimated, at from eight to twelve thousand".

João Soares d'Albergaria de Sousa (Bibl. no. 56) relata:

«Ponta Delgada, o principal teatro do commercio Açorense, he Cidade mais consideravel, que a de Genebra, Capital da Republica d'este nome, e pode ainda ser mais celebre. Seus habitantes (os Pontadelgadenses) mui abastados em geral, sam 20'000, segundo o ultimo assento. Elles sam mui abundantes de todas as producçõens vegetaes, e animaes de terra e mar. O pastel, tabaco e assucar fizeram sua antiga opulencia, hoje a faz a laranja, o milho, o trigo e legumes».

Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque (Bibl. no. 3 indica para Ponta Delgada no ano de 1826 uma população de 13383 e la-

menta o facto de a cidade não poder oferecer um ancoradouro seguro:

"Se a ilha offerecesse aos navios hum abrigo cómodo e seguro, a sua posição geográfica, a natureza dos seus productos, e até o numero, e a variedade das suas importações attrahirião a ella grande copia de navios e traficantes. São Miguel porém não tem porto, pois tal se não pode chamar o fundeadouro em frente de Ponta Delgada, que desabrigado para todos os ventos dos quadrantes de SO e SE, e mal protegido contra os do NO, apenas contra os ventos de N até E offerece hum asilo toleravel... A construção do porto seria para a ilha de hum interesse incalculavel».

O capitão Boid (Bibl. no. 12) não parece lá muito entusiasmado com Ponta Delgada:

"I confess, I was disappointed with its appearance from the water. It is far from picturesque, exhibiting a compact uniform mass of bright-looking buildings on the borders of the sea, varied only by the remarkable undulation of conic hills, rising from behind the town... The city contains 22'000 inhabitants, and evinces a considerable degree of wealth, activity and industry, when placed in comparison with the rest of the Azorean towns... The first defect that forced itself on my attention, was the diabolically neglected condition of the pavement".

Os dois Bullar (Bibl. no. 15) escrevem:

"There are said to be as many as from one to two hundred English in Ponta Delgada... The streets of Ponta Delgada are narrow... The basement of the houses is used for shops, storehouses, or stables. The shops are lighted from the door, and have no windows... The water is conducted to Ponta Delgada by pipes from a reservoir in the mountains... Two newspapers are published in this town".

O capitão Vidal (Bibl. no. 68) acrescenta ao seu mapa de São Mi-

guel uma planta de Ponta Delgada espantosamente precisa, e em cuja segunda tiragem já se tem naturalmente em conta a construção do porto. (Gravuras 34 e 35). É de supôr que o súbdito britânico se tenha apoiado na planta da Cidade tirada por António Ferreira Garcia de Andrade em 1831 (Bibl. no. 67).

M. Borges de F. Henriques (Bibl. no. 30) compara Ponta Delgada com as outras duas cidades dos Açores e relata seguidamente sobre a construção do porto:

"Although much larger than Horta or Angra, its appearance from the sea is neither so fine nor so picturesque... A work of vast magnitude and importance, not only to the island itself, is now under construction. It is a dock, or breakwater, or rather a combination of both, to protect the shipping... It has already cost a great sum... and is not more than a third done. There has been, and is still, a great deal of grumbling about this work, not only at St. Michael's itself... The dissatisfaction of some arises from their old-fashioned ideas, while that of others is prompted by a litle jealousy".

No ano de 1867, o Arquivo Pitoresco publica uma fotografia de Ponta Delgada (Grav. 36), na qual aparecem o Cais Velho (Cais da Terra) e o Cais Novo (Cais da Alfândega), as Portas da Cidade e a Igreja Matriz.

No seu Album Micaelense, Joaquim Cândido Abranches (Bibl. no. 1), publica uma série de gravuras da ilha de São Miguel e, em especial de Ponta Delgada. Estas talvez sejam em parte um tanto fantasiosas, mas como material comparativo são muito instrutivas e valiosas, e daí que algumas delas aqui vão reproduzidas (Gravuras 31, 41, 43, 45, 47 e 49).

Abranches informa, entre outros aspectos, sobre o tráfego no porto de Ponta Delgada: no ano de 1864 entraram ao todo 523 barcos (196 portugueses, 303 ingleses e 24 de nacionalidades diversas) com uma tonelagem na ordem das 72'264t e com uma tripu-

lação de 4949 homens. Relativamente à exportação de laranjas, Abranches avança a estatística seguinte:

1849/50	79'771	caixotes *
1850/51	185'969	
1851/52	114'207	
1855/56	123'329	
1856/57	100'079	
1857/58	179'922	
1858/59	139'858	
1859/60	262'086	
1860/61	209'263	
1861/62	198'894	
1862/63	161'315	
1863/64	225'549	
1864/65	197'758	

* cada caixote com cerca de 900 laranjas.

Em 1865, publica-se em Paris uma Description nautique des Açores (Descrição náutica dos Açores), que, mais tarde, é continuamente completada. (Bibl. no. 41) Em 1867, consta nomeadamente que:

"La jetée du port artificiel est actuellement terminé sur une longueur de 580 mètres. Elle sera prolongée jusqu'à 860 mètres et abritera de tous les vents une superficie de 24 hectares avec 10 mètres d'eau à l'entrée, 6, 7 et 8 mètres à l'intérieur. Dès aujourd'hui, il peut entrer dans le port des navires de 7 mètres de tirant d'eau... Le dock flottant que l'on construit à Ponta Delgada est terminé et peut recevoir des navires de 1500 tonneaux, mais la localité est encore dépourvue d'ateliers et de matériaux de réparations".

Rupert Swindells (Bibl. no. 57) refere-se às comodidades para turistas, que já existem em número espantoso:

"There were many shops of every description, some very good, where english, portuguese and french goods can be purchased...

In the city there is a good club, to which strangers are admitted on easy terms, with salons, billiards, cards, chess, reading room, portuguese and strange journals... Connected with the Café Central there is a boarding-house, precided over by an english lady... And there are several portuguese hotels".

Walter Frederick Walker (Bibl. no. 58) ocupa-se pormenorizadamente da produção de laranjas e do comércio com a Inglaterra:

"The first exports of oranges were made in 1751, when four boxes were sent in a sailing vessel to Cork. From this period the cultivation of the orange tree seems to have been systematically carried on, for in 1802 nearly 40'000 boxes of oranges were shipped to London alone. Until about eight years ago, an average of 500'000 boxes, each containing from 350 to 400 oranges, was annually sent to the English markets from S. Miguel alone, and represented the staple export of the island. The present shipments, however, barely reach one quarter of the former production, and the islanders are anxiously asking themselves wether the increasing quantities which come into the English markets from the Mediterranean ports of Spain, Sicily and Portugal, will not, as in the case of Terceira and Faial, altogether extinguish their trade. The St. Michael orange, however (of first quality) has no European rival, and must ever be preeminent for the finesse of its quality, and surpassing sapidity".

Do livro de Walker provêm também, de resto, a linda fotografia com o portão da Matriz e os trajes típicos de São Miguel (Gravura 44).

Júlio de Castilho (Bibl. 17) refere-se ironicamente ao dinheirão que a construção do porto tem custado. Mesmo que a doca tivesse custado o dobro, graceja ele, ainda assim teria ficado barata, já que foi através dela que Ponta Delgada enfim se interessou um pouco pela civilização:

«Agora tem uma doka magnífica... d'antes não era assim. Medonha coisa! Abençoada a nova doka, tanto custou! Pois se cus-

tasse o dobro, ainda era barata... As boas carreiras de vapor abriram o appetite das viagens, e o opulento proprietário vai a Paris ou Londres beber uns copos espumantes de civilização, elle que d'antes apenas ia até à quinta ver incaixotar laranja». É compreensível que muito se tenha escrito sobre a construção do porto de Ponta Delgada. Entre outros, um tal R. Kettle (Bibl. no. 42) redigiu também uma relação pormenorizada sobre os trabalhos e sobre a capacidade do porto após estar concluído. Esta relação faz-se acompanhar de mapas e ilustrações.

Gabriel d'Almeida (Bibl. no. 5) ocupa-se da agricultura:

«Segundo o catálogo da secção portuguesa na Exposição de Paris, em 1878, a producção da laranja nos Açores, relativa ao anno de 1873 era representada pelos seguintes algarismos:

São Miguel	164'586 laranjas
Santa Maria	520
Terceira	43'261
Graciosa	50
São Jorge	6'360
Fayal	7'400
Pico	445
Flores	78
Corvo	5
Açores	222'705

A presença das doenças nos laranjaes data de 1834 com a lágrima, que em 1842 tomou proporções de epidemia na Ilha de São Miguel. Quando a Inglaterra apreciava muito o ananaz, insaiou-se na Ilha de São Miguel a sua cultura. O estabelecimento de estufas para o ananaz tomou grandes proporções, e a sua exportação, que parece datar de 1867 — 1868, com 427 fructos, elevou-se, no espaço de dez anos, a 34'524 fructos. A 8 de Março de 1878 chegavam à ilha dois chinezes, Lau-a-pan e Lau-a-teng, contractados para insaiarem e desinvolverem na ilha a indústria agrícola do cha».

No ano de 1893, o mesmo autor (Bibl. no. 4) informa:

«A cidade começou a ser illuminada a gaz no 1 de Abril de 1884... O governo subsidia uma carreira quinzenal de vapores, que actualmente são o «Funchal» e «Açor».. Temos portanto, que, a 9 e 15 de cada mes tem a ilha paquetes de Lisboa, os quaes depois de percorrerem a escala das ilhas voltam no dia 17 e 10 de cada mes».

Segundo Almeida, o número de barcos que em 1892 entraram no porto de Ponta Delgada é o seguinte: 169 portugueses, 178 ingleses, 5 alemães, 5 franceses, 14 americanos, 3 austro-húngaros, 6 noruegueses, 1 sueco, 2 espanhóis, 1 italiano e 5 russos, perfazendo um total de 389 navios. Em Ponta Delgada, estão representados diplomaticamente a nível consular os seguintes países: Alemanha, Grã-Bretanha, Hawai e Uruguai. Contam com vice-consulados a Áustria, a Bélgica, o Brasil, o Chile, a Dinamarca, a Grécia, a Espanha, a Holanda, a Nicarágua, o Paraguai, a Argentina, a Rússia, a Suécia, a Noruega e a Turquia. Os Estados Unidos, a França e a Itália têm agentes consulares. Em último lugar, tem a palavra J. V. Paula Nogueira (Bibl. no. 46):

«E a prisão de Ponta Delgada, a penitenciária da relação judicial dos Açores, desgracioso limoeiro que o mau gosto do architecto edificou n'aquela risonha beira-mar, para lançar uma sombra triste na alma do viajante que chega de longe... E também n'esta praça que fica o Hotel Açoriano, considerado como o principal de S. Miguel. É um edifício grande, com bons quartos, capaz de se transformar n'um excellente hotel, como desejam os seus proprietários, se com o cabo submarino, com o acabamento das obras da doca e com os melhoramentos que a Câmara projecta introduzir na cidade, augmentar a affluência de viajantes... As lojas em Ponta Delgada são um pouco encyclopédicas, como é próprio das cidades de província, mas começa já a produzir-se a especialisação, havendo lojas que só vendem artigos de escritório, outras que não expõem senão fazendas etc. O uso das carruagens está muito introduzido em São Miguel, sendo grande o

número de trens de aluguer e maior o das carruagens particulares, algumas sobremaneira luxuosas. Superior ainda é a quantidade de carroças ou vehículos de carga que circulam em toda a ilha, havendo actualmente, matriculados nos diversos concelhos 1408. Nas ruas da cidade vêem-se também, puxados por carneiros, muitos carrinhos que se empregam no transporte de pequenas cargas. Não menos vulgar é a condução de fardos ou outros objectos em carros de duas rodas, com um comprido timão puxado por um ou dois homens».

3.5. *Século XX*

Na primeira metade do século XX, vive-se em São Miguel sob o signo das duas guerras mundiais, da enorme emigração e da industrialização. Na figura 12f verificamos como a terra inculta regrediu a um mínimo e como os Serviços Florestais incrementaram o repovoamento florestal. Com a criação de pastagens artificiais, a leitaria e a pecuária recebem um extraordinário impulso e prosperam. Intensificam-se as culturas do ananás, do linho e do trigo. A plantação da batata de sementeira, amendoim e chicória constitui novidade. A indústria desenvolve-se em grande escala. Limita-se, na verdade, a destilação do álcool, mas em vez disso extrai-se o açúcar de beterraba. A leitaria acusa uma ascenção inesperada e situa-se, de par com o ananás, à cabeça das exportações micaelenses.

Durante a primeira guerra mundial, o porto de Ponta Delgada acusa uma frequência considerável e a cidade faz bom negócio com o abastecimento dos navios. No ano de 1916, três barcos alemães são sequestrados e em 1917 várias casas sofrem danos por alturas do bombardeamento de um barco de guerra alemão. Em 1918, os americanos constroem uma base naval em Ponta Delgada, que, de resto, será suprimida nesse mesmo ano. No dia 24 de Janeiro de 1918, um almirante entra no porto com uma frota de 40 navios e uma tripulação de 2200 homens. A cidade vive assim alguns meses muito movimentados. Encontram-

-se no porto depósitos de carvão, submarinos, navios e aviões e pelas ruas divagam centenas de americanos (Yankees).

1920 é o ano da electrificação de Ponta Delgada e o da fundação da companhia dos Carregadores Açoreanos. Em 1925, instala-se na cidade a primeira rede telefónica. Em 1930, o velho Teatro Micaelense incendeia-se e fica reduzido a cinzas. A Sociedade Terra Nostra, cujo alvo consiste em atrair turistas para São Miguel, é fundada nesta altura. Entre 1925-1935, vários pioneiros da aviação atlântica (como Lindbergh, Balbo etc.) aterram na cidade de Ponta Delgada ou sobrevoam-na. Em 1942, dão-se os últimos retoques nos trabalhos efectuados no molhe, começados em 1861 (Bibl. no. 23, 1235 e pgs. sgs.)

A Segunda Guerra Mundial causa uma forte regressão na cultura do ananás, visto a Alemanha ser o principal importador antes da guerra. (Fig. 11b) Logo após a guerra, desenvolve-se grande actividade na construção civil: os Carregadores Açoreanos constroem o novo Teatro Micaelense entre 1946 — 1951 (Gravura 48). Em 1948, inaugura-se o bairro para trabalhadores Bairro Económico e, em 1953, o Bairro da Misericórdia. Em 1952, a Avenida Marginal é aberta à circulação. Entre 1959 — 1965, melhoram-se as instalações do porto, em parte a pedido e à custa da OTAN. Em construção, encontram-se por ora o Palácio da Justiça, uma filial do Seminário Católico de Angra, o novo edifício da Alfândega e a nova Fábrica Moaçor.

Estão planeados um grande Hotel de 2.ª classe (já existem dois de 1.ª classe), a nova Escola Comercial e Industrial, o engrandecimento do Liceu, um edifício administrativo de Seguros Sociais e de Saúde, assim como depósitos de carburante para a OTAN.

4. *Planificação e futuro*

4.0. *Necessidade de planificação*

Ponta Delgada está sobrepovoada e acusa a existência de condições sociais insalubres (parágrafo 1.7.). Ponta Delgada tem fal

ta de superfícies para parques e as condições do tráfico são caóticas (parágrafo 1.9.0. assim como as figuras e gravuras respectivas). O porto de Ponta Delgada encontra-se numa espécie de sono de fadas, se o compararmos a outros portos insulares atlânticos com situação geográfica e hinterland idênticos (parágrafo 1.9.1.). O aeroporto de Ponta Delgada tornou-se completamente insuficiente (parágrafo 1.9.2.). Ponta Delgada deve precaver-se em relação ao turismo futuro e é indispensável que a cidade seja modelada de maneira mais atractiva. É de justiça que, entre outras remodelações, se transforme a Avenida Marginal com plantações adequadas e outros melhoramentos. Esta avenida, vital para o trânsito, foi infelizmente até hoje deixada escalvada, num triste estado. Com os melhoramentos, tornar-se-á não só útil, mas também agradável.

4.1. *Planos existentes*

Em 1946 o arquitecto João Aguiar (Bibl. no. 2) redigiu um projecto pormenorizado para o planeamento da cidade de Ponta Delgada. Em seguida, este plano não saiu da gaveta e hoje está, naturalmente, mais do que ultrapassado.

A pedido da Direcção da Urbanização dos Açores, a Câmara Municipal encarregou o arquitecto Nereus Fernandes no sentido de rever o plano existente. Em 1962, levara-se previamente a cabo um importante levantamento com a colaboração dos empregados da Câmara Municipal (consulte-se a introdução). Este levantamento viria a fornecer resultados importantes e concludentes. Fernandes apresentou, em 1963, um projecto provisório (Bibl. no. 27), que prevê, no essencial, as seguintes medidas a tomar: continuar a Avenida Marginal e criar uma estrada de circunvalação da cidade; amplificar as ruas de passagem na City e construir duas estações rodoviárias a NO e a NE da cidade, para as carreiras de autocarro de e para a ilha; estabelecer zonas separadas para a indústria e para os bairros residenciais, entrecortadas por superfícies verdes; organizar a feira do gado perto

do matadouro; mudar de hospital; construir um grande parque desportivo (com estádio, praça de touros, ginásios, piscina e campos desportivos); uma nova prisão; novos edifícios para os bombeiros e para o exército.

J. J. Dumont, director dos serviços de planeamento urbano de Montreal e professor na Universidade da mesma cidade, estabeleceu-se há pouco na «Ilha Verde» e com ele deve ter acontecido o mesmo que se passa com a maioria dos visitantes de Ponta Delgada: ficou chocado ao dar com a Avenida Marginal, que é, em boa verdade, de construção grandiosa mas com um aspecto faustoso, escalvado e impessoal: «São Miguel... une île exceptionnellement verte! Mais pourquoi n'y a-t-il pas de verdure dans la capitale?». Dumont acha que a primeira impressão, que o recém-chegado colhe de uma cidade, é decisiva. E, no fundo, Ponta Delgada possui todos os elementos de que precisa para vir a ser uma linda cidade. A Avenida Marginal poderia ser completamente transformada com gastos relativamente pequenos: «L'Avenue Infante D. Henrique est, de par ses dimensions, appelée à devenir, lorsqu'elle sera dûment aménagée, une voie de circulation particulièrement agréable et une promenade de choix dont la renommée dans les temps équivaudra à celle de la promenade des Anglais à Nice». Dumont redigiu depois um projecto para a nova configuração da Avenida Marginal e ofereceu-o à cidade (Bibl. no. 25). Com meios muito singelos (árvores alternando com bancos, alegretes e canteiros de flores, repuxos), cujo critério de escolha teve em consideração a arquitectura local, o clima, a proximidade imediata do mar e as finanças da cidade, Dumont pretende obter um resultado, cuja eficácia não seja «pas destinée à créer un rideau de verdure, mais au contraire de permettre de tous les angles, une vue du merveilleux paysage visible de la baie de Ponta Delgada».

Infelizmente, tudo parece indicar que ninguém mais pensou no assunto em Ponta Delgada e que ninguém ponderou a sério as

propostas, excelentes e fáceis de realizar, da autoria de um paisagista experimentado.

4.2. *Realidade e futuro*

As propostas de Nereus Fernandes são, sem dúvida, fundadas e reflectidas. Com efeito, o arquitecto, no quadro da tarefa que lhe incumbiu, propõe uma solução digna de apreço para o problema de Ponta Delgada. Ora, os inconvenientes sociais e de técnica de viação daí resultantes são de tal modo complexos, que o planeamento e o saneamento, para serem funcionais a longo prazo e em condições optimais, não podem nunca ser aplicados apenas à cidade, mas têm de ser integrados dentro de um quadro mais vasto. Independentemente da planificação económica de toda a ilha de São Miguel (cujo espelho é, em última análise, a cidade de Ponta Delgada), deveria ser executado um planeamento regional que englobasse grosso modo a região costeira de Ponta Delgada — Subúrbios — Lagoa (que é a segunda das cidades industriais mais importantes da ilha).

Neste quadro, impunha-se depois que o postulado da descentralização (indústria e habitação) fosse aceite. É pouco provável que as indústrias existentes em Ponta Delgada possam ser levadas a mudar de sítio. Contudo, deveriam ser tomadas providências para que, de futuro, as novas indústrias já não sejam estabelecidas no interior da cidade, mas sim localizadas na região industrial descrita, enquanto que Ponta Delgada se reserva o terreno para a construção de casas, escolas, instalações desportivas e turísticas. Deste modo, o super-povoamento da cidade e as insuficiências de trânsito poderiam, de certo, ser parcialmente atenuados. E assim se poderia criar uma paisagem de recreio e repouso, como a sua necessidade se faz sentir para o turismo de amanhã.

No que respeita ao trânsito, a continuação da Avenida Marginal para leste trará consigo, sem sombra de dúvida, um descongestionamento sensível, visto que, como se demonstrou, o con-

tingente principal de trânsito serve a direcção de Ribeira Grande e Lagoa/Vila Franca. Além disso, é preciso encontrar, de alguma forma, parques de estacionamento no centro da cidade. Com estes parques, já é possível arejar as ruelas do centro que são extremamente estreitas, impossíveis de corrigir e se encontram impedidas por carros estacionados em permanência. Como aí os rés-do-chão das casas servem todos ora de loja ora de escritório, os habitantes que têm uma garagem à disposição para o seu automóvel, são uma minoria.

Para dar nova vida ao porto, seria preciso, antes de mais, acabar de vez com as ridículas barreiras alfandegárias entre o continente e os Açores assim como entre as ilhas entre si. Só então poderia pensar-se a sério na criação de uma zona de comércio livre segundo o modelo do das ilhas Canárias. Uma propaganda intensiva deveria, provavelmente, atrair cada vez mais cruzeiros e paquetes de luxo. Um próximo aeroporto capaz (independente de Santa Maria) é condição imprescindível para a intensificação da indústria e do turismo. Tanto é assim que, a título de exemplo, uma série de projectos de construção de hotéis continuam na gaveta à espera que as obras de construção do aeroporto enfim, comecem.

Quanto ao turismo, não está em causa apenas o facto, de ter de haver melhores comunicações e hotéis de todas as categorias; é preciso criar, antes de mais, uma região de recreio e repouso, em sentido lato, nos arredores da cidade. Os turistas exigem campos para a prática do desporto, possibilidade de tomar banho, restaurantes, locais de divertimento e uma cidade bonita e simpática.

Neste sentido, há muito a fazer em Ponta Delgada, o que certamente se deve em boa parte à questão pendente do aeroporto, que desencoraja numerosas iniciativas do sector privado.

Ponta Delgada possui numerosos elementos que poderiam fazer uma cidade de turismo *par excellence*. Para fazê-la avançar, não é preciso, como de resto o prova o projecto da Avenida de J. J. Dumont, nem grandes meios nem verbas especiais, mas tão somente fantasia, intuição e iniciativa.

5. Figuras

Figura 1 Mapa com vista geral do Atlântico
Figura 2 Mapa com vista geral dos Açores
Figura 3 Distrito de Ponta Delgada
Figura 4 Os seis concelhos da ilha de São Miguel
Figura 5 Desenvolvimento das instalações do porto de P. D.
Figura 6 Regime dos ventos em Ponta Delgada
Figura 7 Planta da cidade de Ponta Delgada (com trechos de vistas aéreas)
Figura 8 Preços de terreno por m2 (segundo Nereus Fernandes)
Figura 9a Densidade demográfica (segundo Nereus Fernandes)
Figura 9b Densidade de ocupação (segundo Nereus Fernandes)
Figura 10a Carreiras de autocarros urbanas
Figura 10b Transportes colectivos — Movimento diário (segundo Nereus Fernandes)
Figura 11a Postos das estufas de cultura do ananás em São M.
Figura 11b Exportação de ananás no período de 1926-1965
Figura 12 Evolução da agricultura em São Miguel (segundo João de Medeiros Constâncio)

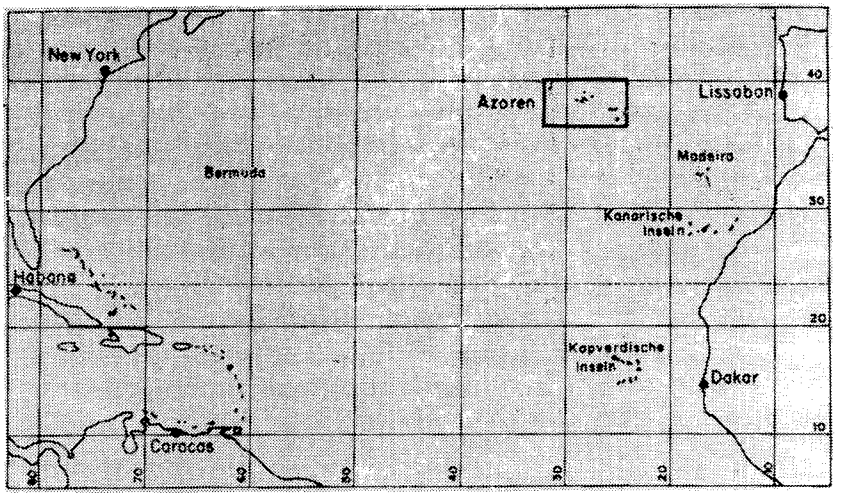


Figura 1: **Vista geral do Atlântico**

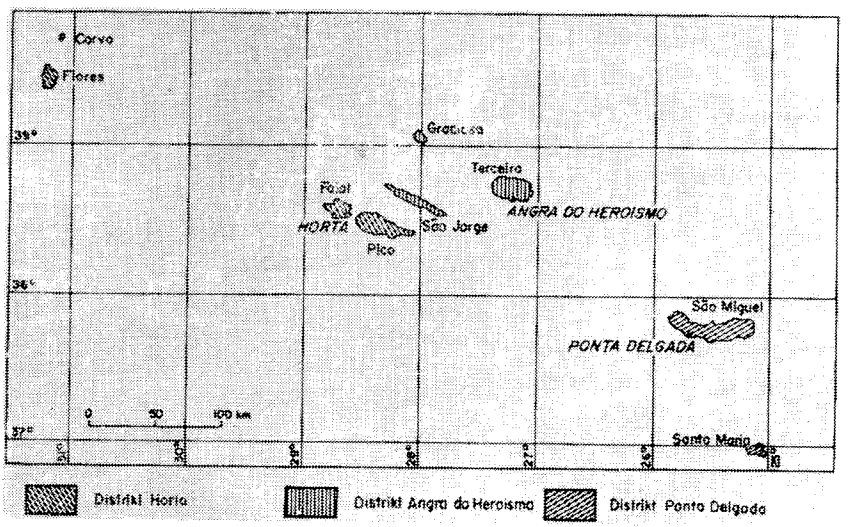


Figura 2: **Vista geral dos Açores**

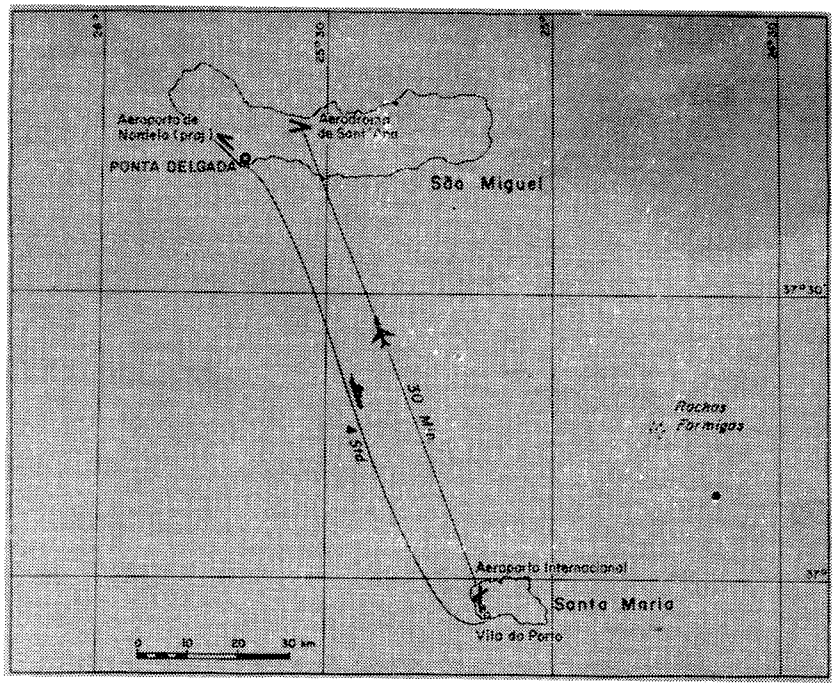


Figura 3: **Distrito de Ponta Delgada**

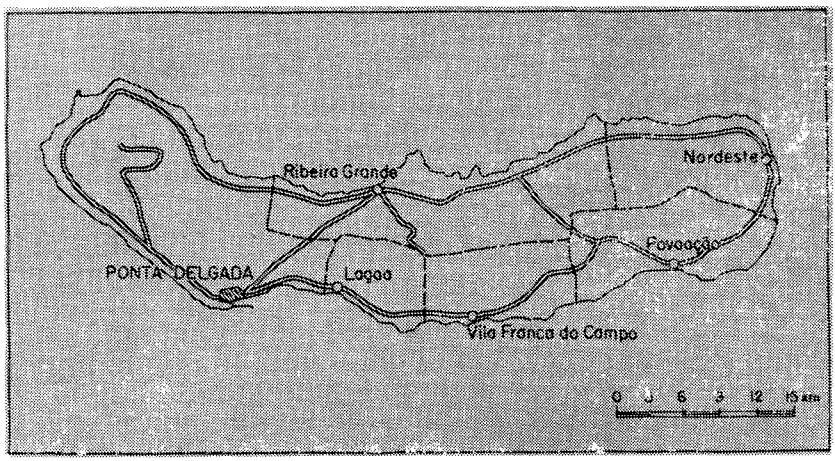


Figura 4: **Os seis concelhos da ilha de São Miguel**

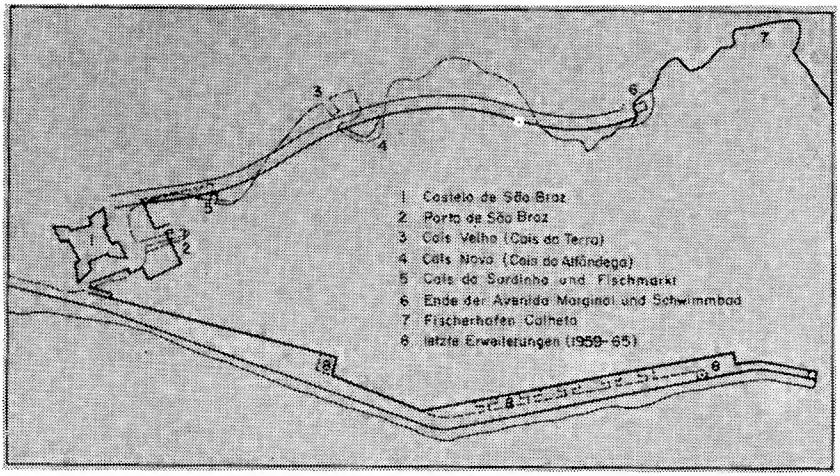


Figura 5: **Desenvolvimento das instalações do porto de Ponta Delgada**

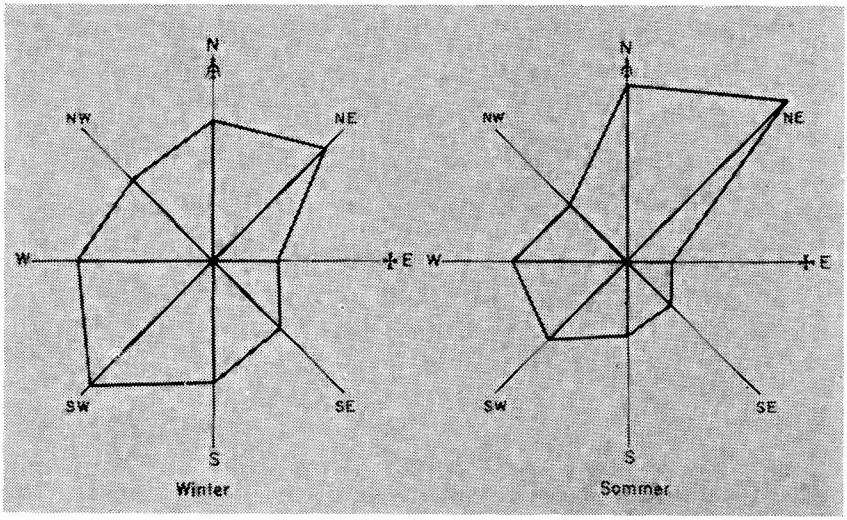


Figura 6: **Regime dos ventos em Ponta Delgada**

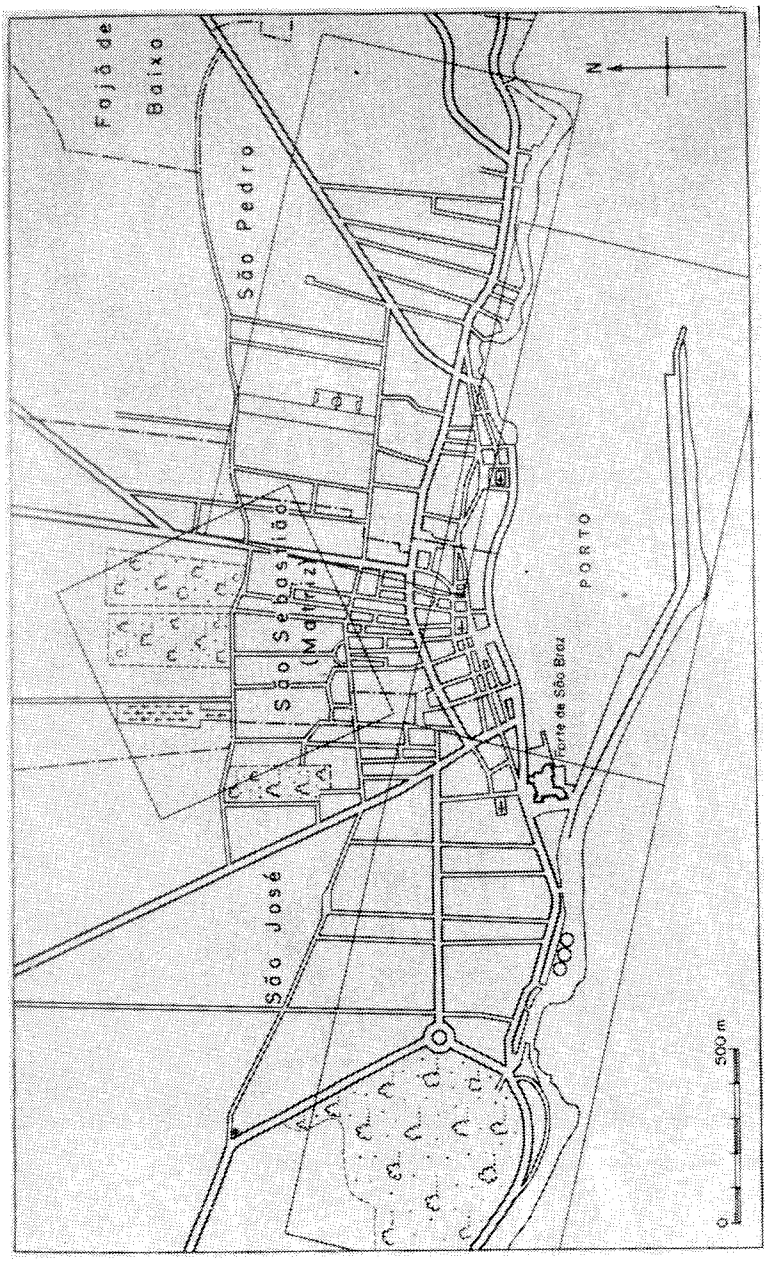


Figura 7: **Planta de Ponta Delgada (com aspectos aéreos)**

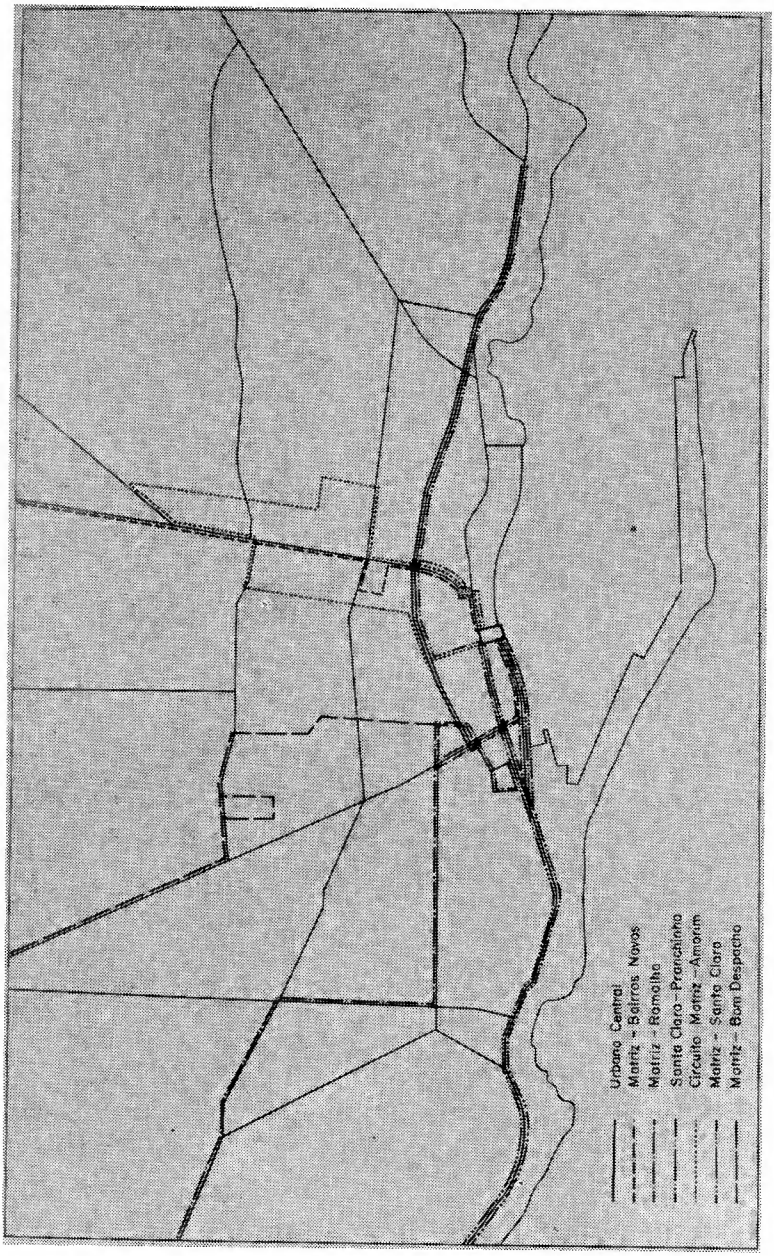


Figura 10a: **Carreiras urbanas de autocarros**

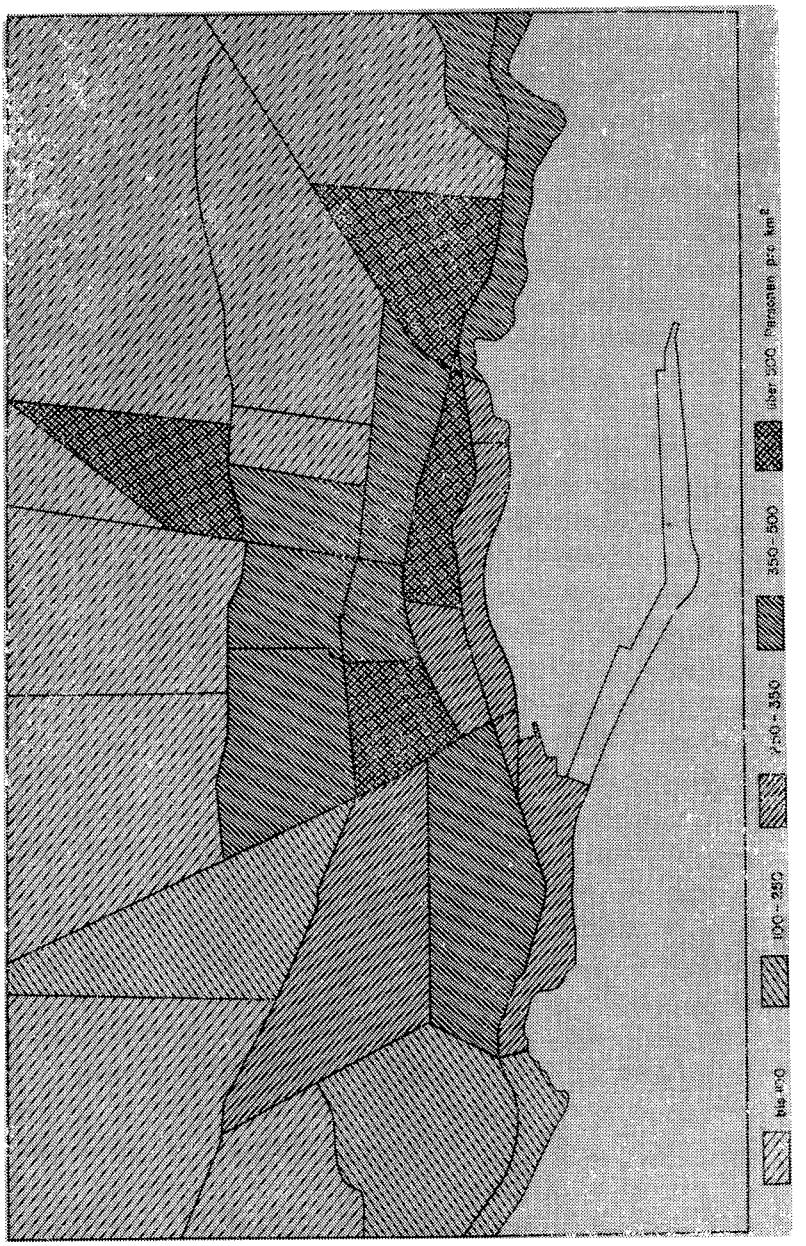


Figura 9a: **Densidade da população (Segundo Nereus Fernandes)**

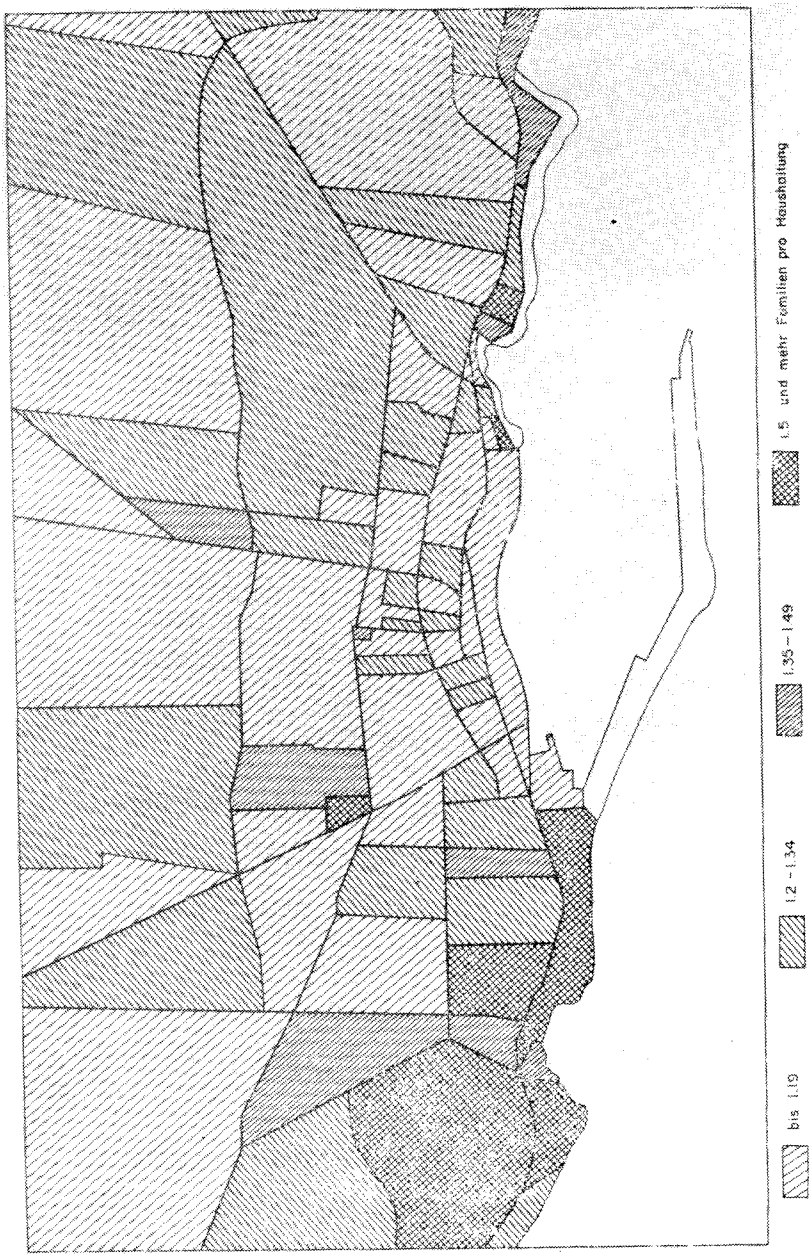


Figura 9b: **Densidade de ocupação (Segundo Nereus Fernandes)**

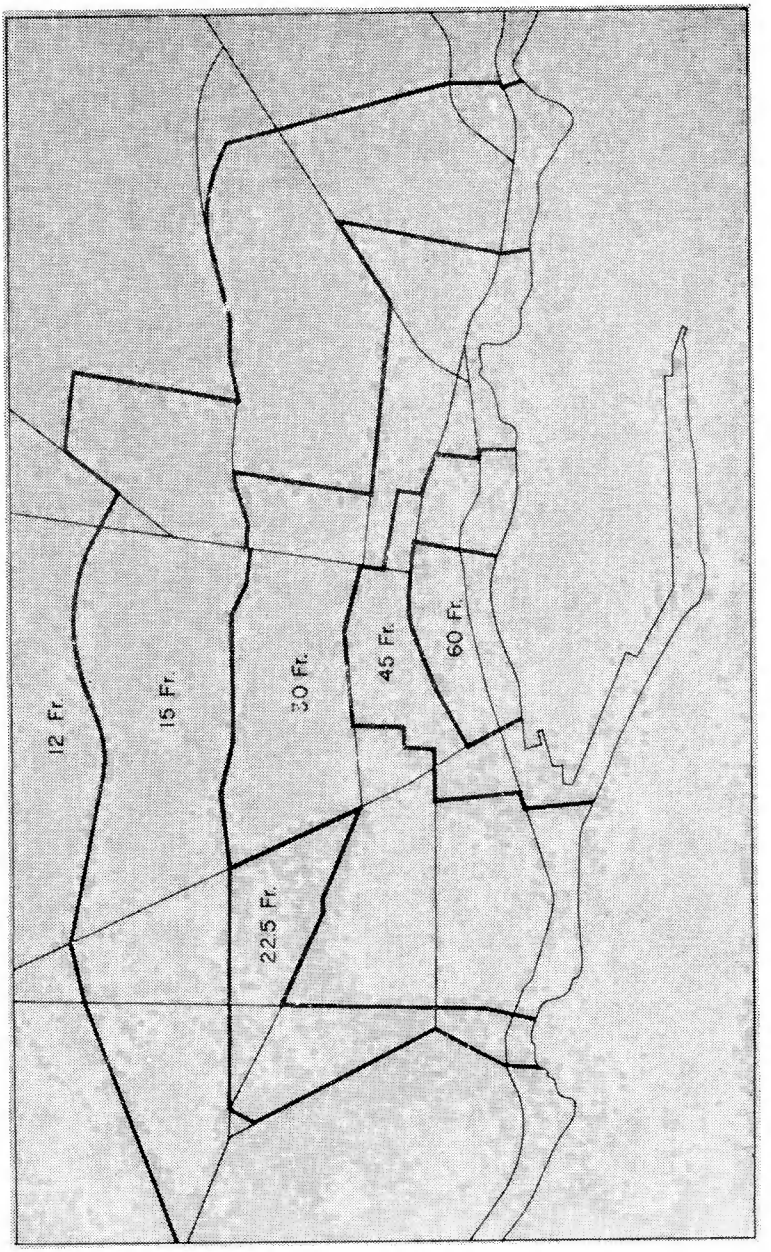


Figura 8: **Preços actuais dos terrenos por m2 (Segundo Nereus Fernandes)**

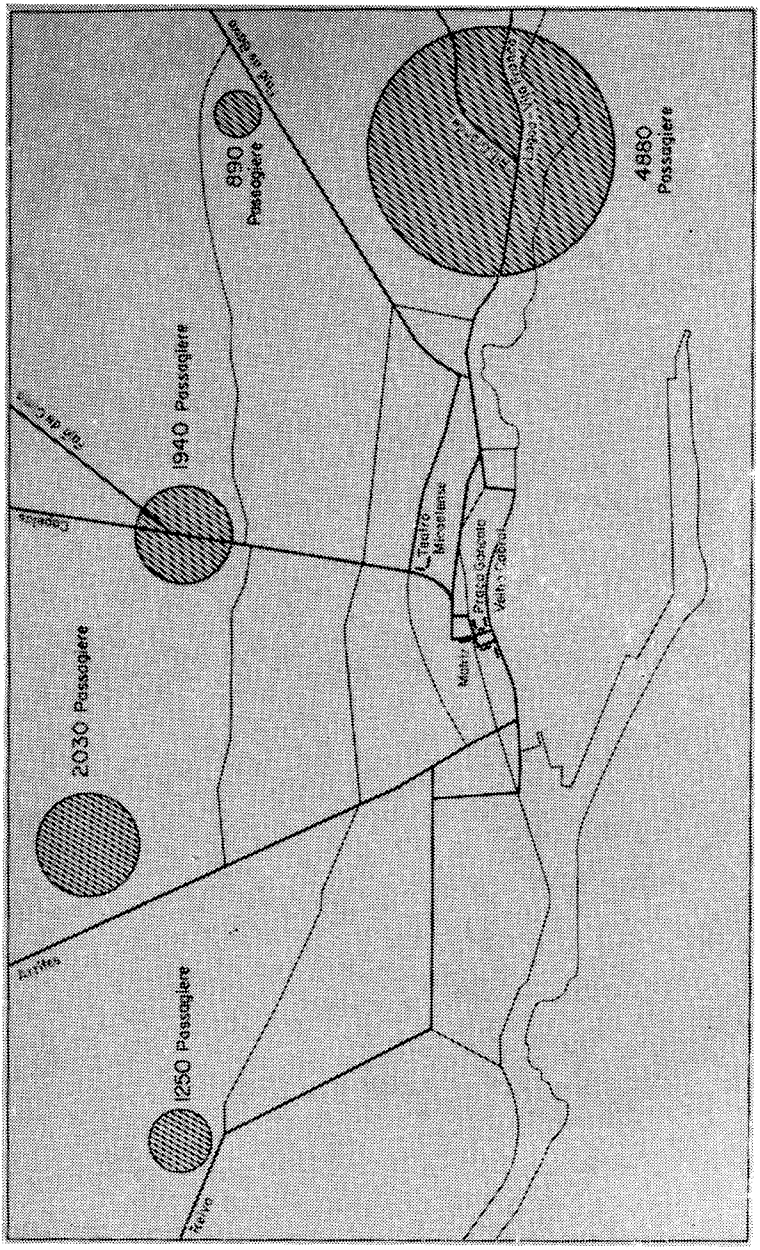


Figura 10b: Transportes colectivos (movimento diário, segundo Nereu Ferrandes)

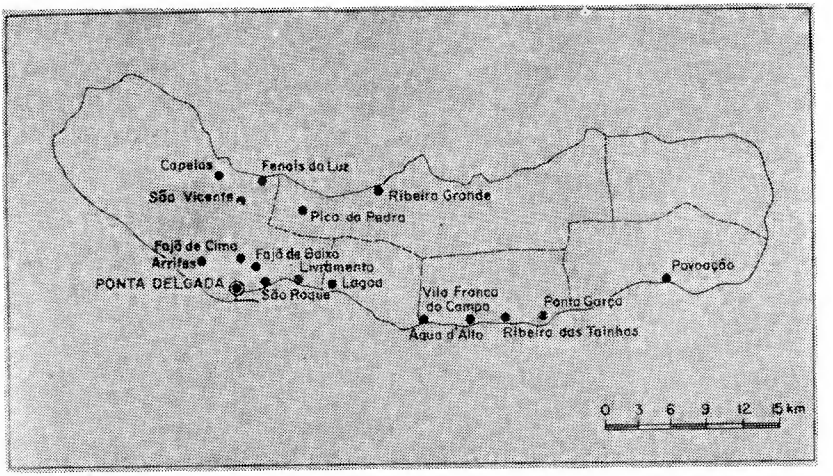


Figura 11a: **Distribuição de estufas da cultura do ananás em São Miguel**

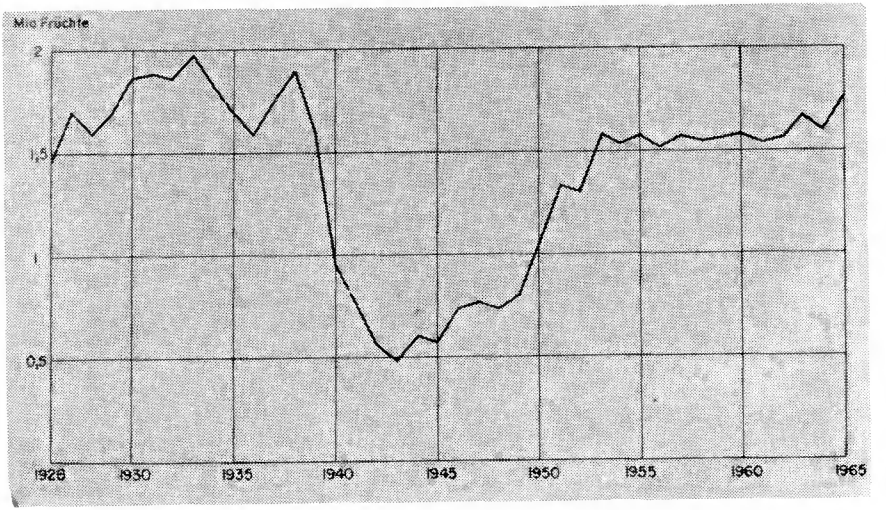


Figura 11b: **Exportação do ananás entre 1926-1965**

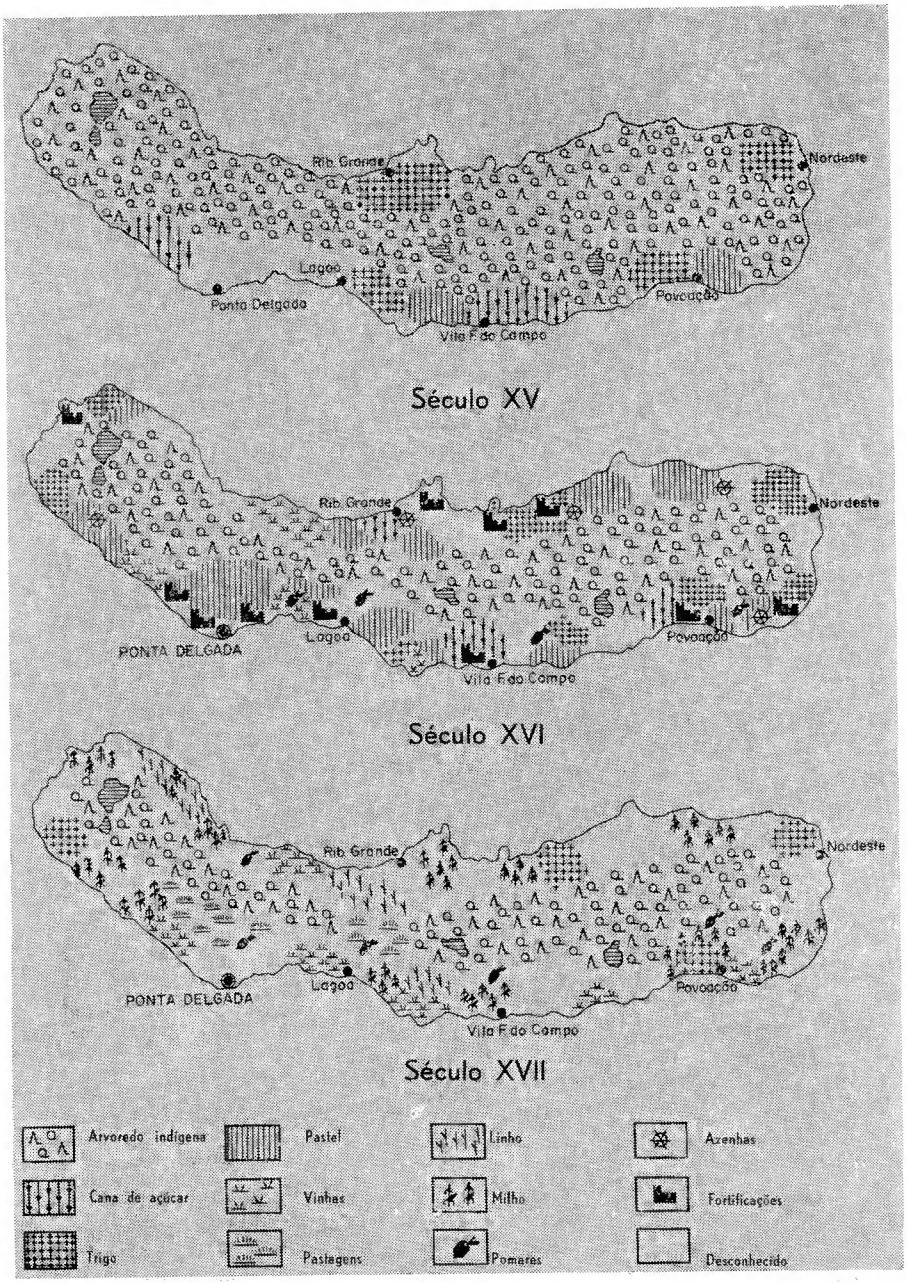


Figura 12: **Desenvolvimento da agricultura em São Miguel (Segundo João de Medeiros Constâncio)**

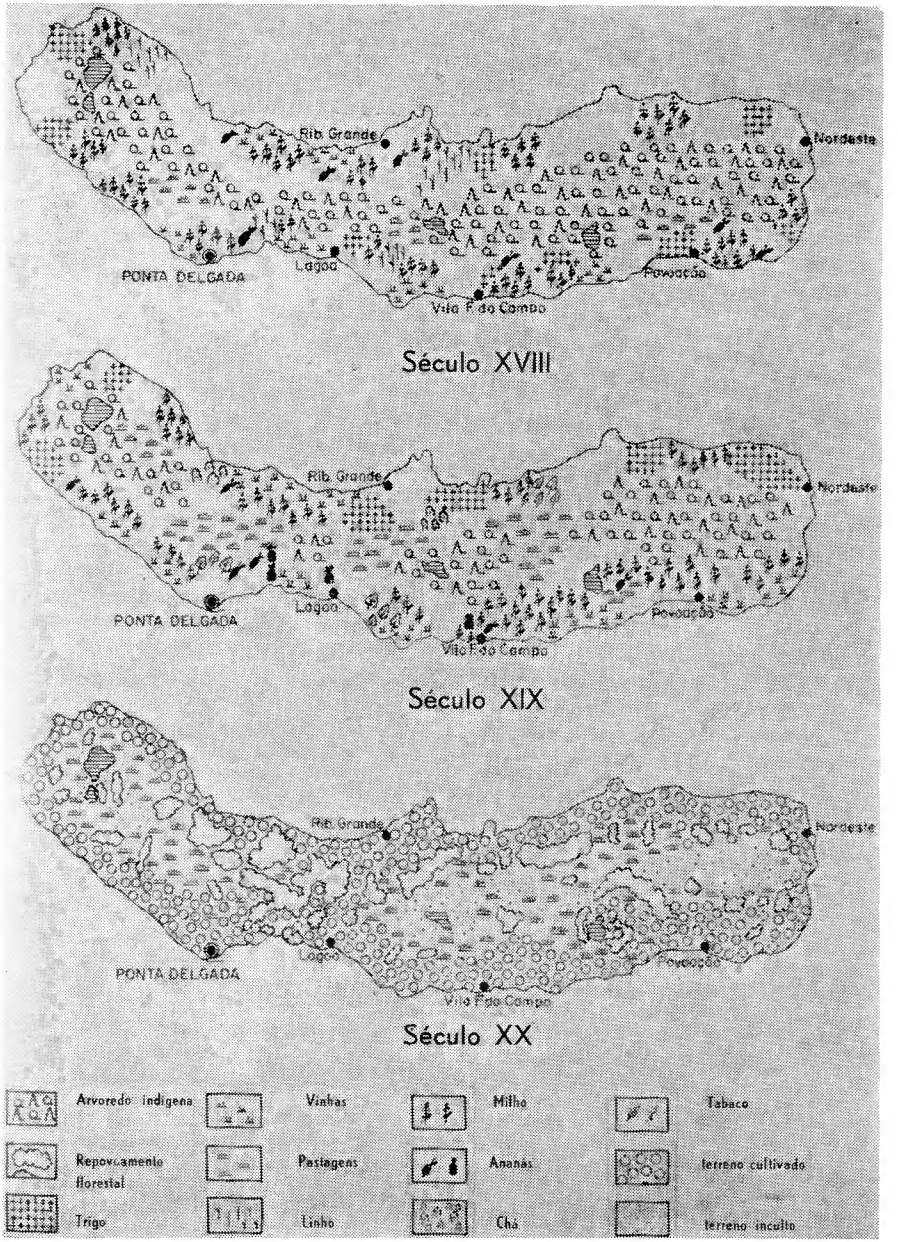


Figura 12: **Desenvolvimento da agricultura em São Miguel (Segundo João de Medeiros Constâncio)**

6. Gravuras

Gravura 1: Vista aérea de Ponta Delgada (zona industrial na parte ocidental da cidade).

1. Parque Diniz Mota, popularmente «Mata da Doca», com o molhe e um lugar destinado à prática de desportos. 2. O velho matadouro. 3. Bairro Económico (bairro operário). 4. Fábrica de Açúcar. 5. Depósito de óleo. 6. Fábrica de Tabaco Estrela. 7. Fábrica de Tabaco Micaelense. 8. Coliseu Micaelense (Teatro e Cinema) 9. O antigo convento de S. Francisco, (noutros tempos, mosteiro dos franciscanos), hoje, sede do hospital. 10. Convento da Esperança. 11. Castelo de S. Braz, sede do Comando Militar dos Açores. 12. O antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição, hoje Governo Civil e Junta Geral. 13. Fábrica de Cerveja. 14. Praça de Outubro.

Gravura 2: Vista aérea de Ponta Delgada (Instalações do porto antes da construção da Avenida Marginal).

1. Liceu Nacional de Ponta Delgada. 2. Os já demolidos: Cais da Sardinha e Mercado do Peixe. 3. Molhe Salazar. 4. C. T. T. Edifício em construção. 5. Igreja Matriz. 6. Cais Velho e Cais Novo. 7. Igreja de S. Pedro. 8. Porto de pesca Calheta.

Gravura 3: Vista aérea de Ponta Delgada (Parte oriental da cidade).

1. Teatro Micaelense em construção. 2. Mercado Agrícola. 3. Antigo Convento dos Gracianos, hoje Tribunal Judicial. 4. Mercado do Gado. 5. Observatório Meteorológico. 6. Campo de futebol. 7. Igreja Mãe de Deus. 8. Porto de pesca Calheta. 9. Rádio Marconi. 10. Penitenciária (prisão). 11. Fábrica de Lacticínios Loreto. 12. Celeiros (silos de cereais). Todos os rectângulos brancos representam estufas de ananás.

Gravura 4: Vista aérea de Ponta Delgada (Parte norte da cidade).

1. Instalações desportivas do liceu. 2. Jardim António Borges. 3.

Cemitério. 4. Jardim Antero de Quental. 5. Jardim e Palácio Jácome Correia. 6. Jardim José do Canto.

Gravura 5: Aspecto da Torre da Igreja Matriz para NO.

A par dos grandes parques, Ponta Delgada está bem servida de jardins e entrecortada de zonas verdes, o que, de certo modo, vem aligeirar o seu aspecto reservado e severo. Na sua maioria, as casas estão caiadas de branco, com telhados de telha vermelha, janelas coloridas, portas guarnecidas de ombreiras e varandinhas estreitas.

Gravura 6: Trecho do Jardim Jácome Correia.

Este parque ostenta numerosas plantas exóticas de grande valor assim como um extenso lago. (Compare-se com a gravura 4).

Gravura 7: Vista do hospital que dá para o Castelo de S. Braz e para o porto.

Infelizmente, o gracioso e pequeno castelo de S. Braz (compare-se com a gravura 1) ficou gravemente desfigurado com a a construção de um quartel enorme e feio (Posto de Comando Militar dos Açores). No plano de fundo, reconhece-se o molhe com os guindastes assim como dois navios americanos e um alemão, da OTAN. Em primeiro plano, vê-se um troço da Avenida Marginal. Em baixo, à esquerda, perto do castelo, encontram-se os depósitos e oficinas do comando do porto, assim como a Casa dos Pescadores.

Gravura 8: Vista do Molhe Salazar, sobranceira à baía do porto e à cidade.

Ponta Delgada tornou-se importante ponto de apoio da esquadra da OTAN, após a amplificação do molhe do porto. Grandes depósitos de carburante devem ser construídos em tempo determinado. Em primeiro plano, à direita, reconhecemos dois

barcos de guerra americanos, enquanto que o navio-escola «Alemanha» vai partir. Ao fundo, vê-se a Igreja Matriz, a Avenida Marginal e o Seminário católico em estado de construção.

Gravura 9: Porto de pesca e Mercado do Peixe Calheta.

Se um dia a Avenida Marginal for levada mais longe, o porto de pesca e o Mercado do Peixe devem ter um destino semelhante ao Cais da Sardinha de outrora e respectivo Mercado do Peixe. (Fig. 5).

Gravura 10: Mercado Agrícola.

Este Mercado está aberto todos os sábados e domingos da parte da manhã e é especialmente útil no abastecimento de legumes e fruta. Atrás à esquerda encontra-se, além disso, um pequeno mercado de peixe; a cestaria fica à direita e está aberta durante toda a semana. Ao fundo, reconhece-se a Igreja de S. Pedro.

Gravura 11: Aspecto da Igreja de S. Pedro dando sobre a Avenida Marginal e o Hotel de S. Pedro.

Gravura 12: Avenida Marginal.

Da direita para a esquerda, reconhece-se: escritório e casa comercial, Hotel do Infante, o velho edifício da Alfândega, Praça Gonçalo Velho Cabral, escritórios e casas comerciais, C. T. T., a nova Alfândega, Comando do Porto. A Avenida servirá como deve ser, o trânsito de Ponta Delgada, logo que seja continuada para leste. Por enquanto, exerce praticamente a função de passeio e de parque de estacionamnto para estacionários permanentes. Dá-nos uma sensação de fausto e tem um aspecto pouco convidativo e lúgubre enquanto nela faltarem umas plantações e bancos.

Gravura 13: Aspecto do trecho final da Avenida Marginal com

vista sobre a piscina e a baía da Calheta (em plano de fundo).

É nesta direcção que a Avenida Marginal deverá um belo dia ser prolongada. É de presumir que a piscina e o porto de pesca sejam sacrificados.

Gravura 14: Praça Gonçalo Velho Cabral e Avenida Marginal.

O primeiro porto de Ponta Delgada situava-se mais ou menos neste sítio (compare com a fig. 5) com as Portas da Cidade. Estas foram demolidas por alturas da construção da Avenida Marginal e reconstruídas mais tarde a certa distância do lugar de origem. A Praça serve de estação rodoviária às carreiras de autocarros urbanas e regionais (Fig. 10a). À sua volta, há os bancos, as agências e os escritórios. À frente da Praça, vemos a estátua de Gonçalo Velho Cabral, descobridor da ilha de Santa Maria. A Praça, como já a Avenida, dá-nos uma sensação de rasa nudez, apesar do lindo desenho no pavimento empedrado.

Gravura 15: Rua dos Mercadores.

Uma das ruas mais antigas da cidade, paralela à costa. Rua de sentido único, aliviada grandemente do trânsito através da Avenida Marginal; encontra-se, porém, constantemente obstruída em virtude da permanência dos carros lá estacionados e da existência de passeios estreitos.

Gravura 16: Rua de Água.

Uma das inúmeras ruas de ligação unindo umas às outras as quatro artérias de trânsito paralelas à costa. Rua com sentido único· mas apesar disso, encontra-se sempre atravancada, pois, metade da rua transitável encontra-se ocupada em permanência por carros enquanto que a outra metade é reivindicada por peões e carros de burro. Os passeios mal têm a largura duma pessoa.

Gravura 17: Rua dos Reis.

Uma fotografia típica de Ponta Delgada desde que não seja tomada com o trânsito a monte. Esta rua é das mais percorridas da cidade, transitável nos dois sentidos, estrada da carreira do autocarro da «Urbana Central» (Fig. 10a) e a mais importante rua das lojas. Os autocarros que circulam todos os quartos de hora, nos dois sentidos, são vezes sem conta obrigados a realizar ultrapassagens e manobras de cruzamento, em distâncias que andam na ordem de grandeza dos centímetros.

Gravura 18: Rua da Misericórdia.

Através desta passagem estreita circulam todas as carreiras de autocarros que vão de Ribeira Grande e Lagoa/Vila Franca para o interior da cidade. A figura 10b indica que o maior contingente dos passageiros de autocarro vem desta direcção. Ora, a Rua da Misericórdia inteira e não só o seu começo, é toda ela um gargalo de garrafa, entupida durante o dia por inúmeros veículos de descarga e entrega a domicílio.

Gravura 19: Trânsito ao meio-dia na Rua Machado dos Santos.

Os peões evoluem pela rua, visto os passeios serem demasiado estreitos.

Gravura 20: Dia de Mercado em Ponta Delgada.

Todas as ruas nas proximidades da praça do mercado estão cheias de carros de burro e de carrinhos de mão. A isto, juntam-se os carros estacionados permanentemente, os peões, o trânsito privado e público. Não é admiração nenhuma que várias ruas se tornem quase intransitáveis aos sábados.

Gravura 21: Bairro económico.

Bairro operário em frente da fábrica de açúcar e imediatamente a seguir às instalações para secar o tabaco. (Gravura 1) Com-

preende 28 casinhas familiares com quintais e um grande largo interior. A situação do bairro é boa em relação ao caminho para o trabalho, mas por outro lado, menos ideal se tivermos em conta os ruídos e cheiros desagradáveis de ambas as indústrias citadas. O bairro foi inaugurado em 1948.

Gravura 22: Bairro da Misericórdia.

Foi inaugurado em 1953, está um tanto afastado das fábricas, e suas casas e jardins são mais pequenos, mais pobres e menos limpos que os do Bairro Económico.

Gravura 23: Fábrica de açúcar da U. F. A. A. (União das Fábricas Açoreanas de Álcool).

Foi, originalmente, uma destilaria de álcool; passou depois a ser fábrica de açúcar de beterraba após remodelação. Consegue cobrir as necessidades de açúcar do arquipélago inteiro e, além disso, exporta para a Madeira e para o Continente.

Gravura 24: Vista para o Norte tirada da Igreja Mãe de Deus.

Ao fundo, vê-se a série de vulcões orientada na direcção de Serra de Água de Pau partindo do maciço das Sete Cidades e passando pelo meio da plataforma de Ponta Delgada. Em primeiro plano, vêem-se as estufas de cultura do ananás (compare-se à gravura 3). Ao fundo, é Fajã de Cima.

Gravura 25: Vista de Ponta Delgada a partir de Fajã de Baixo.

Estufas de ananás a perder de vista. Bem ao longe, o molhe do porto de Ponta Delgada.

Gravura 26: Vista do interior de uma estufa, pouco antes da colheita.

Gravura 27: Carregamento de caixotes de ananás no porto de Ponta Delgada.

Gravura 28: Cabeçalho do jornal «Açoreano Oriental».

O jornal português mais antigo assim como um dos mais velhos da Europa. Fundado em 1835. Actualmente, sai uma vez por semana, com uma tiragem de cerca de 1 500 exemplares.

Gravura 29: Central térmica de Ponta Delgada.

Gravura 30: Vista de Ponta Delgada (tirado de: Thomas Ashe, History of the Azores on Western Islands, London 1813)

Uma das mais velhas representações de Ponta Delgada, com o maciço das Sete cidades ao fundo.

Gravura 31: Igreja de Nossa Senhora da Esperança (de: Joaquim Cândido Abranches, Album Micaelense, Ponta Delgada 1869).

A praça em que Abranches mostra a parada dos soldados perto do Castelo de S. Braz, chama-se hoje — Praça de Outubro e é, todos os anos na altura de Pentecostes, o local de realização das grandes Festas do Santo Cristo. Milhares de naturais de São Miguel vêm de outras ilhas, do continente, e até mesmo do Brasil, das ilhas Bermudas, da América e do Canadá para estas festividades em São Miguel. O clímax é atingido pela grande procissão, na qual se passeia o famoso andor do Senhor Santo Cristo dos Milagres pelas ruas, magnificamente atapetadas de flores. A estátua do Senhor encontra-se na Igreja da Esperança, que vemos nesta gravura e que ainda hoje ostenta as janelas gradeadas em madeira, como existia antes nos conventos açorianos.

Gravura 32: O molhe e o Castelo de S. Braz (tirado de: W. Harding Read, Chart of the Island of St. Michael, Ponta Delgada 1806).

No sítio onde se encontram hoje os armazéns e Oficinas do comando do porto e a pequena piscina do Clube Naval, existia outrora o porto de S. Braz (comparem-se as gravuras 1 e 2).

Gravura 33: Mercado do Peixe e Cais da Sardinha (de: Bensaúde & Co. Chart of the Harbour and Breakwater of Ponta Delgada, cerca de 1881).

O lindo pequeno mercado do peixe teve infelizmente de ceder o lugar à Avenida Marginal e continua até hoje substituído por uma solução provisória. Do Cais da Sardinha há uma parte visível sob a Avenida e ainda hoje é utilizado um pouco pelos pescadores (Fig. 3). Ao fundo, vê-se o molhe e uma pequena doca flutuante.

Gravura 34: Planta de Ponta Delgada (tirada de Captain A. T. E. Vidal, San Miguel, 1844).

Gravura 35: A mesma planta pertencente ao mesmo mapa, Edição de 1883.

Do molhe artificial, já existe uma boa parte; uma outra parte encontra-se em construção e o resto está projectado. Além disso, ficou registado como projecto o engrandecimento do porto de S. Braz (compare-se a gravura 32) e a construção de uma estrada costeira, ligando o Castelo ao Cais Velho.

Gravura 36: Vista da Cidade de Ponta Delgada, tirada da plataforma da doca (extraído de: Arquivo Pitoresco, 1867).

Reconhecemos a Igreja Matriz (a torre está sem o relógio), o Cais Velho, as Portas da Cidade e o Cais Novo (Gravura 2 e a Figura 5). Ao fundo, vê-se a conhecida linha vulcânica.

Gravura 37: Parte do porto original de Ponta Delgada.

Portas de arcada e fachada de azulejos são as derradeiras lem-

branças do velho porto pitoresco, que foi sacrificado pela construção da Avenida Marginal (compare-se a gravura 36 com a 38).

Gravura 38: Domingos Rebelo, Os Emigrantes.

O conhecido quadro encontra-se no Museu Carlos Machado e mostra uma cena típica dos Açores, quase já com cem anos: a despedida dos emigrantes. É, além do mais, uma excelente representação do velho porto; com os despejos de entulhos e construção do porto, destruiu-se, sem dúvida, um dos mais belos recantos da cidade. (Compare-se a gravura 36 à 37).

Gravura 39: Vista aérea de Ponta Delgada (cerca de 1940).

Reconhecemos o edifício da Alfândega, o Cais Novo, as Portas da Cidade, o Cais Velho, o Cais da Sardinha, o Mercado do Peixe e a plataforma em betão perto do castelo, onde hoje existem depósitos e oficinas da capitania do porto. Além disso, também é visível o sítio onde hoje se encontram os C. T. T. (compare-se com a figura 5).

Gravura 40: Vista aérea de Ponta Delgada (cerca de 1940).

Da esquerda para a direita: as Portas da Cidade, a torre da Igreja Matriz rematada pelo relógio, Cais Velho, Cais Novo, Alfândega e a linha do casario que, originalmente ficava logo à beira da água e hoje se encontra situada consideravelmente mais no interior devido aos entulhos e à construção da Avenida Marginal (compare-se à gravura 42 e à figura 5). Ao fundo, está o maciço das Sete Cidades e a série de vulcões; à direita, perto do «flutuador do hidroavião», fica a extinta Igreja do Convento dos Gracianos, onde está hoje instalado o Tribunal Judicial (comparem-se as gravuras 45 e 46).

Gravura 41: Vista da doca (extraído de: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense, Ponta Delgada, 1869).

Vista tirada da prisão para a baía da Calheta, sobre a costa fortemente recortada (compare-se à figura 5) e sobre a construção do molhe.

Gravura 42: Linha costeira original da Cidade.

Estas casas, noutros tempos, ficavam directamente à borda de água (compare-se à gravura 40 e à figura 5). A enorme superfície que se estende até à Avenida serve, por ora, de lugar de estacionamento para os autocarros fora de serviço; no Verão, é no areal que encontramos circos e feiras. Já existem, contudo, projectos para construção de um grande hotel, uma casa com moradias e escritórios; além disso, deve construir-se uma rua de ligação que sobe na direcção do Teatro Micaelense.

Gravura 43: Matriz de Ponta Delgada (tirada de: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense, Ponta Delgada 1869).

A Igreja Matriz com a torre original, as Portas da Cidade, e, logo a seguir, a vista para o largo oceano.

Gravura 44: Igreja Matriz-Matriz Church (extraído de: Walter Frederick Walker, The Azores or Western Islands, London, 1886).

De notar, as portas em estilo manuelino da Igreja Matriz e, em frente delas, mulheres com capote e capelo típicos para ir à Igreja.

Gravura 45: Igreja do Extincto Convento dos Gracianos (extraído de: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense, Ponta Delgada, 1869).

Gravura 46: O mesmo edifício hoje em dia, por enquanto ainda Tribunal Judicial.

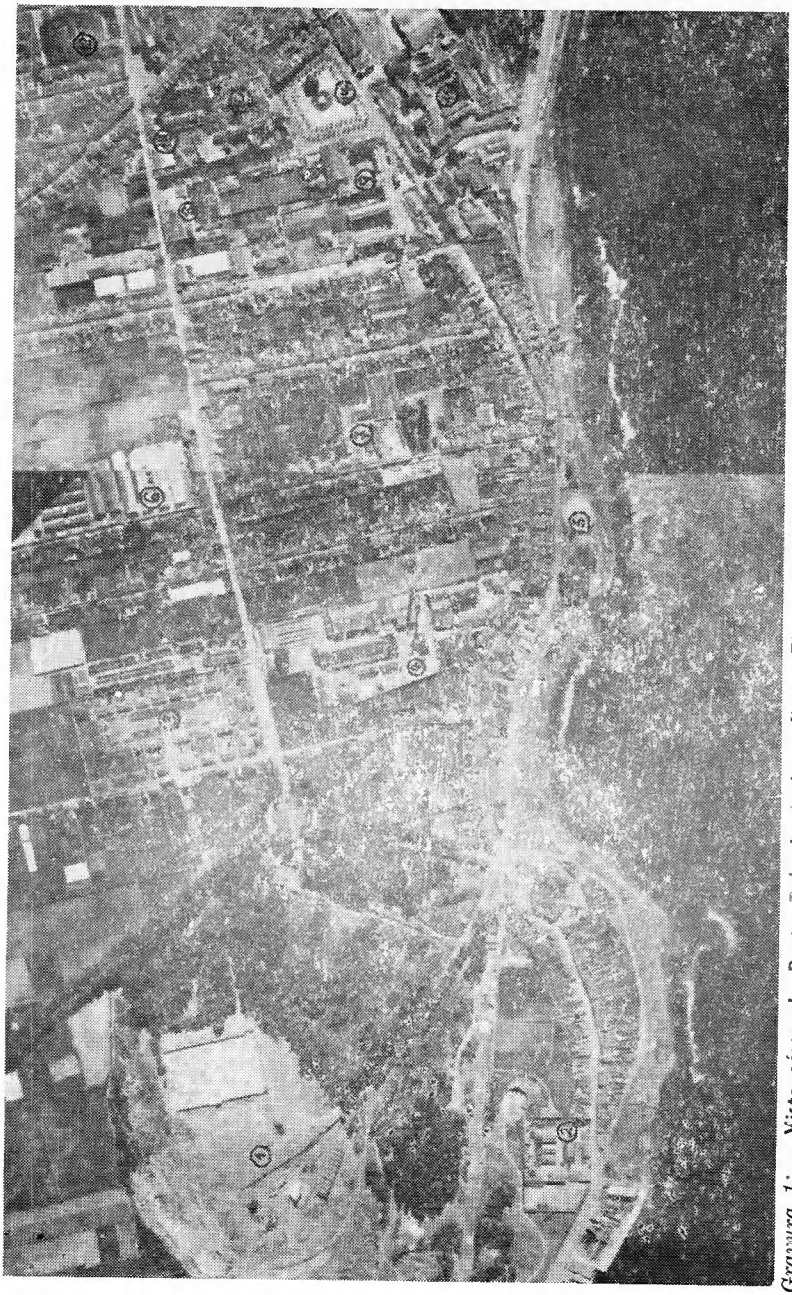
Gravura 47: Theatro Michaelense (Fonte: Joaquim Cândido Abranches Album Michaelense, Ponta Delgada, 1869).

Este teatro encontrava-se no sítio do actual Jardim Padre Sena Freitas; foi inaugurado em 1865 e ardeu num incêndio ocorrido em 1930.

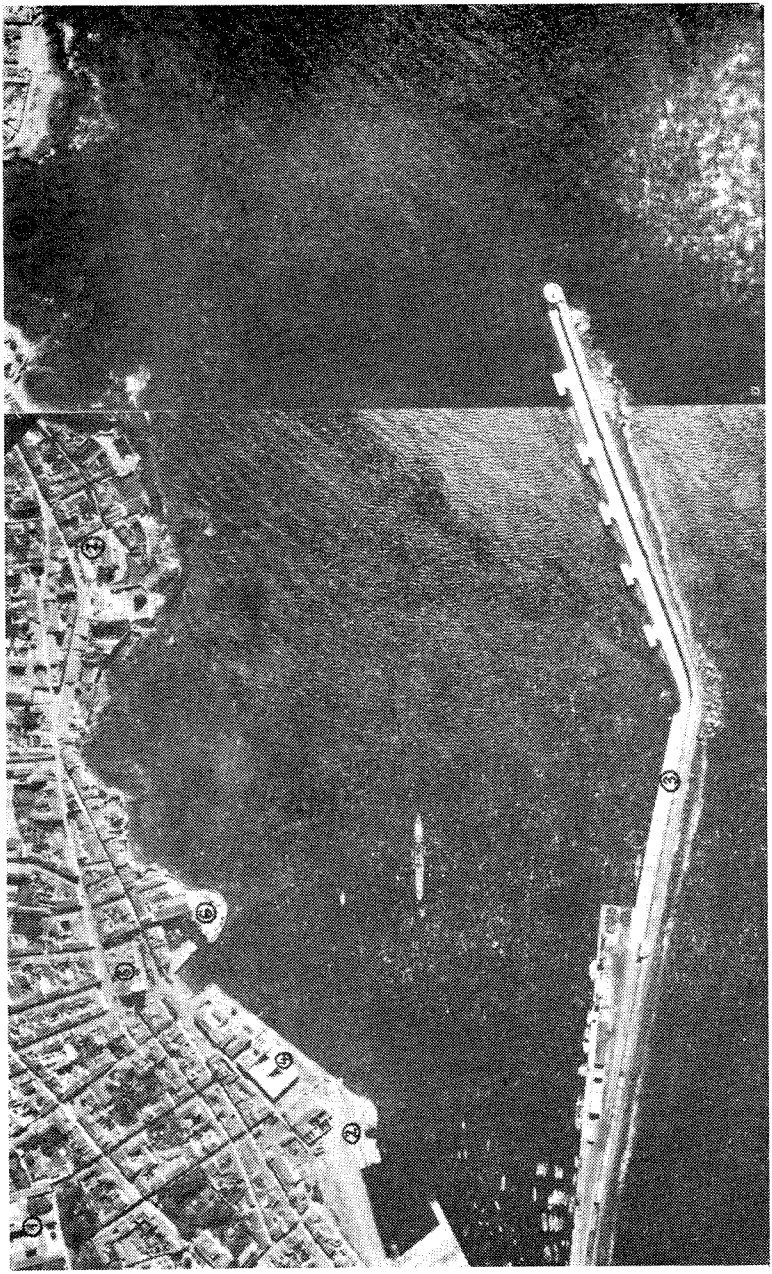
Gravura 48: O novo Teatro Micaelense construído entre os anos 1946-51 pela sociedade Carregadores Açoreanos (Gravura 3). Serve de Teatro, sala de concerto e cinema.

Gravura 49: Praça do Município (Fonte: Joaquim Cândido Abrancres, Album Michaelense, Ponta Delgada 1869).

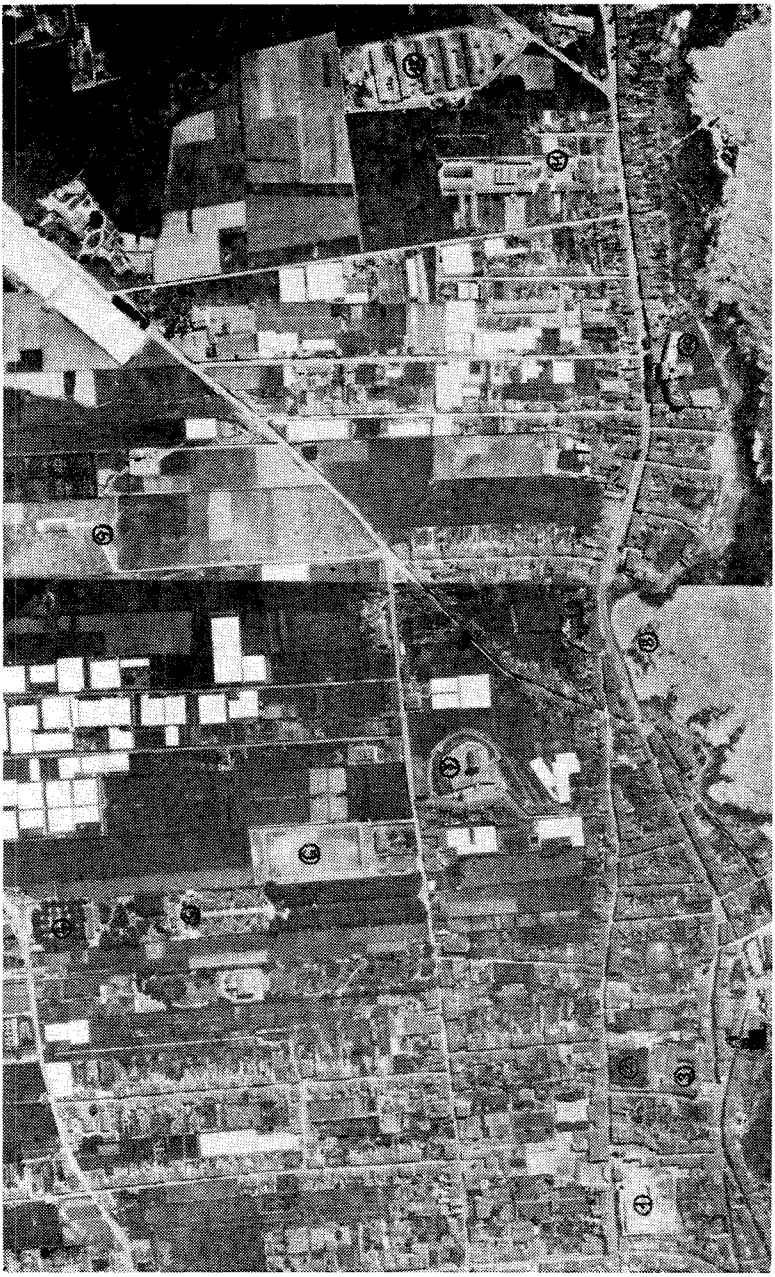
Gravura 50: A mesma praça hoje, após se ter entulhado o velho porto, construído a Avenida Marginal e restaurado a Câmara Municipal.



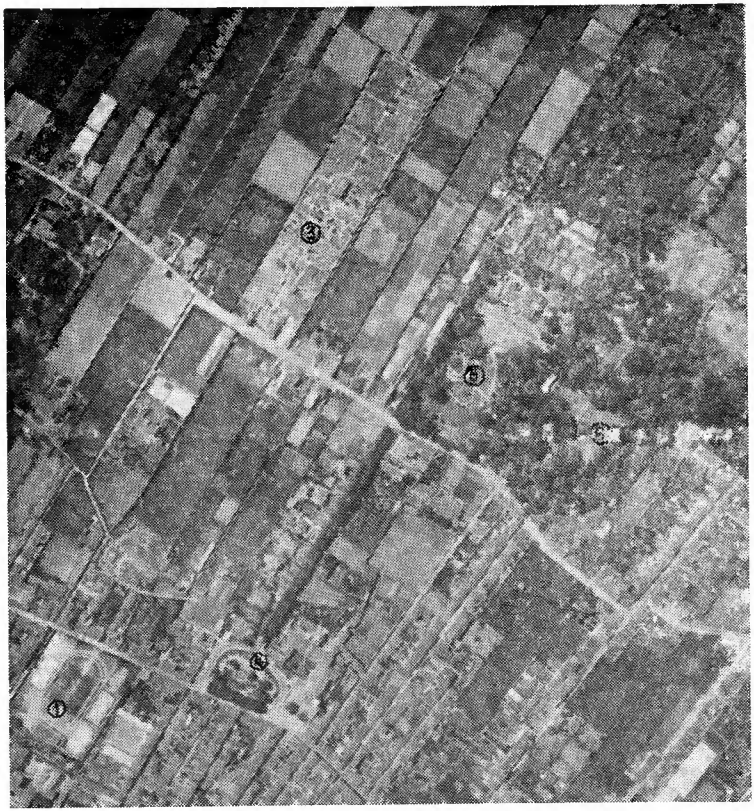
Gravura 1: Vista aérea de Ponta Delgada (veja a figura 7) ca. 1:8000 (Foto do Instituto Geográfico e Cadastral de Lisboa, ca. 1948)



Gravura 2: Vista aérea de Ponta Delgada (veja a figura 7), ca. 1:8000 (Foto do Instituto Geográfico e Cadastral de Lisboa, ca. 1948)

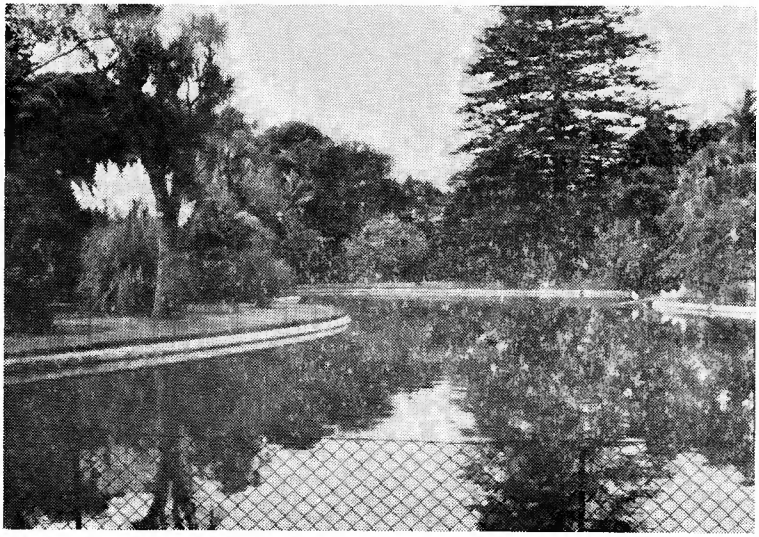


Gravura 3: Vista aérea de Ponta Delgada (veja a figura 7), ca. 1:8000 (Foto do Instituto Geográfico e Cadastral de Lisboa, ca. 1948)

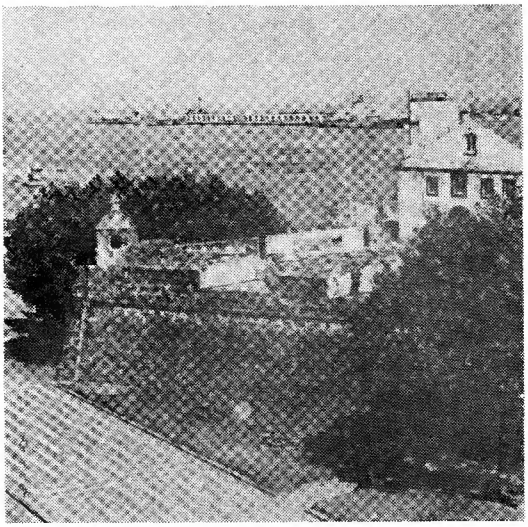


Gravura 4: Vista aérea de Ponta Delgada (veja a figura 7, ca. 1:800 (Foto do Instituto Geográfico e Cadastral de Lisboa, ca. 1948)

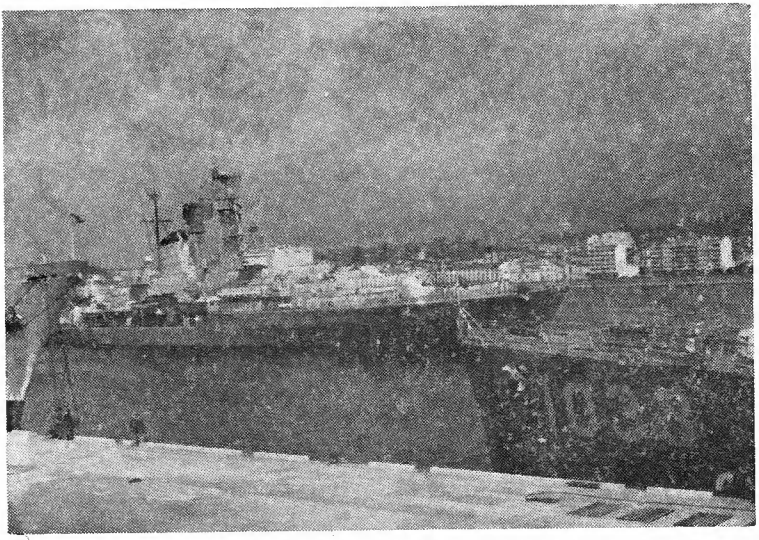
Gravura 5: Vista da Torre da Igreja Matriz para NW



Gravura 6: Trecho do Jardim Jácome Correia

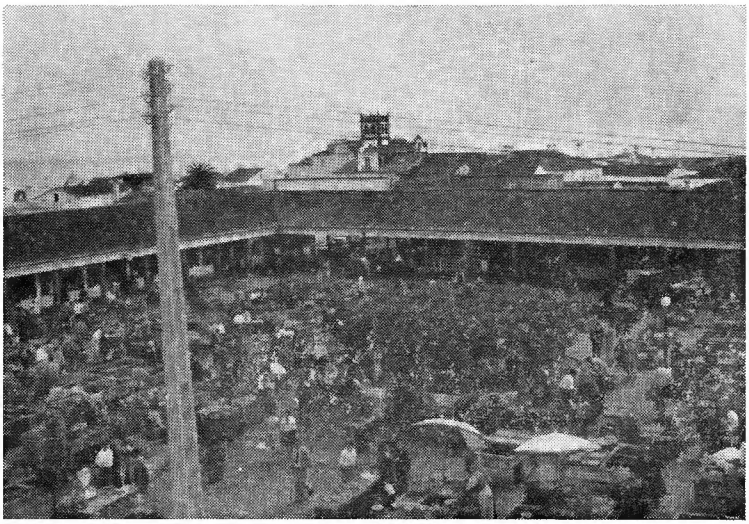


Gravura 7: Vista do Hospital para o Castelo de S. Braz e o porto

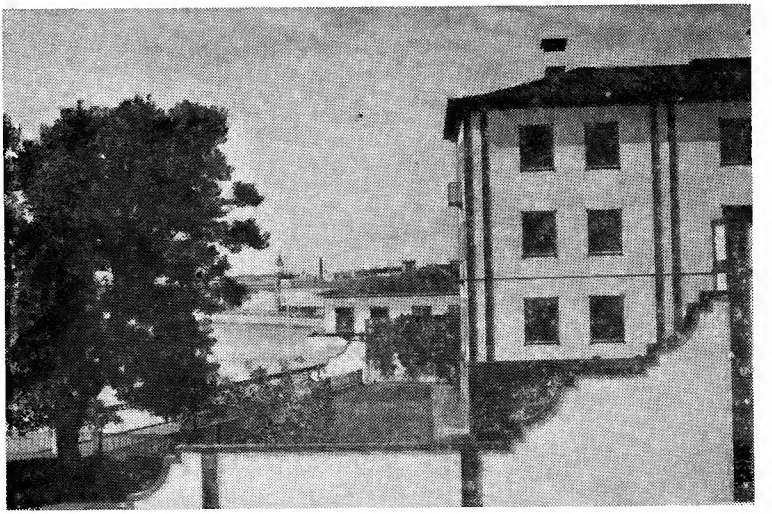


Gravura 8: Vista do Molhe Salazar sobre a bacia do porto e a Cidade

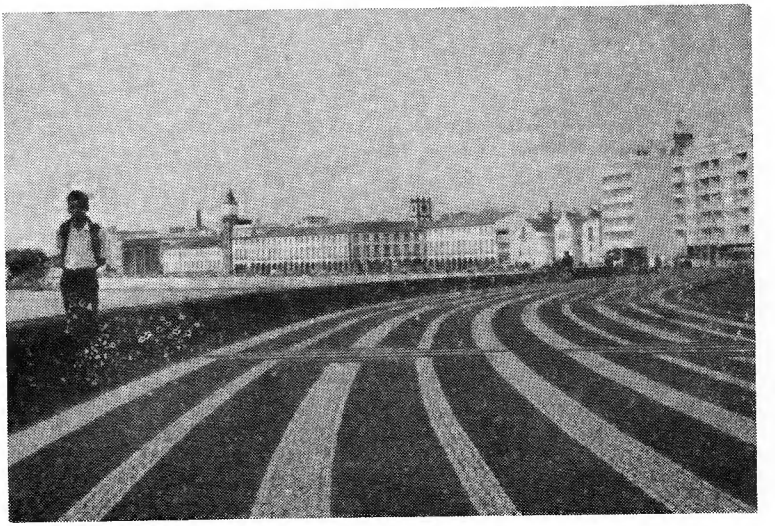
Gravura 9: Porto de pesca e o mercado do peixe Calheta



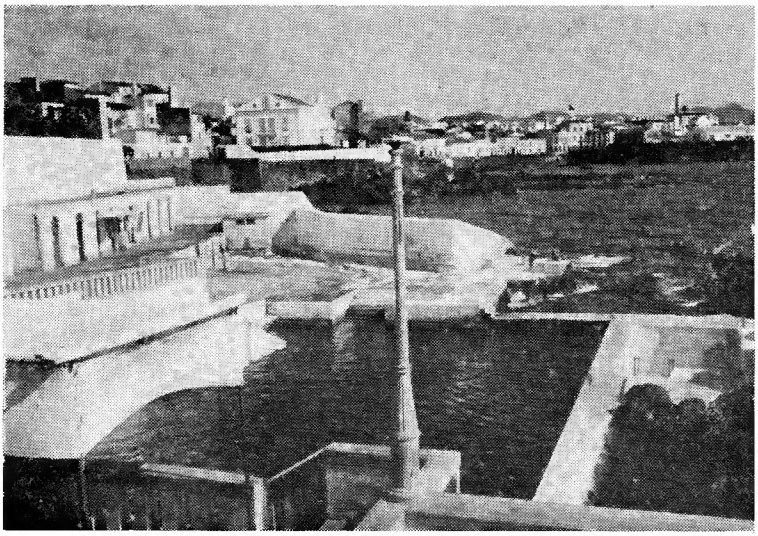
Gravura 10: Mercado Agrícola



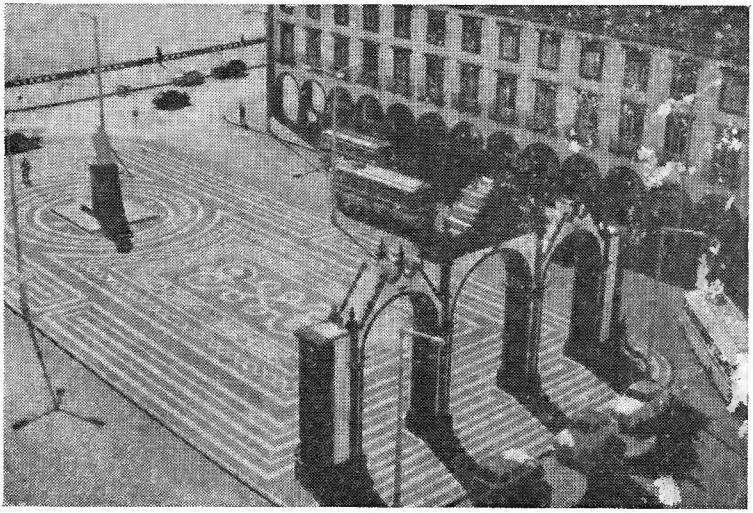
Gravura 11: **Vista tomada da Igreja de S. Pedro sobre a Avenida Marginal**



Gravura 12: **Avenida Marginal**



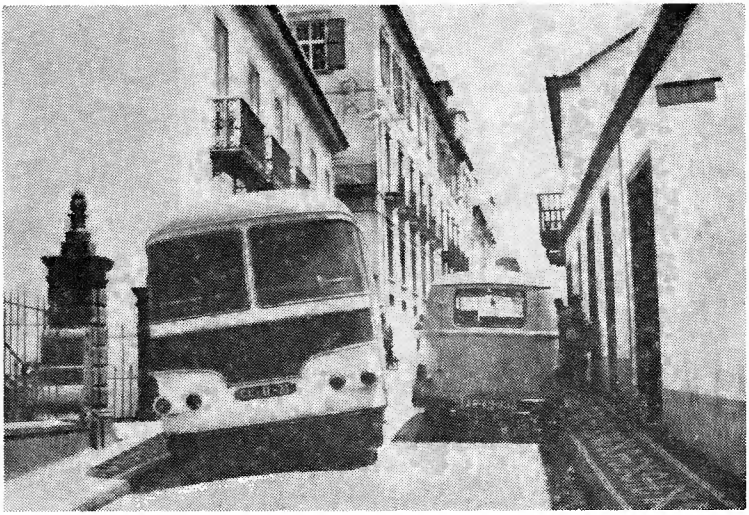
Gravura 13: Vista da parte terminal da Avenida Marginal, dando sobre a piscina e a baía da calheta (ao fundo)



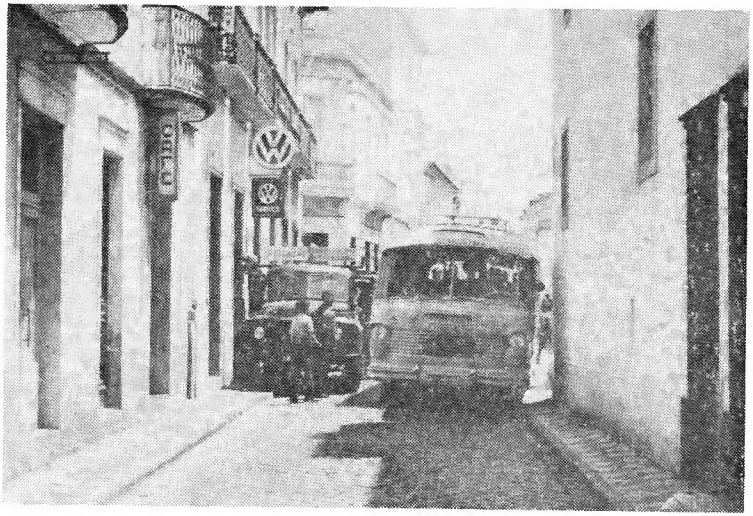
Gravura 14: Praça Gonçalo Velho Cabral e Avenida Marginal

Gravura 15: Rua dos Mercadores

Gravura 16: Rua de Água

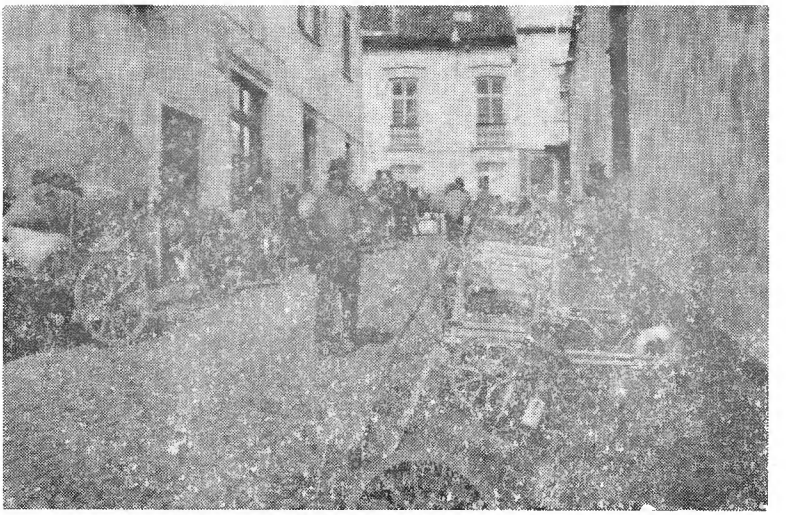


Gravura 17: **Rua dos Reis**

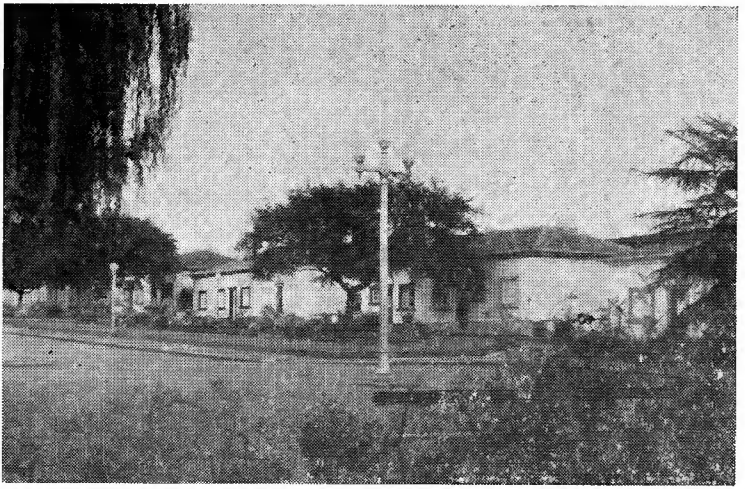


Gravura 18: **Rua da Misericórdia**

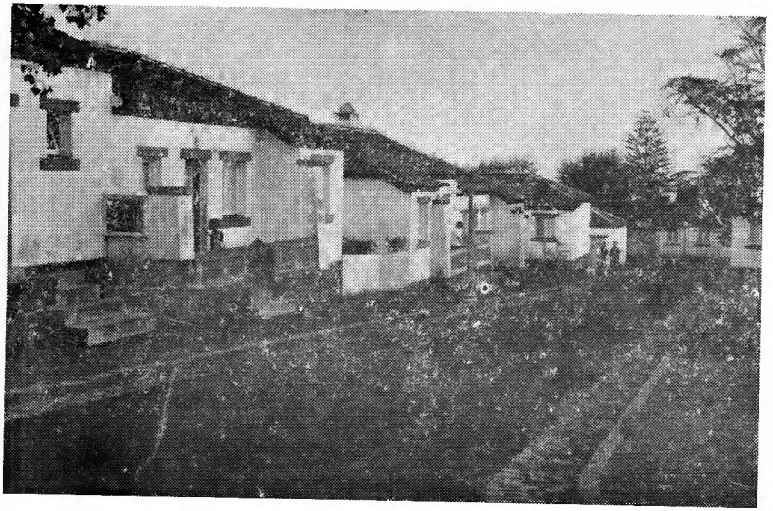
Gravura 19: A circulação ao meio-dia na Rua Machado dos Santos



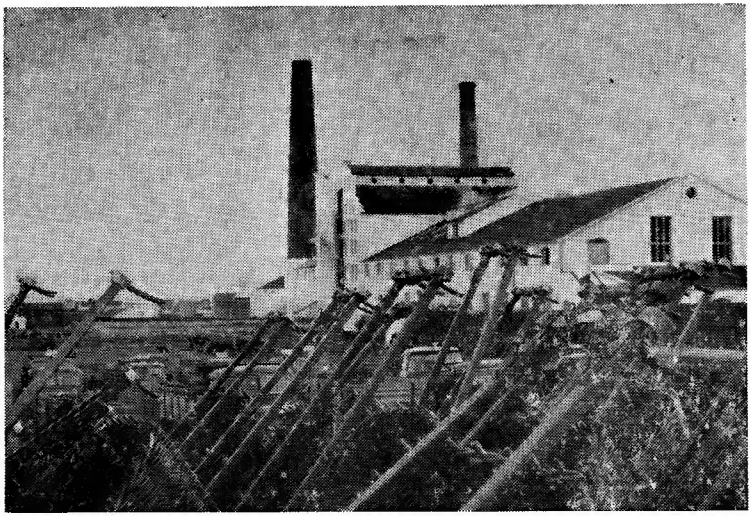
Gravura 20: Dia de mercado em Ponta Delgada



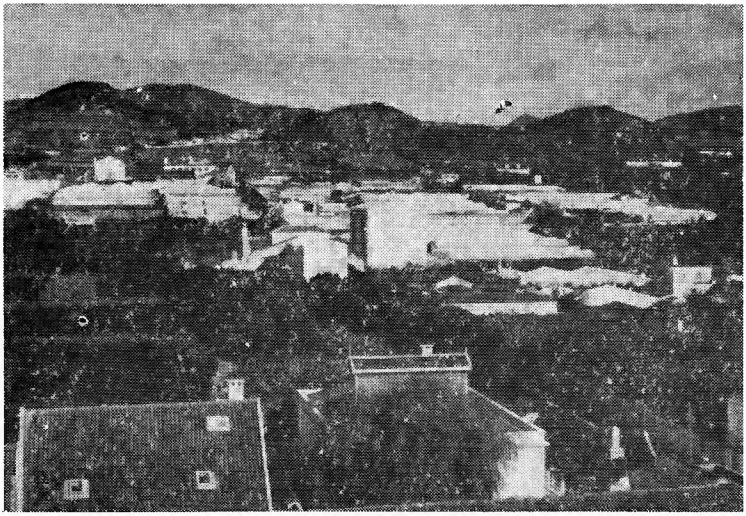
Gravura 21: **Bairro Económico**



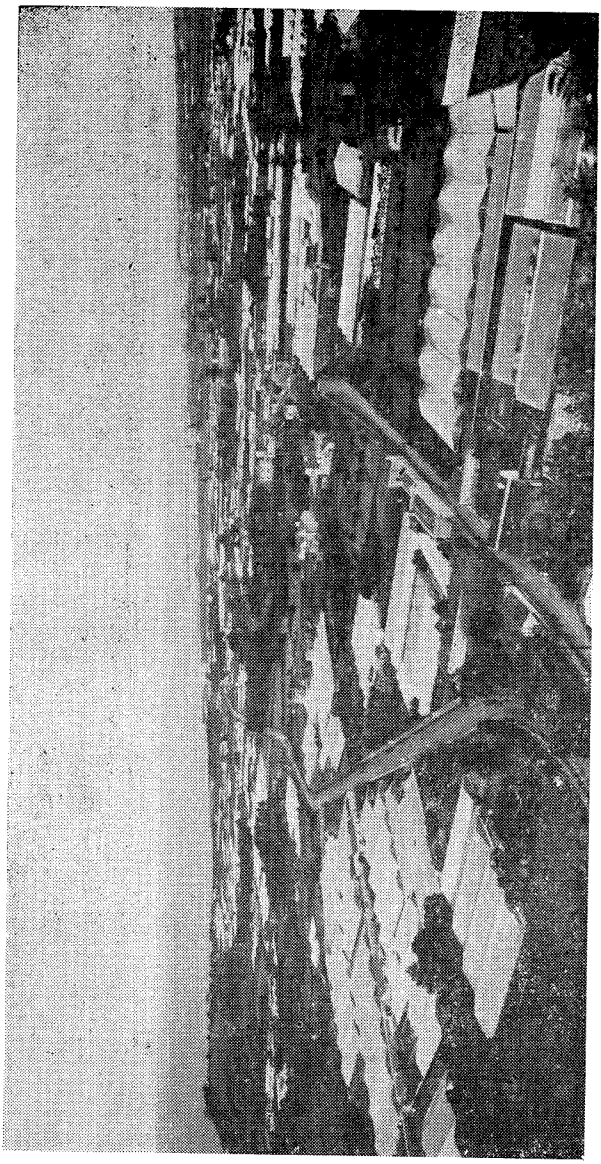
Gravura 22: **Bairro da Misericórdia**



Gravura 23: **Fábrica de açúcar da U. F. A. A.**

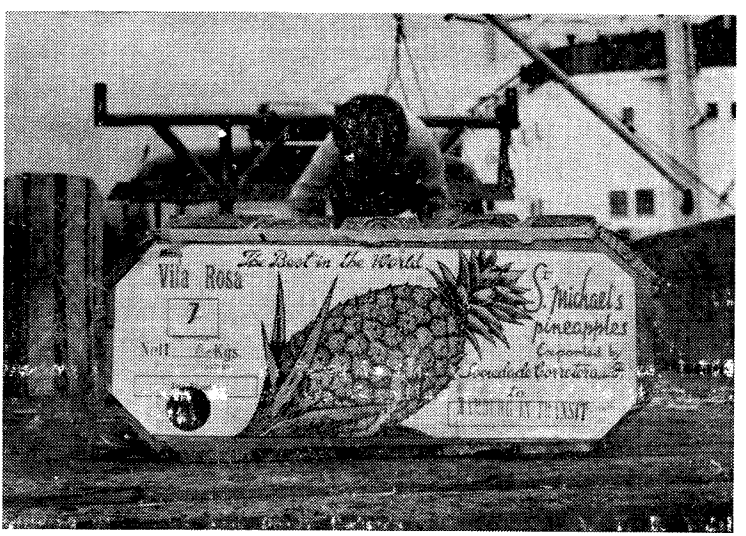


Gravura 24: **Vista da Mãe de Deus para N**



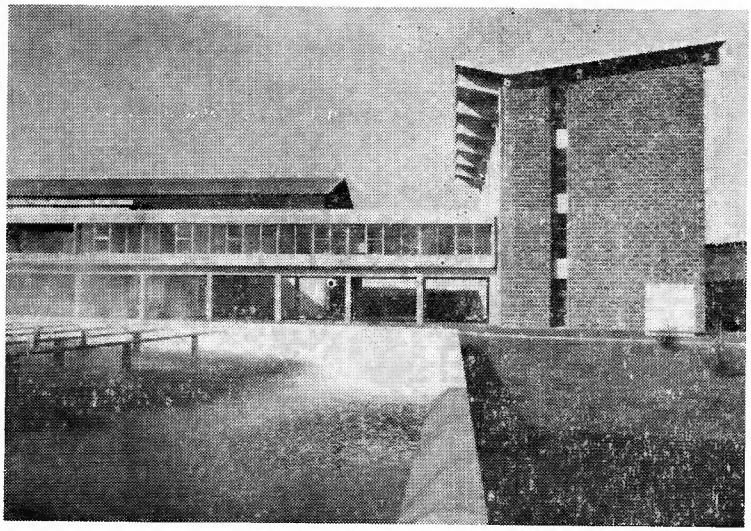
Gravura 25: Vista tirada de Fajã de Baixo na direcção de Ponta Delgada (Foto Nóbrega, Ponta Delgada)

Gravura 26: **Aspecto do interior de uma estufa de ananás, pouco antes da colheita**

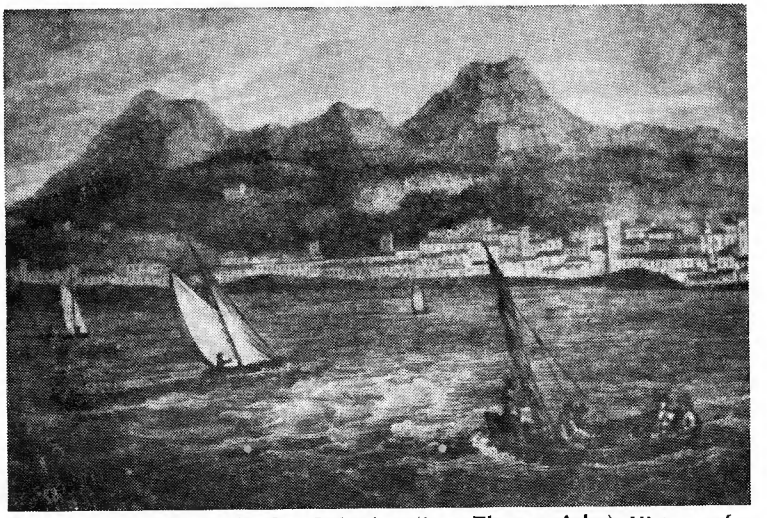


Gravura 27: **Carregamento de ananás no porto**

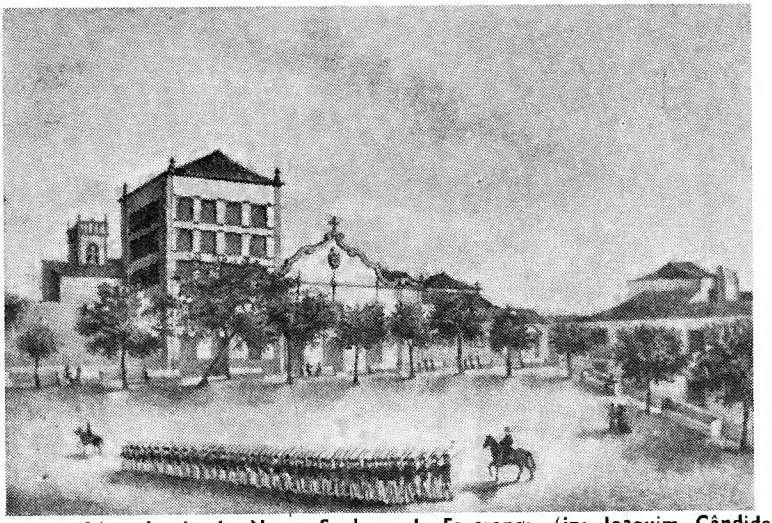
Gravura 28: **Cabeçalho do «Açoreano Oriental»**



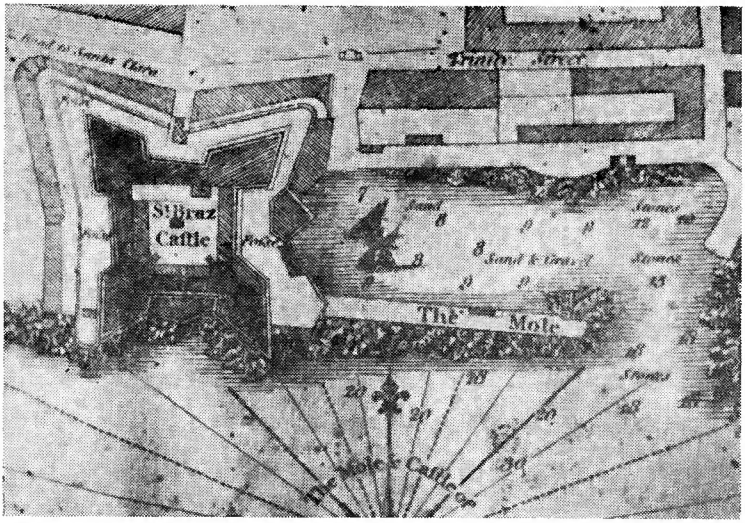
Gravura 29: **Central térmica de Ponta Delgada**



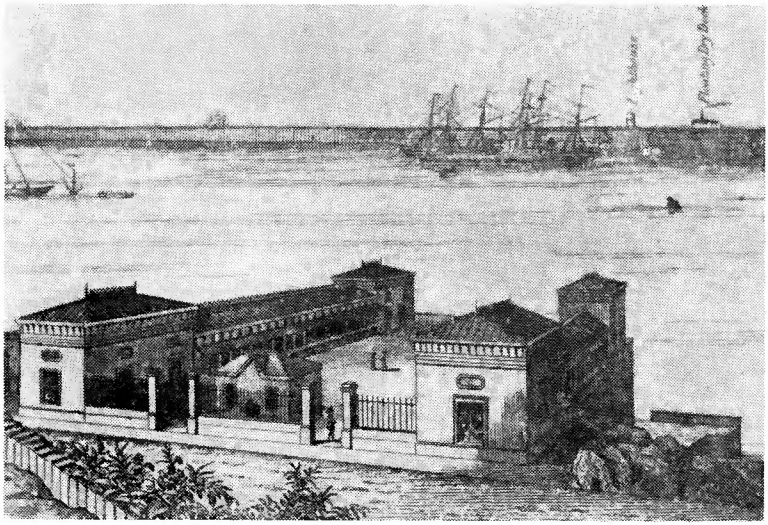
Gravura 30: Vista de P. Delgada (in: Thomas Ashe) History of the Azores or Western Islands, London 1813)



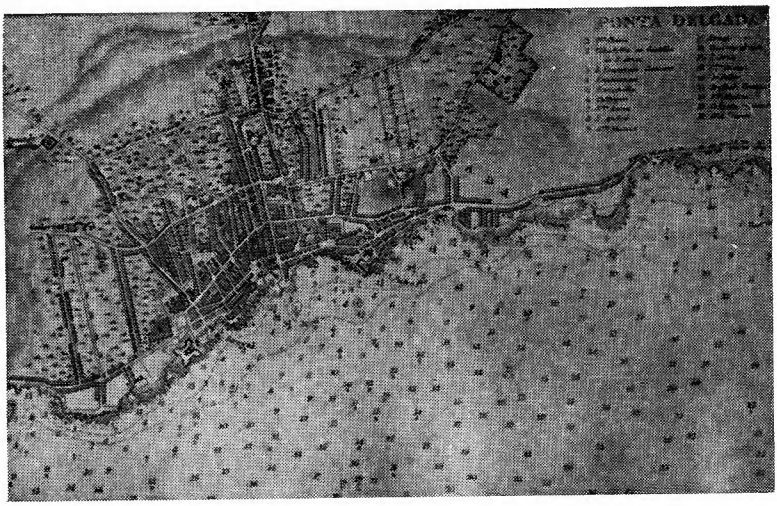
Gravura 31: Igreja da Nossa Senhora da Esperança (in: Joaquim Cândido Abranches Album Michaelense, Ponta Delgada 1869)



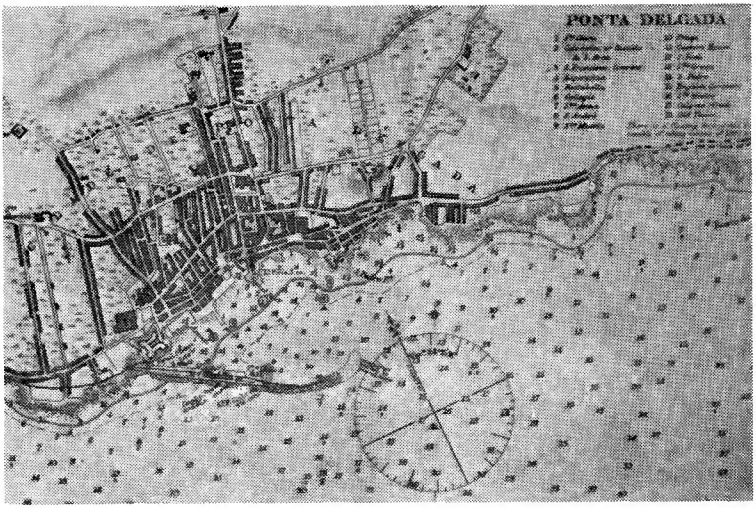
Gravura 32: **O molhe e o Castelo de St. Braz (in W. Harding Read, Chart of the Island of St. Michael, Ponta Delgada 1806)**



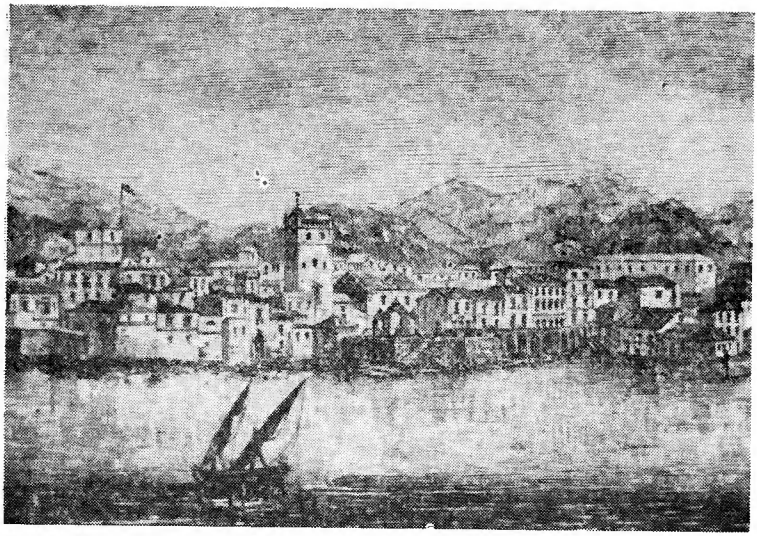
Gravura 33: **Mercado do Peixe (in Bensaúde & Co., Chart of the Harbour and Breakwater of Ponta Delgada, ca. 1881)**



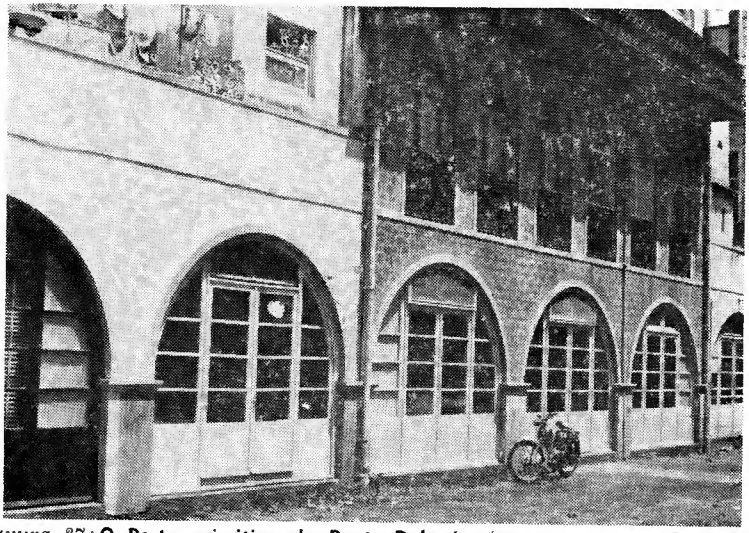
Gravura 34: Plan von Ponta Delgada (in: Captain A. T. E. Vidal, San Miguel, 1844)



Gravura 35: Plan von Ponta Delgada (in: Captain A. T. E. Vidal, San Miguel, 1883)



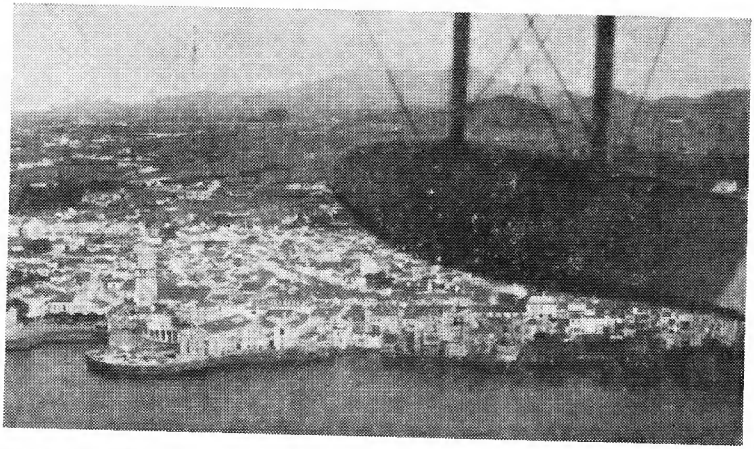
Gravura 36: **Vista da Cidade de Ponta Delgada, tirada da plataforma da doca (extraído do Arquivo Pitoresco 1867)**



Gravura 37: **O Porto primitivo de Ponta Delgada (compare com a Grav. 38)**

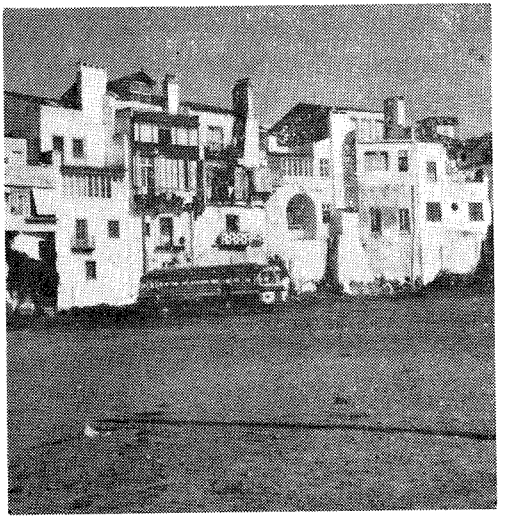
Gravura 38: Domingos Rebelo, Os Emigrantes. Museu Carlos Machado (Foto Nóbrega, Ponta Delgada)

Gravura 39: Vista aérea de Ponta Delgada, por volta de 1940 (Foto Nóbrega, Ponta Delgada)

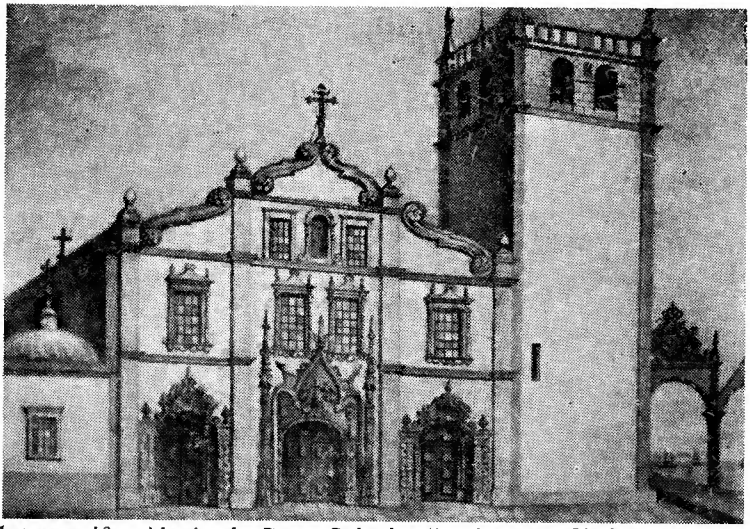


Gravura 40 Vista aérea de Ponta Delgada, por volta de 1940 (Foto Nóbrega, Ponta Delgada)

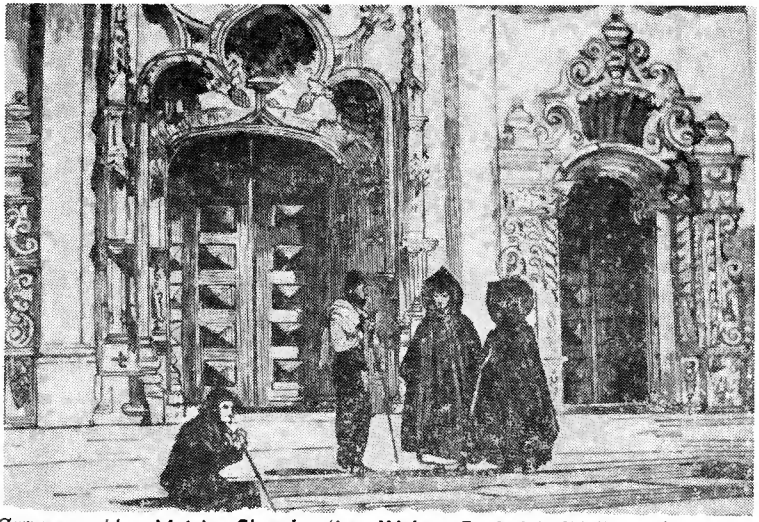
Gravura 41 Uma vista da doca (In: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense, Ponta Delgada 1869)



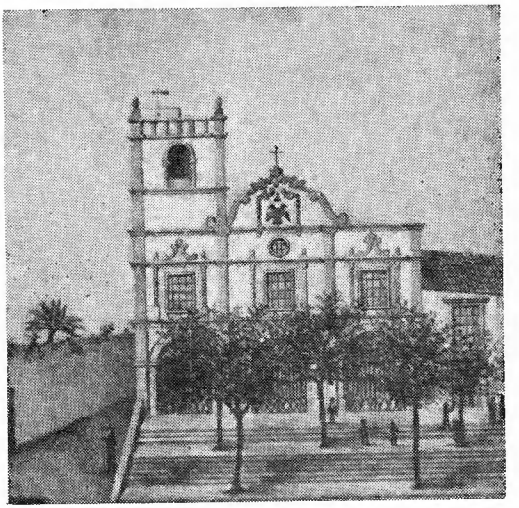
Gravura 42 Antigo litoral da cidade



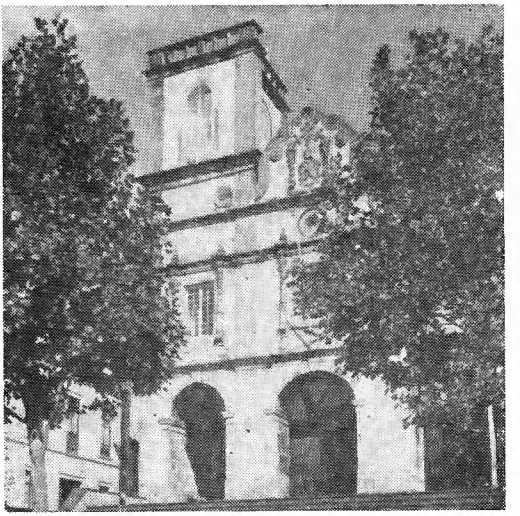
Gravura 43 Matriz de Ponta Delgada (in: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense Ponta Delgada 1869)



Gravura 44 Matriz Church (in: Walter Frederick Walker, The Azores or Western Islands, London 1886)



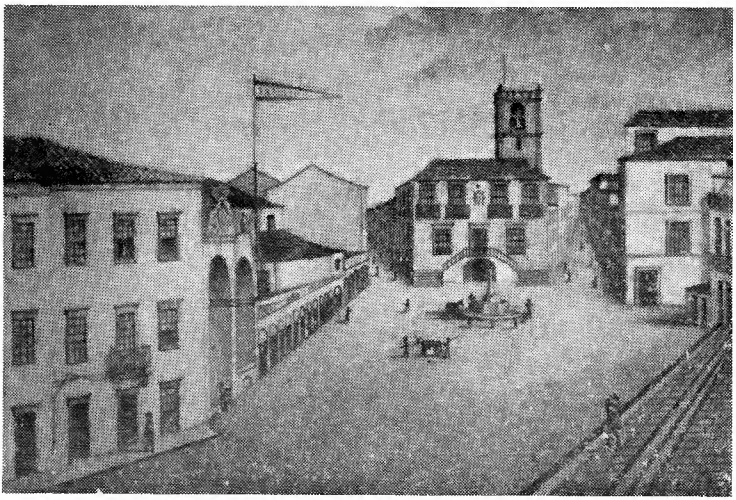
Gravura 45: Igreja do Extincto Convento dos Gracianos (in: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense, Ponta Delgada 1869)



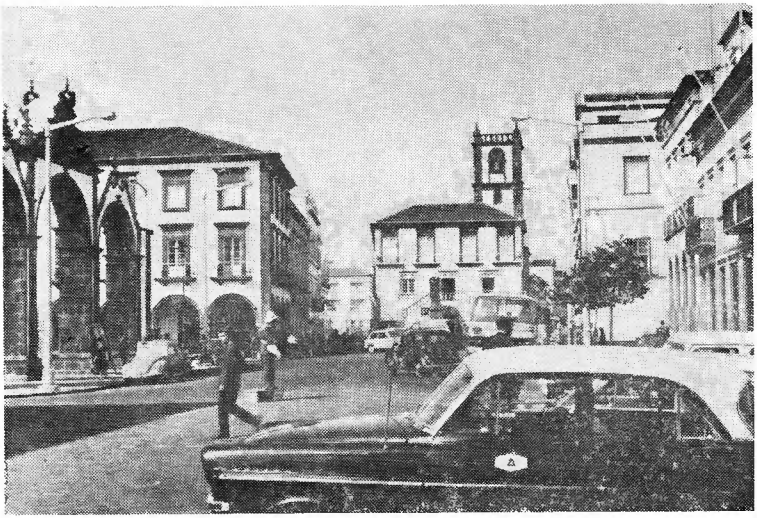
Gravura 46: Aspecto actual do mesmo edifício, onde se encontra por enquanto o Tribunal Judicial

Gravura 47: Theatro Michaelense (extraído de: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense, Ponta Delgada 1869)

Gravura 48: O novo Teatro Micaelense, construído pelos Carregadores Açoreanos de 1946 a 1951



Gravura 49: Praça do Município (extraído de: Joaquim Cândido Abranches, Album Michaelense, Ponta Delgada 1869)



Gravura 50: A mesma Praça hoje em dia, após o enchimento do velho porto, a construção da Avenida Marginal e a renovação da Câmara Municipal

7. Bibliografia

7.0. *Livros e publicações*

1. Abranches, Joaquim Cândido: Album Michaelense. Ponta Delgada 1869.
2. Aguiar, João: Anteplano geral de urbanização de Ponta Delgada. Lisboa 1946.
3. Albuquerque, Luíz da Silva Mouzinho de: Observações sobre a Ilha de São Miguel. Lisboa 1826.
4. Almeida, Gabriel de: Agenda do viajante na Ilha de São Miguel. Ponta Delgada 1893.
5. Almeida, Gabriel de: Fastos Açoreanos. Bibliotheca do Povo e das Escolas, no. 174. Lisboa 1890.
6. Arditi, Pompeo: Viagem de Pesaro à Ilha da Madeira e aos Açores em 1567. In: Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no. 6, Angra do Heroísmo 1948.
7. Arquivo Pitoresco, Lisboa 1867.
8. Arruda, Luíz de Vasconcellos: Terra Nostra, Excerptos da Ilha de São Miguel. Lisboa 1943.
9. Ashe, Thomas: History of the Azores or Western Islands. London 1813.
10. Barbosa, Aníbal Cymbron Bettencourt: Exposição das actividades económicas do Distrito Autónomo de Ponta Delgada. Ponta Delgada 1962.
11. Benevides, Raul: O problema do ananás micaelense, Subsídios para a sua solução. In: Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, no. 12, Ponta Delgada 1950.
12. Boid, Captain: A Description of the Azores or Western Islands. London 1835.
13. Borges, Luís Manuel Agnelo: O ananás de São Miguel. In: Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, no. 17, Ponta Delgada 1953.
14. Brito, Raquel Soeiro de: A Ilha de São Miguel, Estudo geográfico. Lisboa 1955.
15. Bullar, Joseph and Henry: A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas. London 1841.
16. Câmara Municipal do Concelho de Ponta Delgada: Relatório da gerência de 1964. Ponta Delgada 1965.
17. Castilho, Júlio de: O Arquipélago dos Açores, Cartas a um lisboeta. Biblioteca do Povo e das Escolas, no. 137. Lisboa 1886.

18. Constância, João de Medeiros: Evolução da paisagem humanizada da Ilha de São Miguel. In: Boletim do Centro de Estudos Geográficos, vol. III, no. 20, Coimbra 1963.

19. Cordeiro, Padre António: História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeitas no Oceano Occidental. Lisboa 1866.

20. Costa, Francisco Carrêiro da: O antigo porto de S. Braz. In: Insulana, vol. II, no. 2/3, Ponta Delgada 1946.

21. Costa, Francisco Carreiro da: Ponta Delgada ao tempo da sua elevação a cidade. In: Insulana, vol. II, no. 2/3, Ponta Delgada 1946.

22. Costa, Francisco Carreiro da: Ponta Delgada, Etnografia da Cidade. In: Insulana, vol. II, no. 2/3, Ponta Delgada 1946.

23. Costa, Francisco Carreiro da: Os Açores de 1900-1950. In: 50 Anos de História do Mundo, fasc. 37, Lisboa o. j.

24. Dias, Urbano de Mendonça: Ponta Delgada, Monografia histórica. Ponta Delgada 1946.

25. Dumont, J. J.: Projet pour l'arborisation de l'Avenida do Infante à Ponta Delgada, offert à la ville le 1/IV/1964. Ponta Delgada 1964.

26. Faria e Maia, Victor Machado de: Os lacticínios no distrito de Ponta Delgada, Apontamento para o seu estudo. In: Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, no. 6/7, Ponta Delgada 1948.

27. Fernandes, Nereus: Revisão do anteplano de urbanização de Ponta Delgada. Lisboa 1963.

28. Fructuoso, Gaspar: Saudades da Têrra, Livro IV, Ilha de São Miguel. Ponta Delgada 1924.

29. Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortículas de São Miguel: Relatório e contas da gerência do ano de 1964. Ponta Delgada 1965.

30. Henriques, M. Borges de F.: A Trip to the Azores or Western Islands. Boston 1867.

31. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Estatístico 1963, vol. I, Metrópole, Lisboa 1964.

32. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Demográfico 1963. Lisboa 1964.

33. Instituto Nacional de Estatística: X Recenseamento Geral da População no Continente e nas Ilhas Adjacentes 1960. Tomo I, vol. 1, Lisboa 1964.

34. Insulana, Orgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada: Número comemorativo do IV Centenário da Cidade, vol. II, no. 2/3, Ponta Delgada 1946.

35. Jedina, Leopold de: Voyage de la frégate autrichienne Helgoland autour de l'Afrique. Paris 1878.

36. Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Ponta Delgada: Relatórios de gerência dos anos de 1961/62/63/64. Ponta Delgada 1962/63/64/65.

37. Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada: Roteiro e notas explicativas da exposição documental das actividades distritais. Ponta Delgada 1957.

38. Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada: Plano quadrienal da administração do distrito para 1965-1968. Ponta Delgada 1964.

39. Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada: Relatórios da gerência da Comissão Executiva dos anos de 1963 e 1964. Ponta Delgada 1964/65.

40. Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada: Boletins, vol. 13 ff., Ponta Delgada 1963 ff.

41. Kerhallet, Charles Philippe de: Description nautique des Açores. Paris 1865.

42. Kettle, R.: A Report on the Artificial Harbour of Ponta Delgada, St. Michael's, Azores Islands. London 1887.

43. Linschoten, Jan Huygen van: Navigatio et Itinerarium in Orientalem sive Lusitanorum Indiam. Francofurti Ano MDCI.

44. Ministério do Interior: Boletins da Junta da Emigração 1953-1962. Lisboa 1954 ff.

45. Nemésio, Vitorino: Corsário das Ilhas. Lisboa 1956.

46. Nogueira, J. V. Paula: As Ilhas de São Miguel e Terceira. Lisboa 1894.

47. Pacheco, Cristiano Frazão: As cinco desgraças do Arquipélago dos Açores. Ponta Delgada 1961.

48. Pereira, Silvano Augusto: A laranja dos Açores, Notas acerca da citricultura. In: Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, no. 9, Ponta Delgada 1949.

49. Ramos, Accurcio Garcia: Notícia do Arquipélago dos Açores. Lisboa 1871.

50. Rodrigues, João Bernardo de Oliveira: Ponta Delgada. In: Insulana, vol. II, no. 2/3, Ponta Delgada 1946.

51. Rodrigues, Rodrigo: «Domus Municipalis» de Ponta Delgada, Câmara Velha e Câmara Nova. In: Insulana, vol. II, no. 2/3, Ponta Delgada 1946.

52. Rodrigues, Sarmento M. M.: Ancoradouros das Ilhas dos Açores. Lisboa 1960.

53. Serviços Geológicos de Portugal: Carta Geológica de Portugal, Ilha de São Miguel, 1:50,000, Notícia explicativa. Lisboa 1959.

54. Serviço Meteorológico Nacional: O Clima de Portugal. Fasc. XVIII: Açores e Madeira. Lisboa 1955.

55. Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Ponta Delgada: Relatório, balanço e contas, gerência de 1962. Ponta Delgada 1963.

56. Sousa, João Soares d'Albergaria de: Corographia Açórica ou descripção phízica, política e histórica dos Açores. Lisboa 1822.

57. Swindells, Rupert: A Summer Trip to the Island of St. Michael, the Azores. Manchester 1877.

58. Walker, Frederick Walter: The Azores or Western Islands. London 1886.

59. Webster, John W.: A Description of the Island of St. Michael. Boston 1821.

60. Zbyszewski, Georges: Etude géologique de l'Ile de São Miguel. In: Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, tomo XLV, Lisboa 1961.

7.1. MAPAS E GRAVURAS

61. Abranches, Joaquim Cândido: Album Michaelense. Ponta Delgada 1869.

62. Colecção de mapas e plantas dos Açores do Dr. Ernesto do Canto na Biblioteca Pública de Ponta Delgada.

63. Cortesão, Armando e Mota, Avelino Teixeira da: Portugaliae Monumenta Cartographica. Lisboa 1960.

64. Silveira, Luís: Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar. Primeiro volume: Marrocos e Ilhas adjacentes. Lisboa o. J.

65. Anónimo: São Braz, Fortaleza que se faz na Ilha de São Miguel. In: Atlas das Ilhas dos Açores e Madeira com onze cartas, segunda metade do século XVII (?). Abb. 596b im Band V von No. 63.

66. Read, W. Harding: Chart of the Island of St. Michael. Ponta Delgada 1806. (Siehe No. 62).

67. Andrade, António Ferreira Garcia de: Planta da Cidade de Ponta Delgada de 1831, ca. 1:5000, Kopie, Ponta Delgada 1957.

68. Vidal, A. T. E. Captain: San Miguel, 1844 und 1883. (Siehe No. 62 und 64).

69. Arquivo Pitoresco de 1867: Vista da Cidade de Ponta Delgada, tirada da plataforma da doca, segundo um esboço do Sr. Abrantes. (Siehe No. 7).

70. Bensaúde & Co.: Chart of the Harbour and Breakwater of Ponta Delgada, ca. 1881. (Siehe No. 62).

71. Bureau de Turismo «Terra Nostra»: Planta da Cidade de Ponta Delgada, 1:5000. Ponta Delgada o. J.

72. Fernandes Nereus: Anteplano de urbanização de Ponta Delgada, esboceto, 1:5000. Lisboa 1963. (Siehe No. 27).

73. Instituto Geográfico e Cadastral: Carta corográfica da Ilha de São Miguel, 1:50'000, levantada em 1897. Lisboa 1941.

74. Instituto Geográfico e Cadastral, Missão dos Açores: Planta da Cidade de Ponta Delgada, 1:2000. Ponta Delgada o. J.

75. Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Ponta Delgada: Planta do Porto de Ponta Delgada, 1:3333. Ponta Delgada 1964.

76. Instituto Hidrográfico do Ministério da Marinha, Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes: Porto de Ponta Delgada, 1:5000, levantada em 1939. Lisboa 1961.

77. National Geographic Society: Atlantic Ocean, 1:20'000'000. Washington 1955.

78. Repartição Técnica dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Ponta Delgada: Reforço de abastecimento de água a Ponta Delgada, situação geral do sistema, 1:25'000. Ponta Delgada o. J.

79. Serviços Geológicos de Portugal: Carta Geológica de Portugal, Ilha de São Miguel, 1:50'000. Lisboa 1959.

80. World Aeronautical Chart: São Miguel Island, Azores, 1:1'000'000. St. Louis 1958.

7.2. OUTRAS FONTES

As seguintes repartições públicas e privadas cederam-nos material inédito a título de informação:

81. Empresas rodoviárias: Auto Viação Micaelense. Caetano, Raposo & Pereiras. Melo & Martins. Varela.

82. Caixa Sindical de Previdência dos Empregados e Operários do Arquipélago dos Açores.

83. Câmara Municipal do Concelho de Ponta Delgada.

84. Capitania do Porto de Ponta Delgada.

85. Casa dos Pescadores.

86. Comissão Regional de Turismo de Ponta Delgada.
87. Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores.
88. Direcção do Distrito Escolar de Ponta Delgada.
89. Direcção das Obras Públicas da Junta Geral.
90. Direcção dos Seviços Industriais, Eléctricos e de Viação da Junta Geral.
91. Direcção da Urbanização dos Açores.
92. Estação Agrária.
93. Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas de São Miguel.
94. Instituto Geográfico e Cadastral, Missão dos Açores.
95. Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Ponta Delgada.
96. Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada.
97. Junta Nacional de Produtos Pecuários.
98. SATA, Sociedade Açoreana de Transportes Aéreos.
99. Empresa de navegação: Carregadores Açoreanos. Empresa Insulana de Navegação. Mutualista Açoreana.
100. Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Ponta Delgada.
101. Jornais: Açores. Correio dos Açores. Diário dos Açores. Açoreano Oriental. A Ilha.

2.
MONOGRAFIA
DE
ANGRA DO HEROISMO

1. *Estrutura formal*

1.0. *Situação*

Angra do Heroismo encontra-se, com acurada precisão, no centro da costa sul da Ilha Terceira. Como o nome Angra dá a entender, a cidade está situada num baía e é delimitada e protegida a oeste pelo Monte Brasil e seu istmo, a leste pela ponta rochosa sobre a qual se encontra o Castelinho. (Fig. 1, 2, 3, 4, 5). As coordenadas geográficas são 38° 39' de latitude norte e 27° 14' de longitude ocidental.

1.1. *Topografia*

Angra situa-se no sopé do flanco sul da Serra do Morião; encontra-se portanto sobre terrenos bastante íngremes. De igual modo, o istmo que liga a ilha ao Monte Brasil tem uma altitude considerável. A fig. 5 mostra, no entanto, que a rede rodoviária da cidade de Angra não corre bem paralelamente às curvas de nível existentes, o que, a verificar-se, daria à cidade uma configuração em anfiteatro debruçado sobre a baía. Além disso, os fundadores da cidade desenharam uma planta geométrica clara, antes do início da construção, que depois executaram de maneira consequente sem tomar em conta as condições topográficas existentes.

1.2. *Geologia*

Angra assenta em tufos que se depositaram sobre a traquite da Caldeira de Guilherme Moniz por alturas das erupções do Monte Brasil. Os tufos do Monte Brasil e dos Ilhéus das Cabras que se estenderam frente à costa sul, apontam para a actividade vulcânica recente. O Monte Brasil, formado em numerosas fases, é constituído por quatro cones cinérios (Pico das Cruzinhas, Pico do Facho, Pico da Quebrada, Pico do Zimbreiro) os quais rodeiam uma cratera de várias partes (segundo indicações de José Agostinho, Bibl. no. 17, págs. 164/65, Bibl. no. 28, pág. 13 e Bibl. n. 29, pág. 416).

1.3. *Clima*

Os dados seguintes provêm do Observatório Meteorológico de Angra do Heroismo (76 m. acima do nível do mar) e apoiam-se nas medições efectuadas entre 1921 e 1950 (Bibl. n.º 45). A pressão atmosférica (reduzida ao nível do mar) comporta em média 1020,8 mb.. Julho acusa a pressão mais elevada com 1024,6 mb. e Março a maior depressão com 1017,1 mb..A temperatura do ar comporta 17,4°C em média anual. O curso anual das temperaturas é o seguinte:

Janeiro	14,4°
Fevereiro	14,3°
Março	14,4°
Abril	15,1°
Maio	16,6°
Junho	19,0°
Julho	21,2°
Agosto	22,2°
Setembro	21,1°
Outubro	18,9°
Novembro	16,8°
Dezembro	15,5.°

A amplitude é, pois, apenas de 7,9°. O máximo absoluto de 28,9° registou-se em Setembro, enquanto que o mínimo absoluto de 2,4° se deu em Fevereiro. Em 32,4 dias, a temperatura máxima foi superior a 25°; em 21,6 dias, a temperatura máxima excedeu os 20°. A humidade relativa comporta 84,9% às 06h, 77,6% às 16h e 83,8% às 22h, ou seja, portanto, 82,1% em média diária.

A nebulosidade comporta em média anual 7,4 (10,0 = céu completamente nublado; 0,0 = céu completamente limpo). Fevereiro regista a mais forte nebulosidade com 7,9; Agosto regista a mais fraca nebulosidade com 6,3. Durante 149,9 dias houve forte nebulosidade e em apenas 2,7 dias o céu se apresentou completamente desanuviado.

A duração da insolação comporta anualmente 1499,3h. Isto representa 33% do tempo em que o Sol brilha acima do horizonte. Agosto é com 189,1h (=44,9%) o mês mais soalheiro; Dezembro, com 69,7h (= 23,4%) de Sol, é neste sentido o mês mais pobre. A quantidade de precipitação de chuvas anual comporta 982,0 mm. O mês mais pluvioso é Dezembro com 123,1mm. Agosto é o mês mais seco com 32,3mm. O máximo absoluto de 157,mm foi registado em Setembro.

Durante 171,0 dias, a precipitação de chuvas igualou ou foi superior a 0,1mm; durante 116,3 dias igualou ou foi superior a 1,0mm

e em 30,7 dias igualou ou foi superior a 10,0 mm. 171,0 dias foram registados como pluviosos, 3,9 com granizo, 7,8 de trovoada, 0,1 de neve, 8,8 de nevoeiro, e 49,5 de orvalho.

A quantidade de evaporação anual comporta 920,4mm. Agosto atinge o máximo com 88,1mm e Fevereiro, a menor quantidade com 63,3mm.

A temperatura da água do mar ronda os 18,1° em média. A temperatura mais elevada, de 21,9°, regista-se nos meses de Agosto, Setembro; a temperatura mínima, de 15,6°, em Janeiro/Fevereiro. Os ventos sopram, no inverno, dos sectores SO, O e NO; no verão, sopram com predominância dos sectores SO, O, NO e N (Fig. 6) A média anual da velocidade dos ventos comporta 11,8km/h; em Janeiro a velocidade é de 16,3 km/h e em Julho/Agosto, de 7,5 km/h.

Em 37,9 dias, a velocidade do vento foi igual ou superior a 36 km/h; em 6,0 dias, igual ou superior a 55km/h.

1.4. *Ocupação do solo*

As figuras 5 e 7 mostram as zonas de ocupação do solo; o centro da cidade (ou seja, a cidade original que foi planeada; comparem-se as gravuras 22 e 24), a orla norte da cidade com bairros alinhados ao longo de ruas (grav. 3) e os bairros recentemente planeados (a oeste, ao pé do Castelo de S. João Baptista, um bairro residencial, grav. 10; a leste, contíguo ao porto, um bairro industrial e residencial, grav. 4).

1.5. *Divisão*

Politicamente, a Angra compõe-se de 5 freguesias: São Pedro, Santa Luzia, São Salvador ou Sé, Conceição e São Bento. (Fig. 7)

Do ponto de vista funcional, podemos dividir a cidade por um lado na parte velha (City), com a administração, o comércio e a indústria, as escolas e, naturalmente, também casas de habitação nas áreas residenciais, que se desenvolvem de forma irregu-

lar ao longo das ruas já na periferia da cidade; por outro lado, temos os bairros recentemente planeados (que se encontram, parcialmente, ainda em construção) como sejam as zonas residenciais ou de recreio a oeste e o bairro industrial e residencial a leste. (Fig. 7) Em relação à idade, distinguimos de modo idêntico a parte antiga e planeada da cidade (Compare-se à gravura 22), os bairros periféricos mais recentes que cresceram irregularmente e novas áreas planeadas que só existem parcialmente.

1.6. *Nome*

Angra, como já se referiu previamente, não significa outra coisa senão baía.

O predicado «do Heroísmo» foi dado à cidade em 1837 pela rainha D. Maria II, como prova de agradecimento e reconhecimento pela atitude que os cidadãos assumiram nas lutas liberais.

1.7. *População*

1.7.0. *Desenvolvimento da população*

Ano	Conceição	Sta. Luzia	São Bento	São Pedro	São Salvador	Cidade
1864	3757	2451	1484	1895	3178	12765
1878	3516	2625	1350	1946	3125	12562
1890	3425	2560	1315	1963	2940	12201
1900	3468	2524	1367	1924	2712	11995
1911	3151	2483	1203	1919	2373	11129
1920	3151	2462	1217	1993	2337	11160
1630	3222	2852	1306	2070	2550	12000
1940	3828	2798	1368	2299	3260	13553
1950	4285	3618	1525	2806	3168	15402
1960	5395	4252	1926	3607	2914	18094

No espaço de um século, Angra aumentou precisamente de uma vez e meia. Os números relativos a cada freguesia são de muito interesse: enquanto as freguesias periféricas cresceram fortemente (São Pedro dobrou de tamanho, acusando o maior crescimento). São Salvador acusa certa regressão demográfica, o que pode

bem ser a consequência de uma ligeira tendência para a formação do centro da cidade (City) (Bibl. nº. 21). A tabela seguinte compara a evolução da população de Angra com a dos concelhos e distritos de Angra e mostra que a cidade e o concelho aumentaram de modo essencialmente mais forte do que o distrito.

Ano	Cidade	Concelho	Distrito
1864	12765	31300	72497
1878	12562	31062	71978
1890	12201	31982	72031
1900	11995	33002	72951
1911	11129	32301	69704
1920	11160	31015	67116
1930	12000	32828	71166
1940	13553	35991	78224
1950	15402	39208	86443
1960	18094	43374	96174

1.7.1. *Emigração*

Como aconteceu com Ponta Delgada, devemos contentar-nos aqui com as seguintes indicações relativas ao concelho e ao distrito, já que só para a cidade não existem estatísticas correspondentes:

Distrito de Angra do Heroísmo — 1961 excedente natalício 1658
emigrantes 545 (=32,8%)

1962 excedente natalício 1572
emigrantes 346 (=22,0%)

Concelho de Angra do Heroísmo — 1961 excedente natalício 646
emigrantes 242 (=37,4%)

1962 excedente natalício 606
emigrantes 159 (=26,2%)

O concelho acusa uma percentagem de emigrantes um pouco mais elevada. Isto significa que a Angra só tem bastante menor atracção que Ponta Delgada por causa das suas indústrias insignificantes.

Dos 159 emigrantes de 1962, 91 viajaram para os E. U. A., 35 partiram para o Canadá e 33 foram para o Brasil. (Bibl. n.° 36).

Para o distrito de Angra do Heroísmo existem os seguintes dados relativos a emigrantes:

1890 — 1222	1953 — 181
1900 — 1127	1954 — 285
1911 — 3820	1955 — 205
1920 — 2724	1956 — 206
1930 — 157	1957 — 315
1940 — 119	1958 — 237
1950 — 328	1959 — 539
1960 — 1397	1960 — 1397
	1961 — 545
	1962 — 346

Até cerca de 1920, a emigração processa-se de maneira extraordinariamente intensa para logo diminuir fortemente durante a guerra e aumentar, em seguida, nos anos cinquenta. A base das Lajes consegue, todavia, travar um pouco esta evolução. Sobre o crescimento demográfico de 60959 ocorrido entre 1890-1953 recai um número de emigrantes que totaliza 44424 pessoas, de modo que o aumento populacional efectivo é apenas de 16535, o que representa uma alta na densidade demográfica de 103,8 para 208,5 por km2 (Bibl. n.° 36).

1.7.2. *Contingente de estrangeiros*

O distrito de Angra do Heroísmo contava com 539 estrangeiros em 1960, entre os quais havia 146 brasileiros e 144 americanos (Bibl. n.° 20)

1.8. *Abastecimento*

1.8.0. *Electricidade*

Uma central térmica, actualmente em estado de restauração e engrandecimento, assim como três centrais hidro-eléctricas, que uma após outra aproveitam a água das Furnas do Cabrito, abas-

tecem a Ilha Terceira de electricidade. Ambas se situam na Angra e produziram um total de 5603200 KWH em 1961, dos quais se venderam 4139698 KWH (tendo, portanto, a perda sido de 26,11%). Do consumo, 11% couberam à iluminação pública, 23% destinaram-se às indústrias e 66% foram gastos pelos particulares. Em 1964, a cidade de Angra consumiu 2400982 KWH ao todo, e com efeito, 13% foram gastos pela iluminação pública, 21,8% pelas unidades industriais e 65,2% pelos particulares. (Bibl. n.º 46, n.º 86 e n.º 94).

1.8.1. *Água*

As fontes que abastecem todas as freguesias desde a de S. Mateus até à de S. Sebastião, encontram-se na vertente da Serra do Morião, a 230 m de altitude. Para São Mateus e Angra, existem dois depósitos, cada um com o conteúdo de 900 m3, os quais se situam a 98 m. de altitude e se encontram um tanto acima da cidade.

O consumo anual de água na cidade é de cerca de 560000 m3; além disso, a indústria exige uns 70000 m3 e o hospital uns 15 a 20000 m3. (Bibl. n.º 94).

1.8.2. *Leite*

Na Angra, o leite é também, na sua maior parte, vendido pelas ruas. Existe um comércio de leite, a Leitaria Regional, e vende-se leite pasteurizado em várias lojas e cafés.

1.8.3. *Peixe*

Embora Angra do Heroísmo possua um pequeno mercado de peixe que é excelente, o abastecimento em peixe faz-se principalmente pela venda nas ruas. (Grav. 15)

1.8.4. *Carne*

Como em Ponta Delgada, o abastecimento de carne foi, até há dois anos, tarefa da competência dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal. Por ora, este abastecimento encontra-se

numa fase transitória e experimental, em regime de exploração meio-privada, meio-pública. Cinco talhos vendem no Mercado, três outros repartem-se pelas restantes zonas da cidade.

Em 1964, abateram-se no concelho de Angra do Heroísmo as seguintes quantidades de gado, destinado ao consumo público: 3707 vitelos, 3046 porcos, 234 borregos e 20 cabras (Bibl. n.º 90).

1.8.5. *Legumes e fruta*

Os legumes e a fruta compram-se ou no Mercado Agrícola, que abre todas as manhãs, ou então nas ruas. Actualmente, este mercado está a ser restaurado e aumentado (grav. 14) e, após conclusão das obras em curso, será talvez o melhor e mais moderno mercado dos Açores.

1.9. *Comunicações*

1.9.0. *Viação*

1.9.0.0. *Rede rodoviária da cidade*

É graças ao planeamento grandioso e de vistas largas, traçado pelo fundador da cidade, que Angra possui hoje uma rede rodoviária com capacidade suficiente para o tráfico moderno. As suas ruas são, em geral, largas, com passeios espaçosos, e, com excepção de poucas, são transitáveis nos dois sentidos. Além disso, existem suficientes parques de estacionamento, tanto para os permanentes como para os visitantes. (Fig. 7 e grav. 6, 7, 8, 9). Às horas de ponta na circulação, à noite e ainda durante os fins de semana, quando os americanos, vindos da base circumvizinha, inundam as ruas com os seus espadas, o tráfico continua mesmo assim ordenado e fluente. Sobretudo o eixo Oeste-Leste (grav. 6 e a 7) é largo. E a partir da Praça da Restauração para leste, conseguiu-se uma hábil separação com a divisão parcial em duas ruas de sentido único. A figura 7 mostra como os modernos planificadores não ficam atrás dos seus antepassados. Os novos traçados de ruas na freguesia de São Pedro, os de São Bento e da Conceição foram concebidos com grande generosidade.

De aspecto convincente é, sobretudo, a ligação do futuro bairro industrial com o porto, através da Avenida Infante D. Henrique. (Grav. 4)

É de presumir que Angra, nos anos mais próximos, não venha a ter quaisquer graves problemas de circulação, mesmo se tivermos em conta a eventualidade de o parque automóvel acusar um aumento explosivo.

1.9.0.1. *Número de veículos e recenseamentos de tráfego*

No concelho de Angra do Heroísmo existiam em 1963 os seguintes veículos:

108 motocicletas
870 automóveis ligeiros
189 automóveis pesados
6 tractores

Isto perfaz um total de 1173 veículos motorizados (Bibl. n.º 79). Na cidade de Angra, existem à disposição os seguintes carros de aluguer: 70 carros de praça com chauffeur (táxis), 6 automóveis sem chauffeur, 15 camionetas (ligeiras), 35 camiões (pesados), 3 veículos pesados para transportes colectivos e 53 autocarros (Bibl. n.º 86).

Nos recenseamentos, as contagens de veículos deram como resultados as médias diárias de tráfego:

anos:	1955	1960	1965
Bicicletas	106	115	106
Motocicletas	41	249	395
Automóveis	926	1409	1814
Camiões	198	326	318
Autocarros	94	147	217
Veículos de tracção animal	165	112	94
Total dos veículos	1530	2358	2944

Dos resultados apurados temos que o tráfego quase dobrou no espaço de 10 anos. (Bibl. n.º 85).

1.9.0.2. *Transportes públicos*

A viação da Terceira está servida por uma só companhia, a Empresa de Viação Terceirense. Esta companhia tem 6 linhas urbanas na cidade de Angra do Heroísmo e subúrbios, 8 carreiras interurbanas de ida e volta para a ilha e mais 2 carreiras para o transporte de mercadorias. Praia da Vitória possui, como segundo centro mais importante da ilha, igualmente várias carreiras.

1.9.1. *Comunicações marítimas*

O desenvolvimento e o estado actual do porto de Angra estão representados na figura 8. Além disso, há os desenhos na figura 5 com todos os molhes e pequenos molhes existentes, muito importantes para a navegação e para a pesca. As gravuras 11, 12, 13 mostram as instalações que possuem uma capacidade muito pequena. No Porto de Pipas só podem atracar pequenos barcos das carreiras interinsulares, ao passo que os grandes vapores vindos de Lisboa têm de ancorar frente à baía. O transporte de pessoas e mercadorias é efectuado num vai-vém de pequenas embarcações. Neste caso, entra então em acção o velho Cais da Alfândega, que representa para os passageiros um encurtamento notável em relação ao Porto de Pipas. Angra não conta ainda com um porto melhor devido à profundidade da sua baía e pelo facto de em Praia da Vitória a construção de um bom porto se apresentar como relativamente fácil. Desde que a base americana existe na Terceira, construiu-se uma ponte de atracar provisória e quando o regime dos ventos é desfavorável (o que não acontece raramente), os barcos atracam lá. Se em vez do número de barcos considerarmos o seu carregamento, então é de assinalar que Praia da Vitória tem maior movimento do que Angra do Heroísmo, por os abastecimentos à base americana se fazerem através deste porto (sempre que a mercadoria não seja transportada por avião). Há muito que os técnicos se puseram de acordo quan-

to à construção do futuro porto da Ilha Terceira. São de opinião que se deve construir o porto em Praia da Vitória e não em Angra. A questão agora está em saber quanto tempo levará ainda até que em Angra se reconheça que é mais importante para a Ilha Terceira ter um bom porto do que querer à força que o porto se construa em Angra.

Em 1964 atracou no porto de Angra um total de 422 navios (com uma tonelagem de 516300 toneladas brutas). Deste número, 212 eram navios de longo percurso e 210 eram barcos de cabotagem e das carreiras interinsulares. O movimento de cargas comportou 53755 toneladas (44166 toneladas descarregadas e 9589 toneladas carregadas). Partiram 24095 passageiros e chegaram 20747, enquanto que 10393 se encontravam em trânsito (Bibl. n.º 23, 43, 70, 71, 73, 74).

1.9.2. *Comunicações aéreas*

A SATA está autorizada a utilizar, para os seus vôos, o aeroporto militar da Base das Lajes. (Fig. 4) Deste modo, a Ilha Terceira dispõe de uma ponte aérea com São Miguel e Santa Maria.

Em 1964, registaram-se nas Lajes 344 vôos de partida e outras tantas chegadas, o que é pouco, se compararmos com Sant'Ana e tivermos em conta que as Lajes são o aeroporto das sete ilhas ocidentais dos Açores. Nesses vôos partiram 1437 pessoas, transportaram-se 12958 kg. de carga e 11 235 kg. de correio enquanto se registaram 1871 chegadas de passageiros e se transportaram 9567 kg. de carga e 28 398 kg. de correio. (Bibl. n.º 93).

2. *Estrutura funcional*

2.0. *Administração*

A administração em Angra funciona mais ou menos como em Ponta Delgada. Ao nível do concelho, temos a Câmara Municipal e a Comissão Regional de Turismo da Ilha Terceira para a ilha; e a nível distrital há a assinalar o Governo Civil, a Junta Geral com diversos orgãos dependentes, a Junta Autónoma dos

Portos do Distrito e a Direcção do Distrito Escolar, (Consulte-se as figuras 2, 3 e 4).

Angra do Heroismo é, além disso, a séde do episcopado dos Açores desde o século XVI, de modo que ainda alberga pelo menos uma instituição superior do arquipélago este facto é de muito valor, sobretudo quando posto em relação com Ponta Delgada.

Na representação diplomática, encontramos aqui os Consulados de Espanha, Brasil e Perú, assim como um agente consular de França.

2.1. *Escola*

Angra tem 9 edifícios de escolas primárias com 34 turmas, 34 professores e 1316 alunos. A Escola Particular Angrense tem 2 professores, 2 turmas e 25 alunos (Bibl. n.º 84).

Em 1964/65, o Liceu contava com 660 alunos distribuidos por 20 turmas. O Magistério Primário, anexo ao Liceu, tinha 2 turmas com 66 alunos. Na Escola Comercial e Industrial, havia 35 turmas com um total de 664 alunos.

O Seminário Episcopal contava, no ano lectivo de 1964/65, com 148 estudantes: 42, no curso preparatório, 75 no curso de Filosofia e 31 no curso de Teologia.

2.2. *Infra-estruturas sociais*

Com o seu novo Hospital Regional, apetrechado com o que há de melhor, os seus especialistas e farmácias, Angra é considerada naturalmente como o centro médico não só da Ilha Terceira, do distrito de Angra, mas também de toda a parte ocidental dos Açores. Todos os tratamentos e operações que não são possíveis nas ilhas, se realizam ali. Como clínica psiquiátrica, deve-se mencionar ainda a Casa de Saúde de S. Rafael.

2.3. *Instituições culturais*

A Biblioteca Pública e Arquivo Distrital e o Museu Regional (que

só entre 1948-56 foram criados) existem nas dependências do que fora outrora o Palácio Bettencourt. Há um pequeno Museu de Arte Sacra na Sé Catedral. Em Angra têm suas sedes duas sociedades: a Sociedade Afonso Chaves que publica o seu órgão intitulado «Açoreana», e o Instituto Açoriano de Cultura, cuja revista é a Atlântida. Uma sociedade privada, Rádio Clube de Angra, tem emissor próprio, a «Voz da Terceira», captável em todas as ilhas. O estúdio radiofónico conta ainda com uma pequena sala de concerto e de teatro. Há depois o Teatro Angrense que, normalmente, é utilizado como cinema. Finalmente, saem dois diários na cidade: o «União» (vespertino) e o «Diário Insular» (matutino), cada um com uma tiragem de cerca de 1 500 a 2 000 exemplares.

2.4. *Desporto e recreio*

Angra possui um rectângulo de futebol, uma praça de touros (grav. 19) e campos de ténis. Quem quiser tomar banho, pode escolher entre várias possibilidades improvisadas e, além disso, a magnífica praia de areia de Praia da Vitória não fica muito longe. Três cinemas têm a seu cargo zelar pelo divertimento dos habitantes, que hoje, todavia, já visitam frequentemente a base americana, onde se lhes facilita a entrada no clube dos oficiais.

2.5. *Pesca*

Há 133 pescadores profissionais inscritos na Angra e 170 em São Mateus, enquanto outros 21 trabalham a partir da Silveira. O peixe é o meio de alimentação mais importante; existe também uma fábrica de conservas em Angra (Bibl. n.° 81).

2.6. *Indústria*

O aspecto da ocupação do solo na Terceira era o seguinte em 1962: (Bibl. n.° 90)

Construções	3,0%
Ruas e caminhos	1,5%
Terreno estéril	2,0%

Pastagem	45,5%
Matas	11,0%
Vinhas e pomares	2,0%
Terreno arável	17,5%
Terreno inculto	17,5%

À pecuária, à leitaria e, por analogia, também à indústria e ao comércio, cabe a maior importância. Angra possui, essencialmente, uma fábrica de lacticínios, duas fábricas de conservas de peixe. A fábrica de lacticínios produz o leite pasteurizado para a base americana e fornece também algum queijo e um pouco de manteiga. Quanto ao resto, trabalha para exportar para o continente.

Em 1964, produziram-se 547077 kg. de manteiga na Ilha Terceira (dos quais se exportaram 348336 kg.) e 742278 kg de queijo (dos quais se exportaram 528501 kg). Exportaram-se ainda: 75630 peles de animais, 7000 kg. de gordura e 7528 kg. de caseína. A exportação de gado foi de 1837 reses bovinas, 66 cavalares, 14 muares e 388 suínos (Bibl. n.° 90).

2.7. *Comércio e artesanato*

Angra é o centro comercial e industrial da Terceira e do distrito de Angra. Aqui chegam todas as mercadorias importadas (quando não são descarregadas em Praia da Vitória por causa do mau tempo); aqui se carrega a pouca exportação (gado e lacticínios); aqui se encontram lojas de especialidades, agência marítima e agência de viagens de avião, bancos, oficinas e armazéns.

O comércio com os americanos é relativamente pequeno, já que, na ilha, só compram lacticínios e ovos, além de umas recordações (bordados e objectos feitos de dente de baleia). Todas as outras coisas são trazidas dos Estados Unidos.

2.8. *Comunicações*

Relativamente à rede rodoviária, Angra não goza exactamente da mesma importância que Ponta Delgada ou até mesmo a Horta.

visto ter em Praia da Vitória um sério rival. O porto goza de uma importância exclusivamente local e regional. Metade dos navios que o abordam são barcos das carreiras interinsulares, que ligam umas às outras as ilhas dos Açores do grupo central.

O aeroporto das Lajes não presta quaisquer bons serviços, tanto à Ilha Terceira como à cidade de Angra, desde que continue a ser base militar apenas. No dia em que o Faial e eventualmente outras ilhas tenham um aeroporto e o turismo aumente, mal se perderá tempo com perguntas sobre se a base das Lajes não poderá também ser simultaneamente utilizada como aeroporto civil.

2.9. *Turismo*

Até à data, Angra só conhecia quase exclusivamente o turismo de passagem dos vapores provenientes de Lisboa, que de vez em quando ancoravam em frente da baía o dia inteiro; os passageiros podiam assim sair a dar um passeio. As possibilidades de alojamento resumiam-se praticamente a uma única pensão. Nesta altura, está em construção um hotel de 1.ª classe na Praça da Restauração (com as costas viradas para o jardim), assim como uma estalagem na Mata da Serreta.

No fundo, é decepcionante que até agora os Terceirenses tenham precisamente negligenciado tanto a parte turística. Para começar, teriam logo uma clientela certa nos americanos das Lajes, que são independentes de qualquer problema de circulação já que todos, sem excepção, têm carro próprio.

3. *Descrição histórico-genética*

Não se conhece o ano exacto em que as Caravelas do Infante D. Henrique descobriram a Ilha Terceira, a qual se chamou a princípio Ilha de Jesus Cristo. Apenas se sabe que tal deve ter sido antes de 2 de Julho de 1439. A colonização da ilha começou em 1450, após nomeação do primeiro Capitão Donatário, na pessoa do nobre flamengo Jácome de Bruges.
Em 1460, Álvaro Martins Homem chegou à Terceira por ordem

do Infante D. Fernando, a fim de ajudar Bruges na obra de colonização.

Álvaro Martins Homem decidiu logo estabelecer-se na região onde é hoje a cidade de Angra, por ter encontrado ali muita água. Entretanto, uma densa floresta cobria a região, atravessada por uma boa ribeira que corria onde é hoje a Rua da Miragaia. E lá onde fica hoje a Praça da Restauração, era antes um grande pântano. Homem começou a desbravar energicamente o terreno, desenvolveu a agricultura e desviou o curso da ribeira, canalizando-a um tanto para leste e construindo vários moinhos nas margens. (Grav. 24). Secou a região pantanosa onde é hoje o centro da cidade e erigiu os primeiros edifícios, entre os quais se contam as igrejas de São Salvador e Conceição. Em 1474, após o misterioso desaparecimento de Jácome de Bruges, dividiu-se a Ilha Terceira em duas Capitanias. A Capitania de Angra coube ao marinheiro João Vaz Corte Real e Homem recebeu a de Praia.

Corte Real foi viver para a casa de Álvaro Martins Homem, que ainda hoje existe, sob protecção devida a Monumentos Nacionais. (Grav. 17). Dedicou-se em seguida à edificação da Angra, cuja construção concebeu com medidas generosas e de vasto alcance. Terminou a construção da Igreja de São Salvador, erigiu a primeira fortificação de Angra, o Castelo de São Luís ou Castelo de São Cristóvão lá onde se encontra a Memória, continuou a canalização do canal e participou na edificação do convento dos Franciscanos. Corte Real mandou ainda construir o Hospital de Santo Espírito e a Casa da Alfândega, esforçando-se fervorosamente por incrementar o comércio. Os principais produtos da Ilha naquela época eram o gado, os cereais e o pastel. Angra do Heroismo adquire repentinamente grande importância com a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Em 1499, a frota de Vasco da Gama lança ferro em Angra, no caminho de regresso e Paulo da Gama, irmão de Vasco, que adoecera na viagem, morre e é sepultado na Igreja dos Franciscanos. Al-

gumas décadas antes, vários navegadores tinham já empreendido a abertura do caminho para Ocidente a partir de Angra. Diogo de Teive alcançou a Terra Nova em 1452 e, no regresso, descobriu ambas as ilhas açorianas ocidentais: Flores e Corvo. João Vaz Corte Real e Álvaro Martins Homem alcançaram a mesma costa, provavelmente ainda antes de 1474. Pero de Barcelos e João Fernandes Lavrador chegaram em 1492 ao continente norte-americano. Gaspar e Miguel Corte Real também tentaram alcançar este continente entre 1500 e 1502 e terão porventura lá chegado, embora nunca tenham voltado.

Angra do Heroismo, que em 1480 é uma vila pequenina com poucas centenas de habitantes, estabelecidos ao longo da ribeira entre o porto e o Castelo dos Moinhos (Castelo de São Luís), torna-se depressa uma importante cidade portuária e comercial, visto estar situada no ponto onde se cruzam as rotas atlânticas. (Fig. 10) Marinheiros de todas as nações se reunem aqui: trocam mercadorias, reparam barcos, fazem aguada, abastecem-se de mantimentos. Segundo descrições de Pompeo Arditi (Bibl. n.º 3), Jan Huygen van Linschoten (Bibl. n.º 35) e o Padre António Cordeiro (Bibl. n.º 11) não há nada que não se pudesse comprar em Angra. Angra vem a ser uma Lisboa *en miniature;* em 1534 é promovida a cidade por D. João III e simultaneamente designada Sé do Episcopado dos Açores pelo Papa Paulo III.

O Castelo de São Sebastião fica pronto em 1575 e deverá, de futuro, proteger a baía e o porto de Angra dos ataques desencadeados pelos piratas, que vêem na cidade um alvo cobiçado, já que ali existem, entre outras riquezas, grandes quantidades de metais preciosos. Nos meados do século já Sebastião Moniz se queixara perante o rei, que ninguém se interessava pelo muito ouro existente em Angra, pelo facto de não se cunhar moeda. E propôs-lhe então que deixasse abrir uma Casa da Moeda na cidade. No Porto de Pipas existe um estaleiro pequeno e no porto é fácil encontrar dúzias de navios estrangeiros, da marinha mercante. Numa palavra: Angra do Heroísmo tornou-se o fulcro

do Comércio atlântico. Quando Portugal continental perdeu a independência em 1580 a favor de Espahha, a Ilha Terceira ainda resistiu aos espanhóis durante 3 anos inteiros, nos quais Angra foi a capital do reino de Portugal. D. António Prior do Crato chegou à ilha em 1582 e foi reconhecido rei de Portugal. No entanto, nos anos seguintes a Terceira seria obrigada também a deixar de oferecer resistência para se submeter ao jugo castelhano. Os espanhóis começaram a edificar o gigantesco Castelo de São Filipe em 1590. Trata-se de uma das mais grandiosas e mais fortes fortificações que jamais existiram na Europa.

A sua função principal era proteger as frotas castelhanas carregadas de metais preciosos e criar-lhes um ancoradouro seguro no meio do Atlântico. Um dos documentos mais belos e mais interessantes para a história de Angra é o mapa do explorador holandês Jan Huygen van Linschoten, com data de 1595 (Bibl. 35 e 56), várias vezes copiado posteriormente (grav. 25 e 26, Bibl. n.° 57-61). Este mapa dá-nos uma imagem da cidade com todos os pormenores e faz-nos pressentir a importância que a cidade de então terá tido. (Grav. 22-24).

Em 1642, Portugal liberta-se do domínio espanhol e o novo rei, D. João IV, confere os predicados de «mui nobre e sempre leal» a Angra do Heroismo pela bravura e resistência de que suas gentes deram prova. O Castelo de São Filipe (em honra de Filipe II) muda de nome e passa a chamar-se Castelo de São João Baptista. De 1669 a 1674, D. Afonso VI vive nesta fortaleza como prisioneiro. Em 1766, Angra do Heroismo é elevada à categoria de capital dos Açores segundo um Decreto do Marquês de Pombal. A Capitania Geral (governo político, civil e militar) é instalada nas dependências do Colégio dos Jesuítas daquela época. De 1828 a 1829, Angra do Heroismo é novamente a capital do reino de Portugal, pois que a Junta Provisória é investida em suas funções na Terceira, logo após a Revolução Liberal. Em seguida a Angra recebe, por meio de Decreto de D. Maria II, o título de «Muito nobre, leal e sempre constante cidade de Angra do

Heroismo», título em que está presente a história gloriosa de Angra (Bibl. n.º 10, 12, 31, 32, 39), tão repleta de eventos.

4. *Planificação e futuro*

Visto que foi, logo de início, planificada no quadro de uma concepção generosa, a cidade de Angra encontra-se hoje na situação propícia de não ter quaisquer graves problemas de comunicações, de natureza técnica. De resto, também não tem nenhuns problemas excepcionais de tipo económico ou social, de modo que uma planificação global não é necessária.

A Câmara Municipal ocupa-se exclusivamente da planificação de bairros, cada um por si. E, neste aspecto, tem dado boa conta do recado até à data, como o provam as novas zonas da cidade, a oeste e a leste, em estado de construção. (Fig. e grav. 4).

Para a indústria futura, há actualmente reservas de terreno primorosamente urbanizado, nas proximidades do porto.

Separados, mas relativamente perto do local, estão previstos bairros residenciais para os trabalhadores e para a classe média. Além disso, estão projectados a construção do novo Liceu e do Parque Municipal no sopé do Monte Brasil (no lugar a que chamam Relvão). Em obras estão, como já foi mencionado mais acima, o novo mercado e o hotel.

Um dos poucos problemas graves de Angra é o porto. A Terceira precisa de um porto abrigado e com capacidade. Ora esse porto deverá construir-se, como é provável, não na baía de Angra, mas em Praia da Vitória. Se assim acontecer, Angra do Heroismo virá a perder consideravelmente a sua função de cidade portuária.

5. Figuras

Figura 1 Mapa com vista geral do Atlântico
Figura 2 Mapa com vista geral dos Açores
Figura 3 Distrito de Angra do Heroísmo
Figura 4 Ilha Terceira
Figura 5 Topografia de Angra do Heroísmo (Segundo a Carta Militar 1: 25'000)
Figura 6 Regime dos ventos em Angra do Heroísmo
Figura 7 Planta da cidade de Angra do Heroísmo
Figura 8 Instalações do porto de Angra do Heroísmo
Figura 9 Vice-Consulados em Angra do Heroísmo (Segundo Helder Fernando Parreira de Sousa Lima)
Figura 10 Os Açores como fulcro do comércio atlântico nos séculos XV, XVI e XVII (Segundo Helder Fernando Parreira de Sousa Lima).

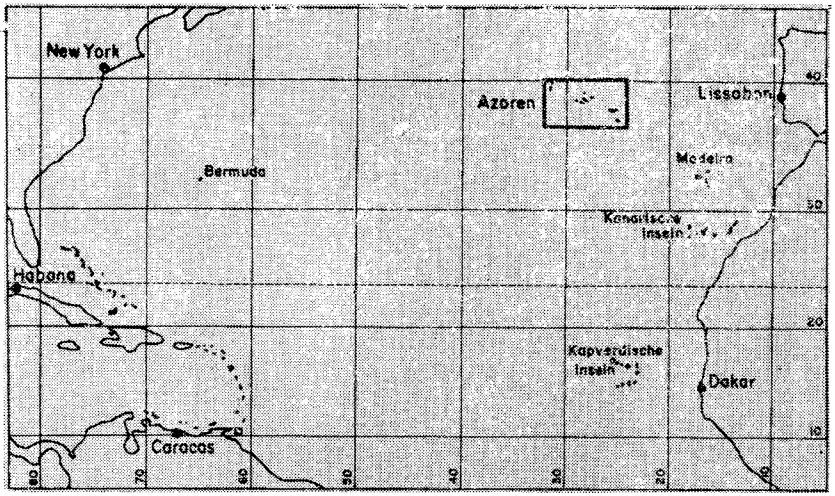


Figura 1: **Vista geral do Atlântico**

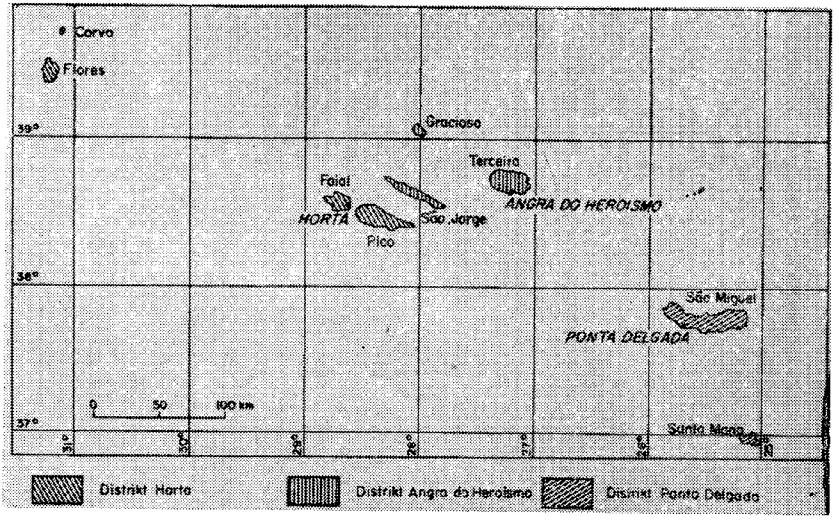


Figura 2: **Vista geral dos Açores**

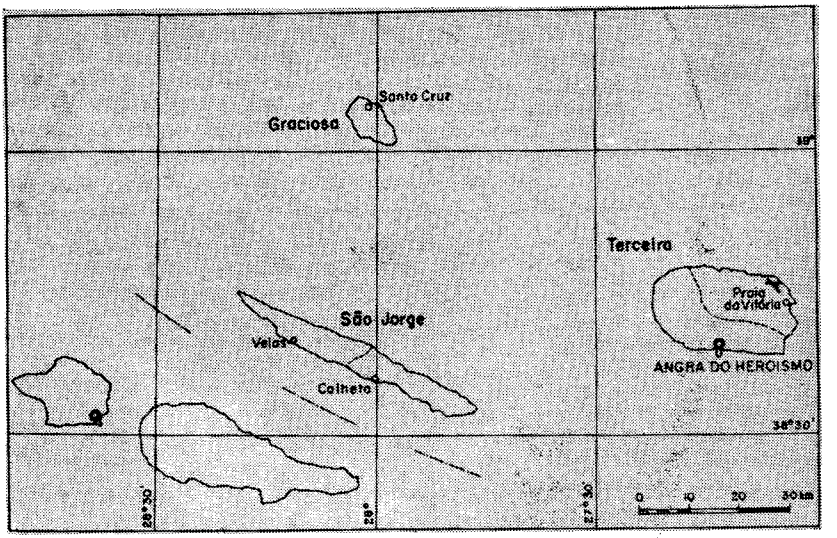


Figura 3: **Distrito de Angra do Heroísmo**

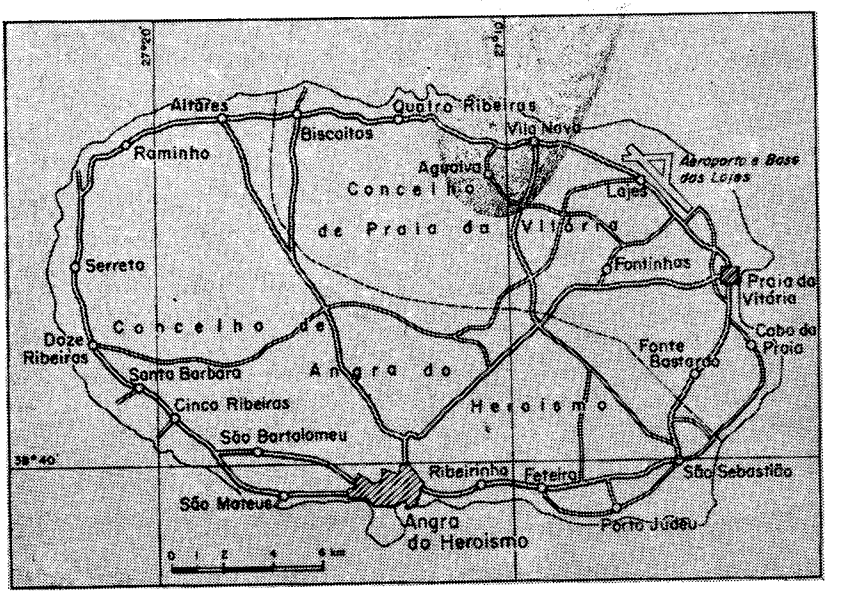


Figura 4: **Ilha Terceira**

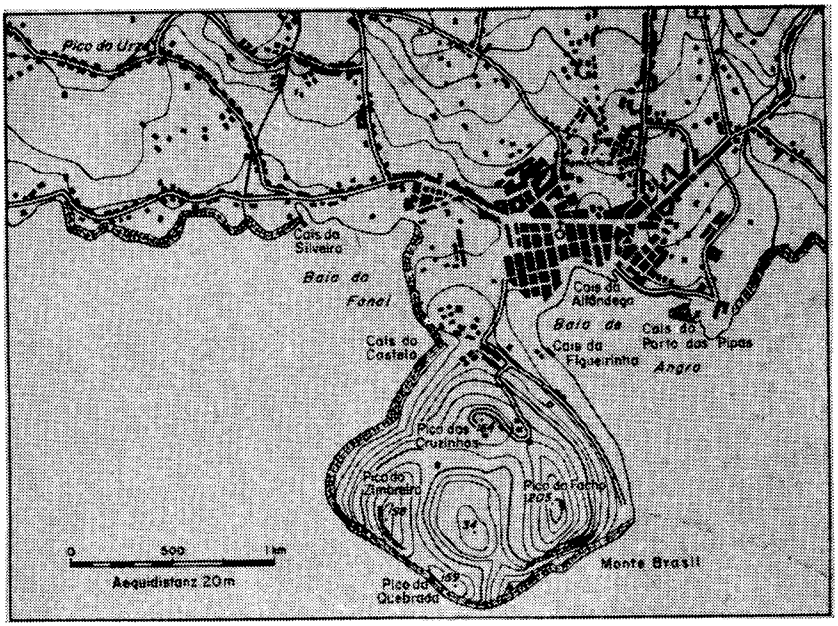


Figura 5: **Topografia de Angra do Heroísmo (Segundo a Carta Militar 1:25000)**

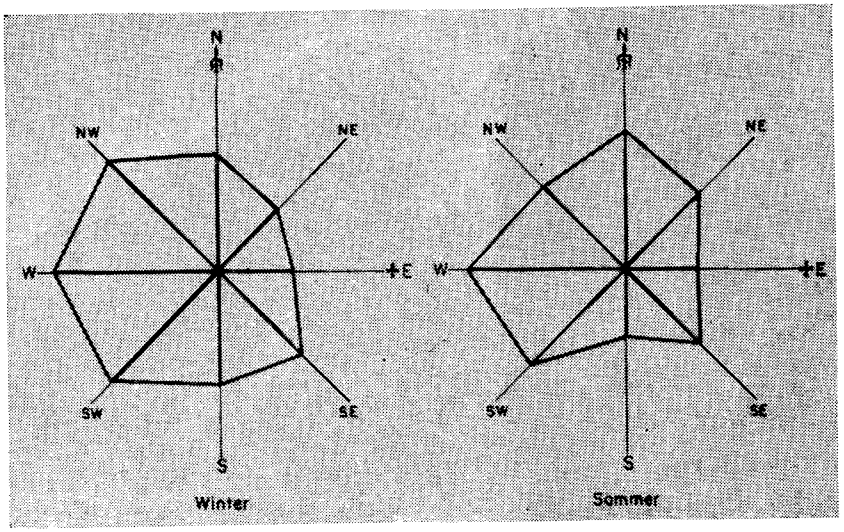


Figura 6: **Regime dos ventos em Angra do Heroismo**

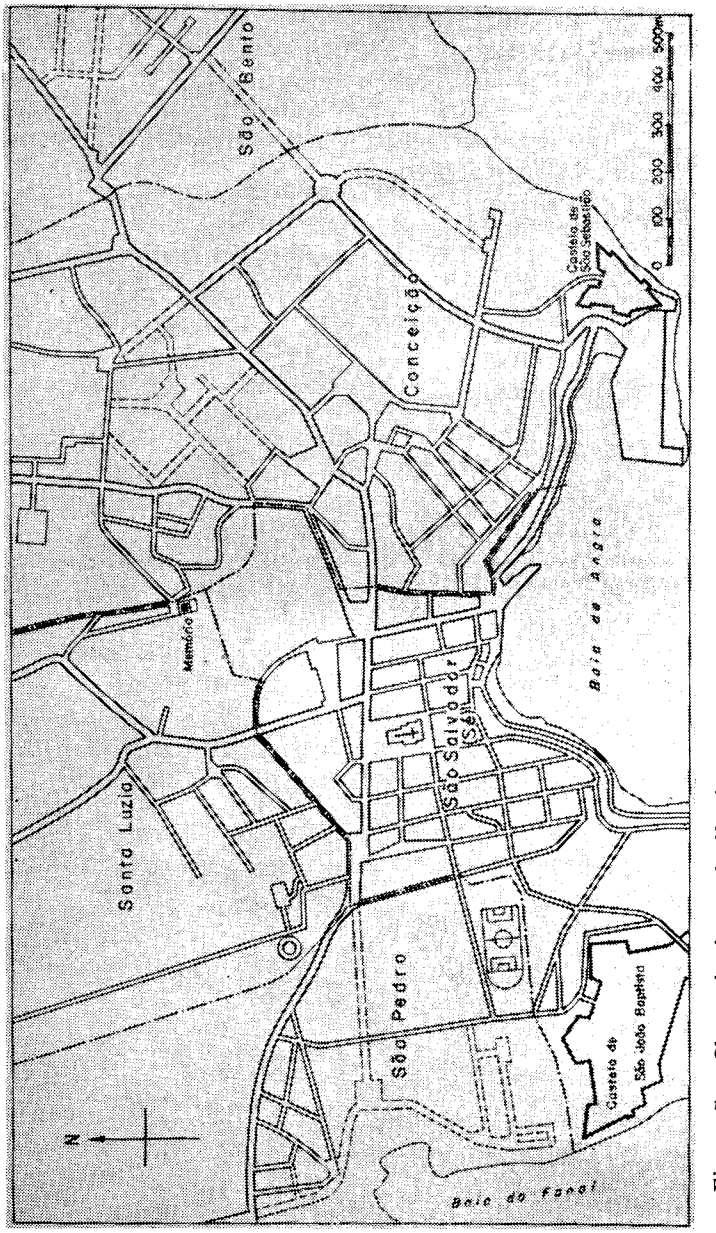


Figura 7: **Planta de Angra do Heroismo**

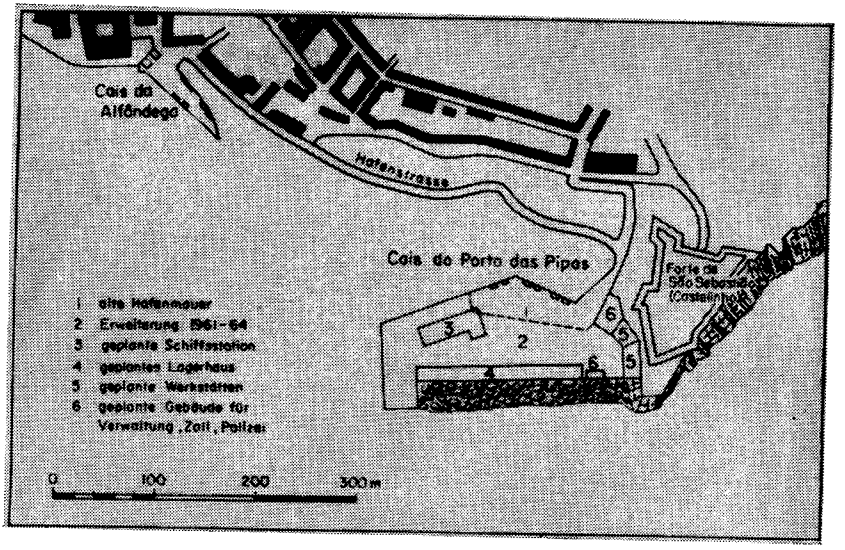


Figura 8: **Instalações do porto de Angra do Heroísmo**

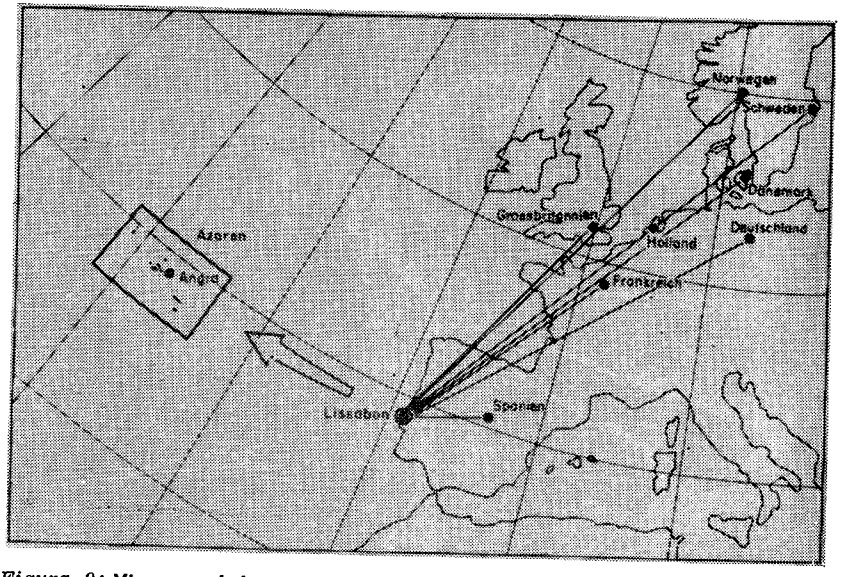


Figura 9: **Vice-consulados em Angra do Heroísmo no século XVII (segundo Helder Fernando Parreira de Sousa Lima)**

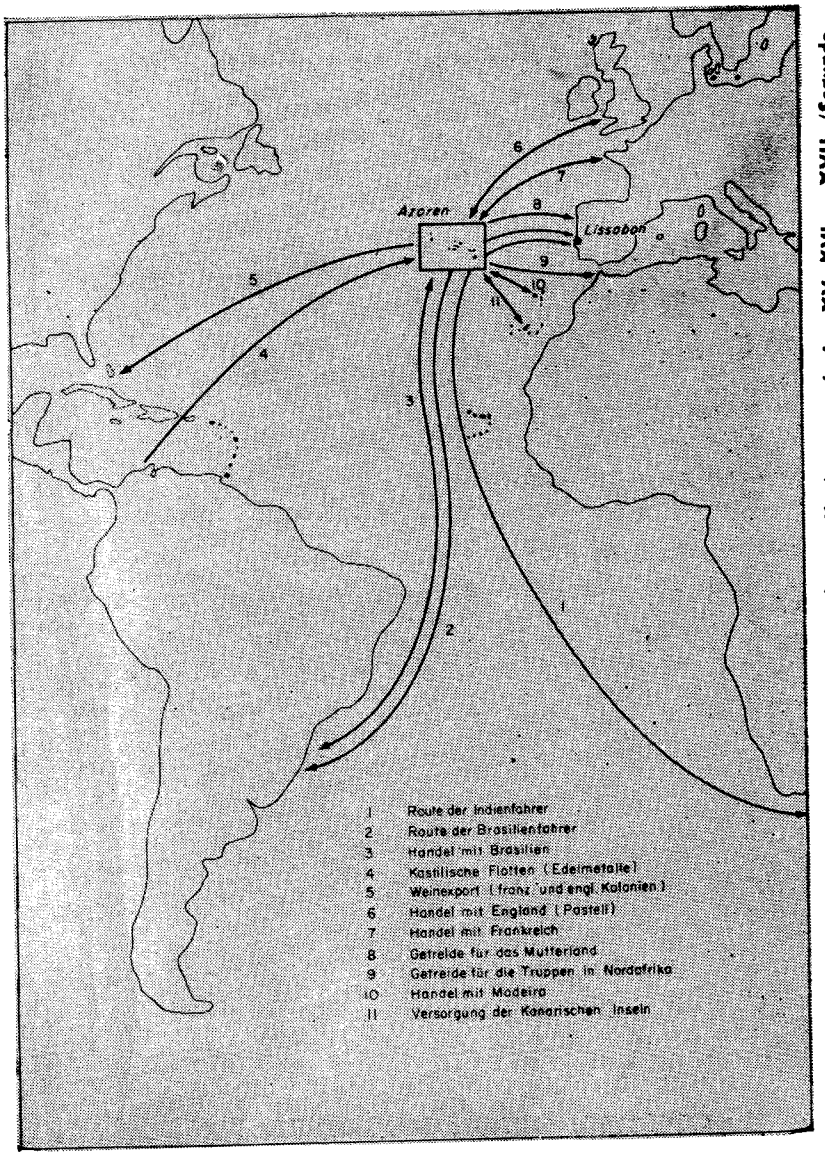


Figura 10: **Os Açores como placa giratória do comércio atlântico nos séculos XV, XVI e XVII (Segundo Helder Fernando Pariseira de Sousa Lima)**

6. Gravuras

Gravura 1: Vista da Memória sobre a cidade e o Monte Brasil.

Deste monumento, que se encontra onde era antes o Castelo de São Cristóvão, desfruta-se um panorama único sobre Angra (Fig. 5). Da esquerda para a direita, reconhecemos o Jardim Público, o hotel em construção, a Igreja da Misericórdia, a Central Eléctrica, a Igreja do Colégio, o Governo Civil (onde em tempos foi o Colégio dos Jesuítas), a Sé Catedral e, bem ao fundo, o istmo com o Castelo de São João Baptista e os horríveis aquartelamentos novos.

Gravura 2: Vista do Observatório Meteorológico sobre a cidade, o Monte Brasil e a Baía de Angra

A Sé Catedral domina a imagem da cidade, quando a vemos do campo. O Porto das Pipas pode continuar a receber apenas pequenos barcos, como já acontecia antes, e isto apesar de importante aumento do comprimento do molhe. Os pequenos barcos são mais ou menos como o barco da carreira semanal de Ponta Delgada. Os grandes vapores vindos de Lisboa têm de ancorar lá fora na baía e os passageiros e a carga são transportados em barcos num ritmo de vai-vém.

Gravura 3: Vista do Pico das Cruzinhas (Monte Brasil) sobre a cidade e sobre a Serra do Morião.

Da esquerda para a direita reconhecem-se: o Mercado, a Sé Catedral, Igreja do Colégio, Jardim Público, Memória, Hotel, Câmara Municipal, Igreja de São Francisco, Hospital Regional, Alfândega, Igreja da Misericórdia, Cais da Alfândega, Igreja da Conceição, Palácio da Justiça e Igreja dos Remédios (Grav. 11 e Fig. 53.

Gravura 4: Vista aérea de Angra (Bairro residencial e industrial previsto).

Nesta fotografia, o Porto das Pipas não está ainda terminado; por outro lado, já se vê o novo Palácio da Justiça, os silos de cereais pertencentes à C. R. C. A. A., novos blocos de habitação, a garagem da Empresa de Viação Terceirense, a central térmica, várias empresas industriais menores e armazéns; vê-se também a Avenida Infante D. Henrique, que é objecto de tratamento muito cuidado e que liga esta zona ao porto. Entretanto, surgiram novos blocos residenciais, depósitos de carburantes e unidades industriais. Planeados ainda estão já a construção do novo Liceu, mais bairros residenciais e fábricas. (Fig. 7).

Gravura 5: Igreja da Misericórdia.

Esta igreja domina a imagem da cidade, quando se vem do mar e se entra na Baía de Angra. Altaneira, observa o Pátio e o Cais da Alfândega, por sobre a Baía na direcção do Monte Brasil.

Gravura 6: Vista sobre a Rua da República tirada da Praça da Restauração (a Rua da República chamava-se antes Rua da Sé).

Larga, clara e limpa é esta rua de passagem O/E, dotada de passeios largos e lindamente decorados. (Grav. 7). Mesmo em períodos de grande movimento, às horas de ponta e aos sábados, na altura em que os americanos da base aérea vizinha inundam as ruas com grandes carros, a circulação permanece líquida, sem engarrafamentos.

Gravura 7: Rua da República (antiga Rua da Sé).

A mesma rua vista em sentido contrário. São visíveis à direita as escadas que levam à Catedral.

Gravura 8: Rua de Lisboa.

Também esta rua, artéria principal na direcção N/S, que come-

ça no porto e vai ter à Praça da Restauração, é ampla, com duas pistas, e dispõe ainda de espaço suficiente para automóveis estacionados.

Gravura 9: Rua do Conselheiro Jacinto Cândido.

À esquerda, são as traseiras da Sé Catedral; à direita fica o Palácio Bettencourt, onde é hoje a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital assim como o Museu.

Gravura 10: Novos bairros residenciais na parte ocidental da cidade.

Ao fundo está a Rua do Doutor Sidónio Pais segundo a arquitectura tradicional: uma casa a seguir à outra, de ambos os lados da rua, muito perto da pista de rodagem. Em primeiro plano, o novo bairro planeado e já parcialmente construído, com casas para uma só ou para várias famllias, com canteiros ajardinados e parques de jogos. Este bairro fica perto do centro da cidade e usufrue de uma vista excelente para o Monte Brasil e para a Baía do Fanal. (Fig. 7).

Gravura 11: Vista do Monte Brasil sobre a baía e sobre o velho porto.

Fotografia tirada à distância que mostra um aspecto da gravura 3. Reconhecemos a Alfândega, a Igreja da Misericórdia e o Cais da Alfândega; depois, vê-se a rua do porto que conduz ao Porto das Pipas. (Fig. 8).

Gravura 12: Cais da Alfândega e Porto das Pipas.

Da esquerda para a direita, a rua do porto, o Castelo de São Sebastião (Castelinho), o Cais da Alfândega e o Porto das Pipas. (Fig. 8).

Gravura 13: Vista do Castelo de São Sebastião (Castelinho) sobre o Porto das Pipas, o Monte Brasil, a baía de Angra e o Castelo de São João Baptista.

O molhe que foi aumentado já entrou em funcionamento; o resto da construção deve começar em breve. (Fig. 8).

Gravura 14: O novo Mercado (em construção).

Gravura 15: Peixeiro.

Embora Angra tenha um mercado de peixe grande e limpo, o peixe é, em geral, vendido pelas ruas.

Gravura 16: Rua das Maravilhas.

Esta ruela íngreme é uma parte da antiga estrada importante que outrora ligava o Castelo de São Cristóvão (também designado Castelo de São Luís) ao porto. (Grav. 24).

Gravura 17: Vista da Memória sobre o solar dos Corte-Reais.

Este edifício, um dos mais antigos de Angra, foi construido por ordem de Álvaro Martins Homem; mais tarde veio a ser do Capitão Donatário João Vaz Corte-Real; acolheu o famoso D. António Prior do Crato e está hoje sob protecção como Monumento Nacional. Linschoten indica-o no seu mapa com a designação «C. do Capitão». (Grav. 24).

Gravura 18: Vista do Monte Brasil sobre a Serra de Santa Bárbara e sobre o Castelo de São João Baptista.

Esta grande fortaleza, começada nos finais do século XVI, sob o domínio espanhol; foi depois considerada, durante séculos, como inexpugnável, graças à sua construção e posição estratégica óptima. (Fig. 5). É incompreensível que se tenha come-

çado nos últimos anos, sistematicamente, a desfigurar, com tanta desconsideração, a fortaleza, construindo casernas militares modernas muito feias. A Igreja é por assim dizer o último edifício de origem que resta, aliás a pedir uma renovação urgente. (Grav. 20).

Gravura 19: Tourada na Praça de Toiros de São João.

Uma recordação do domínio espanhol que durou de 1583 a 1642: a tourada na Praça de Toiros.

Gravura 20. Igreja de São João Baptista.

Esta linda igreja, que devia ser recuperada urgentemente antes da derrocada, foi erigida sob o reinado de D. João IV, após a expulsão dos espanhois.

Gravura 21: Igreja e antigo Convento de São Francisco.

Paulo da Gama está sepultado na Igreja. Morreu no regresso da viagem de descoberta do caminho marítimo para a Índia, quando acompanhava seu irmão. O antigo convento serve actualmente ainda de Liceu e virá possivelmente a alojar o Museu.

Gravura 22: Jan Huygen van Linschoten, Angra na Terceira.

Gravura 23: Jan Huygen van Linschoten, Angra na Terceira (Recorte) 1595.

Verificamos, com espanto, como a Angra se modificou tão pouco até aos nossos dias, e em especial a parte do porto (Fig. 8).

Gravura 24: Jan Huygen van Linschoten, Angra na Terceira, 1595 (Recorte).

Também aqui sobressai o cuidado e a exactidão com que o explorador holandês reproduz Angra.

Gravura 25: Veduta della Citta d'Angra nell'Isola di Tercera, Capitalle dell' Azzori o Azzoridi, 1688.

Uma das inúmeras imitações do mapa de Linschoten, executada por um tal Giovanni Priuli da Serenissima Republica di Venetia. O facto de o cartógrafo não indicar o Castelo de São João Baptista, já existente nessa época, leva a pensar que ele nunca terá estado em pessoa nos Açores.

Gravura 26: Imitação de Linschoten (tirado de: Description de l'Univers, Paris, 1683).

Este desenhador também mal deve ter estado em pessoa nos Açores, pois decorou, levado pela fantasia, a cidade de Angra com pequenas torres góticas enquanto uma batalha naval espectacular se desenrola na baía.

Gravura 27: Port et Ville d'Angra dans l'Ile de Tercère.

Esta planta indica bem a disposição e a topografia de Angra. (Comparar à Fig. 5).

Gravura 28: Angra de Terceira (extracto de: Captain A. T. E. Vidal, Terceira and Graciosa, 1844).

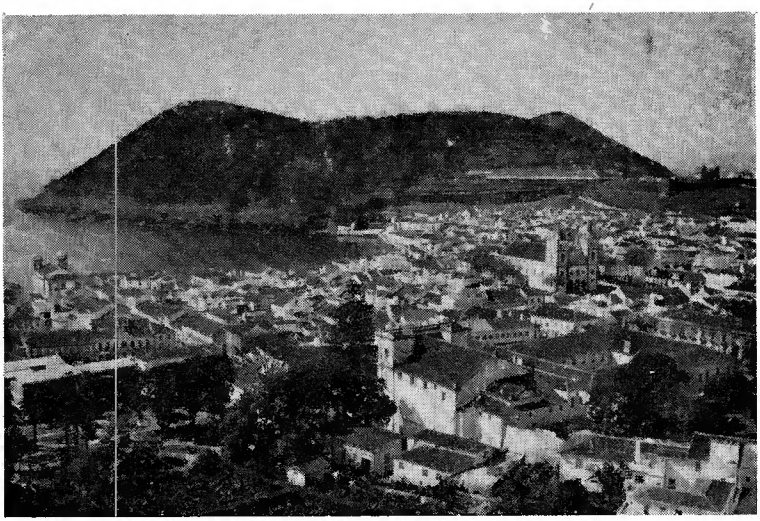
Captain Vidal, cujos mapas se distinguem em geral pela alta precisão, representou na planta em questão, muito exactamente e pela primeira vez, o Monte Brasil com a sua cratera dupla; ocultou, porém, o Cais da Alfândega.

Gravura 29: Prespectiva da Caza da Câmara Municipal em Angra do Heroísmo, 1847.

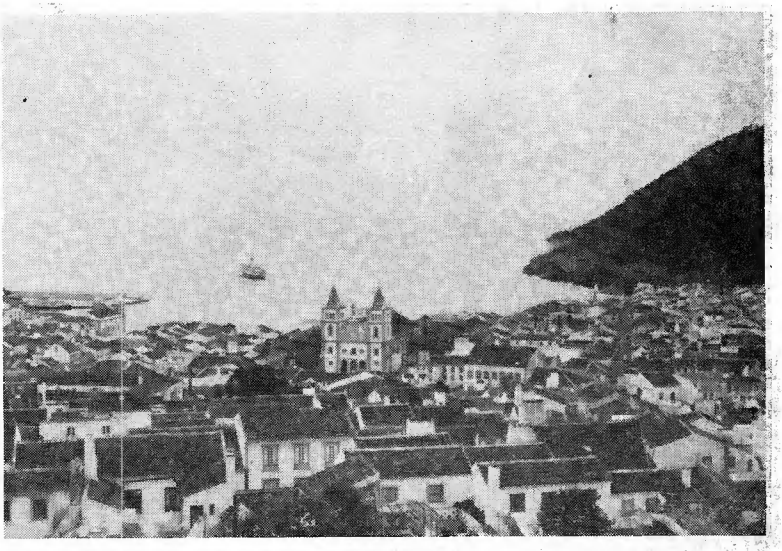
A bela e bem proporcionada Câmara Municipal, construida nos meados do século XVII, foi demolida nos meados do século passado, a fim de fazer campo para um novo edifício.

Gravura 30: Câmara Municipal de Angra e Praça da Restauração com o monumento a Álvaro Martins Homem.

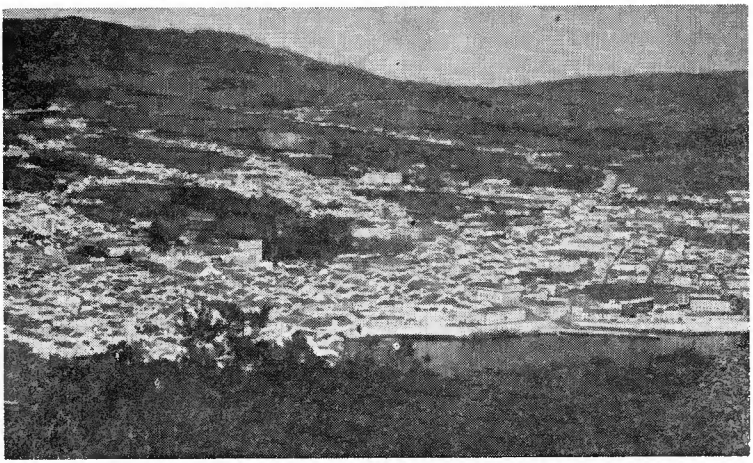
Construiu-se então esta Câmara Municipal, cuja arquitectura se inspira da da Câmara Municipal do Porto. No espaço em volta, já assinalado no mapa de Linschoten (Grav. 24), encontramos bancos, agências, lojas e o hotel que ainda está em construção. Condutores de carros de praça e engraxadores esperam pela clientela, nos bancos da Praça.



Gravura 1: Panorama da cidade e do Monte Brasil visto da Memória

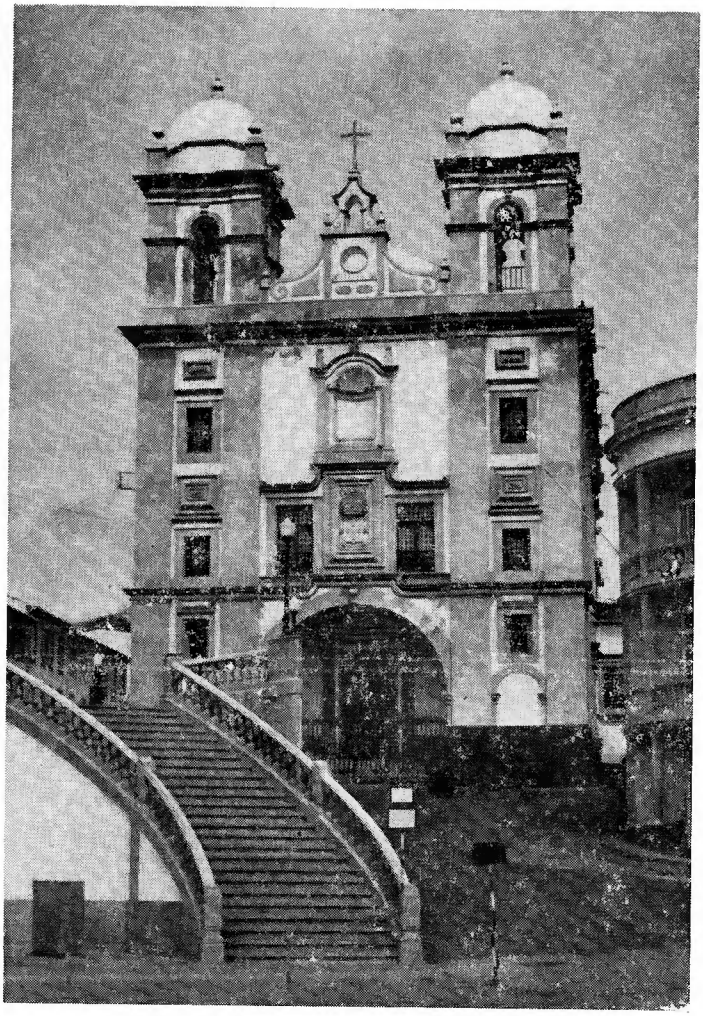


Gravura 2: Panorama da cidade, do Monte Brasil e da Baía de Angra, visto do Observatório Meteorológico

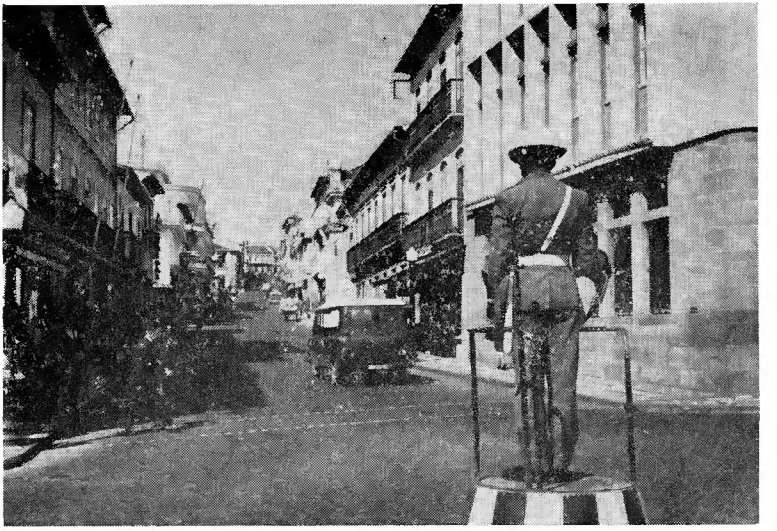


Gravura 3: Vista da cidade e da Serra do Morião, a partir do Pico das Cruzinhas (Monte Brasil)

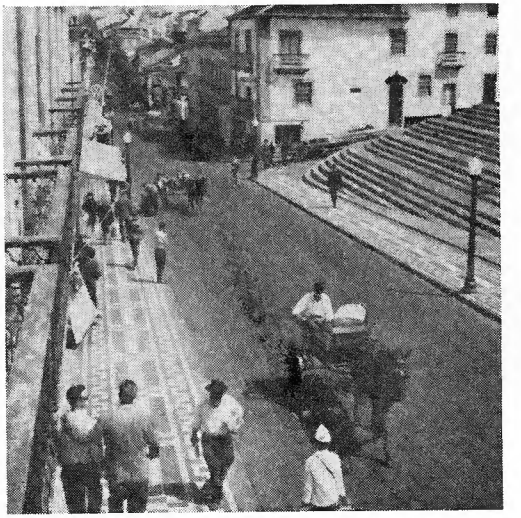
Gravura 4: Vista aérea de Angra do Heroísmo



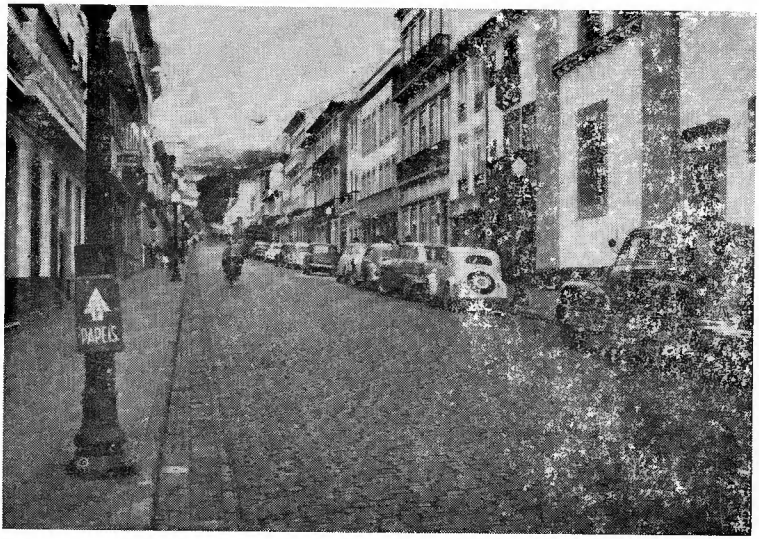
Gravura 5: **Igreja da Misericórdia**



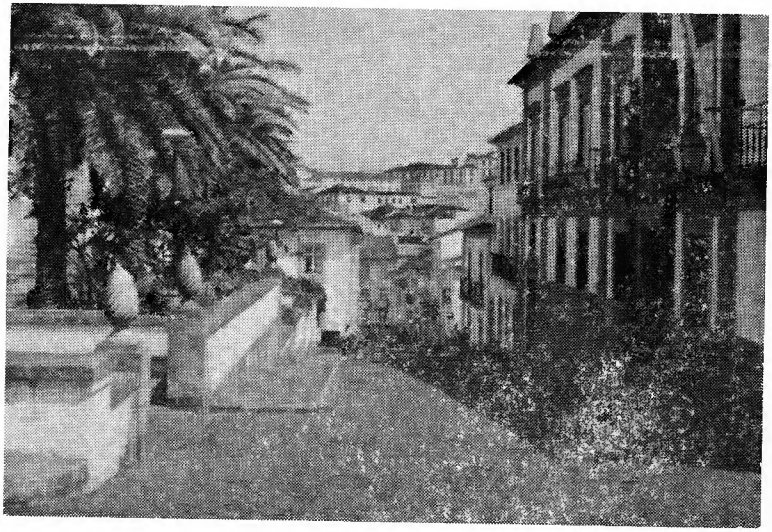
Gravura 6: **Vista da Praça da Restauração dando para a Rua da República**



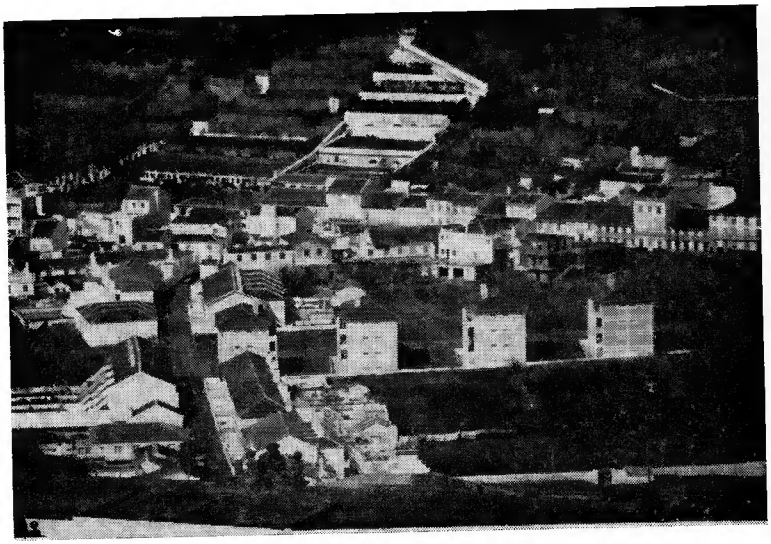
Gravura 7: **Rua da República**



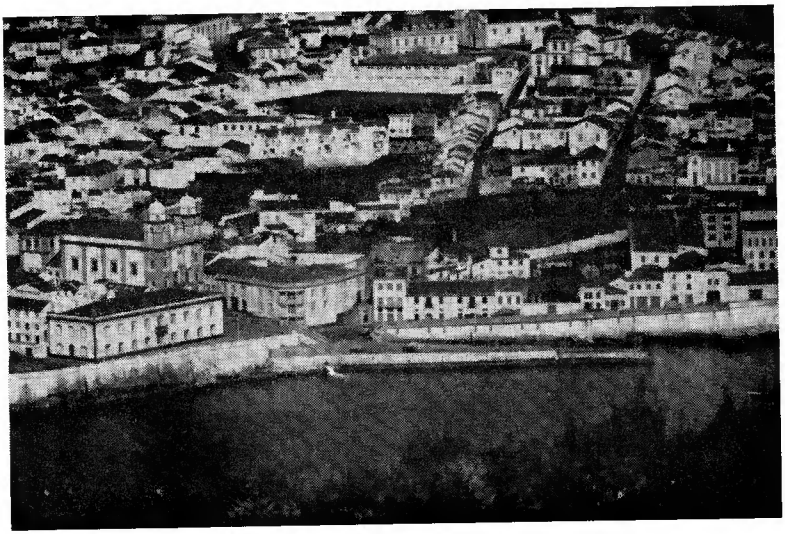
Gravura 8: **Rua de Lisboa**



Gravura 9: **Rua do Conselheiro Jacinto Cândido**

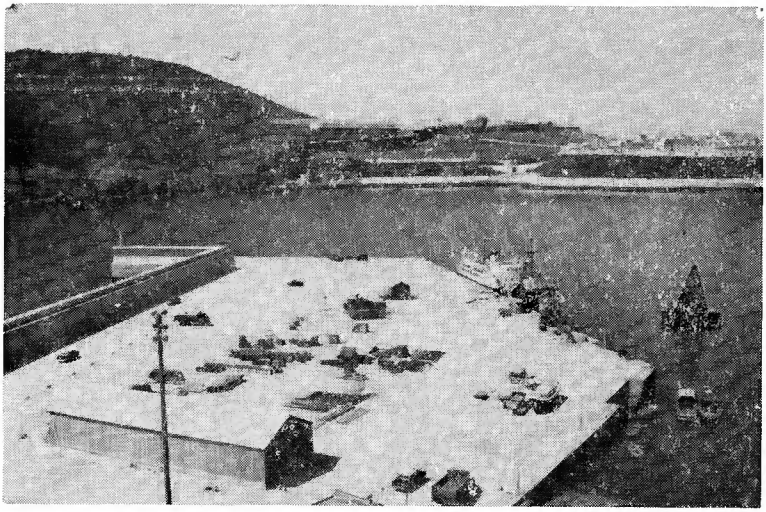


Gravura 10: **Novo bairro residencial na parte ocidental da cidade**

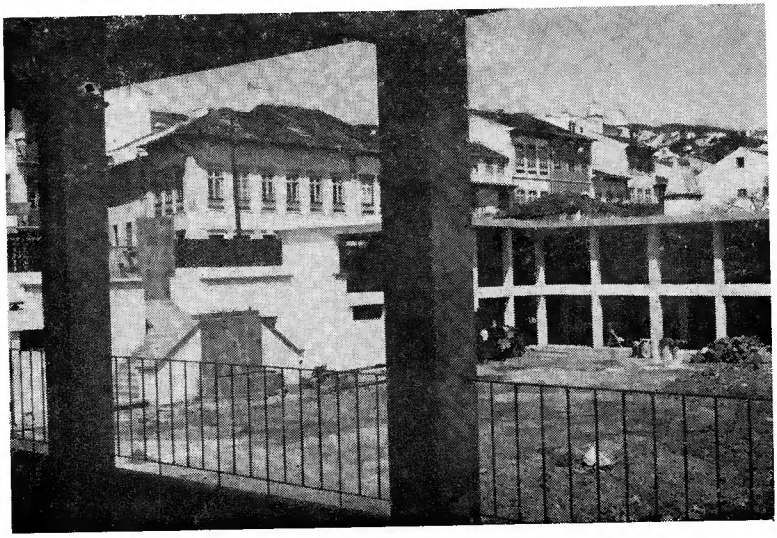


Gravura 11: **Vista da baía e do antigo porto de Angra a partir do Monte Brasil (fotografia telescópica)**

Gravura 12: Cais da Alfândega e Porto de Pipas



Gravura 13: Vista do Porto de Pipas, do Monte Brasil e do Castelo de S. João Baptista tirada do Castelo de S. Sebastião (Castelinho)

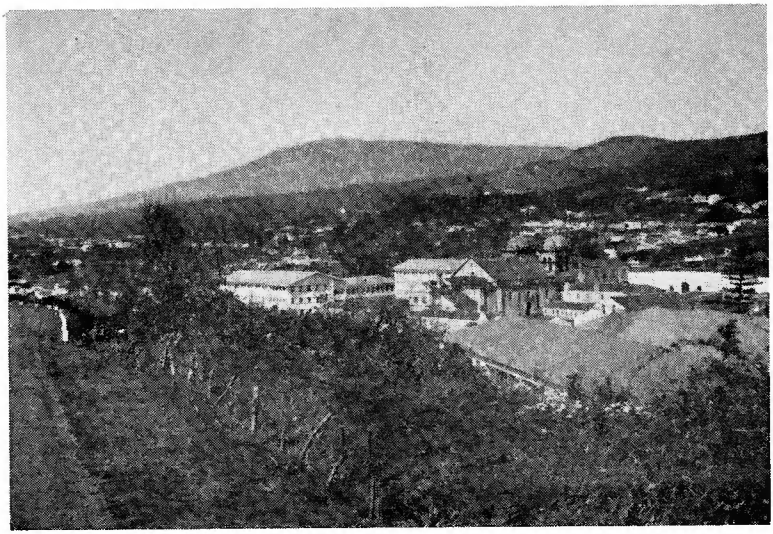


Gravura 14: **O novo Mercado de Angra**

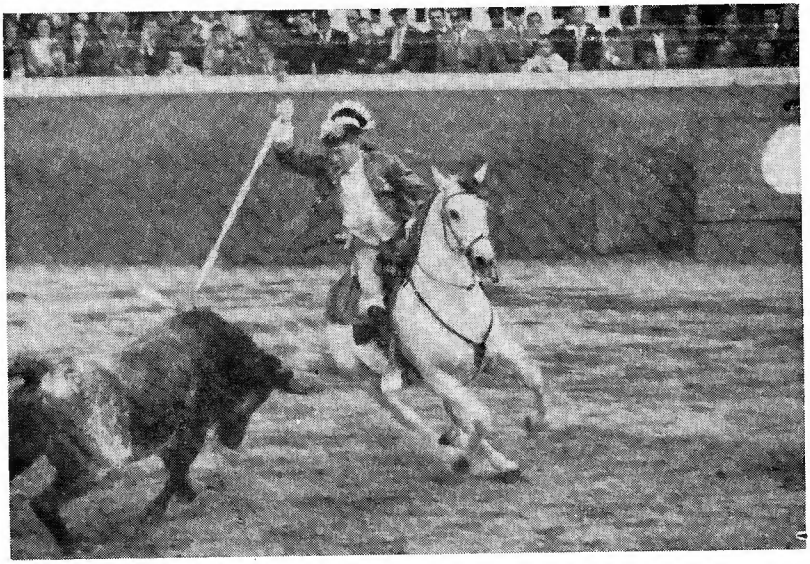
Gravura 15: **Vendedor de peixe nas ruas de Angra**

Gravura 16: **Rua das Maravilhas**

Gravura 17: **Vista do Solar dos Corte-Reais, tirada a partir da Memória**



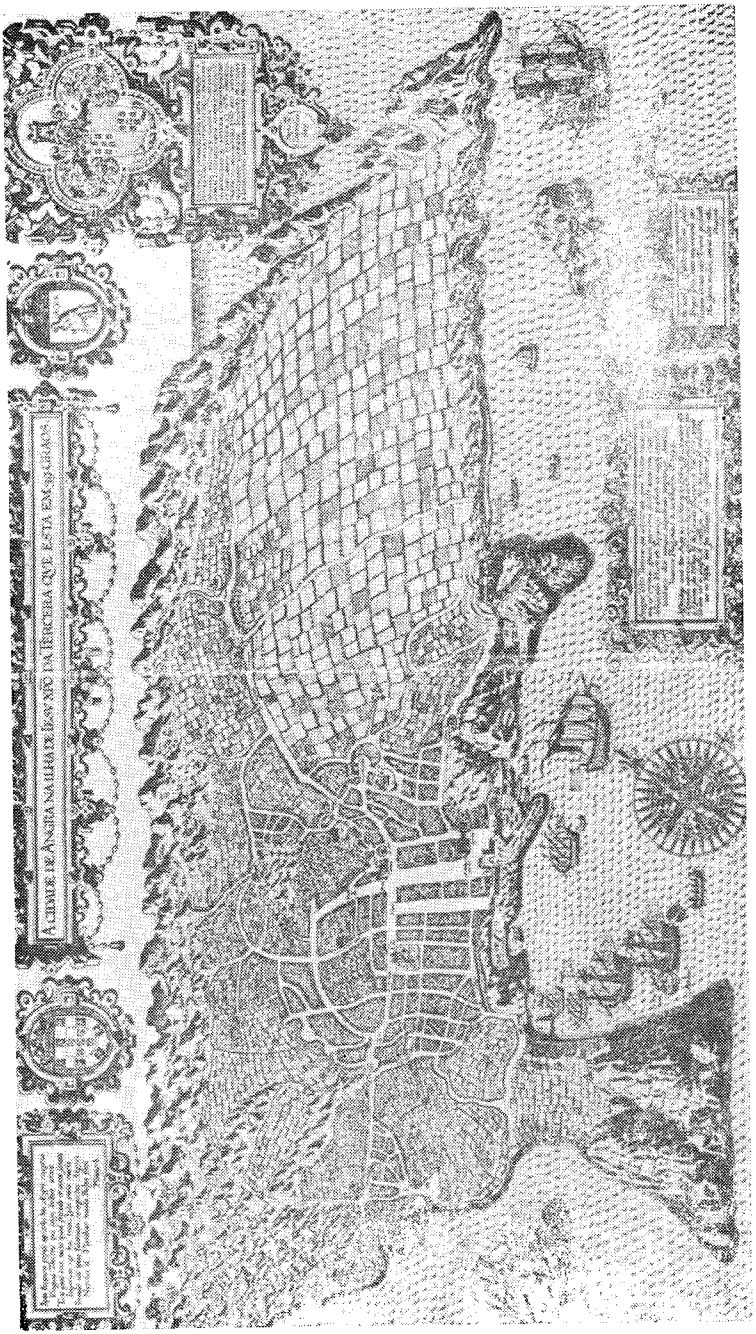
Gravura 18: **Vista da Serra de Santa Bárbara e do Castelo de S. João Baptista, a partir do Monte Brasil**



Gravura 19: **Tourada na Praça de Toiros de S. João**

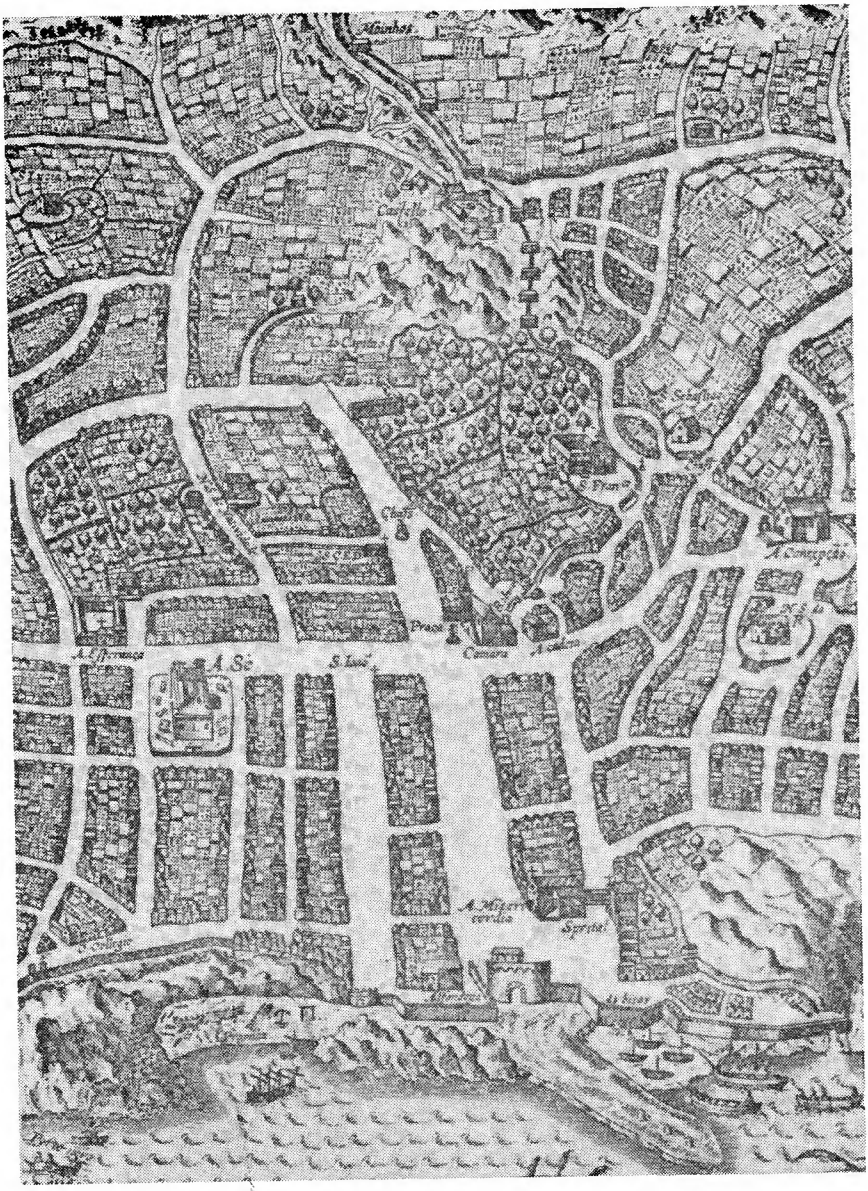
Gravura 20: **Igreja de S. João Baptista**

Gravura 21: **Igreja e o antigo Convento de S. Francisco**

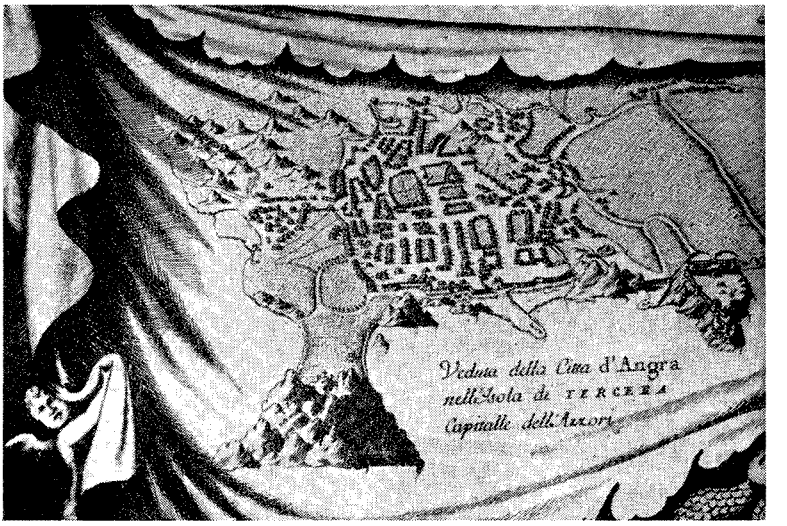


Gravura 22: **Jan Huygen van Linschoten, Angra da Terceira, 1595**

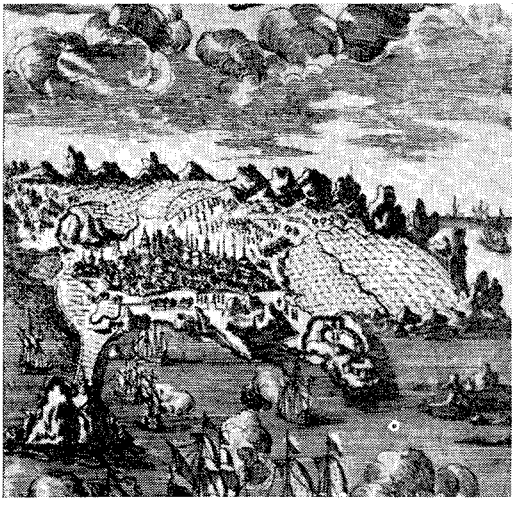
Gravura 23: **Pormenor da Gravura de Linschoten, mostrando as instalações primitivas do porto**



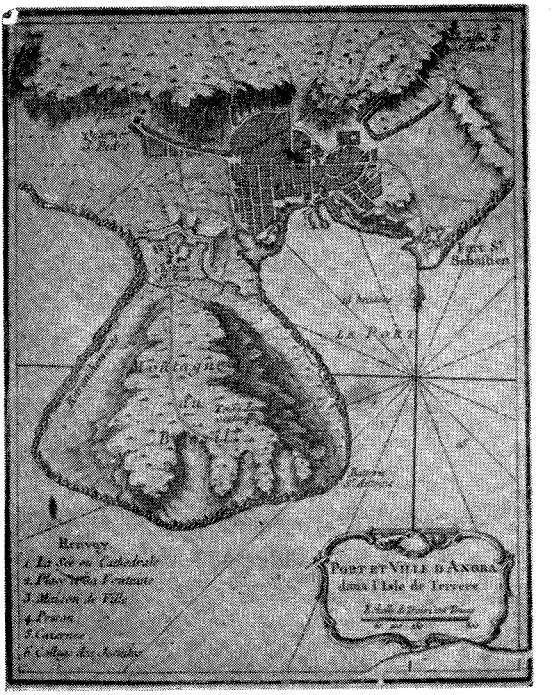
Gravura 24: **Pormenor da Gravura de Linschaten**



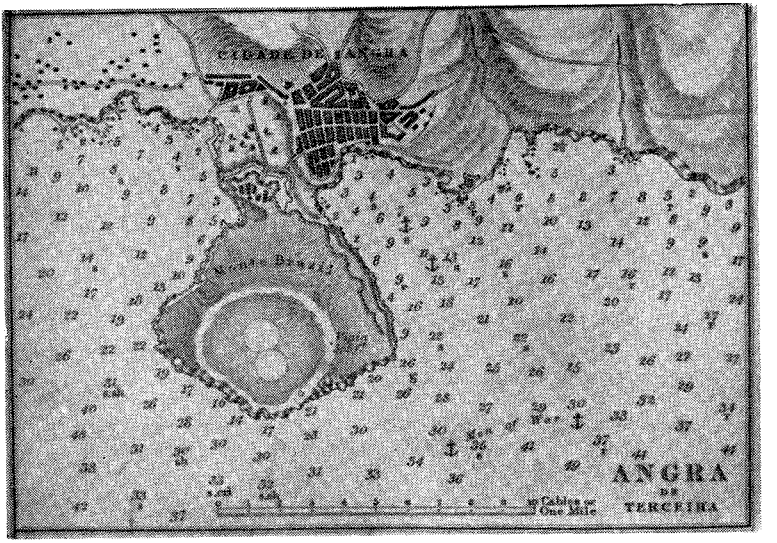
Gravura 25: **Vista da cidade de Angra na ilha Terceira, 1688 (segundo Linschoten)**



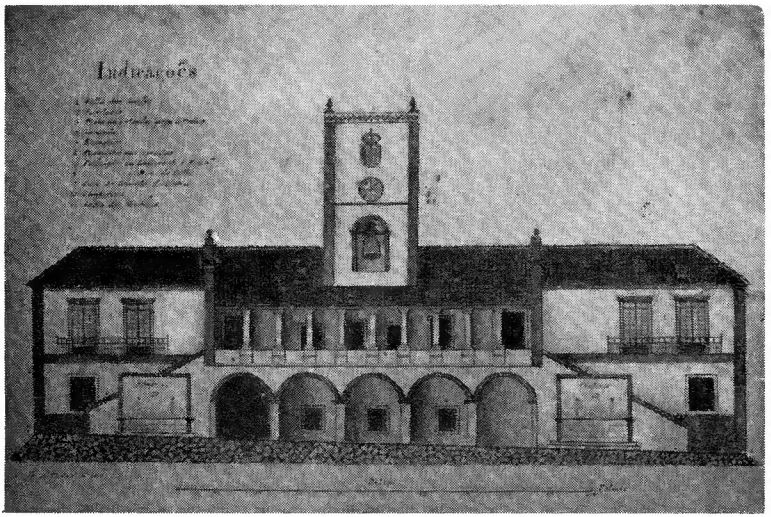
Gravura 26: **Vista da cidade de Angra (segundo o desenho de Linschoten, Paris 1683)**



Gravura 27: **Porto e cidade de Angra na Ilha Terceira (segundo Bellin)**



Gravura 28: **Cidade de Angra (in: Captain A. T. E. Vidal, Terceira and Graciosa, 1844)**



Gravura 29: Perspectiva da Casa da Câmara Municipal em Angra do Heroísmo, 1847 (Desenho aguarelado)

Gravura 30: Câmara Municipal de Angra e Praça da Restauração com o monumento a Álvaro Martins Homem.

7. Bibliografia

7.0. Livros e publicações

1. Agostinho, José: O Monte Brasil, Esboço monográfico. In: Açoreana, Boletim da Sociedade Afonso Chaves, vol. IV, no. 4, Angra do Heroísmo 1949.
2. Andrade, Jerónimo Emiliano de: Topographia ou descripção phísica, política, civil, ecclesiástica e histórica da Ilha Terceira dos Açores. Angra do Heroismo 1891.
3. Arditi, Pompeo: Viagem de Pesaro à Ilha da Madeira e aos Açores em 1567. In: Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no. 6, Angra do Heroismo 1948.
4. Ashe, Thomas: History of the Azores or Western Islands. London 1813.
5. Ávila, Armando: Guia turístico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo 1956.
6. Boid, Captain: A Description of the Azores or Western Islands. London 1835.
7. Braz, Henrique: Ruas da Cidade, Notas para a toponimia da Cidade de Angra. In: Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no. 4, Angra do Heroísmo 1946.
8. Câmara Municipal do Concelho de Angra do Heroísmo: Relatórios da gerência de 1960/61/62/63/64. Angra do Heroismo 1961/62/63/64/65.
9. Castilho, Júlio de: O Arquipélago dos Açores, Cartas a um lisboeta. Biblioteca do Povo e das Escolas, no. 137. Lisboa 1886.
10. Comissão Regional de Turismo da Ilha Terceira: Ilha Terceira, Roteiro Turístico. Angra do Heroismo o. J.
11. Cordeiro, Padre António: História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeitas no Oceano Occidental. Lisboa 1866.
12. Corte-Real e Amaral, Joaquim Moniz de Sá: A fundação da Cidade de Angra. In: Actividades Portuguesas, II série, no. 2, Lisboa 1963.
13. Costa, Felix José da: Angra do Heroísmo, Os seus títulos, edifícios e estabelecimentos públicos. Angra do Heroismo 1867.
14. Costa, Francisco Carreiro da: Os Açores de 1900-1950. In: 50 Anos de História do Mundo, fasc. 37, Lisboa o. J.
15. Drummond, Francisco Ferreira: Annaes da Ilha Terceira. Angra do Heroismo 1850 ff.
16. Fructuoso, Gaspar: Livro Sexto das Saudades da Terra. Ponta Delgada 1963.
17. Gaumann, Erich: Aufbau und Topographie von Terceira. In: Erkursionsbericht des Geographischen Instituts der Universitat Bern, Bern 1963.
18. Henriques, M. Borges de F.: A Trip to the Azores or Western Islands. Boston 1867.

19. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Estatístico 1963, vol. I, Metrópole, Lisboa 1964.

20. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Demográfico 1963. Lisboa 1964.

21. Instituto Nacional de Estatística: X Recenseamento Geral da População no Continente e nas Ilhas Adjacentes 1960. Tomo I, vol. I, Lisboa 1964.

22. Intendência de Pecuária: Relatório das actividades dos Serviços Pecuários no ano de 1964. Angra do Heroísmo 1965.

23. Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Angra do Heroísmo: Relatório da gerência dos anos de 1962/63/64. Angra do Heroismo 1963/64/65.

24. Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroismo: Plano quadrienal da administração do distrito para 1965-1968. Angra do Heroismo 1964.

25. Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroismo: Projecto de programa de fomento do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo. Angra do Heroismo 1964.

26. Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroismo: Esboço do relatório da gerência de 1964. Angra do Heroismo 1965.

27. Kerhallet, Charles Philippe de: Description nautique des Açores. Paris 1865.

28. Krejci-Graf, Karl; Vulkanologische Beobachtungen auf den Azoren. Frankfurter Geographische Hefte, 30.Jg., Frankfurt am Main 1956.

29. Krejci-Graf, Karl: Die mittelatlantischen Vulkaninseln. In: Mitteilungen der Geologischen Gesellschaft Wien, 57. Band, Heft 2, Wien 1954.

30. Lavradio, J. de Almeida: Os Açores vistos por um francês em 1782 (Colonel Conde de Ségur, Mémoires). In: Boletim do Instituto de Angola, no. 17, 1963.

31. Lima, Helder Fernando Parreira de Sousa: Os Açores na Economia Atlântica, Contribuição para o seu estudo nos séculos XV, XVI e XVII. Dissertação para licenciatura em ciências históricas e filosóficas, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Lisboa 1960.

32. Lima, Manuel Coelho Baptista de: A Ilha Terceira na História de Portugal. In: Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. 8, Angra do Heroismo 1950.

33. Lima, Manuel Coelho Baptista de: A Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroismo. Angra do Heroismo 1957.

34. Lima, Manuel Coelho Baptista de: A Ilha Terceira e a colonização do nordeste do continente americano no século XVI. In: Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. 19, Angra do Heroismo 1963.

35. Linschoten, Jan Huygen van: Navigatio et Itinerarium in Orientalem sive Lusitanorum Indiam. Francofurti Ano MDCI.

36. Ministério do Interior: Boletins da Junta da Emigração 1953-1962. Lisboa 1954 ff.

37. Ministério das Obras Publicas: Missão Técnica de Estudo dos Portos dos Açores, Plano Geral de Melhoramento dos Portos do Arquipélago. Lisboa 1948.

38. Nemésio, Vitorino: Corsário das Ilhas. Lisboa 1956.

39. Nemésio, Vitorino: Terceira, Graciosa e São Jorge. Angra do Heroismo 1965.

40. Nogueira, J. V. Paula: As Ilhas de São Miguel e Terceira. Lisboa 1894.

41. Pereira, J. A.: O Seminário de Angra, Esboço histórico. Angra do Heroismo 1963.

42. Ramos, Accurcio Garcia: Notícia do Arquipélago dos Açores. Lisboa 1871.

43. Rodrigues, Sarmento M. M.: Ancoradouros das Ilhas dos Açores. Lisboa 1960.

44. Sampaio, Alfredo da Silva: Memória sobre a Ilha Terceira. Angra do Heroismo 1904.

45. Serviço Meteorológico Nacional: O Clima de Portugal. Fasc. VIII: Açores e Madeira. Lisboa 1955.

46. Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo: Relatório e contas, gerência de 1961. Angra do Heroismo 1963.

47. Soares, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo: Nobiliário da Ilha Terceira. Porto 1945.

48. Sousa, João Soares d'Albergaria de: Corographia Açórica ou descrição phízica, política e histórica dos Açores. Lisboa 1822.

49. Swindells, Rupert: A Summer Trip to the Island of St. Michael, the Azores. Manchester 1877.

50. União das Cooperativas de Lacticínios Terceirense: Relatório e contas de 1963. Angra do Heroismo 1964.

7.1. Mapas e Gravuras

51. Colecção de mapas e plantas dos Açores do Dr. Ernesto do Canto na Biblioteca Pública de Ponta Delgada.

52. Cortesão, Armando e Mota, Avelino Teixeira da: Portugaliae Monumenta Cartographica. Lisboa 1960.

53. Silveira, Luís: Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar. Primeiro volume: Marrocos e Ilhas Adjacentes. Lisboa o. J.

54. Anónimo-Teixeira, Luís: Ilha Terceira, 1582. Abb. 366b im Band III von No. 52.

55. Teixeira, Luís: Ilha Terceira, 1587. Abb. 359a im Band III von No. 52.

56. Linschoten, Jan Huygen van: A Cidade de Angra na Ilha de Jesu XPO da Tercera que esta em 39 graos, 1595. Nachdruck, Lissabon 1949. (Siehe auch No. 51 und 53).

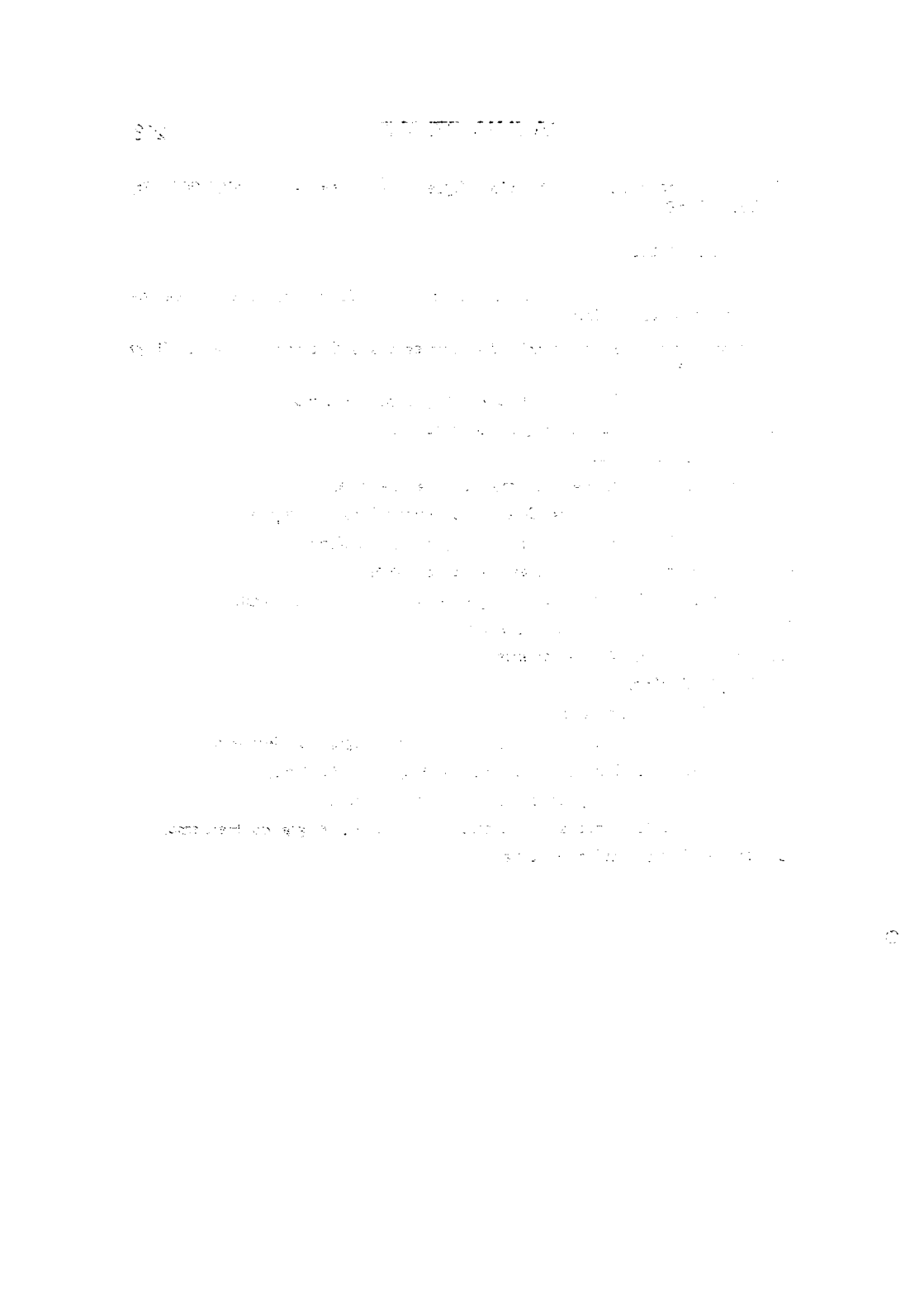
57. Angrae Urbis Tercerae Que Insularum Quas Azores Vocant Maxima Et Copioso Clasti Prouentu Ditissima Accurata Cum Arce Delineatio (Linschoten-Imitation). In: Archontologia Cosmica, Francofurti 1649. (Siehe No. 51 und 53).
58. Angra op Tercera (Linschoten-Imitation). In: De Nieuwe en Onbekende Weereld, Amsterdam 1671. (Siehe No. 51 und 53).
59. La Ville d'Angra, capitale de toutes les Isles Açores (Linschoten-Imitation). In: La Galerie Agréable du Monde, Leide. (Siehe No. 53).
60. Angra (Linschoten-Imitation). In: Description de l'Univers, Paris 1683. (Siehe No. 51 und 53).
61. Priuli, Giouanni (Serenissima Republica di Venetia): Veduta della Citta d'Angra nell'Isola di Tercera, Capitalle dell'Isole Azzori o Azzoridi, 1688 (Linschoten-Imitation). (Siehe No. 51 and 53).
62. Tofino, Don Vicente: Plan de la Rade d'Angra en l'Ile de Tercère, levé en 1788. (Siehe No. 51 und 53).
63. Port et Ville d'Angra dans l'Isle de Tercère. (Siehe No. 51).
64. Vidal, A. T. E. Captain: Ilhas de Terceira e Graciosa, 1844. (Siehe No. 51).
65. Prespectiva da Caza da Camara Municipal em Angra do Heroismo, 1847 (Aquarell).
66. Freitas, João Baptista Amorim de: Planta da Cidade d'Angra do Heroismo, 1870. (Siehe No. 51).
67. Câmara Municipal de Angra do Heroismo: Planta da Cidade de Angra do Heroismo, 1:2000 (Anteplano de Urbanização). Angra do Heroismo o. J.
68. Câmara Municipal de Angra do Heroismo: Planta da Cidade de Angra do Heroismo, 1:4000 (Anteplano de Urbanização). Angra do Heroismo o. J.
69. Instituto Geográfico e Cadastral: Carta Corográfica da Ilha Terceira, 1:50'000, levantada em 1899. Lisboa 1929.
70. Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Angra do Heroismo: Planta dos Portos de Angra do Heroismo e do Fanal, 1:7500. Angra do Heroismo o. J.
71. Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Angra do Heroismo: Mapa do Porto de Angra do Heroismo, 1:10'000. Angra do Heroismo o. J.
72. Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroismo: Planta da Cidade de Angra do Heroismo, 1:4000. Angra do Heroismo o. J.
73. Instituto Hidrográfico do Ministério da Marinha, Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes: Portos de Angra do Heroismo e do Fanal, 1:7500. Lisboa 1958.
74. Ministério das Obras Publicas e Comunicações, Missão de Estudo dos Portos dos Açores: Plano Hidrográfico da Baia de Angra do Heroismo, 1:2500. Lisboa 1945.
75. National Geographic Society: Atlantic Ocean, 1:20'000'000. Washington 1955.
76. Serviços Cartográficos do Exército: Carta Militar de Portugal, 1:25'000. Folha 24: Angra do Heroismo. Lisboa 1959.

77. World Aeronautical Chart: São Miguel Island, Azores, 1:1'000'000. St. Louis 1958.

7.2. *Outras fontes*

As seguintes repartições públicas e privadas cederam-nos, a título de informação, material inédito:

78. Caixa Sindical de Previdência dos Empregados e Operários do Arquipélago dos Açores.
79. Câmara Municipal do Concelho de Angra do Heroismo.
80. Capitania do Porto de Angra do Heroismo.
81. Casa dos Pescadores.
82. Comissão Regional de Turismo da Ilha Terceira.
83. Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores.
84. Direcção do Distrito Escolar de Angra do Heroìsmo.
85. Direcção das Obras Públicas da Junta Geral.
86. Direcção dos Serviços Industriais e de Viação da Junta Geral.
87. Direcção da Urbanização dos Açores.
88. Empresa de Viação Terceirense.
89. Estação Agrária.
90. Intendência de Pecuária.
91. Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Angra do Heroismo.
92. Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroismo.
93. SATA, Sociedade Açoreana de Transportes Aéreos.
94. Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Angra do Heroismo.
95. Jornais: Diário Insular. A União.



3.
MONOGRAFIA
DA
HORTA

1. *Estrutura formal*

1.0. *Situação*

A cidade da Horta está situada no sueste da Ilha do Faial, frente à Ilha do Pico; esta está separada do Faial por um canal, o Canal, de 8 Km de largura apenas. figuras 1, 2, 3, 8). (Bibl. N.° 55, bibl. n.° 60). As coordenadas geográficas são 38° 32' de latitude norte e 28° 38' de longitude ocidental.

1.1. *Topografia*

Disposta em anfiteatro, a Horta aconchega-se à curva da encosta que se eleva suavemente, limitada e protegida a Leste pela Espalamaca e a Oeste pelo Monte da Guia. Uma série de pequenos cones vulcânicos recentes, como o Monte Carneiro, Conceição, etc., formam o plano de fundo da cidade (Fig. 4, gravuras 2 e 14).

1.2. *Geologia*

A maior parte da cidade assenta em andesites; nas regiões de Angústias e Conceição, as andesites encontram-se parcialmente cobertas de escórias. O porto, Porto Pim, a plataforma que fica perto do Monte Queimado e Ribeira dos Flamengos são zonas de aluvião (Bibl. n.º 61). Segundo K. KrejciGraf (Bibl. n.º 24, pág. 18), Horta está situada numa grande Caldeira, cujo centro se encontra a sul do Monte Carneiro. Este e as outras colinas inúmeras são cones de ordem secundária dentro da Caldeira. À orla sul da Caldeira, mergulhada no mar, sobrepõe-se o cone de tufo pertencente ao Monte da Guia. Este possui, como o Monte Brasil na Terceira, uma Caldeira dupla; aqui nesta, porém, o mar chegou a penetrar. O Monte da Guia dá a perceber três fases na sua formação: uma velha base com camadas que descem para a parte exterior; sobre estas e a pender para o interior, há um recheio de cratera, com uma Caldeira excêntrica; depois, segue-se um recheio desta Caldeira, inclinado para o interior que é fracturado de novo por uma Caldeira recente (Cf. figura 5). A Caldeira mais recente é também a mais profunda (Bibl. n.º 25, pág. 418).

1.3. *Clima*

Os dados que seguem provêm do Observatório Meteorológico da Horta (61 m. acima do nível do mar) e apontam-se nas medições efectuadas entre 1921 e 1950 (Bibl. n.º 35).
A pressão atmosférica (reduzida ao nível do mar) comporta, em

média, 1020,8 mb. Em Julho regista-se a maior pressão atmosférica, de 1024,8 mb; em Março, regista-se a maior pressão, de 1017,1 mb.

A temperatura do ar comporta 17,4° C em média anual. O curso anual das temperaturas é o seguinte:

Janeiro	14,4°
Fevereiro	14,2°
Março	14,3°
Abril	15,0°
Maio	16,4°
Junho	19,0°
Julho	21,2°
Agosto	22,3°
Setembro	21,2°
Outubro	18,9°
Novembro	16,8°
Dezembro	15,5°

A amplitude é apenas de 8,1°. O máximo absoluto de 31,0° foi registado num mês de Agosto e o mínimo absoluto de 3,2°, num mês de Janeiro. Em 53,5 dias, a temperatura máxima foi mais elevada que 25°; em 23,4 dias, a temperatura mínima passou de 20°.

A humidade relativa é de 83,8% às 06h, de 77,9% às 16h e de 83,8% às 22h. A média diária é, pois, de 81,8%.

A nebulosidade em média anual é de 6,6 (10,0 = céu completamente nublado; 0,0 = céu completamente desanuviado). A mais forte nebulosidade de 7,2, regista-se em Fevereiro/Março; Agosto, com 5,3, é o mês de mais fraca nebulosidade. O céu esteve todo coberto durante 112,4 dias e apenas em 8,5 dias se encontrava inteiramente desanuviado.

A insolação comporta 1800,4h anualmente. Isto representa 39,4% do tempo em que o Sol se demora acima do horizonte. Agosto é

o mês mais soalheiro com 234,2h (=55,3%), enquanto Janeiro se apresenta como o mês em que há menos Sol com 86,9h (= 28,6%).

A quantidade de precipitação de chuvas anual comporta 1020,9mm. O mês mais pluvioso é Janeiro com 114,1 mm. Julho é o mês mais seco com 36,9 mm. O máximo absoluto de 121,00mm foi registado em Janeiro. Durante 188,7 dias, a quantidade de precipitação de chuvas igualou ou excedeu 0,1 mm; em 132,1 dias, igualou ou excedeu 1,0mm; e em 30,1 dias foi igual ou superior a 10,mm. Registaram-se 188,7 dias de chuva, 5,9 de granizo, 10,1 de trovoada, 13,8 de nevoeiro e 12,6 de orvalho.

A quantidade de evaporação comporta 939,1mm anualmente. Agosto atinge com 88,2mm a quantidade máxima; e Julho, a quantidade mínima com 67,4mm. Os ventos sopram com predominância dos sectores SO e S no inverno, e com predominância dos sectores SO, NE e N durante o Verão. (Fig. 6) A velocidade média anual dos ventos é de 21,9 Km/h; em Janeiro, é de 30,0 Km/h; em Agosto de 13,9 Km/h. Em 104,1 dias, a velocidade do vento é igual ou superior a 36 Km/h e em 34,9 dias, igual ou superior a 36 Km/h e em 34,9 dias, igual ou superior a 55 Km/h.

1.4. *Ocupação do solo*

A rede rodoviária na figura 7 fornece esclarecimentos sobre a densidade habitacional. No entanto, não é possível apresentar uma classificação pormenorizada da cidadezinha da Horta.

1.5. *Divisão*

Politicamente, a Horta compõe-se de três freguesias: Angústias, São Salvador ou Matriz e Conceição (Fig. 5). Uma divisão segundo funções e idade, no caso de Horta, é impossível.

1.6 *Nome*

Historiadores e linguistas têm tido grandes disputas quanto ao nome da cidade. Uns dizem que o nome de Horta provém de

Hurtere (= nome do colono e primeiro Capitão Donatário do Faial) ou então há os que defendem que Horta está relacionada com a palavra horta, no sentido de quintal, terreno de legumes. Ambas as teses são possíveis e ambas fazem sentido (Bibl. no. 17, págs. 15 e segs.).

1.7. *População*

1.7.0. *Evolução da população*

Ano	Angustias	Conceição	Matriz	Cidade Horta	Ilha do Faial	Distrito
1864	2350	2052	3229	7631	26'259	65'371
1878	2393	1900	3224	7517	25'084	63'516
1890	2119	1633	2993	6745	23'486	58'566
1900	1916	1567	2956	6439	22'075	55'194
1911	1865	1480	2570	5915	20'214	50'087
1920	1767	1365	2586	5718	18'917	46'225
1930	2981	1692	2996	7669	21'510	49'382
1940	3127	1961	3358	8446	23'280	52'841
1950	3191	1778	3596	8564	23'923	55'058
1960	2973	1565	2951	7489	20'281	49'382

A cidade da Horta diminuiu um pouco de população no espaço de um século, onde, no entanto, a freguesia de Angústias acusa um aumento. Isto é a consequência dos bairros residenciais que se construiram recentemente nesta região (1929 — Bairro Mousinho de Albuquerque; 1950 — Bairro das Angústias; 1960 — Bairro do Hospital). Saltam aos olhos as diminuições de população no concelho (erupção dos Capelinhos em 1957/58) e do distrito em consequência da forte emigração. (Bibl. n.° 22).

1.7.1. *Emigração*

Também no caso da Horta, as indicações de que dispomos são apenas relativas ao concelho e ao distrito; a partir delas é que se deve deduzir a emigração da cidade:

Distrito da Horta — 1961 excedente natalício 478
emigrantes 1024 (=214,2%)

— 1962 excedente natalício 440
emigrantes 502 (=114,1%)

Concelho da Horta (ilha do Faial) — 1961 excedente natalício 213
emigrantes 846 (=397,2%)

— 1962 excedente natalício 151
emigrantes 399 (=264,2%)

Com o número de emigrantes de 399 no ano de 1962, a Horta está em décimo oitavo lugar entre os concelhos portugueses. Destes 399 emigrantes, 338 foram para os E. U. A., 49 para o Canadá, 6 para os países da América do Sul, 4 para a França e 2 para outros países.

Existem os seguintes números migratórios relativos ao distrito da Horta:

Ano —				
	1890	947	1953	117
	1900	782	1954	1142
	1911	1184	1955	94
	1920	1524	1956	230
	1930	59	1957	452
	1940	16	1958	251
	1950	66	1959	3565
	1960	1599	1960	1599
			1961	1024
			1962	502

A influência da erupção dos Capelinhos, ocorrida em 1957/58, sobressai claramente, na medida em que a emigração nos anos de 1959 e 1960 aumenta subitamente para logo voltar a baixar um pouco. (Bibl. n.º 29).

Sobre o aumento populacional de 23895 pessoas, no espaço de tempo que vai de 1890 a 1953, recai um número de 26628 emigrantes, de modo que temos efectivamente uma diminuição de população de 2733 pessoas, o que constitui um retrocesso da densidade demográfica de 76,7 para 71,6 pessoas por Km2. (Bibl. 22).

1.7.2. *Estrangeiros*

Em 1960 viviam no distrito da Horta 74 estrangeiros ao todo, dos quais 33 americanos e 18 ingleses. (Bibl. n.º 21).

1.8. *Abastecimento*

Actualmente é ainda uma empresa particular, a Empresa de Iluminação Eléctrica da Horta, que fornece a corrente à cidade. Trabalha com 5 grupos, dos quais um é movido a lenha (1909), 2 são movidos a carvão (1923) e outros 2 a óleo diesel (1942). Em 1964, a empresa produziu cerca de 600'000 KWH, dos quais perto de 100'000 KWH, foram utilizados pelas empresas industriais e cerca de 120'000 KWH consumidos pela iluminação pública.

O fornecimento de electricidade será seguidamente municipalizado e as necessidades em energia são satisfeitas pela Central hidráulica do Varadouro e pela nova Central térmica da Horta (Bibl. n.º 7, 54 e 74). A água para a Horta vem de várias fontes situadas em volta da Caldeira e, recentemente, também de um poço que se fez no lençol freático perto de Flamengos. A bomba encontra-se a 130 m. acima do nível do mar e fornece durante o pino do Verão, de Maio até Setembro, 10 litros por minuto. (Bibl. 65).

O abastecimento de leite é feito em geral pela venda porta a porta e em certas lojas há câmaras frigoríficas com leite pasteurizado.

O peixe vende-se pelas ruas e nos dois pequenos mercados de peixe em Porto Pim e no Mercado Agrícola.

O abastecimento de carne está municipalizado; existem 4 talhos na zona urbana. Em 1963, abateram-se as seguintes quantidades de gado no distrito da Horta, destinadas ao abastecimento público: 1696 reses de gado bovino, 416 porcos e 122 borregos. (Bibl. n.º 87). O Mercado Agrícola está aberto cada manhã; lá se pode comprar legumes, fruta e peixe. A maior parte da fruta vem, todavia, da Ilha do Pico e é vendida nas ruas pela gente do Pico (Gravs. 10 e 10a). Chegam à Horta todas as manhãs em grupinho, vindos com o primeiro barco, vestidos de seus trajes típicos, com o chapéu de palha de aba larga, uma espécie de sandálias de couro, e, frequentemente, ainda a camisa às cores, enviada do Texas pelos emigrados; são eles que dão um pouco de animação às ruas da cidade.

1.9. *Comunicações*

1.9.0. *Viação*

Como a figura 7 mostra, a rede rodoviária da Horta não é tão ideal como a de Angra, mas também não é tão problemática como a de Ponta Delgada.

Com a Avenida Marginal, criou-se um eixo que descarrega, ou melhor, que virá de futuro a descarregar eficientemente as ruas do centro da cidade. Por agora, o trânsito é ainda muito pouco intenso, de modo que tais medidas ainda não se justificam. Gravs. 3, 7, 10). Não fica lá muito bem que a Avenida Marginal seja um bocado mais alta que a rua costeira original. (Grav. 8). Daí resulta um fosso que não é particularmente atraente e a ligação entre o Largo da Matriz e a Avenida é um tanto complicada. Não há indicações relativas ao número de veículos existentes na Horta pelas razões já apontadas. Recenseamentos de tráfego foi coisa que até agora não se realizou pelo facto de a circulação ser ainda muito modesta e não dar origem a um levantamento.

Os transportes públicos estão representados na figura 8: as duas linhas de Ribeira Funda — Horta são utilizadas quase exclusivamente por visitantes da cidade em número muito desigual. Dos que fazem viagens de ida e volta no mesmo dia, há um grande número nas duas linhas de Castelo Branco-Horta e Horta-Pedro Miguel. O troço de estrada Norte/Capelo está coberto de cinzas da erupção dos Capelinhos e ainda continua intransitável. Na própria cidade, circula um autocarro de carreiras urbanas entre as 7h da manhã e as 21h, todos os quartos de hora, a partir de Conceição e Angústias. (Em dias de cinema há ainda uma carreira da meia-noite). Bibl. n.° 63).

1.9.1. *Transportes marítimos*

As instalações do porto e suas funções estão indicadas na figura 11; repare-se além disso nas gravuras 3, 5 e 11.

Interessante é a figura 12, que aponta para a evolução da navegação no porto de Horta: até por volta do ano de 1950, o número de barcos de vela diminui constantemente, para, a partir de então recomeçar a aumentar enquanto que os iates dos que atravessam o Atlântico são, todos os anos, em número maior a atracar na Horta.

Os números relativos à navegação, durante o período imediato às duas guerras mundiais e à crise do Suez, atingem excepcionalmente os valores máximos.

Em 1964 entraram no porto barcos das seguintes nacionalidades: 17 holandeses, 16 ingleses, 11 espanhóis, 7 noruegueses, 6 franceses, 5 alemães, 4 americanos, 3 dinamarqueses, 3 suecos, 2 gregos, 2 italianos, 1 belga, 1 indiano, 1 canadiano, 1 liberiano, 1 panamense e 1 peruano, o que perfaz um total de 82 barcos. Dos 18 iates, 16 eram estrangeiros: 7 ingleses, 4 americanos, 2 fran-

ceses, 1 belga, 1 canadiano e 1 panamense. Além disso, a navegação durante 1964 registou:

149 navios mercantes portugueses
30 navios mercantes estrangeiros
29 barcos de guerra portugueses
3 barcos de guerra estrangeiros
14 navios mercantes estrangeiros, que precisavam de ser reparados
28 navios mercantes estrangeiros, que desembarcaram doentes
9 navios que se abrigaram em consequência de temporal

262
145 barcos das carreiras interinsulares (Faial/Pico/São Jorge/Terceira)

407
18 iates

425: total dos barcos

Estes barcos trouxeram 27'379 toneladas de carga e levaram 11'076t. Desembarcaram 6282 passageiros (dos quais 3708 vêm dos barcos das carreiras interinsulares), partiram 6479 (dos quais 3266 utilizaram as carreiras interinsulares).

As lanchas do Pico (Fig. 8) fizeram 1388 viagens; desembarcaram 53'649 passageiros e embarcaram 54'042. (Bibl. n.° 66).

1.9.2. *Cabos submarinos*

Dos 15 cabos existentes ligados à Horta (Figs. 4 e 9), só 6 funcionam ainda neste momento. A Commercial Cable Company (CCC), a Deutsch-Atlantische Telegraphengesellschaft (DAT) e a Compagnie Française des Cables Télégraphiques (FR) terminaram a actividade; a Compagnia Italiana dei Cabi Sottomarini (IT) é repre-

sentada pela inglesa Western Union (WU). A Western Union, americana, e a Cable & Wireless (C&W) trabalham ainda com um pessoal efectivo de 26 pessoas cada uma.
Uma grande parte do que antes eram as residências das colónias dos cabos foi vendida ou, em parte, reconstruida e remodelada. (Fig. 10)

O Liceu, por exemplo, está instalado no que fora antes a Cable & Wireless. Algumas casas e parques desportivos seriam muito adequados para o futuro turismo.

A concluir da evolução actual das coisas, é possível que os cabos submarinos da Horta tenham os dias contados. Não é, porém, de excluir inteiramente a possibilidade de a Horta vir a ser prevista num novo sistema de cabos atlânticos e, nessa altura, seria de novo um ponto de apoio.

A técnica de comunicação de notícias encontra-se actualmente em mudança de tal modo radical, que é difícil vaticinar aqui um prognóstico (Bibl. n.° 76).

1.9.3. *Rádio Naval*

A Estação Radiotelegráfica da Horta é de grande significado para a navegação atlântica (Fig. 10). Entrou em serviço em 1928 e, desde então, tem sido alargada várias vezes.

2. *Estrutura funcional*

2.0. *Administração*

Como as outras duas cidades, Horta é ao mesmo tempo a sede administrativa do Concelho da Horta (isto é, da Ilha do Faial) e da Câmara Municipal do Concelho da Horta. Temos a seguir os órgãos administrativos do Distrito, o Governo Civil, a Junta Geral, a Direcção das Obras Públicas do Distrito, a Direcção do Dis-

trito Escolar, a Federação dos Municípios do Distrito e a Comissão Regional de Turismo.

Como representações diplomáticas, há os Vice-consulados da Holanda, da Dinamarca, do Brasil, da Espanha, da Noruega, da Finlândia, do Panamá e da Grécia assim como agentes consulares de França e Itália.

2.1. *Escola*

Em 1964/65, 15 professores ensinavam 511 alunos nas escolas primárias oficiais. Além disso, o Colégio de Santo António dirige uma escola primária, que no ano précitado contava com um efectivo de 38 alunas. O Liceu contava com 17 turmas que ao todo tinham 510 alunos. O Magistério Primário anexo tinha 2 turmas com 78 alunos.

O Colégio particular de Santo António (Propriedade da confraria de Santo António) é antes de tudo um Asilo de Infância Desvalida, mas dirige a escola primária já citada e dá aulas do ensino liceal até ao 5.º ano (a instrução liceal portuguesa é de 7 anos). Mais tarde, um jardim-escola deverá ser anexado ao Colégio. Em 1964/65, um professor, uma professora e 7 irmãs religiosas ministravam o ensino a 97 alunas externas e 93 internas (trata-se de um Colégio Feminino). A escola é moderna e está bem apetrechada, com templo próprio e ginásio.

2.2. *Infra-estruturas sociais*

Além da instituição particular que é o Asilo da Infância Desvalida (em 1964/65, contava com 74 educandos internos) referido mais acima, a Horta possui ainda um Asilo de Mendicidade, instituição pública. O Hospital Walter Bensaúde não tem instalações para intervenções complicadas (para tanto é preciso transportar os habitantes das quatro ilhas do Distrito da Horta para o Hospital Regional de Angra, onde também há médicos especialistas. No

entanto, ano sim, ano não, há sempre doentes estrangeiros que chegam para ser entregues em tratamento hospitalar na Horta.

2.3. *Instituições culturais*

A Câmara Municipal possui uma pequena Biblioteca Pública. A Biblioteca Pública e Arquivo Distrital oficial, tal como existe já em Ponta Delgada e em Angra, deverá ser criada a seguir, para que os Arquivos e colecções existentes no Distrito da Horta possam ser concentrados e ordenados de maneira sensata, e acessíveis ao público. O Núcleo Cultural da Horta esforça-se de preferência por incentivar a investigação histórica e científica das quatro ilhas do Distrito e publica periodicamente o Boletim do Núcleo Cultural da Horta.

Teatros e concertos (representações com actores vindos de Lisboa) realizam-se no Teatro Faialense (que é ao mesmo tempo cinema) ou na sala do Clube Amor da Pátria. Este clube possui a referida sala, um restaurante, uma pequena biblioteca e um jardim de inverno; é aqui o palco da vida mundana da Horta. Qualquer pessoa pode ser membro mediante o pagamento da quota e independentemente da cultura ou profissão que tenha.

2.4. *Desporto e recreio*

Horta é de longe a cidade mais desportiva dos Açores, o que se explica, naturalmente, pela influência exercida pelas colónias de pessoal dos cabos submarinos. O Sporting Clube da Horta e o Faial Sport Clube têm ambos um grande estádio de futebol; a isto deve acrescentar-se a existência dos pequenos parques de jogos e parques desportivos do Angústias Atlético Clube e do Faial Sport Clube, assim como numerosos campos de ténis das companhias de cabos (Fig. 7 e 10). No porto, perto do Castelo de Santa Cruz, há uma pequena praia de banhos (grav. 11); no Verão, fazem-se viagens de automóvel para Varadouro ou para a Praia do Almoxarife. O Porto Pim (Grav. 6) é uma região ideal

para banhos, aliás, só quando a fábrica dos produtos da baleia não está a funcionar.

Como cinemas, deve-se mencionar o Teatro Faialense e o Salão Sporting; no Verão, passam-se filmes ao ar livre no Castelo de Santa Cruz e no campo de desportos do Sporting Clube da Horta. De outra forma, restam a já mencionada Sociedade Amor da Pátria e a pouco relevante Sociedade Artista Faialense que organizam o escasso divertimento.

2.5. *Pesca*

Em 1964, havia no Faial 451 pescadores profissionais ocupados na pesca tradicional. 170 eram especialistas da pesca do atum e 54, da pesca da baleia. Os pescadores da baleia, que trabalham com 5 barcos a motor e 10 barcos de velas, capturaram 32 baleias, o que deu, após a fabricação, 176,680 kg. de óleo e 69,233 kg. de farinha.

A pesca, graças à indústria do atum e da baleia, toma, na Horta, lugar de muito relevo. (Bibl. n.° 66).

2.6. *Indústria*

O aproveitamento do solo na Ilha do Faial é o seguinte: (Bibl. n.° 79)

Casario e estradas	2,5%
Terreno baldio	2,0%
Pastagem	19,0%
Terreno ermo	30,0%
Repovoamento florestal	1,5%
Vinhedos e pomares	2,0%
Solo arável	43,0%

Em 2'499860 m2 de terreno produziu-se em 1964 505'180 kg. de trigo; em 15'697572 m2, a colheita de milho foi de 3'921678 kg.

O trigo tem portanto de ser importado; em contrapartida, acontece que por vezes se consegue exportar pequenas quantidades de milho para o continente.

Igualmente em 1964, produziram-se no Faial 272'147 kg. de manteiga, 91'603 kg. de queijo e 28'985 kg. de caseina. Os números relativos à exportação foram de: 230'852 kg. de manteiga, 76'695 kg. de queijo e 28'635 kg. de caseina. Em 1963 exportou-se do Faial o número de 2226 reses de gado bovino. Bibl. n.º 78).

A indústria da Horta conta-se depressa: temos uma fábrica de chicória, uma fábrica de conservas de peixe, a fábrica de produtos de baleia, de licores e de peles de animal, assim como uma moagem e quatro grandes oficinas. A indústria da pesca é a mais importante.

2.7. *Comércio e artesanato*

A Horta é o centro comercial e artesanal das Ilhas do Faial e do Pico. O comércio, porém, é de pouca importância, já que as ilhas não produzem mercadoria exportável, à parte as conservas de peixe, o óleo de baleia, a farinha de baleia e ainda alguma chicória.

De grande interesse é o comércio que as duas ilhas vizinhas do Faial e do Pico fazem uma com a outra. As duas completam-se de modo ideal nos produtos agrários; além disso, uma parte do terreno do Pico é propriedade de pessoas que vivem na Horta. Contrariamente às outras ilhas dos Açores, não há quaisquer barreiras alfandegárias entre o Faial e o Pico. O Faial fornece trigo e milho ao Pico e o Pico fornece o Faial, ou melhor, a Horta dos seus frutos e do seu vinho. Os vendedores de fruta do Pico (Gravs. 10 e 10a) tornaram-se parte integrante da imagem que a cidade da Horta oferece. É impensável vê-la sem eles, a vaguear pelas ruas ou sentados na soleira da porta duma loja, a vender a mercadoria.

2 8 *Comunicações*

O povo chama com razão o «Hospital do Atlântico» à Horta, como frisa a estatística dos barcos no parágrafo 1.9.1. Encontram-se quase sempre navios estrangeiros na baía, em reparação (Grav. 5). Há frequentemente doentes que chegam para ser hospitalizados. Por vezes, são os transatlânticos que se recolhem no porto da Horta quando faz temporal. Além disso, já se deu o caso, três vezes seguidas nos últimos dois anos, que grandes cargueiros tivessem de descarregar na Horta toda a carga de farinha de peixe que traziam da América do Sul, pois, como se sabe, a farinha de peixe insuficientemente seca é inflamável. As cargas foram então de novo secadas na fábrica dos produtos de baleia na Horta e, em parte, mesmo na Ilha do Pico. Depois de secas, voltaram a ser carregadas. Trata-se portanto de um «Hospital do Atlântico» em sentido lato.

A percentagem de navios estrangeiros no movimento do porto da Horta não é considerável. Importantes são, como se mostra no parágrafo 1.9.1., as comunicações de carreiras interinsulares entre o Faial, o Pico, São Jorge e Terceira, assim como o tráfego entre as ilhas vizinhas do Faial e do Pico. No Verão, há pelo menos quatro viagens em cada sentido.

Essas viagens são aproveitadas pelos vendedores de fruta e pelos Faialenses que no período estival moram na casa de Verão do Pico e de lá partem para o trabalho.

2.9. *Turismo*

Abstraindo dos turistas que estão de passagem nos dois barcos de carreira que vêm de Lisboa, o turismo na Horta foi insignificante até aqui. Desde a erupção dos Capelinhos ocorrida em 1957/58, há, naturalmente, geólogos e vulcanólogos que se dirigem todos os anos para o Faial, por motivos de estudo. A única possibilidade de pernoitar era oferecida pela Pensão Continental. Den-

tro de poucos anos, a Comissão Regional de Turismo desenvolveu uma actividade considerável no sentido de arranjar novos alojamentos em casas particulares nas ilhas do Distrito da Horta. Nesta cidade, constrói-se actualmente uma estalagem no Castelo de Santa Cruz; pensa-se, além disso, em remodelar os imóveis das antigas companhias de cabos submarinos e pô-los ao serviço do turismo. O projecto mais importante para a promoção do turismo será, com efeito, o aeroporto, cujo plano se encontra em realização. E isto pelo facto de o aeroporto mais perto do Faial ser as Lajes da Terceira; ora a viagem até lá dura um dia inteiro de barco. O Parque da Cidade planeado com parque, instalações desportivas, piscina e praia de banhos será também um elemento importante para o turismo futuro. Que a Horta virá, mais tarde ou mais cedo, a ser um centro de turismo de grande importância, disso ninguém duvida. Oferece extraordinárias belezas paisagísticas, com a Ilha do Pico bem perto e a possibilidade de se variar a estrada, para não falar já das melhores condições para tomar banho e praticar pesca submarina. Graças ao contacto de séculos com americanos, marinheiros, e pessoal das companhias de cabos submarinos e gente de todas as nações, a população da Horta é muito aberta e tem o sentido da iniciativa. E graças às construções e prédios do tempo áureo dos cabos telegráficos, também a capacidade de alojamento será relativamente fácil de resolver. Existe um porto excelente; está a fazer sentir-se urgentemente a falta de um aeroporto que ligará o Faial à rede internacional.

3. *Descrição histórico-genética*

Também sobre o caso do Faial, não se sabe nada de exacto sobre a descoberta, mas apenas que a ilha já era conhecida em 1439. Só depois de algumas pessoas da Terceira ali se terem estabelecido é que a colonização sistemática foi empreendida pelo flamengo Josse van Hurtere no ano de 1466. Hurtere e os primeiros colonos construiram as suas casas na baía do Porto Pim;

em breve se encontraram também algumas construções na Ribeira dos Flamengos, no sopé da Espalamaca. O Capitão Donatário mudou a residência para o sítio onde se encontra hoje a Igreja Matriz. A sua filha casou-se com um tal Martin Behaim, que viveu vários anos no Faial junto do sogro, e que uma vez regressado a Nuremberga, criou o famoso globo, no qual, de maneira decepcionamte, reproduz os Açores muito desleixada e inexactamente

Os séculos XV e XVI são, como acontece com as outras ilhas, a época de intensas transformações agrárias. A mata original cede terreno à agricultura que produz sobretudo pastel e trigo como primeiras riquezas, base do primeiro comércio. Em breve, o Faial sofre da influência dos piratas e é obrigado a proteger as suas costas com fortificações. Em 1583, o Faial cai sob o domínio espanhol e, em consequência da política de Filipe II, vê-se obrigado a suportar, por duas vezes, terríveis ataques e pilhagens cometidos por frotas inglesas: conduzidas em 1589 pelo conde de Cumberland e, em 1596, pelo conde de Essex, as tropas inglesas causaram devastações inimagináveis na cidade de Horta, por meio de incêndios, destruições e pilhagens.

Desta época, existem como documentos, entre outros, o mapa de Luís Teixeira de 1587 (Bibl. n.º 44) em que representa o Monte da Guia (ou os Morros como ele lhe chamava) bem maior que a Espalamaca e em que também acentua fortemente o Porto Pim. Na sua sucinta descrição do Faial, Linschoten (Bibl. n.º 27) repara sobretudo na produção do pastel e na origem dos primeiros colonos, que já tinham adoptado a língua portuguesa, conforme relata.

No século XVII, a agricultura e o comércio recebem novo incremento através da cultura do milho, do linho e do inhame. Em 1672, o Faial inteiro é castigado por uma série de tremores de terra, aos quais se seguem erupções vulcânicas de lava e

cinza na parte ocidental da ilha. Isto promove a emigração para o Brasil que, pela primeira vez, toma grandes proporções naquela época. Em 1680, têm início as obras de construção da Igreja Matriz. O século XVIII representa uma época de grande florescimento para o Faial e para a sua capital: a Horta torna-se cidade mercantil do excelente vinho do Pico, exportado para as Antilhas, para a América, para a Inglaterra, para a França e para a Rússia. Tolstoi escreve sobre o vinho do Pico, enquanto que o Café Volga não é outra coisa senão uma lembrança do tempo em que os marinheiros do Czar entravam no porto, a fim de adquirirem um pouco desta deliciosa bebida.

Exportam-se as primeiras laranjas e já há um ou outro barco de pesca da baleia, proveniente da Nova Inglaterra, que aborda o porto. Os Hortenses ganham muito e vivem bem. Ornamentam-se as igrejas e os mosteiros, decoram-se as casas de particulares com móveis caros, lustres de cristal, pianos e porcelanas preciosas. Os comerciantes que viajam ficam encantados e admirados pela civilização e a vida mundana que observam nesta cidadezinha atlântica. Os mapas náuticos daquele tempo (grav. 13, Bibl. n.º 45 e 46) relevam a importância do seu porto natural.

O século XIX é uma época rica de acontecimentos: em 1809 chega à Horta o cônsul americano Dabney, cuja dinâmica família dá, em seguida, novo impulso ao comércio e à navegação. O porto atravessa um período de extraordinário desenvolvimento, visto que as frotas da pesca da baleia, vindas da Nova Inglaterra, aí fazem escala frequentemente a partir de então. Chegam para reparações, vêm alistar contratados Faialenses (começa a emigração para os E. U. A.) e operam a partir do porto. Muitas vezes, há dúzias de baleeiras no porto, como bem ilustram as gravuras 4, 15, 16 e 17. A pesca da baleia americana dura até aos começos do século XX, para passar depois a ser assumida pelos açorianos. Em 1833, chega a vez da Horta ser elevada a cidade. Com a construção do molhe, o porto já de si excelente e

seguro, torna-se ainda mais atraente. Em 1893 é colocado o primeiro cabo telegráfico ao qual se segue uma série deles no período que se estende até 1928. Com tudo isto, a Horta situa-se no foco do tráfego mundial (Fig. 9). Para celebrar este acontecimento, é fundado o jornal «O Telégrafo» (Grav. 18), que ainda hoje existe. As companhias de cabos dão vida, criam um ambiente cosmopolita, fornecem trabalho e rendem dinheiro à Horta, cuja área urbana acusa um alargamento considerável (Fig. 10) através da construção das colónias dos cabos. Em 1926, um violento terramoto destruiu grandes partes da Horta e outras povoações no Faial. Em 1938, a Horta é de novo foco de grande interesse numa altura em que a companhia alemã de transportes aéreos — Deutsche Lufthansa — realiza, a título experimental, vôos atlânticos com hidroaviões que fazem escala na baía do porto da Horta.

De Maio de 1939 até Janeiro de 1946, a Pan American, com os Clippers (Grav. 19) organiza vôos regulares de ida e volta para a Europa via Horta.

De 1943 a 1945, a Horta constitui uma base para a marinha britânica, enquanto a Força Aérea do Reino Unido (R. A. F.) se detém no aeroporto das Lajes na Terceira, o que se desenha com grande clareza na estatística da figura 12.
Durante o ano de 1968 há barcos de guerra aliados que entram no porto da Horta.

Desde então, a Horta tem permanecido tranquila. A erupção dos Capelinhos em 1957/58 intensificou a emigração, mesmo na própria cidade. A vida decorre com calma e sem pressas; às vezes, até temos a impressão que a Horta se encontra adormecida num sonho de fadas, do qual só poderia certamente ser acordada pelo turismo futuro (Bibl. n.º 1, 9, 11, 12, 15, 16, 17, 19, 26, 27, 28, 30, 38, 39, 40, 70 e 77).

4. *Planificação e futuro*

A Horta não tem quaisquer graves problemas de natureza urbanística, já que a circulação, devido à construção da Avenida Marginal, se concebeu dentro de um plano liberal que prevê o futuro a longo prazo. De modo que também não há necessidade alguma de planificação. Aludir-se-á ainda à necessidade de um planeamento económico de conjunto na quarta parte deste trabalho. O futuro da Horta está, sem dúvida, assegurado pelo turismo, que de igual modo será ainda abordado.

Figura 1 *Mapa com vista geral do Atlântico*
Figura 2 *Mapa com uma panorâmica dos Açores*
Figura 3 *Distrito da Horta*
Figura 4 *Topografia da Horta (Segundo a Carta Militar 1:25'000)*
Figura 5 *Reconstrução e Perfil do Monte da Guia (segundo Karl KrejciGraf)*
Figura 6 *Regime dos Ventos na Horta*
Figura 7 *Planta da cidade da Horta*
Figura 8 *Trânsito Regional do Faial*
Figura 9 *Cabos Telegráficos na Horta. Situação em 1965 (segundo F. S. Weston)*
Figura 10 *As colónias das companhias de Cabos durante o período áureo dos cabos submarinos*
Figura 11 *Instalações do porto da Horta*
Figura 12 *Navegação no porto da Horta entre 1862 e 1964*

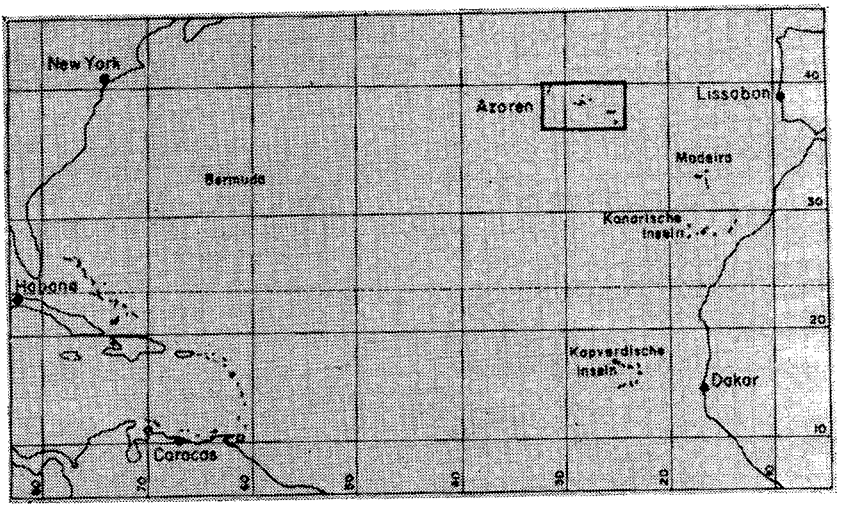


Figura 1: **Mapa com vista geral do Atlântico**

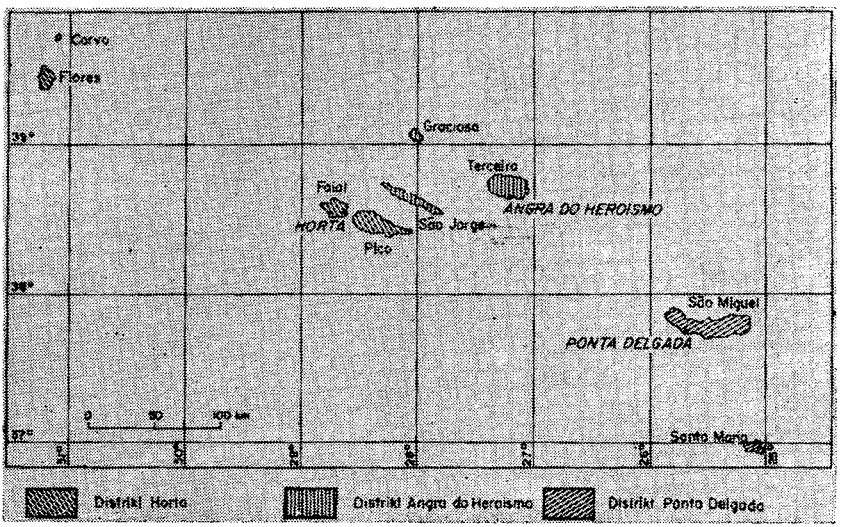


Figura 2: **Mapa com uma panorâmica dos Açores**

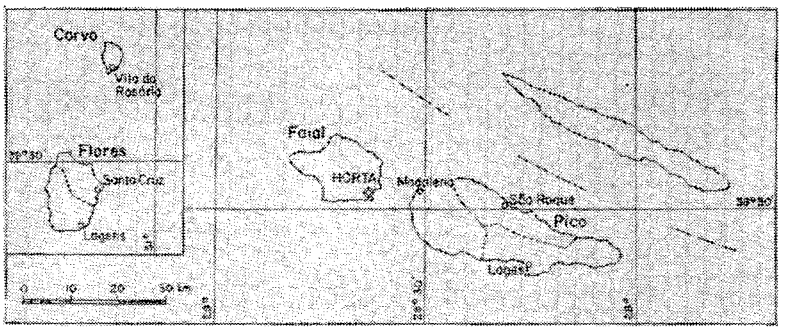


Figura 3: **Distrito da Horta**

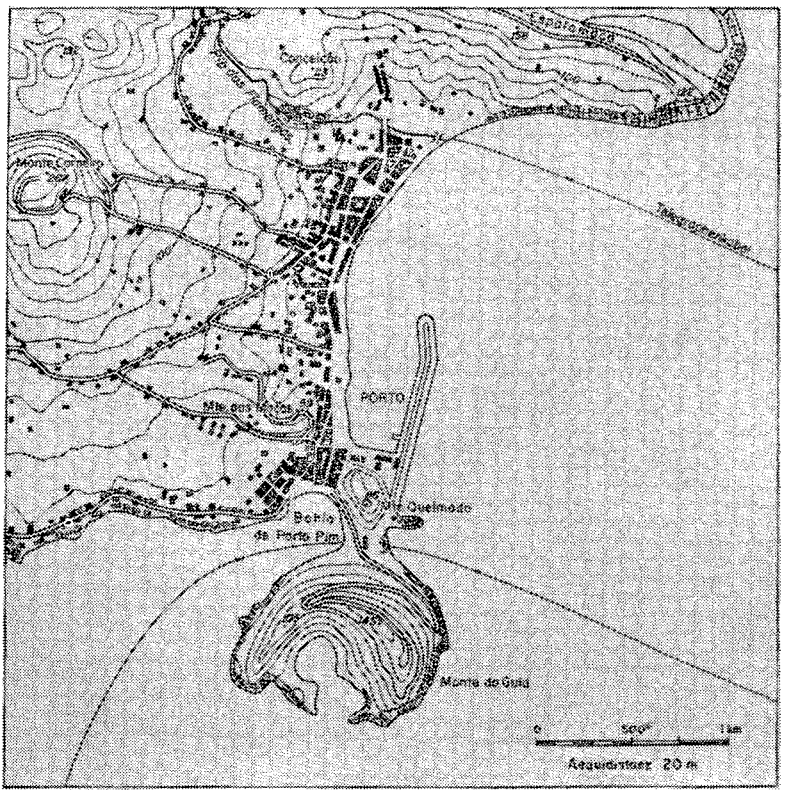


Figura 4: **Topografia da Horta (Segundo a Carta Militar 1:25'000)**

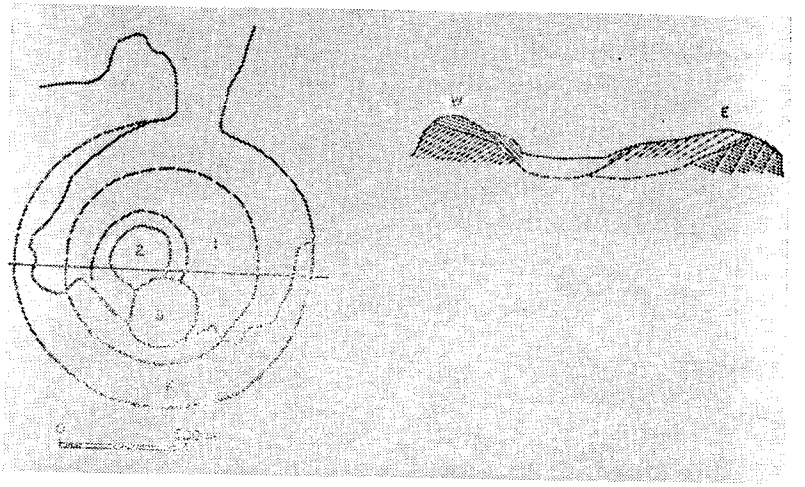


Figura 5: **Reconstrução e Perfil do Monte da Guia (Segundo Karl KrejciGraf)**

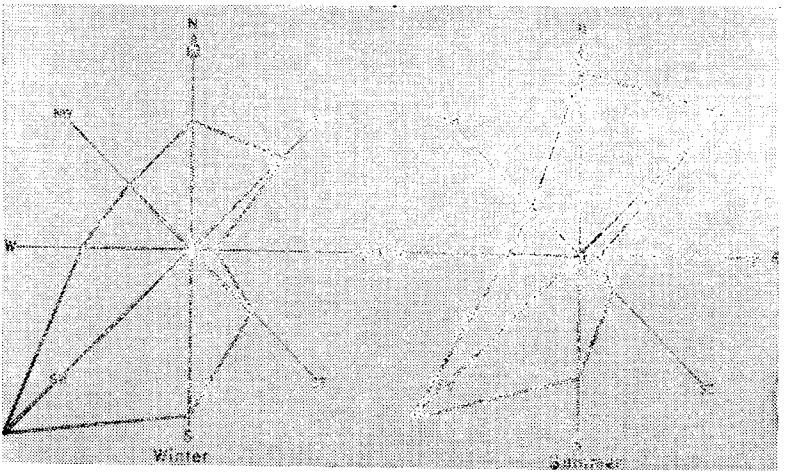


Figura 6: **Regime dos Ventos na Horta**

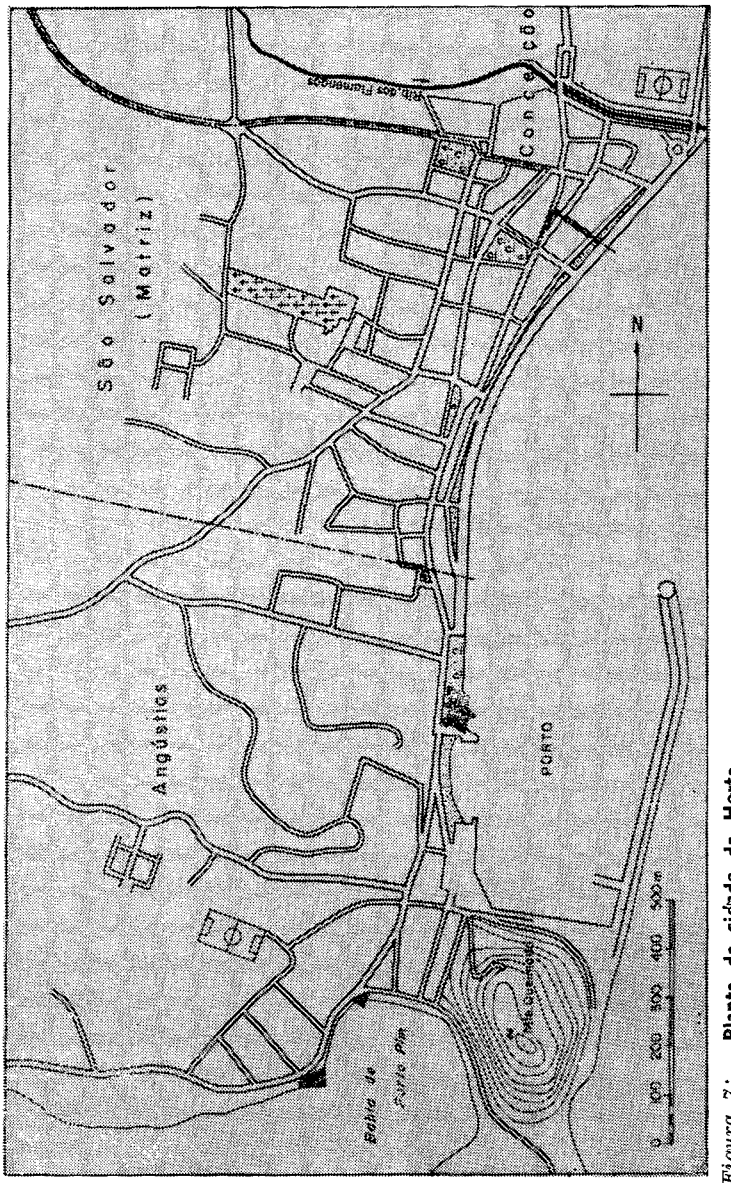


Figura 7: **Planta da cidade da Horta**

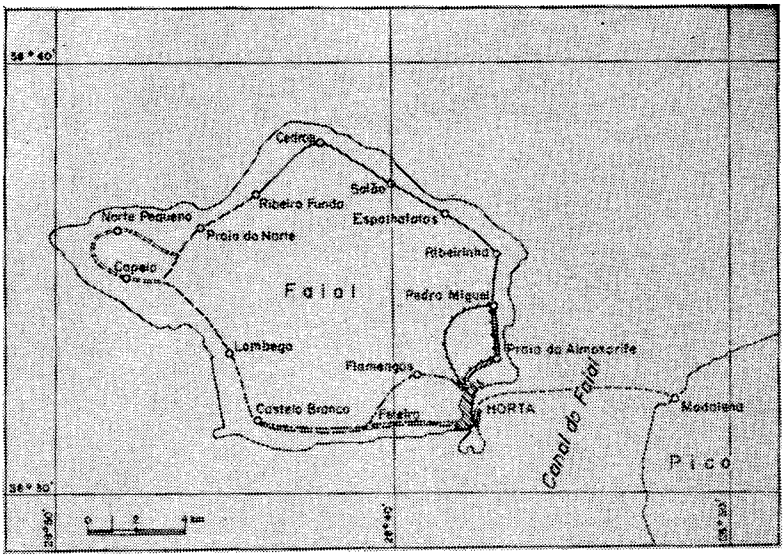


Figura 8: **Trânsito Regional do Faial**

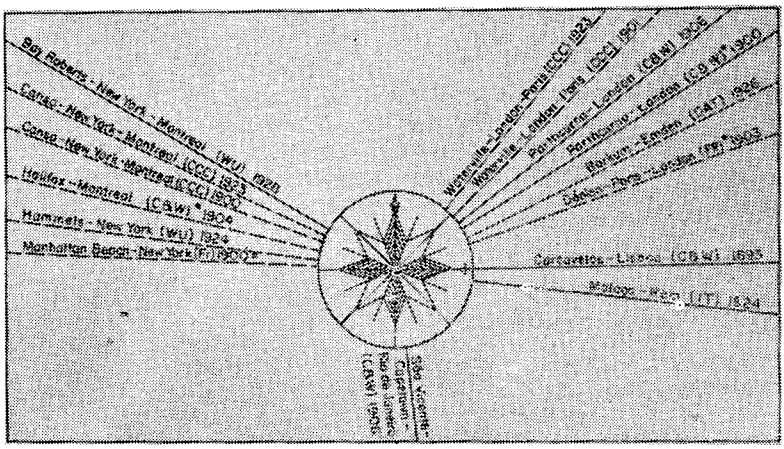


Figura 9: **Cabos Telegráficos na Horta. Situação em 1965 (Segundo F. S. Weston)**

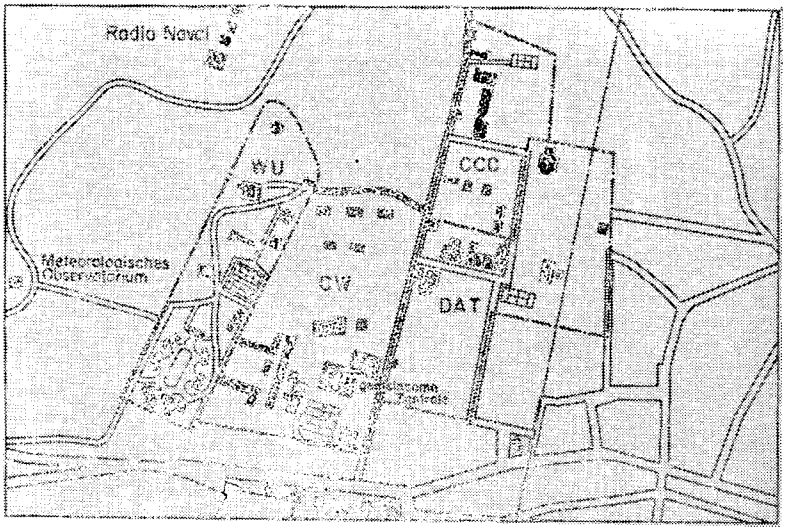


Figura 10 **As colónias das companhias de Cabos durante o período áureo dos cabos submarinos**

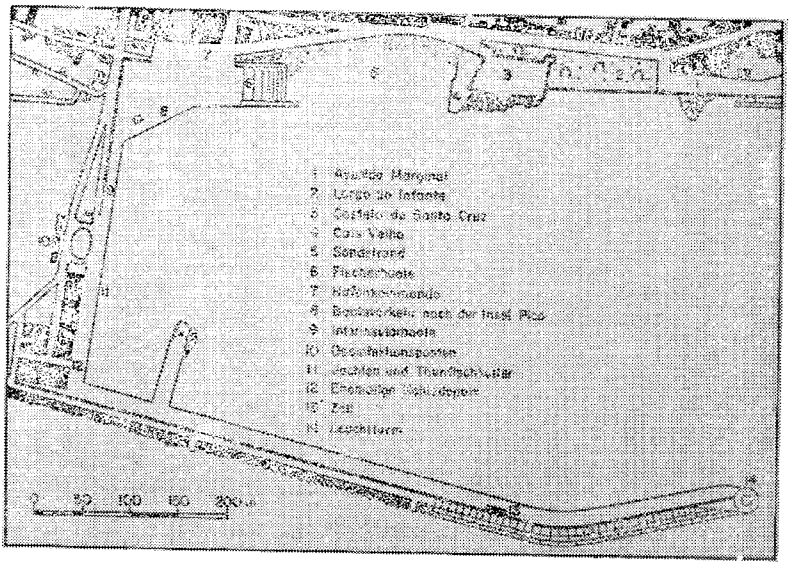


Figura 11: **Instalações do porto da Horta**

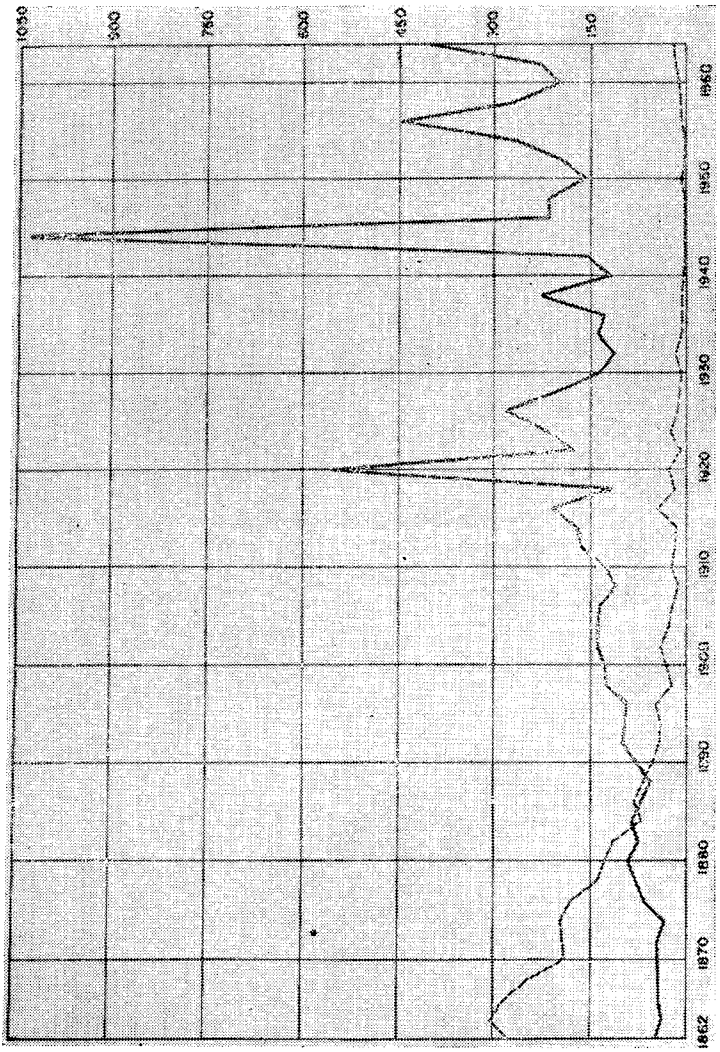


Figura: 12 **Navegação no porto da Horta entre 1862 e 1964**

Gravura 1: A cidadezinha da Horta vista do mar

Para quem chega do mar, a Horta oferece uma imagem cheia de graciosidade com o seu casario variegado e luminoso, e com suas igrejas aprumadas. Convidativa, com um certo ar traquinas, e um tanto sonolenta, é esta a impressão que o viajante recebe. Encontra uma população hospitaleira e aberta, desde há séculos habituada a lidar com os viajantes atlânticos. Ao fundo, à esquerda, está o Monte Carneiro.

Gravura 2: Vista do Monte Queimado sobre a Horta e a Espalamaca.

Em baixo, à esquerda, reconhecemos a Capitania do Porto; ao centro, está o Castelo de Santa Cruz e o Cais Velho; ao fundo, a Espalamaca com os moinhos de vento. Se compararmos com a gravura 17, logo ressalta à vista a transformação da costa, pelo afastamento de areias e a construção da Avenida Marginal.

Gravura 3: Vista da Espalamaca sobre a Horta, o Porto, o Monte Queimado e o Monte da Guia.

No terreno que fica entre a praia e o estádio de futebol, planeou-se o parque da cidade com a praia de banhos, tanque de natação, instalações desportivas, relvados e parques de estacionamento.

Gravura 4: O mesmo panorama numa litografia de 1888 (Recorte).

Baleeiras americanas estão ancoradas no porto (comparar com as gravuras 16 e 17). Ao fundo, a baía do Porto Pim (Fig. 4).

Gravura 5: Vista tirada da Rádio Naval sobre a colónia Western-Union, o porto e a vizinha Ilha do Pico.

Sempre fascinante é o efeito do magnífico perfil do Etna açoriano, o Pico, na ilha do mesmo nome, vizinha do Faial. Às vezes no inverno, a parte superior está ligeiramente coberta de neve. O porto da Horta foi apelidado de «Hospital do Atlântico», pois há frequentemente barcos que trazem doentes para o hospital ou têm que proceder a grandes reparações, como é aqui o caso destes vapores gregos.

Gravura 6: Vista do Observatório Meteorológico sobre a baía do Porto Pim, sobre o Monte Queimado, a fábrica de produtos extraídos da baleia e o Monte da Guia.

Podemos comparar, na forma, na formação e na situação, o Monte Brasil na Angra (Fig. 4 e 5) com o Monte da Guia, só com a diferença de este ser bastante mais pequeno e mais baixo que aquele. No dia em que a fábrica de extracção de produtos da baleia parar a sua actividade, esta linda baía dará uma praia de banhos excepcional.

Gravura 7: Avenida Marginal.

De modo semelhante a Ponta Delgada, também aqui se construiu uma Avenida Marginal, larga e pomposa, mas com despesas essencialmente menores, já que não houve necessidade de corrigir a costa e fazer aterros.

Esta artéria também tem um aspecto escalvado e pouco agradável, enquanto permanecer sem canteiros e tiver ainda tão pouca circulação.

Gravura 8: Avenida Marginal e a primitiva rua costeira.

A primitiva rua costeira estava situada quase à altura do nível do mar (Grav. 17), enquanto que o nível da Avenida Marginal se levantou consideravelmente. Isto deu como resultado uma espécie de rego feio e, sobretudo, desfavorável ao trânsito, do ponto de vista técnico.

Gravura 9: Largo do Infante.

Café Volga, Café Internacional... recordações dos bons tempos da Horta, na altura em que os marinheiros russos vinham buscar o famoso vinho do Pico para o Czar, quando frotas baleeiras americanas ancoravam no porto e contratavam faialenses, quando a Pan American lá fazia escala com os seus hidroaviões, quando, enfim, o Faial era o centro dos cabos telegráficos transatlânticos. Hoje reina a calma na Horta, à margem do vasto mundo e das grandes correrias. A cidadezinha é insuflada de vida apenas duas vezes por mês, quando os barcos chegam de Lisboa e transportam uma vaga de turistas que logo se dirigem aos Capelinhos e à Caldeira. O turismo pode, possivelmente, vir a ser o novo futuro para a Horta.

Gravura 10: Vendedores de fruta do Pico.

O Faial e o Pico são as duas únicas ilhas dos Açores em que as fronteiras alfandegárias foram abolidas. Ora as duas ilhas vizinhas completam-se economicamente de maneira notável e, uma com a outra, mantêm um vivo intercâmbio de pessoas e mercadorias. O Faial fornece cereais ao Pico e, em troca, o Pico fornece quase toda a fruta, legumes e vinho. Todas as manhãs chega ao porto um grupinho de gente do Pico, que invade as ruas da Horta para vender a mercadoria. Os homens e os rapazes vêm vestidos tipicamente: chapéu de palha, sandálias de couro e camisa às cores, do Texas (prenda dos emigrantes americanos).

Gravura 11: Castelo de Santa Cruz, Cais Velho, Praia de banhos e porto; ao fundo, a Ilha do Pico.

No interior do pequeno castelo surge, de momento, uma estalagem (Fig. 11).

Gravura 12: Castelo de São Sebastião (também designado Forte da Cruz dos Mortos).

Um dos inúmeros pequenos fortes que existiam ao longo da costa, a distâncias quase regulares uns dos outros, para protegerem a ilha dos piratas (Fig. 7). Ao fundo fica a baía do Porto Pim e o Monte da Guia.

Gravura 13: Aguarela da baía da Horta (extraído de: Demonstrasão dos ancoradoros das Ilhas do Fayal e de São Miguel, e os nomes das pontas de terra, 1771).

Embora a baía da Horta esteja representada de maneira infantilmente desajeitada, reconhecemos claramente o Monte da Guia (com fortificações), o Monte Queimado, o Castelo de Santa Cruz, várias igrejas e conventos, a Espalamaca e a Praia do Almoxarife. É provável que se trate de uma imitação do mapa existente no arquivo da cidade de Antuérpia e que data igualmente do século XVIII. Esse mapa representa a topografia quase exactamente igual ao que ela é, mas reproduz a cidade e suas fortificações com uma exactidão um tanto exagerada.

Gravura 14: Vista da Madalena (no Pico) para a Horta (extraído de: Joseph and Henry Bullar, A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas, London 1841).

A ilustração mostra a esplêndida situação da Horta: estendida no sopé da Caldeira, entre a Espalamaca e o Monte da Guia, protegida pela vizinha ilha irmã do Pico (comparar à fig. 4 e à 8).

Gravura 15: Aspecto do «Purrington-Russell Panorama of a Whaling Voyage Round the World 1841-1845»

Esta representação americana da Horta, que data do século passado, não é muito fiel. Isto é compreensível, visto que o pintor Caleb Purrington nunca esteve, em pessoa, nos Açores, mas criou o seu enorme Panorama baseado nos esboços do pescador de baleias Benjamim Russell. De qualquer maneira, sempre se

reconhece o Monte Queimado, o Monte das Moças, a Caldeira, o Monte Carneiro e a Espalamaca (comparar à fig. 4), o Castelo de Santa Cruz, o Castelo Novo (também chamado Castelo de Bom Jesus), a Ribeira dos Flamengos, o Forte de Nossa Senhora dos Remédios, Igreja e Convento de São Francisco, Igreja e Convento do Carmo, Igreja e Colégio dos Jesuítas, Igreja e Convento de Santo António e Torre do Relógio.

Gravura 16: Baleeiras americanas no porto de Horta, por volta de 1910

Um quadro típico daquele tempo, quando se iniciou a emigração para os Estados Unidos e os Faialenses eram contratados para os barcos. Muitos ficaram na Nova Inglaterra; os parentes e conhecidos seguiram depois e hoje há uma colónia considerável de açorianos em New Bedford.

Gravura 17: Vista do Monte Queimado sobre o porto e a cidade, em 1910

A única grande transformação vivida pela Horta nos últimos 70 anos está na construção da Avenida Marginal e na disposição do Largo do Infante (comparar: figuras 7 e 11 e gravuras 7, 8, 9). Quanto ao resto, esta gravura mostra ainda as baleeiras americanas e, ao fundo, a Espalamaca com os moinhos de vento.

Gravura 18: Cabeçalho do diário «O Telégrafo».

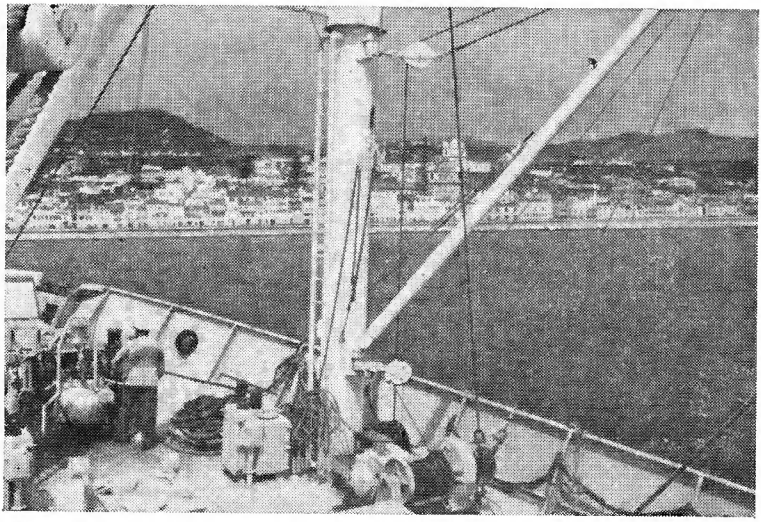
Em 1893, foi colocado o primeiro cabo submarino (Horta-Carcavelos-Lisboa), um acontecimento memorável, que ocasionou a fundação do diário «O Telégrafo». O jornal ainda existe hoje em dia, a par do «Correio da Horta», fundado em 1930.

Gravura 19: Os hidroaviões da Pan American no porto da Horta, por volta de 1940.

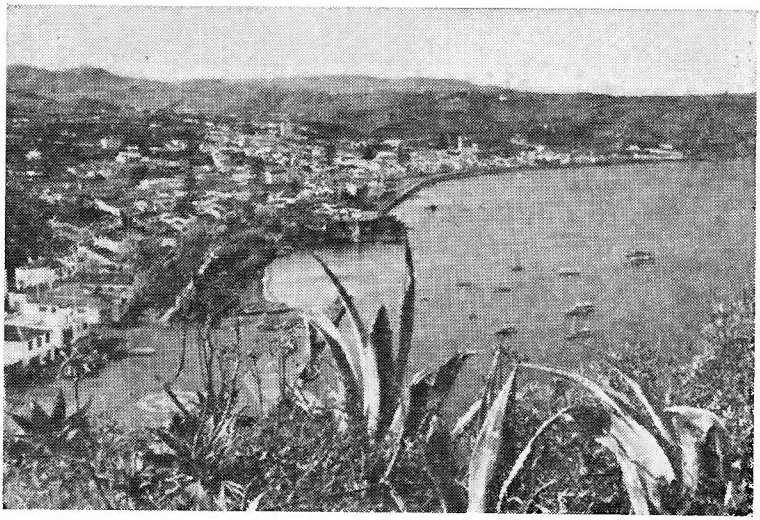
Depois de a Deutsche Lufthansa já ter realizado vôos transatlânticos com escala na Horta, a título experimental, a Pan American começou a fazer escala regularmente na Horta a partir de 1936 até 1946.

Gravura 20: Igreja Matriz, Câmara Municipal, Junta Geral e Governo Civil (antigamente era aqui a Igreja e Colégio dos Jesuitas).

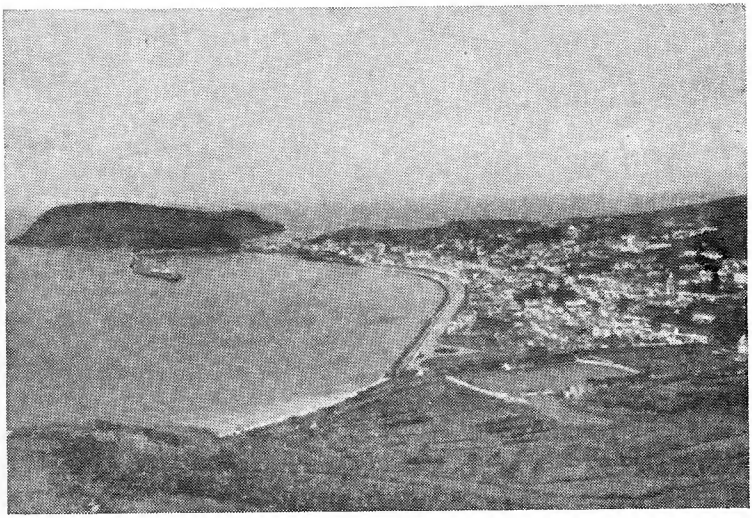
Aprumada e sublime, a Matriz sobressai na silhueta da cidade e parece olhar para o mar largo (Grav. 1); os edifícios do antigo Colégio foram há muito ocupados pela administração.



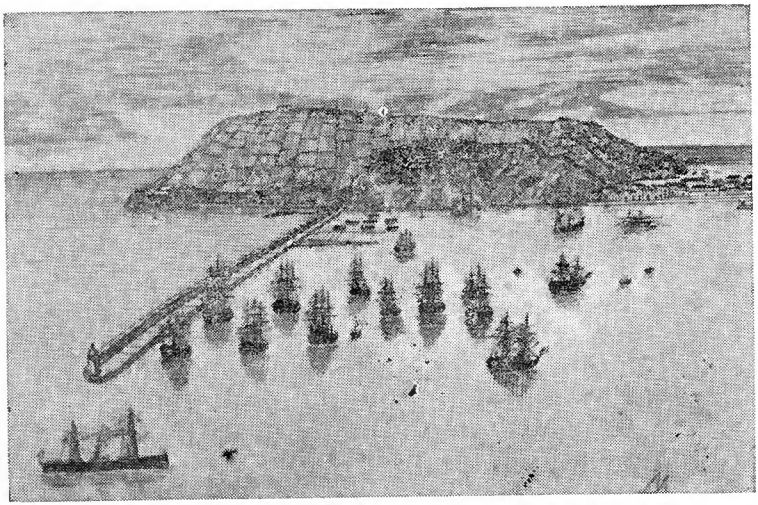
Gravura 1: **A cidadezinha da Horta vista do mar**



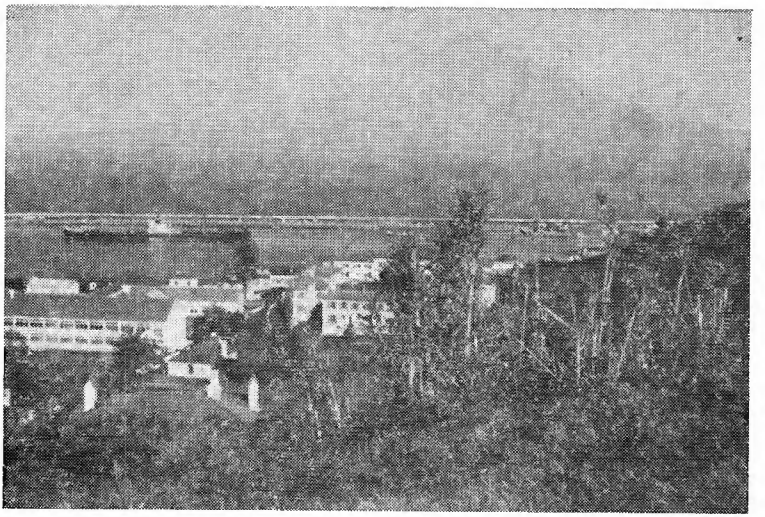
Gravura 2: **Vista do Monte Queimado sobre a Horta e a Espalamaca**



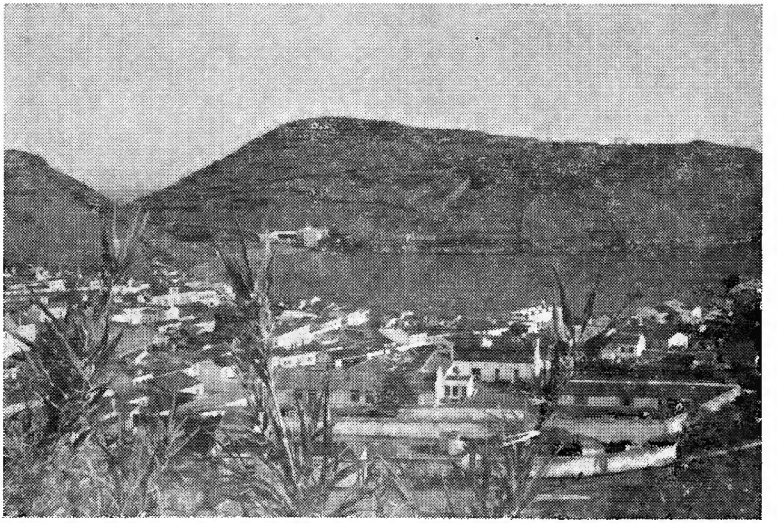
Gravura 3: **Vista da Espalamaca sobre a Horta, o Porto, o Monte Queimado e o Monte da Guia**



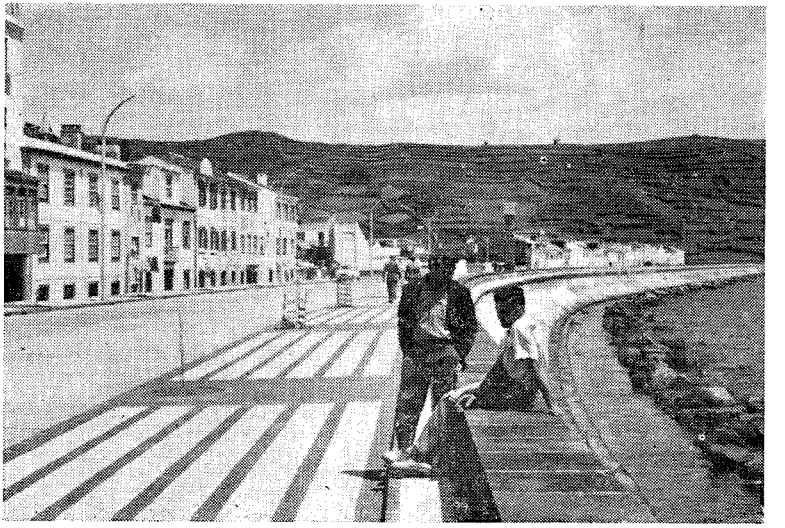
Gravura 4: **O mesmo panorama numa litografia de 1888 (Recorte)**



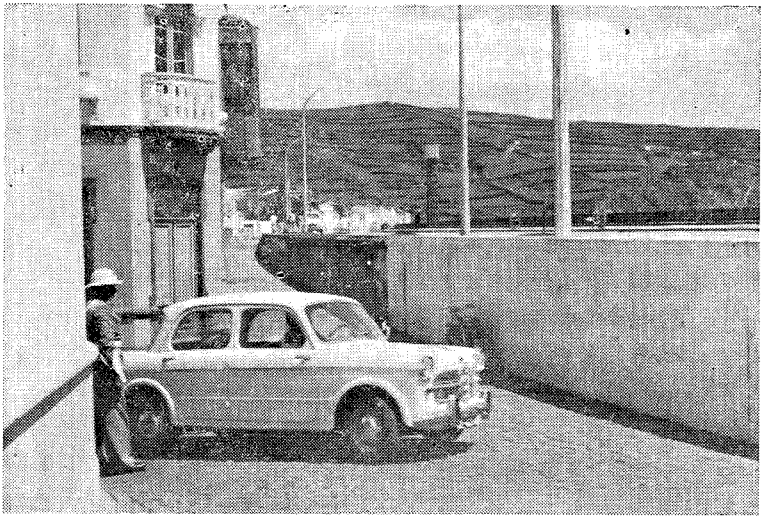
Gravura 5: **Vista tirada da Rádio Naval sobre a colónia Western-Union, o porto e a vizinha Ilha do Pico**



Gravura 6: **Vista do Observatório Meteorológico sobre a baía do Porto Pim, o Monte Queimado, a fábrica de produtos extraídos da baleia e o Monte da Guia**



Gravura 7: **Avenida Marginal**

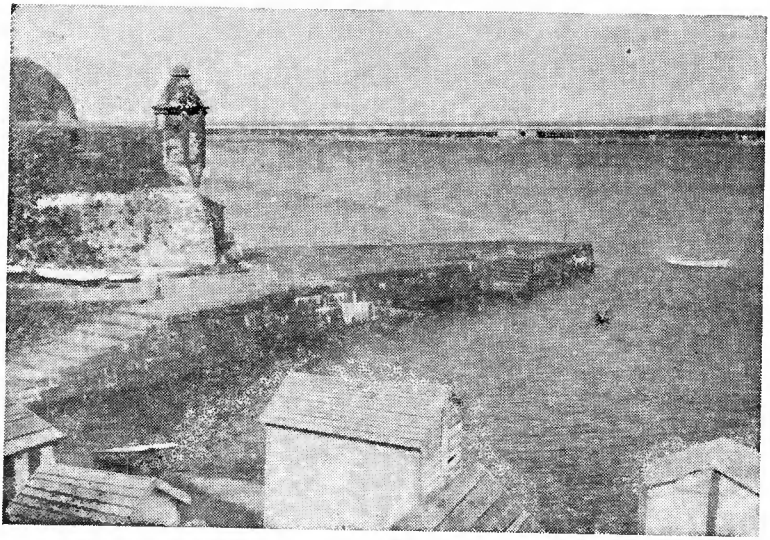


Gravura 8: **Avenida Marginal e a primitiva rua costeira**

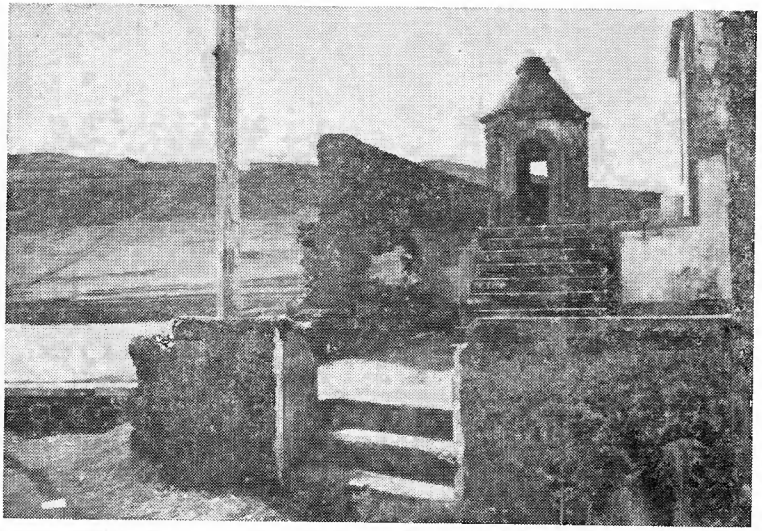
Gravura 9: **Largo do Infante**

Gravura 10: **Vendedores de fruta do Pico**

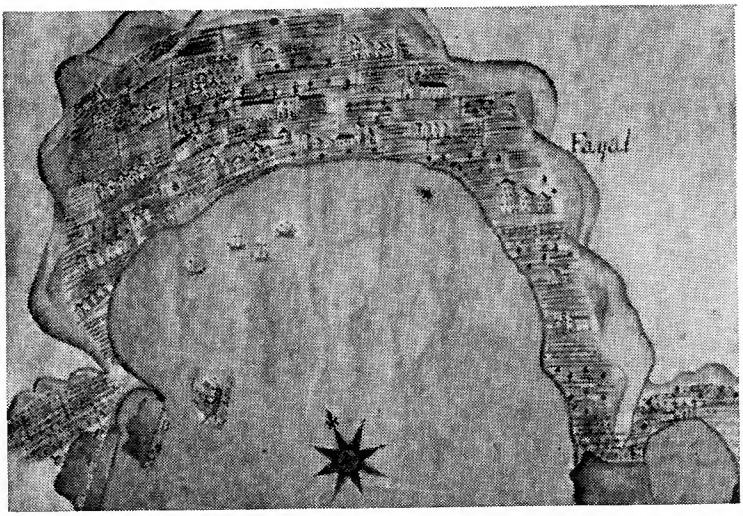
Gravura 10a: **Vendedores de fruta do Pico**



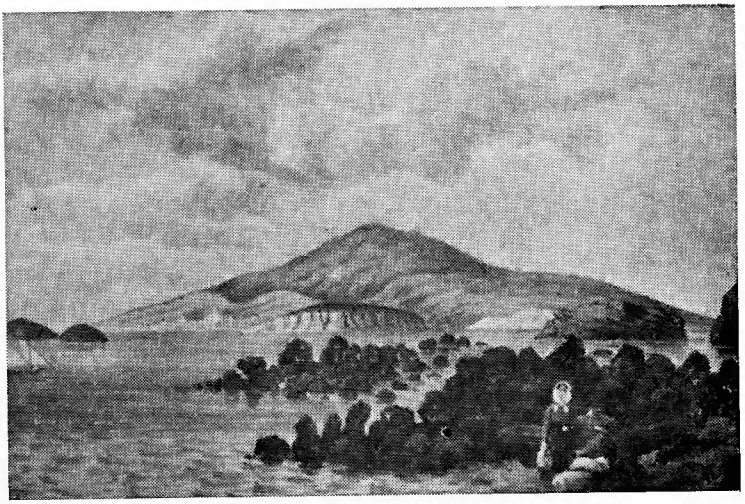
Gravura 11: **Castelo de São Sebastião (também designado Forte da Cruz ao fundo, a Ilha do Pico**



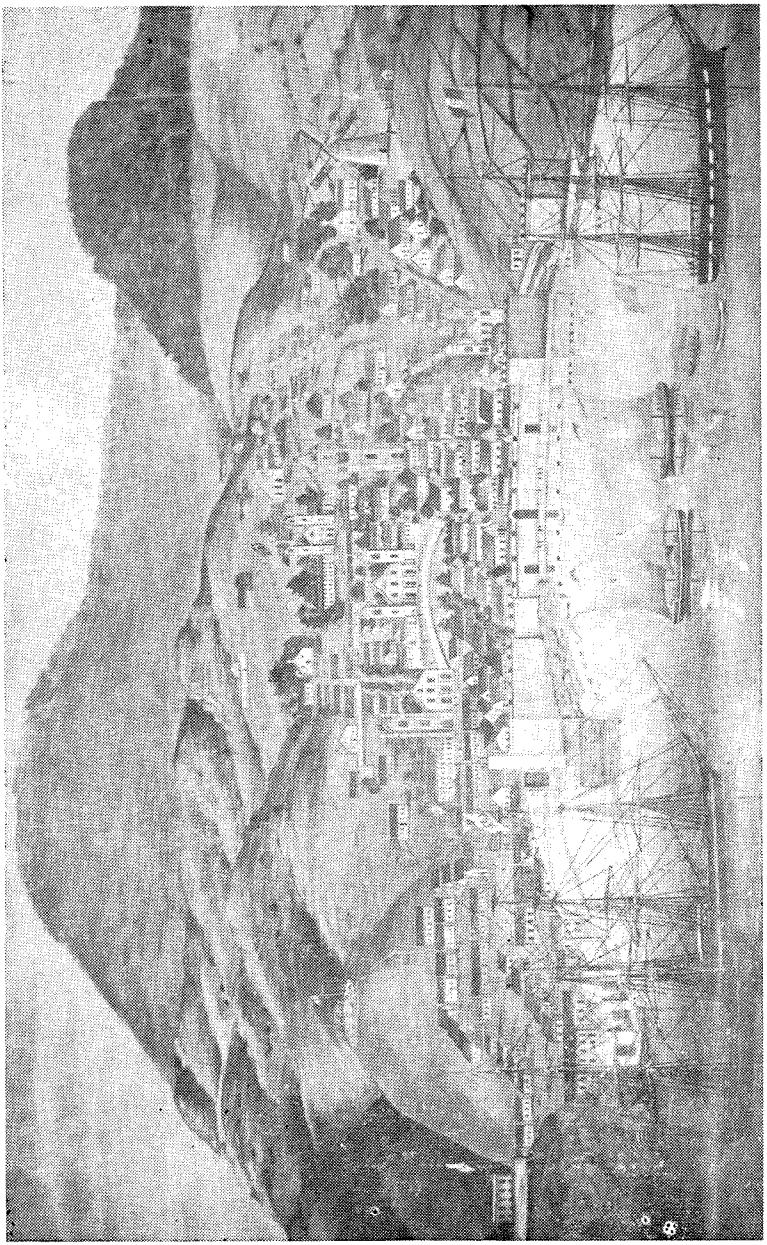
Gravura 12: **Castelo de São Sebastião (também designado Forte da Cruz dos Mortos)**



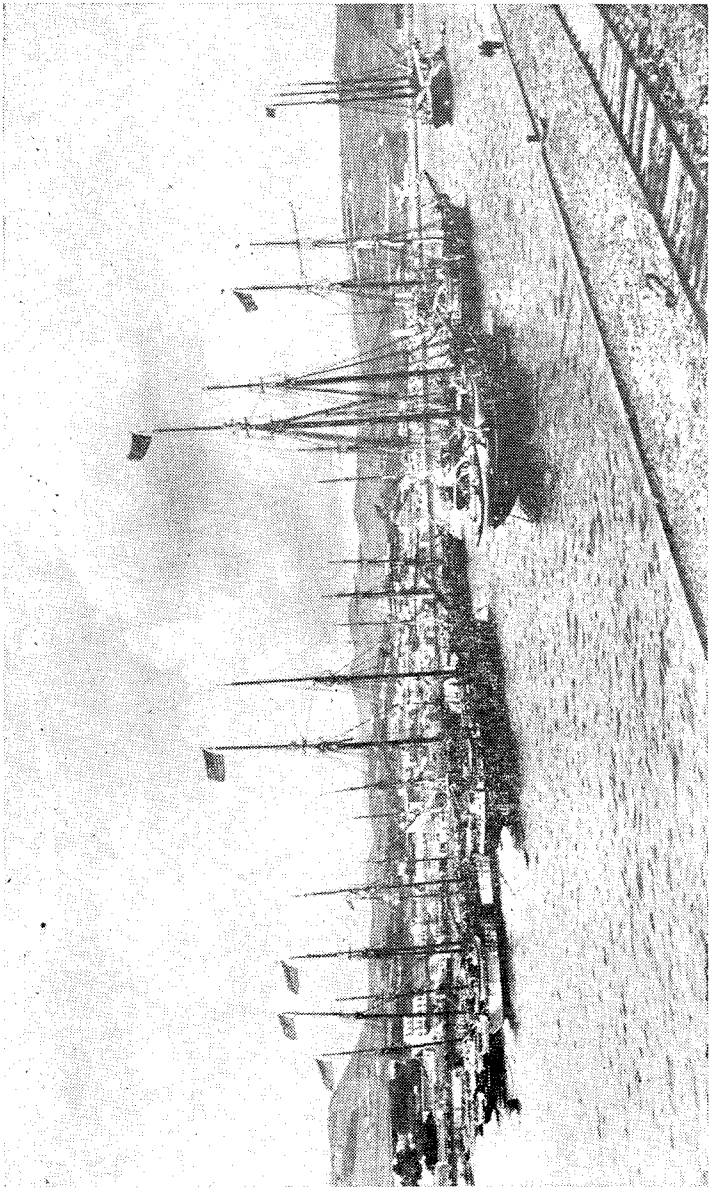
Gravura 13: Aguarela da baía da Horta (extraído de: Demonstração dos ancoradouros das Ilhas do Fayal e de São Miguel, e os nomes das pontas de terra, 1771)



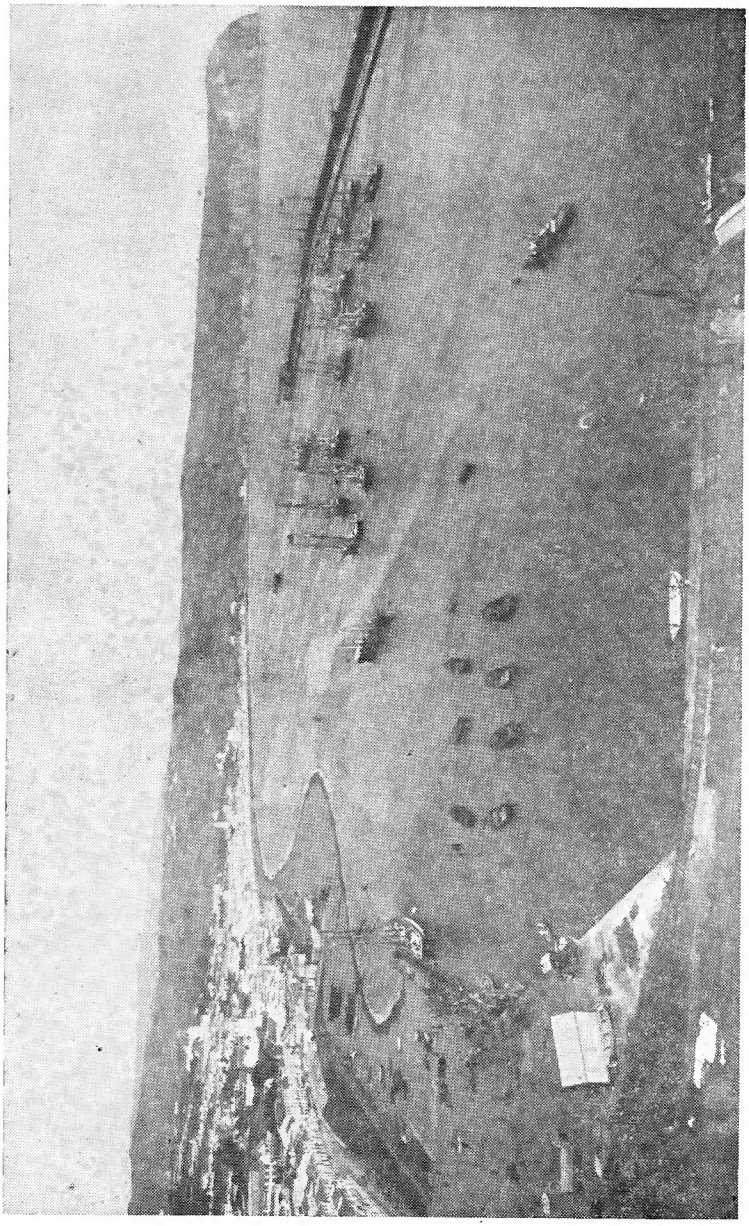
Gravura 14: Vista da Madalena (no Pico) para a Horta (extraído de: Joseph and Henry Bullar, A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas, London 1841)



Gravura 15: **Aspecto do «Purrington-Russell Panorama of a Whaling Voyage Round the World 1841-1845»**



Gravura 16: **Baleeiras americanas no porto da Horta, por volta de 1910**



Gravura 17: **Baleeiras americanas no porto da Horta, por volta de 1910**

Ao serviço da Terra—Ao serviço dos Açores—Ao serviço da Nação

DIÁRIO DA MANHÃ
ANO 72
HORTA

O Telégrafo

Jornal mais antigo e de maior expansão no distrito

3.ª FEIRA
11
Maio
1965

PELO MUNDO DAS IDEIAS

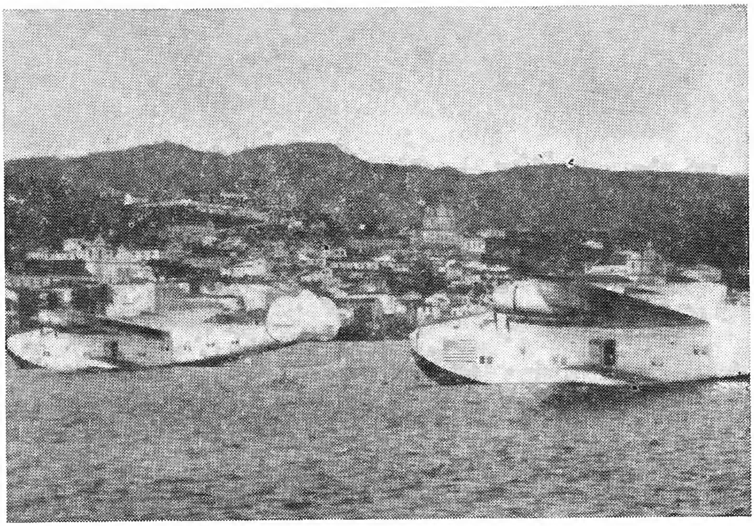
E agora Senhora América?...

POR

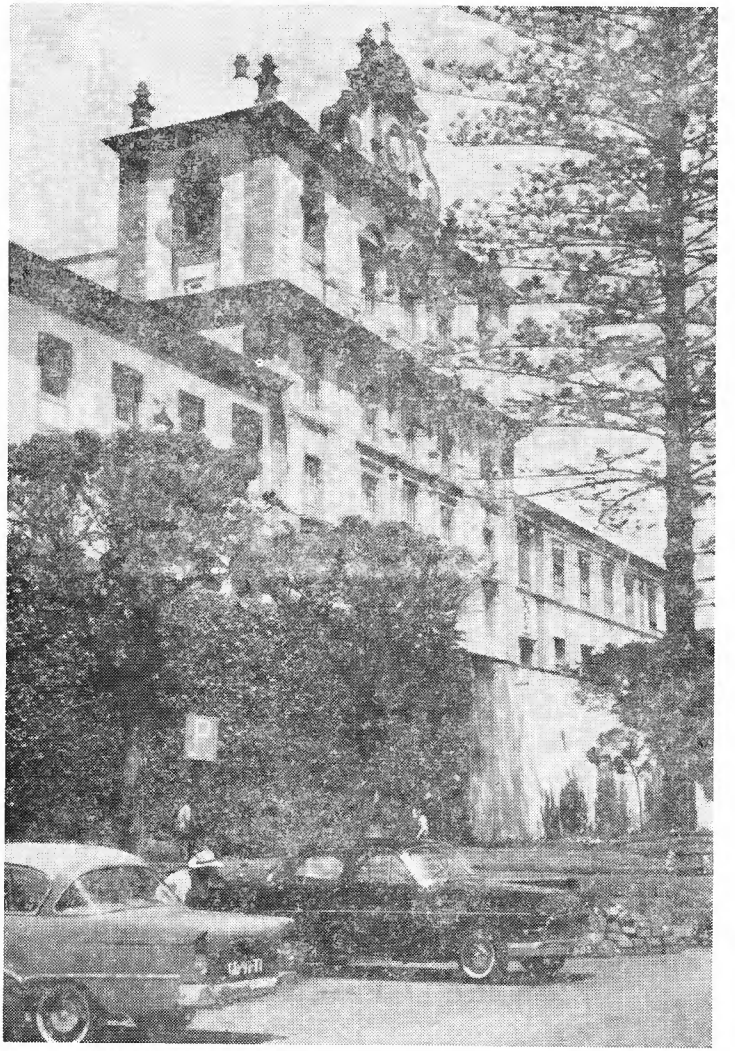
RAUL MARINHO

Capela Clássica de Ponta Delgada

Gravura 18: **Cabeçalho do diário «O Telégrafo»**



Gravura 19: **Os hidroaviões da Pan American no porto da Horta, por volta de 1940**



Gravura 20: Igreja Matriz, Câmara Municipal, Junta Geral e Governo Civil (antigamente era aqui a Igreja e Colégio dos Jesuitas)

7. Bibliografia

7.0. Livros e publicações

1. Agostinho, José: Um emigrante açoriano, José Gonçalves Correia. In: Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no. 10, Angra do Heroismo 1952.

2. Arquivo Pitoresco, Lisboa 1868.

3. Berthois, L.: Contribution à l'Etude Lithologique de l'Archipel des Açores. In: Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, tomo XXXIV, Lisboa 1953.

4. Boid, Captain: A Description of the Azores or Western Islands. London 1835.

5. Bullar, Joseph and Henry: A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas. London 1841.

6. Câmara Municipal do Concelho da Horta: Relatório da gerência de 1964. Horta 1965.

7. Câmara Municipal da Horta, Serviços Municipalizados de Electricidade: Estabelecimento de subestação e alimentação dos postos de transformação da Cidade da Horta, projecto. 1960.

8. Castilho, Júlio de: Ilhas Occidentais do Arquipélago dos Açores, Cartas a um lisboeta. Bibliotheca do Povo e das Escolas, no. 139. Lisboa 1886.

9. Clarke, Robert: Open Boat Whaling in the Azores, The History and Present Methods of a Relic Industry. National Institute of Oceanography, Discovery Reports, vol. XXVI, pp. 281-354. Cambridge University Press 1954.

10. Cordeiro, Padre António: História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeitas no Oceano Occidental. Lisboa 1866.

11. Costa, Francisco Carreiro da: O Faial ao longo de cinco séculos. In: Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 2, no 1, Horta 1959.

12. Costa, Francisco Carreiro da: Os Açores de 1900-1950. In: 50 Anos de História do Mundo, fasc. 37, Lisboa o. J.

13. Cunha, José Correia da: A erupção dos Capelinhos, seus reflexos na economia da Ilha do Faial. In: Memória no. 9 (nova série) dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa 1962.

14. Cunha, José Correia da: A erupção dos Capelinhos, sua influência na economia da Ilha do Faial. Junta de Colonização Interna, Lisboa 1959.

15. Fructuoso, Gaspar: Livro Sexto das Saudades da Terra. Ponta Delgada 1963.

16. Goulart, Osório: Monografia do Castelo de Santa Cruz da Cidade da Horta. In: Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 1, n.º 2, Horta 1957.

17. Goulart, Osório: A Ilha do Faial e a Cidade da Horta, Relance histórico, filológico e heráldico. In: Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 1, no. 1, Horta 1956.

18. Henriques, M. Borges de F.: A Trip to the Azores or Western Islands. Boston 1867.

19. Interavia: Correspondence Internationale d'Aviation. Genève 1933 ff.

20. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Estatístico 1963, vol. I, Metrópole, Lisboa 1964.

21. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Demográfico 1963. Lisboa 1964.

22. Instituto Nacional de Estatística: X Recenseamento Geral da População no Continente e nas Ilhas Adjacentes 1960. Tomo I, vol. 1, Lisboa 1964.

23. Kerhallet, Charles Philippe de: Description nautique des Açores. Paris 1865.

24. Krejci-Graf, Karl: Vulkanologische Beobachtungen auf den Azoren. Frankfurter Geographische Hefte, 30. Jg., Frankfurt am Main 1956.

25. Krejci-Graf, Karl: Die mittelathantischen Vulkaninseln. In: Mitteilungen der Geologischen Gesellschaft Wien, 57. Band, Heft 2, Wien 1964.

26. Lima, Marcelino: Anais do Município da Horta, História da Ilha do Faial. Vila Nova de Famalicão 1943.

27. Linschoten, Jan Huygen van: Navigatio et Itinerarium in Orientalem sive Lusitanorum Indiam. Francofurti Ano MDCI.

28. Macedo, António Lourenço da Silveira: História das quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta. Horta 1871.

29. Ministério do Interior: Boletins da Junta da Emigração 1953-1962. Lisboa 1954 ff.

30. Morison, Samuel Eliot: Whaler out of New Bedford. Introduction to the Film Based on the Purrington-Russell Panorama of a Whaling Voyage Round the World from 1841 to 1845. Old Dartmouth Historical Society, New Bedford 1962.

31. Nemésio, Vitorino: Corsário das Ilhas. Lisboa 1956.

32. Ramos, Accurcio Garcia: Notícia do Arquipélago dos Açores. Lisboa 1871.

33. Rodrigues, Sarmento M. M.: Ancoradouros das Ilhas dos Açores. Lisboa 1960.

34. Serviços Geológicos de Portugal: Carta Geológica de Portugal, Ilha do Faial, 1:25'000, Notícia explicativa. Lisboa 1959.

35. Serviço Meteorológico Nacional: O Clima de Portugal. Fasc. VIII. Açores e Madeira. Lisboa 1955.

36. Sousa, João Soares d'Albergaria de: Corographia Açórica ou descripção phízica, política e histórica dos Açores. Lisboa 1822.

37. Swindells, Rupert: A Summer Trip to the Island of St. Michael, the Azores. Manchester 1877.

38. Terra, Florêncio: Dabneys. In: Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 2, no. 1, Horta 1959.

39. Vasconcelos, Joaquim Mota de: Epopeia do Emigrante Insular. Lisboa 1959.

40. Weston, F. S.: Os cabos submarinos no Faial. In: Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 3, no. 2, Horta 1963.

7.1. Mapas e Gravuras

41. Colecção de mapas e plantas dos Açores do Dr. Ernesto do Canto na Biblioteca Pública de Ponta Delgada.

42. Cortesão, Armando e Mota, Avelino Teixeira da: Portugaliae Monumenta Cartographica. Lisboa 1960.

43. Silveira, Luís: Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar. Primeiro volume: Marrocos e Ilhas Adjacentes. Lisboa o. J.

44. Teixeira, Luis: Ilha do Faial, 1587. Abb. 359b im Band III von No. 42.

45. Plan de la Bay de Fayal, 18. Jh.. Archives de la Ville de Anvers. (Siehe No. 43).

46. Demonstrasão dos ancoradouros das Ilhas do Fayal e de São Miguel, e os nomes das pontas de terra (Aquarell), 1771. (Siehe No. 41).

47 Planta das fortificações e bahias da Ilha do Fayal a qual por ordem da Real Junta da Fazenda destas Ilhas dos Açores tirou o Sargento Mor do Real Corpo d'Engenheiros Jozé Rodrigo d'Almeida em 1804. (Kopie).

48. Vidal, A. T. E. Captain: Ilha do Faial, 1843. (Siehe No. 41).

49. Teixeira, J. M.: La baie de Horta/Horta Bay/Horta Hafen, Lithographie. Horta a. J. (Siehe No. 41).

50. Bensaúde & Co.: Charts of the Anchorage and Breakwater of Horta and Fayal Channel, reproduced from the Admiralty Chart by permission of the Hydrographic Office. London 1938.

51. Câmara Municipal da Horta: Planta da Cidade da Horta, cópia do mosaico fotogramétrico executado na Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes em 1944, aprox. 1:2000. Horta o. J.

52. Câmara Municipal da Horta: Planta da Cidade da Horta, 1:5000. Horta o. J.

53. Câmara Municipal da Horta: Anteplano de urbanização da Horta, planta de trabalho, 1:2000. Horta 1951. (Siehe No. 43).

54. Câmara Municipal da Horta, Serviços Municipalizados de Electricidade: Esquema geral de electrificação da Ilha do Faial. Horta 1960.

55. Instituto Geográfico e Cadastral: Carta Corográfica dos Açores, Ilha do Faial, 1:25'000. Lisboa 1942.

56. Instituto Hidrográfico do Ministério da Marinha, Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes: Porto da Horta, 1:5000, levantada em 1942. Lisboa 1961.

57. Instituto Hidrográfico do Ministério da Marinha, Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes: Canal do Faial, 1:15'000, levantada em 1942. Lisboa 1961..

58. Instituto Hidrográfico do Ministério da Marinha, Missão Hidrográfica das Ilhas Adjacentes: Carta Hidrográfica de São Jorge, Pico e Faial, 1:125'000, levantada em 1962. Lisboa 1963.

59 National Geographic Society: Atlantic Ocean, 1:20'000'000. Washington 1955.

60. Serviços Cartográficos do Exército: Carta Militar de Portugal, 1:25'000. Folha 7: Horta, Lisboa 1959.

61. Serviços Geológicos de Portugal: Carta Geológica de Portugal, Ilha do Faial, 1:25'000. Lisboa 1959.

62. World Aeronautical Chart: São Miguel Island, Azores, 1:1'000'000. St. Louis 1958.

7.2. Outras Fontes

As seguintes repartições públicas e privadas cederam-nos, a título de informação, material inédito.

63. Autogesellschaften: Empresa de Viação Cedrense. Farias.

64. Caixa Sindical de Previdência dos Empregados e Operários do Arquipélago dos Açores.

65. Câmara Municipal do Concelho da Horta.

66. Capitania do Porto da Horta.

67. Casa dos Pescadores.

68. Comissão Regional de Turismo do Distrito da Horta.
69. Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores.
70. Deutsche Lufthansa.
71. Direcção do Distrito Escolar da Horta.
72. Direcção das Obras Públicas do Distrito da Horta.
73. Direcção da Urbanização dos Açores.
74. Federação dos Municípios do Distrito da Horta.
75. Junta Geral do Distrito Autónomo da Horta.
76. Kabelgesellschafen: Cable & Wireless. Western Union.
77. Pan American Airways.
78. Serviços Agro-Pecuários do Distrito da Horta.
79. Serviços Florestais do Distrito da Horta.
80. Jornais: Correio da Horta. O Telégrafo.

IV.
PARTE
COMPARATIVA

1. *Estrutura formal*

A melhor situação em relação a todo o arquipélago cabe, sem dúvida, a Angra, o «coração» dos Açores. A Horta, por outro lado, está primorosamente situada sob protecção das ilhas do Pico e de São Jorge (Fig. 2). Ponta Delgada encontra-se um tanto afastada em relação às outras ilhas; desfruta, porém, duma situação propícia em relação ao seu hinterland plano e importante do ponto de vista agrícola.

Com o Monte Brasil e o Monte da Guia, Angra do Heroismo e Horta ocupam uma posição estratégica extraordinária.

A topografia de Angra e Horta são parecidas porquanto ambas se situam no sopé duma Caldeira, numa encosta que sobe suavemente e é ligeiramente curva. Ambas são, por isso, de longe mais atraentes do que a chã Ponta Delgada, nunca bem visível, nem do mar, nem da terra.

Os dados climáticos mostram, em geral, diferenças muito pequenas entre as três cidades, abstraindo dos regimes dos ventos e da pluviosidade, que aumenta de maneira evidente na direcção de leste para oeste. A tabela seguinte permite que façamos uma comparação de: superfícies (em Km2), número de Km2, população, número de pessoas e densidade demográfica de cada ilha e distrito:

1960	Surperfície	%	População	%	Densidade demográf.
Santa Maria	96,99	5	13'233	4	136
São Miguel	746,84	32	168'691	51	226
Distrito P. D.	843,83	37	181'924	55	216
Terceira	396,75	17	71'610	22	180
Graciosa	60,84	3	8'669	3	142
São Jorge	237,59	10	15'895	5	67
Distrito Angra	695,18	30	96'174	30	137
Pico	433,20	19	21'837	6,8	50
Faial	172,00	7	20'281	6	118
Flores	142,84	6	6'583	2	46
Corvo	17,45	1	681	0,2	39
Distrito Horta	765,49	33	49'382	15	65
Açores	2304,50	100	327'480	100	142

São Miguel representa 32% da superfície dos Açores; engloba, porém, mais de metade de toda a população. Este facto tem naturalmente as suas consequências para a estrutura funcional de Ponta Delgada.

Na tabela que damos a seguir, estão reunidos os números relativos à população das três cidades, dos concelhos e distritos a elas pertencentes. No caso de Ponta Delgada, indica-se também o total dos subúrbios, sem cuja referência não se pode compreender a cidade.

1960	Distrito	Concelho	Cidade	Subúrbios
Ponta Delgada	181'924	74,306	22'419	25'967
Angra do Heroismo	96'174	43'374	18'094	—
Horta	49'382	20'281	7'489	—

O facto de nas duas cidades mais pequenas o Mercado Agrícola estar aberto todos os dias, (enquanto que em Ponta Delgada só abre aos fins de semana), pode constituir uma indicação relativa às condições sociais:

Em Ponta Delgada temos, por um lado, gente muito rica (latifundiários, na maioria, que se abastecem de fruta e legumes das próprias propriedades, ou que mandam vir directamente para casa do que necessitam) e por outro lado, gente muito pobre sem qualquer formação profissional que ganha a vida melhor ou pior, trabalhando como criados ou outras profissões auxiliares. As condições sociais em Angra e na Horta são essencialmente mais equilibradas e mais sãs.

Como cidade que cresceu desordenadamente e sem obedecer a qualquer plano, de ruas estreitas e ruelas, com uma estrutura funcional complexa, Ponta Delgada afronta hoje graves problemas de

trânsito. Angra, concebida liberalmente pelos seus fundadores e por eles planificada dentro de linhas voltadas para o futuro, consegue fazer face à circulação moderna sem grandes dificuldades. A Horta tem pouco trânsito e pensou no futuro, construindo a Avenida Marginal, de maneira que também não deverá preocupar-se com problemas desta natureza. Ponta Delgada e Horta dispõem de portos bem construídos mas acusam um movimento relativamente pequeno. A Angra tem problemas específicos, causados pela profundidade da Baía e deverá ser preterida por Praia da Vitória no dia em que a Terceira receber um porto capaz.

Quanto ao aeroporto, as três cidades estão mal servidas. O actual aeroporto de Ponta Delgada, Sant'Ana, é inteiramente insuficiente; o novo, Nordela, foi planeado com dimensões muito pequenas e mesquinhas, de modo que se perderá um tempo precioso com as transformações inevitáveis. O aeroporto da Terceira é, ainda que com restrições, acessível à aviação civil e, finalmente, o do Faial não existe senão no papel.

2. *Estrutura funcional*

Do ponto de vista da administração, as três cidades estão hoje em plano de igualdade: são centros administrativos dos concelhos correspondentes (com Câmara Municipal) e séde da administração distrital (com Governo Civil e Junta Geral). Ponta Delgada possui, no entanto, toda uma série de órgãos administrativos de primeira instância para o conjunto dos Açores, o que se explica pela superioridade agrícola e demográfica de São Miguel. Com tudo isto, Ponta Delgada é hoje, de certo modo, a capital dos Açores. Antiga capital dos Açores e até por duas vezes capital do reino de Portugal no decorrer da sua história rica de acontecimentos, a Angra conserva ainda, como último órgão de primeira instância, a séde do episcopado. Entretanto, a Horta permanece (como foi sempre o caso) na sombra das outras duas cidades e fica à margem das suas rivalidades. Como consequên-

cia de o ponto de gravidade ser em São Miguel, Ponta Delgada está naturalmente mais bem apetrechada do que Angra e Horta, mesmo em relação a outras infra-estruturas sociais (escola, condições sociais, comunicações, turismo). Em relação ao desporto é, no entanto, a pequena Horta que goza do lugar de destaque (graças às companhias de cabos submarinos). E no respeitante à vida cultural, Angra não fica atrás de Ponta Delgada.

Também no que diz respeito à pesca, Angra e Horta podem concorrer com Ponta Delgada. Quanto à indústria e ao comércio, a primazia cabe, de maneira evidente e indiscutível, a Ponta Delgada, o que é função directa do potencial agrícola e demográfico de São Miguel.

Relativamente ao turismo, Ponta Delgada, com os seus hotéis e cruzeiros, passa à frente da Horta (a Angra, neste aspecto, ficou sempre muito atrasada até hoje) mas a situação actual pode modificar-se, se as circunstâncias forem outras. A dinâmica Comissão Regional de Turismo da Horta, cheia de iniciativa, trabalha de maneira inteligente e hábil. Nos planos que traça (contrariamente a São Miguel), leva sempre em linha de conta não só o Faial mas também as restantes ilhas do Distrito, o que, com o tempo, virá a dar os seus resultados.

3. *Descrição histórico-genética*

Dois eruditos açorianos exprimiram-se sobre os factores que determinaram a história das três cidades do arquipélago. Ouçamos o primeiro, Vitorino Nemésio, que se exprime nos seguintes termos:

«Dois motivos geográficos decidiram por pouco mais de dois séculos a questão da importância relativa entre Angra e Ponta Delgada: a centralidade da Ilha Terceira e a configuração da sua Angra, inóspita aos ventos de sudeste, mas maneirinha e de fundos convenientes aos curtos calados das naus de bordada grossa

que o Monte Brasil — septo natural entre dois abrigos naturais — apoiava e defendia. Um motivo histórico mais dinâmico que a donataria sedentária e setentrional dos Câmaras em São Miguel, — as capitanias limítrofes e concorrentes dos Corte-Reais e dos Martins Homens, gente de mar e de aventuras, — favoreceram a Ilha Terceira, fazendo de Angra, em circunstâncias ainda hoje mais ou menos obscuras, estaleiro de cascos de longo curso dos mares de Oeste, e portanto centro de atracção e de gravitação marítima. Os Espanhóis achavam ali uma tradição derroteira, uma defesa natural fortificável, e talvez também uma unidade agro-pecuária mais concentrada e útil, como interlande de recurso, ao portinho sombrio e aristocrático, cujo carácter de chave dos portões açorianos a toponímia do ocupante consagrou no plural las Terceras».

Francisco Carreiro da Costa acrescenta, sucinta e acertadamente:

«Angra do Heroismo, quase no coração do Arquipélago, ter-se-á delineado com base em plano próprio e, assim, por razões de ordem política, administrativa e até militar. Ponta Delgada terá ganho os seus foros de cidade por força do potencial agrícola da respectiva ilha e dos comércios daí provindos. A Horta terá devido a sua importância à excelente posição do seu porto virado a nascente e abrigado pelas ilhas em volta».

Resumamos: o desenvolvimento de Ponta Delgada é função do potencial agrário de São Miguel e do comércio que daí resulta. Os factores que deram cunho à história de Angra são de natureza estratégica e política (a situação da Baía de Angra e do Monte Brasil, a vontade e a intenção que os fundadores tiveram em criar um porto importante e uma cidade comercial). Enfim, a importância da Horta funda-se no seu excelente e seguro porto natural, protegido pelas ilhas vizinhas.

4. *Planeamento e futuro*

Ponta Delgada tem graves problemas de comunicações e de natureza social. A cidade pediu também uma revisão do velho plano de urbanização, no qual se cometeu o erro de se levar em

consideração apenas a cidade. Ora, no caso de Ponta Delgada, um planeamento e saneamento eficazes só serão possíveis de executar dentro de perspectivas mais largas, num enquadramento de tipo regional.

Angra é uma cidade planificada e Horta, embora não tenha disposição tão ideal, é, em contrapartida, mais pequena. Ambas não têm quaisquer problemas especiais de urbanização, independentemente dos novos bairros planeados.

Entretanto, parece importante que nos refiramos aos graves problemas que afectam os Açores na sua totalidade. Dizem respeito à situação social (felizmente que ela não é de todo tão inquietante como em São Miguel) e à emigração, assim como ao planeamento económico global e à organização das comunicações.

A agricultura, sobretudo a pecuária e os lacticínios, deveriam ser encorajados consideravelmente, através duma racionalização. Não se poderia, porém, pretender estancar a emigração com tais medidas. De igual modo, no sector industrial, haveria muito a fazer sobretudo em relação aos lacticínios. Não se deveria encorajar apenas as indústrias que valorizam a produção agrícola das ilhas, mas estabelecer cada vez mais indústrias de importação (isto é, indústrias produtoras de artigos que hoje são importados já prontinhos, mas que se podiam muito bem fabricar nos Açores). O turismo, sobretudo, deveria ser promovido com todas as energias, já que nesse aspecto os Açores têm grande futuro.

Para transformar estes postulados em realidades, são necessárias várias condições de base: mais instrução e sobretudo uma melhor formação profissional, visto que a agricultura, a indústria e o turismo reclamam pessoal qualificado; melhoramentos na rede de comunicações; existência de um porto utilizável em cada ilha e, nas ilhas de maior dimensão, um aeroporto e um cargueiro equipado de instalações frigoríficas para transportes de carne e pro-

dutos lácteos; as carreiras entre Lisboa e os Açores deveriam ser directas, sem passagem pela Madeira, já que este desvio faz perder tempo e não é económico; abolição das barreiras aduaneiras entre o continente e os Açores assim como entre as próprias ilhas; eventual criação de uma zona de comércio livre segundo o modelo das Ilhas Canárias e revisão do sistema administrativo; eventual centralização sectorial, por actividades separadas, como, por exemplo, para o turismo.

Mas para tudo isto é imprescindível que os Açorianos tomem, enfim, o seu destino nas mãos, procurando vencer a enorme distância entre o arquipélago e a capital e, desta feita, lutarem em Lisboa pelo reconhecimento dos problemas específicos dos Açores.

5. *Resumo*

Como resumo e a fim de tornar a matéria menos maçuda, devemos, para finalizar, citar algumas passagens de descrições, que mostram as características das três cidades dos Açores de maneira simpática e convincente.

O Dr. Francisco Carreiro da Costa, historiador e geógrafo em Ponta Delgada, publicou no número de Abril de 1966 da revista «Panorama» um artigo sobre as cidades açorianas, de onde provêm as passagens seguintes:

«Angra do Heroismo é de tal modo uma cidade monumento que, sempre que a visitamos, temos a impressão de que praticamos um acto religioso, uma verdadeira peregrinação, tal a emoção, o encanto, o recolhimento com que percorremos as suas ruas e visitamos o interior das suas igrejas e das suas casas... Uma vez desembarcados, mal se torna necessário percorrer todo o burgo para se ficar com a noção de que Angra é, com efeito, a cidade mais cidade dos Açores, por obra e graça dos seus arruamentos e dos seus edifícios».

«Ponta Delgada, não obstante a sua extensão, a sua importância e os melhoramentos de que tem beneficiado nos últimos decénios, ressente-se ainda do facto de haver sido outrora, segundo a expressão de Fructuoso, solitário ermo, saudoso lugar, pobre aldeia e depois pequena vila. Ainda hoje, através do tortuoso de alaumas das suas ruas e do recato de muitas das suas velhas construções, pode reconstituir-se uma boa parte dessas épocas afastadas».

«A Horta é, das três cidades dos Açores, aquela que melhores perspectivas oferece ao viajante que chega por via marítima. Disposta quase em anfiteatro, e aconchegada entre a Ponta da Espalamaca e os Montes Queimado e da Guia, tem como panos de fundo as tonalidades verdes do Monte Carneiro e da Serra da Caldeira. E uma enseada acolhedora, ao longo da qual se desdobra a mais sugestiva das panorâmicas. Casas brancas ponteadas de gelosias verdes, torres de igrejas com seus coruchéus, araucárias, palmeiras, tudo se combina harmoniosamente neste pequeno e aprazível retalho de terra açoriana onde outrora se viveu a febre de um intenso comércio marítimo por virtude, principalmente dos vinhos do Pico e dos navios baleeiros».

A geógrafa Raquel Soeiro de Brito, na sua Monografia da Ilha de São Miguel (tese de doutoramento da Universidade de Lisboa) pronuncia sobre Ponta Delgada um julgamento de certo modo duro, mas que não deixa de ser essencialmente acertado:

Ponta Delgada é a primeira cidade do arquipélago, a de maior área, a que tem mais população, a que possue o porto mais importante dos Açores (1), pois por ela se estabelecem todas as relações exteriores da ilha mais extensa, rica e povoada. Apesar disso, tem um aspecto provinciano e fechado. Aqui habita a maioria da gente rica ou afidalgada — algumas famílias descendem dos primeiros colonizadores — mas que pouco ou nada contribui para dar vida à cidade, porque se fecha sobre si, reunindo-se nos salões antigos das suas residências apalaçadas.

Alguma animação vem-lhe apenas dos camponeses que, aos sábados e domingos acorrem ao mercado, ou do desembarque ocasional de umas dezenas de turistas estrangeiros. Faltam a Ponta Delgada a animação e o pitoresco da Horta, que parece um presépio vista do mar, e a dignidade e equilíbrio de Angra do Heroísmo, de todas, certamente, a de maior nobreza de aspecto.

A escritora francesa Claude Dervenn dá provas de um dom de observação notável e de um conhecimento de causa espantoso na sua descrição:

«Ponta Delgada est une ville accueillante. Secrète aussi. Elle ne livre pas d'emblée à l'arrivant. Il faut démêler le réseau des rues montantes, droites, serrées, où le vent court entre les ateliers d'artisans et de petites maisons aux rideaux blancs, bien tirés sur des vies repliées en elles-mêmes. Derrière les affiches U. S. A. persiste la Vila du XVIe siècle, ville des couvents, d'églises, de jardins de demeures anciennes. On peut presque appeler palais ces longues façades patriciennes aux balcons forgés, aux chaînages de lave, aux boiseries toujours peintes en vert. Le portail laisse entrevoir un vestibule dallé, un vaste escalier montant aux appartements nobles, silencieux derrière leurs fenêtres fermées. Demeures marquisales, maisons de négociants opulents, enrichis au XVIIIe siècle, au «temps des oranges», quand l'exportation des fruits en Angleterre faisait la prospérité des îles. Les vieux toits ont leur tour carrée, le miradouro de guet surveillant l'horizon. Jadis, les voiles des corsaires, plus tard celles des vaisseaux chargés de bois du Brésil, maintenant la fumée du courrier de Lisbonne et des cargos de passage.

Une ville active, sous son apparence nonchalante, étendue avec ses deux faubourgs industriels sur six kilomètres de littoral, mais dont l'activité garde une allure artisanale. J'écoute le matin, par les rues pavées, le grincement des chars à boeufs allant aux usines. Leur haute corbeille tressée déborde de betteraves, de patates, de racines de chicorée, de feuilles de tabac, de maïs, d'ara-

chides. Le camion chargé de bidons de lait les porte aux Lacticinios».

«Angra do Heroismo... La plus jolie baie des Açores, la voici, colorée por une aube d'été. Le courrier mouille à l'abri du Monte Brasil couvert de pins lustrés por la lumière levante. Sur l'isthme élevé qui le rattache à l'île, la vieille forteresse espagnole «du temps des Philippes» s'illumine de soleil. Au ras de l'eau, la ville entr'ouverte monte en amphithéâtre, blanche, jaune, rose comme une gouache romantique, avec les touches vertes des balcons treillissés, le brun des toits, le bleu des faiences qui coiffent drôlement le pyramidion terminal des clochers. Au-dessus d'une coulée boisée, la longue cime bleuâtre de la Serra retient des nuages légers qui s'échevèlent sur de l'azur.

Plus de brise-lames, ici, ni ce qu'on appelle techniquement «installations portuaires». Tout juste un bout de quai blanc avançant au centre de la baie. Les vedettes qui font la liaison avec le navire débarquent gens et colis en pleine ville, devant la Douane, au pied de la grade église de la Misericordia.

Le drame d'Angra est là, dans la profondeur de cette eau de saphir obscur, où aucun môle n'a pu encore être enroché, aucun port digne de ce nom aménagé. Mouillage sûr, excellent par beau temps, utilisé depuis le temps du descobrimento, mais dont les cyclones faisaient jadis le «cimetière des navires à voiles».

Il tient pourtant dans ce faible espace marir plus d'histoire que dans un gros livre. D'ici partirent, avant même Colomb, des chercheurs de mondes, Corte-Real et Martins Homem découvrant la «Terre Neuve», Fernandes nommant le Labrador, Barcelos débarquont au Groenland. Clignez des yeux, voici les hautes nefs de Vasco da Gama, retour des Indes, les vaisseaux que la France envoya ici par deux fois soutenir la cause de Don António, les galions de l'Armada d'Espagne et, trois siècles plus tard, la flotte

ramenant de France Dom Pedro, Empereur du Brésil. Angra allait s'appeler la Baie de l'Heroisme, en mémoire de la lutte que les Libéraux venaient d'y livrer aux Absolutistes.

Une vieille rivalité oppose Angra à Ponta Delgada depuis que celle-ci lui a ravi la souveraineté sur l'Archipel. Elle a ses dictons dédaigneux: «Angra, petite ville, Ponta Delgada, grand village». Et encore: «Angra, noblesse ruinée, Ponta Delgada, marchands enrichis». Petite ville? Mais bien tracée, amusante à voir, vivante, d'une propreté hollandaise, et qui garde de son temps de splendeur un air de métropole provinciale. Au reste, capitale du district qui englobe Graciosa et São Jorge, et exerçant impérieusement le gouvernement religieux sur 300'000 Açoréens. Car si elle n'a plus le Général et l'Etat-Major, elle garde l'Evêque et le Séminaire. Peu d'industries, mais l'énorme base aérienne de Lages, utilisée par les Etats-Unis.

Le régime insulaire n'est plus celui des grands propriétaires fonciers comme à Sao Miguel. Chaque paysan est maître de sa terre et de sa maison. Les anciennes fortunes ont fondu, l'aristocratie n'est plus riche, dans ses demeures à longs balcons masquées de treillis verts. Mais on se souvient ici d'avoir été noble avant que d'être libéral, Angra reste une ville d'érudits, de lettrés, d'historiens».

«Au soleil du matin, la capitale, Horta, étincelle au bord du Canal comme une marine méditerranéenne... Une longue rue épouse toute la courbe de la baie, depuis le quartier des baleiniers jusqu'au Vale dos Flamengos, la rue qui est Horta, où l'on trouve d'abord les petits cafés de navigateurs, les bureaux d'armements, de consignataires, les comptoirs où s'achètent le charbon, la farine, les marchandises du vaste monde. Un bistro peint en rouge s'appelle «Café Volga», en souvenir des marins du Tsar, ailleurs ce sera le Famous Shop, la Casa Ideal et le Retiro dos Marinheiros, où les «sailors are welcome»... Il y a cinquante ans les «Cables»

entretenaient ici une véritable colonie de trois cents Anglais, Allemands, Américains, qui faisaient d'Horta, entre les îles restées à l'ancienne mode, une Cosmopolis en miniature, ouverte aux souffles extérieures... c'était la vie aimable d'une petite ville «coloniale»... Le plus grand orgueil d'Horta, pourtant, c'est son Club Amor da Pátria, fort beau pour cette petite ville qui n'a pas 10'000 habitants, presque un Casino, où les bals d'hiver voient tournoyer les robes et les écharpes faites de ce tulle noir brodé de pailles d'or qui est le ravissant travail des filles de Faial. Tout le monde, ici, jeunes et vieux, a gardé le goût de la danse. Il y a longtemps que les Açores le savent et le disent:

«A São Miguel, on travaille.
A Angra, on prie.
A Horta, on danse...»

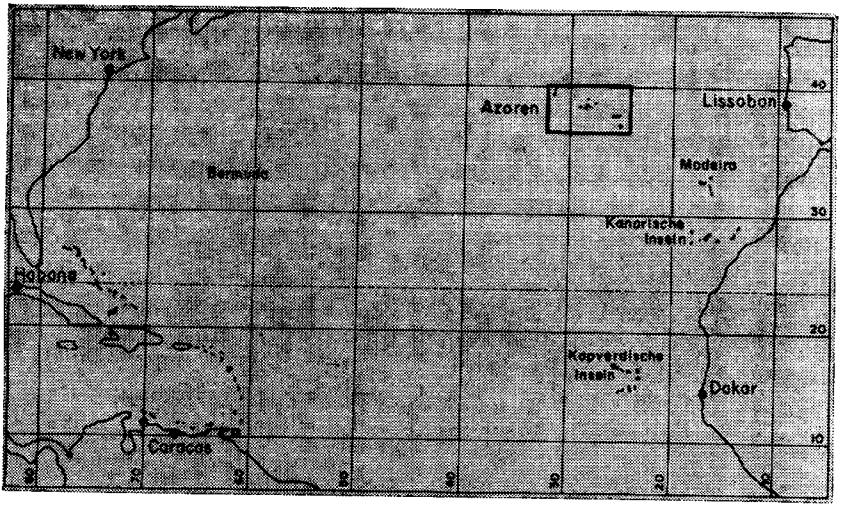


Figura 1: **Mapa com vista geral do Atlântico**

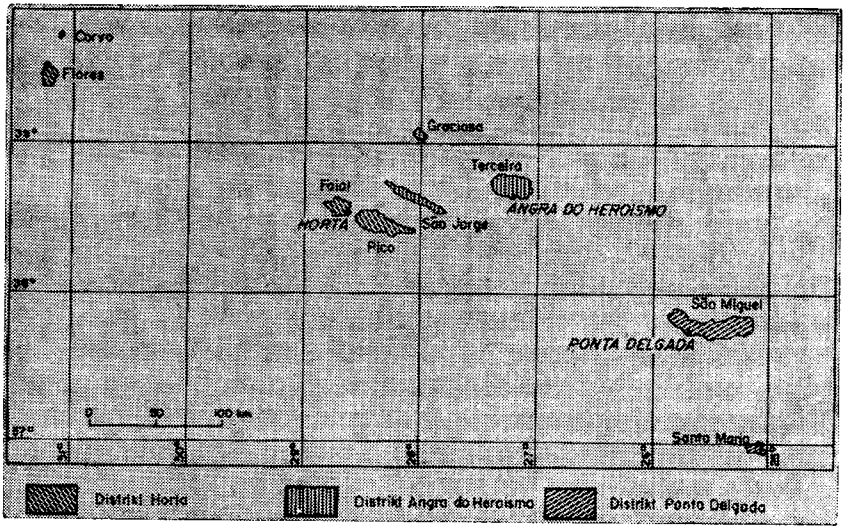


Figura 2: **Mapa com uma panorâmica dos Açores**

7. Bibliografia

1. Bosque Maurel, Joaquin: Geografia urbana de Granada. Zaragoza 1962.
2. Brito, Raquel Soeiro de: A Ilha de São Miguel, Estudo geográfico. Lisboa 1955.
3. Cabral, Arlindo: O Arquipélago dos Açores e os seus problemas de interesse comum, questões de circulação, de centralização e de descentralização. In: Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, no. 23, Ponta Delgada 1956.
4. Camacho, Augusto da Silva Branco: O Distrito no Código Administrativo de 1940 e no Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes. Funchal 1947.
5. Casa dos Açores Lisboa: Livro do Primeiro Congresso Açoreano, Lisboa 1938. Lisboa 1940.
6. Costa, Francisco Carreiro da: Os Açores de 1900-1950. In: 50 Anos de História do Mundo, fasc. 37, Lisboa o. J.
7. Costa, Francisco Carreiro da: As cidades dos Açores. In: Panorama, no. 17 — IV série, Lisboa 1966.
8. Cunha, José da: Determinantes geográficas do povoamento açoriano. In: Livro da II Semana de Estudos dos Açores, Angra do Heroismo 1963.
9. Dervenn, Claude: Les Açores. Paris 1955.
10. Dias, Urbano de Mendonça: História dos Açores (Compêndio). Vila Franca do Campo 1942.
11. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Estatístico 1963, vol. I, Metrópole, Lisboa 1964.
12. Instituto Nacional de Estatística: Anuário Demográfico 1963. Lisboa 1964.
13. Instituto Nacional de Estatística: X Recenseamento Geral da População no Continente e nas Ilhas Adjacentes 1960. Tomo I, vol. 1, Lisboa 1964.
14. Instituto Nacional de Estatística: Estatística da Educação, ano lectivo 1962/63. Lisboa 1965.
15. Instituto Nacional de Estatística: Estatística Industrial 1963. Lisboa 1964.
16. Junta Nacional da Marinha Mercante: Boletins no. 56/57/58. Lisboa 1964/65.
17. Kolodny, Yerahmiel: La géographie urbaine de la Corse. Paris 1962.

18. Lobo, M. L. da Costa: Programação do estudo de inquéritos locais para efeitos do planeamento urbanístico. Lisboa 1963.

19. Matznetter, Josef: Las Palmas und Sta. Cruz de Tenerife (La Laguna), ein stadtgeographischer Vergleich. In: Festschrift zur Hundertjahrfeier der Geographischen Gesellschaft in Wien 1856-1956, Wien 1957.

20. Meteorological Office of the Air Ministry: Meteorological Reports vol. I, no 2, Aviation Meteorology of the Azores. London 1949.

21. Nemésio, Vitorino: Corsário das Ilhas. Lisboa 1956.

22. Oliveira, Artur da Cunha: As dominantes actuais do meio açoriano. In: Livro da II Semana de Estudos dos Açores, Angra do Heroismo 1963.

23. Oliveira, Raposo de Baptista, António: Album Açoreano, Lisboa 1903.

24. Pacheco, Cristiano Frazão: As cinco desgraças dos Açores. Ponta Delgada 1961.

25. Rodrigues, Armando Côrtes: Antologia da Terra Portuguesa, Os Açores. Lisboa 1965.

26. Serviço Meteorológico Nacional: O Clima de Portugal. Fasc. IX: Valores médios dos elementos climáticos no território nacional em 1921-1950. Lisboa 1956.

CURRICULUM VITAE

Nasci no dia 12 de Abril de 1940 e cresci em Büren, à beira do rio Aar, (no cantão de Berna, Suíça). Aqui frequentei as escolas primária e secundária. Após ter concluído o tempo de escola obrigatório entrei no Liceu Municipal da cidade de Bienne/Biel, onde passei um exame equivalente ao 7.º ano dos liceus portugueses (Maturität Typus A), após três anos e meio de estudos.

No outono de 1959, matriculei-me na Universidade de Berna. Aqui estudei durante seis semestres e tirei um curso de professora de letras.

No outono de 1962, fui nomeada professora do ensino secundário do cantão de Berna.

Passei seguidamente à Faculdade de Ciências e concentrei-me especialmente no estudo da Geografia (cadeira principal), Pré-história e Jornalismo (cadeiras de opção).

Desde 1 de Agosto de 1961 que sou assistente adjunta no Instituto de Geografia. Além disso, de Outubro de 1962 até Setembro de 1964, ocupei o cargo de professora auxiliar de Geografia no Liceu Municipal de Bienne/Biel.

Abstraindo dos estudos para o professorado, frequentei as aulas e participei activamente nos exercícios práticos dos Senhores Professores: Baudi (Pré-história) Frey (Jornalismo), Grosjean (Geografia cultural e económica, geografia regional, planificação regional), Gygax (Geografia física, Geografia da Suíça, Cartografia, Levantamento topográfico, Hidrologia, excursões), Messerli (Geografia regional, exercícios práticos de Cartografia, excursões), Nydegger (Limnologia).

Composto e Impresso nas
Oficinas gráficas do «Diário Insular»
aos 30 dias de Julho de 1977
Angra do Heroísmo

HISTÓRIA E TÉCNICA DA GRAVURA ARTÍSTICA

JORGE PAMPLONA FORJAZ

C. D. U. 016:76 (100)

V Estágio de Preparação Técnica
de
Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

HISTÓRIA E TÉCNICA DA GRAVURA ARTÍSTICA

Bibliografia analítica das espécies não periódicas disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa e na Fundação Calouste Gulbenkian

Trabalho apresentado ao seminário de Documentação III, pelo estagiário Licenciado JORGE EDUARDO DE ABREU PAMPLONA FORJAZ

(Lisboa. 1973-1974)

JUSTIFICAÇÃO DA EDIÇÃO

Uma bibliografia vale pela oportunidade e actualidade. Aquela que se apresenta agora ao leitor tem já um ano de gaveta, o que equivale a dizer que está um ano desactualizada.

A desactualização, numa bibliografia, é factor da sua quebra de importância e é o seu mais grave defeito. Qualquer investigador que se debruce, atento, sobre as páginas áridas de uma bibliografia deseja encontrar lá tudo o que se promete no título. Ora, convém, portanto, que um material sujeito a tal fragilidade, seja posto à disposição do leitor o mais rapidamente possível. Não que o autor não garanta que tudo o que se encontrava sobre o assunto até Novembro de 1974 (data em que encerrou os seus trabalhos), se encontra aqui analisado. Mas é exactamente porque Novembro de 1974 já lá vai há mais de um ano!

Atrasada embora, ao autor não repugnaria dá-la à luz da publicidade, se para tanto tivesse boletim ou revista que a albergasse. E não repugnava porque não lhe consta que exista, pior ou melhor, outra bibliografia sistemática em Portugal sobre este assunto.

Como se explica na nota introdutória, esta bibliografia é-o só das obras existentes na Biblioteca Nacional e na Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian. É um critério discutível, como discutível seria provavelmente qualquer outro. Como se tinha que adoptar um critério que limitasse o trabalho ao tempo disponível para o mesmo, optou-se por este, que apesar de tudo se afigura ser o mais útil, porquanto são aquelas duas Bibliotecas as mais ricas que se encontram em Lisboa, sobre o

assunto em questão — em Lisboa, e provavelmente no País.

Fruto do trabalho desenvolvido no V Estágio de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas que decorreu em Lisboa em 1973-1974, destinava-se a ser apreciado somente pelo orientador do seminário de Documentação. Mas, porque excedeu em páginas, e quiçá em importância, os limites estritos do seminário, foi o autor encorajado a dá-lo à luz da publicidade. O Instituto Histórico da Ilha Terceira quis abrir uma excepção, que promete transformar-se em regra para o futuro, e decidiu albergar no seu Boletim este trabalho que não é de modo nenhum de características terceirenses, nem tão pouco açorianas. Entendeu com esta atitude que o Boletim só ganharia abrindo os seus horizontes e tornando-o mais apetecido a outros leitores, que não só os de apetite açórico. Praza a Deus que assim seja!

JORGE FORJAZ

Dezembro — 1975.

INTRODUÇÃO

O título tenta ser explícito quanto ao conteúdo deste trabalho — bibliografia analítica sobre a história e a técnica da gravura artística, a partir das espécies não periódicas disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa e na Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian (1). Porquê só estas duas instituições e exactamente estas duas? O meu projecto inicial era o de pesquisar também nas outras colecções públicas de Lisboa — Sociedade Nacional de Belas Artes, Escola Superior de Belas Artes, Biblioteca Municipal, Biblioteca Popular e Museu Nacional de Arte Antiga, e nessa busca incluiria também as publicações periódicas. Porém, o tempo de que dispunha revelou-se-me escasso para tão ambicioso projecto, pelo que tive de o reduzir às dimensões já expostas, abandonando, inclusivamente, as colecções de periódicos. Assim mesmo, parece-me que o mais importante que sobre o assunto existe disponível em Lisboa, se encontra aqui referido, já que as duas instituições que frequentei dispõem dos melhores conjuntos sobre o tema escolhido. Acrescentarei só, para quem queira ir mais longe do que aqui se vai, que na Gulbenkian existe já um muito razoável índice de artigos de publicações periódicas, na maioria estrangeiras, com algumas dezenas de verbetes.

Assim, julgo ter justificado a minha opção — optei, pelo possível, que me parece ser o melhor, pressionado pelo tempo. Quanto à qualidade das colecções pesquisadas, o leitor dirá — mas desde já avanço que uma notável diferença existe entre uma e outra e é fácil apercebermo-nos dela, atentando nas datas das edições dos livros. Assim, enquanto que a Gulbenkian prima pela actualização contínua em obras da especialidade (quantas delas entradas em 1974?!), já o mesmo não se poderá dizer da Biblioteca Nacional, onde, para além do que seria razoável esperar encontrar sobre Portugal e de alguns clássicos estrangeiros, pouco ou nada há sobre um século XX tão fecundo em obras da especialidade, de que o mais recente en-

trado nos seus fundos data de 1959 e os restantes se situam nas primeiras décadas do século. Para além do que aqui se possa entender como crítica e louvor às duas políticas tão distintas que tem informado estas duas instituições culturais de interesse público, fica o aviso ao possível interessado nesta matéria, sobre a qualidade intrínseca daquelas duas colecções.

* * *

A metodologia seguida obedeceu aos condicionalismos especiais de que este tema se reveste. Uma matéria como a escolhida, abrange períodos cronológicos vastíssimos, técnicas muito variadas, lugares os mais díspares, e quantas vezes, em grossos e variados tomos. Tornava-se portanto difícil, se não mesmo impossível, obedecer por sistema à técnica habitual da análise bibliográfica — não há poder de síntese que resuma em 200 palavras, as convencionadas para a análise em forma, todo o conteúdo de uma vasta história da gravura. E, se é o próprio autor que realiza essa síntese em índices, a mor das vezes preciosamente organizados, porque não adoptar, como efectivamente adoptei, a transcrição pura e simples desses índices, em obediência, aliás, a uma hipótese também sugerida pelos técnicos da bibliografia?

Obras há dedicadas a outras artes, que não só à gravura; nesses casos, apontei geralmente o número e título do capítulo que nos interessa, indicando as páginas limites entre parêntesis, habilitando assim o leitor a saber da profundidade, ou pelos menos da extensão, que o autor dedica ao assunto.

* * *

O trabalho vai dividido em quatro partes — uma primeira de generalidades (diccionários de gravadores, de monogramas, de filigranas, manuais de amadores, etc.); na segunda parte inclui as obras que tratam das técnicas usadas para obter gravuras e dos problemas de conservação e restauro; seguem-se na terceira parte as obras que tratam da história da gra-

vura no estrangeiro; e finalmente, na quarta parte, referencio as obras dedicadas à gravura em Portugal.

* * *

Porque se deseja que este trabalho constitua uma ferramenta prática para quem dele se possa eventualmente vir a utilizar, achei por bem fazer seguir cada análise bibliográfica da cota respectiva, antecedida das iniciais B. N. L. e F. C. G., segundo se trate de obra existente na Biblioteca Nacional ou na Fundação Calouste Gulbenkian.

* * *

Porque os nomes dos gravadores me aparecem escritos nas mais variadas formas, optei pela normalização da ortografia, segundo o critério de E. Bénézit no seu Dictionnaire critique *(cf. verbete n.º 2) que me pareceu o mais aconselhável por respeitar a ortografia da língua de origem do gravador.*

Nos diversos índices aparecem alguns números sublinhados, querendo com isso dizer que nessa obra o assunto em questão é especial ou exclusivamente estudado, pelo que essas obras serão as que o leitor terá mais interesse em consultar de imediato.

* * *

Não quero terminar sem deixar aqui expressa a minha gratidão para com a Senhora Dr.ª Fernanda Ribeiro D. Pacheco que, com o seu sábio e elegante conselho, me encaminhou ao longo deste trabalho que muito e entusiasticamente soube apoiar.

Lisboa, 31-XII-1974.

JORGE FORJAZ

---

(1) — Por desconhecimento da língua, não analisei as obras em alemão, que são, aliás, em número muito reduzido.

C. D. N. 016: [017/019:76 (100)

I PARTE

OBRAS DE REFERÊNCIA

1. BARTSCH, Adam — **Le Peintre Graveur.** Réimpression complet au format réduit. Nieuw Koop, B. de Graaf, 1970. 4 vol.

   — Dicionário dos pintores-gravadores, com pequenas biografias, com os elementos que se prendem à sua vida como gravador.

   — Cada gravura com indicação das medidas e número de série, a ser usado pelos coleccionadores.

   — 1. vol. Mestres Holandeses
   2. vol. Mestres Alemães
   3. vol. Mestres Italianos
   4. vol. Id. e Suplemento

   — F. C. G. (DATG 6-6c)

2. BÉNÉZIT, E. — **Dictionnaire critique et documentaire des peintres, sculpteurs, dessinateurs et graveurs de tous les temps et de tous les pays...** 3. éd. S. 1. (Imp. Saint-Ouen), Librairie Grund, 1960. 8 vol.

   — F. C. G. (DP 11-11g)

3. BERNETY, Antoine-Joseph — **Dictionnaire portatif de peinture, sculpture et gravure avec un traité pratique des differents manières de peindre...** Paris, Chez Bauche, 1756.

   I Partie — Traité pratique

   — Des différentes manières de peindre

   — Des différentes manières d'éxécuter la Peinture, avec les matières et les outils qu'on y employe

   — De la fresque

   — De la mosayque ou musayque

   — De la peinture à l'encaustique

   — De la peinture à la cire

   — De la peinture à l'huile

   — De la miniature

— De la peinture sur le verre
— De la peinture en émail
— De la peinture en pastel

II Partie — Dictionnaire

— B. N. L. (BA 94-P)

4. BOLSSAIS, Maurice; DELEPLANQUE, Jacques — **Le livre à gravures au XVIII siècle. Suivi d'un essai de bibliographie.** Paris, Librairie Grund [Colof. 1948].

— Les beaux livres illustrés du XVIII siècle.
— Répèrtoire bibliographique des plus beaux ouvrages illustrés du XVIII siècle par ordre alphabètique des auteurs.
— Liste des artistes et des graveurs.
— Bibliographie sommaire d'ouvrages sur de livre et la gravure au XVIII siècle.

+ 12 extra-textos; 40 **bandeaux** e **cul-de-lamps**.

— F. C. G. (B 67)

5. BOURCARD, Gustave — **À travers cinq siècles de gravures, 1350-1903. Catalogue descriptif et annoté avec des notes biographiques et références des estampes célèbres, rares ou curieuses des écoles allemande, française, hollandaise et flamande, italienne et anglaise**... Réimpression. Amsterdam, G. W. Hissink, 1970.

— Causerie sur la gravure
— Les procédés (gravure sur bois, manière criblée, gravures sur métal en creux, manière noire, gravure en couleurs, gravure en manière de crayon, en manière de lavis, litographie)
— Des écoles
— De la collection
— Du classement
— Du montage

— Cabinets d'Estampes Français et Étrangers
— Marchands d'Estampes Français et Étrangers
— Imprimeurs en taille-douce et en litographie
— Commisaires-Priseurs
— Aperçu des ventes d'Estampes Françaises et Étrangères les plus remarquables
— Restaurateurs d'Estampes
— Quelques-unes des expressions techniques (...) employés dans les catalogues de vente allemands, anglais et français.
— Des expositions
— Record des prix en ventes publiques
+ Segue-se o catálogo descritivo, dividido por escolas e dentro destas por ordem alfabética dos autores — pequena notícia biográfica, as melhores gravuras, sua descrição, comentário sobre o valor, preços atingidos (até 1903, 1.ª ed.)
— F. C. G. (GR 208)

6. BOURCARD, Gustave — **Les estampes du dix-huitième siècle. École française. Guide-manuel de l'amateur avec (...) une liste alphabètique des peintres, dessinateurs et des titres des gravures.** Réimpression. Amsterdam, G. W. Hissink, 1969.
— Pintores, desenhadores e gravadores do séc. XVIII francês — as gravuras produzidas, características, data, vendas, colecção originária, preço da adjudicação (até 1885, 1.ª ed.)
— F. C. G. (GR 207) — B. N. L. (1. ed.) (Res 755V)

7. **Bryan's Dictionary of painters and engravers.** New ed. revised and enlarged. London, George Bell and Sons, 1903-1905. 5 vol.
— Diccionário biográfico, com indicação das principais

obras e locais onde se encontram.

— No 5.º vol.: «Monograms of painters and engravers».

— 491 extra-textos.

— B. N. L. (BA 41-45V)

8. DEMMIN, Auguste — **Encyclopèdie historique, archeologique, biographique, chronologique et monogrammatique des Beaux-Arts Plastiques. Architecture et mosaique, céramique, sculpture, peinture et gravure.** Paris, Furne, Jouvet et Compagnie, s. d. 3 vol.

Só interessa o 3.º volume

— L'histoire de la gravure des estampes.

— La gravure des cartes geographiques en relief.

— La gravure des fers des doreurs et relieurs de livres. Le manuscrit, le livre, le papier et ses filigranes.

— La gravure allemande, avec la liste chronologique des artistes

— La gravure italienne, avec la liste chronologique des artistes

— La gravure hollandaise avec la liste chronologique des artistes

— La gravure flamande avec la liste chronologique des artistes

— La gravure suisse avec la liste chronologique des artistes

— La gravure française avec la liste chronologique des artistes

— La gravure anglaise avec la liste chronologique des artistes

— La gravure espagnole et portugaise, id.

— La gravure scandinave (norwégienne, suédoise et danoise), id.

— La gravure slave (Russie, Pologne et Bohême), id.

+ Muito ilustrado, especialmente com sinais dos gravadores.

— B. N. L. (BA 2-4V)

9. DUPLESSIS, Georges BOUCHOT, Henri — **Dictionnaire des marques et monogrammes de graveurs.** Paris, Jules Rouam, 1886-1887. 3 vol. (Guides du Collectionneur).

— Ordenado alfabeticamente por monogramas e marcas, com o nome do artista, tipo de arte exercida, nascimento e morte e local de trabalho.

— No 3.º vol., um índice alfabético de artistas remete para os monogramas respectivos.

— B. N. L. (BA 231-33P)

10. DUTUIT, Eugéne — **Manuel de l'amateur d'estampes. Introduction générale contenant un essai sur les plus anciennes gravures et les estampes en manière criblée, sur les livres xylographiques et les livres à figures du XVe siècle. Accompagné d'un catalogue raisonné des nielles ou gravures d'orfèvre (...) Suivi du Dictionnaire biographique des graveurs des écoles Flamande et Hollandaise avec descriptions raisonées de leur oeuvre.** Réimpression. Amsterdam, G. W. Hissink, 1970-1972. 5 vol.

I vol.

Introduction génerale

— **I Partie** — Livres xylographiques (Ars Moriendi, Bible des Pauvres, Apocalypse, Cantique des Cantiques, Oraison Dominicale, Conception de Jesus-Christ, Miroir du Salut Humain, etc.).

— **II Partie** — Nielles de la Renaissance (Plaques niellés ou preparées pour la niellure; empreints de nielles en soupre; épreuves de nielles sur papier; estampes présentées à tort comme nielles, ou douteuses).

II vol. — AKEN (Jean van) — GOYEN (Jean van)

III vol. — HACKAERT (Jan) — REMBRANDT

IV vol. — RENESSE (A. C.) — ZEEMAN

V vol. — Atlas de planches xylographiques

\+ Obra fundamental. Todas as estampas de cada autor são reproduzidas, em tamanho muito reduzido.

— F. C. G. (GR 206-206d)

11. MACHADO, Cirilo Volkmar — **Collecção de Memórias relativas às vidas dos pintores, e escultores, architectos e gravadores portuguezes e dos estrangeiros que estiverão em Portugal.** 2. ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922 (Subsídios para a História da Arte em Portugal, 5) Parte III — Escultores e Gravadores (p. 199-241).

— B. N. L. (BA 1888V)

12. MÉRY, Abbé — **La théologie des peintres, sculpteurs, graveurs et dessinateurs oú l'on explique les principes & les veritables regles, pour représenter les Mysteres de notre Seigneur; ceux de la Ste Vierge; les Saints en particulier; les differents traits de leur vie, et les autres sujets de dévotion. Avec l'indication des meilleurs Tableaux, & des morceaux de sculpture les plus estimés en ce genre, qu'on voit dans les Eglises de Paris, & dans les Cabinets des particuliers.** Paris, H. C. de Hany, de Jeune, 1765.

— B. N. L. (BA 78P)

13. PORTALIS, Roger — **Les dessinateurs d'illustrations au XVIII siècle. Soixante-quatorze études biographiques d'illustrateurs de livres français, suivies d'un appendix de biographies sommaires de dessinateurs moins connus et étrangers, avec une introduction des annotations bibliographiques des livres illustrés et une table des noms et des ouvrages cités.** Réimpression. Amsterdam, G. W. Hissink, 1970.

— Cada gravador, com biografia e relação das ilustrações de livros que produziu.

— F. C. G. (BG 515)

14. RACZYNSKI, A. — **Les Arts en Portugal. Lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlim et accompagnées de documents.** Paris, Jules Renouard, 1846.

— B. N. L. (BA 259P)

15. RODRIGUES, Francisco de Abreu — **Diccionario technico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura.** Lisboa, Imprensa Nacional, 1875.

— B. N. L. (BA 476P)

16. SILVA, Innocencio Francisco da — **Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos (...) applicaveis a Portugal e ao Brasil.** Lisboa, Imprensa Nacional, 18 — 18. . vol.

— **Tomo II**

alínea 357 — Colecção de Retratos (142 retratos)
alínea 358 — Colecção de Retratos e Biographias (18 retratos)

— **Tomo III**

alínea 36 — Galeria dos Autores mais célebres de Medicina (7 retratos)

— **Tomo VII**

alínea 199 — Retratos de Varões Portuguezes (...) Colligidos por Diogo Barbosa Machado (592 retratos)

alínea 200 — Retratos Portuguezes gravados ou lithografados colligidos por Innocencio Francisco da Silva (695 retratos)

alínea 201 — Retratos não existentes na collecção de Innocencio (56 retr.)

alínea 202 — Retratos dos grandes homens da Nação (34 retr.)

alínea 203 — Retratos e elogios de varões e donas (78 retratos)

alínea 204 — Retratos dos Membros da Associação (33 retratos)

alínea 205 — Retratos dos Homens Ilustres (14 retratos)

alínea 206 — Retratos dos Vice-Reis e Governadores da Índia (16 retr.)

alínea 207 — Revista Contemporânea (9 retratos)

alínea 208 — Revista Contemporânea (38 retratos)

alínea 209 — Revista Contemporânea de Portugal e Brasil (42 retratos)

alínea 210 — Galeria artística (5 retratos)

— B. N. L. (Usuais)

17. SOARES, Ernesto; LIMA, Henrique de Campos Ferreira — **Dicionário de Iconografia Portuguesa (Retratos de Portugueses e de Estrangeiros em relações com Portugal). Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1947-1960. 5 vol.**

— Biografia do retratado, descrição da gravura, dimensões, inscrição, subscrição, origem.

— São tratadas 5397 gravuras.

— F. C. G. (DIC 1-1d)

18. SOARES, Ernesto — **História da Gravura Artística em Portugal. Os artistas e as suas obras.** Nova ed. Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1971. 2 vol.

— A gravura em madeira.

— A gravura em metal (buril e água-forte).

— Introdução geral, seguida do dicionário dos artistas que trabalharam em Portugal; as suas obras; algumas são reproduzidas. Total de 2416 obras referenciadas.

— F. C. G. (GR 245-245a)

19. TABORDA, José da Cunha — **Regras da Arte de Pintura, com breves reflexões críticas sobre os caracteres distincti-**

vos de suas escolas, vidas e quadros de seus mais célebres professores. Lisboa, Na Impressão Régia, 1815.

— B. N. L. (BA 2172P)

20. WATELET, Claude Henri — **Dictionnaire des arts de peinture, sculpture et gravure.** Paris, Chez Fuchs, 1792. 5 vol.

— Tratado em forma de diccionário. Origens, usos, técnicas.

— Em especial, os seguintes artigos:

Graver (vol. II, p. 477-510);

Graveurs — Table alphabétique des plus célèbres graveurs. Notice chronologique des principaux graveurs, depuis l'origine de l'Art ou Histoire de la Gravure (vol. II, p. 510-605);

Gravure (vol. II, p. 605-622).

— B. N. L. (BA 494-98P)

C. D. U. 016:76.02 (100)

II PARTE

TÉCNICAS DE GRAVURA
PROCESSOS, CONSERVAÇÃO, RESTAURO

21. ALMELA MELIÃ, Juan — **Manual de reparación y conservación de libros, estampas y manuscritos.** Mexico. [Instituto Panamericano de Geografia e Historia], 1949. (Manuales de Técnica de la Investigación de la Historia y Ciencias Afines, 2)

1 — **Conservar, reparar, restaurar**

2 — **Productos y utensilios necessarios**
Primeira fórmula: lejia.
Segunda fórmula: agua clorada.
Tercera fórmula: sales potásicas.
Utensilios y artículos necesarios para las operaciones de blanqueado y limpieza (...) y reparación.
Instalación general.

3 — **Como limpiar y blanquear libros, grabados, mapas y otras estampaciones**

+ **Libros:** Reglas generales / Cuidado previo / Desencuadernación / Remojo y lavado preliminar / Cuidado con los zarandeos del agua / Desar-

rollo normal / Anormalidades y dificuldades / Casos especiales: manchas de hierro, de cera, de aceite y grasas coloreados, manchas de tinta de escribir, escrituras, sellos implantados, cuando no hay que desencuadernar el libro, cuando el papel se halla en descomposición.

+ **Grabados:** Buril, ácido, madera / Litografia / Cartografia / Cromolitografia: fotocromia / Estampaciones modernas / Improvisación.

4 — **El trabajo de reparación**
Papeles / Aglutinantes / Colorantes / Pegaduras dificultosas / Rasgaduras / Bordes destruídos / Roturas en que falta un trozo de papel / Sustitución de folios enteros / Hojas sueltas / Agujeros de la polilla.

5 — **Otras reparaciones**
Dibujos / Fotografias / Pergaminos / Códices / Manuscritos.

6 — Las viejas encuadernaciones y sus agradables sorpresas

7 — La conservación de documentos.

8 — Recomendaciones finales

+ 12 laminas exemplificativas; referencias bibliográficas.

B. N. L. (B 2934V)

22. BAYARD, Émile — **L'art de reconnaître les gravures anciennes.** Paris, Ernest Grund, 1925, (Guides Pratiques de l'Amateur et du Collectionneur d' Art).

1 — De la gravure originale et de reproduction.

2 — Des différences initiales entre les divers genres de gravure. Exposé de l'histoire de la gravure. Principaux graveurs sur bois et sur cuicre, en France et à l'étranger.

3 — Quelques mots sur la technique des graveurs sur bois et sur pierre.

4 — Quelques mots sur la technique du graveur en taille-douce: burin, eau-forte, etc.

5 — Les procédés de gravure phototechnique: photogravure, hèliogravure, rotogravure, photypie, etc.

6 — Le truquage en matière d'estampe.

7 — Quelques conseils pour "soigner" les estampes anciennes.

8 — Répertoire des principaux graveurs français des XVIe, XVIIe et XVIIIe siècles.

9 — Monogrammes et chiffres des principaux graveurs anciens, français et étrangers.

10 — Technologie
+ 101 estampas.
— B. N. L. (BA 2208P)

23. BEDETTI, Alessandro — **Di alcuni incisori monogrammisti italiani e stranieri dei secoli XV e XVI.** Bologna, Ditta Nicola Zanichelli, 1890.
— 28 gravadores que usaram monograma — indicação das suas principais obras, reprodução dos monogramas.
— B. N. L. (BA 74P)

24. BERSIER, Jean E. — **La Gravure, Les Procédés, L'Histoire.** Paris, La Table Ronde, [Colof. 1948]. (Techniques et Histoire des Arts).
Première Partie — Les Procédés

1 — La gravure en relief sur bois et sur métal. Le bois de fil, le bois de bout. L'impression. Le camaieu. La gravure sur bois en couleur. La gravure sur métal. Le criblé. Autres procédés.

2 — La gravures en creux. La chalcographie. Le burin. L'eau-forte. La pointe sèche. La manière noire. Le

pointillé. A la manière de crayon. Le vernis mou. Le lavis et l'aquateinte. Gravure en soufre, au sucre, au sel. Aquateinte en couleur et monotype.

3 — L'atelier de graveur. L'imprimerie. Le papier. Les encres. La presse. Le tirage. Manière de reconnaître une taille-douce. Vocabulaire.

4 — La litographie. Le papier report. L'autographie. La gravure sur pierre. Les clichés sur verre. Autres procédés.

5 — Le papier. L'encre. Conclusion.

Deuxième Partie — L'Histoire

1 — Les incunables. Les premières gravures en relief. Les clichés sur métal. Les xylographies. La raison de l'avènement de la gravure. Les impressions tabellaires. Les jeux de cartes. Les criblés. Incertitude sur les lieux d'origine de la gravure. Le style de la gravure sur bois.

2 — Les vieux maîtres du bois. Martin Chongauer. La taille-douce à Florence. Mantegna. Albert Durer, ses émules, ses élèves. La décadence de la gravure allemande.

3 — Dans les Pays-Bas: Lucas de Leyde. En Italie: Robetta, Marc-Antoine et la gravure de reproduction. Campagnola, le Parmesan, l'eau-forte et le clair-obscur. Les Aldes et le livre à Venise. Le livre en France: Simon Vostre, Pierre de Rouge, Pigouchet et d'autres, Geoffroy Tory, Jean Duvet. Les dernières images.

4 — L'avènement de l'académisme. Les praticiens flamands: Goltzius. l'atelier de Rubens, Van Dyck. Les burinistes hollandais. Jacques Callot et son école: Abraham Bosse, Claude Mellan, Jean Morin, etc. Nanteuil et le style du grand siècle: Les Edelinck,

Audran, etc.

5 — L'avènement de l'eau-forte libre. Les successeurs du Parmesan. Ribera. Le rôle essentiel de la Hollande. Hercules Seghers. Rembrandt. Van Ostade. Les Paysagistes et les animaliers hollandais. Les graveurs français. Claude Lorrain. L'Itale et Castiglione.

6 — Les graveurs de Watteau. Boucher. Les Cochin et leurs émules. Moreau le Jeune. Le livre au XVIII siècle. La gravure libre des peintres. Fragonard, Gabriel de Saint-Aubin. La manière de crayon. L'aquateinte. Deboutourt. En Italie: Canaletto. Les Tieopolo. Piranèse. En Angleterre: la manière noire, les graveurs de Reynolds. Bartholozzi. Hogarth.

7 — L'estampe japonaise.

8 — Le burin. Bervic. Henriquel. F. Gaillard. Goya et l'esprit nouveau. L'eu-forte en France. Mèrion. La Societé des Aquafortistes. Bracquemond. Les Impressionistes. Seymour. Haden et l'eau-forte en Anglaterre. Ã l'étranger. Le bois de bout. Le bois de trait. Gustave Doré et les bois de teinte. Lepère et sa révolution. Le bois moderne.

9 — La lithographie.

10 — La gravure contemporaine. Le cuivre. Le bois. Le livre. Conclusion.

+ 95 gravuras.

— B. N. L. (BA 2400V)

25. BLANC, Charles — **Grammaire des arts du dessein. Architecture, sculpture, peinture. Jardins — Gravures en pierres fines — Gravure en médailles — Gravure en taille douce — Eau forte — Manière noire, Aqua-tinte — Gravure en bois — Camaieu — Gravure en couleurs — Lithographie.** 2. éd. Paris, V.ve Jules Renouard, 1870.

Livre troisième — Gravure (p. 663-711).

— A la peinture se rattache la gravure, qui est l'art de retracer, en creux sur le métal ou en relief sur le bois, un dessin dont on peut tirer des empreintes (p. 663).

— L'art du graveur est soumi à certaines lois générales, bien qu'il existe des convenances particullières pour chacun des divers genres de gravure (p. 667).

— **Gravure en taille-douce** — Quelque importantes que soient dans la gravure en taille douce le choix et la conduite des travaux, le graveur doit se préocuper avant tout de rendre, par un dessin juste et expressif, le caractère du modèle qu'il veut graver (p. 668).

— **Gravure à l'eau-forte** — La gravure à l'eau-forte, quand elle n'est pas une préparation pour la taille douce, doit être généralement exécutée sans regularité apparente, avec des traits librement conduites et rarement croisés, qui, ne couvrant pas toute la planche, laissent jouer un rôle à la blancheur du papier (p. 680).

— **Manière noire, aqua tinte** — La manière noire étant déprouvue de fermeté, le graveur doit encorriger la molesse en attaquant les lumières d'une main vigoureuse et résolue, à moins qu'il n'ait à rendre un effet vaporeux (p. 688). Aqua-tinte; Gravure à la manière de crayon (p. 691).

— **Gravure en bois, camaieu** — La gravure en bois, n'tant pas susceptible de produire les nuances délicates de la taille-douce, doit s'attacher de préférance à des travaux sobres, par le laconisme de leur expression, prêtent de la grandeur même aux plus petits ouvrages (p. 694). Gravure en camaieu; gravure en couleurs (p. 703).

— **Lithographie** — A la gravure se rattache la lithographie, qui est l'art de tracer directement sur la pierre un dessin don on peut tirer des empreintes (p. 708).

+ B. N. L. (BA 103V)

26. BLUM, André — **Les origines du papier de l'imprimerie**

et de la gravure. Paris, Éditions de la Tournelle, 1935.

Les Origines du papier

— L'influence du papier sur la diffusion de la gravure et l'imprimerie.

— Definiton du papier; son invention en Chine et sa technique en Orient.

— La fabrication du papier en Europe; les plus anciens moulins.

— Les origines du papier occidental; l'Espagne.

— Le papier en Italie, en France, en Allemagne.

— Causes de la lenteur d'expansion du papier.

— Des filigranes et des moyens de dater des papiers.

Les origines de l'imprimerie

— Les controverses sur l'invention.

— Des caractères typographiques.

Les origines de la gravure

— La gravure sur bois — Les cartes à jouer; les tailleurs d'images; des moyens de dater la gravure sur bois; des plus anciennes xylographies; les incunables xylographiques.

— La gravures sur métal — La gravure sur métal en creux; les gravures criblées.

— Le livre illustré — Fabrication d'un livre illustré au XVe siècle; les incunables typographiques illustrés en Allemagne, en Italie et en Flandre; les incunables typographiques illustrés en France (les ateliers lyonnais; les ateliers parisiens).

+ 80 gravuras

— F. C. G. (AP 57)

27. BONNARDOT, A. — **Essai sur l'art de restaurer les estampes et les livres ou traité sur les meilleures procédés pour blanchir, détacher, décolorier, réparer et conserver**

les estampes, livres et dessins (...) Suivie d'un exposé des divers systèmes de reproduction des anciennes estampes et des livres rares. 2. éd. Paris, Chez Castel, 1858.

1 — Dédoublage et redressage des estampes.
2 — Blanchiment des estampes.
3 — Considérations générales sur l'enlévement des taches.
4 — Des taches d'huile et de graisse.
5 — Enlèvement des taches de diverses natures.
6 — Décoloriages des estampes.
7 — Réparation des déchirures, lacunes, etc.
8 — Doublage des estampes.
9 — Raccord du noir d'impression, etc; Encollage du papier.
10 — Des estampes tirées sur divers tissus. Réparation du parchemin.
11 — Restauration des dessins de toutes sortes.
12 — De la conservation des estampes.
13 — Restauration et reliure provisoire des livres rares.

— Note sur l'emploi et les prix des sustances chimiques indiquées.

— Liste d'ouvrages à consulter.

— Des divers systèmes de reproduction des vieilles estampes..

— Sur la possibilité de dédoubler un feuillet simple.

+ B. N. L. (SA 27226P)

28. BOSSE, A. — **Moyen universel de pratiquer la perspective sur les tableaux, ou surface irregulières. Ensemble quelques particularitez concernant cet art & celuy de la gravure en taille douce.** Paris, Chez ledit Bosse, 1653.

— Tratado da perspectiva, ilustrado por 31 estampas originais a talhe doce.

— B. N. L. (BA 80 P)

29. BOSSE, Abraham — **Tratado da gravura a água forte, e a buril, e em maneira negra com o modo de construir as prensas modernas, e de imprimir em talho doce.** Nova ed. Lisboa, Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

— Introdução / Modo de fazer o verniz duro para gravar a água forte sobre o cobre vermelho / Verniz duro de que usava Callot, chamado commumente verniz de Florença / Modo de fazer a mistura de sebo e azeite para cobrir as chapas nos lugares, que se não querem muito profundados pela água forte / Modo de fazer a água forte para o verniz duro / Composição da água forte / Meio de conhecer o bom cobre, de o reduzir a chapas, de o polir, e desengraxar antes de lhe applicar o verniz / Modo de estaquear e polir o cobre / Modo de applicar à chapa o verniz duro e de o ennegrecer / Modo de fazer secar, e endurecer o verniz sobre a chapa / Modo de desenhar, ou estarsir o desenho sobre a chapa / Modo de conhecer as boas agulhas, e encaballas para serem próprias a gravar / Forma, que se deve dar às pontas das agulhas, e modo de as aguçar / Modo de contratirar, ou estarsir o desenho sobre a chapa / Meio de conservar o verniz sobre a chapa, quando se esta gravando / Modo de gravar sobre o verniz / Modo de governar as pontas sobre a chapa / Modo de fazer os traços grossos com as chopas, e o meio de as ter e manejar sobre a chapa envernizada / Modo de apronptar a chapa para receber a agua forte / Maquina, que he preciso ter, para por commodamente a chapa em estado de se lhe deitar água forte / Ordem que se deve seguir para deitar a água forte em huma chapa gravada, e para cobrir os traços delicados das luzes, dos longes, etc. / Meio de que usava Mr. le Clerc para applicar a sua agua forte /

Modo de tirar o verniz da chapa depois que a água forte tem produzido o seu effeito / Composição do verniz mole, como ensina Mr. Bosse / Verniz branco de Rimbaut / Verniz mole tirado de hum manuscripto de Callot / Outro verniz mole traduzido de hum livro Inglez / Excellente verniz mole, de que presentemente se servem muitos Gravadores em Pariz / Verniz de Mr. T. / Outro verniz mole / Verniz mole de hum excellente gravador moderno / Modo de applicar à chapa o verniz mole / Modo de ennegrecer o verniz mole / Modo de calcar o desenho sobre o verniz / Modo de contratirar o desenho sobre a chapa envernizada / Observações sobre as pontas e chopas / Principios da Gravura a água forte necessarios a todo aquelle, que se quer aperfeiçoar nesta Arte / Dos primeiros, segundos e terceiros talhos / Das carnes dos homens, e das mulheres / Das Roupagens / Das meias tintas / Do modo de pontilhar as carnes / Da degradação dos objectos / Dos longes / Da Paisagem e da Architectura / Das differentes pontas / Da gravura em pequeno / Modo de applicar a cera à borda da chapa, para conter a água forte / Mistura para cobrir as chapas, sem ser necessario despejar a água forte / Modo de embranquecer sobre a chapa tanto a verniz duro, como o mole / Modo de gravar alguma cousa, que tenha esquecido fazer, ou mesmo o que se quizer mudar ou ajuntar, depois que a chapa tem já passado pela água forte / Da gravura a buril / Preparativos para gravar a buril / Modo facil de saber afiar hum buril / Modo de trabalhar com o buril sobre a chapa / Das differentes maneiras de gravar / Do modo de conduzir os talhos / Do pelo, dos cabellos, e da barba / Da Esculptura / Dos Estofos / Da Architectura / Da Paysagem / Dos Montes / Das aguas / Das nuvens / Máximas ge-

raes para a gravura a buril / Da gravura em Grande / Da gravura em maneira negra / Da preparação da chapa / Dos instrumentos que servem para gravar em maneira negra / Do modo de imprimir / Da Impressão em muitas cores / Principios da Gravura, e da impressão, que imita aos quadros / Pratica da Gravura e da Impressão, que imita os quadros / Da gravura em maneira de lapis / Pratica desta gravura / Explicação das figuras relativas à gravura em maneira de lápis / Dos Camafeus, e da Gravura que imita a aguada / Dos Camafeus executados por meio da gravura em pão / Dos talhos doces em duas ou tres côres / Modo de imprimir em talho doce, e de construir o torculo / Explicação das peças, que compõem o torculo / Representação geometrica da fachada do Torculo / Perspectiva da Cruzeta / Representação, e perspectiva anterior do torculo guarnecido das suas peças, e prompto para Imprimir / Perspectiva do torculo visto de hum lado, onde se representa o Impressor voltando a cruzeta / Modo de tingir a chapa para a fazer passar sobre a mesa do torculo entre os dous cylindros / Illuminações muito mais bellas, que as que se fazem ordinariamente / Explicação das cousas necessarias para a impressão em talho doce / Dos panos de limpar / Modo de fazer a balla / Qualidade da tinta negra / Vaso ou marmita para coser o oleo / Quantidade do oleo de nozes, e modo de o coser ou queimar / Modo de moer a tinta para imprimir / Fogareiro para ter brazas com huma grelha por cima / Modo de molhar o papel para as estampas.

\+ 20 estampas feitas nas oficinas do Arco do Cego, ilustram a obra.

— B. N. L. (BA 413 P)

30. BOUCHOT, Henri — **La lithographie.** Paris, Ancienne Mai-

son Quantin, [1895]. (Bibliothèque de l'enseignement des Beaux-Arts).

1 — L'invention de la lithographie: les incunables.

2 — La lithographie en France sous la Restauration, 1818--1830: La légende de l'Empire. Le Moyen Age. La Caricature et les Scènes de moeurs.

3 — La lithographie sous la monarchie de Juillet, 1830--1848; Les caricatures politiques. Les Peintres de Portraitistes. Les Lithographes peintres d'histoire et de voyages. Les Traducteurs.

4 — La Lithographie sous le Second Empire: Les Traducteurs et les Paysagistes. La "Vieille Garde" de la lithographie.

5 — La lithographie contemporaine en France: Le "Nouvel Jeu".

6 — La lithographie à l'étranger: Bavière, Prusse, Autriche, Belgique, Hollande, Angleterre, Italie et Espagne.

7 — La chromolithographie en France et à l'étranger.

8 — Technique de la lithographie: Les pierres / Les encres et les crayons / Technique des divers dessins sur pierre: crayon, plume, tampon, lavis, estompe, etc. / Acidulation des pierres / L'mpression, la Presse / Le Tirage / Transport sur pierre / Les Papiers / Conservation des dessins lithographiques / Chromolithographie.

+ B. N. L. (BA 298 P)

31. BRIQUET, C. M. — **Les Filigranes. Dictionnaire Historique des marques du Papier dès leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600.** Reprinted edition. New York, Hacker Art Books, 1966. 4 vol.

— 16, 112 fac-similes das marcas de papel.

— No 4.º volume:

"Table des principales matières"
"Table des noms de papetiers"
"Table des noms de papeteries. propriétaires et locataires de battoirs a papiers, marchand et maîtres papetiers, ouvriers et apprentis"
"Table des noms de papiers selon leurs souts, qualités, formats et provenances"

— F. C. G. (DATG 3-3c)

32. BURGESS, Fred W. — **Old Prints and Engravings.** New York, Tudor Publishing Company, 1948.
1 — The Collector
2 — Painters
3 — Engravers
4 — Engravers (cont.)
5 — Processes and methods.
6 — Terms and descriptions.
7 — Wood-bloks.
8 — Mezzotints.
9 — Stipples
10 — Line engraving.
11 — Aquatints.
12 — Lithographs.
13 — Colour prints.
14 — Baxter oil prints.
15 — Arundel prints.
16 — Early book illustrations.
17 — Frontispieces and tittle pages.
18 — Dedicatory plates and book ornaments.
19 — Printer's Marks
20 — Book plates.
21 — Portraits.
22 — Japanese colour prints.
23 — Sporting prints.
24 — Military prints.

25 — Costumes.
26 — Trader's cards and labels.
27 — Ball and Benefit tickets.
28 — Modern engravings.
29 — Cleaning and restoration.
30 — Scrap books.
+ 79 il.
— B. N. L. (BA 2773 V)

33. **Catalogue de l'Exposition de Gravures anciennes et modernes.** Paris, Cercle de la Librairie, 1881.
— Catálogo da exposição inaugurada em 4-VII-1881 pelo «Cercle de l'impremerie et de la librairie».
— Folhas impressas pelos diversos editores, dando a ideia das possibilidades de cada um nas diversas técnicas.
— Prefácio de Georges Duplessis: "Coup d'oeil sur l'histoire de la gravure'
— B. N. L. (BA 692 V)

34. CISARI, Giulio — **La Xilografia.** Milano, Ulrico Hoepli, [1926]. (Manuali Hoepli).
— Origine della xilografia.
— La xilografia e la sua techniche.
— Gli antichi esemplari xilografici.
— La xilografia e il suo ulteriori svolgimento in Italia e all'estero.
— Xilografia giapponese.
— Dei mezzi tecnici per eseguire l'incisione in leguo.
— Degli estrumenti e delle stampe.
— Conclusione.
— Indirizzi utili a chi incide.
+ 27 il; 62 extra-textos
+ B. N. L. (B 3363 P)

35. DELABORDE, Henri — **La Gravure. Précis elementaire, de ses origines, de ses procédés et de son histoire.** Paris,

A. Quantin, s. d. (Bibliothèque de l'enseignement des beaux-arts).

1 — Procédées de gravure primitifs. Commencements de la gravure en relief. La xylographie et l'mprimerie en caractères mobiles.

2 — Les cartes à jouer. Les estampes criblées.

3 — Premiers essais de gravure en creux. Les nielles des orfèvres florentins. Les estampes des peintres-graveurs italiens et allemands du XVe siècle.

4 — La gravure au burin et la gravure en bois en Allemagne et en Italie au XVIe siècle.

5 — La gravure au burin et la gravure à l'eau forte dans les Pays-Bas jusqu'à la seconde moitié du XVIIe siècle.

6 — Les commencements de la gravure au burin et de la gravure à l'eau forte en France et en Angleterre. Premiers essais de gravure en manière noire. Coup d'oeil sur l'état de la gravure en Europe avant 1660.

7 — Les graveurs français sous le régne de Louis XIV.

3 — La gravure en France et dans les autres pays de l'Europe au XVIIIe siècle. Nouveaux procédées de gravure: la gravure en pointillé, la gravure en manière de crayon, la gravure en couleur, la gravure à l'aquatinte.

9 — La gravure au XIVe siècle.

+ 100 il.

— B. N. L. (BA 294 P)

36. DELEN, A. J. J. — **Histoire de la gravure dans les anciennes Pays-Bas et dans les Provinces Belges des origines jusqu'à la fin du XVIe siècle. Première Partie. Des origines à 1500.** Réimpression. Paris, F. De Nobele, 1969.
I — **Des origines à 1500:**

— **Les Techniques:** Gravure en taille d'épargne ou typographique; gravure criblée ou inter-rasile; camaieu ou clair-obscur; taille-douce; pointe-sèche; eau-forte; Manière noire ou mezzotinte; aquatinte ou crayon; épreuves d'état; le **invenit, pinxit** ou **delineavit**; le **sculpsit**; le **excudit** ou **excudebat.**

— **Les Origines:** La gravure en relief (Les estampes sur bois et sur métal; les incunables xylographiques: les incunables typographiques); la gravure en taille douce.

2 — **Le XVIe siècle. Les graveurs illustrateurs.**

— Les livres illustrés de 1500 à environ 1550.

— Les illustrateurs de Christophe Plantin et de ses contemporains (1550-1600).

— Les graveurs d'estampes: Les graveurs d'estampes, les graveurs d'ornements, le commerce d'estampes.

+ 327 il.

— F. C. G. (GR 157)

37. ESTEVE BOTEY, Francisco — **El grabado en la ilustracion del libro.** Las graficas artisticas y las fotomecanicas. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1948. 2 vol. (Colecion Bibliografica, 8).

I vol. — **Texto**

Las graficas artisticas y sus técnicas

— Ojeada histórica.

— La xilografia.

— Tecnica de la xilografia en una plancha y en camaieu. La linoleografia. La tirada de pruebas.

— La Calcografia.

— Tecnica de la calcografia: Talla dulce — Aguafuerte — Aguatinta — Grabado — Punta seca — Barn'z blando — Pluma — Ruleta — **Manière noire**, o al humo

— Pointillé, graneado, o a puntos — Grabado en color — Estampación.

— La Litografia.

— La técnica litografica: Las piedras y las planchas de de cinc y de aluminio — Su graneado — El dibujo con lápiz, y tinta — Acidulacion de las piedras è de las planchas — Reportes — Las prensas, los útiles y la impression — La tirada — La cromolitografia y sus prácticas — Papelas.

Las graficas fotomecanicas

— Las graficas fotomecanicas.
— La fotografia y el fotograbado.
— Práticas fotográficas.
— Fotograbado de linea.
— Los ilustradores.
— Fotograbado directo.
— Tricromia y cuatrocromia.
— Prácticas de taller.
— La fototipia y su variedad en hueco.
— El fotolito.
— Heliograbado plano y huecograbado rotativo.
— El offset.
— La galvanoplastia.
— Tintas y barnices. Aceites y secantes.
— Papeles diversos; sus dimensiones, fligranas o marcas de água.
— Bibliografia.

2 vol — **Ilustrações**

— 239 il.

+ F. C. G. (246-246a)

38. FAITHORNE, William — **The art of graveing and etching.** Republication (1st ed. 1662). New York, Da Capo Press,

1970 (Da Capo Press Series in Graphic Art, 9).

— How to make the hard varnish, for graving with Aqua fortis.

— How to make the composition or mixture of Grease and Oyl, to cover those places in your plate where you would not have the Aqua fortis to eat in.

— How to prepare the Ingredients for making the Aqua fortis for the hard varnish.

— How to make this Aqua fortis.

— How to know good Copper from bad.

— How to planish and polish your plate.

— How to apply your hard varnish on the plate, and make it black.

— How to dry or harden the varnish upon the plate.

— How to chuse your needles, wherewith to make your Tooles to Etch with.

— How to whet the points of your Needles

— To perserve the Varnish upon the plate.

— How to Etch.

— How to guide your Needles upon the plate.

— How to use the Oval points to make large stokes Etching

— or Graving with Aqua fortis.

— How to prepare your plate to receive the Aqua fortis.

— How to make the Trough and Frame, to hold the Plate when you will pour the Aqua fortis on it.

— The manner of casting the Aqua fortis upon the Plate (...).

— How to take the ground, or the varnish of the Plate, after the Aqua fortis hath done its operation.

Of Soft Varnish

— How to make it and the uses it is to be put to.

— The Manner of laying your soft ground or Varnish upon the Plate.

— How to border your plate, that it may contain the Aqua fortis.
— The manner how to lay a white ground upon the hard or soft varnish.
— Another way how to lay a white upon the varnish.
— The manner after that your Plates are later into by the Aqua fortis; how to touch up.
— The several wayes of drawing the designs upon the plate.
— The forms of graving tooles, as also the manner of whetting your graver.
— The manner how to hold your Graver, with other particulars.
— The manner of governing your hand in Graving and other particulars.

Appendix

— The Way of Printing Copper-Plates and withal. How to make the Press.
+ Il.
— F. C. G. (GR 201)

39. GROSS, Anthony — **Etching, Engraving, & Intaglio Printing.** London, Oxford University Press, 1970.
— Definitions (The wood cutting or linocutting; litho-
— graphy; xerography, etching or engraving).
— The origins of modern printmaking.
— Drypoint.
— Engraving: historical.
— Some modern engravers (J. E. Laboureur, Joseph Hecht, Carlos Verger, José Luis Sanchez Toda).
— Engraving: method.
— Etching: origins.
— Etching: materials and methods (including soft ground etching).

— Aquatint.
— Mordants.
— The morsure.
— Alterations, cutting plates, the monotype.
— Intaglio or copperplate printing.
— Intaglio printing on colour.
— Copyist and photographic reproduction methods.
— **List of suppliers:** Etching and engraving tools and materials; Inks and copper; Intaglio press; Blankets and felts for presse; litho rollers; hand-made etching papers; leather shavings; copper and zinc plates.
— Bibliography.
+ 70 il.
— F. C. G. (GR 170)

40. HUGHES, Therle — **Prints for the Collector. British prints from 1500 to 1900.** London, Lutherworth Press, [Cop. 1970].
— Introduction.
— Historical outline.
— Terms for the print collector.
— Relief prints: woodcuts.
— Relief prints: wood engravings.
— Intaglio prints: line engravings.
— Intaglio prints: late line engravings.
— Intaglio prints: etching.
— Planographic prints: Lithographs.
— Tone Processes: Mezzotintes.
— Tone Processes: Stipple.
— Tone Processes: Aquatints.
— Chiaroscuro prints.
— Coloured prints.
— Glossary of Engravers.
+ 52 il.

— F. C. G. (GR 214)

41. LAIRESSE, Gérard de — **Le grand livre des peintres ou l'art de la peinture considéré dans toutes ses parties et demontré par principes; avec des réflexions sur les ouvrages de quelques bons Maîtres, et sur les défauts qui s'y trouvent.** Paris, à l'Hotel de Thou, 1787. 2 vol.
2 Tome — Livre XIII:

1 — Tableau allègorique de la gravure, pour servir d'introduction à ce Livre.

2 — De l'Art de la Gravure en général.

3 — De L'ensemble nécessaire pour faire une belle gravure, & de la différence qu'il y a entre les gravures en taille douce & les estampes & frontispices des livres.

4 — De la diffêrence qu'il y a entre la gravure à l'eau forte & celle au burin.

5 — Réflexions sur la manière de faire les Hachures.

6 — Réflexions sur la manière de pointiller de quelques Graveurs.

7 — De la manière de graver le Bas-relief à l'eau forte.

8 — De la manière de graver au burin, & de disposer les tailles.

9 — De la gravure en Manière noire.

\+ 35 estampas a taihe-doce.

— B. N. L. (BA 129-130 V)

(**Nota:** Existe tradução deste capítulo, em obra com o título: **Princípios da Arte da Gravura** (...). Lisboa, Typ. Calcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801 — F. C. G. DE / 8a).

42. LEIGHTON, Clare — **Wood-engraving and woodcuts.** Reprinted ed. London, The Studio, 1932. ("How to do it" Series, 2).

Illustrations of method

— General view of artist engraving a block.
— The way to hold the tools.
— Close-up of tool engraving on the block.
— Inking the roller.
— Inking the wood-block.
— Placing printing paper over block.
— Printing block.
— Removing print from block.
— Set of tools.
— Sharpening tools.

Examples of wood-engraving & woodcuts

— 38 il.

+ B. N. L. (BA 2074 V)

(**Nota:** O método é ilustrado através de fotografias da autora a trabalhar; os exemplos de gravura são dados em diferentes estados, de diversos autores contemporâneos.)

43. LIEURE, J. — **La lithographie artistique et ses diverses techniques. Les techniques. Leur évolution.** Paris, J. Danguin, 1939.

Les Techniques

1 — **Le dessin sur pierre:** Principe; Outillage; Dessin sur pierre; Principaux procédés; Retouches; Procédés secondaires; Estompe; Lavis sur pierre; Manière noire au crayon; Manière noire au lavis; Procédés divers.

2 — **La gravure sur pierre:** Gravure par burins, pointes, grattoirs; Retouches; Gravure à l'eau forte; Gravure à la pointe sèche.

3 — **La Lithographie et la couleur:** Lithographie à fonds teintés; Lithocromie ou chromolithographie; Petits vernis; Vernis plein dit à teintes; Lithographie pas-

tellisée; Lithographie coloriée.

4 — **L'Impression.**

5 — **Applications particulières de la lithographie:** Authographie; Report ou transport; Lithographie sur pierres artificielles; Métallographie. Zincographie; Divers Photolithographie); Tableau des brevets d'invention.

L'évolution des techniques

1 — Les débuts. Les incunables.

2 — La période Romantique — La caricature; Les tendances romantiques; les portraits romantiques.

3 — La seconde moitié du XIXe siècle.

+ B. N. L. (BA 2033 V)

14. LINDLEY, Kenneth — **The woodblock engravers.** Newton Abbot, David and Charles, [Cop. 1970].

— The Pre-history of wood engraving.
— Thomas Bewick and his time.
— After Bewick.
— Technique 1: Materials and tools.
— Technique 2: Engraving and printing.
— Stock-blocks.
— The twentieth century: Artist's prints.
— The blockmaker.

+ F. C. G. (GR 256)

15. LOCHE, Renée — **La litographie.** Genève, Les Éditions de Bonvent, [Colof. 1917]. (Les Métiers d'Art, 1).

1 — La pierre: origine, garnage, ponçage.

2 — Le travail de l'artiste — La création et ses instruments.

3 — La préparation de la pierre.

4 — L'impression: la presse, l'encre, le papier.

5 — L'artiste et le lithographe; la "dépreparation" de la

pierre; les retouches; les premières épreuves.

6 — Les variantes de la lithographie; la lithographie en couleurs; le report; la zincographie; la gravure sur pierre.

7 — La lithographie aujourd'hui: la lithographie de matières structurées; La lithographie à l'aerographe; Une derivé de la lithographie: l'offset.

8 — Histoire de la lithographie: Une invention; Un art; Une arme politique.

9 — Renseignements pour le collectionneur; Le tirage; la lithographie originale et la reproduction.

\+ F. C. G. (GR 181)

46. LOSTALOT, Alfred de — **Les procédés de la gravure.** Paris, A. Quantin, s. d. (Bibliothèque de l'enseignement des Beaux-Arts).

— Gravure sur bois: Historique / Écoles hollandaises et flamande / École de Bade et des Bords du Rhin / École d'Italie / École française / École anglaise (Renaissance de la gravure sur bois) / Les procédés de la gravure sur bois.

— Gravure en camaieu.

— Gravure à l'eau-forte: Procédés / Reprise des travaux.

— Gravure au burin: Théorie de la gravure.

— Gravure dans le genre de crayon.

— Gravure en manière noire.

— Gravure au lavis.

— Gravure à l'acquatinte

— Gravure sur acier, sur zinc, etc.: Gravure de la musique.

— Gravure en relief.

— Gravure sur verre — Nielles — Damasquines — Pierres gravées.

— Gravure en couleur.

— La photographie — Procédés de gravure qui en dérivent: Photogravure / Photoglyptie / Albetypie ou phototypie / Photolithographie / Procédé anastatique / Photographie en couleurs / Photographie des couleurs.

— Lithographie: Historique.

— Chromolithographie.

+ 111 il.

— B. N. L. (BA 295 P)

47. **Modern methods of illustrating books.** 4 ed. London, Elliot Stock, 1898. (The Book-Lover's Library).

1 — The older processes of book illustration.
2 — Illustrations by direct photographic methods.
3 — Woodbury type and stannotype.
4 — Coolotype and photolithography.
5 — Methods of producing surface blocks.
6 — Methods of producing surface blocks (cont.)
7 — Production of type-blocks from half-tone negativs.
8 — Id. (cont.).
9 — Id. (cont.).
10 — Photographic methods of producing intaglio plats.
11 — Photogravure.
12 — Mechanical processes.

Appendix: Preparation of drawings for reproduction; Bocks of reference.

+ B. N. L. (BA 1665 P)

48. MONROCQ, Léon — **Manuel pratique de lithographie sur zinc.** 3. éd. Paris, Monrocq Frères, 1891.

1. Autographie / 2. Lithographie à la plume / 3. Lithographie au crayon / 4. Gravure sur zinc / 5. Chromo / 6. Travaux de commerce, écritures / 7. Écrivains lithographes / 8. Impression, choix du zinc, la préparation / 9. Autographie à la plume / 10. Autographie au crayon / 11.

Lithographie à la plume, au tire-ligne / 12. Gravure / 13. Des reports / 14. Report de travaux à la plume / 15. Report de gravure sur pierre / 16. Report sur cuivre ou acier / 17. Report de crayon / 18. Report de typographie / 19. Report de chromo à sec / 20. Tirages à bras/ 21. Tirages aucouleur à bras / 22. Tirage à la machine / 23. Tirages en couleur / 24. Effaçage des planches / 25. Conservation des planches / Conclusion / Tarife des produits.

\+ B. N. L. (BA 927 P)

49. PAPILLON, J. M. — **Traité historique et pratique de la gravure en bois.** Paris, Pierre Guillaume Simon, 1766. 3 vol.

1. vol.

I Partie

1 — De l'origine de la gravure en bois.

2 — Que la gravure en bois & la sculpture de l'Antiquité etoient le même Art

3 — Noms & ouvrages des anciens sculpteurs & Graveurs, etc. les plus fameux, jusqu'au temp de l'invention d'imprimer les Estampes.

4 — Que l'Art d'imprimer la Gravure en Bois (...) vient des Orientaux & est antérieur de plusieurs siècles à l'impréssion des Estampes & des Livres d'Europe.

5 — Commencement du fréquent usage de l'impression à la Chine (...). Arts pratiqués particulièrement chez les Indiens, les Mogols, les Japonnois, les Tartares, les Persans (...).

6 — Beauté de l'impression des Livres Chinois (...) Oeuvres de quelques Missionaires en Langue Chinoise (...).

7 — Premières Gravures d'Estampes ou Images en Europe &, quelqu'uns des premiers Graveurs en Bois.

8 — Ancien livres (...) imprimés en Europe, avec figures et caractères gravés en Bois.

9 — Origine de l'Imprimerie. Noms des premiers Imprimeurs & Graveurs en Bois (...).

10 — Suite des premiers Graveurs en Bois pour les Estampes; leurs noms & leurs marques.

11/20 — Idem.

21 — Description & indication de plusieurs gravures en Bois.

22 — Suite de la description & indication de plusieurs gravures en Bois.

II Partie

1 — Ancienneté du Camayeu ou clair-obscur (...).

2 — Origine de la Gravure en camaieu ou clair-obscur. Premiers graveurs (...)

3/4 — Suite de graveurs en Bois de Camaieu, & de la description de quelques-uns de leurs ouvrages.

5 — Utilité singulière de la Gravure en Bois. Nombre prodigieux d'Épreuves qu'on peut tirer d'une même planche.

6 — Oú l'on prouve que la Gravure en Bois est plus difficile et plus longue à éxécuter que toutes les autres sortes de Gravures.

7 — Raison de la rareté des Gravures en Bois délicatement travaillés.

Additions: Figures des Monogrammes (...); Catalogues d'anciens & premiers Livres d'Estampes ou Images imprimés en Europe, & d'anciens & premiers Livres en caracteres de bois sans figures.

2. vol.

I Partie — Des outils (...)

1 — Introduction & idée générale des différentes Parties de la Gravure en bois (...) Nécéssité du carton ou garde-vue.

2 — Outils des graveurs en bois.

3 — Des Bois qui sont propres à graver, & les qualités qu'ils doivent avoir.

4 — De la manière de préparer de Bois pour dessiner & graver dessus. Façons différentes de tirer et contretirer un Dessein.

II Partie — Des Elements de la Gravure en Bois

1 — De la situation du corps & des Positions de la main (...). De la Coupe & de la Recoupe; Manière de Graver les tailles, contretailles, entetailles, entretailles, & pointillés (...).

2 — Sur les differentes tailles, & sur le pointillé (...). Des attentions que l'on doit avoir le bois s'égrene naturellement.

3 — Concernant la manière de bien vider la gravure en Bois ...). Façon de dégager les contours de la gravure en Bois.

III Partie — De l'Esprit de la Gravure en Bois (...)

1 — Des règles qu'il faut suivre pour graver (...) et éviter d'estropier les Figures, l'Architecture, & l'Ornement.

2 — De la manière d'ombrer & de graver le Paysage & tout ce qui en dépend.

3 — De la manière de représenter les Etoffes & les Broderies par le moyen de diffèrentes tailles.

4 — Manière de graver les Toiles et le Linge: les Dentelles, les Pierres Précieuses (...) le blason, les Médailles (...).

5 — Instruction sur les différentes Attributs de tout de que l'on peut perssonifier, & sur l'Art de retoucher la Gravure en Bois.

IV Partie — De la Gravure en Camaieu

1 — Pratique de la gravure en bois, de camaieu ou de clair-

obscur.

2 — De la Gravure en Bois, Mate, de Relief & sans Taille.

3 — De la Gravure en creux, de dépouille et sur le bois.

V Partie — Des Impressions (...)

1 — De la manière de faire le vernis & l'Encre (...) & des couleurs qui servent à l'impression des Camaieux.

2 — Des outils nécessaires (...) avec la manière de tremper le papier (...).

3 — Instruction pour imprimer proprement les gravures en bois (...)

3 vol.

Supplément

— Pratique de creuser & préparer le bois pour graver les lointains & les parties éclairées.

— Manière de gratter les tailles déjà gravées pour les rendre plus fortes afin de les faire ombrer davantage.

— Méthode pour bien imprimer les endroits creusés de la gravure en bois.

Arrests en faveurs des Dominotiers-Tailleurs d'histoires, & d'autres en faveur de la gravure des estampes, tant en bois qu'en cuivre.

+ B. N. L. (BA 374-75 P)

50. PETERDI, Gabor — **Printmaking. Methods old and new.** New York, The Macmillan Company, 1959.

1 — **Line Engraving:** Introduction / Tools and Materials for Engraving / The Burin / The Scaper / The Burnisher / The Plate / Drawing on the Plate / Conception and Technique / Corrections on the Plate / The Wax Proofing.

2 — **Dry Point:** Tools and Materials / Plate / The Needle.

3 — **Stipple Engraving and Etching:** Tools.

4 — **Criblé (Dotted print).**

5 — **Mezzotint:** Tools.

6 — **Etching:** Introduction / Tools and Materials / Beveling the Plate / Cleaning the Plate / The Etching Needle / Etching grounds / Liquid Hard Ground Hard Ground, Solid Form / Application of Liquid Hard Ground / Application of Solid Hard Ground / Smoking a Hard Ground / Transferring a Drawing on Hard Ground / Working on the Hard Ground / Stop-out Varnish / Asphaltum Varnish / Soft Ground / Aquatint / Dust Boxes / The Dusting Bags / Flur-of-Sulphus Method / The Salt Method / The Sand Ground / Stopping-out the Aquatint / Handling Acids / The Acid Tray / Etching Line Plates / Etching Copperplates / Etching Aquatints / Lift-ground Etchings / Relief Etching.

7 — **Printing Equipment and tools:** The Printing Press / Motorizing the Press / Setting the Pressure / The Hot Plate / Wiping Materials / The Inking Roller and Dauber / Felts / Papers / Printing Inks / Inking the Plates / Wiping the Plates / Printing / Storing the Plate / Plaster Print / Printing on textil.

8 — **Color Printing:** Introduction / Intaglio Color Printing / Offset printing with stencil / Stencil printing directly on Paper / Combination of silk-screen and Intaglio Printing / The Technique of Silk-Screen Printing / Intaglio and Surface Color with Relief Etching / Combination of Wam Intaglio overprinted with Oil Colors / Intaglio Color Printing combined with other surface Media / Metal Graphic / The Cellocut.

9 — **Woodcut and wood engraving:** Introduction / The Wood / Tools for Woodcutting / Sharpening of the tools / Working on the Wood Block / Texturing /

Correcting the Wood Block / Color Wood cut / The colors for Woodcut / Wood Engraving / The Tool / Gesso or Casein Engraving / Linocut / Press Printing of Wood engraving and Linocut.

10 — **Printing Methods for young children:** The Bean Print / Cardboard Print / String Print / Building Up Relief for Printing / The Potato Print.

11 — **Numbering and Recording an Edition.**

12 — **Mounting Prints.**

13 — **The Workshop**

— Bibliography

— Sources of Graphic Supplies.

\+ B. N. L. (BA 3379 V)

51. RIS-PAQUOT — **Guide pratique du restaurateur-amateur de tableaux, gravures, dessins, pastels, miniatures, etc. reliures et livres suivi de la manière de les entretenir en parfait état de conservation.** Paris, Henri Laurens, 1890.

Deuxième Partie

1. Du commerce des estampes / 2. Du choix des gravures. État des Gravures / 3. Du nettoyage des gravures. De la cuvette / 4. Dédoublage des anciennes gravures. Leur réemargement ou fausses-marges / 5. Salissures ordinaires et blanchiment d'une gravure / 6. Des taches d'huile occasionées par l'impression. Des taches d'huile ordinaire / 7. Des taches d'encre / 8. Des déchirures et des parties manquantes. Reccord du dessin dans les parties restaurées et les pièces rapportées / 9. Conseils pratiques sur la conservation des estampes / 10. De la gravure / 11. Des différentes genres de la gravure / 12. De la gravure sur bois / 13. De la gravure au burin ou en taille-doute / 14. Gravure à l'eau forte / 15. Gravure en manière noire / 16. Gravure en pointillé / 17. Gravure en manière de crayon / 18.

Gravure au lavis / 19. Gravure en couleur / 20. Gravure sur acier / 21. Lithographie au crayon / 22. Gillotage / 23. Liste par ordre alphabètique des principaux graveurs et aquafortistes / 24. Noms des principaux dessinateurs lithographes (...).

+ F. C. G. (P 121)

52. ROBERTSON, Ronald G. — **Contemporary Printmaking in Japan.** New York, Crown Publishers, [Cop. 1965].

1 — **Basic Wood-Block Printing Methods:** Selection of the wood / The Tools / Transferring the design to the block /Registry / Paper / Printing materials / Printing the block / Signing the Print / Recording the data.

2 — **Specific Applications:** The Single-Color Block / Two Colors with a Key Block / Two Colors without a Key Block/ Printing on dark papers / The Embossed Print / Plastic Print / Combine Print / Substractive Print.

3 — The Baren (...) Japanese method of manual printing (...).

(**Nota:** Pequena biografia de 6 artistas japoneses contemporâneos, com ilustrações sobre os métodos de trabalho).
— F. C. G. (GR 145)

53. ROUIR, Eugène — **L'estampe, valeur de placement. Conseils aux amateurs et collectioneurs.** Paris, Guy le Pont, [Colof 1970]. ("Valeurs-Refuge").

Introduction

— Gravure et estampe / L' esthétique de l'estampe / Estampe originale et estampe de reproduction / Psychologie du collectioneur.

Le Papier

— Origine du papier et historique / Technologie / Le fi-

ligrane / Principaux formats utilisés en papeterie / Quelques formats anglais / Principaux formats utilisés en cartonnerie.

Les techniques

— La gravure en relief / La gravure en creux: taille-douce, pointe-sèche, sur acier, l'eau-forte / La gravure aux outils: la manière noire, pointillé, roulette / Autres procédés: vernis mou, le lavis, aquatinte, l'encre au sucre, gravure en couleurs, le monotype / L'impression / La lithographie / Procédés divers.

L'histoire

— L'Orient / Les cartes à jouer et l'estampe populaire / Les cartes de géographie et les vues des villes / La gravure de genre et d'illustration / L'estampe decorative anglaise / Divers.

La collection

— Documentation / Ouvrages fondamentaux / Ouvrages historiques / Monographies / Catalogues de ventes publiques et catalogues à prix marqués / Le classement / Présentation / Conservation / Rangement / Restauration / L'assurance de la collection / Annexe.

Le commerce de l'estampe

— Oú se procurer des estampes? / Comment lire un catalogue? / Lexique des termes currents utilisés dans le l'estampe / Le monde des graveurs.

L'estampe, valeur de placement

— Conclusion / Tableau des valeurs comparés des plus importantes enchères de 1900 a 1969.

Lexique technique

+ F. C. G. (GR 178)

54. SENEFELDER, Alois — **A complete course of lithography.** Reprint ed. New York, Da Capo Press, 1968. (Da Capo

Press Series in Graphic Art. 8).

Part I — History of the Art of lithography.

Part II — Art of Lithography.

Introduction to the litographic Art.

Section First: General rules and observations.

1 — Description and Qualities of the Stones. Rubbing down and rulishing ditto. Assorting of ditto.

2 — **On Ink Chalk, Etching Ground, and Colours:** Chemical Ink. Manners of preparing ditto. Hard Ink of Borax. Liquid Ink. Ink for transferring Drawings or Writings from Paper on the stone. Hard etching ground. Soft ditto. Etching colour. Lithographic Chalk. Printing Ink. Repairing Colour.

3 — **On Acids and other Compositions, to prepare the stone:** Qualities of Acids in general. Different Acids. Gum Arabic as the principal Ingredient for preparing the stone. Partial preparation of ditto. Short Recapitulation of the foregoing.

4 — **On the necessary instruments and utensils:** Steel pen. Brushes. Etching Needles. Drawing and Copying Machines. Various necessary Utensils.

5 — **On different sorts of paper, etc.:** Transparent paper, and the art of transferring outlines on stone. Blotting or soft paper. Printing Paper. Process of Netting the Paper.

6 — **On Presses:** Description of the different Lithographic Presses. Qualities of ditto. Application of letter and Copper-Plate Presses, to the purpose of Lithography. Enumeration of Lithography Presses hither to used. Upright Lever or Pole Press. Cylinder Press. Other Lithographic Presses.

Second Section: On the different manners of lithography.

1 — **Elevated manner of Lithography.** Pen or Hair-Brush

Drawing-Chalk Manner. Transfer and Tracing Manner. Wood-Cut Manner. Two sorts of India Ink Drawing. Sprinkled Manner. India-Ink Drawing, withe several plates. Manner of Printing in Colours, withe Several Plates. Manner of Printing in Gold and Silver.

2 — **The engraved Manner of Lithography:** Increased or Engraved Manner. Manner of Etching on Stone. Manner or drawing with Preparing or Gum Ink, and the Sprinkled Aquatinta Manner. Aquatinta After the manner of Engraving, and with Etching Ground. Aquatinta manner with chalk Ground. Engraved or reversed chalk and soft Ground Manner. India Ink Drawing with Etching Colour.

3 — **The mixed manner:** Pen Drawing mixed with The engraved Manner. Engraved Drawing with Elevated Tint. Engraved and Elevated Manner with several Stones. Manner of changing an Elevated Drawing into and Engraved one, and vice versa.

\+ Il. com reproduções de todos os autores citados.

— F. C. G. (GR 148)

55. SLATER, J. Herbert — **Engravings and their value. A Guide for the print collector.** 2. ed. London, U. Upcott Gill, 1897.

Part I

1 — Collecting engravings.
2 — Various methods of engraving.
3 — On forming a collection.
4 — The examination and purchase of prints.
5 — On the genuiness of prints.
6 — The cleaning of prints. Taking copies.
7 — The preservations of prints.
8 — The prices of prints.
9 — Technical terms.

10 — Works of reference useful to collectors.

Part II

— Alphabetical list of the principal engravers with the prices realised at auction for a selection of their works.

+ F. C. G. (GR 7)

C. D. U. 016:76 (100) (091)

III PARTE

HISTÓRIA DA GRAVURA EM GERAL

56. ADHÉMAR, Jean — **La gravure originale au XXe siècle.** Paris, Aimery Somogy, [Colof. 1967].

I Partie

— **Vers la gravure moderne:** Les procédés: le burin, l'eau forte, la lithographie, le bois. Les gravures de peintres. Whistler.

— **La génération de 1890:** La lithographie, les nabis. Le renouveau de l'illustration. Le bois, Gauguin. Ensor, Redon le fantastique. Munch. Degas. Les journaux humoristiques. Les gravures des esthètes, Helleu, Beardsley. Klee et Picasso 1903-1905. L'Exprèssionisme. Le Cubisme. Le Futurisme. Le Fauvisme.

— **La guerre de 1914.**

II Partie

— **L'après-guerre:** Laboureur et le Cubisme élégant. L'affiche. Georges Grosz. Goerg et Gromaire. L'Expressionisme. Pascin. Le mouvement Dada et le Surréalisme. Chagall. L'abstraction gravée en 1922.

— **De 1926 à la Crise:** Hayler: abstraction et gaufrage. Picasso et la déformation. Le livre illustré. Dunnoyer de Segnzac et le paysage.

— **La Crise, l'annonce de la guerre.**

III Partie

— **De la guerre de 1939 aux années 1958:** Le nouveau marché de l'estampe.
L'eau forte, le livre illustré. Picasso, Mourlot et la litho-

graphie en couleurs. Renaissance du bois. La caricature et le dessin d'enfants. L'affiche.

— **La nouvelle gravure:** L'Abstraction et l'École de Paris. Le Surréalism, l'erotisme. L'art figuratif. La nouvelle figuration. La matière, la gravure en relief. La gravure en Europe. Quelques autres techniques. L'avenir possible.

— Bibliographie.

+ Il. com reproduções de todos os autores citados.

— F. C. G. (GR 148)

57. ALEXANDRIAN, Sarane — **Man Ray.** Paris, [Filipacchi], [Colof. 1973]. (La Septième Face du Dé).

— Capítulo intitulado: «Les pouvoirs de la main», refere algumas das gravuras de Man Ray, reproduzindo-as.

— F. C. G. (P 1671)

58. **Andrea Mantegna, l'oeuvre du maître. Tableaux, gravures sur cuivre.** Paris, Hachette, s. d.

— Cap. 3: «Gravures en taille-douce» — reproduz as gravuras (16) que lhe são atribuidas.

— F. C. G. (P 744)

59. BAILLY-HERZBERG, Janine — **L'eau forte de peintre au dix-neuvième siècle. La Societé des Aquafortistes. 1862-1867.** Paris, Leonce Laget, 1972. 2 vol.

Tome premier

— L'imprimeur (Delâtre).

— L'editeur (Leon Cadart).

— **La Societé des Aquafortistes:** Première (1863)/Cinquième (1867) Année — Annonces, Catalogue des eaux-fortes, Planches, Revue bibliographique de la première/cinquième année, Le Salon de 1863/67, Faits relatifs à la première/cinquième année.

Appendix — Préfaces aux catalogues des cinq premières années.

Tome second

— Dictionnaire des Artistes (A obra, a filiação artística, bibliografia, etc.)

+ Il. com a reprodução de todas as águas fortes dos 5 Salões.

— F. C. G. (GR 252-252a)

60. BAILY, J. T. Herbert — **Francesco Bartolozzi, R. A.** London, Otto Limited, 1907. («Connoisseur» Extra Number).

— Francesco Bartolozzi, R. A. A biographical sketch.

— Bibliography of books relating to Bartolozzi.

— Illustrations (1-99).

— List of Engravings By Bartlozzi sold by auction from 1901-1907.

+ F. C. G. (GR 85)

61. **Bartolozzi and other stipple engravers working in England at the end of the eighteenth century.** London, William Heinemann, 1912.

— 64 reproduções de estampas à **la manière pointillé** de Bartlozzi e outros que usaram a mesma técnica: John Jones, William Wynne Ryland, Thomas Burke, Francis Haward, Thomas Cheesman, Luigi Schiavonetti, Michael Soane, Peltro William Tomkins, Charles Wilkin, Caroline Watson, D. D. Pariset, Robert Marcerard, Anthony Cardon, John Condé, Jean Pierre Simon, Elias Martin, John Raphael Smith, William Ward, Thomas Vivares, Thomas Rowlandson.

— Breve introdução à obra de cada artista.

— B. N. L. (BA 2852 P)

62. BASAN, F. — **Catalogue des estampes gravées d'après P. P. Rubens, avec une Méthode pour blanchir les estampes les plus rousses, et en ôter les taches d'huile.** Nouvelle éd. Paris, J. Dessain, 1767.

— Vie de Pierre-Paul Rubens.
Table des classes et de leurs divisions:
— Sujets de l'ancien Testament.
— Sujets du Nouveau Testament.
— Histoires et Allégories Sacrées, Sujets de Dévotion, etc.
— Sujets de Vierges.
— Enfance de Jesus.
— Sujets de Saints.
— Sujets de Saintes.
— Sujets de la Fable.
— Bacchanales.
— Sujets d'Histoire.
— Allégories, et Sujets particuliers.
— Portraits de Princes Souverains (Allemagne et Nord, France, Espagne, Pays-Bas, Italie).
— Portraits de Rubens et de sa Famille.
— Portraits de Personnes Illustres et de divers Particuliers.
— Portraits de Personnes, dont les noms sont ignorés.
— Médailles, Pierres, Cornalines, Marbres et Bas-Reliefs antiques.
— Titres de Livres.
— Frontispices, et Titres sans écritures.
— Vignettes et Culs-de-Lamps.
— Différentes Suites d'après Rubens:
  — Suites de Sujets tirés de L'Histoire Sacrée, Sujets de Dévotion, etc.
  — Suites de Sujets d'Histoire, et d'Architecture, etc.
  — Suites de Chasses et Paysages.
  — Suites d'Études et de Sujets de fantaisie.
  — Suites d'Emblêmes, etc.

+ B. N. L. (BA 170 P)

63. BASLER, Adolphe; KUNSTLER, Charles — **Le Dessin et la Gravure modernes en France.** Paris, C. Grès, [Colof.

1930]. (Peintres et Sculpteurs).

— **La Gravure originale en France** (p. 137-210):

— **L'estampe:** Gericault, Delacroix, Barye, Daumier — Daubigny, Millet, Meryon, Bracquemond, Manet — Jongkind, Legros, Whistler, Rodin, Fantin Latour, Odillon Redon — Degas et Pissarro, Impressionistes et nèo-Impressionistes — Gauguin et les Traditionnalistes — Les «Modernistes».

— **La gravure en couleurs et l'affiche.**

— **Le bois et l'illustration.**

— **Humoristes et dessinateurs journalistes.**

— **Les Peintres graveurs indépendants.**

— **Les illustrateurs.**

+ 109 il.

— F. C. G. (DE 9)

64. BASTELAER, René van — **Les estampes de Peter Bruegel l'ancien.** Bruxelles, Librairie Nationale d'art et d'histoire G. Van Oest, 1908.

Étude

— L'éditeur Jérome Cock.

— Chronologie des estampes gravées sur des compositions de Pierre Bruegel l'ancien du vivant de l'artiste.

— Les graveurs de Bruegel. Les éditions successives de leurs travaux, les copies et imitations gravées.

— Les éditions des estampes gravées d'après Pierre Bruegel l'ancien.

Catalogue de l'oeuvre gravé de Peter Bruegel l'Ancien

— Estampe Originale du maître.

— Estampes d'après les compositions du maître:

A. Paysages (1-95)

— B. Marines (96-108)

C. Sujets tirés de l'histoire sacré (109-121)

D. Sujets didactiques religieux (122-138)

E. Sujets didactiques profanes (139-204)

F. Sujets de moeurs sans portée didactique (205-278).

\+ Em apêndice, reprodução de todas as gravuras estudadas no catálogo.

— F. C. G. (GR 2)

65. BASTELAER, René van; LOO, Geoges H. de — **Peter Bruegel l'ancien. Son oeuvre et son temps.** Bruxelles, G. van Oest, 1907.

III Partie — L'oeuvre gravé de Peter Bruegel l'ancien. Étude et catalogue.

— Étude

— Catalogue de l'oeuvre gravé:

I. Gravure originale de Peter Bruegel l'ancien (1).

II. Gravures d'après des oeuvres de Bruegel (1-278)

A. Paysages (1-95)

B. Marines (96-108)

C. Sujets tirés de l'histoire sacrée (109-121)

D. Sujets didactiques religieux (122-138)

E. Sujets didactiques profanes (139-204)

F. Sujets de moeurs (205-278)

IV Partie — Catalogue raisonné de l'oeuvre peint de Bruegel.

A. (...)

B. (...)

C. Tableaux connus seulement par des copies peintes ou gravées:

1. Gravure portant l'indication écrite qu'elles ont été exécutées d'après un original peint de Bruegel.

2. Copies peintes correspondant à des gravures en con-

trepartie publiés avec la signature de Bruegel.

3. Gravures d'après Bruegel oú abondent les gauchers.
4. Compositions copiées par des artistes diférentes.
5. Copies de compositions dont la paternité ne se reconnaît que par le style de l'oeuvre.

+ 31 il.

— F. C. G. (P 21)

66. BERTRAND, Gérard — **L'illustration de la poésie à l'époque du Cubisme — 1909-1914 — Derain — Dufy — Picasso.** Paris, Éditions Klincksieck, 1971. (Le Signe de l'Art, 8). **I Partie — Dérain, Dufy et Picasso illustrateurs d'Appolinaire et de Max Jacob.**

1. La Renaissance de la gravure sur bois: Derain et Dufy.
   A. "L'Enchanteur Purrisant".
   B. "Le Bestiaire ou Cortège d'Orfée".
2. Les premières illustrations cubistes: Picasso.
   A. Cubisme et Poèsie.
   B. "Saint Matorel" et le "Siège de Jérusalem" (eaux-fortes).

II Partie — Préliminaires à une étude sur l'experience esthàtique de l'illustration: L'opposition entre la lettre et l'image.

1. Illusion perceptive et Object figuratif.
2. Perception et Rèverie sur l'image figurative.
3. Gravures evocatrices et Imagination visuelle.
   A. L'image "métaphorique".
   B. Autres types d'images évocatrices.

+ F. C. G. (GR 190)

67. BINYON, Laurence — **The engraved designs of William Blake.** Republication. New York, Da Capo Press, 1967. (Da Capo Press Series in Graphic Art. 3).

1. The line engravings.
2. The invention of "Illuminated printing".
3. The year of experiments.
4. "White-Line" design and wood engraving.
5. The beautiful book.
6. Myth and Symbol.
7. The later Prophetic books.

Appendix: Catalogue of Blake's engraved designs:
Line Engraving (1-135)
Lithograph (136)
Wood engravings (137-153)
Relief etchings and Monotypes (153-476)

+ 86 il.

— F. C. G. (GR 199)

68. BIORKLUND, George — **Rembrandt's etchings true and false. A summary catalogue in a distinctive chronological order and completely illustrated.** 2 ed. Stockholm, [Esselte Aktiebolag], 1968.

— Foreword by Arthur M. Hind to the first edition.
— Preparatory note.
— Abbreviations.
— Finding List.
— Concordance table Hind to BB.
— Authentic etchings.
— Rejected etchings.
— Reproductions of rejected etchings.

Appendix:

— The editions of Basan's "Recueil de Rembrandt".
— Old Paper (with special reference to paper used for Rembrandt etchings).
— Paper Analysis.
— Watermarks (Filigranes, Wasserzeichun).
— Photo-mechanical reproductions (paper used for inta-

glio reproductions of Rembrandt etchings).
— On the detection of forgeries.
— Principal copyists.
— A short review of earlier catalogues.
— Conversion and correspondence tables.
+ F. C. G. (P 1339)

69. BOON, K. G. — **Rembrandt. Gravures. Oeuvre complet.** [Paris], Arts et Métiers Graphiques, [Cop. 1963].
— Catálogo da obra completa gravada de Rembrandt, com 287 reproduções nas exactas dimensões do original, excepto 20 reduzidas.
— Introdução ao estudo da obra de Rembrandt.
— Cronologia da vida e obra — a importância da água-forte.
— F. C. G. (GR 125)

70. BRITISH COUNCIL (THE) — **Exhibition of Modern British Mezzotints.** Oporto, British Institute, 1945.
— Catálogo da exposição de gravuras a mezzotinto, de artistas ingleses contemporâneos.
— 42 gravuras — título, pintor, gravador, preço de venda.
— Breve introdução à história e à técnica do mezzotinto.
— B. N. L. ($BA1601_{14}$ V)

71. BROWN, G. Baldwin — **Rembrandt. A study of his life and work.** London, Duckwort, 1907.
Chapter VII — The etched work of Rembrandt (p. 147-198)
— The processes of engraving / The nature of etching / The question of "States" / Catalogues and reproductions of Rembrandt's etchings; the question of genuineness; the chronology of the etchings / The early self-studies; later self-portraits / of beggars / First essays in the nude / The Saskia etchings / Early religious pieces and the "Annunciation to the Shepherds" / Etchings of

1641-51 / The landscapes: the portrait-etchings: the later nudes / Figure-subjects from the Old and New Testaments / The "Death of Mary": the "Broad Presentation" / The "100 Florin Plate": "Christ as Teacher" / The latest religious pieces / The technique of the etchings: use of the etched line, of the dry point, of the graver / Rembrandt as printer / Examples of his use of the various technical methods.

+ F. C. G. (P 39)

72. BURKE, Joseph; CALDWELL, Colin — **Hogarth. Gravures. Oeuvre complet.** [Paris], Arts et Mètiers Graphiques, [Colof. 1968].

— Breve introdução à obra de Hogarth, como gravador.
— Catálogo da obra completa a água-forte e buril.
— F. C. G. (GR 196)

73. CAILLER, Pierre — **Catalogue raisoné de l'oeuvre gravé de Abram Krol.** Genève. Éditions Pierre Cailler, 1969.

— Catálogo do período entre 1948 e 1957 — 356 estampas.
— F. C. G. (GR 175)

74. **Catalogue des pointes sèches d'Heleu.** Paris, Imprimeries Lemercier, 1897.

— Prefácio-apresentação de Edmond de Goncourt.
— 60 pontas-secas em tamanho natural e originais, com indicação das provas tiradas, se estão esgotadas, se a a chapa foi ou não destruida. Sem texto.
— F. C. G. (E-GR 2)

75. CHENNEVIÈRES, Henry de — **Petit inventaire illustré de la Chalcographie du Musée National du Louvre.** Paris, A. Joanin [c. 1885?].

1. **Peintures:** Sujets religieux, Sujets historiques, Sujets de mythologie et de genre, Vues et paysages.
2. **Portraits:** Iconographie de Van Dyck, Portraits divers.

3. **Fêtes françaises:** Les fêtes, Les Sacres.
4. **Sculpture moderne.**

\+ Catálogo das obras à venda, com indicação do preço.

— 21 il.

— B. N. L. (BA 936-1 P)

76. CIRANNA, Alfonso — **Giorgio de Chirico. Catalogo delle opere grafiche (incisioni e litografie) — 1921-1969.** Milano, Alfonso Ciranne Editore, [Colof. 1969].
Parte prima: Incisioni.
Parte Seconda: Litografie: Metamorphosis / Calligrammes / Mythologie / L'Apocalipse / I Cavalli / Cavalli e ville / Tre lito per il volume "Dessins par Giorgio de Chirico" / Cartella di sei litografie / Due litografie per "Auf der Galerie" / Litografie edite separatamente.

\+ 174 il.

— F. C. G. (GR 184)

77. CONWAY, William Martin — **The wood cutters of the Netherlands in the Fifteenth Century.** 2. reprint. Hildesheim, George Holms, 1970.
Part I and II — History of the wood cutters and catalogue of the woodcuts.

A. Woodcuts from the block-books.
   1. The "Biblia Pauperum" (1487-1500).
   2. The "Canticum Canticorum" (1494).
   3. The "Speculum Humanae Salvationis" (1481-1484).
   4. The Boc van den Honte (1483).

B. Louvain, Utrecht, and Bruges (1475-1484).
   5. The first Louvain Woodcutts (1475-1477).
   6. The Utrecht woodcutts (1479-1484).
   7. The Bruges woodcutts (1484).

C. Leen's early workmen and Gouda and Antwerp (1480-1491).

8. The first Gouda woodcutter (1480-1484).
9. The second Gouda woodcutter (1482-1484).
10. The first Antwerp woodcutter (1485-1491).

D. The Haarlem woodcutter and his school (1483-1500).

11. The Haarlem woodcutter (1483-1486).
12. The same workman, or his school, at Antwerp (1486--1495).
13. The third Delft workman of this school (1487-1498).
14. Cuts of the Haarlem school used at Leyden (1484--1500).

E. Foreign woodcutters used by Leen and others (1485, -1491).

15. Augsburg woodcuts used by Leen (1485).
16. French woodcuts used by Leen and other (1491--1499).

F. Zwolle (1484-1500).

17. The first Zwolle woodcutter (1484-1491).
18. The second Zwolle woodcutter (1487-1493).
19. Miscellaneous cuts used at Zwolle (1491-1500).

G. Delft (1477-1498).

20. The first cuts used at Delft (1477-1482).
21. The second Delft woodcutter and his school (1480--1498).

H. Brussels and Louvain (1484-1496).

22. The Brussels woodcutter (1484-1490).
23. The second Louvain woodcutter (1487-1496).
24. The third Louvain woodcutter (1490).

I. Goude, Deventer, Leyden and Schoonhoven (1486-1500).

25. The third Goude woodcutter (1486-1490).
26. Miscellaneous cuts used at Goude (not before 1486).

27. The fourth Goude woodcutter (1496).
28. Cuts used at Deventer (1487-1493).
29. The first Leyden woodcutter (1494).
30. The second Leyden woodcutter (1498-1500).
31. The first Schoonhoven woodcutter (1496).
32. The second Schoonhoven woodcutter (1498-1500).

J. Late Antwerp woodcuts (1487-1500).

33. The second Antwerp woodcutter, with other cuts used there by Math. vander Goes (1487-1489).
34. The third Antwerp woodcutter, employed by G. Back (1493-1500).
35. Miscellaneous cuts used at Antwerp by G. Back (1493-1500).
36. Cuts used by Liesveldt and Martens (1494-1500).
37. Cuts used by R. vanden Dorp and other Antwerp
37. Cuts used by R. vanden Dorp and other Antwerp printers (1497-1500).
38. Diagrams.

Appendix. Audenarde and Ghent (1480-1490).

Arend de Keysere's woodcutter (1480-1490).

Part III — List of the books containing woodcuts.

A. Block-books (1-4).

B. Presses (5-39).

+ F. C. G. (GR 243)

78. COOPER, Douglas — **Henri de Toulouse Lautrec.** New York, Henry N. Abrams, s. d.

— Introdução à obra artística de Toulouse-Lautrec.

— 50 reproduções, das quais 7 são litografias, largamente comentadas.

— F. C. G. (P 1143).

79. COTELLE, Jean — **Livre de huit feuilles ou sont represen-**

tés plusieurs Avantures de l'Histoire de Venus. [Paris], Henry Bonnart, s. d. (c. 1700?).

— 8 folhas in-fólio grande, sendo a 1.ª a folha de rosto, todas gravadas em cobre, com o texto incorporado.

— F. C. G. (EGR 9).

80. COURBOIN, François — **L'estampe française. Graveurs et marchands.** Bruxelles, G. Van Oest, 1914.

— Le mode des graveurs.

— Les procédés de la gravure au XVIIIe siècle.

— La tradition, les théories et les principes.

— Le commerce des estampes.

— Le rôle de l'État.

— Noms et adresses des graveurs et marchands d'estampes de Paris (1763-1764).

— Bibliographie sommaire.

+ 59 il.

— F. C. G. (GR 11)

81. COURBOIN, François — **La gravure en France des origines à 1900.** Paris, Delagrave, 1923.

Prèliminaires

— De quelques livres relatifs à l'histoire de la gravure en France et de leur illustration. La masse d'estampes françaises (...) Ce qu'est devenue la collection du roi. Notions elementaires de technique.

I Partie — La gravure typographique sur bois et sur métal du XIVe au XVIIe siècle (indications bibliographiques).

— Avant l'introduction de l'imprimerie en France (1470). Des origines (...). Les artistes français capables de graver une estampe au XIV siècle. Les reglements corporatifs (...).

— De 1470 à la fin du XVe siècle. Le premier livre illustré

publié à Paris. Les grands librairies du XVe siècle (...). Les livres d'heures.

— Pendant le XVIe siècle (...). Quelques beaux livres illustrés de la Renaissance française. Les grandes estampes décoratifs (...).

II Partie — La gravure en taille-douce. Des origines à la fin du règne de Louis XIV (indications bibliographiques).

— Des origines à la fin du XVIe siècle. Graveurs-orfèvres de XVe siècle. Graveurs italianisants, l'école de Fontainebleau (...). Les premiers portraits gravées en taille-douce.

— Du régne de Henri IV à l'édit de Saint-Jean de Luz. Principaux graveurs.

— De 1660 à la fin du régne de Louis XIV. Le libre exercise de la gravure (...). Les mésures prises par Colbert en faveur de la gravure. Le Cabinet du Roi (...). Les graveurs ornamentistes (...).

III Partie — Le XVIIIe siècle (indications bibliographiques).

— Une vente d'estampes du XVIIIe siècle en 1798, leurs prix (...).

— Les estampes gravées à l'eau forte et au burin, d'après Watteau, Lancret, Boucher, Fragonard, Chardois, Greuze, Joseph Vernet (...).

— Les estampes gravées en teinte. Procèdés de fac-simile. Estampes en couleurs.

— Eaux-fortes de peintres. Eaux-fortes d'amateurs. Les graveurs-compositeurs.

— Publications documentaires. L'ornement. L'illustration du livre. La vignette.

— Le portrait.

— Pèriode revolutionnaire.

IV Partie — Le XIXe siècle (indications bibliographiques).

— Le burin.
— L'eau forte.
— Le bois.
— La lithographie.
+ 212 il.
— B. N. L. (BA 2462 V)

82 COURBOIN, François; ROUX, Marcel — **La gravure française. Essai de Bibliographie.** Paris, Maurice le Garrec, 1927. 3 vol.

— Bibliografia sinalética, com as seguintes divisões:
— Periodiques / Repertoires bibliographiques / Ouvrages de reference / Études generales historiques et critiques / Divers procédés de la gravure et lithographie / Papier. Conservation et restauration des estampes / Législation et jurisprudence / Commerce. Collectionneurs / Collections publiques et privés / Expositions et salons / Portraits / Histoire / Topographie / Livre illustré / Ex-libris / Affiches / Caricatures / Cartes à jouer / La petite estampe. Divers (Aerostation, Almanachs, Menus, Programmes, titres de musique, etc.) / Études et documents biographiques (graveurs, lithographes, amateurs, éditeurs marchands).
— F. C. G. (B 176-176b)

83. DACIER, Émile — **La gravure de genre et de moeurs.** Paris, G. Van Oest, 1925. (La gravure en France au XVIIIe siècle).

— La gravure de genre et de moeurs en France, au XVIIIe siècle.
— I. Notices sur les estampes reproduites.
— II. Notices biographiques sur les graveurs.
+ 132 il, muito comentadas; vasta bibliografia.
— B. N. L. (BA 167 A)

84. DAHL, Svend — **Histoire du livre de l'antiquité à nos jours.** 3. éd. Paris, Lamane Poinat. [Colof. 1967].

— **L'Antiquité** (...).

— **Le Moyen âge** (...).

— **La fin du Moyen âge: L'imprimerie. Le XVIe siècle.** L'impression xylographique en Chine (...) Apparition de la gravure sur bois (les plus anciens livres illustrés) (...) Apogé de la gravure sur bois: l'époque de Durer. Les livres de l'empereur Maximilien. Les livres populaires de pitié. (...) La dernière floraison en Allemagne de la gravure sur bois.

— **Le XVIIe siècle**

— L'évolution de l'art de l'illustration. De la gravure sur bois à la gravure en taille-douce. L'art du livre français au XVIIe siècle. Les graveurs de la première moitié du siècle. Les graveurs de la deuxième moitié du siècle. Les graveurs de la deuxième moitié du siècle. Le style baroque dans l'art du livre (...)

— **Le XVIIIe siècle**

— (...) L'ornamentation rococo: la vignette. L'art de l'ex-libris (...) Le classicisme dans l'art du livre (...) L'influence de la Révolution française (...).

— **Le XIXe et XXe siècle**

— (...) L'évolution de la gravure: La gravure sur acier. Blake et la gravure sur cuivre. Berwick et la renaissance de la gravure sur bois. La lithographie. Les procédés photomécaniques (...) L'individualisation du livre et la réaction artistique (...).

— **Quelques aspects de l'histoire du livre et des bibliotheques depuis 1914.**

— (...) L'art de l'illustration: La France, l'Allemagne, l'Angleterre, la Belgique, l'Union Soviètique, les pays

nordiques (...).

+ 170 il .

— F. C. G. (ATG 134)

35. DAULTE, François — **L'oeuvre lithographique de Roland Oudot, I — 1930-1958.** Paris, La Bibliothèque des Arts, [Colof. 1972].

— 125 litografias catalogadas e reproduzidas, com título da obra, data, descrição material, dimensões, justificação da tiragem, destino da pedra.

— F. C. G. (GR 255)

36. DELABORDE, Henri — **Le département des estampes à la Bibliothèque Nationale; Notice historique suivie d'un catalogue des estampes exposées dans les salles de ce département.** Paris, E. Plon, 1875.

— Le Département des estampes à la Bibliothèque Nationale.

— Relevé chronologique des acquisitions et des donations qui ont principalement enrichi les collections du dèpartement des estampes (1667-1863).

— Gardes du Cabinet et conservateurs du Département des Estampes (1720-1858).

— Catalogue des estampes exposées avec notice sur les maîtres qui les ont produits.

+ 268 il.

— B. N. L. (BA 906 P)

37. DELTEIL, Loys — **Carrière.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 8).

— Inventário ilustrado com fac-similes. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas fortes, pontas secas e águas tintas (1-6); litografias (6bis-45).

— F. C. G. (GR 224).

88. DELTEIL, Loys — **Corot.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 5).

— Inventário ilustrado da obra de Jean - Baptiste Corot. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes (1-14); litografias (15-18); autógrafos (19-34); **clichés-verres** (35-100).

— F. C. G. (GR 221)

89. DELTEIL, Loys — **Daubigny.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 13).

— Inventário ilustrado da obra de Charles François Daubigny. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes, pontas secas, águas tintas (1-127); litografias (128-132); **clichés-verres** (133-150); peças duvidosas ou falsamente atribuidas (1-6).

— F. C. G. (GR 228)

90. DELTEIL, Loys — **Daumier.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 20-29).

— Inventário ilustrado da obra gráfica de Honoré Daumier. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— F. C. G. (GR 234-234i).

91. DELTEIL, Loys — **Degas.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 9).

— Inventário ilustrado com fac-similes, da obra de Edgar Degas. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes, pontas-secas, vernis mole, águas-tintas (1-45); litografias (46-65); peça duvidosa (66).

— F. C. G. (GR 225)

92. DELTEIL, Loys — **Frèlaut.** Republication. New York, Da

Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 31).

— Inventário ilustrado com fac-similes, da obra de Jean Frèlaut. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes (1-281).

— F. C. G. (GR 236)

93. DELTEIL, Loys — **Gèricault.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 18).

— Inventário ilustrado com fac-similes, da obra de Théodore Gèricault. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Água-forte (1); litografias (2-78); litografias executadas em colaboração com outros artistas (79-97); peças duvidosas (1-8).

— F. C. G. (GR 232)

94. DELTEIL, Loys — **Goya.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 14-15).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de Francisco Goya. Breve introdução à obra. Gravuras comenmentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes, água tinta (1-119); **Os desastres da Guerra** (120-199); inéditos (200-201); **As tolices ou extravagâncias** (202-229); **A Tauromaquia** (224-263); estampas inéditas da Tauromaquia (264-267); Litografias (268-289); estampas duvidosas ou falsamente atribuidas (1-4).

— F. C. G. (GR 229-229a)

95. DELTEIL, Loys — **Huet.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 7).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de Paul Huet. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas fortes e maneiras negras (1-36); litografias (37-91): **clichés-verres** (92-98); peças duvidosas ou falsasamente atribuidas (1-2).

— F. C. G. (GR 223)

96. DELTEIL, Loys — **Ingres. Delacroix.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 3).

— Inventário ilustrado com fac-similes das obras de Ingres e Eugène Delacroix. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Ingres: água-forte (1); litografias (2-9).

— Delacroix: águas-fortes e águas tintas (1-25); litografias (26-131); peças duvidosas ou falsamente atribuidas (1-12).

— F. C. G. (GR 219)

97. DELTEIL, Loys — **Leheutre.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur, illustré, 12).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de Gustave Leheutre. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes, pontas secas (1-133); litografias (134-136); ilustrações para o livro **Dominique,** de Eugène Fromentin (40 águas fortes).

— F. C. G. (GR 227)

98. DELTEIL, Loys — **Meryon.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 2).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de Charles Meryon. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Provas (1-16): Vistas de Paris (17-53); Vistas diversas (54-74); Retratos (75-86); frontispícios, **adresses, rébus,** diversos (87-102); peças falsamente atribuidas, cópias, reproduções (1-3).

— F. C. G. (GR 218).

99. DELTEIL, Loys — **Millet. Rousseau. Dupré, Jongkind.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre graveur illustré, 1).

— Inventário ilustrado da obra de Jean François Millet, Théodor Rousseau, Jules Dupré, J. Barthold Jongkind. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, preços.

— **Millet:** águas-fortes, pontas secas (1-20); litografias (21--26); heliografia sobre vidro (27-28); gravuras sobre madeira (29-34); cópias (1-3).

Rousseau: águas-fortes, héliografias (1-6).

— **Dupré:** Litografias (1-8).

— **Jongkind:** Águas-fortes (1-20).

— F. C. G. (GR 217)

100. DELTEIL, Loys — **Pissarro, Sisley Renoir.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 17).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de Camille Pissarro, Alfred Sisley e Auguste Renoir. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

Pissarro: Águas-fortes e águas tintas (1-127); litogragrafias (128-194); peça duvidosa (1).

— **Sisley:** Águas-fortes (1-4); litografias (5-6).

— **Renoir:** Águas-fortes, pontas-secas, vernis mole (1-25); litografias (26-50); desenho sobre pedra a partir dos seus desenhos (51-55).

— F. C. G. (GR 231)

101 DELTEIL, Loys — **Raffaelli.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 16).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de Jean-

François Raffaelli. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes e pontas secas (1-105); Ensaios (106-131); litografias (132-136); ilustrações executadas a água-forte e a ponta seca (137-183); peças apócrifas (184-[6]).

— F. C. G. (GR 230)

102. DELTEIL, Loys — **Rude, Barye, Carpex, Rodin.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 6).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de François Rude, Antoine-Louis Barye, Jean-Baptiste Carpeaux e Auguste Rodin. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— **Rude:** Litografia (1).

— **Barye:** Água-forte (1); litografias (2-12).

— **Carpeaux:** Águas-fortes (1-11).

— **Rodin:** Pontas secas (1-11): litografias (12-17).

— F. C. G. (GR 222)

103. DELTEIL, Loys — **700 reproductions d'estampes des XIXe et XXe siècles pour servir de complèment au Manuel de l'Amateur d'Estampes.** Paris, Dorbon-Ainé, s. d. 2 vol.

— Reproduções, sem texto. Um índice remete para o texto do Manual citado.

— B. N. L. (BA 2486-87 V)

104 DELTEIL, Loys — **Toulouse-Lautrec.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 10-11).

— Inventário ilustrado da obra de Henri de Toulouse-Lautrec. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Pontas-secas (1-9); litografias (10-336); monotipos (337-338bis); cartazes (339-368).

— F. C. G. (GR 226)

105. DELTEIL, Loys — **ZORN.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969 (Le Peintre Graveur illustré, 4).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra de Anders Zorn. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes provas, vendas, preços.

— Águas-fortes (1-217).

F. C. G. (GR 220)

106. DIDOT, Ambroise Firmin — **Essai typographique et bibliographique sur l'histoire de la gravure sur bois (...) pour faire suite aux Costumes Anciens et Modernes de César Vecellio.** Paris, [Firmin Didot], 1863.

De la gravure sur bois. Definition, origine. De la gravure sur bois dans l'antiquité.

— De la gravure sur bois jusqu'à Albert Durer — De la gravure sur bois au Moyen Âge/Histoire des deux Cunio/Des cartes à jouer et de leur origine / Premiers livres xylographiques avec gravures / Principaux livres à gravures antérieurs à l'epoque d'Albert Durer / Les gravures sur bois ont-elles été taillées par les maîtres qui les ont dessinées?

— Albert Durer — Son influence sur la gravure — Du style primitif de l'école allemande / Du style propre d'Albert Durer / Travaux de ce maître pour l'empereur Maximilien / Lettre d'Albert Durer aux magistrats de Nuremberg / De l'empereur Maximilien et de ses graveurs.

École Allemande

— Indications des principales gravures sur bois dues à différentes maîtres de l'école allemande.

— Imprimeurs allemands qui ont introduit des gravures sur bois dans leurs éditions.

— La gravure sur bois à Francfort-sur-Mein.

École hollandaise et flamande

— Indications des principales gravures sur bois des differents maîtres de l'école hollandaise e flamande.

— Bâle — la gravure sur bois dans cette ville: Hans Holbein (aperçu generale des travaux de ce maître) ; Autres artistes et imprimeurs de Bâle.

— Suisse et bords du Rhin.

École italienne

— Débuts de la gravure sur bois en Italie.

— Graveurs sur bois célèbres en Italie.

— Imprimeurs d'Italie (...).

— Des camaieux — Origines des gravures en camaieux / Divers procédés pour obtenir des camaieux / Célèbres graveurs en camaieux de l'Italie.

École française

— Caractère et emploi de la gravure sur bois en France.

— Influence de l'art des miniaturistes surs les premiers

— efforts de la gravure sur bois à Paris.

— Les livres d'heures.

— Paris: Imprimeurs et èditeurs qui ont fait paraître des livres contenant des gravures sur bois / Geffroy Tory / Les livres à vignettes / Artistes dessinateurs et graveurs sur bois à Paris / Jean Cousin / Marques des imprimeurs et libraires.

— Lyon: Dèbuts de la gravure sur bois à Lyon par les premiers livres français imprimés en France / Fin des imprimeurs lyonnais de livres à gravures sur bois / Artistes dessinateurs et graveurs sur bois à Lyon / Bernard Salomon dit le Petit Bernard.

— Autres villes de France.

— Livres à gravures sans indication de lieu.

Espagne

— Description de quelques ouvrages à gravures remarquables publiées en Espagne.

Angleterre

— La gravure sur bois en Angleterre au XVe, au XVIe et au XVIIe siècle.

— Influence du séjour de Holbein à Londres.

Décadence de la gravure sur bois en Europe
Rénovation de la gravure sur bois

— Diffèrence entre les procédés anciens de xylographie et les nouveaux.

— Rôle de l'Angleterre dans la rénovation de cet art.

— Amèliorations introduites de nos jours dans les moyens d'impression des gravures sur bois.

— Progrès dans la fabrication du papier.

— Amèlioration des moyens d'impression typographique.

— Derniers efforts de l'art de gravure sur bois.

+ B. N. L. (BA 491 P)

107. DIEHL, Gaston — **Les générations nouvelles. La peinture et la gravure.** "Histoire de l'Art", vol. 4, Paris, Gallimard, [Colof. 1969], (Encyclopèdie de la Pléiade, 28), p. 1102-1220.

— A pintura e a gravura tratadas conjuntamente, nos seguintes países: França, EUA, Grã-Bretanha e Irlanda, Canadá, Bélgica, Luxemburgo, Países-Baixos, Alemamanha, Países Escandinavos, Áustria, Suiça, Polónia, Jugoslávia, Rússia, Hungria, Roménia, Bulgária, Checoslováquia, Itália, Portugal, Espanha, América Latina, Cuba, Haiti, República Dominicana, Grécia, Turquia, Japão, Ásia, Oceânia, África.

— F. C. G. (AHG 49c)

108. DIMIER, Louis — **La gravure.** Paris, Librairie Garnier

Frères, 1930.

1. Origines de l'art et son premier essor. Durer, Marc-Antoine, Lucas de Leyde.
2. La grande école flamande. Goltzius; l'atelier de Rubens; les graveurs de Haarlem.
3. La gravure sous les Carraches; l'école française: Pesne, Nanteuil, Audran.
4. Fortune de l'eau forte indépendante. Callot, Rembrandt; les petits maîtres de Hollande.
5. Suite de la gravure en Hollande, en France et en Allemagne. L'eau forte à Venise: Tiepolo.
6. Les petits maîtres au XVIIIe siècle: Gillot, Saint-Aubin. La manière noire en Angleterre.
7. Décadence de la gravure sous David. La lithographie et le bois d'illustration.
8. Goya. L'estampe japonaise. Leur influence sur les graveurs français.

\+ F. C. G. (GR 140)

109. DODGSON, Campbell — **Albrecht Durer. Engraving and Etchings.** Reprint ed. New York, Da Capo, 1967. (Da Capo Press Series in Graphic Art, 1).

— Catálogo de 107 águas fortes e buris, todas reproduzidas. Data, marca de água, impressões, assinatura, medidas, referência a outras obras.

— F. C. G. (GR 215)

110. DODGSON, Campbell — **Prints in the dotted manner and other metal-cuts of the XV century in the department of prints and drawings.** London, British Museum, 1937.

— Descreve e reproduz 104 gravuras **à la manière criblée,** existentes no Museu Britânico. Complemento da obra "Woodcuts of the XV Century", publicada pelo mesmo Museu em 1934-35.

— B. N. L. (BA 501 A)

111. DORIVAL, Bernard — **Le cubisme. La peinture et la gravure.** "Histoire de l'Art", vol. 4, Paris, Gallimard, [Colof. 1969], (Encyclopèdie de la Pléiade, 28), p. 633-799.

— O cubismo e a sua época (1907-1914); o cubismo négro-cezaniano (1907-1909); o cubismo analítico e sintético; os cubistas depois do cubismo (Juan Gris, Bracque, Picasso); o orfismo (1913-14) — Kupka, Robert Delaunay, Sonia Delaunay; o futurismo; a Rússia — o **rayonisme** e **suprènatisme** (1911-17); a Inglaterra e o vorticismo (Roger Fry).

— A pintura e a gravura são estudadas sem distinção de matérias.

— F. C. G. (AHG 49 c)

112. DORIVAL, Bernard — **La génération de 1848. La peinture et la gravure.** "Histoire de l'Art", vol. 4, Paris, Gallimard, [Colof. 1969], (Encyclopèdie de la Pléiade, 28), p. 1-81.

— Declínio e prolongamento do romantismo; ascensão do realismo. Prestígio do ingrismo. Meissonier e os seus émulos na Europa. A solução inglesa: compromisso entre realismo e romantismo. A paisagem. A gravura **de genre** na época romântica: Gavarni. Daumier: a diversidade da obra e a espantosa produção gráfica (1800 gravuras). Difusão e academisação do realismo no resto do mundo.

— F. C. G. (AHG 49c)

113. DORIVAL, Bernard — **La génération du Second Empire. La peinture et la gravure.** "Histoire de l'Art", vol. 4, Paris, Gallimard, [Colof. 1969], (Encyclopèdie de la Pléiade, 28), p. 97-193.

— Do romantismo ao simbolismo — o neo-romantismo do 2.° Império. A gravura, veículo natural das almas insa-

tisfeitas: Charles Méryon e Rodolphe Bresdin a Daniel Vierge. Manet, Degas e os modernistas. Difusão e academisação da modernidade no mundo.

— F. C. G. (AHG 49c)

114. DUPLESSIS, Georges — **De la gravure de portrait en France.** Paris, Rapilly, 1875.

— História da gravura, no género do retrato, na França dos séculos XVI a XIX.

— Completa bibliografia do autor.

— B. N. L. (BA 435 P)

115. DUPLESSIS, Georges — **Eaux-fortes de Antoine Van Dyck.** Paris, Armand-Durand, s d.

— Recolha completa das chapas gravadas por Van Dyck. Reprodução em tamanho natural: os estados que se cocontram.

— 21 estampas.

— B. N. L. (Res. 48 Est/Album)

116. DUPLESSIS, Georges — **Histoire de la gravure en Italie, en Espagne, en Allemagne, dans les Pays-Bas, en Angleterre et en France suivie d'indications pour former une collection d'estampes.** Paris, Hachette, 1880.

1. Origines de la gravure.
2. **La gravure en Italie** — Les graveurs sur bois / Les nielles / La gravure en taille douce à Florence, dans les villes du Nord, à Milan, à Parme, à Bologne et à Rome.
3. **La gravure en Espagne** — Les primitfs / Giuseppe Ribera et Francesco Goya.
4. **La gravure dans les Pays-Bas** — Les graveurs sur bois au quinzième siècle / Les graveurs sur métal primitifs / Hollande: Rembrant, Ruysdael et Paul Potter / Flandre: Rubens, van Dyck, Boeswert et Paul Pontius.

5. **La gravure en Allemagne** — Les graveurs sur bois / Les graveurs de Maximilien / La gravure sur métal, le maître de 1466, Martin Schongauer, Albert Durer.
6. **La gravure en Angleterre** — La gravure sur bois dans les livres: W. Caxton / La gravure sur métal / L'influence des artistes étrangers l'art en Angleterre / La gravure en manière noir / L'école humoristique.
7. **La gravure en France** — Les graveurs sur bois / Les graveurs sur métal / L'école de Fontainebleau / Les portraitistes / Nicolas Poussin et Jean Pesne / Charles Le Brum et Gérard Audran / L'école de Watteau / Les graveurs de vignettes / L'école de David.
8. **Procédés** — Gravure sur bois: camaieu / Gravure sur taille-douce: burin, eau-forte, pointe sèche; alliance de l'eau-forte et du burin; manière noire, aquatinte, manière de crayon / Gravure en couleur, hèliographie / Impression.

Appendix — Indications pour former une collection d'estampes, avec quelques notes biographiques et bibliographiques.

+ 73 il.

— F. C. G. (GR 61)

117. EKHOLM, Gunar — **Catalogue des gravures de Claude Mellan précèdé de notices sur la collection de gravures de la Bibliothèque.** Uppsala, A.-B. Akad. Bokhandeln, 1913. (Les gravures célèbres de la Bibliothèque de l'Université Royale d'Uppsala).

— Notices sur la collection de gravures de la Bibliothèque (...).

— Claude Mellan — Sujets religieux (1-64); pièces doutenses (65-76); portraits (77-123); reproduction de statues antiques (124-161); sujets ornamentaux et emblé-

mantiques (162-221).

+ B. N. L. (BA 1572 $_2$ V)

118. FAURE, Elie — **Les désastres de la Guerre.** [Paris], [Ed. L. C. L.], [Dep. leg. 1966] [Les peintres du livre].

— Reprodução das 41 gravuras dos Desastres, de Goya, precedidas de um texto de E. Faure.

— F. C. G. (GR 209)

119. FOCILLON, Henri — **Maîtres de l'estampe.** [Paris], Flamarion, [Cop. 1969].

1. Albert Durer.
2. Adam Elsheimer.
3. Jacques Callot ou le microcosme.
4. Rembrandt.
5. Castiglione Genovese.
6. Les eaux-fortes de Tiepolo.
7. Les "Capriches" de Goya et la gravure en Espagne.
8. Honoré Daumier.
9. Charles Meyron.
10. Manet en blanc et noir.

+ F. C. G. (GR 155)

120. GASSER, Étiennette — **La génération de l'entre les deux-guerres. La peinture et la gravure.** "Histoire de l'Art", vol. 4, Paris, Gallimard, [Colof. 1969], (Encyclopèdie de la Pléiade, 28), p. 844-905.

— Alemanha: o **November gruppe** — tentativa espiritual colectiva de reacção à derrota. Grosz e Otto Dix. Max Beckman.

— Países Baixos e Bélgica — A evolução política e social na obra gravada de F. Masereel. A obra de F. Vanden Bergh, Charley Tooropo e outros.

— Luxemburgo: a obra de Joseph Kutter.

— França: Picasso, Chagall, Soutine .

— Espanha: Solana.

— México: Rivera, Siqueiros.
— Brasil: Portinari.
— E. U. A.: Max Weber.
+ F. C. G. (AHG 49c)

121. GASSIER, Pierre; WILSON, Juliet — **Vie et oeuvre de Francisco Goya.** [Fribourg], Office du Livre, [Colof. 1970].
— Só interessam os seguintes capítulos:
— Les gravures d'après Velasquez (p. 48-50).
— Les **Caprices** (p. 125-131).
— Les **Désastres de la Guerre** (p. 217-222).
— La **Tauromachie** (p. 227-229).
— Premières lithographies. Les **Disparates** ou **Proverbes** p. 308-312).
— Lithographies de Bordeaux et dernières gravures (p. 345-349).
+ Reprodução da obra total de Goya, em forma de catálogo, destacando-se 290 gravuras e litografias, todas minuciosamente comentadas.
— F. C. G. (P 1322)

122. GAUTIER, Théophile; POPELIN, Claude — **La Tauromachie.** [Paris], [L. C. L.] [Dep. Leg. 1968]. (Les Peintres du Livre).
— Reprodução integral de: "Tauromachie — Receuil de quarante estampes inventées et gravées à l'eau forte par Don Francisco Goya y Lucientes".
— F. C. G. (GR 210)

123. GEISER, Bernhard — **L'oeuvre gravé de Picasso.** Lausanne, La Guilde du Livre, [Cop. 1955].
— Cronologia da vida e obra, precedendo breve introdução à obra.
— Bibliografia da obra gravada (catálogos, monografias, exposições, estudos).

— Catálogo dos livros ilustrados com gravuras originais de Picasso.

— 168 il.

— F. C. G. (GR 143)

124. GILPIN, William — **Essai sur les gravures.** Breslau, Imprimerie de Guillaume Theophile Korn, 1800.

1. Des principes de la peinture considérés en ce qu'ils ont de relatif avec la gravure.
2. Observations sur les différents espèces de gravure.
3. Caractères des maîtres les plus connus.
4. Remarques sur certaines gravures (Bloemart, Salvator Rosa, Pietre Testa, Smith, Hondim, Du Jardin, Waterloo, Roman Le Rooghe, Hogarth).
5. Précautions à prendre en formant une collection de gravures.

+ B. N. L. (B. A. 573 P)

125. GODEFROY, Louis — **Bernard.** Republication. New York, Da Capo Press, 1969. (Le Peintre Graveur illustré, 30).

— Inventário ilustrado com fac-similes da obra gráfica de Albert Besnard. Breve introdução à obra. Gravuras comentadas, diferentes tiragens, vendas, preços.

— Águas-fortes e pontas secas (1-199); litografias (200-202); peças falsamente atribuidas (A-C).

— F. C. G. (GR 235)

126. GONSE, Louis — **La sculpture et la gravure au XIXe siècle.** Paris, à La Librairie Illustré. s. d. (Les Chefs d'oeuvre de l'art du XIXe siècle, 5).

— **Chapitre III — La gravure** (...) (p. 145-160)

— O século XIX francês — desenvolvimento da litografia, buril, xilografia e água-forte.

— Os gravadores mais importantes: Henriquel-Dupont, Blanchard, Levasseur, Didier, Rousseaux, Flameng,

etc.

— A "Societé Française de Gravure" e a sua influência.

— Bracquemond e a renovação da água-forte — decadência da litografia.

— A litografia e Daumier.

— 8 il. (7 águas fortes e uma gravura em hors-texte e originais)

— F. C. G. (P 1377d)

127. **Graphic designers aux États-Unis.** [Fribourg], Office du Livre, [Cop. 1971]. 3 vol.

— I volume: Louis Danziger, Herb Lubalin, Peter Max, Henry Wolf.

— II volume: R. O. Blechman, Chermayeff and Geismar; Paul Davis, Rudolph de Harak.

— III volume: Louis Dorfsman, Milton Glaser, George Tscherny, Tomi Ungerer.

+ Edição trilingue (francês, inglês, alemão), indicando para cada autor, a biografia, a cronologia e a obra. Muito ilustrado.

— F. C. G. (GR 183-183b)

128. **Graphic designers en Europe:** [Fribourg], Office du Livre, [Cop. 1971]. 4 vol.

— I volume: Jean Lenica, Jean-Michel Folon, Josef Muller-Brockman, Dick Elffers.

— II volume: Giovanni Pintori, Hans Hillman, Edward Bawden, Herbert Leupin

— III volume: Karl Gerstner, André François, Crosby / Fletcher / Forbes, Bob Gill.

— IV volume: Franco Grignani, Jacques Richez, Heinz Edelmann, Celestino Piatti.

+ Edição trilingue (francês, inglês, alemão), indicando pa-

ra cada autor, a biografia, a cronologia e a obra. Muito ilustrado.

— F. C. G. (GR 182-182c)

129. GRAY, Basil — **The english print.** London, Adam & Charles Black, 1937. (The Library of English Art).

1. The beginnings of the print in England.
2. The eighteenth century: reproductive prints.
3. The eighteenth century: experiments in process.
4. The folk print and Bewick.
5. Blake: original design and the illuminated book.
6. Copper and steel in the first half of the nineteenth century.
7. The beginning of commercial colourprinting.
8. The Sixties: the sucessuful colourprinting.
9. The book beautiful and modern woodengraving.
10. The painter etchers.
11. The print as a commercial asset and the artist in commerce.

+ 32 il.

— B. N. L. (BA 2275 P)

130. GUILLOT, Gaetan — **Les moines prècurseurs de Gutenberg. Étude sur l'invention de la gravure sur bois et de l'illustration du livre.** 2. éd. Paris, Librairie Blond, s. d. (Sciences et Religion — Études pour le temps présent).

1. Les opinions de la critique ancienne — Le rôle de la France / Le rôle des moines.
2. La verité sur le rôle joué par Gutenberg.
3. État de l'art allemand au début du XIVe siècle. — Absence de créations originales / Styles des draperies et du dessin / Les costumes.
4. Impossibilité, pour les laiques, d'inventer la gravure sur bois — Raisons économiques / Usage fait par les moines des gravures sur bois / Genèse de l'invention / Décou-

verte des clichés en France / Chemin suivi par les images, de France en Allemagne / Procédés employés pour utiliser les images / La découverte du papier de chiffon.

5. Examen des images — Le Saint Christophe de Lord Spencer / Le Saint Claude / Le crucifement de Tegernsee.
6. Les textes — Jean Baudet, Jean Malonel / Inscriptions trompeuses.

+ B. N. L. (BA 2194_4 P)

131. HAMILTON, Sinclair — **Early americain books illustrators and wood engravers 1670-1870. Volume I: Main catalogue. A catalogue of a collection of americain books illustrated for the most part with woodcuts and wood engravings in the Princeton University Library with an introductory sketch of the development of early americain book illustration.** Princeton, Princeton University Press, 1968.

— Catálogo de 1302 obras com aparato crítico (ilustradores, gravadores, autor do livro, título). Disposição cronológica. Muito ilustrado.

— F. C. G. (Cat. 1/USA. 1968/1)

132 HARRIS, Jean C. — **Edouard Manet graphic works. A definitive catalogue raisonné.** New York, Collectors Editions, [Cop. 1970].

— Introduction — Background and influences / Stylistic Development.

— Selected bibliography.

+ 174 il. (litografias, águas-fortes, daguerreotipos, desenho, águas-tintas, ponta seca).

— F. C. G. (GR 195)

133. HARRISSE, Henry; — **L.-L. Boilly. Peintre, dessinateur et lithographe. Savie et son oeuvre. 1761-1845.** Paris, Société de Propagation des Livres d'Art, 1898.

— Catálogo geral da obra de Louis Boilly — Litografias (847-1269), **grimaces** (1270-1364), e gravuras, litografias e fotogramas executados a partir das suas pinturas.

— F. C. G. (P 55)

134. HAYTER, S. W. — **About Prints.** Reprinted ed. London, Oxford University Press, [Colof. 1964].

Part I — The print himself

1. Introduction — The origins of the print / Paper.
2. Relief printing — Woodcuts and wood engraving / Printing in black and colours from relief blocks of wood, metal or plastic.
3. The making of intaglio plates — I — By etching, aquatint, soft ground and textile.
4. The making of intaglio plates — II — By lineengraving, mezzotint, and sculptural methods.
5. The printing of intaglio plates — In black and in colours / Multiple-plate and single-plate methods.
6. The preparation of lithographs stones — Printing from them in black and colours / Offset printing, stencil and serigraphy / Monotype.

Part II — Printmakers and printers. Their studios and workshops.

7. Intaglio workshops in France.
8. The atelier 17 and independant groups — Artists and printers in France, England, America and Japan.
9. Lithograph workshops in France and England.
10. Some contemporary printmakers.

Part III — Quality and value in the print.

11. Five degrees of originality in prints.
12. How to destinguish the original print from a reproduction.

13. The publishing, distribution, and classification of prints.
14. Publisher's and delears in prints — France, England, Switzerland, America and Germany.
15. Print-collectors today — Conclusion.

+ 65 il.

— F. C. G. (GR 180)

135. HIATT, Charles — **The modern aspect of woodengraving.** "Representative art of our time with original etchings and lithographs and reproductions of oil and water-colour, paintings, pastels, etc". London, Offices of "The Studio", 1903, p. 3-10.

— A posição actual (1903) da gravura em madeira, na Alemanha, Inglaterra, França e Holanda.

— Defende a ideia de que o artista deve não só desenhar na madeira, mas gravá-la ele próprio.

— Edição com águas-fortes, litografias e mezzotintos originais.

— F. C. G. (E-P 27)

136. HIND, Arthur M. — **A catalogue of Rembrandt's etchings. Chronologically arranged and completely illustrated.** Reprint ed. New York, Da Capo Press, 1967. (Da Capo Press Series in Graphic Art, 2).

— Biographical summary.
— Bibliography.
— Introductory notes in Rembrant' etched work.
— Catalogue — Authentic (1-303), Rejected (304-389).
— Finding list to locate etching in the present catalogue from its number in any catalogue.

+ 335 il.

— F. C. G. (P 1340)

137. HIND, Arthur M. — **Giovanni Battista Piranesi. A critical study with a list of his published works and detailed cata-**

logues of the Prisons and the Views of Rome. Reed. [Colof. London], Holland Press, 1968.

— Bibliography.
— Biographical.
— Notes on Piranesi's work.
— The "Prisons". Notes and catalogue.
— The "Views of Rome". Notes and catalogue.
— List of Piranesi's published works.
— List of the Piranesi work in the Regia Calcografia, Rome.
— Reproduction of the complete series of the "Views of Rome" and selected examples from Piranesi's other work.

+ 144 il.

— F. C. G. (GR 167)

138. HOFMANN, Werner — **L'oeuvre graphique de Georges Braque.** Lausanne, La Guilde du Livre [Cop. 1961].

— Breve análise à obra gráfica de Braque. Elementos biográficos. Bibliografia.
— Catálogo da obra original de Braque, indicando data, técnica utilizada, tiragem, medidas, editor.
— 70 il.
— F. C. G. (GR 144)

139. HOFSTATTER, Hans H. — **Peinture, gravure et dessin contemporains.** Paris, Albin Michel, [Cop. 1972]. (L'Art dans le Monde).

— As três manifestações estudadas em conjunto. Do realismo, arte nova, fauvismo, expressionismo, orfismo, futurismo, pintura naive. O cubismo, dadaismo, surrealismo, Op'art, arte cinética, Pop'art.
— 153 il.
— F. C. G. (P 1546)

140. HOLLSTEIN, F. W. H. — **Dutch and flemish etching engravers and woodcuts (ca. 1450-1700).** Amsterdam, Menno Hertzberger, 1949-1969. 19 vol.

— Obra considerada pelo prefaciador como a mais importante do seu género.

— Cada gravura é reproduzida em tamanho reduzido, indicando medidas, colecções onde se encontram e bibliografia atinente. Primeira vez em que são detectadas algumas centenas de artistas menores.

— F. C. G. (GR 212-212r)

141 HOLLSTEIN, F. W. H. — **German engravings etchings and woodcuts. Ca 1400-1700.** Amsterdam, Menno Hertzberger, 1954. 8 vol.

— Descrição sistemática das gravuras em questão, estudadas alfabeticamente pelos autores. Cada gravura é reproduzida com indicação das medidas originais, origem, colecções e bibliografia concernente.

— Os 8 volumes só atingem a letra F (Friederich).

— F. C. G. (GR 166-166f)

142. HOOG, Michel — **La génération de 1900. La peinture et la gravure: Fauvisme et Expressionisme.** "Histoire de l'Art", vol. 4, Paris, Gallimard, [Colof. 1969], (Encyclopèdie de la Pléiade, 28), p. 526-612.

— As convulsões sociais — procura de uma nova arte explorando a violência.

— Características gerais do fauvismo. Matisse, iconografia e temática, gravuras e ilustrações; Derain, a gravura e as ilustrações; o rico temperamento de gravador de Vlaminck; a técnica da gravura em Rouault; Robert e Sónia Delaunay; Suzanne Valadon, Utrillo e Picasso.

— O expressionismo dos países germânicos: Nolde e a sua

obra gravada; Kandinsky, Muller, Jawlensky, Kubin, Kokoschka, etc.

— F. C. G. (AHG 49-c)

143. HUTCHINSON, Jane C. — **The Master of the Housebook.** New York, Collectors Editions, [Cop. 1972].

— Catálogo de toda a obra atribuida ao gravador de nome desconhecido, do séc. XV-XVI, também chamado **Hausbuchmeister.** Aparato crítico.

— Bibliografia sobre o assunto, publicada entre 1786 e 1970.

— 119 il.

F. C. G. (GR 240)

144. HYMANS, Henri — **Lucas Vorsterman. Catalogue raisonné de son oeuvre précédé d'une notice sur la vie et les ouvrages du maître.** Bruxelles, Bruylant-Christophe, 1893.

Introduction — Essai d'une notice biographique de Lucas Vorsterman. Les portraits de Lucas Vorsterman.

Catalogue raisonné de l'oeuvre gravé de Lucas Vorsterman:

— Sujets sacrés: Ancien Testament / Nouveau Testament / Madones, Saintes Familles, Sujets Mistiques / Saints et Saintes.

— Sujets profanes: Sujets de la Fable, de l'Histoire Ancienne, Antiquités / Sujets allègoriques et historiques, thèses, frontispices, armoiries / Sujets familiers, paysages.

— Portraits.

Supplèment

A. Estampes douteuses, revêtues de la signature ou du monogramme de Lucas Vorsterman.

B. Estampe anonyme dont le procédé offre de l'analogie avec celui de Lucas Vorsterman.

C. Estampes faussement attribués à Vorsterman.

Appendice

Pièces justificatives.

Tables

Liste chronologique des oeuvres de L. Vorsterman.

— Liste des oeuvres de Vorsterman rangées dans l'ordre methòdique des sujets

— Liste alphabètique des maîtres d'après lesquels Vorsterman a gravé ses estampes.

— Liste alphabètique des graveurs ayant copié des estampes de Vorsterman.

— Liste alphabètique des éditeurs dont le nom figure sur les estampes de Vorsterman.

— Liste alphabètique des personnages à qui sont dédiés les estampes de Vorsterman.

+ 6 il.

— B. N. L. (BA 493 V)

145. HYMANS, Henri — **Lucas Vorsterman, 1595-1675, et son oeuvre gravé. Catalogue raisonné de l'oeuvre de Lucas Émile Vorsterman, Sénior, graveur flamand.** Réimprèssion. Amsterdam, G. W. Hissink, 1972. (Scripta Artis Monographica, 11).

— Vid. a obra sob o n.º 144, de que esta é a reimpressão.

— F. C. G. (ATG 130)

146. IVINS JR, William M. — **Prints and books. Informal papers.** Reprint ed. New York, Da Capo Press, 1969. (Da Capo Press Series in Graphic Art, 11).

— A Museum Department of Prints.

— Brydenbach's Itinerary.

— Two illustrated editions of the Meditations of Saint Bonaventura.

— Pigonchet's Horae of 1498.

— Hans Weiditz.
— Geofroy Tory.
— Hans Holbein's "Dance of Death".
— Jean Cousin's Book of Perspective.
— The 1838 Paul et Virginie.
— The "Pleasures of Memory": a study in snobbery.
— Woodcuts by Albert Durer.
— Old woodcuts and modern illustrations.
— Illustrated books.
— The Baillie collection of book-plates.
— Van Dyck and Rembrandt in the Print Room.
— Three notes a propos of an etching by Rembrandt.
— Etchings by Canaletto.
— Goya's Caprice.
— Legros, Lepère, and Zorn.
— A note on some old english architectural prints.
— Prints of english landscapes.
— An early book on etching.
— Preparatory note for an exhibition of nineteenth-century etchings and engravings.
— The Master E. S. of 1467.
— Mantegna's "Risen Christ".
— "Literary" Pictures.
— A collection of prints by Albert Durer.
— A note on Cranach and Altdorfer.
— An engraved portrait by Lucas de Leyden.
— Some accessions.
— French prints and drawings of the last hundred years.
— French black and white in the last half century.
— Masterpieces of litography.
— Daumier as a lithographer.
— Daumier — the man of his time.
— "Ornament" and the sources of design in the decorative arts.

— The Ogden Codman Collection.
— Jean Pillement: ornamentiste.
— Decoration from Louis XV to our day.
— Notes on a exhibition of ornament.
— A further note on a exhibition of ornament.
— Character on ornament.
— Ostan's **Vera Perfettione del Disegno**
— Etchings.
— Engravings.
— Illustrated books and relief prints.
+ 42 il.
— F. C. G. (ATG 107)

147. KAINEN, Jacob — **The etchings of Canaletto.** Washington, The Smithsonian Press, 1967.
— Álbum com 30 águas fortes de Canaletto, que o autor considera uma obra-prima do século XVIII.
— Bibliografia sobre Canaletto.
— F. C. G. (GR 150)

148. KITTO, John — **The gallery of scripture engravings, historical and landscape, with descriptions, historical, geographical, and pictorial.** London, Peter Jackson, Late Fisher, Son & Co., s. d. 3 vol.
— Coleção de gravuras de algum modo relacionadas com passos da escritura, e acompanhadas de dois textos: um da Bíblia e outro do autor.
— 192 il.
— B. N. L. (BA 556-58 V)

149. KURT, Willi — **The complete woodcuts of Albrecht Durer.** New ed. New York, Dover Publications, [Cat. Cong. 1963].
— The years of apprenticeship at Nuremberg (1486-1490).
— The years of Traver (1490-1494).
— The first italian journey and the years 1495-1500 at

Nuremberg.

— The life of the Virgin and minor works of the period 1500-1505.

— The classical period of the woodcut (1509-1512).

— Durer's work in the service of the Emperor Maximilian and other works (1512-1518).

— The last works of 1520-1528.

+ 46 il.

— F. C. G. (GR 204 ou 241)

150. LAFUENTE FERRARI, Enrique — **Goya. Gravures et lithographies. Oeuvre complet.** [Paris], Arts et Métiers Graphiques, [Cop. 1961].

— Catálogo analítico da obra gráfica — Os Caprichos (1-84); Os Desastres da Guerra (85-168); A Tauromaquia (169-213); Os Disparates ou Provérbios (216-237); diversos (238-272); Litografias (273-288).

— Toda a obra é reproduzida.

— F. C. G. (GR 193)

151. LARAN, Jean — **L'estampe.** Paris, Presses Universitaires de France, 1959. 2 vol.

I volume

Introduction — L'estampe et foisonnement de l'image / Ses fins sociales. Ses formes diverses. Sa valeur documentaire / L'estampe, object de collection / L'historien ne peut se récuser comme critique / La mèthode historique. Le millieu. L'oeuvre d'art, fait singulier / Les écoles artistiques. Interventionalisme de l'art et de l'estampe. Nécéssité du comparatisme / Préèminence de la date / Avantages d'un plan à plusieurs entrées / Le rôle capital de la technique.

1. **Les premiers bois d'Occident** — Estampe, gravure, bois

/ La taille d'épargne sur bois de fil / Les origines de la gravure / Coup d'oeil sur les xylographies / La mèthode archèologique devant les énigmes / Les auteurs des xylographies / Essais de localisation / Les incunables xylographiques / Les incunables typographiques / La victoire du noir et blanc / La gravure en relief sur métal et la taille blanche.

2. **L'aurore de la taille-douce** — Aperçú technique. Burin, pointe-sèche, eau-forte / Les origines / Premiers ateliers septentrionaux / Le maître des cartes à jouer et le maître E. S. / Schongauer / Quelques maîtres septentrionaux de la fin du XVe siècle / Le Maître de Hausbuch / Au sud des Alpes: Finiguerra et le nielle / Le Quattrocento. Quelques anonymes / Pollagnolo / Mantegna.
3. **Durer et son temps** — La formation de Durer / Les cuivres de Durer / Les bois de Durer / La taille-douce en Italie de Robeta au Parmesan, Marc-Antoine / La taille-douce en Allemagne et en Suisse. Les petits maîtres / La taille-douce en Pays-Bas. Lucas de Leyde / La taille-douce en France. Jean Duvet / Le bois en blanc et noir au XVIe siècle / Le camaieu et le clair-obscur.
4. **L'épanouisement du métier classique** — Graveurs et peintres-graveurs / Réforme ou Renaissance? / L'attraction de l'Italie / Les graveurs de Fontainebleau. La gravure en France dans la seconde moitié du XVIe Siècle / Les Pays Bas et leur rayonement, de Cock et de Bruegel à Goltzius / En Italie: Baroche et Carrache / Autour de Rubens et de Van Dyck. La "couleur" dans le blanch et le noir / En Hollande: Soutman, Suyderhoef et Visscher / En Angleterre: Hollar et Faithorne / Callot et les aquafortistes de sa suite en France au XVIIe siècle / Les débuts du classicisme en France / Nanteuil et ses continuateurs / Edelinck et Audran / Académis-

me et classicisme.

5. **L'eau forte de peintre et Rembrandt** — Le printemps de l'eau forte libre / Les paysagistes / L'exégèse de Rembrandt / La formation de Rembrandt / L'oeuvre de Rembrandt: types e portraits / L'oeuvre de Rembrandt: les nus / L'oeuvre de Rembrandt: les compositions / L'oeuvre de Rembrandt: les paysages / L'art de Rembrandt / L'influence de Rembrandt / Van Ostade et les paysanneries / Les animaliers hollandais / L'eau forte libre en Italie et en France au temps de Salvator Rosa et de Castiglione. Le motyfe.
6. **La gravure au XVIIIe siècle** — Les divers genres de l'estampe au XVIIIe siècle / Teintes et manières / La gravure personnelle.
7. **L'estampe en Chine et au Japon** — L'estampe en Chine / L'estampe au Japon / Les primitifs de l'estampe japonaise; l'estampe de moeurs, l'estampe de thêatre / L'âge d'or de l'estampe japonaise; les artistes et leur clientèle; la technique; estampe chinoise et estampe japonaise; les grands centres à l'époque Tokugawa; les influences occidentales; nouveaux emprunts à l'art occidental / L'estampe au Japon de 1815 à 1868 environ / L'estampe dans le Japon moderne.
8. **Introduction à l'histoire de l'estampe moderne** — Ce qu'on appelle "estampe moderne". Formules de combat / Vers le règne de l'estampe originalle et de l'indépendance / La lutte contre la montre / L'ampleur de la diffusion / Le rôle de l'Angleterre et de la France / Évolution des techniques.
9. **Le burin et l'eau forte au XIX siècle** — Le nèo-classicisme, le trait et la fin du pointillé / Les mezzotintistes anglais / Le burin, de Bervic à Gaillard / Goya / L'eau forte romantique / Le paysage à l'eau forte avant 1850

/ Meryon / la grande offensive des aqua-fortistes / Corot / L'eau forte de reproduction / Whistler et les paysagistes de la fin du XIXe siècle / Degas et les alchimistes. La gravure en couleurs / La pointe sèche et Rodin / Anton de Klinger / Une rentrée du burin original / Graveurs de gueux / Zorn et la gravure-éclair.

10. **La lithographie au XIXe siècle** — La naissance et l'enfance de la lithographie / Aubry-Lecomte et la lithographie de reprodution / Géricault et la lithographie romantique / L'estampe militaire. Charlet et Raffet / Bonington et le paysage pittoresque / Portraits et types romantiques / L'estampe de moeurs et la caricature de Vernet à Decamps / Gavarni / Daumier / Autour de Daumier et de Gavarni / La crise de la lithographie après 1860 / Le renouveau des années 90 / Chromo. Affiche. Lithographie en couleurs / Les humoristes et Toulouse-Lautrec.

11. **Le bois au XIXe siècle** — L'image populaire et la survie du bois de fil / Le bois de bout et ses débuts en Angleterre / Le bois de trait en France dans le livre romantique / Menzel / Les Nazaréens et Rethel / La caricature sur bois. Keene / Le bois de teinte et la taille blanche / Gustave Doré / Morin et Vierge / Le bois de reproduction et Ch. Baude / Lepère et le bois original / Nouvelle vague d'archaisme. Les Prèraphaélites / Le Japonisme. Henri Rivière / Les esthèticiens contre la teinte / La réssurrection du trait et du canif.

12. **L'estampe après 1900** — Nouveau siècle, temps nouveaux? / Les empiètements de la photographie / L'héritage esthètique du XIXe siècle / Surenchères / Quelques indèpendants. Laboureur / La crise de la gravure sur bois / Quelques maîtres de la pointe et du burin.

13. **Tendances de l'estampe contemporaine**

— Bibliographie Générale (muito desenvolvida).

— Index des noms de personnes et de lieux, des termes techniques et des sujets (autêntico diccionário da matétéria, de pp. 273 a 414).

II volume

— Album des planches: 1-420 (blanc et noir)
A-P (couleurs)
Q-X (photographies des techniques d'éxécution)

+ B. N. L. (BA 3196-97 V)

152 LARAN, Jean — **Les estampes.** Paris, P. U. F., 1943. ("Que sais-Je?», 135).

— Edição resumida, da obra referenciada sob o n.° 151.

— B. N. L. (BA 2297 P)

153. LAVALLEYE, Jacques — **Lucas Van Leyden — Peter Bruegel, l'Ancien — Gravures — Oeuvre complet.** S. l., Arts et Métiers Graphiques, [Cop. 1966].

— **Leyde** — Introdução à obra. Um dos maiores gravadodores do séc. XVI. A vida, as relações com Durer. Catálogo das gravuras, todas reproduzidas: Cobre (1-186), madeira (187-255) e madeira a ilustrar livros (256-318).

— **Bruegel** — A única gravura que lhe pode ser atribuida, data de 1556, «Caça ao coelho selvagem». Bruegel desenhava as gravuras na chapa, reservando ao gravador o papel de artesão e não de intérprete. A influência de Jerome Bosch: os monstros. Os motivos: a vida, a paisagem, o homem, o vício, a virtude. Catálogo das gravuras em cobre (1-173).

— Bibliografia.

— F. C. G. (GR 147)

154. LAWRENCE, H. W.; DIGHTON, B. L. — **French line engravings of the late XVIII century.** London, Lawrence and

Jellicoe, 1910. 2 vol.

— Primorosa reprodução de 81 estampas galantes francesas do séc. XVIII, entre as quais o "Le Monument du Costume". Cada estampa é minuciosamente estudada.

— F. C. G. (GR 15-15a)

155. LEBEER, Louis — **Catalogue raisonné des estampes de Bruegel l'ancien.** Bruxelles, Bibliothèque Royale Albert Ier, 1969.

— Catálogo da exposição do 4.º centenário da morte de Bruegel. Conjunto do "Cabinet des Estampes" da Biblioteca. Repensa tudo o que René van Bastelaer deixou escrito sobre o assunto (vid n.º 64).

— Reproduz 95 estampas, indicando a técnica, gravador, medidas, local, descrição.

— F. C. G. (Ca. 1/B — 1969/1)

156. LEBEER, Louis — **La gravure flamande.** "Trésor de l'art flamande du Moyen âge au XVIIIme siècle. Mémorial de l'exposition d'art flaman ancien à Anvers — 1930 — par un groupe de spécialistes", 2. vol. Paris, G. Van Oest, 1932, p. 121-133.

— A dificuldade em organizar uma exposição de gravuras. As questões que se põem ao organizador.

— A exposição em questão — comentários aos gravadores escolhidos.

— 15 il.

— B. N. L. (BA 560 A)

157. LE COMTE, Daniel — **Rembrandt. 1606-1669. Graveur et dessinateur.** Paris, Éditions du Sénevé, [Cop. 1969].

— Catálogo que acompanhou a emissão de televisão "Ombre et Lumière" produzida e difundida pela O. R. T. F..

— Reproduções diversas, levemente comentadas pelo autor.

— F. C. G. (GR 154)

158. LEIRIS, Michel; MOURLOT, Fernand — **Joan Miró, litógrafo.** Barcelona, Ediciones Polígrafa, [Cop. 1972].

— Catálogo das litografias de Miró, nos seus diferentes estados. Litografias isoladas e ilustrações de livros (reprodução integral do livro de Tristan Tzara, "Parler Seul", com as litografias incorporadas).

— 121 il. e 11 litografias originais, especiais para esta edição.

— F. C. G. (GR 239)

159. LEYMARIE, Jean; MELOT, Michel — **Les gravures des impressionistes. Manet, Pissarro, Renoir, Cézanne, Sisley. Oeuvre complet.** Paris, Arts et Métiers Graphiques, [Colof. 1971].

— Não inclui Degas, porque por si próprio ocupará um volume; nem Monet, porque ignorou deliberadamente a gravura. Quanto aos outros: Cézanne e Sisley, foram-no ocasionalmente; Renoir, tardiamente e Manet e Pissarro são os mais significativos.

— **A Société des Aquafortistes,** o editor Cadart, o impressor Delâtre e o gravador Bracquemond — papel no desenvolvimento da arte. O rei D. Carlos, sócio da **Société.**

— Catálogo completo dos 5 autores, com reprodução — Manet (1-92d), Pissarro (1-206), Renoir (1-59), Cézanne (1-9) e Sisley (1-6).

— F. C. G. (GR 238)

160. LIEURE, J. — **La gravure dans de livre et l'ornement.** Paris, G. Vanoest, 1927. (La Gravure en France au XVIe siècle).

— La gravure en France au XVIe siècle. Le livre et l'ornement.

— Notices sur les estampes reproduites.

— Notices biographiques sur les graveurs.

+ 245 il.

— F. C. G. (GR 172)

161. LINDEMANN, Gottfried — **Prints and drawings. A pictorial history.** London, Pall Mall Press [Colof. 1970].

— Introduction.
— The late Middle Age.
— The early Renaissance in Italy.
— The high Renaissance in Italy.
— The Durer period in Germany.
— The great period of Netherlandish Art.
— France in the seventeenth and eighteenth centuries.
— Spain in the seventeenth and eighteenth centuries.
— Germany from the Renaissance to the Modern Period.
— Italy in the seventeenth and eighteenth centuries.
— England and America in the seventeenth and eighteenth centuries.
— France in the nineteenth century.
— Europe in the twentieth century.
— America in the twentieth century.

+ 395 il.

— F. C. G. (ATG 109)

162. LIVRARIA BERTRAND — **Colecção de gravuras da "Chalcographie du Musée du Louvre" — 1500-1943 e de reproduções a cores.** Lisboa, Bertrand, [1945].

— Catálogo da exposição organizada em Maio - Junho de 1945.
— 288 gravuras com o número do Catálogo da Calcografia, e preço de venda ao público em Lisboa.
— B. N. L. (BA 1017[22] P)

163. MAGGS BROS. — **Engraved portraits and decorative subjects. Japanese prints. Engravings by the Old Masters. Original drawings. Engravings of historical and topographical interest.** London, Maggs Bros., 1920. (Catalogs, 392).

— Catálogo de obras à venda na Casa Maggs Bros., com indicação, para cada gravura, do seu estado, autores, medidas, datas, elementos biográficos dos retratados e preço de venda.

— B. N. L. (BA 1037 P)

164. MANTZ, Paul — **Hans Holbein.** Paris, Société Française d'Éditions d'Art, s. d.

— Edição monumental sobre a vida e obra de Holbein.

— Catálogo das pinturas, indicando as que foram gravadas e por quem.

— Reprodução integral do **Elogio da Loucura, Alfabeto da Morte, Simulacros da Morte.**

— Em **hors-texte,** 26 gravuras originais feitas por Courtry, Edouard Lièvre, H. Valentin e H. Lefort, a partir de desenhos de Holbein.

— F. C. G. (E-P 10)

165. MCMULLEN, Roy — **Le monde de Chagall.** [Paris], Gallimard, [Cop. 1969].

— Cap. 6 — Le graveur (p. 102-110).

— Considerado como um dos mais prolíferos e dotados da antiga escola de Paris.

— F. C. G. (P 1036)

166. MEISSNER, Kurt — **Japanese woodblock prints in miniature: the genre of Surinomo.** 2 ed. Tokyo, Charles E. Tuttle, [1971].

1. **History of Surinomo** — Historical background / Woodblock prints older than Surinomo / Distribution of Surinomo and influence of Art Clubs.
2. **Description of the genre** — The subjects of Surinomo designs / The woodblock printing technique / Painting and poetry / Poems on Surinomo / Calendar prints / Signs and seals.

3. **The artists** — The life of a japanese artist / The "Golden Age" / The "Decadent Age" / The Meiji Period.
4. **Collections** — Collecting Surinomo / Notes on Museums and collections.
5. **The Surinomo**

Appendices

1. Era names and dates.
2. Chinese-Japanese 12-Animal cycle.
3. Alphabetical list of Artists.
4. Paper sizes of woodblock prints.
5. Glossary.

\+ Bibliografia.

— 33 il.

— F. C. G. (GR 188)

167. MOURLOT, Fernand — **Picasso lithographe.** [Paris], André Sauret, Éditions du Livre, [Colof. 1970].

— Catálogo da obra litográfica completa de Picasso, reproduzindo 299 litografias, devidamente comentadas.

— F. C. G. (GR 187)

168. MUNZ, Ludwig — **Rembrandt etching's.** London, Phaidon Press, [Cop. 1952]. 2 vol

I vol. — Introduction: Rembrandt's evolution and achievment as etcher.

— The earliest etchings / 1628-1629 / 1630-1632 / 1632-1639 / 1639-1652 / 1653-1665.

— The plates (1-325).

II vol. — A critical catalogue of Rembrandt etchings and the etchings of his school formerly attributed to the master with an essay on Rembrandt's technique and documentary sources (...).

— **Rembrandt's technique** — The etching process / The plates / The laying of the ground and biting / Soft

ground / Stopping-out varnish / Biting/ Rembrandt's tools / Dry point / Rembrandt's different manners of etching / The paper of the etchings / The inking and printing of Rembrandt's etchings / The margin / The history of the plates / Good and bad impressions / Rembrandt's methods of work / The states of an etching / Plates reproducing Rembrandt's preparatory drawing to his etchings / The surviving plates of Rembrandt / The signatures on Rembrandt's etchings / Table of signatures / The most important collections of Rembrandt's etchings.

— **Catalogue of Rembrandt's etchings** — Original etchings by Rembrandt (1-279); The doubtful and rejected etchings (280-395).

\+ Em apêndice, lista de concordância entre este e os anteriores catálogos; extensa bibliografia.

— F. C. G. (GR 123-123a)

169. **Nouveau Testament (Le). Illustré par Rembrandt.** Paris, Éditions L. C. L., [Colof. 1966]. (Les Peintres du Livre).

— Album com passagens do Novo Testamento, ilustrado com 53 águas fortes.

— Primeira vez que se reunem as cenas do Novo Testamento.

— F. C. G. (GR 153)

170. ORANGE, James — **The Chater Collection. Pictures relating to China, Hong-Kong, Macao, 1665-1860; with historical and descriptive letterpress.** London, Thornton Butterworth, [1924].

— **Outline maps** — China / Canton River / Town of Victoria, Hong-Kong.

Section I — Maps of China (1-19).
Section II — Foreign trade in China (1-4).

Section III — Early british diplomatic relations (1-12).
Section IV — China wars (1-58).
Section V — Canton River (1-50).
Section VI — Canton (1-57).
Section VII — Macao (1-43).
Section VIII — Hong-Kong (1-52).
Section IX — Treaty ports of China (1-12).
Section X — Shipping (1-19).
Section XI — North country (1-27).
Section XII — Miscellaneous (1-21).

\+ Cada secção divide-se em introdução, catálogo e ilustrações, as quais não são todas reproduzidas.

B. N. L. (BA 538 A)

171. PAEZ, Elena — **Grabados y dibujos de Goya en la Biblioteca Nacional. Catálogo-guia.** Madrid, Biblioteca Nacional, 1946.

A. Piezas de asunto religioso — Aguafuertes.
B. Copias de cuadros de Velazquez — Aguafuertes (1778).
C. Las series originales (1793-1825).
1. Aguafuertes.
a. Los Caprichos.
b. Los Desastres.
c. La Tauromaquia.
d. Los Disparates.
2. Litografias — Los Toros de Burdeos (1825).
D. Láminas sueltas (1778-1825).
1. Aguafuertes.
2. Litografias.
E. Dibujos.
F. Iconografia de Goya.

\+ F. C. G. (Cat. 1/E — 1946/1).

172. PANOFSKY, Erwin — **The life and art of Albrecht Durer.** 4 ed. Princeton, Princeton University Press, 1955.

— **Chapter V — Reorientation on the graphic arts; the culmination of engraving, 1507/11-1514.**

— Portraits of Charlemagne and Sigismund.
— Clair-obscur. Principle in ilne prints.
— Visionary woodcuts of 1510/11.
— Frontispieces of the "Large books".
— Small Passion and engraved Passion.
— Turning print in 1508.
— Influence of Grunewald?
— The three dry points of 1512.
— Knight, death and devil.
— St. Jerome in his study.
— "Melancolia I".

— **Chapter VI — Durer's activity for Maximilian I; the "Decorative style", 1512/13-1518/19.**

— Eclipse of engraving.
— Emergence of ethcing.
— Climax and end of etching.

+ 325 il.

— F. C. G. (P 839)

173 PASSERON, Roger — **Andrè Masson. Gravures 1924-1972.** [Fribourg], Office du Livre [Colof. 1937].

— **Introduction**

— **Les techniques de la gravure d'Andrè Masson.** — Les techniques utilisées / les outils de sa gravure / La morsure des cuivres / Les imprimeurs choisis par Andrè Masson / Les états dans la gravure d'Andrè Masson / L'importance des tirages / La couleur des encres d'imprimerie / Les papiers de ses gravures / La justification des tirages / La signature des épreuves / Le sort des supports cuivres et pierres.

— **Catalogue des gravures** (1-50)

\+ 53 il., das quais 3 litografias originais

— F. C. G. (GR 242)

171. PASSERON, Roger — **La gravure française au XXe siècle.** Fribourg, Office du Livre [Cop. 1970].

— Les principales techniques de la gravure — La gravure sur bois, la lithografie, le burin, la pointe sèche, l'eau-forte / Le vernis mou / L'acquatinte / La gravure au sucre / La manière noire / La linogravure.

— **Les maîtres de la gravure au XXe siècle** — Auguste Renoir, Aristide Maillot, Paul Signac, Edward Munch, H. de Toulouse Lautrec, Suzanne Valadon, Pierre Bonnard, Ker Xavier Roussel, Edouard Vuillard, Henri Matisse, Maurice Denis, Georges Roualt, Albert Marquet, Jacques Villon, Maurice de Vlaminck, Raoul Dufy, Jean - Emile Laboureur, Jean Frèlaut, Andrè Derain, Pablo Picasso, Georges Braque, Maurice Utrillo, Andrè Dunoyer de Segonzac, Marc Chagall, Ossip Zodkine, Max Ernst, Marcel Gromaire, Joan Miró, Edouard Goerg, Andrè Masson, Salvador Dali, Bernard Lorjon, Alfred Manessier, Antoni Clavé, Michel Ciry, Mario Avati, Lars Bo, Jacques Ramondot, Bernard Buffet.

\+ F. C. G. (GR 156)

175. PAULSON, Ronald — **Hogarth: His life, art, and times.** London, Yale University Press, 1971. 2 vol.

Vol. I

1. The range of possibilities (1697-1720).
   a. Archard Hogarth in London.
   b. A London childhood
   c. The fleet prison.
   d. Apprenticeship.
   e. Early carreer as an engraver.

2. The evolution of a genre (1720-1732).
   f. The presence of Sir James Thornhill.
   g. The "Bad taste of the Town".
   h. **Hudibras.**
   i. The begining of a painter.
   j. Conversation pictures.
   k. **A Harlot's Progress.**
3. Challenge and response (1732-1745).
   l. Patron and public.
   m. Artist and activist.
   n. Comic and sublime history painting — Ways and means — The painting vs. the print.
   o. Portrait Painting.
   p. **Marriage à la Mode.**

Vol. II

4. From Morality to Aesthetics (1745-1754).
   q. Loose ends and beginnings.
   r. Art and charity.
   s. The popular prints.
   t. Art as subject.
   u. Hogart's critics and the Academy.
   v. **The Analysis of Beauty.**
5. The Final decade (1754-1764).
   x. The **Election:** Art and Politics.
   y. The last histories.
   w. Illness, Withdrawal, Writings.
   z. The Exhibitions of 1761 and 1762.
   aa. **The Times.**
   bb. **"Finis".**

+ 543 il.

— F. C. G. (BG 516-516a)

176. PAULSON, Ronald — **Hogarth's Graphic Works.** London, Yale University Press, 1965. 2 vol.

Vol. I — Introduction and catalogue.

Introduction

1. Artist and merchant.
2. Comic History Painter.
   — "Nature" vs. "The Monsters of Heraldry".
   — The components of Hogarth's scenes.
   — The Progresses: "Modern Moral subjects".
   — The Plan of Hogarth's World.
   — Influence.
3. Engraver.
   — The style and technique of Hogarth's Engraving.
   — The engravers who worked with or for Hogarth.
   — The copperplates and editions of Hogarth's prints.
   — The collections of Hogarth's Prints.
   — Hogarth's catalogues and commentaries.
4. Notes on the catalogue of Hogarth's prints.

Catalogue and comentaries

— Prints by Hogarth.
— Prints made after Hogarth's design.
— Prints questionably attributed to Hogarth.

Appendix 1: The "Joseph Sympson, Jr." etchings.
Appendix 2: Untraced prints.

Vol. II — The engravings

— List of plates.
— Prints by Hogarth (1-240).
— A selection of unfinished proofs (241-256).
— Prints made after Hogarth's design (257-294).
— Prints questionably attributed to Hogarth (295-333).

Appendix: A selection from "The Joseph Sympson, Jr" Etchings (334-346).

+ F. C. G. (GR 146-146a)

177. PENNELL, Joseph — **The modern aspect of artistic lito-**

graphy. "Representative Art of our time (...)", edited by Charles Holme. London, "The Studio", 1903, p. 3-10.

— As dificuldades materiais na base do desinteresse dos artistas pela litografia, dado o alto preço da pedra.

— A litografia, o mais individual meio de expressão.

— F. C. G. (EP 27)

178. PONOMARENKO, Lisa; ROSSEL, Andrè — **La gravure sur bois à tràvers 69 incunables et 434 gravures.** [Paris], "Les Yeux Ouverts", [Colof. 1970].

— As reproduções acompanhadas de brevíssimos textos a localisarem a estampa: impressor, editor, gravador, história do livro.

— Reprodução integral da **Grande Paixão** e a **Vida da Viagem** de Durer; no essencial o **Sonho de Poliphile** de Aldo Mannucio e o **best-seller "A nave dos loucos deste mundo.**

— F. C. G. (ATG 141)

179. POPULUS, Bernard — **Claude Gillot (1673-1722). Catalogue de l'oeuvre gravé.** Paris, Maurice Rousseau, 1930. (Publications de la Societé pour l'étude de la gravure française). **Introduction biographique.**

— La famille et l'enfance de Gillot à Langres.

— Gillot chez Jean-Baptiste Corneille.

— Watteau chez Gillot.

— La comèdie italienne.

— Le Lutrin et les fables de La Motte-Gillot et Caylus.

— Gillot acadèmicien — Voyage en Hollande — Compositions religieuses.

— La Baraque de l'Empirique — Les Aprêts du Marché.

— Les tapisseries Bonnier de La Mosson.

— La banqueroute de Law. — Le Ballet des Elements — Dernières années et mort de Gillot.

Catalogue de l'oeuvre gravé de Claude Gillot.

— Estampes inventées par Gillot (1-225).

— Estampes inventées par Gillot et gravées par d'autres artistes (226-500).

— Pièces regetées ou douteuses (1-6).

Appendice

— La famille de Claude Gillot. Tableau généalogique.

— Lettre de Claude Gillot (...).

— Inventaire après décès de Claude Gillot.

Bibliographie

+ 79 il.

— F. C. G. (GR 20)

180. PORTALIES, Roger — **Honoré Fragonard. Sa vie et son oeuvre.** Paris, J. Rotschild, 1889.

— "Iconographie de l'oeuvre de Fragonard" (p. 321-332).

— Obra monumental sobre a vida de Fragonard, em que episodicamente surge a faceta de gravador.

— F. C. G. (P 57)

181. READ, Herbert — **Naum Gabo, Constructions, sculptures, peinture, dessins, gravure.** Neuchatel, Éditions du Griffon [Colof. 1961].

— A obra de gravador de Naum Gabo estudado **paripassu** com as outras manifestações artísticas.

— Reprodução de 6 gravuras.

— F. C. G. (ET 298)

182. RIZZI, Aldo — **The etchings of the Tiépolos.** [London], Phaidon, [Cop. 1971].

Introduction

1. Venice in the eighteenth century.

— The arts.

— Engraving.

2. The etchings of Giambattista Tiepolo.
   — The first prints.
   — The "Scherzi".
   — The "Adoration of the Magi".
   — The "Capricci".
3. The etchings of Giandomenico Tiepolo.
   — The flight into Egypt.
   — Engravings after Gianbattista's paintings.
   — The Heads.
   — Giandomenico's catalogue.
4. Tne etchings of Lorenzo Tiepolo.
5. Historical criticism.

Catalogue

— Giambattista Tiepolo (1-38).
— Giandomenico Tiepolo (39-221).
— Lorenzo Tiepolo (222-231).
— Etchings produced in collaboration, lost, or wrongly attributed (232-258).

\+ 64 il.

— Extensa bibliografia.

— F. C. G. (GR 247)

183. ROBAUT, Alfred — **L'oeuvre complet de Eugène Delacroix. Peintures, dessins, gravures, litographies.** Reprint ed. New York, Da Capo Press, 1969.

— Catálogo cronológico da obra completa de Delacroix.
— Destacam-se 24 gravuras e 109 litografias, minuciosasamente descritas e reproduzidas.

— F. C. G. (P 1044)

184. ROBINSON, B. W. — **Kuniyoshi.** London, Her Magesty' Stationery Office, 1961.

1. Life and work.

— 1798-1814 — Childhood and apprenticeship.
— 1814-1830 — Early struggles.
— 1830-1843 — Maturity.
— 1842-1846 — The early censorship period.
— 1847-1852 — The later censorship period.
— 1852-1861 — Decline.

2. The dating of Kuniyoshi's prints.
— The artist's signature.
— The censor's seals.

Appendix 1 — Kuniyoshi's print series.

Appendix 2 — Kuniyoshi's publishers.

Appendix 3 — Works of Kuniyoshi in the Victoria and Albert Museum.

Appendix 4 — Glossary.

+ 98 il.

— F. C. G. (GR 253)

185. ROGER-MARX, Claude — **French original engravings from Manet to the present time.** Paris, The Hyperion Press, 1939.

1. **The revival of copper engraving circa 1862** —
— Foundation of the Society of the Etchers.
— The engravings of Degas.
— Manet as etcher.
— The landscape engravings of Corot, Jonking, Daubigny, and Thèodore Rousseau.
— Millet, Legros, Ribot, Rodolphe Bresdin.
— Claude Gaillard as engraver.

2. **The revival of lithography about 1862.**
— Cadart's initiative.
— Daumier's last lithographs.
— Manet.
— Corot.
— Fantin-Latour.

— The lithography of Odilon Redon.

3. **The isolation of painter engravers from 1875 to 1890.**

— Felicien Rops.
— Tissot.
— Desboutins.
— The work of Buhot, Zorn and Bernard.
— The dry points of Rodin.
— The etchings of Pissarro, Sisley, and Mary Cassat.

4. **The original print from 1889 to 1914.**

— The foundation of the Society of the Painter Engravers in 1889.
— Some masters of the art of copper engraving: Lepere, Legrand, Helleu.
— A landscape school.
— Engravings on copper by Renoir and Suzanne Valadon.
— The renaissance of lithography in black and white and of coloured lithography.
— The lithographs of Toulouse-Lautrec.
— The portraits by Eugène Carrière.
— The lithographs by Renoir, Gauguin, and Maillol.
— Bonnard, Vuillard, and Denis.
— The litrographs and etchings of Forain.
— The humorists: Willette, Steinlen, Leandre, Jean Veber, Poulbot.
— Bernard Naudin.

5. **Wood engraving from 1860 to 1914.**

— The misdeeds of G. Doré.
— A restorer: Auguste Lepère and the figure.
— Henri Rivière.
— The woodcuts of Gauguin and the younger school.

6. **Original prints from 1914 to the present day.**
   — A revival of the woodcut.
   — Daragues, Galanis, Lespinasse, Aristide Maillol.
7. **Foundation of the independent painter-engravers.**
   — The revival of lithography. Charles Guérin, Dufy, Picasso.
   — The engravings of Georges Roualt.
   — The lithographs of Luc-Albert Moreau and J. L. Boussingault.
   — Revival of the etching.
   — The engravings of Jean Frèlaut.
   — The engravings of Segonzac, J. E. Laboureur. Dufy, Laurencin, Laprade, Picasso.
   — The engravings of Henri Matisse.
   — Some engravers of the parisian school.
   — The last phase of contemporary engraving.

+ 144 il.

— F. C. G. (GR 141)

186. ROGER-MARX, Claude — **La gravure française au XIXe siècle.** Paris, Hypèrion, [Cop. 1939].
   — Tradução francesa dos 5 primeiros capítulos do livro sob o n.º 185.
   — 64 il.
   — B. N. L. (BA 527 A)

187. ROGER-MARX, Claude — **La gravure originale en France, de Manet à nos jours.** Paris, Hypèrion, [Colof. 1937].
   — Tradução francesa do livro sob o n.º 185.
   — 144 il.
   — B. N. L. (BA 528 A)

188. ROSENTHAL, Lèon — **La gravure.** Paris, H. Laurens, 1909. (Manuels d'Histoire de l'Art).

Livre I — Des origines à la fin du XVII siècle.

1. **Les origines** — Définitions sommaires / Le problème des origines. Position vèritable. Complexité / Quelques ancêtres de la gravure sur bois / Rôle social de la gravure naissante. Les xylographies / Le criblé. Premières gravures en creux.
2. **La gravure en Italie jusqu'à la fin du XVII siècle** — Florence. Boticelli et son groupe. Baccio Baldini / Le nord d'Italie. Mantegne et ses èlèves. Les jeux de cartes d'Italie / L'illustration et le bois / Marc Antoine et ses élèves / Les Carrache / Le bois au XVI siècle. Ugo da Carpi et le camaieu / L'eau forte. Parmesan. Les maîtres du XVIIe siècle.
3. **La gravure en Allemagne au XV et XVI siècles** — Le cuivre au XV siècle. Le maître E. S. Martin Schongauer / Le bois au XVe siècle. Wohlgemuth / Le XVIe siècle. Albert Durer / Les illustrateurs de Maximilien / Holbein / Contemporains de Durer: Baldung Grun, Altdorfer, Lucas Cranach / Les petits maîtres. Progrès de l'eau forte / Débuts de la décadence.
4. **Flandres et Pays-Bas jusqu'à la fin du XVIIe siècle** — Le maître de 1480 / Lucas de Leyde / Les praticiens. Goltzius / Les Flandres. Le burin. Les graveurs de Rubens / L'eau forte: Van Dyck / La Hollande. Le burin; Suyderhoef. Visscher / L'eau forte. Les paysagistes. Les animaliers. Les graveurs de marine. Le genre / Rembrandt.
5. **La gravure en France des origines à la fin du XVIIe siècle** — L'illustration du livre à la fin du XVe siècle. Livres populaires. Livres prècieux. Livres d'heures / Le XVIe siècle. La gravure sur bois. Geoffroy Tory. Le Petit Bernard / La gravure sur cuivre. Les italianisants. Jean Duult. L'école de Fontainebleau / L'imagerie po-

pulaire. Placards politiques et religieux / Le XVIIe siècle. Conditions nouvelles de l'art. Première moitié du siècle: l'eau forte. Les dessinateurs: Callot, Abraham Bosse, Israel Silvestre. Les peintres. P. Brèbiette / Les français à Rome. Claude Lorrain / La seconde moitié du siècle: le burin / Le portrait gravé. Mellan. Morin. Robert Nanteuil. Edelinck / La traduction. Gérard Audran. L'illustration. Applications multiples de la gravure.

Livre II — Le dix-huitième siècle.

1. **La gravure en France au XVIIIe siècle.** — Préventions et engouements. Difficultés de l'étude du XVIII / Le portrait gravé. Les graveurs de Rigaud. Les Drevet. Ficquet. A. de Saint-Aubin / Evolution de la technique. Les graveurs de Watteau: Boucher, Laurent Cars / La gravure original. Boucher, Fragonard. G. de Saint-Aubin. Lontherbourg. Les Parrocel / Les estampes / La vignette d'illustration / Applications multiples de la gravure / Éditeurs et amateurs. La vie des artistes / Procédés nouveaux: la manières de crayon. La manière de pastel. Le lavis. L'aquatinte / La gravure en Couleurs. Janinet. Debucourt / La réacion davidienne et le burin. Wille.

2. **La manière noire. La gravure en Angleterre.** Origine de la manière noire. Définition. Discrèdit initial / Premiers essais au Pays-Bas; en Allemagne / La manière noire en France au XVIIIe siècle / L'Angleterre. Coup d'oeil rétrospèctif. Hollar. Faithorne / La manière noire au XVIIe siècle et au début du XVIIIe siècle. S. John Smith / La grande époque. Les graveurs de Reynolds. Marc Ardell et les Irlandais. Th. Watson. R. Earlom. J. R. Smith et ses élèves / La pointillé. Bartolozzi / Le burin. Strange. Woolett / Hogarth.

Livre III — La période contemporaine.

1. **Les précurseurs** — Caractères généraux de la période contemporaine / La Révolution Française et la gravure / Goya / Initiateurs anglais: Gillray, Rowlandson, Blake.
2. **La gravure de traduction en France.** — Le pointillé / Le burin. L'école classique: Bervic. L'évolution: Henriquel-Dupont La libération: Gaillard. Le burin actuel / Les limites du burin / Le lavis / La lithographie / Le bois / L'eau forte. Causes de succès. Tendances complexes. Virtuosité, mondanité. sévèrité. Les spécialistes.
3. **L'estampe originale française** — La lithographie. Son invention. Les débuts. Géricault / Les lithographes romantiques. Delacroix / la vie populaire et la légende napolèonienne. Charlet, Raffet / La caricature. Daumier. Gavarni / La renaissance de l'eau forte. Romantiques et paysagistes / Le plein essor: M. Braquemond, Mèryon, Daubigny / La vogue; tendance complexe / La crise. Buhot. L'eau forte actuelle / Le réveil de la lithographie / Le bois original / La gravure en couleurs.
4. **L'illustration du livre** — Décadence au début du XIXe siècle. La lithographie / La transformation du bois. Les vignettes romantiques / Le bois d'interprétation / L'eau forte / La rénovation du bois et l'illustration contemporaine.
5. **La photographie, les procédés mécaniques et la gravure** — Besoins nouveaux / La science appliqué à la gravure / Les procédés mécaniques. Caractères essentiels. Hèliogravure / Craintes vaines. Définition des domaines / Valeur d'art des procédés mécaniques.
6. **Coup d'oeil hors de France** — Vues générales / L'Angleterre et les États-Unis. La manière noire. L'illustration. Les humoristes. L'eau forte original. Whistler. M. Seymour Haden. La lithographie / La Suisse / La Belgique. Rops / La Hollande. Le burin original. M. Pieter

Dupont. L'eau forte original / L'Allemagne. La gravure d'intérprétation. L'eau forte. La lithographie originale. L'illustration. L'Autriche / Les pays scandinaves. La Suède. M. Zorn. La Norvège. Le Danemark / La Russie. La Finlande. La Pologne. L'Armènie / Les pays latins. L'Espagne. L'Italie.

Appendix — Note sur l'intaille — Définitions sommaires / L'antiquité orientale / La Grèce / Rome / Le Moyen Âge / La Renaissance / La France au XVII et XVIII siècle / La pèriode contemporaine.

\+ Bibliografia especializada muito desenvolvida.

— 174 il.

— B. N. L. (BA 534 V)

139. ROSENTHAL, Leon — **La gravure romantique.** "Le Romantisme et l'Art". Paris, Henri Laurens, 1928, p. 229-249.

— Conferência da série «O Romantismo e a Arte", no centenário dos acontecimentos artísticos de 1827.

— Ao Romantismo deve-se a ressurreição da gravura estagnada depois da influência rígida de David.

— Influência recíproca — o Romantismo vivificou a gravura e vice-versa.

— Esplendor da litografia — Géricault dá-lhe a força que o inventor Senefelder não encontrara.

— O público não apoiou este ressurgimento — é ao próprio Romantismo que a gravura deve a existência. Finda a época romântica, acaba a gravura. Só com Meryon em 1850 se voltará à água forte; e Fantin Latour e Manet voltarão à litografia.

— Saldo positivo para o Romantismo — fermento do futuro, época de fervor, **élan** desinteressado, juventude de espírito.

— F. C. G. (AE 124)

190. ROUIR, Eugène — **La gravure des origines au XVIe siècle.** Paris, Somogy, [Colof. 1917].

— **Introduction** — Techniques de la gravure / Le papier.

— **Le XIV siècle** — Les origines de l'estampe / Les premières estampes / Localisation et datation.

— **Le XV siècle** — La gravure sur bois / Les incunables xylographiques / La gravure en relief sur métal (criblé) / La taille douce / Le livre illustré.

— **Le XVI siècle en Allemagne** — Le graphisme / Les prècurseurs / Albrecht Durer / Le bois gravé et le livre illustré / Les petits maîtres / Décadence de la gravure allemande.

— **Le XVI siècle aux Pays-Bas** — Lucas de Leyde / Les contemporains / Anvers et les provinces du sud / Le livre illustré / Hendrik Goltzius.

— **Le XVI siècle en France** — Le livre illustré / Les preprecurseurs / L'école de Fontainebleau / Les indépendants.

— **Le XVI siècle en Italie** — Marc-Antoine Raimondi et son école / L'eau forte de peintre / Le bois gravé et le camaieu / Le livre illustré.

+ 124 il.

— F. C. G. (GR 244)

191. SALAMON, Ferdinando — **A collector's guide to prints and printmakers from Durer to Picasso.** London, Thames and Hudson, [Cop. 1972].

Introduction

1. Original prints.
2. Printmaking techniques.
3. Complementary terminology.

A short anatomy of printmaking

1. Paper / 2. Water marks / 3. States / 4. Monogrames and

Signatures / 5. Collector's marks / 6. Copies and forgeries / 7. Early prints / 8. Posthumous impressions / 9. Modern prints / 10. Quality / 11. Rarity / 12. Condition / 13. Restoration and conservation / 14. Catalogues raisonnés / 15. Terminology used in sale catalogues.

The world of prints

1. Early appraisals of graphic artists and their prints.
2. Changing monetary values and the fluctuating fortunes of prints.
3. Drawing: a brief survey of values.
4. The last of the great collectors.
5. The big auctions.
6. Notes and digressions.

+ 289 il.

— F. C. G. (GR 205)

192. SANNAZARO, Malaspina di — **Catalogo di una raccolta di stampe antiche.** Milano, Gio. Bernardoni, 1824. 5 vol.

I volume — Discorso preliminare e scuola tedesca.

1. Della varie maniere d'intaglio o d'incisione ad uso di stampe. Itaglio in legno. Incisione in metallo.
2. Cenno storico sull'origine e sui progressi dell'incisione and uso di stampe. Incisioni in legno. Incisioni a chiaroscuro di due sole tavole. Incisioni a chiar-oscuro di tre e piú tavole. Nielli. Incisioni in metallo ad uso di stampe. Stampe ad aqua forte. Maniera detta opus malei. A maniera nera. Stampe a colori. Incisioni ad acqua tinta. Stampe alluminate.
4. Scuola tedesca.

II volume — Scuola italiana.

III volume — Scuola fiamminga

IV volume — Scuola francesa

V volume — Elenco cronologico comparativo degli incisioni

appartenenti alle indicate quattro scuole / Indice generale alfabetico / Indice per materie / Tavole delle cifre o marche figurate appartenenti agli incisioni citati in questo catalogo.

\+ Dentro de cada escola, por técnicas; dentro destas, por datas de autores; aqui, a descrição das suas gravuras por títulos; referências bibliográficas.

— B. N. L. (BA 567-71 P)

193. SCHELLER, Robert W.; BOON, Karel, G. — **The graphic art of Albrecht Durer and the Durer school. An illustrated catalogue** (...). Reissued, with a new introduction. Amsterdam, Vangendt, 1971.

— Catálogo ilustrado. Reprodução integral, indicando medidas, tiragens, variantes, bibliografia, reproduções, vendas, cópias.

— Alberto Durer, a Escola de Durer, Hans Durer (irmão de Albrecht).

— F. C. G. (GR 251)

194. SEDELMEYER, Ch. — **Catalogue des gravures publiées par** (...). Paris, s. ed. 1894.

— Catálogo das gravuras publicadas pelo editor Charles Sedelmeyer — Edições de luxo, tiragens limitadas, chapas destruidas; águas fortes; fotogravuras.

— Reprodução dos exemplares em **hors-texte.** Preços de venda.

— B. N. L. (BA 356 P)

195. STECH, V. V. — **Rembrandt. Etchings and drawings.** London. Paul Hamlyn, [Cap. 1963].

— Album com águas fortes e desenhos. Breve introdução à obra gráfica.

— 55 il.

— F. C. G. (GR 131)

196. SUZUKI, Juzo; OKA, Isaburo — **"The Decadents".** Tokyo, Kodansha International, [Cop. 1969]. (Masterworks of Ukiyo-E).

— The end of an era (Temmei and Kensei — 1781-1801).
— Kunisada (1800-1850).
— Utagawa Kuniyoshi (1800-1850).
— Keisai Eisen (1800-1850).
+ F. C. G. (GR 211)

197. TAILLANDIER, Yvon — **Miró à l'encre. Dessin, gravure sur cuivre, lithographie, gravure sur bois, livre, affiche.** Paris, XXe siècle, [Colof. 1972].

— Cosmogonie de Joan Miró.
— Miró et ses equipes.
— Miró illustrateur ou le nouvel art de lire.
+ Reprodução de 35 gravuras, 25 litografias, 43 ilustrações de livros. Contém 2 litografias originais, especiais para esta edição.
— F. C. G. (P 1633)

198. TOUSSAINT, Manuel — **La litografia en Mexico en el siglo XIX.** 2. ed. Mexico, Biblioteca Nacional, 1934. (Ediciones Facsimilares de la Biblioteca Nacional de Mexico, 1).

— La litografia en Mexico.
— Introduccion de la litografia en Mexico.
— Desarrollo de la litografia en Mexico.
— Casas Editoriales.
— Litografos.
— Litografias de los Estados.
— Periodicos con litografias.
— Calendarias.
+ 60 il.
— B. N. L. (BA 2357 P)

199. TUER, Andrew W. — **Bartolozzi and his works. A biographical and descriptive account of the life and career of Francesco Bartolozzi, R. A.** London, Field & Tuer, s. d. 2 vol.

I volume

— Bartolozzi sketch of his life.
— Bartolozzi's family.
— Analysis of style.
— Bartolozzi's improvements and alterations in copying.
— The Royal Academy diplome.
— The Marloborough Genrs.
— Chathan.
— Benefit tickets.
— Prices paid to Bartolozzi.
— Methods of siging.
— Engraver's imprints altered to that of Bartolozzi.
— Bartolotti.
— Copperplates engraved by Bartolozzi known to be still in existence.
— Increase in value of Bartolozzi's prints.
— Cipriani.
— The Boydells.
— Ryland.
— Angelica Kaufman.
— On the art of engraving.
— On the art of stipple engraving — Its distinctions and methods.
— Painters etching.
— Print restoring, inlaying, splitting and clearing.
— Copper — and steelplate printing.
— Fine art plate printers
— The Printseller's Association.
— Print sales.

— Art auction rooms.
— Value of Bartolozzi's prints, past and present.

II volume

— Collecting print as a hobby, and as a profitable hobby.
— Hints on beginning the collecting of prints.
— Proofs, states and signatures.
— How to judge prints.
— Deceptions with prints.
— Modern reprints from worn-out plates, and how to distinguish.
— Falsely tinted prints, and how to distinguis them.
— Coupon prints.
— Collecting prints for illustration books.
— How to handle prints.
— Framing.
— Approximate estimate of the quantity of the Bartolozzi's work.
— Bartolozzi's pupils: sketches of their lives.
— Bartolozzi's later pupils (portuguese).
— List of stipple engravers of the Bartolozzi school.
— Ana.
— List of the works of Bartolozzi compiled by Andrew W. Tuer, (1-2232).

+ 13 il.

— B. N. L. (Res. 928-29 V)

200. TWYMAN, Michael — **Lithography 1800-1850. The techniques of drawing on stone in England and France and their application in works of topography.** London, Oxford University Press, 1970.

Part One — The first years of lithography 1798-1818.

1. The invention and spread of lithography.
2. Subsequent development in Germany up to 1818.

3. Lithography in England 1801-1818.
4. Lithography in France 1801-1818.

Part Two — The process of lithography and the techniques of drawing in stone.

5. The early literature of lithography.
6. The patent specifications and descriptions prior to the treatises.
7. Treatises prior to Senefelder's.
8. Senefelder's treatise.
9. 1819-1825: the popularization of lithography and the growth of a technique.
10. Improvements and the search for a tonal technique.

Part Three — Topographical lithography in England and France.

11. Introduction.
12. Topography in England and the water colour tradition.
13. English topographical lithography 1818-1830.
14. English topographical lithography 1835-1855.
15. The **Voyages pittoresques et romantiques dans l'Ancienne France.**

Bibliography.

a. Literature on the history and techniques of lithography.
b. Sources for the early history and techniques of lithography.
c. General.

\+ 158 il.

F. C. G. (GR 171)

201. VIATTE, Germain — **La génération de 1890. La peinture et la gravure.** "Histoire dc l'Art", vol. 4, Paris, Gallimard, [Colof. 1969], (Encyclopèdie de la Pléiade, 28), p. 354-445.

— **França:** Pissarro, Seurat. A contestação social e os cartazes de rua: da caricatura ao **affiche.** Uma arte pa-

risiense: a litografia.

— Toulouse Lautrec — a renovação da litografia a cores, a criação de um estilo pelo **affiche.**

— Paul Gauguin — a primeira estadia no Tahiti e a renovação da gravura em madeira.

— Edouard Vuillard — o papel da estampa de côr.

— Ker-Xavier Roussel — o decorador e o litógrafo.

— **Inglaterra:** Renovação da ilustração e do **affiche** — — Beardsley e W. Nicholson.

— **América:** Um visionário solitário — Ryder.

— **Bélgica e Países-Baixos:** Octave Maus e o Grupo dos XX. A obra gravada de James Enson.

— **Escandinávia:** Munch.

— **Finlândia e Rússia:** Kallella e Wroubel.

— **Suissa e Itália:** Hodler e Segantini.

— **Alemanha e Europa Central:** Klimt. A arte nova e o mundo ocidental.

— F. C. G. (AHG 49c)

202. WALDBERG, Patrick — **Marino Marini. L'oeuvre complet.** Paris, XXe Siècle, [Colof. 1970].

— Catálogo geral das litografias (1941-1969) e das gravuras (1914-1969).

— Exposições organizadas: museus onde está representado.

— Introdução à obra em geral, que inclui escultura e pintura.

F. C. G. (ET 351)

203. WECSSLER, Herman J. — **Appendix and glossary.** New York, Da Capo Press, 1970. (Le Peintre Graveur illustré, 32).

— Cronologia de todos os artistas tratados na colecção "Le Peintre Graveur illustré».

— Glossário em inglês, espanhol e alemão muito comple-

to. Lista de abreviaturas.

— Reprodução de uma série de estampas da **Encyclopèdie** de Diderot, ilustrando a maneira de abrir gravuras em talhe-doce, água forte, à maneira negra e a **lavis.**

— F. C. G. (GR 237)

204. WHITE, Christopher — **Durer. The artist and his drawings.** [London], Phaidon, [Cop. 1971].

— Reprodução de 106 desenhos e estampas de Durer, comentados com data, medidas, proveniência, técnica utilizada. Obras em que Durer se inspirou.

— F. C. G. (GR 215)

205. WHITE, Christopher — **Rembrandt as an etcher. A study of the artist at work.** London, A. Zwemmer Ltd, 1969. 2 vol.

I volume

1. Introduction / 2. Technique / 3. Illustration Part I / 4. Illustration Part II / 5. Portraiture / 6. Genre / 7. Nude / 8. Landscape / 9. Conclusion.

II volume

Illustrations (348 etchings)

+ F. C. G. (GR 152-152a)

206. WHITE, Christopher; BOON, Karel G. — **Rembrandt's etchings. An illustrated critical catalogue.** Amsterdam, Van Gendt, [Cop. 1969]. 2 vol.

I volume

— Catalogue according to Bartsch.
— Prints not mencioned by Bartsch.
— Prints attributed to Rembrandt.
— Prints by Rembrandt only known in later states, reworked by a pupil.
— Prints by unknown pupils of Rembrandt.
— Prints by unknown pupils of Rembrandt (mentioned by

Bartsch II, Elèves).

— Prints by unknown pupils of Rembrandt (not mencioned by Bartsh II, Êleves)

— Index to references.

— Concordance between Hind's and Bartsch's numbers.

— Concordance between Munz's and Bartsch's numbers.

— Concordance between Biorklund's and Bartsch's numbers.

II volume

Illustrations.

+ F. C. G. (GR 173-173a)

207. WILMERDINC, John — **Winslow Homer.** New York, Praeger Publishers, [Cop. 1972].

1. A man with large ideas.
2. Painting what is seen and known.
3. A fresh eye and wholesome independance
4. A stern poetry of feeling.
5. Impressive and solemn landscapes.

+ 208 il.

F. C. G. (P 673)

208. WOLFLIN, Heinrich — **The art of Albrecht Durer.** [London], Phaidon, [Cop. 1971].

— Introduction.

— Biographical outline.

— Background and beginings.

— The Apocalypse.

— The Large Passion.

— The Life of the Virgin.

— The early engravings.

— The early paintings and watercolours.

— Italy and the great paintings.

— The new graphic style: the Smaller Passions.

— The master engravings and related works.

— Late Gothic and Renaissance; the works for the Emperor Maximilien.
— The journey to the Netherlands and the last works.
— General remarks on style.
— The problem of beauty.

+ 128 il.

— F. C. G. (P 1386)

209. YRIARTE, Charles — **Goya. Sa biographie. Les fresques, les toiles, les tapisseries, les eaux-fortes et le catalogue de l'oeuvre avec cinquante planches inèdites.** Paris, Henri Plon, 1867.

— Cap. IX (p. 102-123) — **Les eaux-fortes.**
— 7 il.

— F. C. G. (P 12)

210. ZERNER, Henri — **École de Fontainebleau. Gravures.** [Paris], Arts et Mètiers Graphiques, [Colof. 1969].

— Les estampes.
— Les graveurs — Le Maître L. D., Jean Mignon.
— Les graveurs originaux — Geoffroy Dumoutier, Léonard Limosin, Le supposé Juste de **Juste.**
— Les burinistes — Pierre Milan, Domenico del Barbiere.

+ 238 il.

— F. C. G. (GR 194)

211. ZIGROSSER, Carl — **The book of fine prints. An anthology of printed pictures and introduction to the study of graphic art in the West and East.** Revised ed. New York, Crown Publishers [Cop. 1948].

1. **Introduction** — Meaning and scope of "Prints" / Graphic arts / The art of the people / Techniques; the woodcut; woondengraving; wood blocks; Chiaroscuro; Intaglio; Engraving; Etching; Aquatints; Mezzotints; Drypoint; Lithography, Stencils; Silk screen / Meaning of "Ori-

ginal".

2. **The end of gothic** — Effect of the decline of the feudal system and the rise of the meddle class / Playng cards / Religious pictures; Art in the home / Block-books / Woodcut books / Horae; Books of Hours / Danses Macabres / Ilustrations in scientific books / Copper plates and other metal engravings / The Master of the playing cards / The Goldsmith, Master E. S. / Martin Schongauer / Van Meckenem and other masters / Ornament prints / The Gothic development.

3. **The Renaissance** — Germany: Durer and his works / The origin of etching; Van Leyden / Urs Graf / Holbein / Baldung / The Little Masters / Weiditz / Altdorfer / The Italians / The fine manner / The broad manner / Tarocchi cards / Mantegna / Pollaiuolo / Campagnola / Marcantonio and Raphael / da Carpi / Florentine School / Bruegel / Duvet.

4. **Seventeeth century** — The baroque / Rubens / van Dick / Hollar / Goltzius / Callot / Claude Gellés / Seghers / Rembrandt and his etchings / The dutch school / The french school of portraits engraving / Bosse / Morin / The origin of print collections.

5. **Eighteenth century** — Watteau / Boucher / Fragonard / Origin of art criticism / Moreau-le-Jeune / Chardin / St. Aubin / The Mariette Collection / Invention of aquatint / Stipple and crayon / The invention of mezzotint / Reynolds / Gainsborough / Hogarth / The Copyright Act / Tiepolo / Piranesi.

6. **Nineteenth century** — Goya and his works / Rowlandson / Sporting prints / Redouté / Flower prints / Audubon / Invention of lithography / Color lithography / Daumier and his works / Delacroix / Corot / Turner / Constable and Lucas / Bewick and white line engra-

ving / Blake / Relief etching / Meryon / Redon / Haden / Whistler / Manet / Dègas / Gauguin / Toulouse-Lautrec / Mechanichal process and the revolution in the print-making / Photography / Hill / Atjet / Stieglitz.

7. **Twentieth century** — Modern art / Abstraction / Distortion / Hayter / Surrealism / English / French / Matisse / Roualt / Picasso / Expressionism / Chagall / Mexican / U. S. A. / Modern Lithography / Wood engraving / Silk screen or serigraph.

8. **China and Japan** —

Part I — The siy essentials / The invention of woodcuts / Stome rubbings / Wu Tao Tzu-Su Tung P'o / Confucianism, Taoism, Budhism and their influence / Distinctive conventions / The Ben Bamboo Print Collection / The Mustard See Garden.

Part II — Ukiyo-ye / Standards of print quality / Hishikawa Moronobu / Torri Kiyonobu and his school / Kiyomasu / Kuaigetsudo / Masanobu / Brocade pictures / Harunobu / Shunsho / Kiyonaga / Sharaku / Utamaro / Toyokumi / Hokusai / Hiroshige.

+ 555 il.

— F. C. G. (GR 137)

C. D. U. 016:76 (469) (091)

IV PARTE

HISTÓRIA DA GRAVURA EM PORTUGAL

212. **Álbum comemorativo da Exposição de Estampas Antigas sobre Portugal por artistas estrangeiros dos séculos XVI a XIX.** [Lisboa, "Circulo Dr. José de Figueiredo, 1946].

— Gravura artística (história e processos).
— Gravura sobre madeira.
— Gravura a traço ou a buril.
— Gravura a ponteado.
— Gravura a água forte.
— Gravura a ponta seca.
— Gravura a "Mezzotinto".
— Gravura a águatinta.
— Litografia.
— Gravura à maneira de craião.
— Gravura à maneira de pastel.
— Processos mistos.
— Relação das estampas que figuraram na Exposição (1-475).
— Livros e outras publicações ilustradas (1-39).

\+ B. N. L. (BA 613 A)

213. **Álbum de gravuras. Prémio da Sociedade Promotora das Belas Artes em Portugal. 7.º Anno.** S. l., s. ed. 1868.

— 12 estampas abertas em madeira por **Pedrozo** e impressas por **Lallament Frères.**

— F. C. G. (E-GR 12)

214. AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de — **Uma gravura que consagra dois intelectuais do século XVIII.** Vila do Conde, s. ed. 1958.

Sep. "Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris", 8.

— Estudo de uma rara gravura de D. Sancho de Faro, 3.º Conde de Vimioso, pintado por Sir Martin Archer Shee e gravado por Thomas Cheesman.

— B. N. L. (HG 20624 V)

215. BRITO, Fernando Tomás de — **Gravuras extrahidas do li-**

vro "**Vida e Milagres de Santo António de Lisboa**". Lisboa, Depósito Geral, 1894.

— Reprodução de 30 gravuras abertas por **Pastor**, relativas à vida do Santo.

— B. N. L. (BA 2447-^{6} P)

216. BRUM, José Zephyrino de Menezes — **Estampas gravadas por Guilherme Francisco Lourenço Debrie.** Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1908.

Sep. "Annaes da Biblioteca Nacional", 28.

1. Estampas diversas (1-15).
2. Retratos (16-50).
3. Cabeções de páginas (51-198).
4. Vinhetas (199-209).
5. Vinhetas finaes (210-258).
6. Letras capitais (259-353).

+ F. C. G. (Cat. 1/BR — 1908/1)

217 CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA — **Lisboa na gravura de madeira. Exposição. Subsídios para a história da gravura em Portugal no século XIX.** Lisboa, ed. aut., 1949.

1. Gravuras (1-218).
2. Retratos de alguns desenhadores e gravadores, autores das obras expostas (219-232).
3. Vária (233-245).
4. Notas biográficas dos desenhadores e gravadores representados na exposição.
5. Bibliografia. Subsídios para o estudo da gravura de madeira em Portugal no século XIX.
6. Estampas (reproduz 24).

+ 24 il.

— B. N. L. (BA 2289)

218. **Catálogo da exposição de gravuras antigas de famosos**

mestres dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII. Lisboa, s. ed., 1948.

— Exposição organizada por Luis Reis Santos, com 120 gravuras.

— Reprodução de 8, com dimensões, inscrição, subscrição, referências.

— B. N. L. (BA 2338-[4] P)

219. CHAVES, Luis — **Registos de Santos. Catálogo com um estudo preambular e notas, da colecção de "registos" de Aníbal Fernandes Tomás, hoje no Museu Etnológico Português,** Imprensa Nacional, 1925.

Sep. "O Archeólogo Português".

1. **Significado etnográfico dos registos** — Culto dos Santos; peregrinações de Roma e Jerusalém; romarias e círios; significação do termo "registado"; caracteres e uso de "registo"; as imagens populares dos santos; bibliografia / Os plebeismos dos "registos" / Comparação de factos congéneres estrangeiros.
2. **Significado artístico dos "registos"** — A história da arte em Portugal; seu estudo presente / A gravura portuguesa; influências estranhas; o "registo" artístico; elementos de história da arte / Litografia, fotogravura; côr dos "registos".

Catálogo —

Parte I — Catálogo pelo nome dos Santos.
Parte II — Catálogo pelo nome dos autores.
Parte III — Lista dos lugares, editores, fabricantes. oficinas.

+ 16 il.

— B. N. L. (BA 1552 V)

220. CHAVES, Luis — **Subsídios para a história da gravura em Portugal.** Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927. (Subsídios para a história da Arte Portuguesa, 24).

Parte I

1. A gravura e a Imprensa.
2. A Academia Real da História.
3. Colecções de gravuras.

Parte II

1. Lista de alguns gravadores.
2. Escolas de desenho e gravura.

Parte III

1. Significado dos "Registos de Santos".
2. Romarias internacionais.
3. A evolução dos "Registos".
4. Gravura de um "Registo de Santo" com um retrato de D. João V.
5. A degeneração dos desenhos e gravuras dos mestres.
6. "Registos" ex-votos.
7. Gravadores de "Registos" em madeira e metal.
8. Litógrafos de «Registos».
9. Editores, fabricantes, oficinas de "Registos de Santos".

+ 12 il.

— B. N. L. (BA 1595 V)

221. COSTA, João Carlos Rodrigues da — **João Baptista gravador português do século XVII (1628-1680). Contribuição para a história da gravura em Portugal.** Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. (Subsídios para a História da Arte Portuguesa, 19).

— A origem do presente estudo; o aparecimento de uma chapa de João Baptista em Roma, em 1914; seu valor para a história de Elvas. A gravura do tempo de João Baptista.

— A investigação inicial e seus resultados — Ideia a origem e evolução da gravura a buril em Portugal. A gravura nos séculos XVII e seguintes. A escola de Ma-

fra e a do Arco do Cego; a da Imprensa Régia.

— A investigação no Arquivo da Casa da Moeda — Os **abridores de armas.**

— A investigação nas Bibliotecas Públicas — Relação de gravuras de João Baptista (1-24).

— O gravador "Joam bautista" e suas obras conhecidas. O livro e a gravura. Os primeiros livros com gravuras em Portugal. O **Panorama** e o **Archivo Popular,** o **Archivo Pittoresco.** João Pedroso. O **Occidente,** etc....

— Sobre o gravador flamengo Rod. Stoop.

+ A gravura na Escola de Belas Artes de Lisboa.

+ 23 il.

B. N. L. (BA 1903 V)

222 COSTA, João Carlos Rodrigues da — **Relação de gravadores portugueses em metal, dos séculos XVI e XVII.** Lisboa, Academia das Sciências, 1916. Sep. "Bol. Bibliogr. da Ac. das Sciên. de Lisboa, 1.ª Série", 2 (1).

— Complemento à "Lista d'alguns artistas..." do Cardeal Saraiva (vid. n.º 246) e à "Gravura em Portugal" de Sousa Viterbo (vid. n.º 257).

— Relação de 17 gravadores, com descrição das estampas a eles atribuidas.

— B. N. L. (BA 900-11 P)

223. COSTA, Luis Xavier da — **Francisco Vieira Lusitano, poeta e abridor de águas fortes.** Lisboa, s. ed., 1926.

— Lusitano águafortista — as suas obras mais significativas. As estampas com assinatura: ex-libris, registos, ilustrações...

— Os discípulos — António Joaquim Padrão. Manuel Joaquim de Mendonça.

— O artista e o poeta autor de "O Insigne Pintor e Leal Esposo".

— 4 il.

— B. N. L. (BA 1883 V)

224. COSTA; Luis Xavier da — **Mais abridores de estampas no século XVII.** Lisboa, s. ed. 1933.

Sep. "Revista de Arquelogia", Lisboa I (5) 1933.

— Noticia de 4 abridores desconhecidos: Pedro da Silva, André Velho, Cristiano Lobo e Francisco de Évora. As estampas conhecidas.

— B. N. L. (BA 814-[10])

225. COSTA, Luis Xavier da — **A obra litográfica de Domingos António de Sequeira com um esboço histórico dos inícios da litografia em Portugal.** Lisboa, "Arqueologia e História", Lisboa, 4.

1. Características da arte litográfica.
2. Ensaios realizados por Sequeira em Lisboa antes do exílio de 1823. Notícias sobre os apetrechos que possuía. Parece que estes lhe haviam sido enviados de Paris por Mouzinho de Albuquerque.
3. Provas conhecidas dos mencionados ensaios, as quais devem ser consideradas como os incunábulos da litografia em Portugal.
4. Inícios e expansão do invento de Senefelder na Europa, especialmente em Espanha. Goya litógrafo. Alguns elementos históricos a ponderar no estudo da introdução do processo na Península Ibérica.
5. Primeiras notícias impressas em português sobre litografia. Remessa dos apetrechos necessários para Lisboa, dirigidos a Sequeira. Iniciativa oficial para o estabelecimento da arte em Portugal: o ministro do reino Araújo e Castro e as Constituintes de 1822. O governo absoluto de 1823 e a criação, em 1824, da "Officina Regia Lithographica" de Lisboa.

6. Primeiros trabalhos datados saídos desta. Reinado de D. João VI. Regência de D. Isabel Maria. Regência e reinado de D. Miguel. Incorporação do estabelecimento na Academia de Belas Artes de Lisboa no reinado de D. Maria II.

7. Outras oficinas litográficas primitivamente estabelecidas na capital. As litografias "de Santos", "de Manuel Luz", "da Accademia Real das Sciencias", e "da Imprensa Nacional".

8. Primeiras estampas litografadas executadas no Porto por J. B. Ribeiro. Notícias sobre uma "Regia Officina" portuense. A "Lithografia de Ribeiro". Impressão em Lisboa de produções dos litógrafos do norte. Oficina e trabalhos de J. C. V. Villanova. Os trabalhos de Forrester.

9. Continuação do movimento litográfico em Lisboa. Artistas que usaram do processo. Ayres de Saldanha e Sendim, discípulos, provavelmente colaboradores e depois continuadores de Sequeira nos seus ensaios, assinam as primeiras produções da "Regia Officina Lithografica". O pintor, exilado em Paris, faz a crítica dos trabalhos realizados na Pátria.

10. Estabelecimento e expansão da litografia em França, desde 1815 a 1825. Oficinas estabelecidas naquele país. Os grandes artistas dedicam-se ao processo, que toma na arte francesa um lugar preponderante. Senefelder em Paris. Pouca sorte do inventor.

11. Influência do meio parisiense sobre o êxito dos trabalhos litográficos originais produzidos por Sequeira no exílio. Resenha histórica e crítica de várias produções.

12. Sequeira, saindo de Paris para Roma, deixa de trabalhar em litografia. A implantação tardia e deficiente do

processo em Itália, com a indiferença do meio artístico, o qual preferia a gravura em cobre, explicam aquele abandono por parte do pintor português.

13. Estampas litográficas de Sequeira executadas em Paris por Giann. Resenha histórica e crítica de várias produções.
14. Desenhos originais de Sequeira para as estampas litográficas. Enumeração de algumas que existem nas colecções.
15. Estampas litográficas executadas em Paris por um discípulo de Sequeira, sob a direcção deste.

\+ 18 il.

— F. C. G. (P 208b)

226. **Estudos de Machado de Castro para a Estátua Equestre de D. José I.** Lisboa, Câmara Municipal, 1938.

— Reprodução de um album de desenhos do Museu das Janelas Verdes, com estudos sobre a estátua.

— B. N. L. (BA 2194-[9] P)

227. FEIO, Alberto — **Um artista minhoto.** Braga, [Instituto Minhoto de Estudos Regionais], 1946.

Sep. "Minia", 1.

— Novos elementos biográficos sobre José Vicente de Sales, desenhador, gravador, pintor, restaurador, litógrafo e fotógrafo.

— Complemento ao trabalho de Vasco Valente, "Augusto Belvedere", sob o n.º 255.

— F. C. G. (P 278b)

228. FERRÃO, Julieta — **Vieira Lusitano.** [Lisboa], Artis, [Colof. 1956]. (Nova Colecção de Arte Portuguesa).

— Vieira Lusitano, pintor e gravador do século XVIII. Breve resenha da sua vida.

— Album com reproduções, das quais 2 gravuras.

— Bibliografia especializada, com 112 verbetes.

— B. N. L. (HG 7946 A)

229. FREITAS, Lima de — **Seis serigrafias. Edição comemorativa do IV Centenário da publicação de OS LUSÍADAS de Luís de Camões.** [Lisboa], Artis, [1927].

— Pasta com 6 serigrafias inspiradas em textos dos Lusíadas, sem texto.

— F. C. G. (E-GR 15)

230. INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL — **Livros ingleses do século XIX com estampas a cores. Gravuras e litografias coloridas inglesas do século XIX com motivos portugueses.** S. l. Ed. do aut., 1963.

— Catálogo da exposição organizada a 14-28 Novembro de 1963.

— 68 livros com ilustrações e 35 estampas.

— B. N. L. (B 4342 V)

231. LIMA, Henrique de Campos Ferreira — **Caetano Alberto Nunes de Almeida. Gravador, pintor e miniaturista.** Guimarães, "Revista de Guimarães", 1945.

Sep. "Revista de Guimarães", 55 (1-2).

— Novos elementos sobre a vida deste gravador.

— B. N. L. (BA 1601-[1] V)

232. LIMA, Henrique de Campos Ferreira — **O Conde Palatino António Jacinto Xavier Cabral. Calígrafo e gravador. (Com um esboço histórico ácerca das Belas Artes Plásticas em Portugal, de 1820 a 1823).** Coimbra, "Revista da Universidade de Coimbra", 1940.

Sep. "Revista da Universidade de Coimbra", 46, 1940.

— Biografia e documentos inéditos sobre Xavier Cabral.

— Os gravadores que trabalharam em Portugal entre 1820 e 1823.

— B. N. L. (HG 17567 V)

233. LIMA, Henrique de Campos Ferreira — **Retratos litografados de artistas líricos dos teatros de S. Carlos de Lisboa e de S. João do Porto (1.ª Série).** Guimarães, "Revista de Guimarães", 1942. (Subsídios para a História da Litografia em Portugal).

Sep. "Revista de Guimarães", (4) 1941.

— Complemento ao artigo de Pedro Vitorino, **Retratos de Artistas Líricos.** in "Revista de Guimarães", (3-4) 1940.

— Retratos agrupados pelo autor da litografia com notícia do litógrafo e do cantor, (1-40).

— B. N. L. (BA 457-7 P)

234. LIMA, J. M. da Costa — **Lisboa em xilogravura.** Lisboa, Brotéria, 1949.

Sep. "Brotéria" 49 (6) Dez. 1949.

— Comentário a uma exposição organizada pela Câmara Municipal.

— A inexistência de gravura de madeira nos primórdios da arte em Portugal.

— A influência positiva de J. Pedroso Gomes da Silva, no século XIX.

— A acção de Manuel Bordalo Pinheiro.

— B. N. L. (BA 2293-9 V)

235. MADAHIL. António Gomes da Rocha — **Trajos e costumes populares portugueses do séc. XIX, em litografias de Joubert, Macphail e Palhares.** [Lisboa].

— À rapidez e economia do processo litográfico, se deve a divulgação dos trajos e costumes populares.

— Importância dessas litografias para o recenseamento e estudo dos antigos trajos populares e regionais do continente e ilhas. Daí o interesse de catalogá-las com o máximo rigor.

— Litografias de Jorge Bekkerster Joubert (1-24), de João Macphail (1-48) e de João Lopes Palhares (1-175).

— 48 il.

— F. C. G. (ETF 167)

236. MONIZ, Egas — **História das Cartas de Jogar.** Lisboa, Ática, 1942.

— História geral das cartas de jogar.

— A manufactura das cartas de jogar em Portugal.

— O belo baralho português.

— Baralhos especiais.

+ 171 il.

— B. N. L. (SA 13417 V)

237. MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS — **Exposição de estampas antigas. Gravuras e litografias.** Porto, ed. do aut., 1944.

— Catálogo da exposição de estampas gravadas e litografadas, por artistas estrangeiros dos sécs. XVI a XIX — personagens, aspectos, plantas, costumes e episódios históricos portugueses.

— 482 estampas, indicando inscrição, subscrição, medidas, técnica, colecção original; 39 livros e outras publicações ilustradas.

— Reproduz quasi todas as estampas.

B. N. L. (1001-^{13} P)

238. PASSOS, Carlos de — **Vieira Portuense.** Porto, Portucalense Editora, 1953.

— Cap. IV — Gravuras (p. 93-94)

— Só se conhecem duas gravuras de Vieira Portuense. Referência a quadros dele, gravados por Bartolozzi.

— F. C. G. (P 248)

239. PEDROSO, J. — **A gravura de madeira em Portugal. Estudos em todas as especialidades e diversos estylos.** Lis-

boa, Empreza-Horas Românticas, 1872.

— Série de 26 gravuras em madeira, todas de J. Pedroso, exemplificando a maneira de representar uma estátua, um quadro, um desenho, e outras variantes.

— B. N. L. (BA 506 V)

240. PEREIRA, J. Camacho — **Colecção de gravuras portuguesas.** [Porto], ed. do aut., [Colof. 1946-1950]. 6 vol.

— Todos os volumes reproduzem 60 estampas, comentadas com descrição e origem.

— I Porto e Douro; II Lisboa; III País Sul; IV País Norte; V Ilha da Madeira; VI Além-Mar.

— B. N. L. (BA 885-889 A)

241 PEREIRA, J. Camacho — **Tempos Idos. Algarve.** Lisboa, Rotep, [Colof. 1972].

— Pasta com 48 estampas do Algarve. Reproduções de originais em metal, madeira e litografias.

— F. C. G. (GR 250)

242. PIMENTA, Belisário — **Albino Caetano da Silva Pinto, gravador em madeira (1859-1928).** Guimarães, "Revista de Guimarães", 1949.

Sep. "Revista de Guimarães", 69 (3-4).

— Breve biografia de Silva Pinto.

— Catálogo das 89 gravuras conhecidas, indicando título, medidas, origem, impressor.

— B. N. L. (BA 2293[11] V)

243. RAMOS, Manuel — **Gravuras de Camilo na Imprensa Nacional.** Lisboa, Imprensa Nacional, [1925].

— Edição reproduzindo as gravuras de Camilo existentes nos Arquivos da Imprensa Nacional.

— B. N. L. (L 6147-[9] A)

244. **Reprodução de vinte e quatro ex-libris portugueses anti-**

gos. Lisboa, Arquivo Nacional de Ex-Libris, 1927. 2 vol.

— Reproduz em cada volume, 24 ex-libris, gravados em metal, sem texto.

— F. C. G. (ATG 31e/31f)

245. RIBEIRO, Mário de Sampayo — **Iconografia Goesiana. A gravura de Filipe Galle e o desenho da "Albertina".** Porto, [Câmara Municipal], 1958.

Sep. "Boletim Cultural" 21 (1-2).

— Na sequência do livro **Processo e história de uma atoarda — O retrato de Damião de Góis por Alberto Durer,** publicado 14 anos antes, o autor apresenta novos elementos e prova que o retratado da colecção "Albertina", seja ou não pintado por Durer (e não deve ter sido), não é Damião de Góis, pelo estudo comparativo com a gravura de Filipe Galle, que representa Góis.

— 6 il.

— B. N. L. (HQ 21016 V)

246. S. LUIS, D. Fr. Francisco de — **Lista de alguns artistas portugueses.** Lisboa, Imprensa Nacional, 1835.

Sep. "O Recreic — Jornal das Famílias".

— Relação de gravadores menos conhecidos na época, em número de 49, indicando as gravuras abertas.

— Conferir verbete n.º 222.

— B. N. L. (BA 902-12 P)

247. SILVA, Armando Carneiro da — **Estampas Coimbrãs.** Coimbra, Câmara Municipal, s. d. (IX Centenário da Reconquista Cristã de Coimbra). 2 vol. + 2 pastas.

— Catálogo de 342 estampas relativas a Coimbra — indicação da subscrição, inscrição, processo, medidas, local da edição.

— Originais em madeira, cobre, xilogravura, água-forte, mezzotinto.

— 58 il. em **hors-texte** nas pastas.

— F. C. G. (GR 203-203a)

248. SILVA, José Pires da — **Gravura rara da Rainha Santa Isabel.** Coimbra, Biblioteca Municipal, 1956.
Sep. "Arquivo Coimbrão', 14.

— Estuda a gravura da Rainha publicada nos "Diálogos de Vária História" de Pedro de Mariz, a partir do exemplar da Biblioteca Pública de Évora, único em que a gravura subsiste.

— 2 il.

— B. N. L. (BA 2726 V)

249. SOARES, Ernesto — **A evolução da gravura de madeira em Portugal. Séculos XV a XIX.** Lisboa, [Câmara Municipal], 1951.

— Da evolução da arte de gravar em madeira.

— Das vidas dos artistas.

— Das obras dos artistas.

+ 50 il. em **horst-texte,** a partir das chapas originais.

— F. C. G. (GR 59)

250. SOARES, Ernesto — **Francisco Bartolozzi e os seus discípulos em Portugal.** Gaia, Edições Apolino, 1930.

— A arte de gravar em Portugal antes da chegada de Bartolozzi nos fins do séc. XVIII.

— O contrato com Bartolozzi; a chegada a Portugal.

— Métodos utilizados por ele e pelos discípulos — o ponteado, a água-forte.

— A vida em Lisboa; a estampagem.

— Relação das estampas de Bartolozzi — Alegorias (1-8), assuntos históricos (9-10), ex-libris (11-15), assuntos religiosos (16-28) e retratos (29-44).

— Relação dos discípulos e suas estampas — António Maria de Oliveira Monteiro (45-46), Domingos José da Sil-

va (47-65), Francisco Tomás de Almeida (66-79), João Vicente Priaz (80-89), José Maria de Barros (90-94), Theodoro António de Lima (95-108), Romão Elói de Almeida (109-119).

— F. C. G. (GR 71)

251. SOARES, Ernesto — **A Gravura artística sobre metal (Síntese histórica).** Lisboa, s. ed. 1933.

Sep. "Arquivo Histórico de Portugal".

— Relação de 529 estampas — notícia biográfica dos autores. Transcrição das legendas e inscrições, subscrição e dimensões.

— B. N. L. (BA 317 V)

252. SOARES, Ernesto — **José Vicente Sales, pintor, desenhador e gravador.** Braga "Bracara Augusta", 1954.

— Complemento à obra de Vasco Valente, **Augusto Belvedere,** e de Alberto Feio, **Um artista Minhoto** (n.º 227).

— Pequena achega, contando uma visita que o rei D. Carlos fez à casa do gravador, quando já tinha 87 anos.

— F. C. G. (P 278c)

253. SOARES, Ernesto; MARTA, Cardoso — **Desenhadores e gravadores.** Série I. Lisboa, Archivo Nacional de Ex-Libris, 1929.

— Alguns dos gravadores que fizeram ex-libris em Portugal — António Joaquim Padrão, François Harrewyn (1700-1764), Juan Schorckens ou Schorquens, Francesco Bartolozzi.

— F. C. G. (ATG 31b)

254. SOUSA, Alberto — **Gravura popular.** Coimbra. Imprensa da Universidade, 1915.

Sep. "Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal", 1 (2).

— As casas de venda de estampas.

— Os registos de Santos.

— Gravadores populares.

+ B. N. L. (BA 1645-[4] V)

255. VALENTE, Vasco — **Augusto Belvedere. Pintor, miniaturista, gravador e litógrafo. Sua identificação.** Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1943.

Sep. "MVSEV", 2, 1943.

— Identifica A. Belvedere com José Vicente de Sales. Usou daquele falso nome, por causa da política, uma vez que era miguelista.

— Trajectória do autor depois de Évora Monte.

— Identificação de algumas obras.

— Conferir verbetes n.º 227, 252.

— F. C. G. (P 278)

256. VASCONCELOS, A. Tibúrcio de — **Colecção de estampas e índice de gravadores.** Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, [1931].

— Catálogo da colecção organizada por Martins Sarmento.

— Gravuras (1-1572), litografias (1-253). Organizado pelos autores.

— 5 il.

— B. N. L. (BA 1933 P)

257. VITERBO, F. M. de Sousa — **A gravura em Portugal. Breves apontamentos para a sua história.** Lisboa, "Real Associação dos Architectos Civis e Archeológos Portugueses", 1909.

Sep. "Bol. da Real Ass. dos Arch. Civis e Arch. Port.", 4.ª Série, Lisboa, 11 (1), p. 598-614.

— Os primeiros tipógrafos e o uso que fizeram da gravura; a gravura como decoração de livros.

— Jerónimo Luis, Luis Palma, António Pinto.

— Artistas sedeados em Espanha e que trabalharam em

Portugal, no séc. XVII: João Schorquens, João de Combes, Pedro Berret, João Noort, Pedro de Vila Franca de Malajon, Lucas Vosterman Jr., Thomaz Dudley, J. P. Massili.

— Conferir verbete n.º 222.

258. VITERBO, F. M. de Sousa — **Notícia de alguns pintores portugueses e de outros que, sendo estrangeiros exerceram a sua arte em Portugal.** Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1903.

Sep. "Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa", Nova Série, Classe de Sciencias Moraes, 10 (1)

— Dicionário biográfico e artístico de 145 pintores, muitos deles com obra gravada.

— B. N. L. (BA 477 A)

259. VITORINO, Pedro — **Litografias de João Baptista Ribeiro.** Guimarães, s. ed. 1940.

— Os primórdios da arte no Porto — João B. Ribeiro, difundidor da arte litográfica.

— A sua produção, a sua oficina, os seus discípulos.

— B. N. L. (BA 1940-[11] V)

260. VITORINO, Pedro — **José Teixeira Barreto artista portuense (1763-1810).** Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. (Subsídios para a História da arte portuguesa, 18).

1. Barreto e os historiadores.
2. Referências biográficas.
3. A colecção de Tibães.
4. A obra do artista, pintor e gravador.
5. A aula da Academia de Marinha.
6. Raimundo Joaquim da Costa.
7. Retratos de Barreto.

\+ 12 il.

— F. C. G. (P 213)

INDICE DOS AUTORES

ADHÉMAR, Jean 56
ALEXANDRIAN, Sarane 57
ALMELA-MELIÁ; Juan 21
AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de 214
BAILLY-HERZBERG, Janine 59
BAILY, J. T. Herbert 60
BARTSCH, Adam 1
BASAN, F. 62
BASLER, Adolphe 63
BASTELAER, René van 64, 65
BAYARD, Émile 22
BEDETTI, Alessandro 23
BÉNÉZIT, E. 2
BERNETY, Antoine-Joseph 3
BERSIER, Jean E. 24
BERTRAND, Gérard 66
BINYON, Laurence 67
BIORKLUND, George 68
BLANC, Charles 25
BLUM, André 26
BOISSAIS, Maurice 4
BONNARDOT, A. 27
BOON, Karel G. 69, 193, 206
BOSSE, Abraham 28, 29
BOUCHOT, Henri 9, 30
BOUCARD, Gustave 5, 6

BRIQUET, C. M. 31
BRITO, Fernando Tomás de 215
BROWN, G. Baldwin 71
BRUM, José Zeferino de Menezes 216
BURGESS, Fred W. 32
BURKE, Joseph 72
CAILLER, Pierre 73
CALDWELL, Colin 72
CHAVES, Luis 219, 220
CHENEVIÈRES, Henry de 75
CIRANNA, Alfonso 76
CISARI, Giulio 34
CONWAY, William Martin 77
COOPER, Douglas 78
COSTA, João Carlos Rodrigues da 221, 222
COSTA, Luis Xavier da 223, 224, 225
COTELLE, Jean 79
COURBOIN, François 80, 81, 82
DACIER, Émile 83
DAHL, Svend 84
DAULTE, François 85
DELABORDE, Henri 35, 86
DELEN, A. J. J. 36
DELEPLANQUE, Jacques 4
DELTEIL, Loys 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105
DEMMIN, Auguste 8
DIDOT, Ambroise Firmin 106
DIEHL, Gaston 107
DIGHTON, B. L. 154
DIMIER, Louis 108
DODGSON, Campbell 109, 110
DORIVAL, Bernard 111, 112, 113
DUPLESSIS, Georges 9, 33, 114, 115, 116
DUTUIT, Eugène 10
EKHOLM, Gunar 117
ESTEVE BOTEY, Francisco 37
FAITHORNE, William 38
FAURE, Elie 118

FEIO, Alberto 227
FERRÃO, Julieta 228
FOCILLON, Henri 119
FREITAS, Lima de 229
GASSER, Étiennette 120
GASSIER, Pierre 121
GAUTIER, Thèophile 122
GEISER, Bernhard 123
GILPIN, William 124
GODEFROY, Louie 125
GONSE, Louis 126
GRAY, Basil 129
GROSS, Anthony 39
GUILLOT, Gaetan 130
HAMILTON, Sinclair 131
HARRIS, Jean C. 132
HARRISSE, Henry 133
HAYTER, S. W. 134
HIATT, Charles 135
HIND, Arthur M. 136, 137
HOFMANN, Werner 138
HOFSTATTER, Hans H. 139
HOLLSTEIN, F. W. H. 140, 141
HOOG, Michel 142
HUGHES, Therle 40
HUTCHINSON, Jane C. 143
HYMANS, Henri 144, 145
IVINS JR., William M. 146
KAINEN, Jacob 147
KITTO, John 148
KUNSTLER, Charles 63
KURT, Willi 149
LAFUENTE - FERRARI, Enrique 150
LAIRESSE, Gérard de 41
LARAN, Jean 151, 152
LAVALLEYE, Jacques 153
LAWRENCE, H. W. 154
LEBEER, Louis 155, 156
LE COMTE, Daniel 157
LEIGHTON, Clare 42
LEIRIS, Michel 158

LEYMARIE, Jean 159
LIEURE, J. 43, 160
LIMA, Henrique de Campos Ferreira 17, 231, 232, 233
LIMA, J. M. da Costa 234
LINDEMANN, Gottfried 161
LINDLEY, Kenneth 44
LOCHE, Renée 45
LOO, Georges H. de 65
LOSTALOT, Alfred de 46
MACHADO, Cirilo Volkmar 11
MADAHIL, António Gomes da Rocha 235
MANTZ, Paul 164
MCMULLEN, Roy 165
MEISSNER, Kurt 166
MELOT, Michel 159
MÈRY, Abbé 12
MONIZ, Egas 236
MONROCQ, Léon 48
MOURLOT, Fernand 158, 167
MUNZ, Ludwig 168
OKA, Isaburo 196
ORANGE, James 170
PAEZ, Elena 171
PANOFSKY, Erwin 172
PAPILLON, J. M. 49
PASSERON, Roger 173, 174
PASSOS, Carlos de 239
PAULSON, Ronald 175, 176
PEDROSO, J. 239
PENNELL, Joseph 177
PEREIRA, J. Camacho 240, 241
PETERDI, Gabor 50
PIMENTA, Belisário 242
PONOMARENKO, Lisa 178
POPELIN, Claude 122
POPULUS, Bernard 179
PORTALIS, Roger 13, 180
RACZYNSKI, A. 14
RAMOS, Manuel 243

READ, Herbert 181
RIBEIRO, Mário de Sampayo ... 245
RIS-PAQUOT 51
RIZZI, Aldo 182
ROBAUT, Alfred 183
ROBERTSON, Ronald G. 52
ROBINSON, B. W. 184
RODRIGUES, Francisco de Assis 15
ROGER-MARX, Claude 185, 186. 187
ROSENTHAL, Lèon 188, 189
ROUIR, Eugène 53, 190
ROUX, Marcel 82
RUSSEL, Andrè 178
SALAMON, Ferdinando 191
SANNAZARO, Malaspina di 192
S. LUIS, D. Frei Francisco de ... 246
SCHELLER, Robert W. 193
SEDELMEYER, Ch. 194
SENEFELDER, Alois 54
SILVA, Armando Carneiro da ... 247
SILVA, Inocêncio Francisco da ... 16
SILVA, José Pires da 248
SLATER, J. Herbert 55
SOARES, Ernesto 17, 18, 249, 250, 251, 252, 253
SOUSA, Alberto 254
STECH, V. V. 195
SUZUKI, Juzo 196
TABORDA, José da Cunha 19
TAILLANDIER, Yvon 197
TOUSSAINT, Manuel 198
TUER, Andrew W. 199
TWYMAN, Michael 200
VALENTE, Vasco 253
VASCONCELOS, A. Tibúrcio de ... 256
VIATTE, Germain 201
VITERBO, F. M. de Sousa 257, 258
VITORINO, Pedro 260
WALDBERG, Patrick 202
WATELET, Claude Henri 20
WECHSLER, Herman J. 203

WHITE, Christopher 204, 205, 206
WILMERDINC, John 207
WILSON, Juliet 121
WOLFFLIN, Heirich 208
YRIARTE, Charles 209
ZERNER, Henri 210
ZIGROSSER, Carl 211

INDICE DE COLECÇÕES

Art dans le Monde (L') 139
Bibliothèque de l'enseignement des Beaux-Arts 30, 35, 46
Book-Lover's Library (The) 47
Chefs d'oeuvre de l'art du XIX siècle (Les) 126
Collecion Bibliografica 37
Da Capo Press Series in Graphic Art 38, 54, 67, 109, 136, 146
Encyclopèdie de la Pléiade 107, 111, 112, 113, 120, 142, 201
Gravure en France au XVIe siècle (La) 160
Gravure en France au XVIIIe siècle (la) 83
Gravures célèbres de la Bibliothèque de l'Université Royale d'Upsala 117
Guides du Collectionneur 9
Guides pratiques de l'amateur et du collectioneur 22
"How to do it" Series 42
Library of English Art (The) 129
Manuales de Tecnica de la Investigacion de la Historia y Ciências Afines 21

Manuali Hoepli 34
Manuels d'Histoire d'Art 188
Masterworks of Ukiyo-E 196
Mètiers d'Art (Les) 45
Peintre-Graveur illustré (Le) 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96 97, 98, 99, 100, 101 102, 104, 105, 125, 203
Peintres du Livre (Les) 118, 122, 169
Peintres et Sculpteurs 63
Publications de la Societé pour l'étude de la gravure française ... 179
"Que Sais-Je?" 152
Scripta Artis Monographica 145
Septième Face du Dé (La) 57
Signe de l'Art (Le) 66
Subsídios para a História da Arte em Portugal 11, 220, 221, 260
Subsídios para a História da Literatura em Portugal 233
Techniques et Histoire des Arts ... 24
"Valeurs-Refuges" 53

INDICE DE GENERALIDADES

Acidulação das pedras 30, 37, 43, 45, 54, 134
Affiche 56, 63, 82, 151, 201
Bibliografias 4, 16, 21, 27, 37, 39, 47, 50, 55, 56, 59, 60, 77, 80, 81, 82, 83, 106, 114, 116, 123, 132, 136, 137, 138, 143, 147, 151, 152, 166, 168, 179, 182, 192, 193, 199, 200, 217
Calcografia do Louvre 75, 162
Camiliana 243
Carieatura 56
Cartas de Jogar 24, 26, 35, 53, 82, 106, 188, 211, 236
Catálogos de exposições 33, 53, 59, 155, 156, 157, 162, 212, 217, 218 229, 234, 237
Catálogos descritivos de gravuras 5, 6, 49, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 110, 115, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 145 147, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 164, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 176, 178, 179, 182, 183, 184, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 206, 216, 219, 222, 224, 233, 235, 240, 241, 243, 244, 246, 247, 250, 251, 256
Colecção de gravuras (Como organizar) 5, 32, 40, 51, 52, 53, 55, 82, 116, 124, 134, 151, 166, 199

Comerciantes de gravuras 5, 31, 34, 36, 39, 51, 53, 55, 80, 81, 134, 194

Comerciantes de material 39

Conservação de gravuras 21, 22, 27, 32, **51**, 53, 55, 82, 191

Cubismo 56, 66, 111, 139

Dadaísmo 56, 139

Diccionários de gravadores 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 22, 48, 51, 55, 59

Escola de Belas Artes de Lisboa 221, 225

Escola de Fontainebleau 81, 116, 151, 188, 190, **210**

Escola de Mafra 221

Escola de Paris 56

Estados da gravura 36, 50, 51, 71, 168, 173, 191

Estampagem 37

Ex-libris 82, 184, 244, 253, 84

Expressionismo 56, 139

Fauvismo 56, 139, 142

Filigrana 8, 26, **31**, 37, 53, 68, 191

Futurismo 56, 111, 139

Gravuras antigas (Como reconhecer) 22, 51, **53**, 55, 58, **124**, 134, 191

Gravuras de reprodução 22, 27, 39, 45, 47, 53, 124, 129, 151, 191

Gravuras desportivas 32, 129, 211

Gravuras infantis 50

Humoristas 63, 151, 185

Iconografia 16, 17, 171

Ilustração de livros 4, 13, 24, 26, 32, 36, 37, 47, 56, 63, 66, 67, 81, 82, 84, 106, 108, 116, 129, 131, 146, 160, 188, 190, 197, 201, 211, 237, 257

Impressão 30, 37, 39, 42, 43, 45, 48, 49, 53, 54, 116, 134

Impressão póstuma 191, 199
Impressores 5, 24, 31, 32, 37, 38, 48, 106, 134, 173
Incunábulos xilográficos 10, 24, 26, 36, 49, 81, 84, 106, 151, 188, 190
Leilões de gravuras 5, 53, 81, 191
Léxico técnico 53, 55, 191
Litografias portuguesas 221, 225
Material para gravar 49, 50, 54
Molhar o papel (Como) **29**, 50
Monogramas 7, 8, 9, 22, 23, 32, 48, 49, 106, 166, 168, 173, 191, 192, 199
Montagem de gravuras 5, 30, **51**, 53, 55, 199
Mordentes 39, 50, 173
Original 22, 45, 53, 63, 68, 124, 134, 151, 188, 191, 211
Paisagistas 24, 30, 151
Papel **24**, **26**, 30, **31**, 37, 39, 45, 48, 52, 68, 82, 106, 130, 134, 166, 168, 173, 190, 191
Pintor-gravador **1**, 35, 56, 59, 63, 129, 151
Registos de Santos **219**, 220, 254
Regras técnicas 12, 19, 28, 41, 42, 45, 46, 48, 50, 54, 191
Restauradores de estampas 5, 51, 185
Rstauro **21**, **27**, 32, **51**, 53, 55, 62, 82, 191
Retratistas 30, 116, 114, 151
Société des Aquafortistes (La) ... 24, 50, 159, 185
Société Française de Gravure (La) 126
Subscrição (1) 36
Surrealismo 56, 139
Tingir a chapa (Como) **29**, 38, 50
Tinta 24, 30, 37, 45, 48

(1) — Inclui-se na Subscrição as definições de **Delineavit, Excudebat, Excudit, Invenit, Pinxit, Sculpsit.**

Tiragm 24, 30, 37, 45, 48, 50, 173
Vendas de gravuras 5, 53, 55, 60,162, 163, 194
Vernis (Como obter) 29, 37, 38, 50
Vinhetas 81, 84, 106, 116, 188, 216

INDICE DIDASCALICO

About prints 134
Albino Caetano da Silva Pinto gravador em madeira 242
Albrecht Durer. Engravings and etchings 109
Album comemorativo da exposição de estampas antigas sobre Portugal por artistas estrangeiros dos séculos XVI a XIX 212
Album de gravuras 213
Alcuni incisori monogrammisti italiani e stranieri dei secoli XV e XVI (Di) 23
Andrea Mantegna, l'oeuvre du maître. Tableaux, gravures sur cuivre 58
André Masson, gravures 1924-1972 173
Appendix and glossary 203
Art de reconnaître les gravures anciennes (L') 22
Artista minhoto (Um) 227
Art of Albrecht Durer (The) 208
Art of graveing and etching (The) 38
Arts en Portugal (Les) 14
Augusto Belvedere. Pintor, miniaturista, gravador e litógrafo. Sua identificação 255
Bartolozzi and his works 199
Bartolozzi and other stipple engravers working in England at the end of the eighteenth century 61
Besnard 125
Book of the fine prints (The) 211
Caetano Alberto Nunes de Almeida. Gravador, pintor e miniaturista 231
Carrière 87
Catálogo da exposição de gravuras antigas de famosos mestres dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII ... 218
Catalogo di una raccolta di stampe antiche 192
Catalogue de l'exposition de gravures anciennes et modernes 33
Catalogue des estampes gravées d'après P. P. Rubens avec une méthode pour blanchir les estampes (...) 62
Catalogue des gravures de Claude Mellan (...) 117
Catalogue des gravures publiées par Sedelmeyer ... 194
Catalogue des pointes-sèches d'Helleu 74
Catalogue of Rembrandt's etchings (A) 136
Catalogue reaisoné de l'oeuvre gravé de Abram Krol 73

Catalogue raisoné des estampes de Bruegel l'ancien ... 155
Chater Collection (The) 170
Claude Gillot (1673-1722). Catalogue (...) 179
Colecção de gravuras da "Chalcographie du Musée du Louvre" — 1500-1943 e de reproduções a cores ... 162
Colecção de gravuras portuguesas 240
Colecção de estampas e índice de gravadores 256
Colecção de memórias relativas às vidas dos pintores e escultores, architectos e gravadores portugueses e dos estrangeiros que estiverão em Portugal ... 11
Collector's guide to prints and prinmakers from Durer to Picasso (A) 191
Complete course of lithography (A) 54
Complete woodcuts of Albrecht Durer (The) 149
Conde Palatino António Jacinto Xavier Cabral (0) 232
Contemporary printmaking in Japan 52
Corot 88
Cubisme (Le). La peinture et la gravure 111
Daubigny 89
Daumier 90
Dacadents (The) 196
Degas 91
Département des estampes à la Bibliothèque Nationale (Le) 86
Désastres de la Guerre (Les) 118
Desenhadores e gravadores 253
Dessinateurs d'illustrations au XVIII siècle (Les) ... 13
Dessin et la gravure modernes en France (Le) 63
Diccionario Bibliographico Portuguez 16
Dicionário de Iconografia Portuguesa 17
Dicionário technico e histórico de pintura, esculptura, architectura e gravura 15
Dictionary of painters and engravers 7
Dictionnaire critique et documentaire des peintres, sculpteurs, dessinateurs et graveurs (...) 2
Dictionnaire des arts de peinture. sculpture et gravure 20
Dictionnaire des marques et monogrammes de graveurs 9
Dictionnaire portatif de peinture, sculpture et gravure 3
Durer. The artist and his drawings 204
Dutch and flemish engravers and woodcuts (ca. 1450-

-1700) 140
Early american books illustrators and wood engravers (...) 131
Eau-forte de peintre au dix-neuvième siècle (l'). La Societé des Aquafortistes 1862-1867 59
Eaux-fortes de Antoine Van Dyck 115
École de Fontainebleau. Gravures 210
Edouard Manet graphic works 132
Encyclopèdie historique, archeologique, biographique, chronologique et monogrammatique (...) 8
English print (The) 129
Engraved designs of William Blake (The) 67
Engraved portraits and decorative subjects. Japanese prints. Engravings by the old masters (...) 163
Engravings and their value. A guide for the print collector 55
Essai sur l'art de restaurer les estampes (...) 27
Essai sur les gravures 124
Essai typographique et bibliographique sur l'histoire de la gravure sur bois (...) 106
Estampas Coimbrãs 247
Estampas gravadas por Guilherme Francisco Lourenço Debrie 216
Estampe (L') 151
Estampe française (L'). Graveurs et marchands 80
Estampes (Les) 152
Estampes de Peter Bruegel l'ancien (Les) 64
Estampes du dix-huitième siècle (Les). École française 6
Estampe, valeurs de placement (L') 53
Estudos de Machado de Castro para a Estâtua Equestre (...) 226
Etching, engraving and intaglio printing 39
Etchings of Canaletto (The) 147
Etchings of the Tièpolos (The) 182
Evolução da gravura de madeira em Portugal (A) ... 249
Exhibition of modern british mezzotints 70
Exposição de estampas antigas — gravuras e litografias 237
Filigranes (Les). Dictionnaire historique des marques (...) 31
Francesco Bartolozzi, R. A. 60

F ancisco Bartolozzi e os seus discípulos em Portugal 250
Francisco Vieira Lusitano, poeta e abridor de águas-fortes 123
Frélaut 92
French line engravings of the late XVIII century ... 154
French original engravings from Manet to the present time 185
Gallery of the Scripture engravings (The) 148
Génération de 1848 (La). La peinture et la gravure ... 112
Génération de 1890 (La). La peinture et la gravure ... 201
Génération de 1900. (La). La peinture et la gravure 142
Génération de l'entre les deux guerres (La). La peinture et la gravure: L'expressionisme 120
Génération du Second Empire (La). La peinture et la grav. 113
Générations nouvelles (Les). La peinture et la gravure 107
Gericault 93
German engraving etchings and woodcuts. Ca. 1400-1700 141
Giorgio de Chirico. Catalogo delle opere grafiche (...) 76
Giovanni Battista Piranesi 137
Goya 94
Goya. Gravures et lithographies 150
Goya. Sa biographie 209
Grabado en la ilustracion del libro (El) 37
Grabados y dibujos de Goya en la Biblioteca Nacional 171
Grammaire des arts du dessein 25
Grande livre des peintres (Le) 41
Graphic art of Albrecht Durer and the Durer school (The) 193
Graphic designers aux Etats-Unis 127
Graphic designers en Europe 128
Gravura artística sobre metal (A) 251
Gravura de madeira em Portugal (A) 239
Gravura em Portugal (A) 257
Gravura popular 254
Gravura que consagra dois intelectuais ... (Uma) ... 214
Gravura rara da Rainha Santa Isabel 248
Gravuras de Camilo na Imprensa Nacional de Lisboa 243
Gravuras extrahidas do livro "Vida e Milagres de

Santo António de Lisboa" 215
Gravure (La) 108
Gravure (La) 188
Gravure dans le livre et l'ornement (La) 160
Gravure de genre et de moeurs (La) 83
Gravure de portrait en France (De la) 114
Gravures des impressionistes (Les) 159
Gravures des origines au XVIe siècle (La) 190
Gravure en France des origines à 1900 (La) 81
Gravure flamande (La) 156
Gravure française au XIXe siècle (La) .....
Gravure française au XXe siècle (La) .....
Gravure française (La). Essai de bibliographie 82
Gravure (La). Les Procédés. L'histoire 24
Gravure originale au XXe siècle (La) 56
Gravure originale en France, de Manet à nos jours (La) 187
Gravure (La). Précis elementaires, de ses origines, de ses procédés et de son histoire 35
Gravure romantique (La) 189
Gravure sur bois à travers 69 incunables et 434 gravures 178
Guide pratique du restaurateur (...) 51
Hans Holbein 164
Henri de Toulouse-Lautrec 78
Histoire de la gravure dans les ancines Pays-Bas et dans les provinces belges des origines jusqu'à là lin du XVI e siècle 36
Histoire de la gravure en Italie, en Espagne, en Allemagne, dans les Pays-Bas, en Angleterre et en France (...) 116
Histoire du livre de l'antiquité à nos Jours 84
Historia da gravura artística em Portugal 18
História das cartas de jogar 236
Hogarth. Gravures 72
Hogarth: His life, art and times 175
Hogarth's graphic works 176
Honoré Fragonard. Sa vie et son oeuvre 180
Huet 95
Iconografia goesiana. A gravura de Filipe Galle e o desenho da "Albertina" 245
Illustration de la poèsie à l'époque du cubisme (L') ... 66

Ingres. Delacroix 96
Japanese woodblock prints in miniature: the genre of Surinomo 166
Joan Miró. Litógrafo 158
João Baptista, gravador português do século XVII ... 221
José Teixeira Barreto artista portuense (1763-1810) 260
José Vicente Sales, pintor, desenhador e gravador ... 252
Kuniyoshi 184
Leheutre 97
Life and art of Albrecht Durer (The) 172
Lisboa em xilogravura 234
Lisboa na gravura de madeira 217
Lista de alguns artistas portugueses 246
Lithographie (La) 30
Lithographie (La) 45
Lithographie artistique et ses diverses techniques (La) 43
Lithography 1800-1850. The techniques of drawing on stone in England and France (...) 200
Litografia en Mexico en el siglo XIX (La) 198
Litografias de João Baptista Ribeiro 259
Livre à gravures au XVIII siècle (Le) 4
Livre de huit feuilles oú sont representées plusieurs aventures de l'Histoire de Venus 79
Livros ingleses do século XIX com estampas a cores. Gravura e litografias coloridas inglesas do século XIX com motivos portugueses 230
L.-L. Boilly. Peintre, dessinateurs et lithographe 133
Lucas van Leyden. Peter Bruegel, l'Ancien 153
Lucas Vorsterman. Catalogue raisoné de son oeuvre (...) 144
Lucas Vorsterman, 1595-1675, et son oeuvre gravé 145
Mais abridores portugueses de estampas no séc. XVII 224
Maitres de l'estampe 119
Man Ray 57
Manual de reparación y conservación de libros, estampas y manuscritos 21
Manuel de l'amateur d'estampes 10
Manuel pratique de lithographie sur zinc 48
Marino Marini. L'oeuvre complet 202
Master of the Housebook (The) 143

Meryon 98
Millet. Rousseau. Dupré. Jongkind 99
Miró à l'encre. Dessin, gravure sur cuivre, lithographie, gravure sur bois, livre, affiche 197
Modern aspect of artistic lithography (The) 177
Modern aspect of woodengraving (The) 135
Modern methods of illustrating books 47
Moines prècurseurs de Gutenberg (Les) 130
Monde de Chagall (Le) 165
Moyen universel de pratiquer la perspective (...) 28
Naum Gabo 181
Noticia de alguns pintores portugueses e de outros que, sendo estrangeiros exerceram a sua arte em Portugal 258
Nouveau Testament (Le). Illustré par Rembrandt ... 169
Obra litográfica de Domingos António de Sequeira, com um esboço histórico dos inícios da litografia em Portugal 225
Oeuvre complet de Eugène Delacroix (L') 183
Oeuvre graphique de Georges Braque (L') 138
Oeuvre gravé de Picasso (L') 123
Oeuvre lithographique de Roland Oudot (L') 85
Old prints and engravings 32
Origines du papier de l'imprimerie et de la gravure (Les) 26
Peintre graveur (Le) 1
Peinture, gravure et dessin contemporains 139
Peter Bruegel l'ancien. Sou oeuvre et son temps 65
Petit inventaire illustré de la Chalchographie du Musée National du Louvre 75
Picasso lithographe 167
Pissarro. Sisley. Renoir 100
Printmaking. Methods old and new 50
Prints and books. Informal papers 146
Prints and drawings. A pictorial history 162
Prints for the collector. British prints from 1500 to 1900 40
Prints in the dotted manner and other metal-cuts of the XV century in the department of prints and drawings 110

Procédés de la gravure (Les) 46
Raffaeli 101
Registos de Santos. Catálogo (...) 219
Regras da arte de pintura (...) 19
Relação de gravadores portugueses em metal, dos séculos XVI e XVII 222
Rembrandt as an etcher 205
Rembrandt. A study of his life and work 71
Rembrandt. Etchings and drawings 195
Rembrandt. Gravures. Oeuvre complet 69
Rembrandt. 1606-1669. Graveur et dessinateur 157
Rembrandt etchings 168
Rmbrandt's etchings 206
Rembrandt's etchings. True and false 68
Reprodução de vinte e quatro ex-libris portugueses (...) 244
Retratos litografados de artistas líricos dos teatros de S. Carlos de Lisboa e de S. João do Porto 233
Rude, Barye, Carpeaux. Rodin 102
Sculpture et gravure au XIXe siècle (La) 126
Seis serigrafias 229
700 reproductions d'estampes des XIXe et XXe siècles (...) 103
Subsídios para a história da gravura em Portugal ... 220
Tauromachie (La) 122
Tempos idos. Algarve 241
Théologie des peintres, sculpteurs, graveurs (La) ... 12
Toulouse - Lautrec 104
Traité historique et pratique de la gravure en bois ... 49
Trajes e costumes populares portugueses do séc. XIX (...) 235
Tratado da gravura a água forte e a buril, e em maneira negra com o modo de construir as prensas modernas, e de imprimir em talho doce 29
Travers cinq siècles de gravures, 1350-1903 (A) 5
Vie et oeuvre de Francisco Goya 121
Vieira Lusitano 228
Vieira Portuense 238
Winslow Homer 207
Woodblock engravers (The) 44
Woodcutters of the Netherlands in the fitteenth century 77

Wood-engraving and woodcuts 42
Xilografia (La) 34
Zorn 105

GEOGRÂFICO

Alemanha 1, 5, 8, 10, 24, 26, 30, 35, 46, 84, 106, 107, 108, 109, 116, 119, 120, 130, 135, 141, 142, 143, 146, 149, 151, 161, 164 172, 178, 188, 190, 192, 193, 200, 201, 204, 208, 211
América Latina 107
Áustria 30, 107, 188
Bélgica 30, 36, 84, 107, 120, 188, 201
Boémia 8
Bulgária 107
Checoslováquia 107
China 84, 151, 211
Dinamarca 8, 84, 107, 188, 201
Espanha 8, 24, 30, 94, 106, 107, 108, 116, 118, 120, 121, 122, 146, 150, 158, 161, 171, 188, 197, 209, 211
Estados Unidos da América 107, 120, 127, 131, 161, 201, 207, 211
Flandres 5, 8, 10, 24, 26, 46, 64, 65, 68, 69, 71, 106, 140, 156, 188, 192

França 5, 6, 8, 10, 22, 24, 26, 30, 35, 46, 63, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 123, 125, 126, 130, 132, 133, 135, 138, 142, 146, 151, 154, 159, 160, 161, 165, 167, 173, 174, 179, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 200, 201, 203, 210, 211

Holanda 1, 5, 8, 24, 30, 35, 36, 46, 77, 106, 107, 108, 115, 116, 119, 120, 135, 136, 140, 144, 145, 151, 153, 155, 157, 161, 168, 169, 178, 188, 190, 195, 201, 205, 206, 211

Hungria 107

Inglaterra 5, 8, 30, 35, 46, 53, 61, 67, 70, 72, 84, 106, 107, 108, 111, 112, 116, 129, 135, 148, 151, 161, 175, 176, 176, 188, 199, 200, 201, 211

Itália 1, 5, 8, 23, 24, 26, 30, 35, 46, 76, 106, 107, 108, 116, 119, 137, 146, 147, 151, 161, 178, 182, 188, 190, 192, 201, 202, 211

Japão 24, 32, 34, 52, 107, 108, 151, 166, 184, 185, 196, 211. 198, 211

México 198, 211

Noruega 8, 84, 107, 188, 201
Polónia 8, 107
Portugal 8, 11, 14, 16, 17, 18, 19, 107, 199, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260
Roménia 107
Rússia 8, 84, 107, 111, 142, 188, 201
Suécia 8, 84, 105, 107, 146, 151, 188, 201
Suiça 8, 106, 107, 151, 188, 201

INDICE DE GRAVADORES

ALBERTO, Caetano
vid.
ALMEIDA, Caetano Alberto Nunes de
ALMEIDA, Caetano Alberto Nunes de 231
ALMEIDA, Francisco Tomás de ... 250
ALMEIDA, Romão Elói de 250
ALTDORFER, Albrecht 146, 188, **211**
ARDELL, Marc 188
ATJET 211
AUBRY - LECOMTE, Hyacinthe-Jean-Baptiste 151
AUDRAN, Gérard 24, 108, 116, **151**, **188**
AUDUBON, John-James 211
AVATI, Mário 174
BACK, G. **77**
BALDINI, Baccio 188
BALDUNG, Hans 188, 211
BAPTISTA, João **221**
BARBIERE, Domenico del 210
BARRETO, José Teixeira **260**
BARROS, José Maria de 250
BARTOLOZZI, Francesco 18, 24, **60**, 61, 188, **199**, **250**, **253**
BARYE, Antoine-Louis 63
BAUDE, Charles 151

BAWDEN, Edward 128
BEARDSLEY, Aubrey Vincent ... 56, 201
BECKMAN, Max 120
BELVEDERE, Augusto 255
BERGH, F. Vanden 120
BERRET, Pedro 257
BERVIC, Charles-Clément Balvay, dito 24, 151, 188
BESNARD, Paul - Albert 125, 185
BEWICK, Thomas 44, 84, 211
BLAKE, William 67, 84, 188,211
BLANCHARD, Auguste 126
BLECHMAN, R. O. 127
BLOEMAERT, Abraham 124
BO, Lars 174
BOESWERT 116
BOILLY, Louis-Léopold 133
BONARD, Pierre 174, 185
BONINGTON, Richard Parkes ... 151
BOSCH, Jerome 153
BOSSE, Abraham 24, 28, 29, 188, 211
BOTTICELLI, Sandro 188
BOUCHER, François 24, 81, 188, 211
BOUSSINGAULT, Jean-Louis 185
BRACQUE, Georges 111, 138, 174
BRACQUEMOND, Félix 24, 63, 159, 188
BRÈBIETTE, Pierre 188
BRESDIN, Rodolphe 113, 185
BRUEGHEL, Pieter (o Velho) ... 64, 65, 151, 153, 155, 211
BUFFET, Bernard 174
BUHOT, Félix-Hilaire 185, 188
BURKE, Thomas 61
CABRAL, António Jacinto Xavier 232
CADART, Léon 59, 159, 185
CALLOT, Jacques 24, 108, 119, 151, 188, 211
CAMPAGNOLA, Giulio 24, 211
CANALETTO, Bernardo Bellotto, dito 24, 146, 147

CARDON, Anthony 61
CARLOS I, Rei de Portugal 159
CARPEAUX, Jean-Baptiste **102**
CARPI, Ugo da 188, 211
CARRACI (Família) 108, 151, 188
CARRIÈRE, Eugène **87**, 185
CARS, Laurent 188
CASSAT, Mary 185
CASTIGLIONE, Giovanni - Benedetto 24, 151
CASTRO, Machado de **227**
CAXTON, William 116
CÈZANNE, Paul **159**
CHAGALL, Marc 56, 120, **165**, 174, 211
CHARDIN, Jean - Baptiste - Siméon 211
CHARDOIS 81
CHARLET, Nicolas-Toussaint 151, 188
CHEESMAN, Thomas 61, 214
CHERMAYEFF 127
CHIRICO, Giorgio de **76**
CIRY, Michel 174
CLAVÉ, Antoni 174
COCHIN, Charles-Nicolas (o Jovem) 24
COCK, César de 151
COMBES, João de 257
CONDÉ, John 61
CONSTABLE; John 211
COROT, Jean-Baptiste **88**, 151, 185, **211**
COSTA, Raimundo Joaquim da ... 260
COTELLE, Jean **79**
COURTRY, Charles-Jean-Louis ... 164
COUSIN, Jean 106, 146
CRANACH, Lucas 146, 188
CROSBY/FLETCHER/FORBES .. 128
DALI, Salvador 174
DANLIGER, Louis 127
DARAGUES, Jean-Gabriel 185
DAUBIGNY, Charles - François ... 63, **89**, 185, 188
DAUMIER, Honoré 63, **90**, 112, 119, 126, 146, **151**, 185, 188, **211**

DAVID, Jacques-Louis 108, 116
DAVIS, Paul 127
DEBRIE, Guilherme Francisco Lourenço 216
DEBUCOURT, Philibert - Louis ... 188
DECAMPS, Gabriel - Alexandre ... 151
DEGAS, Edgar 56, 63, 91, 113, 151, 185, 211
DELACROIX, Eugène 63, 96, 183, 188, 211
DELÂTRE 59, 159
DELAUNAY, Robert 111, 142
DELAUNAY, Sónia 111, 142
DENIS, Maurice 174, 185
DERAIN, André 66, 142, 174
DESBOUTINS, Marcollin-Gilbert ... 185
DIDIER, Louis 126
DIX, Otto 120
DORÉ, Gustave 151, 185
DORFSMAN, Louis 127
DREVET (Família) 188
DUDLEY, Thomas 257
DUFY, Raoul 66, 174, 185
DU JARDIN, Karel 124
DUMONSTIER, Geoffroy 210
DUPONT, Pieter 188
DURER, Albrecht 24, 84, 106, 108, 109, 116, 119, 146, 149, 151, 153, 172, 188, 190, 193, 204, 208, 211, 245
DURER, Jean-Hans 193
DUVET, Jean 151, 188, 211
DYCK Anton van 24, 75, 115, 116, 146, 151, 188, 211

EARLOM, Richard 188
EDELINCK, Gérard 24, 151, 188
EDELMANN, Heinz 128
EISEN, Keisai 196
ELFERS, Dick 128
ELSHEIMER, Adam 119
ENSOR, James 56, 201
ERNST, Max 174

ÉVORA, Francisco de 224
FAITHORNE, William 151, 188
FANTIN - LATOUR, Ignace-Théodore 63, 185, 189
FICQUET, Etienne 188
FINIGUERRA, Tommaso 151
FLAMENG, François 126
FOLON, Jean-Michel 128
FORAIN, Jean-Louis 185
FORRESTER, Barão de 226
FRAGONARD, Honoré 24, 81, **180**, 188, 211
FRANÇOIS, André 128
FREITAS, Lima de 229
FRÉLAUT, Jean **92**, 174, 185
FRY, Roger 111
GABO, Naum **181**
GAILLARD, Claude-François 185
GAILLARD, François 24, 151, 188
GAINSBOROUGH, Thomas 211
GALANIS, Démétrius Emanuel ... 185
GALLE, Filipe 245
GAUGUIN, Paul 56, 63, 185, 201, 211
GAVARNI, Paul 112, 151, 188
GEISMAR 127
GELLÉE, Claude 24, 188, 211
GÉRICAULT, Théodore 63, **93**, 151, 188, 189
GERSTNER, Karl 128
GILL, Bob 128
GILLOT, Claude 108, **179**
GILLRAY, James 188
GLASER, Milton 127
GOERG, Edouard 56, 174
GOLTZIUS, Hendrik 24, 108, 151, 188, 190, 211
GOYA, Francisco 24, **94**, 108, **116**, **118**, 119, **121**, 122, 146, **150**, 151, **171**, 188, **209**, 211, 225
GRAF, Urs 211
GREUZE, Jean-Baptiste 81
GRIGNANI, Franco 128

GRIS, Juan 111
GROMAIRE, Marcel 56, 174
GROSZ, Georges 56, 120
GRUN, Hans Baldung
vid.
BALDUNG, Hans
GUÉRIN, Charles 185
HADEN, Seymour 24, 188, 211
HARAK, Rudolph de 127
HARREWYN, François 253
HARUNOBU, Suzuki 211
HAWARD, Francis 61
HAYTER, William 56, 211
HECHT, Joseph 39
HELLEU, Paul-César 56, **74**, 185
HENRIQUEL - DUPONT, Louis Henriquel, dito 24, 126, 188
HILL, John 211
HILLMAN, Hans 128
HIROSHIGE I 211
HODLER, Ferdinand 201
HOGARTH, William 24, **72**, 124, **175**, **176**, 188, 211
HOKUSAI 211
HOLBEIN, Hans 106, 142, **164**, 211
HOLLAR, Wenzel 151, 188, 211
HOMER, Winslow 207
HONDIM 124
HUET, Paul 95
INGRES, Jean-Auguste-Dominique **96**
Jean-François 188
JAWLENSKY 142
JONES, John 61
JONGKIND, Johan 63, **99** 185,
JOUBERT, Jorge Bekkerster 235
KALLELLA 201
KANDINSKY, Wassily 142
KEENE, Charles Samuel 151
KENSEI 196
KEYSERE, Arend de 77
KIYONASU 211

KIYONAGA, Toru 211
KIYONOBU, Torri 211
KLEE, Paul 56
KLIMT, Ernst (o Velho) 201
KLINGER, Anton de 151
KOKOSCHKA, Oscar 142
KROL, Abraham **73**
KUBIN, Alfred 142
KUNISADA, Kachoro 196
KUNIYOSHI, Utagawa **184**, 196
KUPKA, Frank 111
KUTTER, Joseph 120
KWAIGETSUDO (Escola) 211
LABOUREUR, Jean-Émile 39, 56, 151, 174, 185
LANCRET, Nicolas 81
LAPRADE, Pierre 185
LAURENCIN, Marie 185
LEANDRE, Charles-Lucien 185
LE BRUN, Charles 116
LEFORT, Henri-Emile 164
LEGRAND, Louis - Auguste - Mathieu 185
LEGROS, Alphonse 63, 146, 185
LEHEUTRE, Gustave **97**
LE HOOGHE, Roman 124
LENICA, Jean 128
LEPÈRE, Auguste 24, 146, 151, 185
LESPINASSE, Louis-Nicolas de ... 185
LEUPIN, Herbert 128
LEVASSEUR, Jules Gabriel 126
LEYDEN, Lucas van 24, 108, 146, 151, **153**, 188, 190
LIESVELDT 77
LIÈVRE, Edouard 164
LIMA, Teodoro António de 250
LIMOSIN, Léonard 210
LOBO, Cristiano 224
LO THERBOURG 188
LORJOU, Bernard 174
LORRAIN, Claude 24, 188
LUBALIN, Herb 127

LUCAS, David 211
LUIS, Jerónimo 257
LUSITANO, Francisco Vieira **223, 228**
MACPHAIL, João 235
MAILLOL, Aristide 174, 185
MALAJON, Pedro de Vila Franca de 257
MANESSIER, Alfred 174
MANET, Edouard 63, 113, 119, **132, 159,** 185, 189, 211
MANNUCIO, Aldo 178
MANTEGNA, Andrea 24, **58, 146, 151,** 188, 211
MARCANTONIO
Vid.
RAIMONDI, Marcantonio
MARINI, Marino **202**
MARQUET, Albert 174
MARTIN, Elias 61
MASANOBU, Okumura 211
MASEREEL, Frans 120
MASSILI, J. P. 257
MASSON, André **173,** 174
MATISSE, Henri 142, 174, 185, 211
MAUS, Octave 201
MAX, Peter 127
MECKENEM, Van 211
MEISSONIER, Jean - Louis-Ernest 112
MELLAN, Claude 24 **117,** 188
MENDONÇA, Manuel Joaquim de 223
MENZEL, Adolf **151**
MERYON, Charles 24, 63, **98,** 113, **119,** 151, 188, 189, 211
MESTRE E. S. 146, 151, 188, 211
MESTRE L. D. 210
MIGNON, Jan 210
MILAN, Pierre 210
MILLET, Jean-François 63, **99,** 185
MIRÓ, Joan **158,** 174, **197**
MONTEIRO, António Maria de

Oliveira 250
MOREAU, Jean-Michel (o Jovem) 211
MOREAU, Luc-Albert 185
MORIN, Jean 24, 151, 188, 211
MORONOBU HISHIKAVA, Kichibei 211
MOURLOT 56
MULLER 142
MULLER-BROCKMAN, Josef 128
MUNCH, Edvard 56, 174, 201
NANTEUIL, Robert 108, 151, 188
NAUDIN, Bernard 185
NICHOLSON, William 201
NOORT, João 257
OSTADE, Van 24, 151
OUDOT, Roland **85**
PADRÃO, António Joaquim 223, 253
PALHARES, João Lopes 235
PALMA, Luis 257
PARISET, D. P. 61
PARMESAN, Girolamo Mazzola, dito 151, 188
PARROCEL (Família) 188
PASCIN, Jules 56
PASTOR, Francisco 215
PEDROSO, João **213**, 221, 234, **239**
PESNE, Jean 108, 116
PIATTI, Celestino 128
PICASSO, Pablo 56, 66, 111, 120, **123**, 142, **167**, 174, 185, 211
PILLEMENT, Jean 146
PINHEIRO, Manuel Bordalo 234
PINTO, Albino Caetano da Silva ... **242**
PINTO, António 257
PINTORI, Giovanni 128
PIRANESI, Giambattista 24, **137**, 211
PISSARRO, Camile 63, **100**, **159**, 185, 201
PLANTIN, Christophe 36
POLLAJUOLO, Antonio 151, 211
PONTIUS, Paulus 116
PORTINARI, Cândido 120

PORTUENSE, Vieira 238
POTTER, Paul 116
POULBOT, Francisque 185
POUSSIN, Nicolas 116
PRIAZ, João Vicente 250
RAFFAELLI, Jean-François **101**
RAFFET, Auguste 151, 188
RAIMONDI, Marcantonio 24, 108, 151, 188, 190, 211
RAMONDOT, Jacques 174
RAY, Man **57**
REDON, Odillon 63, 185, 211
REMBRANDT 24, **68, 69, 71,** 108, 116, 119, **136,** 146, 151, **157, 168, 169,** 188, **195, 205, 206,** 211
RENOIR, Auguste **100, 159,** 174, 185
RETHEL, Alfred 151
REYNOLDS, Joshua 24, 188, 211
RIBEIRO, João Baptista 225, **259**
RIBERA, Jusèpe de 24, 116, 120
RIBOT, Thèodule-Augustin 185
RICHEZ, Jacques 128
RIGAUD, Jacques 188
RIVIÈRE, Henri 151, 185
ROBETTA 24, 151
RODIN, Auguste 63, **102, 151,** 185
ROPS, Felicien 185, 188
ROSA, Salvator 124, 151
ROUALT, Georges 142, 174, 185, 211
ROUSSEAU, Thèodore 126, 185
ROUSSEL, Ker Xavier 174, 201
ROWLANDSON, Thomas 61, 188, 211
RUBENS, Peter Paul 24, 62, 108, 116, 151, 188, 211
RUDE, François **102**
RUYSDAEL, Jacob Isaakszoon ... 116
RYDER, Chauncey Foster 201
RYLAND, William Wynne 61
SAINT-AUBIN, Augustin de 188, 211
SAINT-AUBIN, Gabriel-Jacques de 188

SALDANHA, Aires de 226
SALES, José Vicente de **227, 252, 255**
SALOMON, Bernard 106
SCHIAVONETTI, Luigi 61
SCHONGAUER, Martin 24, 116, 151, 188, 211
SCHORKENS, Juan 253, 257
SEGANTINI, Mario 201
SEGHERS, Hercules 24, 211
SEGONZEC, André Dunoyer de ... 56, 174, 185
SENDIM, Mauricio José do Carmo 226
SEQUEIRA, Domingos António de **225**
SEURAT, Georges Pierre 201
SHARAKU 211
SHEE, Martin Archer 214
SIGNAC, Paul 174
SILVA, Domingos José da 250
SILVA, João Pedroso Gomes da Vid.
PEDROSO, João
SILVA, Pedro da 224
SILVESTRE, Israel 188
SIQUEIROS, David Alfaro 120
SISLEY, Alfred **100, 159,** 185
SIMON, Jean-Pierre 61
SLOANE, Michael 61
SMITH, John Raphael 61, 124, 188
SMITH, S. John 188
SOLANA, José Gutierrez 120
SOUTINE, Haim 120
SOUTMAN, Pieter Claesz 151
STEINLEN, Thèophile Alexandre 185
STIEGLITZ, Christian Ludwig ... 211
STOOP, Rod. 221
STRANGE, Robert 188
SUYDERHOFF, Jonas 151, 188
TEMMEI 196
TESTA, Pietro 124
TIEPOLO (Família) 24, 108, 119, **182,** 211
TISSOT, James Joseph 185
TODA, José Luis Sanchez 39
TOMKINS, Peltro William 61

TOOROP, Charley 120
TORY, Geoffroy 106, 146, 188
TOULOUSE-LAUTREC, Henri de 78, 104, 151, 174, 185, 201, 211
TOYOKUNI 211
TSCHERNY, George 127
TURNER, Joseph William 211
UNGERER, Tomi 127
UTAMARO 211
UTRILLO, Maurice 142, 174
VALADON, Suzanne 142, 174, 185
VALENTIN, Henry Augustin 164
VEBER, Jean 185
VELHO, André 224
VERGER, Carlos 39
VERNET, Joseph 81, 151
VIERGE, Daniel 113, 151
VILANOVA, J. C. V. 226
VILLON, Jacques 174
VISSCHER, Jan 151, 188
VIVARES, Thomas 61
VLAMINCK, Maurice de 142, 174
VORSTERMAN, Lucas 144, 145
VORSTERMAN JR., Lucas 257
VUILLARD, Edouard 174, 185, 201
WARD, William 61
WATERLOO, Anthonie 124
WATSON, Caroline 61
WATSON, Thomas 188
WATTEAU, Antoine 24, 81, 116, 179, 188, 211
WEBER, Max 120
WEIDITZ, Hans 146, 211
WHISTLER, James Mac Neill 56, 63, 151, 188, 211
WILKIN, Charles 61
WILLE, Johan Georg 188
WILLETTE, Adolphe Léon 185
WOHLGEMUTH, Michel 188
WOLF, Henry 127
WOOLETT, William 188
WROUBEL, Mikail 201

ZODKINE, Ossip 174
ZORN, Anders 105, 146, 151, 185, 188

INDICE DE TÉCNICAS DE GRAVURA

Aço 46, **51, 53,** 84, 129
Açúcar **24, 53, 174**
Água-forte 18, 20, **22, 24, 25, 29,** 35, **36, 37,** 38, **39, 40, 41,** 43, **46, 50, 51, 53,** 55, **56,** 59, 60, 66, 67, 68, 69, **71,** 72, 81, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 108, 109, 115, **116,** 118, 119, 121, 122, 125, 126, 129, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 146, 147, 150, 151, 157, 168, 169, 171, 172, **174,** 176, 182, 185, 188, 189, **190, 192,** 195, 199, 203, 205, 206, 209, **211, 212,** 223, 247, 250
Água-tinta **24, 25,** 32, **35, 36, 37, 39, 40, 46, 53,** 87, 89, 91, 94, 96, **100, 116,** 132, 134, **174,** 188, **192, 211, 212**

Albetipia
vid.
Fototipia

Anastático **46**
Autografia **48**
Buril **22, 24, 29,** 35, 40, **41,** 43, **46,** 50, **51, 56,** 72, 76, 79, 81, 109, **116,** 126, 146, 148, 151, 154, 161, 162, 163, 164, **174,** 175, 176, 183, 188, 210, **211, 212,** 221, 237

Camafeu (1) **24, 25,** 29, **36,** 37, **46, 49,** 55, 106, **116,** 151, 188, 190,

Claro-escuro (2) 24, **36, 40, 49,** 55, 151, 172, **192, 211**

Cliché-verre **24, 46,** 88, 89, 95
Colotipo **47**
Cores (A) 5, 24, 25, 29, **32, 35, 37,** 39, **40,** 43, **46, 50, 51,** 52, 53, 55, 63, 81 **116,** 129, 134 151, 188, **192, 212,** 230

Crayon (Ã maneira de) 5, **24, 25,** 29, **35, 36,** 37, **46, 51, 116,** 188, **212**

Criblée (Ã maneira) **24,** 26, 35, 36, **50,** 110
Cromolitografia 30, 37, **43, 46, 48,** 151
Damasquino **46**
Daguerreotipo 132
Enxofre **24**
Fotogliptia **46**
Fotografia 33, **37, 46,** 151, 188
Fotograma 133
Fotogravura **22, 46, 47,** 219
Fotolito **37,** 43, **46, 47**
Fototipia **22, 37, 46**
Galvanoplastia **37**

---

(1) — Vid. também **Claro-escuro**

(2) — Vid. também **Camafeu**

Gravura cavada (**Intaglio prints**)
vid.
Água-forte
Água-tinta
Mezzotinto
Ponta-seca
Ponteado
Talhe-doce
Vernis-mole
Gravura em relevo (**Relief-prints**)
vid.
Criblée (À maneira)
Linoleografia
Madeira
Gravura litográfica (**Surface prints**)
vid.
Litografia
Grimace 133
Heliografia sobre vidro 99
Heliogravura **22, 37**, 99, **116,** 188
Lavis (À maneira de) 5, **24,** 34, **46,** 51, 53, 188, 203
Linogravura **49, 50,** 134, **174**
Linoleografia **37,** 39
Litocromia **43**
Litografia 5, **24, 25, 30, 32, 37,** 39, **40, 43, 45, 46, 48,** 51, **53, 54, 56,** 57, 67, 76, 78, 81, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 108, 121, 123, 125, 126, 132, 133, 146, 150, 151, 158, 167, 171, 173, 174, 177, 183, 188, 189, 197, 198, 200, 201, 202, **211, 212,** 219, 225, 227, 230, 233, 235, 237, 241, 256, 259

Madeira (1) 5, 10, 18, 20, **22**, 24, **25**, 36, 39, **40**, **42**, **44**, **46**, **49**, **50**, **51**, **52**, 53, 55, **56**, 63, 66, 67, 81, 84, 99, 105, **106**, 108, **116**, 129, 131, 135, **174**, 185, 192, 197, 201, **211**, **212**, 213, 217, 220, 234, 239, 241, 247, **249**

Maneira negra (Ã) (2) 5, **24**, **25**, **29**, 35, **36**, **37**, **41**, 43, **46**, **51**, **53**, 95, 108, **116**, **174**, 188, **192**, 203

Metal (3) 5, 18, 20, 22, 24, 26, 35, 39, 53, 55, 84, 116, 129, 151, 153, 173, 176, 179, 185, 188, 190, **192**, 197, 210, 216, 220, 222, 231, 241, 244, 247, 251, 256

Mezzotinto (4) **32**, **36**, **40**, **50**, **70**, 134, 135, 151, **211**, **212**, 247

Niello 10, 35, **46**, 116, 151, **192**

Offset **37**, **45**, **134**

Metalografia 43

Monotipo **24**, **39**, **53**, 104, **134**

Pastel (Ã maneira de) 188, **212**

Ponta-seca **24**, **36**, **37**, **39**, 43, **50**, **53**, 55, 74, 87, 89, 91, 97, 99, 100, 101, 102, 104, **116**, 125, 132, 151, 174, 185, **211**, **212**

---

(1) — Vid. também **Xilogravura**
(2) — Vid. também **Mezzotinto**
(3) — Vid. também **Talhe-doce**
(4) — Vid. também **Água-forte, Água-tinta, Metal, Mezzotinto, Ponta-seca, Ponteado** e **Vernis-mole**

Ponteado (**Stipple-Pointillé**) **24, 35, 37, 40, 41, 50, 51, 53,** 61, 188, **212,** 250
Rotogravura
vid.
Heliogravura
Sal **24**
Serigrafia **50, 134, 211,** 229
Stanotipo **47**
Stencil **50, 134, 211**
Talhe-doce (1) **22, 25,** 28, **29, 36, 37, 39, 40,** 41, **51, 53,** 58, 81, 84, 116, 190, 203, **211**
Vernis-mole **24, 29, 37,** 39, 43, **53,** 91, 100, 134, **174**
Xerografia 39
Xilogravura (2) 24, 25, 26, **32, 34, 35, 37, 77,** 81, 84, 105, 106, 116, 126, 130, 134, 141, 146, 149, 151, 153, 166, 172, 178, 188, 190, 192, 193, 204, 208, **211** 43,
Zincografia 45, **46, 48**

(1) — Vid. também **Água-forte, Água-tinta, Metal, Mezzo-tinto, Ponta-seca, Ponteado** e **Vernis-mole**

(2) — Vid. também **Madeira**

INDICE

Justificação da edição 290
Introdução 292

I PARTE

Obras de referência 300

II PARTE

Técnicas de gravura. Processos, conservação, restauro 309

II PARTE

História da gravura em geral 344

IV PARTE

História da gravura em Portugal 411
Índice dos autores 430
Índice de colecções 438
Índice de generalidades 442
Índice didascálico 448
Geográfico 460
Índice de gravadores 466
Índice de técnicas de gravura 482

ORGANS
OF TWO ISLANDS

MONSEÑOR NOUEL

Dominican Republic
February 1959

During the Summer of 1957 I have spend three months in the Dominican Republic, during which time I had very little chance for "organ hounting", particularly due to great amount of professional work. However, I did manage to get slightly acquainted with the new instrument of Italian manufacture which had been erected in the Cathedral of Santiago de los Caballeros, also a brief visit to the Cathedral in the Capital of the Republic revealed two organs of different origins and different ages. I left the island and returned to Canada with hardly any information on these instruments, however, the beginning of November 1958 found me walking again along the streets of Ciudad Trujillo, and during this second visit I was more fortunate in obtaining further details.

In between these two trips to the Carribeans my head office send me out to another seldom-visited part of the world: Terceira Island, which belongs to the charming archipelago of the Azores. Time was Summer 1958, the season was that of grape harvesting and indeed, scores of oxen carts loaded with barrels full of picked grapes could be seen along the country roads of this picturesque island. The nature of my work was such that I was frequently visiting two main towns of the island: Angra do Heroismo and Praia da Vitória, the first being the capital of Terceira, the second dominating over the only beach of this vulcanic island. Again, the nature of my work permitted me to spend an ocasional hour now and then on exploring old organs, my knowledge of Spanish being of great help in obtaining permissions or meeting the right people to take me around.

The history of the island would be off my subject and would take too much space, I shall only mention that for one who is interested in history the starting date for Terceira is 1453 (the year of conquest of Constantinopole by the Turks), the beautiful manoeline architecture in the churches of Praia (1456)

and S. Sebastião is included in the Renaissance, but the bulk of the island's architecture belongs to the Baroque.

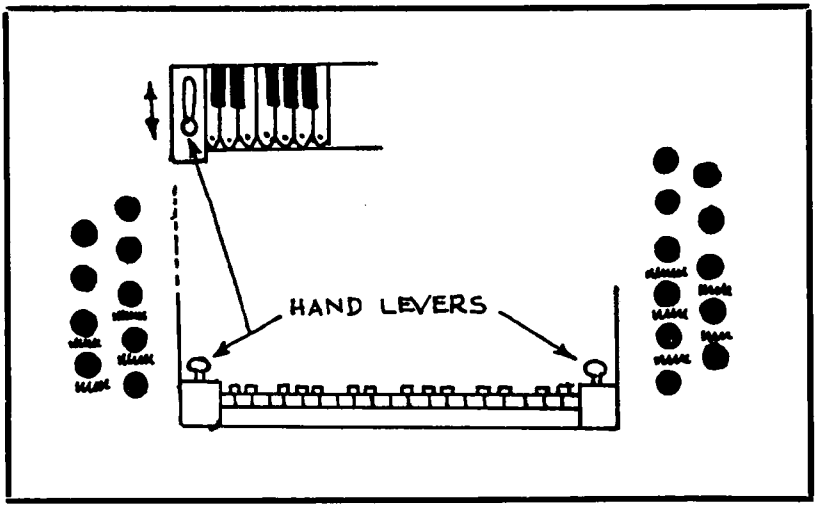
It seems that the majority of the organs on the Terceira Island was manufactured by António Xavier Machado Cerveira, about whom I have found the following in the "Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", free translation of the citation being made by myself: "António Xavier Machado Cerveira was born on September 1-st, 1756 in Tamengos (Anadia township), Portugal. His father, Manuel Machado Teixeira (or Manuel Machado Teixeira de Miranda), a native of Braga, an organ builder and wood sculptor married twice: his first wife Dona Teresa Angélica Taborda gave him one son-Machado de Castro. After her death Manuel Teixeira married Dona Josefa Cerveira, and out of this marriage António Cerveira was born. The first organ of his construction, which is still in use and in good condition, is located in the Martyrs church in Lisbon. The instrument was finished in 1785, outstanding for its beautiful front ornamentation. Soon after more organs followed, making António Cerveira famous. He was commissioned to supply organs for most of the churches reconstructed after the earthquake of Lisboa in 1755. In this way his instruments can be found in the following churches: S. Roque, Estrela convent, Odivelas convent (this organ transferred later to S. Julião church), Sacramento, Santa Justa, three in Mafra and one for the Royal Chapel in Queluz. These were followed by other organs of smaller dimensions for places like Socorro, Santa Isabel, Boa Hora (in Belém), Anjos, Sant'Iago, S. Lourenço, Victoria chapel, Encarnação etc. etc. António Cerveira supplied organs for the Misericórdia church in Santarém, for churches in Barreiro, Lavradio, Coruche, Marvila, Santa Quitéria of Meca, he was also exporting organs to Brazil, some of them of considerable dimensions. A big organ, which Cerveira never finished and which at the moment is partly dismantled, can be found in the choir loft of Jerónimos Monastery in Lisbon. The dedication note on the organ reads: "to His

Excellency Don Diogo de Jesus Jordão, Bishop of Pernambuco, who ordered the construction of this organ in 1789". Opposite to this organ there is another one, also partly dismantled, it had been built by António Cerveira's father. Before entering the Santa Cecilia Fraternity (Nov. 22, 1808) he was appointed to the Royal Court as the organist and was decorated with the "Habito de Cristo". Cerveira had his workshop and also his residence in Bragança, royal property at Tesouro Velho and it seems that these premises were previously occupied by his brother Machado de Castro. Organs of Cerveira were always considered as first class products, they were also admired for their ornamentation. António Cerveira died on Sept. 14, 1828 in Caxias, near Lisbon."

The biggest organ on the Island will be found in the Cathedral (Sé) in Angra do Heroismo. This beautiful church has actually two organs, both situated on elevated gal'eries and facing each other across the main nave. The main instrument is located on the right band side and the balustrade of the gallery is a masterpiece of exquisite woodwork. The organ itself stands high up in its glory and splendor of beautiful case, painted front pipes and two rows of "en chamade" pipes, so characteristic to the country of origin of the builder and to be encountered in practically every instrument on the island. There is only one manual of 4½ octaves, divided by the middle c, the stop knobs are arranged in vertical rows, two on each side of the manual. The stops to the left of the organist correspond to the lower part, those on the might to the upper part of the keyboard. The only acessory to be found on the manual are two horizontally sliding tablets with knobs for gripping, one at each end of the manual and acting on Trompa Real stops. (v. grav. A).

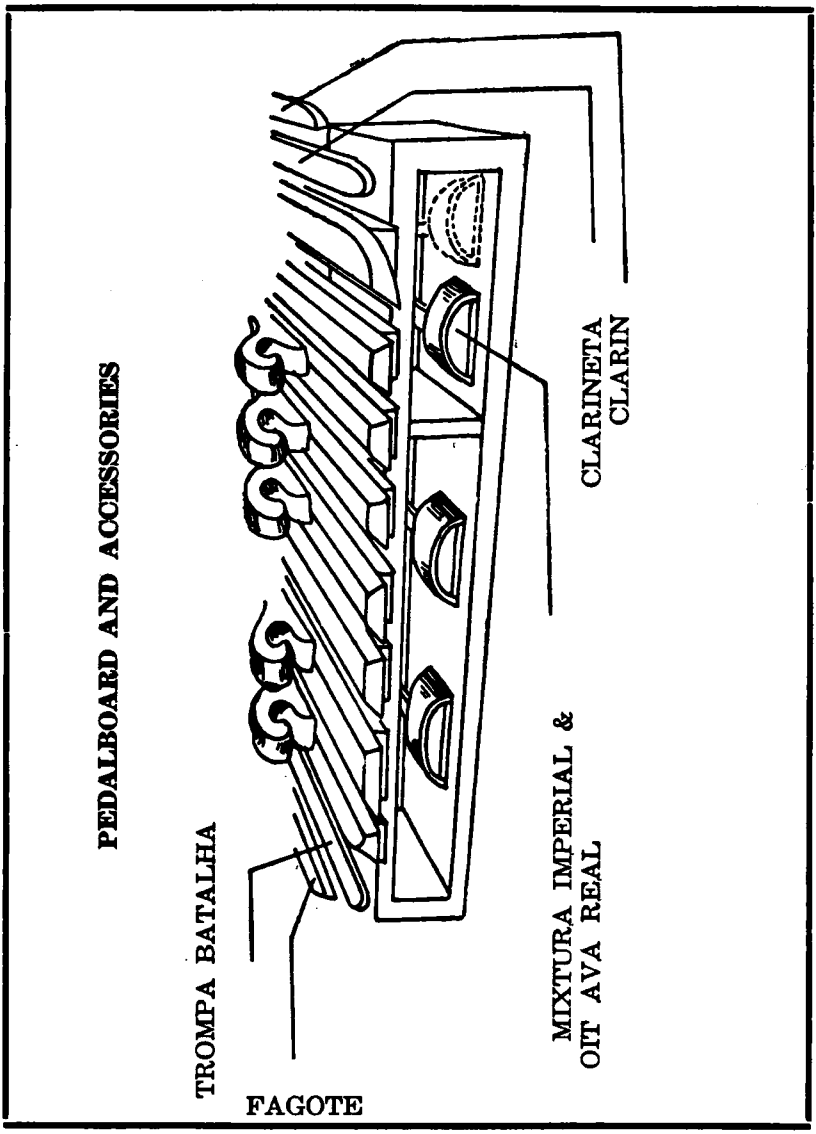
The pedalboard and accessory additions to it are of unusual and interesting design and I shall deal with them in more detail. I have to admit that in the haste of taking notes I omited to

grav. - A



observe the range of the pedalboard, it certainly starts with CCC and extends upwards for one octave or perhaps 18 notes. Shape of the pedals is shown on the accompanying sketch and they are made of wood. The drawing also shows the following accessories: (v. grav. B) next to the lowest pedal, which has its left edge tapered off, there are two additional lever-like metal pedals, rounded at the end, one shorter than the other, they act on left hand stops as indicated. Similar arrangement will be found following the highest pedal, the levers act on right-hand stops. All the levers act on their corresponding stops visibly, i. e. stop knobs move as the levers are operated. Immediately below the pedalboard there are three stirrup-like contraptions, two of them are separated from the third by a vertical board and they have left-right movement, requiring a lot of physical effort of the foot. I was able to determine the action of the right "coupler" — it puts on "Mixtura Imperial" and "Oitava Real" from both sets of stops ("Real" means "Royal" and not "real" as in English).

grav.-B

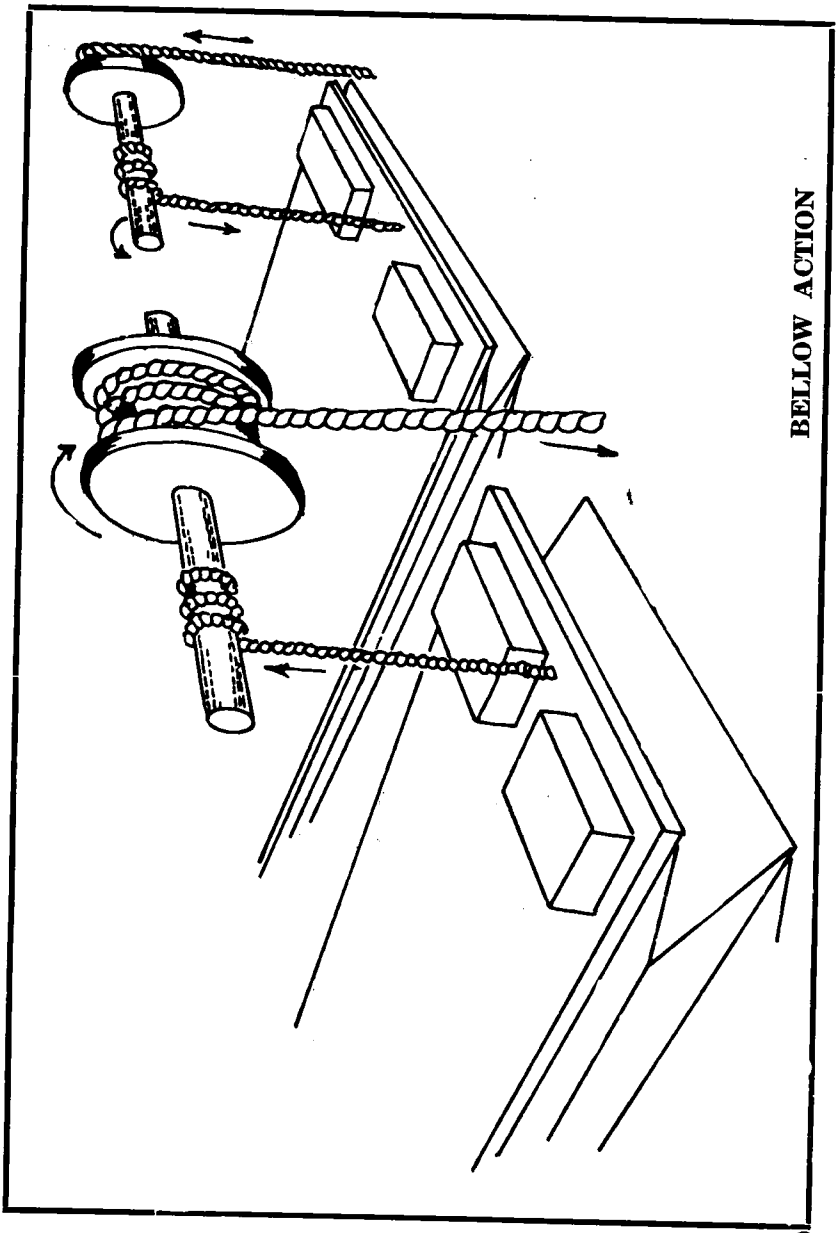

PEDALBOARD AND ACCESSORIES
TROMPA BATALHA
FAGOTE
MIXTURA IMPERIAL &
OIT AVA REAL
CLARINETA
CLARIN

Air is supplied by three bellows which are operated at the back of the organ case. Each bellow has a short horizontal shaft located high above and a rope is wound around the shaft and connected to the edge of the bellow frame (see the sketch).

(v. grav. C). The shaft in turn is equipped with a wide wheel, on which a separate piece of rope is wound, its loose end hanging down. By pu'ling at the loose end this rope turns both the wheel and the shaft, at the same time winding further the other rope and thus lifting up the bellow frame. Once up, a weight placed on the bellow forces it down, turning the shaft and the wheel in opposite direction. In this manner one man could easily operate three or more bellows, pulling at the ropes in consecutive order. I found this system with some of the organs, others were equipped with regular wooden shaft, placed low enough to be operated by foot. No electric blower was encountered anywhere.

Of tonal qualities of this organ I have very little to say because at the time of my visit in the Cathedral I was alone and it really was fast running around the organ case to pull the bellow ropes and be at the manual before the air supply was out, so in this manner I was only ab.e to try the stops one by one. Grand and brilliant as they sound, no doubt many major repairs are urgently required and thorough tuning to be executed as a vast quantity of pipes either refuse to sound or are out of tune by seconds or even larger intervals.

This organ, according to a little booklet given to me by a kind citizen of Praia, was donated to the Cathedral by Queen Doña Maria I (she died in Brazil in 1816). Needless to say it has tracker action, the dimentions of the keys and stop knobs are similar to those of the organ in Praia, of which I shall write later. To conclude the subject here is the stop list as taken directly from the inscriptions on the pannels. Some were very hard to read due to wear and old age, the spelling may not be as accurate as it actually was supposed to be: (v. grav. D)



grav. - C

SPECIFICATION:

Left side

Fagote
Flauta 12 Abierto
Flauta 6 Tapada
Sub Cimbala
Mistura Imperial
15 & 19
Flauta 12 Tapada
Trompa Batalha
Oitava Real
Trompa Real
Cimbala
20 & 12
12
Claron

Right side

Clarineta
Vox Humana
Trompa Real
Cimbala
12
Oitava Real
Corneta Real
Clarin
Flauta 12 Abierto
Flauta 12 Tapada
Sub Cimbala
Mistura Imperial
15 & 19 & 22
Flautada 6 Tapada

Another example of the craftsmanship of António Cerveira, though on a much smaller scale, is the organ, still in use in the beautiful church of Praia da Vitória. Once again one has to climb a short flight of narrow stone steps and cross a small wooden gallery to reach the organ loft and the instrument itself. When not in use the whole upper part of the organ case which contains pipes is closed by large wooden doors on all four sides of the structure. When open, front pipes represent "Flautado 6 aberto" and "Voz Humana" stops respectively. The organ has no pedalboard and no pipes "en chamade", the quantity of stops also being much smaller:

grav.-E

SPECIFICATION:

Left side		Right side	
●	Trompa	Clarins	●
Simbala	●	●	Cornetas
●	Mistura (Accordãos)	Ostas de 22	●
Dezanovena	●	●	Dezena
●	Quinzena	Voz Humana	●
Oitava Real e 15	●	●	Flauta Traversa
●	Flautado 6 aberto	Flauta e 12	●
Flautado 12 tapado	●	●	Flautado 12 aberto

Stop knobs are in two staggered vertical rows on each side of the manual, the rows are 1½ "apart and knobs 2¼" from each other. Movement of stop knobs is 2", faces are 1-3/8" in diameter but main body of each knob is 3/4" square. Names of individual stops are shown on the panel of the organ case, not on the knobs, subsequent inspection of the inside revealed that the vertical pivoting rods for stop knobs are made of ½" square cast iron. Another striking detail of the interior is that part of the stopped wooden pipes are located horizontally, immediately below the ceiling of the organ case, quite an original method of making use of otherwise empty space. Between the manual and the music rack there is a small plate which reads:

ANTONIO XAVIER MACHADO CERVEIRA 1793, No. 10
Acabado en 2 de Setembro

The last line means "Completed on the 2-nd of September". The manual is 27" wide and 46½" from the floor, it contains 51 notes and once again the middle c divides it between left and right stops. Keys are made of wood, white being 7/8" wide, 4¼" long and of ¼" movement while black keys are narrower on top than at the base, the dimensions being: top ¼", base ½", length 3" and movement ⅛". On both sides of the music rack there are traces of iron brackets, most likely supports for candles; close to the right edge of the organ case, just below the level of the manual there is a wooden peg showing amount of air in the bellows. These occupy the bottom part of the organ case and work on the basis of a wooden lever operated by foot.

Controls operated by feet of the player consist of two vertical pistons, each 3½" in diameter, their movement is 4½". Both are hinged and pivoted together, i. e. when one is being depressed the other comes up. Pushing the left piston down puts on "Mixtures", pushing down the right piston eliminates the action of the left and turns off "Cornetas".

One more item of interest about this organ: there is a

short sentence carved on the organ case and it says: "Tomas de Canto o afinou 1917", which means that in 1917 the organ was in hands of an organ tuner. And the instrument really sounds as if no other tuner had laid his hands on it since. I have heard a lady struggling with Mendelsohn's wedding march with a young girl working the bellows. Like in the Cathedral of Angra, the organ is reaching its complete decline and ruin, a sad end and poor reward after decades of gallant service. As I learned later, the lady was practicing for the wedding and the assisting girl was the future bride.

Two more organs of thesame builder were visited by me, one in church of Nossa Senhora de Conceição, another in the old church of Jesuits, both in Angra. The organ of Nossa Senhora church has the following plate above the manual:

ANTONIO XAVIER MACHADO

20 Julho 1815, Lisboa

Due to my limited visit time of the organ no more details are available except that the air supply is of wooden lever system and the instrument possesses a set "en chamade" pipes, whilst the organ at the Jesuits church has once again 3 bellows, operated on rope-pulling system.

Two days before leaving the Island I had the honour of meeting Mr. Bruges, a direct descendant of the first Flemish settler and Lord of the Terceira, who very kindly showed me a real jewel — the Franciscan church. The inside is of great beauty and dignity, the structure is higher than the Cathedral, the walls are more than 3 feet thick. Ceilings of the side naves and of the sachristy are of unbeliveable splendor and beauty, carved in wood in exquisite design, that of the sachristy covered by matching colours. Towards the end of our visit we climbed a narrow flight of wooden steps which led us to a small landing, from there another length of steps brought us to the very centre of the spacious choir loft, where walls were covered by titles,

representing scenes from life of St. Francis de Azis, all kept in soft blue shade. From there we could really appreciate the height of the church. A small gate in the balustrade of the choir loft opened the way to the organ gallery, where another ancient instrument is still in use 'though badly in need of repairs.

With little time we had it was impossible to make a proper search for the name of the builder, but shape, design and decoration of front pipes once again strongly suggest Xavier Cerveira. On the other hand stop knobs were not of his style, thinner in body, face discs smaller in diameter and movement reaching a good 8 inches. Keys were of different character too: white had some kind of thin plates glued to their tops, wider than the keys themselves; the black keys had thin white parallel strips inlaid or painted on them. But I found one interesting item: among hundreds of names scratched on the organ case (what vandalism!) one cought my attention: the name of Tomas de Canto appeared again, plus three different dates, indicating that the organ was in his hands three times since the turn of the century. Is it possible that Tomas de Canto replaced and remodelled both keys and stop knobs after his own fashion and design? (1). The organ is equipped with a set of "en chamade"

(1) — After writing this article I have received some valuable letters from Col. J. Agostinho in which he kindly informs me that "..as to the organ in the Franciscan church, the only reference I find about is that in 1867 it was already looked on as "very old and good". The person who might give me information about it, Rev. Canon Garcia da Rosa, our best organist, died just this same morning, but I hope to visit the church one of the next days and look attentively for any marks of origin and will later send you any further information that I may obtain." The next letter brought the following: "...I have just visited the church of the Franciscans here at Angra with Mr. Bruges and he kindly took me to the place where the organ is set. There, under Mr. Bruges advice, a board above the keyboard was taken out and a paper label pasted to another board behind became quite visible where I could read what follows (between brackets I write what is

pipes, not as impressively looking as in the Cathedral, obviously kept in proportion with the size of the organ. Finally, there are two sets of vertically moving foot-pistons, similar to those in Praia, each set interlocked and pivoted. (2). So much for the great Antonio Machado Cerveira.

Let us go back to the Cathedral in Angra do Heroismo. Facing the grand organ of Cerveira, across the main nave and also surrounded by an exquisite wooden balustrade is another organ, smaller in size, more modern in design, more elaborate in stop facilities. This organ was built in 1850 by Joaquim Silvestre Serrão of Setubal (Portugal), it was brought to Angra in 1854 and

---

not clear): ANTONIO (XAV)IER MA(CHA)DO CERVEIRA
O Fez no Anno 17(8)8 No (not legible)
31 de Outubro de 17(8)8

The lable was with every evidence of the same date as the organ; the first two lines printed and the last one handwritten, certainly on thesame occasion. The number of the organ is quite undecipherable. I think that for your purpose it is sufficient to recognize that the organ was made by the famous Cerveira in 1788 or 1798, what justifies my previous note that it was already in 1867 taken as "a very old and good" organ. The Franciscans' church was the mother church of the Order in the Azores and the organ was certainly one of the first if not the first by Cerveira to be brought to these islands." And in another letter Col. Agostinho says: "...And now to Tomas do Canto. I have known this man for a long time as an able and reliable tuner of pianos and organs, the only we have in Terceira. I met him yesterday and he assured me that he had tuned the organ at the Franciscans church on three occasions as mentioned in the scratchings on the organ case. He also repaired the bellows but did not touch the keys and stop knobs." These information may indicate that Antonio Cerveira himselfchanged and somewhat modernized the design of the stop knobs and keys in his later organs.

(2) — This church is the resting place of Paulo da Gama, brother of the famous Vasco da Gama.

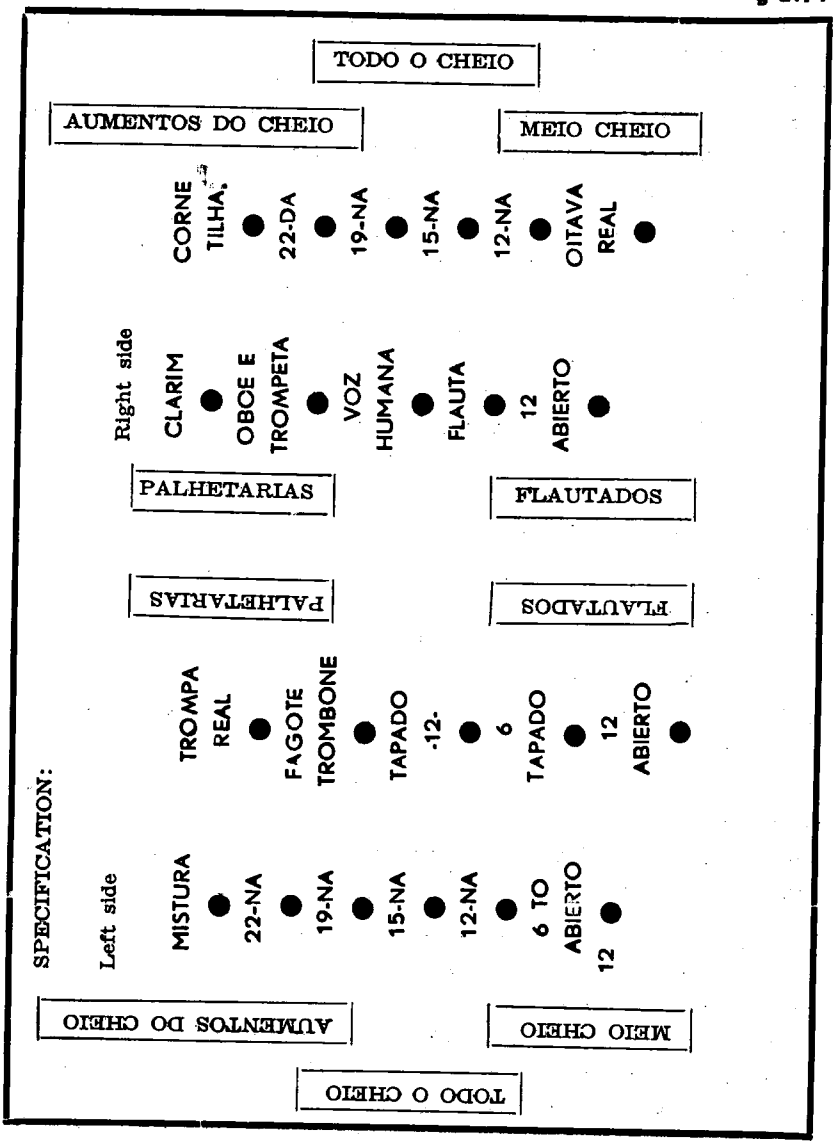
inaugurated on September 16, thesame year when the birthday of King Don Pedro V was commemorated. Colonel Agostinho tells me in yet another letter that Padre Serrão was born in 1801 Setubal and before he was ordained as a Catholic priest (in 1824) he had already shown unusual ability as an organist. In 1841 he was invited by the Bishop of the Azores to come to Ponta Delgada (San Miguel Island) as an organist and there he lived until his death in 1877. He repaired several organs in churches of San Miguel and he made a new organ for the Cathedral at Angra. Father Serrão was also a renowned composer, mainly of religious music and some of his compositions are still in vogue in these islands. His musical talent so much impressed the German violinist Martin Roeder when he visited San Miguel, that he wrote an eulogy of him in the journal Gazetta Musicale (Milan) in 1875.

Contrary to Cerveira's tradition, front of this "orgão pequeno", as the people of Angra call it, is filled with square wooden pipes, arranged in even flat surface, although painted faces on each pipe seem to be a bold copy of Cerveira. "En chamade" pipes are in double row and parallel to each other. The build-in manual has the compass of 6 octaves, stop knobs are again placed on both sides of the music rack and the accompanying pictures show well the arrangement as well as the interesting pedalboard. (v. grav. F). Compass of the pedalboard extends to 12 tones, unusual is the arrangement added to the lowest pedal: something of a set screw, probably used to keep the pedal down while both feet could be used for playing other pedals or operating "stirrup" couplers. These couplers are more numerous than in Cerveira's great organ, two of them work vertically.

Lack of time didn't allow me to get more technical details of this somewhat more modern organ, the only thing I can add is the complete list of stops as they appear on the instrument. (3)

(3) — For more information on Portuguese organ registration and nomenclature see "The Organ" No. 139.

g-av.-F


SPECIFICATION:
TODO O CHEIO
AUMENTOS DO CHEIO
MEIO CHEIO
Left side
MISTURA
22-NA
19-NA
15-NA
12-NA
6 TO
ABIERTO
12
TROMPA REAL
FAGOTE
TROMBONE
TAPADO
-12-
6
TAPADO
12
ABIERTO
CORNE TILHA.
22-DA
19-NA
15-NA
12-NA
OITAVA REAL
Right side
CLARIM
OBOE E TROMPETA
VOZ HUMANA
FLAUTA
12
ABIERTO
PALHETARIAS
FLAUTADOS
PALHETARIAS
FLAUTADOS
AUMENTOS DO CHEIO
MEIO CHEIO
TODO O CHEIO

This covers my "organ hounting" on peaceful and picturesque Terceira Island. I was flying back to Canada, happy after seeing so many exquisite examples of Cerveira's genius and of other's skill. On the other hand it hurts to realise that within next decade or two these noble instruments may cease to function for lack of repairs and necessary care.

This article won't be complete without extending my sincere thanks to Senhorita Maria Fatima Martins of the Public Library and National Archives in Angra where I was able to learn about the life of Cerveira, and also for accompanying me around the Catedral and Franciskan church. My gratitude also goes to Mr. Bruges for taking me around the Franciskans church, also to all the clergy concerned for giving me permission to take notes and make pictures. Finally, Colonel J. Agostinho, the noted authority on Azores' past history also has kindly furnished me with additional and valuable details of interest for which I am greatly indebted.

As much as Terceira Island was the centre of the Portuguese overseas enterprises and connections between old Portugal and Africa, Brazil and India, Santo Domingo played the role of the oldest settlement of the Spaniards in New World and the starting point for their conquest of Central and South America.

Travelling around the Dominican Republic I was expecting to come across some old organs, either brought from Europe decades ago or perhaps manufactured on the spot by some able craftsmen. However this was not the case.

My first object of search was La Catedral de Santa Maria la Menor in Ciudad Trujillo, where the Dominicans, with obvious pride show the tomb of Christopher Columbus, a rather modern and imposing structure erected inside of the Cathedral but certainly not in style of the interior of the old place of worship. There are two organs in the Cathedral. One, of German origin,

is located on a gallery on the right side of the main nave and a dark stone stairway gives acess to it. I was unable to determine the age of this instrument, even the Cathedral guides differ in their information. Inside the organ there is a sentence written in pencil on one of the soundboards: "Roman Otilio Suarez organista, 1-11-44", which indicates that the organ might still have been in use as late as November 1944. Most likely around this time second organ was installed in another part of the church, about which I shall give details later on.

The old organ is of tracker action, it has two build-in manuals of 54 notes each and a full concave and radiant pedalboard, although the pedals are of very narrow dimensions. Stop knobs are arranged in two vertical rows, one on each side of the manuals, the knobs being of approx. 1" square in body and of 5" draw, the stop knob heads are round and ivory covered, 2" in diameter. Specification is as follows: (v. grav. G).

There is evidence that some time or other an electric motor has been installed for air supply, but except for air docts nothing else is left of the system. Pipes of the Great are located immediately behind the front pipes, Swell pipes are mounted directly behind the Great, a space follows occupied by the bellows behind which are two rows of Pedal pipes. Back part of these pipes is constantly exposed to the outside as there is a big window without any glass and rain, sun or wind have free share is destroying whatever is left. This organ is in complete ruin, pipes are falling or laying around, loose wires and rods are hanging here and there, everything is covered by years of dust and neglect.

Another organ, now in use, is located on the left side of the nave. This organ, like others in the Republic originates from Italy, its makers being FOLIGNO GIUSTOZZI of Crema. This is a two-manual, pneumatic action instrument with the following specification: (v. grav. H).

grav.-G

2 built-in manuals and pedal board
Action: tracker
The organ not in use anymore.

SPECIFICATION:

Left side				Right side	
Principal	8 Fuss	Lower man.		Mixtur	2 — 4
Octave	4 »			Gedact	8 Fuss
Hohflöte	8 »			Octaven Bass	8 »
Bordun	16 »				
Flauto Traverse	8 »	Upper man.		Gamba	8 »
Lieblich Gedact	8 »				
Gedact Bass	8 »	Pedal		Lieblich Gedact	16 »
				Subbass	16 »

2 empty holes for draw knobs

grav. - H

SPECIFICATION:

Great:	Principalino	8	Swell:	Trombe	8
	Salicionale	8		Ripieno	VI rks.
	Eolina	8		Decimaquinta	2
	Celeste	8		Ottava	4
	Coro Viole	III rks.		Flauto	4
	Bordone	8		Flauto Travezo	8
	Flauto in Selva	4		Dulciana	8
	Ottava Dolce	4		Viola Gamba	8
	Ripienino d'Eco	III rks.		Unda Maris	8
	Oboe	8		Principale	8
Pedals:	Contrabasso	16		Principale	16
	Subbasso	16	Couplers:	Great to Pedal	
	Bordone	8		Swell to Pedal	
	Basso Violoncello	8		Swell to Great	
				Super octave Great	
				Sub-octave Swell to Great	

Accessories: toe pistons (hitch-down type):

Grt.to Ped.	Free combination		
Swell to Ped.	Ripieno	Tromba	
Swell to Grt.	Forte Generale	Tremolo	

PLEASE NOTE: "GREAT" is used for lower manual, "SWELL" for upper (higher) manual. Thesame will go for items J. K and L.

Stop tablets are arranged in one row above the upper manual, further up there is another row of smaller tablets used for "free combination" system and which are put in action by a hitch-down toe piston. In general the organ is in a bad shape too. Pneumatic action is slow and on many stops faulty, in fact, at the time of my visit the organist, a great believer in tremolo, whether on full organ or in a small ensemble, was depending entirely on "free combination" system, as the one still working best.

Santiago de los Caballeros, the second largest city of the Republic lies in the heart of the Cibao vallery, rich in bananas, pineapples, coffee and tobacco. Here, in old Cathedral dating from 1507 I found a modern two manual organ, made by TAMBURINI, again of Crema in Italy. The action is entirely electric, the console is mobile, the length of cable allowing to place it in any spot of the choir loft. Specification is given below: (v. grav. J).

Accompanying photograph shows the layout of the console, a remarcable feature of the instrument is the possibility of changing its pitch by ½ and a full tone lower or higher, which is done by adjusting a small lever located to the left of the manuals. As shown in the specification the organ beside blind combination pistons (duplicated by toe pistons) has four adjustable combination pistons, or rather buttons, which are located on the flat jamb above the swell manual and are set by using a master setter. To turn off the action of any of the adjustable buttons without loosing it is enough to press the first button of the row. In this way the organist can move between adjustable or blind combinations and manual arrangement of stops. Blind combination pistons do not affect stop tablets, adjustable combination buttons do, also the buttons are iluminated from within when in use. General crescendo indicator lits up the moment the pedal is touched by the foot.

Another interesting feature of the organ is a remote con-

grav.-J (continua na pag. 513)

SPECIFICATION:

Great:	Principale	16	Couplers:	Unione I-P
	Principale diapason	8		Unione II-P
	Principale	8		Unione tastiere
	Dulciana	8		Sopra I-P
	Flauto armonico	8		Sopra II-P
	Ottava	4		Grave II-I
	Decima quinta	2		Sopra I
	Ripieno	V rks.		Sopra II-I
	Unda maris			Grave II
Swell:	Eufonio	8		Sopra II
	Viola gamba	8		
	Salicionale	8		
	Bordone	8		
	Flauto ottav.	4		
	Flauto	XII		
	Voce celeste	8		
	Coro viole	IV rks.		
	Tromba armonica	8		
	Tremolo			
Pedal:	Subbasso	16		
	Contrabasso	16		
	Bordone	8		
	Basso	8		
	Dolce	8		
	Campane			

grav. - J (conclusão da pág. 512)

Acessories:	thumb pistons:	4 adjustable comb. pistons for the whole organ and cancel piston, located over swell manual, duplicated by toe pistons
		4 blind combinations for swell & cancel
		5 blind combinations for great & cancel under great man.: piano pedale sordinas Tromba Ripieno OS (?) OG (?)
	toe pistons:	4 duplicating adjustable combinations Grt. to Pedal Swell to Pedal Swell to Great Ripieno Forte Tutti
General crescendo Expression for Swell		balanced

trol "console", the music is played from it by means of passing paper rolls with punched holes through the mechanism, something very similar to old "pianolas" of early twenties or before. This gadget, in shape of a small cabinet, has several controls. These are: "on" and "off", a rotating knob controlling the speed of unwinding reel, thus adjusting the tempo of the performance; further on there is a lever which allows the piece to be played as it has been registered on the reel by the manufacturers, also there is another switch which cancels prearranged registration and allows the operator to perform the composition on blind combinations, also operated from the cabinet by five buttons corresponding to those on the organ console. The moment remote control cabinet is turned "on" a general console, cancel stop tablet authomaticaly goes into action silencing the entire organ console and enabling the "reeled" music to proceed. This console "silencer" is the separate tablet preceeding the Great organ stop tablets (first on the left). Undoubtedly this mechanism is provided in case someone should be playing the organ from the console and somebody else decided to have a "manufactured" performance instead.

This remote control machine seems to be an easy way of solving the problem of availability of accomplished organists, it certainly is one more step towards the mechanisation of organ playing and if abused and left in incompetent hands can have disastrous effects. I witnessed a mechanical performance of Vidor's famous Toccata at a very slow speed and the registration on the reel was more than dull. Suddenly, because of certain church proceedings, the music was turned off, then, as soon as permissible the composition was as suddenly resumed, right in the middle of the bar too! How easy it is to turn a machine off and on without any consideration for the music or for the congregation, some members of which undoubtedly greatly distressed by such ignorance.

Driving South from Santiago towards Ciudad Trujillo one

comes across MOCA, a small country town where in 1947 construction was started on a magnificent church of Corazon de Jesus. The church was completed in 1956, but already in 1955 work begun on installation of a new organ, made like in Santiago by Tamburini of Crema, Italy. The instrument in its design is very similar to the one in Santiago, although the specification will show at once that it is of a much bigger size. The console, its layout and accessories are essentially thesame, the action is electric but unfortunately rather noisy. There is also a remote reeled music console located, like in Santiago, in the sachristy. There are no separate blind combination pistons for the pedals with the result that when changing from the lower manual to the upper the pedals authomaticaly change to a soft ensemble. This arrangement makes it impossible to play on both manuals and have a sound pedal when using blind combinations.

A visit to the interior of this organ revealed an extremely neat and orderly construction with a lot of installed lights, galleries, catwalks and ladders to move around, all pipes are stamped showing the tone and stop they belong to, there is also a long control cable which makes it possible to sound any pipe of any stop without going back to the console or having somebody there in attendance. Finally, both this organ and the one in Santiago have all exposed parts covered by fine wire mesh which keeps away flies, moths and many other insects, so abudant in this country, from making the interior of the instrument their home. Specification of this organ is: (v. grav. K).

Tamburini also supplied another, much smaller organ for thesame church in Moca, this instrument has been placed very close to the main altar, it has electric action and all the pipes are enclosed in a wooden case, immediately next to the console. The console in its layout is typical to the manufacturer's style, once again stop tablets are in one row above the swell,

grav.-K (continua na pag. 517)

SPECIFICATION:

Great:	Principale	16	Pedal:	Bordoncino	16
	Diapason	8		Subbasso	16
	Principale	8		Contrabasso	16
	Dulciana	8		Violone	16
	Flauto Traverso	8		Tromba	16
	Flauto Camino	4		Bordone	8
	Ottava	4		Basso	8
	Decima Quinta	2		Violoncello	8
	Ripieno Grave	III rks.		Quinta	10 2/3
	Ripieno Acuto	VII rks.		Ottava	4
	Corneto	III		Flauta	4
	Unda Maris	8		Tremolo	
	Tromba	8	Couplers:	Unione I-P	
	Tromba	4		Sopra I-P	
Swell:	Bordoncino	16		Unione tastiere	
	Bordone	8		Grave I	
	Eufonio	8		Grave II-I	
	Corno Camoscio	8		Sopra I	
	Salicionale	8		Sopra II-I	
	Violoncello	8		Unione II-P	
	Ottava	4		Sopra II-P	
	Flauto Concierto	4		Grave II	
	Flauto	XII		Sopra II	
	Flautino	2			
	Terza di Nasardo	1 3/5			

grav. - K (conclusão dapág. 516)

	Ripieno	V rks.
	Voce Celeste	8
	Coro Viole	8
	Oboe	8
	Campane	12 notes
	Tremolo	
Acessories: thumb pinstons:		5 adjustable combination pistons for the whole organ and cancel, located over Swell manual, duplicated by toe pistons
		6 blind combinations under each manual & cancel. under Great manual to the left: "sordinas para las Campanas" and Piano Pedale. To the right: Oboe; Tromba 16,8 and 4; Ripieno; OG (?) OS (?).
		1 Master Setter for adjustable combinations.
	Toe pistons:	5 duplicating adjustable comb. thumb pistons & cancel
		Great to Pedal A (?)
		Swell to Pedal Tutti
		Swell to Great Ripieno Great
		Forte Ripieno Swell

but instead of adjustable combination buttons as in his bigger organs, Tamburini placed an extra row of smaller tablets, by means of which a "free combination" can be pre-set. This system is put on or off by a toe piston. Both Great and Swell have three blind combination thumb pistons each plus a cancel piston, there is also a lever for lowering or raising the pitch by ½ and a full tone. Specification of this organ is as follows:

garv.-L

The console: 2 manuals and pedal board.
Action: electric.

SPECIFICATION:

Great:	Principale	8	Pedal:	Principale	8
	Bordone	8		Bordone	8
	Ottava	4		Ottava	4
	Flauto	4		Flauto	4
	Decima Seconda	2-2/3		Flauto	XII 2-2/3
	Decima quinta	2			
Swell:	Principale	8	Couplers:	Bassi Pedale	
	Bordone	8		Bassi Normali	
	Ottava	4		Bassi Attennati	
	Flauto	4		Acuti Normali	
	Flauto	XII 2-2/3		Acuti Attennati	
	Ottavino	2		Tremolo	
	Terza	1-3/5			

Accessories: 3 thumb pistons: 3 blind combinations and cancel for each manual
toe pinstons: Acc. (?)
Mic. (?)
C. L. (free combinations)
R. (?)
T. (Tutti)

These are the organs I had time and opportunity to visit and take detailed notes while in the Dominican Republic and I was told more than once that these are the only pipe organs in existence. Some other churches which I visited had either harmoniums or very old small Wurlitzer or Hammond-type instruments, but interesting fact is that in every case no one seemed to be able to tell me what was there before, if anything! It is possible that with the distance from Europe and Spain in particular, the transportation of any big organ in past centuries was out of question, perhaps the financial position of many a parish had a lot to say too. On the other hand it is difficult to imagine that so many churches carried on without any organs whatsoever until more recent years.

Monseñor Nouel,
Dominican Republic,
February 1959.

UMA NOTÁVEL PEÇA DE ARTILHARIA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

BAPTISTA DE LIMA

Desde o último quartel do século XV que a fortificação da Ilha Terceira ocupou, de uma forma especial, como é sabido, as atenções tanto do Governo Central como do poder local, representado para este efeito pelo próprio capitão donatário, a quem competiam as funções de adestrar e comandar a gente de guerra e organizar, no caso de ataque, a defesa da parte da Ilha abrangida pela respectiva Capitania.

Talvez porque as obras de fortificação a levar a efeito, nos fins daquele século, nas duas capitanias desta Ilha, se mostrassem de certo vulto, fora nomeado pela coroa um Provedor das Fortificações, para coadjuvar os Capitães donatários na execução destas obrigações e lhes dar naturalmente o necessário e conveniente apoio técnico. (1)

Da actividade exercida no final daquele século pelo Capitão donatário de Angra em colaboração com o Provedor das Fortificações Pedro Anes Rebelo, ficaram-nos, entre outras fortalezas, o Castelo de S. Luís, vulgarmente denominado «Castelo dos Moinhos», infelizmente demolido no final do segundo

(1) — Francisco Ferreira Drummond. **Annaes da Ilha Terceira**, Vol. I, p. 69. — Angra do Heroísmo, 1850.

quartel do século XIX e as defesas do cais do Porto de Pipas e do cais de Angra, restando ainda, destas últimas, alguns elementos posteriormente reconstruidos e actualmente soterrados na estrada marginal, nas proximidades do antigo edifício do Matadouro Velho e do actual imóvel da Moagem Terceirense.

Ao longo dos reinados de D. Manuel I, D. João III e D. Sebastião, as fortificações da zona da Baía de Angra, a última das quais foi o Castelo de S. Sebastião, inaugurado no ano de 1576, foram convenientemente apetrechadas com a artilharia adequada à sua operacionalidade táctica, de harmonia com as posições estratégicas onde se encontram situadas.

Durante o Governo do Cardeal D. Henrique e no período que se lhe seguiu, quando foi dado grande incremento à fortificação de toda a Ilha, foram para aqui transportadas apreciáveis quantidades de artilharia, provenientes principalmente de Lisboa e também da França e da Inglaterra, após o desastre de Alcântara, por diligências de D. António Prior do Crato. (2)

De acordo com a «Relação» do Licenciado Mosquera de Figueiroa, Auditor Geral da Armada de Don Alvaro de Baçan, quando em Julho de 1583 a Ilha Terceira caiu finalmente nas mãos de Filipe II, conquistada pelo Marquez de Santa Cruz, foram encontradas nesta Ilha mais de trezentas peças de artilharia de diferentes fabricos, calibres, características, épocas e procedências.

Da referida «Relação» consta um inventário sumário da artilharia e petrechos de guerra existentes nos diferentes castelos, fortes e armazens desta Ilha, bem como do armamento encontrado nos navios que foram apreendidos no porto de Angra. (3)

Graças a esse inventário e sem embargo dos reduzidos elementos que ele nos oferece, torna-se hoje possível identificar as

---

(2) — Carta de Luiz de Paiva, de S. Miguel para Lisboa, de 20 de Junho de 1582. Bib. Nat. de Paris. **Cod Français n.º 16.108** — Pub. in **Archivo dos Açores**, vol. IX, p. 212-213. — Ponta Delgada, 1887.

(3) — «Documentos relativos à conquista da Ilha Terceira pelo Marquês de Santa Cruz» — in **Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira**, Vol. III p. 59-168. — Angra do Heroísmo, 1945.

poucas peças de artilharia que conseguiram chegar até aos nossos dias, nesta Ilha.

Com efeito, a partir da segunda metade do século XVII, principiou o êxodo da nossa artilharia de bronze para o continente, a fim de ali ser utilizada ou simplesmente fundida.

Esta prática tornou-se corrente nos séculos XIX e XX, no decurso dos quais perto de duas centenas daquelas bocas de fogo foram embarcadas para Lisboa,, com destino a Museus, para decoração de fortalezas do continente ou, simplesmente, para serem fundidas e o seu bronze utilizado para diversos fins, designadamente para algumas das estátuas que embelezam as praças públicas de Lisboa e de outras cidades do país, com excepção de Angra, que, por ironia do destino, ainda hoje aguarda o seu primeiro monumento de bronze.

Ainda em data relativamente recente, no ano de 1949, foram arbitrariamente remetidas para Lisboa, sem embargo de protesto do Instituto Histórico da Ilha Terceira, quatro antigas peças de bronze, duas das quais do século XVI, aqui recebidas, do estrangeiro, durante a resistência do Prior do Crato às tentativas de Filipe II para a conquista desta Ilha, possuindo uma delas as armas de Isabel I de Inglaterra e a outra as do Turco e de Francisco I de França.

Das poucas que ainda nos restam, as mais antigas e valiosas escaparam de tal sorte por se encontrarem no fundo das Baías de Angra ou do Fanal, a muitos metros de profundidade, para onde foram projectadas, há muitos anos, por enormes vagas sísmicas ou ciclónicas, que as arrancaram das fortalezas da base do Monte Brasil, onde estavam instaladas.

Em campanhas sucessivas, levadas a efeito a partir de 1957, o Museu de Angra do Heroismo conseguiu detectar e localizar, nas Baías de Angra e do Fanal, diversas âncoras, restos de navios e peças de artilharia, quer naval quer terrestre, cujo salvamento e recuperação foi possível efectuar em operações levadas a efeito na década seguinte, mais precisamente entre 1960 e 1965, com a colaboração da Marinha de Guerra Portuguesa, do Comando da Zona Aérea dos Açores, do Comando do Destacamento da Força Aérea dos E. U. A. estacionado na Base das Lajes e da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Durante as operações realizadas neste período na Baía do

Fanal, nas proximidades do antigo Forte do Zimbreiro e actual Bateria da Constituição, procedeu-se ao salvamento de onze bocas de fogo de extraordinário interesse, sendo cinco de bronze, todas do século XVI, e seis de ferro, dos séculos XVII, XVIII e XIX.

Em 1972 foi levada a efeito uma nova campanha de salvamento, desta vez na Baía de Angra, com vista à recuperação de antiga artilharia do Forte de Santo António, que dois anos antes fora localizada, a pouco mais de trinta metros da raiz da rocha onde se encontra implantada aquela fortaleza e a cerca de quarenta metros de profundidade.

Os trabalhos de prospecção arqueológica foram levados a efeito com a obsequiosa colaboração da equipa inglesa chefiada pelo arqueólogo Sr. Sydney Wignall e tiveram a presença de membros do núcleo local do Centro Português de Actividades Subaquáticas.

Os referidos trabalhos, que foram acompanhados por pessoal deste Museu, culminaram com a detecção de um canhão português de bronze, do século XVI, cujo salvamento se operou no dia 7 de Agosto daquele ano com a prestimosa colaboração dos Serviços Marítimos do Destacamento Americano da Base Aérea das Lajes.

A antiga peça de artilharia recuperada, que foi seguidamente recolhida no Museu de Angra do Heroísmo, onde se encontra exposta, após haver sido beneficiada com os trabalhos de limpeza e conservação de que se encontrava carecida, pode ser descrita da seguinte forma:

— Colubrina. Boca de fogo de bronze de 13 cm. de calibre, com 4,40 m. de comprimento e 2 570 kg. de peso. A bolada (zona compreendida entre o segundo reforço e a boca da peça) apresenta-se muito ornamentada, mostrando a moldura junto da boca uma faixa com folhas de acanto em relevo. Segue-se uma decoração constituida por carrancas ligadas entre si por festões florais, que contornam a peça naquela zona.
Podem ver-se, depois, a meio da parte superior e igualmente em relevo, as Armas de Portugal da época de D. João III sob as quais passam cordões que, partindo da

carranca superior, vêm terminar junto de uma esfera armilar que se encontra logo a seguir às Armas Nacionais.

Do lado direito, os festões entrelaçam num troféu militar e, do lado esquerdo, numa cartela, em relevo, com a data de 1545.

Ainda na bolada se observam dois aneis para arganéus, a que faltam estes últimos, e, na zona que fica junto do segundo reforço, uma nova decoração de folhas de acanto de grosso relevo.

No segundo reforço encontram-se os munhões e na parte superior da zona central do mesmo vê-se uma cartela com a inscrição em relevo «IODIZ», que nos dá a conhecer o nome do respectivo fundidor.

No primeiro reforço, que apresenta caneluras paralelas ao eixo longitudinal da peça, observam-se dois aneis com os respectivos arganéus.

O cascavel, que é chato e moldurado, apresenta na parte central uma cabeça de guerreiro, igualmente de estilo Renascença, ao qual aliás pertence toda a ornamentação da peça.

Esta colubrina mostra-se semelhante, pela sua decoração, a duas outras peças do mesmo fundidor, existentes no Museu Militar de Lisboa e datadas respectivamente de 1549 e 1575, ambas de maior calibre, mas de menor comprimento.

João Dias, o seu fundidor, de cujo trabalho nos arsenais reais, durante os reinados de D. João III e D. Sebastião, existem documentos, deixou-nos ainda duas outras peças assinadas com a mesma sigla, mas não datadas, sendo entretanto considerada uma da época de D. João III e a outra do tempo de D. Sebastião, as quais pertencem igualmente ao Museu Militar. (4)

É natural que, com o decorrer dos tempos e o interesse de que começa a ser objecto a arqueologia militar, se venham a

---

(4) — Catálogo do Museu Militar (de Lisboa). 10.ª Edição, p. 44/46 e 189/190. — Lisboa, 1930.

identificar outras peças fundidas por João Dias que, além de hábil fundidor de artilharia, se revela também um dos mais notáveis decoradores portugueses de bocas de fogo do século XVI, época em que a nossa artilharia, comparada com a de outros países, como por exemplo a Alemanha, se mostra, quanto à sua decoração, particularmente modesta, se exceptuarmos os excelentes trabalhos de João Dias. (5)

É ainda possível que João Dias tenha fundido diversos outros canhões a que não tenha, porém, aposto a sua sigla e cuja identificação se torna hoje, por consequência, muito difícil, ou até mesmo impossível, sem documentos escritos que a permitam.

Cumpre notar, a propósito, que a peça de artilharia de que nos ocupamos é um dos mais notáveis exemplares manufactudos por aquele fundidor-artista, pelo que muito veio valorizar a secção de artilharia antiga do Museu de Angra do Heroísmo.

Resta finalmente perguntar se será possível conhecer a data em que esta colubrina terá chegado à Ilha Terceira e se poderemos saber quando terá sido integrada na artilharia do Forte de Santo António, cuja construção se situa à roda de 1580.

Da «Relação» de Mosquera de Figueiroa conclui-se que, em 1583, esta colubrina ainda não se encontrava no Forte de Santo António do Monte Brasil.

Com as «Armas de Portugal» a referida «Relação» só regista a existência de «Un pedrero grande bronze», que mesmo pessoa pouco entendida na classificação da artilharia da época (o que não é o caso daquela que elaborou o inventário que o Auditor Geral da Armada inclui na sua «Relação») não confundiria com uma colubrina, visto qualquer canhão pedreiro, por menor que fosse, ter um calibre muito superior e um comprimento e peso muito inferiores aos de uma colubrina como esta.

Resta-nos pois procurá-la nas outras Fortalezas da Ilha Terceira, pois, como é sabido, delas foi retirada, durante os séculos seguintes, diversa artilharia com destino ao Castelo prin-

---

(5) — F. M. Sousa Viterbo, «Fundidores de Artilharia», in **Revista Militar**, Ano de 1901, p. 210/211. — Lisboa, 1901.

cipal de Angra e fortificações anexas.

Ainda de acordo com a referida «Relação», há duas colubrinas e duas meias colubrinas que poderão corresponder àquela de que nos ocupamos e que se encontravam, respectivamente, no Castelo de S. Sebastião da cidade de Angra; no Castelo «Dopao» (depois Forte de S. José, do Cabo da Praia); na «Fortaleza de Pereçossas» (depois Forte de S. Fernando, situado no porto do mesmo nome) e no Forte de Nossa Senhora da Luz, na Vila da Praia.

Os 21 palmos da colubrina que então existia no Castelo de S. Sebastião de Angra quasi correspondem ao comprimento da peça em questão (4,40 m.), não sendo a diferença muito importante, face à imprecisão ou flutuação da medida (palmo) adoptada.

Há todavia um pormenor importante, que prejudica a identificação.

Todas as bocas de fogo constantes do inventário da «Relação», que se encontram armoriadas, têm esta particularidade anotada, o que não se verifica relativamente à colubrina do Castelo de S. Sebastião, porquanto a verba respeitante a esta peça apenas diz: «Una culebrina de bronze de 21 palmos».

Um esquecimento na anotação das armas desta boca de fogo, se é que as possuia, pode ser admissível, mas porque se trata de uma peça importante, em virtude das respectivas dimensões, parece-nos pouco provável.

A outra colubrina, esta com as «Armas de Portugal», encontrava-se na zona do Cabo da Praia, no Castelo «Dopao», mais tarde Forte de S. José, mas nada conhecemos das suas características, pelo que nos é impossível qualquer identificação.

Outro tanto podemos dizer da meia colubrina que existia na «Fortaleza de las Pereçossas», depois Forte de S. Fernando e que igualmente apresentava as «Armas de Portugal».

Resta-nos, finalmente, a outra meia colubrina, que se encontrava no Forte de Nossa Senhora da Luz da Vila da Praia, que já se apresentava desartilhado em 11 de Agosto de 1829, quando do ataque àquela Vila pela esquadra de D. Miguel I. (6)

---

(6) — Eusébio Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado. **Memória Histórica de todo o acontecido no dia... 11 de Agosto de 1829...**, Mapa n.º 2. — Lisboa, 1835.

A verba que lhe é dedicada, na «Relação», é do seguinte teor: «Una media culebrina com las armas de Portugal de 28, quintales encavalgada».

A classificação de «colubrina» ou «meia colubrina» não é uniforme no século XVI, nos diferentes países da Europa e até no mesmo país e na mesma época se notam, por vezes, critérios diferentes de classificação, tanto no que se refere a esta como a outras peças de artilharia «grossa» ou «miuda».

E assim, o que nós hoje classificamos como «colubrina» poderá ter sido inventariado como «meia-colubrina», por técnicos de um país, na segunda metade do século XVI, enquanto noutros países, ou até no mesmo país, outros técnicos ou peritos de artilharia, dariam à mesma boca de fogo a classificação que nós hoje lhe atribuimos.

Nestas condições, nada impede que a peça que se encontrava no Forte da Luz possa vir a ser identificada como aquela de que nos estamos a ocupar.

Na referida descrição sumária há um pormenor importante — o peso, de 28 quintais — que, com pequena margem de erro, corresponde ao peso de 2 570 kgs. que apresenta a colubrina em causa.

Cumpre verificar se noutra fonte será possível encontrar qualquer outro elemento que nos permita admitir, ainda que apenas com alguma probabilidade, que esta peça poderá ter sido aquela que se encontrava no Forte da Luz da Vila da Praia.

Com efeito, o Dr. Gaspar Fructuoso, quando nas **Saudades da Terra** (7) faz a descrição da zona marginal da baía daquela Vila, diz-nos em certa altura: «e logo na ponta deste calhau, onde está o porto da Vila, correndo o areal um tiro bom de besta, estão as duas fortalezas velhas, que se fizeram quando se amurou a vila, as quais têm muita artilharia grossa de bronzo (sic), a melhor que há na ilha, como é uma águia e uma fermosa esfera, e muitos pedreiros e falcões pedreiros e de dado e berços».

As fortalezas a que o Dr. Gaspar Fructuoso se refere são, naturalmente, as de Nossa Senhora da Luz e das Chagas, por

(7) — Dr. Gaspar Frutuoso. **Livro Sexto das Saudades da Terra**, p. 14, Ponta Delgada, 1963.

serem as mais importantes do sistema defensivo da baía da Praia naquela zona, naquele tempo, conforme se vê da «Relação» de Mosquera de Figueiroa, não podendo subsistir mesmo dúvidas, quanto à primeira, pois ela situava-se, com efeito, a «um tiro bom de besta» do Forte de Santa Cruz do Porto, ou talvez mesmo um pouco mais.

Parece haver grande probabilidade em que a «media culebrina con las armas de Portugal de 28, quintales» incluida na «Relação» como existente no forte de Nossa Senhora da Luz, seja a «fermosa esfera» a que se refere Fructuoso, na sua linguagem abreviada.

Afigura-se-nos ainda importante salientar o facto, que tem sem dúvida interesse para essa possível identificação, de o Dr. Gaspar Fructuoso se ter mostrado sensível à beleza da decoração da boca de fogo que abreviadamente denominou «esfera».

A colubrina de que nos ocupamos e que além das Armas de Portugal apresenta também uma Esfera na sua ornamentação, bem merece a classificação de «fermosa», graças à artística decoração renascentista que ostenta e que lhe confere lugar de excepcional relevo.

Com efeito, não conhecemos nenhuma outra entre a artilharia portuguesa da época, tanto da que ainda hoje conservamos nos Açores como da que se encontra no continente, que se lhe possa considerar superior, neste aspecto.

Parece-nos pois muito provável que a boca de fogo que foi salva em 1972 e que anteriormente guarnecia o Forte de Santo António do Monte Brasil, seja a que se encontrava, em 1583, no Forte de Nossa Senhora da Luz da Vila da Praia, desta Ilha.

Não nos é possível entretanto, por falta de documentos conhecidos, determinar, neste momento, quando terá aquela colubrina chegado a esta Ilha e em que data se terá verificado a sua transferência para o Forte de Santo António.

Sabemos que no ano de 1567 foram remetidos à Capitania da Praia arcabuzes aparelhados com respectivos frascos e murrões, piques, pólvora e chumbo, tendo a Capitania de Angra re-

cebido igualmente armas e munições do mesmo tipo, conforme aliás já fora dotada em 1561. (8)

Naquele mesmo ano fora enviado para a Ilha Terceira o «Regimento das Vigias» (9), que incluia determinações sobre as posições da artilharia e os cuidados a ter com a conservação das bocas de fogo e da respectiva palamenta e munições.

Em 1566, Francisco do Canto era nomeado Capitão Mór da Praia, falando-se, na respectiva Carta Régia, nas munições que iam ser enviadas para aquela Capitania (10).

No mesmo ano se procedeu, na Câmara da Vila da Praia, à eleição dos oficiais da milícia da Capitania daquela Vila e foram tomadas várias medidas quanto à sua defesa, incluindo a distribuição das posições de artilharia, dentro e fora da Vila. (11)

Em 1571 é passada provisão ao Capitão da Praia Antão Martins Homem, para fazer «repairos» para a defesa da Vila e proceder à expropriação das casas que fosse necessário demolir, para a realização dos trabalhos de fortificação. (12)

Verifica-se pois que entre 1561 e 1571 houve uma importante actividade no que se refere à preparação da defesa desta Ilha, designadamente no que toca à Capitania da Praia.

Nas medidas que foram tomadas para o efeito, incluem-se disposições respeitantes à construção de fortificações destinadas à instalação da artilharia e outras relativas à conservação das bocas de fogo, respectiva palamenta e munições.

É pois de admitir, como possível, que a colubrina de que nos ocupamos e que se encontra datada de 1545, tenha sido então enviada a fim de ir guarnecer uma das fortalezas daquela Vila, que bem poderá ter sido a de Nossa Senhora da Luz, que era no tempo uma das mais importantes do sistema defensivo da Praia.

Quanto à data da sua transferência para o Forte de Santo

---

(8) — F. Ferreira Drumond. **Annaes da Ilha Terceira**, Vol. I, p. 148. — Angra do Heroísmo, 1850.

(9) — Idem, ibidem, p. 579 — 584.

(10) — Idem, ibidem, p. 621-622.

(11) — Idem, ibidem, p. 622-627.

(12) — Idem, ibidem, p. 645-646.

António do Monte Brasil, não dispomos, como dissemos, de elementos que nos habilitem a determiná-la.

É contudo muito provável que tenha ocorrido antes de 26 de Maio de 1767, data da «Revista» que o Sargento-Mor João António Judice efectuou aos Fortes da Ilha Terceira, por ordem do Capitão General D. Antão de Almada e da qual não consta a presença de qualquer boca de fogo de bronze no Forte de Nossa Senhora da Luz, onde apenas se regista a existência de três peças de ferro. (13)

É muito aceitável que já se encontrasse então incluida nas dezoito peças de artilharia, de bronze, que o referido Sargento-Mor encontrou no Forte de Santo António, na «Revista» que ali efectuou dois dias antes, mas da qual não consta, infelizmente, qualquer pormenor que possa conduzir à identificação das bocas de fogo examinadas, de que apenas se limita a indicar a quantidade. (14)

Admitimos contudo como muito possível que venham ainda a aparecer documentos mais pormenorizados sobre a artilharia que guarnecia, nos séculos XVIII e XIX, aquela e outras fortalezas desta Ilha e que nos dêem a conhecer mais alguns pormenores sobre esta valiosa colubrina.

O nosso objectivo, neste momento, foi apenas revelar a existência, no Museu de Angra do Heroísmo, de uma das mais notáveis bocas de fogo portuguesas, da primeira metade do século XVI, que há quatro séculos se encontra nesta Ilha.

BAPTISTA DE LIMA

(13) — **Archivo dos Açores**, Vol. V, p. 358-363 — Ponta Delgada, 1883.
(14) — **Archivo dos Açores**, Vol. V, p. 414-418. — Ponta Delgada, 1883.

Colubrina portuguesa de bronze, datada de 1545, fundida em Lisboa por João Dias, cuja sigla apresenta, recuperada em 1972, na Baía de Angra, junto ao Forte de Santo António do Monte Brasil, por iniciativa do Museu de Angra do Heroísmo, onde actualmente se encontra exposta

As Armas de Portugal, seguidas de uma Esfera, que se vêem, em relevo, na bolada, próximo da boca

Cartela com a data 1545, em relevo, que se encontra do lado esquerdo da bolada

Cartela com a sigla IODIZ, do fundidor, que se vê na parte superior do segundo reforço, entre os munhões

Carranca, em relevo, que faz parte da ornamentação da peça e se encontra situada na parte superior da balada, próximo da boca

VIDA DO INSTITUTO

1.ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO ANO DE 1969

No dia vinte e três de Maio do ano de mil novecentos e sessenta e nove, nesta cidade de Angra do Heroismo, no Salão Nobre da Junta Geral do Distrito Autónomo, em segunda convocação, por, à hora fixada para a primeira, não ter comparecido a maioria dos sócios, realizou-se a primeira reunião ordinária dos sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, convocada nos termos do artigo 2.º e para os efeitos do disposto no artigo 4.º do Regulamento deste Instituto, achando-se presentes o Excelentíssimo Presidente da Junta Geral e Presidente Honorário do Instituto, Exmo. senhor Doutor Agnelo Ornelas do Rego, e os Exmos. senhores Francisco Coelho Maduro Dias, Tesoureiro, João Afonso, D. Maria Francisca Bettencourt, Doutor Helder Fernando Parreira de Sousa Lima, Doutora D. Elsa Brunilde Lemos de Mendonça, Emanuel Félix Borges da Silva, Tenente-coronel Loureiro, Governador do Castelo de São João Baptista e Doutor Manuel Coelho Baptista de Lima, Secretário.

Abriu a sessão em nome do Presidente, o Secretário, pelas 20 horas, que pediu para ler, antes da ordem do dia, a carta que recebera do ilustre e devotado Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, senhor Tenente-coronel José Agostinho, alegando que, em face do seu estado de saúde e por se encon-

trar ausente; e também doente, o ilustre Presidente substituto, senhor Doutor Francisco Lourenço Valadão Júnior, transmitia, a ele, secretário, os poderes e encargos da presidência, para que, enquanto aquele impedimento durasse, pudesse gerir todos os assuntos respeitantes à vida desta colectividade e orientar os respectivos trabalhos.

Após a leitura da referida carta, propôs o Doutor Baptista de Lima ficasse exarado nesta Acta um voto de grande apreço pela notável acção que o senhor Tenente-coronel José Agostinho tem desenvolvido em prol do Instituto, não só durante os longos anos em que foi seu secretário, mas também durante a última década, em que tem exercido com muito brilho as funções de Presidente, e que ficasse, outrossim, consignado na acta desta reunião um voto pelas melhoras e pronto restabelecimento do senhor Tenente-coronel José Agostinho, propostas estas que foram aprovadas com aplauso por todos os sócios presentes.

Foi seguidamente aprovado um voto de pesar pela doença de que foi vítima o eminente estadista e antigo Presidente do Conselho Professor Doutor Oliveira Salazar e bem assim, um voto de congratulação pela feliz escolha do Professor Doutor Marcelo José das Neves Alves Caetano, para o exercício daquelas elevadas e difíceis funções.

Lida, e aprovada a acta da reunião anterior, justificou o Secretário das razões porque só agora era possível realizar esta reunião, tendo sido aceito por unanimidade e justificação dada.

Procedeu-se seguidamente, à leitura do Relatório da actividade do Instituto no ano de 1968 e à apresentação das contas respeitantes ao referido ano e ao primeiro quadrimestre do corrente ano, que foram aprovadas bem como o referido Relatório.

Em nome do Instituto, agradeceu o Secretário à Exma. Junta Geral e de uma forma muito especial, ao seu ilustre Presidente, senhor Doutor Agnelo Ornelas do Rego, o constante apoio e desvelado patrocínio que tem continuado a dispensar a este Instituto, assegurando-lhe os meios materiais para poder levar a bom termo a sua missão cultural, tendo o Exmo. Presidente da Junta Geral agradecido estas palavras, em seu nome e no do Corpo Administrativo a que preside.

Do Plano de actividades para o corrente ano, foram encarecidos com especial relevo a publicação do n.º 23-24 do Boletim do Instituto, correspondente aos anos de 1965-1966, para o que a Junta Geral tem assegurada a concessão da respectiva verba e a reedição da Planta Panorâmica, de Jan Huygen Van Lynschoten, que dentro em breve ficará construida na oficina Bertrand & Irmãos de Lisboa.

O Doutor Baptista de Lima informou que se poderia começar a ocupar da edição da Parte Histórica da «Fénix Angrense», logo que fosse possível obter a cópia do respectivo manuscrito pertencente à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital desta cidade.

Como a referida Biblioteca não dispunha de meios materiais para levar a efeito a realização da referida cópia, por se tratar de um volumoso manuscrito com mais de mil folhas, parecera-lhe indispensável que o Instituto diligenciasse efectuar este trabalho a expensas suas, mas fora-lhe comunicado pelo ilustre Presidente, senhor Tenente-coronel José Agostinho, que, de momento as disponibilidades financeiras desta agremiação não permitiam a realização do referido trabalho, pelo que não lhe fora possível dar ainda início à preparação da edição desta obra, de que o Instituto tivera a gentileza de o encarregar.

Nestas condições e aproveitando o ensejo de se encontrar presente o Exmo. Presidente da Junta Geral, senhor Doutor Agnelo Ornelas do Rego, uma vez mais apelava para a alta compreensão e generoso patrocínio que Sua Excelência sempre se tem dignado dispensar às iniciativas e à acção cultural deste Instituto, no sentido de se tornar viável a realização da cópia da Fénix Angrense, sem o que não será possível pedir também qualquer subsídio à Fundação Calouste Gulbenkian para a edição desta obra, o assunto que começou também a ser já tratado.

O Exmo. Presidente da Junta Geral disse que iria estudar o assunto para de acordo com as possibilidades existentes ver se, ainda no corrente ano, seria possível conceder, pelo menos em parte, a verba necessária para execução daquele trabalho.

Seguidamente, falou o Secretário da colaboração do Instituto Histórico nas comemorações centenárias do Maestro Francisco de Lacerda e de Vasco da Gama, tendo ficado deliberado,

após uma larga troca de impressões, em que intervieram muitos dos sócios presentes, que esta colectividade dê toda a colaboração possível à Academia Musical e à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital desta cidade, nas comemorações que aquelas entidades se propõem levar a efeito quanto ao primeiro daqueles centenários, e que o Presidente do Instituto, ou quem legalmente o substitua preste ao Excelentíssimo Governador do Distrito Autónomo e Presidente da Comissão Distrital das Comemorações Centenárias, na qual este Instituto foi também incluido, toda a cooperação que se torne necessária, dentro das possibilidades existentes, para que as comemorações locais possam revestir do brilho e dignidade que se impõe numa terra que, como a Ilha Terceira se encontra intimamente ligada à epopeia dos Descobrimentos Marítimos e designadamente, à primeira viagem de Vasco da Gama, que aqui, deixou seu irmão Paulo da Gama, sepultado no Convento de São Francisco desta cidade.

Usaram da palavra os sócios senhores Emanuel Félix Borges da Silva e João Dias Afonso que sugeriram a conveniência de serem presentes em cada reunião as publicações recebidas pelo Instituto, a fim de os sócios delas poderem tomar conhecimento. Igualmente foi sugerido pelos dois referidos sócios o interesse que haveria em se continuar a inserir no Boletim do Instituto críticas da principal bibliografia recebida a elaborar pelos sócios, segundo a especialidade dos seus conhecimentos. A estas propostas, que foram aprovadas por unanimidade, se associou também o Secretário do Instituto sublinhando a vantagem que haveria na apresentação da bibliografia recebida acompanhada até, se possível, para as obras de maior interesse, de um pequeno comentário verbal elucidativo do seu valor e de qualquer nova contribuição de que, porventura, sejam portadoras.

Ventilou-se, seguidamente, a possibilidade da publicação de uma selecção de versos da nossa consócia D. Maria Francisca de Bettencourt (Maria do Céu), tendo-se pronunciado sobre o assunto quase todos os sócios presentes, tendo-se finalmente chegado à conclusão, de que a referida publicação seria viável, uma vez que o Instituto dispusesse das indispensáveis dotações para o efeito, tendo por sugestão da autora, ficado encarregado de a coadjuvar na selecção dos poemas com vista a uma possível publicação, o sócio deste Instituto, o senhor Emanuel Félix Borges da Silva.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada esta reunião pelas 22 horas.

Manuel Coelho Baptista de Lima

ass.) Francisco Maduro Dias Coelho

2.ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO ANO DE 1969

No dia trinta e um de Dezembro de mil novecentos e sessenta e nove, nesta cidade de Angra do Heroísmo, no Salão Nobre da Junta Geral do Distrito Autónomo, em segunda convocação, por à hora fixada para primeira não haver comparecido a maioria dos Sócios, realizou-se a segunda reunião ordinária dos Sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, convocada de harmonia com o disposto no artigo 8.º do Regulamento, para cumprimento do estabelecido no parágrafo 3.º do artigo 9.º dos Estatutos, achando-se presentes Sua Excelência o Governador do Distrito Autónomo, Dr. António Machado Pires, sócio efectivo do Instituto, o Exmo. senhor Dr. Agnelo Ornelas do Rego, Presidente da Junta Geral e Presidente Honorário do Instituto, e os Exmos. senhores Arquitecto Fernando Augusto de Sousa, Henrique Vieira de Borba, João Dias Afonso, Emanuel Félix Borges da Silva, Francisco Coelho Maduro Dias e Manuel Coelho Baptista de Lima, Secretário, em representação do Presidente.

Aberta a sessão, pelas onze horas e trinta minutos, foi lida e aprovada a acta da reunião anterior, tendo o Secretário apresentado a justificação das razões por que só agora se tornava possível realizar a presente reunião, a qual foi aceite por unanimidade.

Procedeu-se seguidamente à votação de harmonia com o preceituado no Regulamento para eleição da mesa que deverá dirigir a actividade do Instituto no biénio 1970-1971 e, seguidamente, dos substitutos dos diferentes cargos da referida mesa, tendo sido eleitos, como efectivos os seguintes sócios. Presidente — Tenente-coronel José Agostinho; Secretário — Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima; Tesoureiro — Francisco Coelho Dias; Substitutos: Presidente — Dr. Francisco Lourenço

Valadão Júnior; Secretário — João Dias Afonso; Tesoureiro — Dr. Rafael Valadão dos Santos.

Após a eleição, usou da palavra o Secretário, que agradeceu a confiança que mais uma vez o Instituto nele depositava e se congratulou vivamente pela reeleição dos restantes membros da mesa e seus substitutos salientando o que o Instituto e os Açores deviam ao eminente homem de ciência senhor Tenente-coronel José Agostinho e tendo palavras de sentida homenagem para o senhor Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior cujo estado de saúde era considerado de extrema gravidade.

A estas palavras do Secretário se associaram todos os presentes.

Pelo Exmo. Presidente da Junta Geral e Presidente honorário deste Instituto foi emitido o voto de que, após a instalação do Instituto na sua nova séde, se verifique uma mais estreita e assídua colaboração dos sócios desta colectividade, no sentido de dar maior amplitude à sua acção e de a mesma se tornar mais intensiva a bem do desenvolvimento dos estudos históricos e do progresso cultural do nosso meio. Esta proposta foi recebida com aplauso por todos os presentes.

Finalmente, o Secretário dirigiu os agradecimentos do Instituto ao Exmo. Governador do Distrito, pelo patrocínio que sempre se tem dignado conceder a esta instituição, e ao Exmo. Presidente da Junta Geral, pelo apoio e amparo moral e material que se tem dignado dispensar a este Instituto que perfaz oficiosamente, uma das funções culturais da Junta Geral deste Distrito Autónomo.

Sua Excelência o Governador e o Exmo. Presidente da Junta Geral agradeceram as palavras que lhe foram dirigidas e nada mais, havendo a tratar, foi encerrada a sessão quando eram doze horas.

ass.) Manuel Coelho Baptista de Lima

Francisco Coelho Maduro Dias

1.ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO ANO DE 1970

No dia dezoito de Fevereiro de mil novecentos e setenta,

nesta cidade de Angra do Heroísmo e no Salão Nobre da Junta Geral do Distrito Autónomo, em segunda convocação, por à hora fixada para a primeira não haver comparecido a maioria dos sócios, realizou-se a primeira reunião ordinária dos sócios efectivos do Instituto Histórico da Ilha Terceira, convocada de harmonia com o disposto no artigo segundo e para cumprimento do estabelecido no artigo terceiro do Regulamento deste Instituto, achando-se presentes Sua Excelência o Governador do Distrito Autónomo, Doutor Teotónio Machado Pires, sócio efectivo do Instituto, o Excelentíssimo senhor Doutor Agnelo Ornelas do Rego, Presidente da Junta Geral e Presidente Honorário do Instituto, o Governador do Castelo senhor Tenente-coronel Orlando Andrade e os senhores João Dias Afonso, Henrique Vieira de Borba, Dona Maria Francisca Bettencourt, Doutor Cândido Pamplona Forjaz, Emanuel Félix Borges da Silva e Francisco Maduro Dias, Tesoureiro deste Instituto que orientou os trabalhos da sessão, em representação do Presidente, senhor Tenente-coronel José Agostinho e na ausência do Secretário Senhor Doutor Manuel Coelho Baptista de Lima.

Aberta a sessão pelas onze horas e trinta minutos, usou da palavra o senhor Francisco Coelho Maduro Dias, que disse que, embora o ilustre Presidente deste Instituto, senhor Tenente-coronel José Agostinho, dirija, como lhe compete e superiormente sabe, as actividades deste organismo, lhe é custoso actualmente exercer determinadas funções, pelo que vem cumprindo estas o respectivo Secretário, senhor Doutor Manuel Coelho Baptista de Lima. Disse também o Senhor Francisco Coelho Maduro Dias que o Senhor Doutor Manuel Coelho Baptista de Lima, incumbido de substituir nesta sessão o ilustre Presidente do Instituto no seu impedimento, não podendo também comparecer, em consequência da crise de comunicações marítimas, o havia designado para representar a Direcção nesta reunião.

Procedeu depois o Senhor Tesoureiro à leitura da acta da reunião anterior que foi aprovada por unanimidade, e, conforme constava da comunicação, digo convocação e de harmonia com o disposto no artigo segundo e para cumprimento no artigo terceiro do Regulamento deste Instituto, leu o Relatório do Presidente sobre as actividades do Instituto em 1969, tendo seguidamente apresentado as contas desta Instituição, desde 1 de

Maio até 31 de Dezembro de 1969, que foram igualmente aprovadas por unanimidade.

Após ter saudado o Governador do Castelo, teve o senhor Francisco Coelho Maduro Dias palavras de elogio para a memória do Doutor Francisco Lourenço Valadão Júnior, associando-se ao voto de profundo pezar pelo falecimento daquele ilustre membro e Vice-Presidente desta colectividade expresso no Relatório do Presidente, no que foi secundado por todos os presentes.

Disse ainda o Senhor Francisco Coelho Maduro Dias que havia convidado o senhor Doutor Cândido Pamplona Forjaz a escrever o elogio do falecido consócio, para ser publicado no Boletim, convite que detidamente justificou.

Referiu-se depois o senhor Francisco Coelho Maduro Dias aos trabalhos de impressão do Boletim, designadamente da obra «Da Praça às Covas», da autoria do senhor Tenente-coronel Frederico Augusto Lopes da Silva, sócio efectivo deste Instituto, dizendo que uma separata referente à Sé de Angra apareceria por ocasião do IV Centenário do Lançamento da Primeira Pedra daquele templo.

Continuando no uso da palavra, referiu-se o senhor Francisco Coelho Maduro Dias à obra de exploração espeleológica da iniciativa de «Os Montanheiros», dizendo que seria útil fazer-se uma memória sobre a fundação e actividade daquela associação, tendo sugerido para o efeito o nome do consócio senhor João Dias Afonso.

Finalmente, pediu a palavra o Governador do Castelo, senhor Tenente-coronel Orlando de Andrade, que agradeceu as palavras que lhe haviam sido dirigidas declarando que a colaboração que poderia prestar ao Instituto estava implícita na sua presença nesta reunião.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão quando eram doze horas e quinze minutos.

ass.) Maduro Dias

João Afonso

Publicações Recebidas

Por oferta e por troca com o «Boletim» do Instituto, receberam-se nos anos de 1969-1970 e muito se agradecem, as seguintes publicações:

Agronomia Lusitana — Vol. 29 — N.º 4 — 1967

Arquivo do Distrito de Aveiro — N.º 135 — 1968.

Jornal do Batalhão Independente de Infantaria 17 — N.º 39 — Ano III — 1968.

Das Artes e da História da Madeira — Vol. VIII — N.º 38 — Ano XVIII.

Boletim Pecuário — N.º 3 — Ano XXXV — 1967.

Monumenta Henricina — Volume IX (1445-1448).

Revista de Etnografia — Junta Distrital do Porto — Vol. XI — Tomo I — N.º 21 — 1968.

O Arqueólogo Português — Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia — Série III — Vol. I — 1967.

Índice Cultural Espanhol — N.º 267-268-269 — Ano XXIII — 1968.

Boletim do Gabinete Português de Leitura — N.º 12 — 1968.

Revista de História — S. Paulo — Brasil — Vol. XXXV — N.º 72 — Ano XVIII — 1967.

Jornal do Batalhão Independente de Infantaria n.º 17 — N.º 40 — Ano III — 1969.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — N.º 7-9 — Série 86.ª — 1968.

Arquivo do Distrito de Aveiro — N.º 136 — 1968.
Revista de História — S. Paulo — N.º 73 — Vol. XXXVI — Ano XIX — 1968.

El Museu Canário — N.os 65-72 — 1958-1959.
O Instituto — Coimbra — Vol. CXXXI — 1969.
Estudos de Castelo Branco — N.º 28 — 1968.
O Castelo — Jornal do B. I. I. 17 — N.º 41 — Ano III — 1969.
Idem, idem — N.º 42 — Ano III — 1969.
Uma nova etnologia Românica de «Baía» — Junta de Investigação do Ultramar — XXII — 1968.

A primeira visita de um Governador das Ilhas a Cabo Verde à Guiné, por A. Teixeira da Mota — Junta de Investigação do Ultramar — XXIII — 1968.
Harvard Educational Review — Vol. 39 — 1969 — N.º 1.
Estudos Históricos — Manilia — N.º 5 — 1966.
Estudos de Castelo Branco — N.º 29 — 1969.
Revista de Guimarães — Vol. LXXVIII — N.º 3-4 — 1968.
H. A. Bulletin — Vol. 14 — N.º 314 — 1968.
Os Guias Náuticos de Menrique e Évora — Junta de Investigações do Ultramar — 1965.

Jornal do B. I. I. 17 — N.º 43 — Ano III — 1969.
Revue Historique de L'Armée — N.º 1 — 25.º Année — 1969.
Revista de Etnografia — Junta Distrital do Porto — N.º 22 — Vol. XI — Tomo 2 — 1968.

Arquivo do Centro Cultural Português — Vol. I — Fundação Calouste Gulbenkian — 1969.

Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares — Tomo XXIV — 1968 — Cuadernos 3.º e 4.º — 1968.

Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto — Volume XXXI — Fasc. 3-4 — 1968.

Relatório e Contas do Montepio Terceirense — 1968.
The Quarterly Journal — Vol. 25 — N.º 4 — 1968.
Agenda para 1969 da Junta Autónoma dos Portos de Angra do Heroísmo.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — Série 86.ª —

N.os 10-12 — 1968.

Arquivo do Distrito de Aveiro — N.º 137 — 1969.
O Castelo — Jornal do B. I. I. 17 — N.º 44 — 1969.
H. A. Bulletin — Vol. 15 — n.º 1/2 — 1969.
Actividades Portuguesas — 1969.
Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga — N.os 3-4 — Vol. V — 1969.

Boletim Pecuário — N.º 1 — Ano XXXVI — 1968.
Revista de Cultura Lusíada — Independência — N.º 39 — Ano XXVII — 1968.

The Quarterly Journal of the Library of Congresso — 1969 — Vol. 26 — N.º 2.

Padre Sena Freitas — Antologia (João H. Anglin) 1968.
Índice Cultural Espanhol — N.º 270-271-272 — Ano XXIII — 1968.

Revista de História — N.º 74 — 1968.
O Castelo — Jornal do B. I. I. 17 — N.º 45 — Ano III — 1969.
Boletim do trabalho histórico — Guimarães — Vol. XXV — 1965.
Harvard Educational Review — Vol. XXXIX — N.º 2 — 1969.
Estudos de Castelo Branco — N.º 30 — 1969.
O Castelo — Jornal do B. I. I. 17 — N.º 46 — Ano III — 1969.
Revista de Etnografia— Junta Distrital do Porto — Vol. XII N.º 75 — Ano XIX — 1968.

De la Contribution flamande aux Açores, por M. Martins Cunha da Silveira (Extrait) — 1966.

Agronomia Lusitana — Vol. 30 — N.º 1 — 1968.
Revista de Etnografia — Jornal Distrital do Porto — Vol. XII — Tomo I — N.os 23 — 1969.

Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos N.º 16 — 1969.

Jornal do Batalhão Independente de Infantaria n.º 17 — n.º 47 — Ano III — 1969.

Idem, Idem, n.º 48 — Ano III — 1969.
Idem, Idem n.º 49 — Ano III — 1969.
Idem, Idem, n.º 50 — Ano III — 1969.
História da Cartografia Portuguesa, por Armando Cortezão — Vol. I — 1969.

Harvard Educational Review — Vol. 38 — n.º 4 — 1968.
The Quarterly Journal of the Library of Congress — Vol. 26 — n.º 3 — 1969.
Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — Série 87 — n.os 1-3 e 4-6 — 1969.
Arquivo do Distrito de Aveiro — n.º 138 — 1969.
Estudos de Castelo Branco — n.º 31 — 1969.
Harvard Educational Review — Vol. 39 — n.º 3 — 1969.
O Arqueólogo Português — Série III — Vol. II — 1968.
Trabalho de Antropologia e Etnologia — Vol. 21 — 1969.
O carácter experimental da Carreira da Índia. Um plano de João Pereira Dantas, com fortificação da África do Sul (1556) XXIX — Junta de Investigações do Ultramar — 1969.

Os Regimentos do Cosmógrafo anos de 1559 e 1592 e as origens do ensino náutico em Portugal por A. Teixeira da Mota — LI — Junta de Investigações do Ultramar de 1969.

A viagem do navio «Santiago» à Serra Leoa e rio de São Domingos em 1526 (Livro da Armação) por A. Teixeira da Mota — LIII — Junta de Investigações do Ultramar — 1969.

El Grove su história, por José Caamãno Bouruacell—El Museu de Pontevedra — XVIII — 1964.

A costa del Patronato José M. Quadrado — El Museu de Pontevedra — XIX — 1965.

Idem — Idem — XXII — 1968.

Arquivo do Distrito de Aveiro — n.º 141 — 1970.

Historical Abstracts — Vol. 13 — 1967.

Revista de História — São Paulo — Vol. XXXVII — n.º 76 — Ano XIX — 1968.

Revista da Faculdade de Ciências — Vol. XV — Fasc. II — 2.ª Série — 1968.

Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa — Série III — n.os 69/70 — 1968.

Revista de Guimarães — Sociedade Martins Sarmento — Vol. LXXIX — n.os 1/2 — 1969.

Etnografiska Museet — Goteborg — 1967-1968.
Novos documentos sobre uma expedição de Gonçalo Coelho ao

Brasil, entre 1503 e 1505 — por A. Teixeira da Mota — XXV — 1969 — Junta de Investigações do Ultramar.

Arquivo do Distrito de Aveiro n.º 139 — 1969.

Idem — Idem — n.º 140 — 1969.

Boletim do Gabinete Português de Leitura — n.º 13 — Porto Alegre — 1969.

Boletim do Gabinete Português de Leitura — n.º 14 — Porto Alegre — 1969.

Idem — Idem — n.º 15 — 1969.

Estudos de Castelo Branco — n.º 32 — 1970.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — Série 87 — n.os 7/9 — 1969.

História Genealógica da Casa de Moya — Vol. 14 — S. Paulo — Brasil — 1970.

Agronomia Lusitana — Vol. XXX — n.º 2 — 1968.

Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares — Tomo XVIII — Quadernos 1.º y 2.º — 1962.

Idem, Idem, tomo XXV — Quaderno 1.º y 2.º — 1969.

Jornal do Batalhão Independente da Infantaria 17 — n.º 53 — Ano V — 1970.

Idem — Idem n.º 52 — Ano V — 1970.

Revista de Etnografia — Junta Distrital do Porto — Vol. XII — Tomo 2 — 1969.

Exposição Comemorativa do 1.º Centenário do Diário dos Açores — Catálogo — 1970.

Harvard Educational Review — Vol. 39 — n.º 4 — 1969.

Das Artes e História da Madeira — Ano XIX — Vol. 19, n.º 34.

The Quarterly Journal of Library of Congress — Vol. 26 — n.º 4 — 1969.

Fragmentos de Euclides duma versão Portuguesa do séc. XVI — Junta de Investigações do Ultramar — 1969.

O Instituto — Revista Científica e Literária — Vol. CXXX — 1968.

Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto — Vol. XXXII — Fascículos 1/2 — 1969.

Roteiro do Museu Nacional da Arte Antiga — 6.ª Edição — Lisboa — 1969.

Relatório da Gerência da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo — 1968.

Agenda Cidla — 1970.

Revista Portuguesa de História — Tomo XII — Coimbra — 1969.

Políticos Presos — por Ramon Alberto Ferreras — Universidad Autonoma de Santo Domingo.

Los Angeles de Hueso — Novela — Universidad Autonoma de Santo Domingo.

Guerra Pátria — por Ramon Alberto Ferreras — Universidad Autónoma de Santo Domingo.

Estudio de los grupos Sanguineos em las tropas de Honduras que formam parte de la fuerza interamericana de paz, desde el punto de vista del Mestizaje. — Vol. CXL — 1968 — Universidad Autonoma de Santo Domingo.

Revista da Universidad Autonoma de Santo Domingo — Vol. I — n.º 6 — 1967.

Ahora — Semanário independente de amenidades y ostentacion — Universidad Autonoma de Santo Domingo — Ano VIII — n.º 292 — 1969.

Índice Cultural Espanhol — n.ºs 273/274/275 — Ano XXIII — 1968.

Idem — Idem — n.º 276/277/278 — Ano XXIV — 1969.

Idem, Idem, n.º 279/280/281 — Ano XXIV — 1969.

Arquivo do Distrito de Aveiro — n.º 142 — 1970.

Idem — Idem — n.º 143 — 1970.

Revista de História — São Paulo — Vol. XXXVIII — n.º 77 — Ano XX — 1969.

Idem — Idem — Vol. XXXVIII — n.º 78 — Ano XX — 1969.

Idem — Idem — Vol. XXXIX — n.º 79 — Ano XX — 1969.

Idem — Idem — Vol. XXXIX — n.º 80 — Ano XX — 1969.

Idem — Idem — Vol. XL — n.º 81 — Ano XXI — 1970.

Idem — Idem — Vol. XLI — n.º 82 — Ano XXI — 1970.

Revista de Etnografia — Junta Distrital do Porto — Vol. XIII — Tomo I — 1969 — n.º 25.

Idem — Idem — Vol. XIII — Tomo 2 — Out.º de 1969 — n.º 26.
Idem — Idem — Vol. XIV — Tomo I — Jan.º de 1970 — n.º 27.
Agronomia Lusitana — Vol. 30 — n.º 3/4 — 1968.
Estudos de Castelo Branco — n.º 33 — 1970.
Idem — Idem n.º 34 — 1970.
Harvard Educational Review — Vol. 4 — n.º 1 — 1970.
Idem — Idem — Vol. 4 — n.º 2 — 1970.
Idem — Idem — Vol. 4 — n.º 3 — 1970.
O Instituto — Vol. CXXXII — 1970.
Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — Série 87 — n.º 10/12 —1969.

Idem — Idem — Série 88 — n.ºs 1/3, 4/6, 7/9 — 1970.
Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto — Vol. XXXI — Fascículo 3/4 — 1969.

Boletim Pecuário — n.º 1 — Ano XXXVII — 1969.
Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos — n.º 47 — 1970.

Bibliografia — 1965 - 1967 — Publicado na Revista de Diatectologia e tradiciones populares — Ano XXIII — 1967 — Quadernos 3 e 4.

Revista de Dialectologia e tradiciones populares — Tomo XXV — 1969 — Quadernos 3 e 4.

Idem — Idem — Tomo XXVI — 1970 — Quadernos 1 e 2.
H. A. Bulletin — Vol. 15 — n.º 3/4 — 1969.
Historical Abstracts — Index — Vol. 14 — 1968.
Goteborgs Etnografiska Museum — Anstryck — 1969.
Série Comemorativa del Centenário — Santiago de Cuba — n.º 3 — 1868 - 1968.

The Quarterly Journal — Vol. 27 — n.º 1 — 1970.
Idem, Idem — Vol. 27 — n.º 2 — 1970.
Idem — Idem — Vol. 27 — n.º 3 — 1970.
Língua e Literatura Grega — n.º 8 — São Paulo — Brasil — 1969.
XXIX Congresso Luso-Hespanhol para o Progresso das Ciências — 31 de Março a 4 de Abril de 1970.
Catálogo General — Leo S Elshok — Firence — 1970.
Armas Insígnias e outros aspectos nativos — Museu de Angola — 1970.

Dicionário do «Diário resumido e histórico de José Saldanha —

Separata da Revista de História n.º 47 — São Paulo — 1969.

Prof. Eng.º Joaquim Vieira Natividade — por A. Quintanilha — 1969.

Um híbrido entre duas espécies selvagens de gessypiene e a sua descendência — Separata — A. Quintanilha, A. Cabral e A. Viveiros — 1968.

Flávio Resende — por A. Quintanilha — Separata — 1967.

O Hospital de Angra nos Séculos XV e XVI — Notas Históricas — 1970.

Relatório e Contas da Caixa Económica da Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo — 1969.

Junta Autónoma dos Portos do Distrito de Angra do Heroísmo — Agenda para 1970.

Theofrigsches Norterbuch Ium Alteu vestment — Lieferung (Spilte 1-128)

Jornal do Batalhão Independente de Infantaria N.º 17 — n.º 54 — Ano V — 1970.

Idem — Idem — n.º 55 — Ano V — 1970.
Idem — Idem — n.º 56 — Ano V — 1970.
Idem — Idem — n.º 57 — Ano V — 1970.
Idem — Idem — n.º 58 — Ano V — 1970.
Idem — Idem — n.º 59 — Ano V — 1970.
Idem — Idem — n.º 60 — Ano V — 1970.
Idem — Idem — n.º 61 — Ano V — 1970.
Idem — Idem — n.º 62 — Ano V — 1970.

Monumenta Henricina — Vol. X — 1449 - 1451 — Coimbra 1969.

Revista de Guimarães — Sociedade Martins Sarmento — Vol. LXXIX — n.º 3/4 — 1969.

Idem — Idem — Vol. LXXX — n.ºs 1/2 — 1970.

Livro Segundo das Saudades da Terra — Doutor Gaspar Frutuoso — 1968.

INDICE

Autores

Forjaz (Dr. Cândido Pamplona)

A Minha Homenagem 7

Forjaz (Jorge Pamplona)

História e Técnica da Gravura Artística 286

Cygax (Katharina Elizabeth)

Contribuições para a Geografia de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta (Açores) 17

Lima (Baptista de)

Uma Notável Peça de Artilharia Portuguesa do Século XVI 250

Nemésio (Prof. Doutor Vitorino)

Uma Tarde no Castelo de Angra com o Tenente José Agostinho ... 11

Nowel (Monseñor)

Organs of Two Islands 490

ASSUNTOS

Artigos

Nota Explicativa 5
A Minha Homenagem — Dr. Cândido Pamplona Forjaz 7
Uma Tarde no Castelo de Angra com o Tenente José Agostinho — Prof. Dr. Vitorino Nemésio 11
Contribuições para a Geografia de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta (Açores) — Katharina Elizabeth Cygax 17
História e Técnica da Gravura Artística — Jorge Pamplona Forjaz ... 286
Organs of Two Islands — Monseñor Nowel 490
Uma Notável Peça de Artilharia Portuguesa do Século XVI — Baptista de Lima 520

Vida do Instituto

Actas das reuniões havidas nos anos de 1969-1970 533

Publicações Recebidas 541

Este volume, que é o vigésimo sétimo e vigésimo oitavo números do «Boletim» do Instituto Histórico da Ilha Terceira, acabou de se imprimir nas oficinas gráficas do «Diário Insular» em Maio de 1978